

...Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras que há na História do Portugal contemporâneo escrevemo-las nós, os soldados, lá pelos sertões da África, com as pontas das baicnetas e das lanças a escorrer em sangue...

Joaquim Mousinho

Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO

CAPITÃO AMADEU S.^{TO} ANDRÉ PEREIRA

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES

TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DE SPÍNOLA

EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO
L I S B O A
PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

S u m á r i o

GENERAL AFONSO BOTELHO	3
A INFANTARIA	MAJOR BUCETA MARTINS 5
TIRO DE MORTEIROS	CAPITÃO ANDRÉ PEREIRA 34
UMA VISITA À IRLANDA	MARQUÊS DO FUNCHAL 47
HIPISMO:	
EQUITAÇÃO	CAPITÃO FERNANDO PAIS 55
JORNAIS-REVISTAS-LIVROS:	
A LUTA INDIVIDUAL CONTRA O CARRO	MAJOR JOSÉ ARTERO SOTERAS 59
ACTUALIDADES GRÁFICAS	68
A EQUITAÇÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA	L. DE SÉVY 78

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER
A DOCTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 5\$00

Revista da Cavalaria

5.º Ano - n.º 1

Janeiro



GENERAL AFONSO BOTELHO

— Director da Arma de Cavalaria —



Como um sinal do melhor augúrio, a *Revista da Cavalaria* tem hoje a honra de assinalar nas suas páginas um dos factos que recentemente maior e mais justificado júbilo tem causado em tôda a Arma e que, interessando essencialmente à sua vida própria, não menos deve interessar à do Exército — a elevação ao generalato e a sua escolha para Director da Arma, de um dos mais distintos oficiais da cavalaria de todos os tempos.

Supérfluo se torna, para justificá-lo, fazer qualquer referência à sua carreira militar e à sua longa fôlha de serviços, por não haver quem dentro da Arma, e mesmo fora dela, possa ignorar o que tem sido a sua vida de profissional em tôdas as comissões de serviço ou comandos que tem exercido, sobretudo, como alma e coração que foi durante tão longos anos da Escola de Cavalaria em Tôrres Novas.

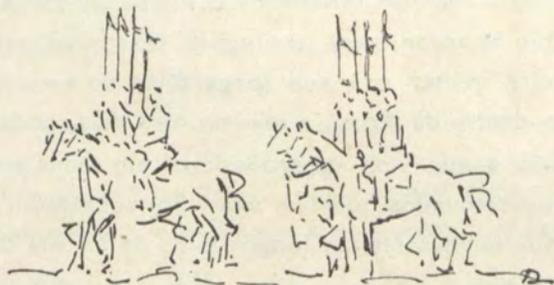
Soldado até à medula, herdeiro de uma longa linhagem de soldados de vocação e tradição, oficial de cavalaria *jusqu'au bout*

Revista da Cavalaria

des ongles, completo e moderno, em tôda a acepção da palavra, quer como cavaleiro, quer como homem de tropa, quer como instrutor, quer como técnico, conhecedor profundo de todos os complexos problemas da sua Arma e do Exército do seu tempo, o nôvel general Afonso Botelho, igualmente grande pelo carácter, pela inteligência, pelo saber e até pelo coração, disciplinado e disciplinador sem o menor esforço, é daqueles tipos de soldado já hoje raros que se consagram à profissão com o fervor, a abnegação e o desinterêsse que antigamente faziam dos místicos os grandes ascetas, pois nem como a êstes lhe falta a natural simplicidade e alegria dos espíritos perenemente juvenís.

Côncio das enormes responsabilidades que sôbre os seus ombros pesam, nesta hora de crise e de renovação o novo Director da Arma vai consagrar ao seu cargo tôda a energia, paixão e perseverança que desde muito moço o assinalavam já como um soldado de escol.

Tudo há, pois, a esperar de S. Ex.^o; e a *Revista da Cavalaria* prestando-lhe nas suas páginas, tão calorosa homenagem, tem a certeza de interpretar os sentimentos de júbilo, estima e admiração de todos os seus camaradas da Arma desde os mais graduados aos que apenas começam agora a sua vida de oficial.



~~6678~~

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

BIBLIOTECA

N.º ~~6678~~ 1204/8

Em 14/10/44



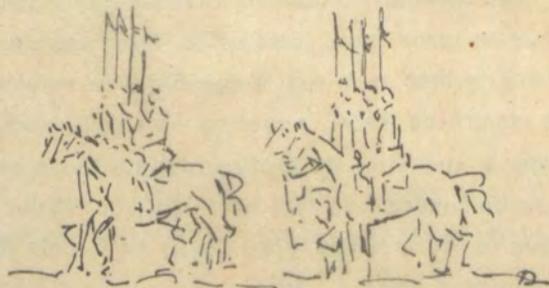
General Afonso Botelho

Revista da Cavalaria

des ongles, completo e moderno, em tôda a acepção da palavra, quer como cavaleiro, quer como homem de tropa, quer como instrutor, quer como técnico, conhecedor profundo de todos os complexos problemas da sua Arma e do Exército do seu tempo, o nôvel general Afonso Botelho, igualmente grande pelo carácter, pela inteligência, pelo saber e até pelo coração, disciplinado e disciplinador sem o menor esforço, é daqueles tipos de soldado já hoje raros que se consagram à profissão com o fervor, a abnegação e o desinterêsse que antigamente faziam dos místicos os grandes ascetas, pois nem como a êstes lhe falta a natural simplicidade e alegria dos espíritos perenemente juvenís.

Côncio das enormes responsabilidades que sôbre os seus ombros pesam, nesta hora de crise e de renovação o novo Director da Arma vai consagrar ao seu cargo tôda a energia, paixão e perseverança que desde muito moço o assinalavam já como um soldado de escol.

Tudo há, pois, a esperar de S. Ex.^a; e a *Revista da Cavalaria* prestando-lhe nas suas páginas, tão calorosa homenagem, tem a certeza de interpretar os sentimentos de júbilo, estima e admiração de todos os seus camaradas da Arma desde os mais graduados aos que apenas começam agora a sua vida de oficial.



~~5573~~

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

BIBLIOTECA

N.º ~~557~~ 1204/8

Em 4/4/1944



General Afonso Botelho





A INFANTARIA

pelo Major BUCETA MARTINS

As notas que seguem são o prolongamento dos apontamentos sôbre «*Iniciação tática*» publicados no número anterior desta Revista e não representam mais do que um modesto estudo, que apresento a pedido da sua Direcção, no intuito de difundir o conhecimento das outras Armas entre os quadros da cavalaria.

Não anteceder o meu primeiro artigo sôbre a Infantaria, de algumas palavras de cumprimentos e homenagem a essa Arma, seria cair em grosseira falta de cortesia e até atraiçoar os meus próprios sentimentos, porque sou dos que consideram e entendem a necessidade de manter e estimular uma vida de relação entre os órgãos constitutivos do Exército, baseada na delicadeza e affectividade das atenções recíprocas e no reconhecimento mútuo do valor e utilidade que todos têm, sem cuidar de medir o valor relativo da sua importância e grandeza, o que só serve para atraiçoar o salutar intercâmbio espiritual.

De resto, cavaleiro convicto — como já agora hei-de morrer — servindo com entusiasmo a minha Arma, sou também dos que nutrem pela Infantaria uma sincera admiração e carinho, mormente neste momento em que os *profetas* de hoje pretendem diminuir-lhe o seu papel e importância como órgão de batalha, tal-qualmente como os de ontem lançaram

Revista da Cavalaria

o brado «Finis equitatus» que o éco vem repetindo há uns sete séculos, por vezes com repercussões funestas sôbre o rendimento que em algumas épocas se poderia ter tirado da Cavalaria, mas sem ter conseguido, até hoje, afinal, abalar a firmeza dos seus servidores.

Só morrem os organismos incapazes de lutar para viver e para evolucionar.

A Cavalaria perdurou e vive ainda porque nunca a abandonou a fé no seu destino e porque sempre soube evolucionar no bom sentido, entre os solavancos e encontrões que lhe davam os reacionários de um lado e os avançados do outro. As suas crises resultavam quasi sempre da intromissão dos profetas na sua organização e preparação e da deserção espiritual dos futuristas da Arma. E essas mesmo venceram-nas os espiritos sensatos e as almas de boa têmpera dos verdadeiramente cavaleiros.

*

A grandeza do papel de uma Arma como de uma tropa não se mede pela maior ou menor permanência da sua intervenção nas operações nem pela espectacularidade da sua acção: vale pela contribuição, embora obscura, que oferece para o resultado da luta nas oportunidades que as operações — com a feição que apresentam em cada época — lhe oferecem.

¿E para que perder tempo em congeminações mesquinhas destinadas a provar a maior grandeza de uns e a insignificância dos outros, se na guerra — e cada vez mais — há espaço para a grandeza e glória de todos e se cada vez mais, também, se reclama a cooperação de todos os elementos de luta?

Cada Arma tem as suas propriedades e as suas virtudes particulares.

Foi a virtuosidade no aproveitamento e manejo das propriedades tácticas e virtudes morais dos diferentes órgãos dos seus exércitos que fez de alguns os grandes capitães. Todos os chefes que, menos provaram o valor de qualquer dos elementos que a sua época e a tradição lhes ofereciam

Revista da Cavalaria

para lutar, não obtiveram senão glória falsa e transitória porque a História — a grande julgadora — acabou por lhes encontrar e revelar as faltas e condenou-os retirando-os dos pedestais.

Para nós, executantes, o pensamento e a acção devem ser inflexível, honesta e humildemente orientados pelas duas grandes divisas, que são os verdadeiros clarões da nossa profissão: Servir. Renúncia!

Sirvamos, pois, sem pensar no prémio e no reconhecimento dos homens.

*

A Infantaria é o *homem-arma* e por isso mesmo será imperecível e imortal enquanto houver humanidade.

¿ Que importam as máquinas, que importam os *carros*? . . .

. . . Novos meios, novos companheiros de luta que não nos roubam nem a infantes nem a cavaleiros nem a artilheiros, nem trabalho, nem glória nem sacrifícios.

Ajudam-nos, aliviando-nos de certas tarefas . . . e outras nos criam.

Há uma lei sobrenatural que baseia a luta no sacrifício — a luta na vida e a luta na guerra —. Podem os homens julgar numa enganosa convicção que cada passo do progresso lhes aliviou os sacrifícios: outros nascem das próprias inovações.

Sofre, porventura, menos a infantaria de hoje, do que a de ontem? É menos árduo o seu trabalho pelo facto de os carros e a aviação — como ontem a artilharia e as metralhadoras — procurarem abrir-lhe caminho?

Precisa de menos valor moral o infante de hoje, quando na sua sublime tarefa ataca ou defende o terreno? . . . Não; continua a ter de rastejar pacientemente no solo esbraseado ou na lama viscosa; a ter de morder a terra ensangüentada que conquistou para não a largar das suas mãos frenéticas e martirizadas; continua a ter de largar o último abrigo para, a peito descoberto, debaixo da hecatombe de ferro, de fumo e de pó, como nunca antes, se lançar por fim sôbre as baionetas do inimigo. E tem agora de se deixar abordar, estoi-

Revista da Cavalaria

camente, e cercar e ultrapassar pelos gigantes de aço, sem abandonar o pôsto que lhe deram para defender.

Em que diminuiu o sacrificio?... Em que diminuiu, então, a grandeza da Infantaria?

As características e propriedades táticas

As facilidades de recrutamento, instrução e organização, juntas ao dispêndio relativamente pequeno com a sua manutenção, fazem com que a Infantaria seja a Arma de mais fácil organização e mais económica.

Graças às suas propriedades táticas só a Infantaria é capaz, embora apoiada pelas outras Armas, de conquistar definitivamente o terreno ao inimigo e de o conservar; só ela, na defensiva, é capaz de interdizer completamente a passagem do inimigo pelo terreno que se quere defender.

Como consequência destas propriedades fundamentais e da facilidade e economia da sua organização e manutenção, a *infantaria* tem sido a *Arma fundamental* do exército em campanha. E na realidade só a massa da infantaria é capaz de inundar os campos de batalha e fazer submergir tôdas as resistências que o inimigo organiza em qualquer canto ou prega do terreno.

Todavia, a despeito da sua aptidão para a conquista do terreno que lhe é dada pelas suas facilidades de progressão através dêle e pela potência do seu fogo, a experiência da Grande Guerra de 1914-18 demonstrou que o grande poder de destruição dos armamentos modernos e o grande poder defensivo das modernas fortificações lhe tinham feito perder parte daquela aptidão, exigindo uma potente cooperação das outras Armas, designadamente da Artilharia, para a realização de qualquer acção ofensiva.

A infantaria procurou, então, reforçar o seu poder ofensivo com uma nova arma — o carro de combate —.

As campanhas dos nossos dias não só confirmam aquelas conclusões, como tornam mais flagrante o papel preponderante (não digo exclusivo) dos *carros* para a con-

Revista da Cavalaria

quista do terreno, dando lugar à organização de G. U. couraçadas.

A infantaria verdadeira — *a pionagem* — passou, então, a ser considerada mais como o elemento fundamental da *ocupação do terreno* do que o da sua conquista.

O terreno conquista-se, modernamente, com *carros* apoiados pela acção da Aviação e da Artilharia. A *infantaria* procede à *limpeza* do terreno conquistado, reduzindo as últimas resistências isoladas que a acção rápida dos carros não localizou, e *conserva-o* instalando-se na faixa conquistada.

Mas no terreno montanhoso e nos bosques, onde a acção dos carros, da Aviação e mesmo da Artilharia, se torna difícil ou até impossível, é a infantaria, só com os seus recursos, que *conquista e ocupa*.

As tendencias modernas da organização

Nos artigos que escrevemos nesta mesma Revista em 1939 e 1940 sobre os problemas da D. T. C. A. e da D. C. B. das tropas, bem como em trabalhos de organização em que tomámos parte, sempre focámos a necessidade de certas modificações nos conceitos de organização das unidades de infantaria e de cavalaria que a guerra moderna vai afinal impondo.

Convém focá-las a essas e a outras que a prática das operações agora vai impondo, para completa elucidação.

A organização da C. At.

A principal falta que sempre encontrámos na organização da Companhia de Atiradores foi a falta de elementos de defesa anti-carro e propunhamos em 1942 que a C. At. dispusesse de um pelotão de luta anti-carro compreendendo uma secção de armas ligeiras anti-carro, uma secção de lança-

Revista da Cavalaria

-chamas e uma secção de assalto com pistolas-metralhadoras, bombas de mão anti-carro (ou minas) etc.

Quanto a arma ligeira anti-carro preconizavamos um canhão-metralhadora ligeiro, de calibre à roda de 20 mm., dispondo de um tripé ligeiro de fraca altura de joelheira e com rodas amovíveis. Preferíamos essa arma à espingarda anti-carro por nos parecer que o canhão-metralhadora de 20 mm. é, na prática, tão fácil de transportar e dissimular como a espingarda anti-carro e tem um rendimento de fogo para a luta anti-carro incomparavelmente superior (relação de 1 para 6 a 1 para 10).

Defendíamos a organização da secção anti-carro a duas armas, visto considerarmos esta a unidade elementar de emprego tático.

Supomos que com canhões-metralhadoras ou espingardas anti-carro, a nossa companhia de atiradores há-de vir a dispor de meios de luta anti-carro. É de prever que para não sobrecarregar os efectivos da companhia se alieire a composição das esquadras de atiradores.

A organização dos B. I. e R. I.

As deficiências que sempre notámos na organização do nosso B. I eram:

1.º a falta de elementos próprios de D. T. C. A. Não acreditámos nunca na viabilidade da cadeia dos postos fixos de D. T. C. A. e propunhamos em 1942 que o B. I. dispusesse de um posto móvel de D. T. C. A. constituído por uma secção de metralhadoras para tiro anti-aéreo, montadas em plataformas todo o terreno de tracção hipo ou auto, de preferência auto.

Por outro lado, viamos a necessidade de incluir na organização da C. Ac. do B. I. um pelotão anti-carro com quatro canhões anti-carro de cerca de 50 mm.

Parecia-nos também indispensável que o R. I. dispusesse de mais três pelotões de canhões anti-carro de 50 mm. O pe-

Revista da Cavalaria

lotão anti-carro, em nosso entender, devia ser constituído por duas secções e cada uma destas por dois canhões.

Por fim, parecia-nos ser fraca a dotação de morteiros dos B. I. e R. I. pois no regimento não havia mais de quatro morteiros de 81 (na C. Eg.); no B. I. havia apenas dois Mo.

Supomos que as tendências de hoje, mesmo na nossa infantaria, serão estas: mais morteiros; um pôsto móvel de D. T. C. A. no Comando do B. I. e do R. I.; mais canhões anti-carro, ou todos concentrados na C. Eg. do R. I. que tende para se transformar em exclusiva companhia anti-carro ou distribuídos entre a C. Ac. do B. I. e a C. Eg. do R. I.

Não queremos deixar de observar que hoje, mais do que nunca — com a concepção da organização das posições defensivas em centros de resistência, todos êles providos de canhões e com o reconhecimento da necessidade permanente, mesmo no ataque, de disporem os B. I. de armas anti-carro, se impõe a dotação orgânica de um pelotão anti-carro a cada B. I.

*

Na infantaria o *homem*, e por isso o factor moral, constituem o elemento predominante. Se ao infante falta o espírito de sacrifício, o instinto ofensivo, o ânimo decidido, o vigor físico e a tenacidade, a vontade de se bater e de vencer, de pouco vale a habilidade dos chefes, os métodos racionais e a qualidade superior dos armamentos.

A formação de uma boa infantaria requer, além da *preparação física e adestramento técnico e tático*, uma *preparação moral* que não se obtém com discursos nem declamações, mas exige uma longa preparação. É um erro funesto para os povos convencerem-se, ou serem convencidos, de que a infantaria, pelo menos, se pode improvisar quando o momento do perigo o exija.

As características da infantaria são:

- a) Facilidade de recrutamento, de instrução e de organização; economia na manutenção.
- b) O predomínio do factor moral, como elemento de acção.

Revista da Cavalaria

c) *Fraca velocidade de marcha e de manobra*: a velocidade da infantaria só excepcionalmente excede, para tropas de grande vigor físico e com muito treino, a velocidade de 4 kms. em cada 50 minutos de marcha (80 m. por minuto). Como em cada hora de marcha carece de 10 minutos para corrigir os alongamentos, satisfazer as necessidades corporais dos homens, reajustar os equipamentos, etc., pode dizer-se que a velocidade de marcha da infantaria sobre estradas ou bons caminhos é de 4 kms. por hora.

Quando para diminuir a sua vulnerabilidade e para manobrar abandona as vias de comunicação e se move através do campo, a sua velocidade não vai além de 2 a 3 kms. por hora. Em combate, a despeito das corridas e lanços em acelerado, a velocidade de progressão mantém-se nos 100 ms. em 2 a 3 minutos (2 a 3 kms. por hora), devido a: necessidade de se abrigar e procurar desenhamentos; de rastejar, para aproveitar as máscaras de fraco relevo; de parar para fazer fogo, a fim de neutralizar o fogo inimigo.

d) *Grande mobilidade e fluidez*, graças à facilidade de marchar através de todo o terreno e de se dissimular com os mais pequenos acidentes.

e) *Flexibilidade limitada*, visto que para passar de umas formações para outras, necessita: que a testa pare nos desenvolvimentos, para dar tempo a que as fracções recuadas vão tomar os seus lugares na nova formação; que se volva ao flanco e se mude depois de direcção, para os desfiles; que se passe a formações intermédias, para certas evoluções.

f) *Pouco pêso e volume dos elementos constitutivos da tropa*, das suas bagagens e dos seus abastecimentos para alimentação, do que resulta *maior facilidade de transporte, de alojamento e de reabastecimentos* do que para qualquer outra Arma.

g) *Incapacidade, ou pelo menos fraca capacidade para acções potentes de fogo a grande distância*, devido às características do seu armamento.

h) *Fraca vulnerabilidade*, comparada com a das outras Armas, devido ao pequeno volume das unidades, à facilidade de aproveitamento do terreno para diminuição da visibilidade e vulnerabilidade das fracções, e à facilidade de

Revista da Cavalaria

comando das formações dispersas, devido á fraca velocidade de movimentos.

i) *A capacidade táctica das tropas de infantaria gasta-se rapidamente*, devido não só à grande percentagem de baixas em combate como também ao esforço físico e nervoso contínuo, a que está sujeita não só no combate mas durante as marchas itinerárias e, mais ainda, nas marchas de aproximação através do campo.

A infantaria refaz-se, porém, rapidamente: é fácil o preenchimento das baixas que sofre.

Modernamente, o gastamento pode ser inferior, uma vez que uma forte aviação e acção de unidades mecánicas lhe garantam uma segurança eficaz contra os fogos do inimigo (aéreos e terrestres) na marcha para a batalha, e a dispensem de grande parte do seu esforço na conquista do terreno.

Estas devem ser as razões principais do aumento da capacidade de marcha da infantaria actual, que vimos com espanto fazer com frequência etapas de 40 e mais quilómetros, quando a sua etape normal era de 24 a 28 quilómetros.

Das características que indicamos resultam as seguintes propriedades tácticas para a infantaria:

- capacidade de combater em todo o terreno;
- faculdade de conquistar e de conservar o terreno;
- facilidade de transporte, de estacionamento e de reabastecimento;
- grande capacidade de infiltração através dos obstáculos e dos fogos;
- aptidão para a exploração detalhada do terreno;
- fraca velocidade e raio de acção.

○ *armamento*

A infantaria dispõe de:

a) *Armas do escalão de fogo:*

- armas individuais de tiro tenso: espingarda com baioneta;

Revista da Cavalaria

— armas individuais de tiro curvo: granadas de mão;
— armas colectivas do escalão de fogo: M. L. e pistolas metralhadoras; lança granadas ou morteiros.

b) *Armas de apoio e protecção do escalão de fogo:*

— armas automáticas de tiro tenso: M. P.;
— engenhos de tiro curvo: Mo. de 81^{mm};
— engenhos anti-carro: Canhões anti-carro;
— armas anti-aéreas: M. P. e C. metralhadoras (ou metralhadoras super-pesadas).

c) *Engenhos blindados:* Carros de combate ligeiros e médios ⁽¹⁾.

A organização de campanha

A infantaria em campanha compreende, segundo os actuais Q. O. da Arma de Infantaria ⁽²⁾:

- Regimentos de infantaria (tipo normal);
- Regimentos de infantaria (tipo montanha);
- Batalhões de caçadores;
- Batalhões de metralhadoras;
- Batalhões de pioneiros;
- Batalhões de carros ligeiros;
- Batalhões de carros médios;
- Batalhões mistos de carros.

⁽¹⁾ As unidades de carros pesados ou de rotura não eram consideradas tropas de infantaria; consideravam-se, em geral, dependentes da Arma de Artilharia.

A tendência moderna é de desintegração das unidades blindadas de qualquer das Armas existentes, passando a criar-se uma nova Arma de nome ainda não definido — talvez Couraçados ou Couraceiros — com unidades ligeiras, unidades de linha e unidades pesadas, tal como sucedia na antiga Cavalaria.

⁽²⁾ A organização que se apresenta corresponde à fixada nos Q. O. da Arma de Infantaria publicados em 1940. No fim deste capítulo indicaremos as modificações que prevemos e virão a ser executadas.

Revista da Cavalaria

Organização do B. I.

O Batalhão de Infantaria compreende:

I — Comando com:

- a) Comandante
- b) *Estado Maior*:

- adjunto
- ajudante
- médico
- provisor.

c) *Formação*, com:

- oficial de informações e transmissões;
- secção de comando com elementos para poder montar 2 P. O., 1 estafeta moto e 4 ciclistas;
- secção de transmissões com 1 esqd. de telefonistas, 1 esqd. de sinaleiros e 1 viatura de transmissões.

II — Trem:

a) *T. C. 1*, com: *serviço de munições* (dispondo de 3 viat. para distribuições suplementares, 2 viat. para o pôsto de remuniamento e 1 viat. de artificios) e *S. S.* (enfermeiros, maqueiros, 1 viat. sanitária e 1 viat. T. F.)

b) *T. C. 2*, com os serviços regimentais e de trem.

c) *T. V.* com uma secção hipo e 1 secção auto.

III — 3 Companhias de atiradores, compreendendo cada uma:

a) *Comando* com 1 *secção de comando* (1 P. O., 1 pôsto sin., 2 estafetas) e 1 *secção de lança granadas*.

b) *T. C.* com cosinha rodada, carro da água e carro de bagagens (hipo).

Revista da Cavalaria

c) 3 pelotões de atiradores, tendo cada um uma esquadra de comando e 3 secções de atiradores (1).

IV—1 Companhia de acompanhamento, compreendendo:

a) Comando com 1 secção de comando (1 P. O., 1 pôsto sin. e 3 estafetas ciclistas).

b) T. C. com: T. C. 1 (3 viaturas de munições para metralhadoras e 1 viatura de munições para morteiro) e T. C. 2.

c) 3 pelotões de metralhadoras, tendo cada um 1 esquadra de comando e 2 secções de metralhadoras (a 2 M. P.)

d) 1 pelotão de morteiros, com 1 esquadra de comando e 1 secção de morteiros (a 2 Mt.)

Organização do Regimento de Infantaria (tipo normal)

O Regimento de Infantaria compreende:

I—Comando: Com comandante e 2.º comandante.

Estado Maior:

— Oficial de informações

— Oficial de ligação

(1) A Secção de atiradores compreende:

— 1 sargento

— 1 Esqd. de At. (com um comandante — 1.º cabo — e 8 atiradores)

— 1 Esqd. M. L. (com um comandante — 1.º cabo — 1 apontador, 1 municidor e 3 remuniciadores).

A Esqd. de M. L. é, pois, semelhante à da cavalaria.

A Esqd. At. tem 9 homens em lugar dos 6 da Cavalaria.

O pelotão da infantaria dispõe:

— de mais uma M. L. do que o pelotão a cavalo;

— de 27 espingardas com baionetas de atiradores, em lugar das 12 a 15 do pel. a cavalo apeado para combate.

Logo: maior capacidade de ataque e maior capacidade ofensiva do pelotão de infantaria.

Revista da Cavalaria

- Médicos
- Veterinário
- Farmaceutico
- Provisor.

II — Formação :

- a) *Comando*: cap. ajudante
- b) *Pelotão de comando*, dispondo de dois postos de Obs., dois estafetas moto, quatro ciclistas e um auto de ligação.
- c) *Pelotão de transmissões*: com 1 Sec. de 4 esqd. de telef., 1 secção de T. S. F., 3 postos de sinaleiros, 1 estafeta moto, 1 ciclista e 2 viaturas ligeiras de transmissões.
- d) *Pelotão de esclarecedores ciclistas*: a 3 secções de 2 esquadras.
- e) *Pelotão de sapadores*.

III — Trem :

- a) *T. C. 1* com *S. Munições* (chenillettes de reabastecimento e 6 carros de transporte), *S. S.* (enfermeiros, maqueiros, 1 viatura sanitária, 1 viatura T. F., 2 viaturas de transporte de macas e suportes).
- b) *T. C. 2* com os serviços regimentais e serviço de trem (cosinhas, etc.).
- c) *T. V.* com 1 secção hipo e 1 secção auto para o comando e C. Eng.

IV — Companhia de Engenhos, que compreende :

- Comando com 1 secção de comando (1 p. de obs., 1 p. sin., 1 estafeta moto).
- *T. C. com*: *T. C. 1* (3 viaturas de munições de canhão e 2 viaturas de munições de morteiro) e *T. C. 2*.
- 3 *pelotões de canhões* a: 1 esquadra de comando e 3 secções de canhões.
- 1 *pelotão de morteiros* com 1 esquadra de comando e 2 secções de morteiros.

Revista da Cavalaria

V—3 Batalhões de Infantaria, com:

- Comando
- F. C.
- 3 Companhias de Atiradores
- 1 Companhia de Acompanhamento

*

O batalhão de caçadores: destinado em princípio a missões de cobertura e a refôrço das G. U. de Cavalaria, é caracterizado por uma maior descentralização na distribuição orgânica das armas pesadas e dos elementos de T. C. 1, em vista do batalhão actuar em geral em grandes frentes, o que exige o *acompanhamento* das companhias por fracções de M. P.

O batalhão dispõe, por isso, de 4 companhias mistas (C. Caç.) de atiradores e de uma companhia de engenhos com 2 pelotões de canhões e 1 de morteiros.

*

O Regimento de montanha (e as suas sub-unidades) distinguem-se do R. I. do tipo normal, apenas por serem as M. P. e Mt. os L. Gr. transportados a dorso, em solípedes de baste, e parte das munições serem também transportadas em solípedes de munições, que constituem o órgão principal do remuniciamento, entre os Postos de Remuniciamento (P. R.) e as armas. O número de carros de munições nos T. C. 1 das C. Ac. é por isso reduzido.

*

Os *Batalhões de metralhadoras* são unidades de infantaria que fazem parte das Reservas Gerais, constituindo uma massa importante de fogos com que o Comando reforçará as G. U. (ou D. Mx.) que careçam, em virtude das missões que lhe são atribuídas, de grande poder de fogo. É o caso das

Revista da Cavalaria

missões de cobertura e outras missões de defensiva em grandes frentes. O B. Caç. pode, pois, considerar-se como uma reserva importante de fogos.

Para lhes dar a mobilidade e velocidade que, como tal, devem possuir, é transportado em automóveis e, por isso, o batalhão dispõe de uma «Companhia auto de transportes» que, dada a sua grande vulnerabilidade, dispõe de 1 pel. de D. T. C. A.

Para apoio e protecção das fracções de metralhadoras, o Batalhão de Metralhadoras dispõe de 1 C. E. com 2 pelotões de canhões anti-carro, 1 pelotão de morteiros e 1 pelotão de D. T. C. A.

Para segurança do dispositivo do batalhão e das suas sub-unidades, o B. M. dispõe de 1 C. At. e cada C. M. dispõe de 1 pel. de At.

O B. M. dispõe, no total de :

- 3 C. Met. num total de 36 Met.
- 1 C. Eg. com um total de $\left. \begin{array}{l} 6 \text{ C. (a. c.)} \\ 4 \text{ Mt.} \\ 4 \text{ M/D. T. C. A.} \end{array} \right\}$
- 1 C. At.
- 1 C. Transportes (Auto).

*

As *unidades de carros*, destinam-se a dar à Infantaria a capacidade de conquista do terreno que estava perdendo. Para isso, os carros podem receber por missão :

— *acompanhar* a infantaria no combate, actuando em íntima ligação com ela, e empenhando-se em abrir caminho através dos obstáculos (rêdes de arame, etc.) e na neutralização dos ninhos de resistência constituídos por armas automáticas e engenhos que se opõem à sua progressão: carros de acompanhamento.

— *preceder a distância* o escalão de infantaria — carros de acompanhamento — sobre os objectivos a conquistar, quere dizer, sobre o fundo do compartimento a conquistar em cada fase: carros de manobra de conjunto.

Revista da Cavalaria

— a *combater as viaturas blindadas* inimigas (luta anti-carro), cooperando desta forma na D. C. B.

— *explorar o sucesso*, penetrando profundamente no dispositivo inimigo, desde que ele pareça suficientemente abalado, e atacar assim, as armas mais distantes e os órgãos de comando.

A infantaria dispõe para isso de:

— *Batalhões de carros ligeiros*, mais próprios para as missões de acompanhamento da infantaria;

— *Batalhões de carros médios*, mais próprios para as missões a distância, na frente da infantaria (missões de manobra de conjunto).

— *Batalhões mistos de carros ligeiros e carros médios*.

— O *B. C. L.* dispõe de 3 companhias de C. L. a 3 pelotões de 5 carros; total: 45 C. L.

— O *B. C. M.* dispõe de 3 companhias de C. M. a 3 pelotões de 3 carros; total: 27 C. M.

Os meios de acção da infantaria

A infantaria, actua:

— pelo *fogo* e pelo *movimento*;

— pelo *choque* (luta corpo a corpo) no *assalto*.

A acção da infantaria tende, hoje como sempre e em última análise, para a *luta corpo a corpo*.

Quem ataca procura abordar o inimigo — o *assalto* — para o destruir, para o pôr em fuga ou aprisionar e tomar posse do terreno por êle defendido. Só a instalação no terreno inimigo representa o título da sua posse efectiva. Para isso o atacante tem de *avançar*. O fogo não tem outro fim senão o de preparar e facilitar o movimento e reduzir a capacidade de resistência ao choque, do inimigo.

A acção dos fogos é hoje tão violenta que pôde, só por si, obrigar o inimigo a abandonar o terreno, ou até a render-se por aniquilamento moral, antes mesmo de ser assaltado.

Quem se defende tenta impedir o movimento do inimigo a distância, com o fogo, para se poupar o esforço violento da

Revista da Cavalaria

resistência ao assalto. Se não o consegue esforça-se por resistir pela luta corpo a corpo à passagem do inimigo através do terreno que ocupa e, em última análise, expulsá-lo da posição que defende, contra-atacando com processos semelhantes aos do ataque.

O defensor cria, pois, ou utiliza o *obstáculo*, levanta um *parapeito* e emprega o *fogo*, para parar o movimento inimigo e neutralizar o seu fogo. O atacante, por sua vez, procura destruir de longe o obstáculo e o parapeito inimigos, neutralizar com o seu fogo o fogo inimigo e diminuir os seus efeitos pelo aproveitamento dos desenfiaamentos que o terreno oferece, aproximando-se do inimigo para o *assaltar*.

A fim de fazer face à conquista de uma linha de resistência, o defensor instala-se em posições sucessivas ou prevê, pelo menos, a retirada para novas posições, quando obrigado a abandonar as que defende. Em cada uma das posições cria resistências sucessivas numa faixa de terreno de certa profundidade para conseguir quebrar definitivamente o impulso do atacante. E se é de recear o envolvimento da posição ou a penetração brusca e violenta com possibilidades de manobras interiores de envolvimento como sucederá se o ataque é feito com carros, as resistências terão de ser organizadas num dispositivo escaqueado e fazendo face a tôdas as direcções, quer na organização dos fogos como do terreno (abrigo e obstáculo). Em qualquer caso, o defensor tem prevista a execução de contra-ataques imediatos e do contra-ataque geral.

Como a defesa opõe *resistências sucessivas*, o atacante terá de executar *choques sucessivos*, cada um deles preparado com acções de fogos sucessivos.

Fogo, movimento e choque são, ainda hoje, por isso, as três expressões características da accção da *infantaria*; só a modalidade de emprêgo destes meios se tem modificado.

O fogo

Por *fogo de infantaria* deve entender-se, a soma dos fogos das suas várias armas: canhões, morteiros, metralhadoras, espingardas e granadas.

Revista da Cavalaria

A despeito do concurso, cada vez mais potente, da Artilharia, da Aviação e dos Carros, a infantaria não pode desenvolver a sua acção sem produzir com os seus próprios meios uma grande potência de fogos próximos, à custa de armas de tiro tenso e armas de tiro curvo, de projecteis perfurantes (balas) e explosivos (granadas).

Características actuais dos fogos da infantaria :

a) Os fogos da infantaria são caracterizados pela sua *precisão, diversidade e potência às médias e, principalmente, às curtas* ⁽¹⁾ distâncias.

As metralhadoras pesadas e morteiros podem-lhe consentir curtas acções retardadoras ou de interdição às grandes distâncias, que na ofensiva são de emprêgo muito excepcional e que as campanhas modernas parece que provam serem de efeito muito aleatório.

Os modernos canhões anti-carro podem abrir fogo a 700 ou mesmo 900 metros, mas a verdade é que raras vezes se encontram campos de tiro com tal profundidade e suficientemente abertos e regulares para consentir a perseguição de alvos movendo-se tão rapidamente como os engenhos blindados. Contentemo-nos, por isso, em contar com a sua acção apenas a partir dos 500 ms.

O emprêgo do tiro às médias e grandes distâncias, exigindo um tempo para a preparação de que raramente se dispõe, uma concentração de material raras vezes possível, e um consumo de munições excessivamente oneroso para compensar a dispersão e os defeitos de justeza, torna-se cada vez menos freqüente. O emprêgo dos engenhos blindados deve ter acabado de liquidar a idéia do emprêgo dos fogos de infantaria às médias e grandes distâncias. Quando o inimigo se encontra ainda distante deve ser batido pela *Artilharia* e pela *Aviação*.

A infantaria só abre fogo a essas distâncias quando, por deficiência da acção da artilharia e aviação, o fogo inimigo

(1) Curtas distâncias : até 600 ms. ; médias : 600 a 1.200 ; grandes distâncias : superior a 1.200 ms.

Revista da Cavalaria

prejudique gravemente o movimento no ataque, ou não retarde e detenha suficientemente, na defensiva, o avanço do inimigo.

No ataque, a infantaria aproxima-se aproveitando ao máximo os desenfiaamentos do terreno e a dispersão das formações para se infiltrar através do sistema dos fogos do defensor, que a artilharia e a aviação, primeiro, e a seguir os carros, procuram reduzir ao mínimo.

No ataque, raras vezes a infantaria abrirá fogo a mais de 600 ms.; o fogo das espingardas não se abre, em regra, a mais de 400 ms. Na defensiva as barragens a mais de 600 ms. são também de montagem difícil e de eficácia problemática. É preferível organizar a defesa a essas distâncias com fogos de artilharia e aviação, apenas reforçadas em pontos de passagem obrigatória por concentração de fogos das metralhadoras pesadas e engenhos. As espingardas e M. L. têm, de resto, o maior interêsse em não abrir o fogo senão às curtas distâncias, para não serem prematuramente referenciadas. O fogo das M. L. até às curtas distâncias representa, acima de tudo, um processo de neutralização do terreno para permitir o avanço. O fogo das espingardas corresponde já ao primeiro acto do assalto: e representa um verdadeiro duelo a tiro entre atiradores inimigos, que se espiam e procuram liquidar-se, para reduzir ao mínimo o esforço da luta corpo a corpo.

b) O fogo não se alterna com o movimento, como sucedia quando a dificuldade do manejo das trajectórias das espingardas — único armamento de que a infantaria dispunha — impunha a linha de atiradores, o tiro exclusivamente frontal e, por isso, a alternância dos lanços do avanço com a paragem para executar os fogos.

Impõe-se que durante todo o tempo em que a infantaria avança contra um objectivo elle seja batido pelo fogo, que deve subsistir até que, atingida a distância correspondente ao alcance das granadas de mão, o fogo das metralhadoras e espingardas seja substituído pelo lançamento destas, logo seguida da luta corpo a corpo: o choque deve suceder-se à acção de fogo sem solução de continuidade. Até durante o período em que o atacante percorre o curto espaço do assalto se deve manter o fogo, pelo emprêgo do tiro marchando;

Revista da Cavalaria

mesmo na refrega se emprega o fogo como meio de destruição (designadamente das pistolas, espingardas e granadas de mão).

Enquanto o escalão de fogo não atinge a zona de segurança dos fogos da artilharia e das metralhadoras e morteiros, o avanço pode ser apoiado pelo fogo destas armas; desde então só se podem empregar os fogos do próprio escalão de fogo e, então, impõe-se que o fogo oblíquo de uma fracção parada, ou até de metralhadoras em bases de fogos laterais apoie o avanço das fracções vizinhas.

Em conclusão: pelo menos nos últimos 200 a 400 ms. a infantaria tem de conjugar o *fogo* e o *movimento*, mantendo ininterruptamente o fogo para garantir ininterruptamente o movimento. Como a missão dos fogos exige a estabilidade dos órgãos de fogo, alternam-se as fracções que emitem fogos com as que avançam.

Como consequência disto:

— Em lugar de um único grande feixe de trajectórias normais à frente, e de direcção constante, há numerosos pequenos feixes que, podendo na fase de progressão até à linha de resistência que se ataca ser ainda sensivelmente frontais, na fase de penetração tendem para o cruzamento e para a convergência sobre os objectivos que impedem a progressão da própria unidade, ou das vizinhas. Cada unidade de fogos deve, pois, bater os alvos que em cada momento impedem o seu movimento ou o das unidades vizinhas.

Como a melhor maneira de ver facilitado o movimento próprio é ter unidades vizinhas avançadas que possam bater de enfiada, de escarpa ou de revés, as resistências que se opõem à progressão, segue-se que cada fracção tem vantagem quando não pode progredir em facilitar o avanço das unidades vizinhas, batendo com o seu fogo os elementos inimigos que se opõem à progressão dessas unidades. Adquire-se assim, também, a noção da necessidade de *escolher os objectivos* e fazer *convergir sobre êle os fogos*, e com esta noção a da *manobra das trajectórias*, ou seja, da *manobra do fogo*.

Os fogos das linhas de atiradores extensas não eram manobráveis, dada a dificuldade do seu comando.

Foram as *metralhadoras* e *engenhos* que vieram dar aos fogos de infantaria *capacidade de manobra*.

Revista da Cavalaria

A vantagem da execução de fogos oblíquos, de escarpa ou de revés, criou a necessidade da *manobra* das pequenas unidades para tornear as resistências a bater, alcançando situação propícia nos flancos dessas unidades.

De tudo que dissemos ressalta, também, que a manobra dos fogos não pode ser comandada pelos comandos superiores, a não ser a das armas de grande alcance e que é possível concentrar em pequeno espaço, e estabelecer por tempo apreciável — a artilharia.

A manobra do fogo da infantaria tem de ser atribuição de vários comandos, em grau diferente.

Assim:

a) O *comandante do batalhão* intervém, unicamente, com as armas pesadas que ficam à sua disposição, para reforçar a acção dos fogos do escalão de fogo, fazendo convergir o fogo daquelas armas sôbre as partes da frente inimiga a bater mais intensamente para garantir a progressão e a manobra do escalão de fogo.

b) O *comandante da companhia* só poderá ter uma acção pessoal na manobra de fogos quando, empregando os elementos à sua disposição directa (pelotões em reserva (reforços) secção de lança-granadas ou Eg. anti-carro, metralhadoras ou engenhos de acompanhamento), intervém para aumentar o volume dos fogos nos pontos da frente inimiga indicados pelas necessidades de manobra e infiltração do escalão de fogo.

— *Os verdadeiros directores de fogo do escalão de fogo são os comandantes de pelotão*: é no pelotão que se desenvolve a *direcção de fogo*, que compreende:

— a *designação do objectivo a bater*;

— a *determinação e indicação dos elementos de tiro* (alça, ponto de pontaria, intensidade a imprimir ao tiro, correspondente ao volume de fogo que se pode produzir e às necessidades mais ou menos prementes de economia no consumo de munições);

— a *ordem para abertura do fogo*;

— a *regulação do consumo de munições* (disciplina de fogo);

— a *escolha de novo objectivo* e as operações, relativamente a este, já indicadas.

Revista da Cavalaria

Parte da missão de direcção de fogo pode ser delegada nos comandantes dos grupos de combate (secções), mas as funções normais destes e dos comandantes de Eq., são: as de transmitir ao seu grupo as ordens do comandante de pelotão e de conseguir a precisa e consciente execução dos comandos para a abertura e cessação do tiro; a sua regulação, dentro das ordens dadas pelo comandante de pelotão e a fiscalização da observância das normas balísticas e técnicas que regulam o emprêgo de cada arma.

Pode então dizer-se que:

- O comandante do B. I. *administra* o fogo;
- O comandante de companhia *dá direcção* aos fogos;
- O comandante de pelotão *conduz* o fogo.

O movimento

A manobra da infantaria tem por fim exercer o esforço decisivo no ponto mais fraco do adversário e no momento oportuno. É, pois, o movimento, que garante o desenvolvimento da manobra.

Para executar o *movimento* as tropas devem dispôr-se segundo determinadas modalidades — formações — que consentam:

- o rápido emprêgo das fracções e das armas em tôdas as direcções;
- a fácil translação das unidades;
- a redução da vulnerabilidade;
- uma acção de comando eficaz.

A táctica moderna é uma *táctica de infiltração*, segundo a qual cada fracção avança enquanto pode, sem se preocupar com a paragem das unidades vizinhas. É o avanço de umas que consegue, pela ameaça do envolvimento e eficácia dos fogos de flanco, desempenhar as fracções vizinhas paradas e restabelecer o seu avanço.

Revista da Cavalaria

Por isso, *manobra, movimento e formações* (dispositivo) estão ligadas entre si pela mesma relação que liga as causas e os efeitos.

Pelo que respeita a dispositivo, pode-se afirmar que a evolução da acção da infantaria a conduziu da *táctica linear* à *táctica profunda*.

Mas a *ordem profunda* não tem a significação característica de antes da guerra de 70, que correspondia às profundas colunas de batalhão; significa um dispositivo profundo, constituído por pequenos elementos largamente intervalados e escalonados em profundidade, tendo cada um deles uma missão própria e uma autonomia particular, e podendo todos, por isso, desenvolver actos de manobra.

Não há, pois, a linha única, em que os batalhões, os regimentos e as brigadas se fundiam e confundiam dando lugar a uma cadeia de fogo — *a linha de fogo*, — mais ou menos densa, rígida e uniforme, mas antes um desenvolvimento no sentido da frente e da profundidade. O dispositivo constitui um quincôncio, largo e profundo, de pequenas unidades que conservam a própria individualidade orgânica e táctica durante toda a acção. Daqui resultou um aumento sensível das frentes e das superfícies de movimento das unidades.

Entre os homens os intervalos atingem quatro, cinco e mais passos; entre os pelotões, as companhias e os batalhões, a largura dos intervalos é apenas limitada pela necessidade de os bater eficazmente com os fogos do escalão de fogo, ou de bases de fogos recuadas, por forma a serem impermeáveis ao inimigo.

A frente de ataque normal do B. I. passou assim de 200 a 400 ms. para 700 ms.; a da companhia é de 200 a 300 ms.

O batalhão dispõe, assim, de uma zona de acção vasta onde as pequenas unidades subordinadas podem manobrar e onde a densidade dos combatentes é mínima.

Outra consequência da evolução apontada é que os pelotões em segundo escalão das companhias deixaram de representar simples reservatórios de espingardas para cobrir as baixas produzidas e para reforçar progressivamente a intensidade de fogo do escalão de fogo, para passar a corresponder à verdadeira *reserva* do comandante de companhia, que quer dizer, elemento de manobra.

Revista da Cavalaria

O choque

A despeito de tãda a violência e eficácia da acção dos fogos modernos, terrestres e aéreos, não é ainda lícito afirmar, ou crer, que o fogo pode decidir a sorte da luta. Só o choque garante a posse definitiva de todo o terreno.

O mais violento dos fogos pode paralizar o inimigo e induzi-lo a enterrar-se no terreno, mas difficilmente o obrigará a fugir ou a render-se.

A acção dos nossos fogos aéreos e terrestres serve para criar no dispositivo as linhas de menor resistência, que constituem corredores de infiltração por onde as primeiras unidades avançarão.

Tãda a manobra da infantaria se pode concretizar em fazer acorrer os escalões em reserva a essas partes da frente, para alimentar a penetração e alargar a brecha, pela ameaça de envolvimento das unidades inimigas laterais que se mantêm na frente primitiva.

Na maioria das vezes, os episódios em que a luta se fracciona encontra o seu epílogo no *assalto*, que serve para completar com a luta corpo a corpo o aniquilamento moral e material do adversário, ou constitui apenas um acto com que se afirma e consagra a posse do terreno, já virtualmente conseguida com o fogo e a manobra.

O que há é diferença entre a forma do assalto moderno e a resultante das idéias que prevaleciam em 1914 e que foram alimentadas e consagradas durante a guerra de trincheiras.

O *assalto* era, então, o acto culminante colectivo do atacante e, por isso, produzido por grandes efectivos simultaneamente. Os batalhões lançavam-se inteiros ao assalto, por ordem de uma autoridade superior que preparava o *assalto*. Para isso impunha-se projectar sôbre o escalão de fogo tãdas as fracções ainda conservadas em reserva. O choque, modernamente, representa apenas um episódio da manobra, da progressão.

O ataque pode considerar-se como uma progressão intercalada de episódios brutais de choque das unidades que pro-

As D. U. de Infantaria no combate

	Pel. At.	Comp. At.	B. I.	R. I.
I — Aprox. coberta	<ul style="list-style-type: none"> - Pel. em reserva das Vang. e pel. no Esc. de Comb. da G. Av. e no grosso. - Triângulo com 1 ou 2 Sec. na testa. - Linha de Secções } normal - Coluna } (eventualmente col. por 3). 	<ul style="list-style-type: none"> - Comp. de Res. da G. Av. (Esc. Comb. da G. Av.) e do grosso. - Triângulo. - L.^a de colunas } normal - Coluna } (eventualmente coluna de marcha). - Com 1 pel. da testa. - 200 a 500^{ms}. - 200 a 600^{ms}. 	<ul style="list-style-type: none"> - No grosso da coluna. Semelhante à C. At. C. A. na Cauda, destacando elementos para o Dest. de Prot. - Na testa do B. I. - 1.000^{ms} (excepcionalmente 1.500^{ms}). - 1.000^{ms} 	<ul style="list-style-type: none"> - Reg. em 2.º Esc. do grosso da Col. Div. Semelhantemente ao B. I. A C. E. à retaguarda do B. I. da testa da coluna, destacando as Sec. de C. necessárias para a D. C. B. - Na testa do R. I. 1.000 a 2.000^{ms} (excep. 3.000^{ms}). - 1.500 a 3.000^{ms}.
II — Aprox. não coberta	<ul style="list-style-type: none"> - Pel. do Esc. de Explor. da Vang. (- 1.º Esc. = Secções em patrulha. (- 2.º Esc. = Secções em reserva. Dist. entre o 1.º e 2.º esc. = 40^{ms}. - Normal = triângulo com 1 ou 2 Sec. em patrulha. - Fr. largas = L.^a de Secções. - Num flanco descoberto: Escalão. - As Sec. da testa = Em patrulha. - As Sec. de reserva = Em col. por 1. 	<ul style="list-style-type: none"> - Comp. de Vang. (- 1.º Esc. = Esc. de Explor. (- 2.º Esc. = Reserva da Vang. (testa do Esc. de Comb. da G. Av.). - Dist. entre o 1.º e 2.º Esc. = 300 a 500^{ms}. - Normal = triângulo (com 1 ou 2 pel. no Esc. de Explor.). - Fr. largas = L.^a de colunas. - Fr. estreita e para desenfiamento = coluna. - Flanco descoberto = Escalão. - A reserva é constituída pelos pel. em 2.º Esc. e reforços eventuais de M. P. de C. a. c. e Sap. A Sec. L. Gr. marcha também junto de uma fr. do 2.º Esc. 	<ul style="list-style-type: none"> - B. I. em G. Av. (1.º Esc. = 1 ou 2 Vang. (C. At.). (2.º Esc. = Esc. de Comb. (reserva da G. Av.); 2 ou 1 C. At. e C. A. - Dist. entre o 1.º e 2.º Esc. = 400 a 800^{ms}. - Normal = triângulos. - Fr. larga = triângulo c/ 2 Comp. em Vang. - Fr. estreitas = coluna. - Fl. descoberto = B. I. em G. de Fl.: triângulo com 2 Comp. Vang. e a Vang. exterior em Esc. nesse Fl. - As C. At. podem receber como reforço: frac. de Sap. e eventualmente de M., Mt. ou C. a. c. - A C. A. destaca os elementos necessários para o 1.º Esc. Os elementos disponíveis em 2.º Esc. prontos a constituir B. de F. - Com o Esc. de Comb. (eventualmente à altura das Res. de Vang). - 1.000 a 1.500^{ms} (fr. de exploração até 2 kms). - 1.000 a 1.500^{ms}. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reg. em 1.º Esc. do grosso da col. (- 1.º Esc. = 1 ou 2 B. I. em G. Av. (- 2.º Esc. = Grosso do R. I. = 2 ou B. I. e elementos disp. da C. E. - Dist. entre o 1.º e 2.º Esc. = 1,5 a 4 kms. - Normal = triângulo. - Fr. larga = Triângulo com 2 B. I. em G. Av. - Fr. estreita = coluna. - Fl. descoberto = Triângulo com 1 B. I. em G. Av. e 1 B. I. em G. Flanco. - A C. E. faz, em regra, parte da G. Av., às ordens do com. do R. I. que comanda a G. Av. A C. E. destaca fracções de C. a. c. para as Vang.; os restantes elementos fazem parte do Esc. de combate. - Com o Esc. de Comb. de G. Av. (eventualmente na testa do grosso do R. I.). - 1,5 a 4 kms. - 3 a 5 kms.
III — Ataque	<ul style="list-style-type: none"> - Pel. no Esc. de ataque da Comp. (escalão de fogo). - 1.º esc. (esc. de fogo) e 2.º Esc. (sec. ou secções em reserva); ou - 1 só Esc. (tôdas as Sec. no Esc. de fogo). - Normal = triângulo com 2 Sec. em 1.º Esc. - Gr. frentes e acções pouco profundas = linha de secções. - Os pel. de reserva da Comp. tomam formações semelhantes. - Junto de 1 Sec. do 2.º Esc. ou do 1.º Esc.; entre o 1.º e 2.º escalões. - 100^{ms}. - 150^{ms} (máximo). - 600 a 1.000^{ms}, sem remuniciamento, no máximo. 	<ul style="list-style-type: none"> - C. At. em 1.º Esc. do B. I. (eventualmente reforçado com M. P.). - Esc. de Ataque: 1 a 2 pel. - Reserva (reforços): 2 ou 1 pel. e Sec. L. Gr. (event. Sec. M. P. de acompt.º). - Normal = triângulo com 2 pel. em 1.º Esc. - Fr. estreita ou Fl. descoberto — triângulo c/ 1 pel. em 1.º Esc. - Fr. muito estreita e acções muito prof. = coluna. - Junto de 1 pel. em reserva; junto de 1 pel. do Esc. de At.; entre o Esc. de At. e a reserva. - 200 a 300^{ms} (In Organ.; In. não Organ.). - 400 ou 300^{ms} (idem; idem). - 800 a 1.200^{ms}, mas sem remuniciamento, no máximo. 	<ul style="list-style-type: none"> - B. I. em 1.º Esc. (linha de combate da Div.). Eventualmente pode estar reforçado com fracções de Mt. de C. ou de Art.^a 1.º Esc. = 2 C. At. B. I. (C. Ac.). - Disp. normal } Reserva = 1 C. At. e event. 1 Div. ou Batr. de Acompanhamento. Semelhantes às da C. At. - Junto das reservas, ou entre o 1.º Esc. e a reserva. - 700^{ms} (In. Organ. = 400^{ms}; In. não Org. e fr. larga = 800^{ms}). - 1.000^{ms}. - 1.500 a 2.000^{ms} no máximo. 	<ul style="list-style-type: none"> - R. I. na linha de combate da Div. a) 2 B. I. em 1.º Esc.; 1 B. I. em reserva da Div. ou Reserva do R. I. b) 3 B. I. contíguos; reserva do R. I. constituídas por C. At. fornecidas pelos B. I. c) 1 B. I. em 1.º Esc.; 1 B. I. em reserva do R. I.; 1 B. I. reserva da Div. d) 2 B. I. em 1.º Esc. com as reservas do R. I. constituídas como em b); 1 B. I. em reserva da Div. - 800 a 1.500^{ms}. - 2 a 3 kms. - 3 a 4 kms. no máximo.
IV — Defesa	<ul style="list-style-type: none"> - Pel. na L. R. ou na L. R./P. Avs. - 3 postos de combate em: <ul style="list-style-type: none"> - triângulo (normal) ou - 1.^a de Sec. (Gr. frentes). - Junto de um dos p. comb. ou no meio do dispositivo. - 150^{ms}. - 100^{ms}. 	<ul style="list-style-type: none"> - Normalmente guarnece 1 P. Ap. na P. P. R., na L. B. ou constitui 1 piquete em P. Avs. (Em P. Avs. e na Def. em Gr. Fr. pode fornecer 2 ou mais P. Ap.). 1.º Esc. = P. de Comb. na L. P. R. (na L. Vig. nos P. Avs.). 2.º Esc. = P. de Comb. na L. Ref. (na L. R. P. Avs., na pos. de P. Avs.). - Dist. entre os 2 Esc.: 300 a 500^{ms}. - P. C., junto da L. Ref. - 400 a 500^{ms} (em P. Avs. = 400 a 800^{ms}). - 500^{ms}. 	<ul style="list-style-type: none"> - B. I. na P. P. R. Disp. normal } P. Avs. — 1/2 C. At. + 1 pel. M. P. L. P. R. — 2 C. At. L. B. — 1/2 C. At. A C. Ac. destaca, quando muito, 1 pel. M. P. para P. Avs.; os restantes elementos são escalonados na P. R. - O B. I. na L. B. pode ter C. At. na L. B. e C. At. na reserva. - 1.000 (normal) a 2.000^{ms} (Gr. Fr.). - 1.000 a 1.500^{ms}. 	<ul style="list-style-type: none"> - R. I. na P. R. a) 2 B. I. em 1.º Esc., fornecendo os P. Av. 1 B. I. na L. B. b) 2 B. I. na P. P. R. 1 B. I. na L. B. e fornecendo os P. Av. c) 3 B. I. contíguos, constituindo 3 sectores. d) 1 B. I. em P. Avs. 2 B. I. na P. R. - 2 a 3 kms. (def. normal); 5 a 6 kms. em Gr. frentes. - 1,5 a 3 kms.

Revista da Cavalaria

gridem sôbre resistências que a acção dos fogos e dos carros não reduziu.

Quando a infantaria fôr precedida de carros, os *assaltos* revestem até o carácter de *limpeza* do terreno conquistado por aquêles.

Nem por isso, contudo, são menos violentos êstes episódios que se desenvolvem no quadro restrito da secção, do pelotão ou da companhia, raras vezes chegando ao âmbito de todo um batalhão.

As características modernas do assalto podem, por isso, resumir-se assim :

— o assalto é conduzido pelas mais pequenas unidades, em geral a secção e o pelotão, por iniciativa e comando dos comandantes dessas fracções ;

— a abordagem parte de distâncias muito curtas do inimigo, que não vão além de poucas dezenas de metros, 30 a 60 metros ;

— o assalto é não só preparado mas acompanhado pelo fogo.

As metralhadoras e espingardas, morteiros e morteiletes, devem bater o objectivo até os infantes estarem a distância de lançamento das granadas de mão. Durante o próprio assalto as armas de fogo, designadamente as M. L., as pistolas metralhadoras, as pistolas automáticas e as granadas, devem alimentar a acção de neutralização e destruição do In. Na própria refrega luta-se à arma branca e a tiro de espingarda e de pistola.

No quadro que se apresenta anexo a êste artigo se oferecem os dados que interessa fixar âcerca da infantaria no combate.

A infantaria nas marchas

— *Velocidade de marcha*: 4 Kms./h., sendo 10 min. de — pequeno alto horário — para corrigir os *alongamentos*, isto é, o aumento progressivo da profundidade da coluna durante

Revista da Cavalaria

os 50 min. de marcha efectiva, para reajustamento de equipamentos e para descanso.

Se as condições de execução da marcha — itinerário, condições atmosféricas, fadiga anterior — são desvantajosas, a velocidade de marcha pode sofrer grandes reduções. Assim, a vel. de marcha será:

- Se as condições de itinerário são favoráveis e tôdas as outras desvantajosas 2,5 Km/h
- Se tôdas as condições são desfavoráveis 2,0 Km/h
- De noite 3,0 Km/h

Tropas treinadas em colunas de pequeno efectivo podem atingir uma velocidade de marcha de 5 Km/h.

— *Valor da etape*: Por *etape* entende-se o percurso desde o ponto inicial em que se constitui a coluna até ao ponto de irradiação em que a coluna se desarticula para as unidades se dirigirem para os novos estacionamentos:

- nas marchas ordinárias, para colunas de grande efectivo, não excede em geral ⁽¹⁾ 24 Kms.
- nas pequenas colunas e em marcha acelerada, aproveitando 11 h. de marcha (próximo do número de horas disponível para a etape) ou até 13 horas, suprimindo o g. alto 30 Kms.
- nas *marchas forçadas*, marchando 18 a 19 horas em 24 horas ⁽²⁾ 40 a 50 Kms.

— *Formação de marcha*: coluna de marcha (coluna por 3), podendo eventualmente adoptar-se a coluna em duas filas pelas bermas da estrada, para diminuir a visibilidade da

(¹) O tempo de que a coluna dispõe para marchar efectivamente sobre o itinerário de marcha, em 24 horas, encontra-se limitado pelas necessidades de: repouso, alimentação, preparativos de partida e de instalação no novo estacionamento, percursos transversais para o P. I. e do P. Ir. aos novos estacionamentos; g. altos durante a etape, tempo morto correspondente ao escalonamento e desarticulação, etc.

(²) Só possível em condições favoráveis de execução, com tropas bem treinadas, aliviadas de parte do equipamento, e com uma severa disciplina de marcha. Não é possível prestar um tal esforço mais de 2, no máximo 3 dias, seguidos (100 a 120 kms. em 3 dias), sujeitando as tropas a grande desgaste.

Revista da Cavalaria

coluna, aproveitando árvores, sombras de muros ou casas, sebes, etc. . . . que bordem o itinerário. Neste caso também as distâncias entre as companhias e os batalhões podem ser aumentadas para diminuir a vulnerabilidade da coluna. Na companhia abrem-se distâncias até 50 ms. e no B. I. até 300 ms.

— *Unidade de marcha*: embora alguns regulamentos considerem o B. I. como a unidade de marcha, a verdade é que a unidade de marcha é a companhia, porque é entre as companhias que se guardam as distâncias correspondentes ao alongamento⁽¹⁾ e é dentro da companhia que se tomam as medidas de disciplina de marcha.

Distância correspondente ao alongamento em cada companhia: $\frac{1}{4}$ da profundidade a pé firme.

Profundidade da companhia a pé firme:	86 ms.
Distância táctica entre as Companhias:	7,5 (10 passos)
$\frac{1}{4}$ da profundidade para alongamento:	<u>21,5</u> ms.
Profundidade da C. At. em marcha:	115 ms.

A distância entre as companhias em marcha é, pois, de cerca de 30 ms. Como processo expedito para calcular a profundidade de uma coluna de infantaria, podemos estabelecer: $P = \frac{3}{4}$ do efectivo em ms.⁽²⁾

— *Profundidade das P. U. em colunas em marcha* (por 3) com alongamento e arredondadas por excesso:

	Efectivo	Profundidade
C. At. s T. C.	184	115 ms.
C. At. c T. C.	197	165 ms.
C. Ac./B. I. ou C. E./B. I. s/T. C.	152, 158	260 ms.
C. A./B. I. e C. E. c/T. C.	180, 175	370 ms.

(1) A fim de evitar a transmissão do alongamento a toda a coluna, o que dificultaria a sua neutralização horária.

(2) Esta fórmula satisfaz melhor para a nossa organização do que a francesa: $\frac{2}{3}$ N. A profundidade das colunas de viaturas, pode computar-se:

- | | | |
|--|---|----------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> — Viat. de M., Mt., ou Mun.: $6 \times N$ em ms. — " de 4 rodas e 1 parelha: $9 \times N$ em ms. — T. C. Inf. — " de 4 rodas e 2 " : $12 \times N$ em ms. — " de 4 rodas e 3 " : $15 \times N$ em ms. — T. V. | } | incluindo os interv. |
|--|---|----------------------|

Revista da Cavalaria

	Efectivo	Profundidade
B. I. s/T. C.	800	700 ms.
B. I. c/T. C. 1	832	800 ms.
B. I. c/T. C. 1 e T. C. 2	876	1.100 ms.
R. I. s/Trem	2.994	2.200 ms.
R. I. c/T. C. 1	3.055	3.000 ms.
R. I. c/T. C. 1 e T. C. 2	3.080	3.500 ms.
C. C/L ou C. C. M.	112 a 104	500 ms.

As formações e evoluções das P. U. de infantaria :

a) *Formação de o. unida*: São essencialmente formações de concentração e de marcha fora da acção da observação e fogos do inimigo.

O sistema de formações em o. u. da infantaria baseia-se na colocação das sub-unidades ao lado umas das outras ou à retaguarda umas das outras.

As formações do pelotão baseiam-se na colocação das 3 secções em linha, à retaguarda umas das outras, ou das 3 secções em coluna por um, ao lado umas das outras.

As formações da secção baseiam-se na colocação das Esq. de M. L. e de At. ao lado uma da outra, em 1 fileira, ou à retaguarda uma da outra, em coluna por 1.

Batalhão

— Linha	} Não está ainda publicada esta parte do regulamento mas prevê-se que as formações sejam idênticas às da companhia.
— Linha de colunas	
— Coluna de pelotões	
— Coluna de marcha	

b) *Form. de o. dispersa*: são as formações de aproximação e ataque.

— Na Esq. os homens em fila ou em linha são separados por intervalos e distâncias de 2 a 5 passos.

— As formações da *Sec. At.* são :

— a *coluna por um* ;

— em *patrulha* ;

— *escalão* (dispositivo derivado da linha).

Revista da Cavalaria

O comandante da Sec. onde melhor possa observar e dirigir os seus homens.

As formações de dispersão das unidades superiores, dada a organização ternária das P. U. de infantaria, são baseadas:

- na colocação de 1 (ou 2) sub-unidade em 1.º Esc. e de 2 (ou 1) sub-unidade em 2.º Esc. triângulo
- na colocação das sub-unidades à retaguarda umas das outras coluna
- na colocação de tôdas as sub-unidades ao lado umas das outras, em coluna linha de colunas⁽¹⁾
- na colocação das sub-unidades em escalão para qualquer dos flancos da unidade testa. escalão

As sub-unidades, dentro das unidades, tomam as formações mais adequadas em vista do terreno e da facilidade de comando do conjunto.



(1) No pelotão designa-se por linhas de secções.

Tiro de Morteiros

pelo Cap. ANDRÉ PEREIRA

O artigo que hoje iniciamos, destina-se a dar aos curiosos que as pretendam, algumas noções sôbre o tiro destas armas, esboçadas a traços largos, mas que contenham o indispensável para poderem cumprir melhor ou pior as suas funções de comandantes de pelotão ou secção. Por isso, procuraremos fazê-lo o mais simples e rudimentarmente possível para que todos as possam ler sem fadiga.

Não se destinam, pois, àquêles que já conhecem o assunto, embora contenham uma ou outra alteração a processos indicados no antigo Curso de Metralhadoras e Engenhos, a que a prática e o estudo nos levou: outros as aproveitarão.

O Morteiro

Já viu como êle é simples? Ora repare (fig. 1)... Trata-se, principalmente, de um *cano* (1) constituído por um tubo de alma lisa, tendo no fundo uma culatra, que possui bem centrado um percutor com a ponta saliente. Como apoios de cano há à retaguarda, um *prato-base* (2) de grandes dimensões, que possui inferiormente ferrões para melhor adaptação ao terreno; à frente, um *suporte* (3) bípede possuindo um *mecanismo de direcção* (4) e outro de *elevação* (5) que permitem, por meio de manivelas, dar movimentos laterais ou verticais ao cano.

O prato-base tem alvéolos para servirem de alojamento à culatra, e o suporte liga-se ao cano por intermédio de uma braçadeira onde está montada a forquilha que contém o mecanismo de direcção.

Revista da Cavalaria

A completar este conjunto existe um *aparelho de pontaria* (7) que mais adiante descreveremos.

A granada, introduzida pela bôca do cano, desliza dentro d'êste em virtude do próprio pêso, e a cápsula fulminante do cartucho que ela transporta na cauda vai bater contra o percutor. Os gazes que se desenvolvem em resultado da combustão da pólvora actuam então na parte posterior da granada, expelindo esta.

Os vários alcances de tiro obtêm-se nesta arma fazendo variar a inclinação do cano e, ainda, variando a carga pro-

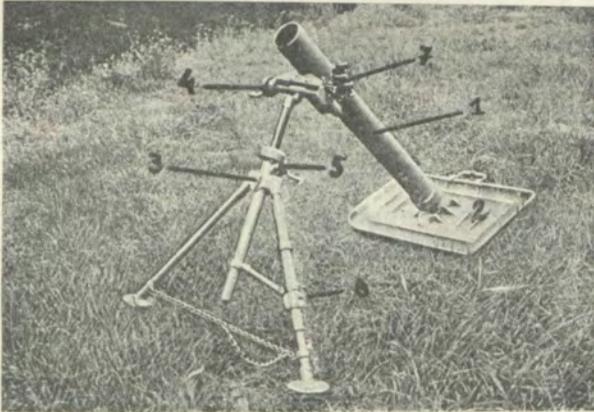


Fig. 1

pulsora pela colocação de uma ou mais cargas suplementares junto do cartucho (até 6 ou 4 respectivamente nas granadas ordinárias ou de grande potência). Estas cargas colocam-se entre as azas da empenagem, que constitui o sistema estabilizador da granada, e a sua inflamação é feita através de orifícios existentes no tubo que serve de alojamento ao cartucho.

E eis esboçada a arma cujo tiro vamos aprender.

Revista da Cavalaria

Emprego do fogo

Os morteiros podem executar o seu tiro em qualquer das seguintes modalidades:

— *tiro directo*, caracterizado pelo facto do apontador ver o objectivo. Tem a vantagem de uma preparação rápida, mas o grande inconveniente da visibilidade e vulnerabilidade da guarnição da arma, o que faz com que seja de emprego excepcional;

— *tiro mascarado*, caracterizado pelo facto de as armas atirarem a coberto de uma elevação que lhes sirva de máscara, não podendo os apontadores ver o objectivo que, no entanto, pode ser observado de um local muito próximo da posição pelo comandante da unidade de fogo. É um tiro de preparação relativamente rápida e, por isso, deve preferir-se a qualquer outro sempre que se possa executar;

— *tiro indirecto*, caracterizado pelo facto de nem os apontadores nem o comandante da unidade de fogo verem o objectivo, que só pode ser observado de um P. O. mais ou menos afastado. É um tiro de preparação demorada que deve evitar-se o mais possível, mas que o terreno e a situação das armas podem impor, sendo sempre executado, pelo menos, com um pelotão.

Os tiros mascarado e indirecto são, pois, executados com *pontaria indirecta* sobre uma referência auxiliar, diferindo apenas em que no primeiro o P. O. coincide com o P. C., o que não acontece no segundo.

Quando o objectivo não pode ser observado por ninguém devido a invisibilidade ocasional (nevoeiro, noite, etc.) mas o tiro se executa com os elementos resultantes de preparação feita enquanto era visível, diz-se que o tiro é *referenciado*.

O *género de fogo* a empregar depende da situação, do efeito que se pretende obter, da disponibilidade em munições e das necessidades de regulação do tiro.

Normalmente, emprega-se o *tiro a tiro*, em que, uma vez preparado o lote de granadas julgado necessário, cada tiro

Revista da Cavalaria

se executa depois da respectiva voz de «fogo»: todavia, pode executar-se o *tiro às rajadas*, correspondendo cada rajada a uma série de 3 a 9 tiros (cunhetes completos) executada depois da voz de «começar fogo», num regime lento, médio ou vivo, conforme a velocidade média é de 1 a 3, 4 a 6, ou superior a 6 tiros por minuto.

A *unidade de tiro*, isto é, a menor unidade a que pode ser atribuída uma missão principal de tiro, é a Secção, cujas duas armas deverão ser utilizadas no desempenho dessa mesma missão. Todavia, eventualmente, poderão ser utilizadas sobre objectivos diferentes, devendo, no entanto, estarem em condições de poderem concentrar o seu fogo sobre o objectivo principal.

Elementos de tiro

Como acontece com qualquer arma de fogo, os elementos de tiro para um morteiro dizem respeito à *direcção* e *elevação* necessárias para atingir o alvo, elementos que lhe são dados, normalmente, por intermédio do aparelho de pontaria. Começemos, portanto, por ver de um modo geral como este é constituído.

O aparelho de pontaria compreende, principalmente, um *dispositivo de direcção* e outro de *elevação* (fig. 2).

O dispositivo de direcção é constituído por uma parte designada *limbo* (1), graduada nas centenas pares de milésimos, e por outra que contém o *colimador* (2), possuindo este último, interiormente, uma *linha de fé* vertical destinada à execução das pontarias. Ainda nesta última parte, um *tambor graduado* de 0 a 200 (3) permite deslocar o *suporte do colimador* (4) sobre a *base* do mesmo (5) para completar as graduações do limbo.

As graduações 32 e 100, respectivamente, do limbo e do tambor, são marcadas a vermelho, enquanto tôdas as outras o são em branco. Na base do colimador e no alojamento do tambor de direcção, duas *referências* (6) também marcadas a vermelho, permitem a marcação dos ângulos desejados.

Revista da Cavalaria

O dispositivo de elevação é constituído por um sector graduado em graus (7) e por um tambor de elevação (8) destinado a fazer deslizar a respectiva referência (9) ao longo do sector, possuindo o tambor graduações correspondentes a $\frac{1}{4}$ de grau.

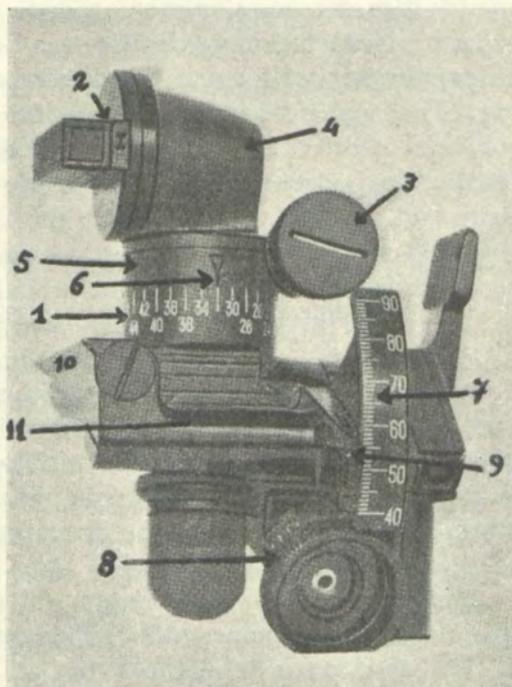


Fig. 2

Dois níveis existentes no dispositivo de direcção, um lateral (10) e outro posterior (11), destinam-se, respectivamente, à rectificação da elevação e a verificar a horizontalidade do parafuso do mecanismo de direcção do suporte.

Como o aparelho de pontaria se coloca no suporte no lado esquerdo da forquilha, quando se faz rodar o tambor de elevação, este obriga a parte do aparelho que contém os níveis a tomar certa inclinação, que se traduz na inclinação a dar ao cano para calar o nível lateral.

Revista da Cavalaria

A direcção

Obtém-se, conforme a modalidade de tiro, quer apontando directamente ao alvo, quer vizando uma referência auxiliar, e indica-se com a voz «limbo, tantos milésimos» que representa o valor angular a marcar no dispositivo de direcção do aparelho de pontaria para executar esta.

Por construção do aparelho de pontaria, quando as referências do dispositivo de direcção estão em coincidência com as graduações 32 do limbo e 100 do tambor, o plano de mira definido pelo colimador está paralelo ao plano de tiro e afastado d'ele 20 cm. Assim, para apontar directamente a um alvo, como para as distâncias normais de tiro se pode considerar que, naquele caso, os dois planos se equivalem, utiliza-se «limbo 32-100» (que se diz «limbo trinta e dois, cem» e que corresponde a 3.300 milésimos).

Quando se vise uma referência auxiliar pode utilizar-se esta ou outra graduação, como se verá ao tratarmos os tiros indirecto e mascarado.

Uma vez preparado o aparelho de pontaria, inicia-se esta calando o nível posterior com o auxílio de um *mecanismo nivelador* (figura 1-6) existente na perna esquerda do suporte: em seguida, desloca-se lateralmente o conjunto suporte-cano até que o apontador veja a linha de fé do colimador na mesma vertical que contém o ponto de pontaria, tendo sempre o cuidado de rectificar o nível. Quando essa coincidência está quasi obtida, aperfeiçoa-se por deslocamentos dados ao cano por intermédio da manivela do mecanismo de direcção.

Na falta de aparelho de pontaria, pode esta executar-se com o auxílio do fio de prumo existente na bolsa do apontador. Para tal, o cabo comandante do morteiro coloca-se à retaguarda d'este de maneira a ver o ponto de pontaria e a parte média da cabeça da culatra na mesma linha vertical, que éle pode definir perfeitamente com o auxílio do fio de prumo: em seguida, indica ao apontador os movimentos a dar ao cano para levar este à mesma vertical, servindo-se para isso da referência longitudinal pintada no cano.

Revista da Cavalaria

A elevação

Traduz-se no valor do *ângulo de tiro* a dar ao cano e que, representando a inclinação dêste em relação ao plano horizontal, é função do alcance e da carga a empregar.

Suponhamos que a distância ao alvo é de 1.800 metros e tomemos umas tabelas de tiro (as italianas, por exemplo) para procurarmos o ângulo de tiro a empregar. A granada que vai utilizar-se no tiro é, forçosamente, a granada ordinária, porque o maior alcance com a de grande potência é 1.500 metros e não é êste o nosso caso.

Folheemos então a tabela.

Nela se verifica que, para uma tal distância, poderíamos empregar cargas propulsoras diferentes, desde a carga 2 até à carga 6, visto que qualquer das tabelas correspondentes a estas cargas contém a distância 1.800. Assim seria:

para a carga 2	—	Ângulo de tiro	51° 1/2
» » »	3—	» »	66° 3/4
» » »	4—	» »	72°
» » »	5—	» »	75°
» » »	6—	» »	76° 3/4

Qual dêstes ângulos de tiro devemos preferir? O primeiro pode excluir-se desde já, pois está muito próximo do limite da respectiva tabela e ficamos sujeitos a ter de mudar de carga a meio da regulação do tiro (não convém que a distância considerada defira do limite da tabela menos de 10% do valor dêste último); quanto aos outros, se considerarmos que os melhores ângulos de tiro estão compreendidos entre 60 e 75°, fica também excluído o correspondente à carga 6; dos outros três escolheremos o mais pequeno por ser aquêle a que corresponde

- a menor duração de trajecto
- a menor dispersão
- o menor gastamento do material.

Revista da Cavalaria

Uma vez determinado o ângulo de tiro a empregar, faz-se a respectiva graduação no aparelho de pontaria e, em seguida, cala-se o seu nível lateral actuando com a manivela do mecanismo de elevação do suporte para baixar ou elevar o cano, tendo sempre o cuidado de verificar se o nível posterior se mantém calado.

Na falta de aparelho de pontaria pode utilizar-se o *clinómetro* semi-circular existente na bolsa do apontador, colocando-o sôbre a mesa respectiva existente junto da bôca do cano, por forma que a seta fique voltada na direcção do alvo.

*

As distâncias tabelares são medidas na horizontal da origem, pois, como já ficou dito, se trata de alcances, o que significa que se o alvo estiver acima ou abaixo da horizontal, a distância para êle avaliada não serve para o tiro, pelo que tem de ser corrigida.

De facto (fig. 3) se o alvo em vez de estar em A_1 estiver em A_2 , a distância tabelar ou de tiro a empregar será MA , para que o ramo descendente da trajectória passe por A_2 . Se o alvo estiver abaixo da horizontal a distância tabelar será, pela mesma razão, MB .

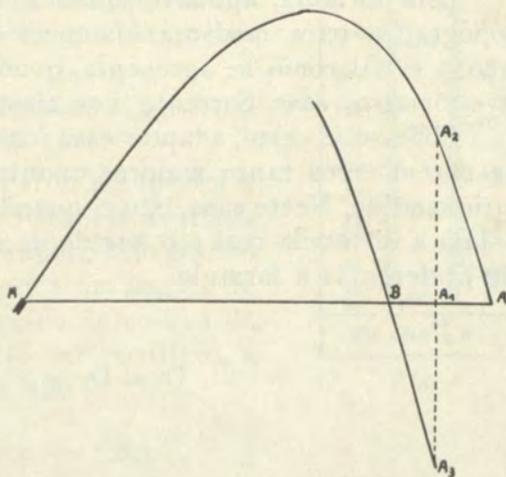


Fig. 3

Uma vez avaliada a distância ao alvo, como corrigi-la, então, para obter a distância tabelar?

Revista da Cavalaria

Se, por simplicidade, considerarmos que a trajectória desce, na maioria dos casos comuns, com a inclinação de 3 para 1 (¹), verifica-se que

$$\begin{aligned}MA &= MA_1 + A_1 A \\MB &= MA_1 - A_1 B\end{aligned}$$

em que MA_1 é a distância horizontal ao alvo e $A_1 A$ e $A_1 B$, respectivamente, a terça parte de $A_1 A_2$ e $A_1 A_3$, sendo estes últimos valores as diferenças de nível entre o alvo e a arma.

Assim, podemos estabelecer a seguinte fórmula geral

$$Dt = Dh \pm \frac{dn}{3}$$

em que se toma o sinal + ou - conforme o alvo está acima ou abaixo da horizontal.

Esta fórmula, aplicável quando se empregue uma carta topográfica para medir a distância e a diferença de nível, não o é, tal como se apresenta, quando se utilize telémetro e sitómetro, caso corrente nos tiros directo e mascarado.

Pode-se, é certo, adaptar essa fórmula, mas mesmo assim se obtêm erros tanto maiores quanto maior fôr o ângulo de sítio medido. Neste caso, isto é, quando os elementos colhidos sejam a distância real e o ângulo de sitio, deve-se empregar de preferência a fórmula

$$Dt = Dr \times N$$

(¹) Até aqui tinha-se considerado que essa inclinação era de 2 para 1, correspondendo a um ângulo de queda de 60 graus. Como, porém, estes ângulos são, no morteiro, cerca de 50 maiores que os correspondentes ângulos de tiro, acontece que geralmente podem ir até 80° ou pouco mais, o que corresponde a uma inclinação de 4 para 1. Ao tomarmos 3 para 1, consideramos um valor médio e aproximado.

Revista da Cavalaria

em que D_r é a distância medida a telémetro e N a percentagem obtida no gráfico da fig. 4, em função do ângulo de sitio medido para o alvo (¹).

Quando este último seja inferior a 20 milésimos não merece a pena considerar a correcção de sitio, entrando-se directamente nas tabelas com a distância avaliada.

Até que iniciemos o estudo da preparação do tiro indirecto, é apenas com esta fórmula que trabalharemos, tanto mais que ela apresenta a vantagem de eliminar os erros a que a adaptação da outra nos podia conduzir, e reduzir as contas a uma multiplicação.

*

E para concretizar esta primeira parte do nosso estudo e praticar sobre o que se disse, vamos apresentar dois problemas, supondo que se trata de tiro directo. Para isso, transcrevemos (página seguinte) uma parte da tabela italiana referente à carga 3 por ser nela que os vamos executar.

1 - { Distância avaliada a telémetro - 1.270 metros
 { Ângulo de sitio - + 70°

Como o ângulo de sitio é superior a 20° vamos corrigir a distância avaliada para obter a distância tabelar. No gráfico da fig. 4 verifica-se que a um ângulo de sitio de + 70° corresponde na coluna da esquerda (por o ângulo ser positivo), a percentagem 102, pelo que

$$D_t = 1.270 \times 1,02 = 1.295$$

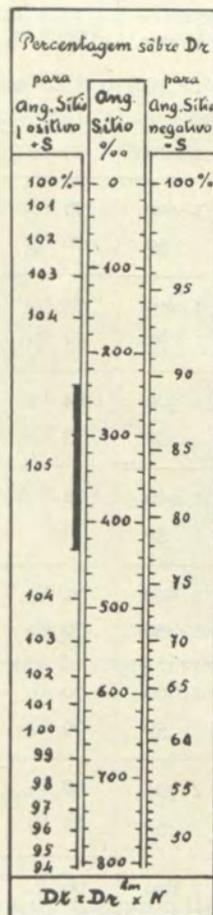


Fig. 4

(¹) Quando pela primeira vez apresentámos este gráfico, a êle nos referimos no n.º 1 da nossa Revista, explicando como tinha sido obtido. Dispensamo-nos, pois, de o repetir, limitando-nos a dizer que o presente foi elaborado considerando a inclinação $\frac{1}{2}$, do ramo descendente da trajectória.

Revista da Cavalaria

CARGA 3 (1)

1 cartucho e 3 cargas suplementares

Alcance	Ângulo de tiro	Variação do ângulo de tiro para uma variação de 100 metros no alcance	Duração do trajecto	Flecha	Desvio provável	
					Em alcance	Em direcção
Metros	Graus	Graus	Segundos	Metros	Metros	Metros
I. 100	76 ³ / ₄	I ¹ / ₄	31,9	I. 335	6,25	3,00
50	76 ¹ / ₄					
I. 200	75 ¹ / ₂	I ¹ / ₄	31,7	I. 320	6,75	3,25
50	74 ³ / ₄					
I. 300	74 ¹ / ₄	I ¹ / ₂	31,4	I. 305	7,25	3,50
50	73 ¹ / ₂					
I. 400	72 ³ / ₄	I ¹ / ₄	31,2	I. 287	7,75	3,75
50	72					
I. 500	71 ¹ / ₂	I ¹ / ₂	31	I. 270	8,25	4,00
50	70 ³ / ₄					
I. 600	70	I ³ / ₄	30,7	I. 245	9,00	4,50
50	69 ¹ / ₄					
I. 700	68 ¹ / ₄	I ¹ / ₂	30,4	I. 220	9,50	4,75
50	67 ¹ / ₂					
I. 800	66 ³ / ₄	I ³ / ₄	30,1	I. 195	10,00	5,00
50	65 ³ / ₄					
I. 900	65	2	29,7	I. 160	10,75	5,25
50	64					
2.000	63	2	29,2	I. 120	11,25	5,50
50	62 ¹ / ₄					

(1) Transcreve-se apenas uma parte da tabela.

Revista da Cavalaria

Os elementos dados pelas tabelas referem-se a distâncias múltiplas de 50 metros e, portanto, não contêm a distância 1.295. No presente caso podemos fazer o arredondamento da distância para 1.300 e entrar com este valor na tabela, porque o erro cometido — 5 metros — é inferior ao valor de um desvio provável — 7,25 m. — indicado na 6.^a coluna da tabela como correspondente a uma distância de 1.300 metros.

Assim, na 2.^a coluna da tabela, verifica-se que o ângulo de tiro a empregar é de $74^{\circ} \frac{1}{4}$. Quanto à direcção, como se aponta directamente ao alvo, já sabemos que se emprega limbo 32-100.

Os elementos de tiro serão, então

$$\left\{ \begin{array}{l} \Delta = 32 - 100 \\ \text{At } 74^{\circ} \frac{1}{4} \\ \text{Carga } 3 \end{array} \right.$$

$$\text{II} - \left\{ \begin{array}{l} \text{Distância avaliada a telémetro} - 1.810 \text{ metros} \\ \text{Ângulo de sítio} - -50^{\circ} \end{array} \right.$$

Para calcular Dt verifica-se que a $S = -50^{\circ}$ corresponde na coluna da direita do gráfico (por ser S negativo) a percentagem 98 e, então, será

$$Dt = 1.810 \times 0,98 = 1.773 \text{ metros}$$

distância que não se encontra na tabela, pelo que teremos de fazer uma interpolação para achar o ângulo de tiro.

O ângulo de tiro para 1.700 metros é $68^{\circ} \frac{1}{4}$ e para 1.800 é $66^{\circ} \frac{3}{4}$, o que significa que a uma variação de 100 metros no alcance, corresponde uma variação de $2^{\circ} \frac{1}{2}$ no ângulo de tiro, valor que se encontra já indicado na 3.^a coluna da tabela. Para executar a interpolação convém reduzir este valor a quartos de grau a fim de simplificar as contas.

Revista da Cavalaria

Assim, teremos:

se a 100 m corresponde a variação de 6 quartos de grau
a 73 corresponderá a variação X; donde

$$X = \frac{73 \times 6}{100} = 4,38 \text{ quartos de grau}$$

ou seja 1°.

O ângulo de tiro para 1.773 será igual ao de 1.700
diminuído de 1 grau, visto os ângulos de tiro diminuirão
quando a distância aumenta.

Os elementos de tiro serão, portanto

$$\left\{ \begin{array}{l} \Delta = 32 - 100 \\ \text{At } 67^{\circ} \frac{1}{4} \\ \text{Carga 3} \end{array} \right.$$



UMA VISITA À

IRLANDA

pelo MARQUÊS DO FUNCHAL



Quis o acaso que eu fôsse um dia indicado para ir em missão de serviço à Irlanda comprar cavalos destinados, sobretudo, a concursos hípicas. A tarefa parecia-me difícil e até arriscada, mas agradável para qualquer amador de cavalos. Encerrado num avião, voando a grande altitude, de noite, cortando as trevas, depois de seis horas e meia de viagem, desci e desembarquei em Bristol, tendo seguido para Londres, por onde novamente passei na viagem de regresso.

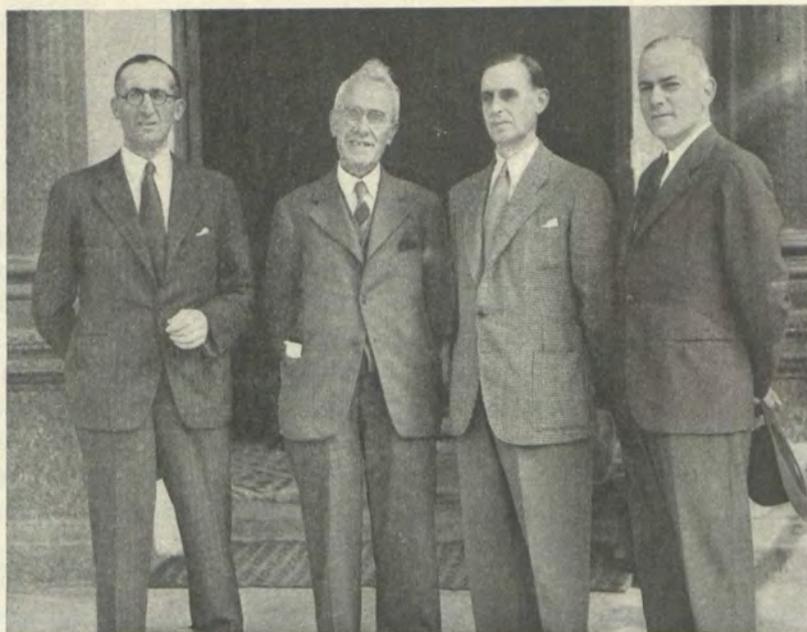
A grande capital, cuja população se apresenta com o moral de quem ainda pouco sofreu com os ataques aéreos, cujos estragos tem os efeitos diminuídos com a remoção dos entulhos e a transformação de certas ruínas em depósitos de água ou lagos, exposições ou parques de material de guerra, tem um movimento completamente diferente do do tempo de paz, respirando-se por isso uma atmosfera de militarismo um pouco cosmopolita. Em determinados ramos da actividade militar, nota-se a comparticipação do elemento feminino que, com certo entusiasmo, abraçou êsse seu novo emprego e assim, entre outras funções, eis que se vêem conduzindo um grande número de viaturas militares auto.

Para seguir para a Irlanda foi necessário atravessar de Liverpool para Dublin num pequeno avião que levou cerca de uma hora e assim, descemos no aeroporto de Collinstown

Revista da Cavalaria

na «Ilha Verde» designação esta dada à Irlanda, tendo em vista a sua permanente vegetação de côr verde, possuidora de ricas pastagens criadoras de valiosa pecuária.

Iniciado o trabalho de compra dos cavalos, para o que percorri grande número de milhas através do País em várias direcções e em especial a Sul de Dublin, tive ocasião de apreciar certos aspectos da vida agrícola e pecuária ligada à criação e comércio de gado cavalar.



A Comissão portuguesa com o vice-cônsul honorário de Portugal

Devo dizer que a primeira condição à qual está ligada a boa forma física, em especial, a forte estrutura óssea do cavalo irlandês, é a qualidade do terreno (limestone) e do clima muito úmido, com bastante permanência de chuvas que mantêm as pastagens verdes todo o ano.

Resulta que, além desta verdura persistente, conseguem fênos admiráveis, chegando a haver em certos anos dois cortes de fêno que é guardado em grandes barracões armados em ferro, geralmente abertos dos lados, e cobertos de chapa zincada disposta de maneira a formar telhados convexos.

Revista da Cavalaria

Existe também uma produção de aveia de muito boa qualidade, que é a ração empregada, alternando com fêno.

A própria pastagem permanente, constitui só por si uma alimentação que para um regimen de conservação é suficiente.

Eis porque actualmente, durante este período de guerra em que a exportação de cavalos com destino aos Exércitos Suíço, Belga e mesmo Francês ficou suspensa, houve a necessidade, para não resultar um maior prejuízo, de manter



Poldra filha de «Panorama» vendida no leilão de poldros de 1 ano, em Ballsbridge no dia 28 de Setembro, pelo preço record de 2.800 guineos (295.000\$00)

em regimen pastoril, cavalos que estavam em boas condições de serem aproveitados para o mercado externo.

A Irlanda, país de grande produção cavalar, hoje produtor do melhor p. s. i. possui ao mesmo tempo um grande mercado exportador e assim, tive ocasião de assistir, entre outros, a um leilão de poldros e poldras de ano, cujos preços variaram entre 160 e 2.800 guineos; claro está que este alto

Revista da Cavalaria

valor é devido à qualidade e aplicação destes cavalos que são destinados a criação e corridas e, portanto, escolhidos entre os de melhor origem.

Importam actualmente este género de cavalos a Inglaterra, Espanha e América e também têm ido alguns para a África do Sul e Índia.

Os cavalos cujo valor, presentemente, representa um preço mais acessível, são do tipo de sela, mesmo de p. s., que não são destinados para corridas nem para caçar, naquelas, por não terem probabilidades de êxito, nestas, por serem um pouco ardentes ou então por o proprietário possuir cavalos demais à mangedoura.

Actualmente, os vários proprietários têm apenas autorização para sustentarem a ração e, portanto, à mangedoura, um número reduzido de cavalos em relação àquêles que costumavam ter antes da guerra. Os restantes são largados para as pastagens.

Desta forma, muitos dos cavalos que fomos procurar e experimentar encontravam-se a campo e eram recolhidos e estabulados por vezes dois dias apenas, para haver tempo de lhes pregar umas ferraduras, fazer uma toilette ligeira, recordar-lhes o que tinham aprendido e receberem o arreo sem hesitação.

Encontrei cavalos que há um ano não eram montados e, contudo, pelo seu temperamento e boa índole, recebiam de novo o cavaleiro como se nada fôsse, inclusivamente, transpondo obstáculos francamente.

Quero com isto explicar que bastou haver conhecimento pelos jornais da nossa presença, «não por anúncio, é claro», para um grande número de proprietários recolher os seus cavalos e apresentarem-nos em boas condições com poucos dias de preparação:

O aparecimento de uma comissão portuguesa para compra de cavalos foi uma notícia até certo ponto sensacional, mais pela idéia da criação de um novo mercado, quando é certo que outros fecharam, do que pelo número de cavalos que tencionavamos adquirir.

Afluíram então um sem número de comissários, intermediários e negociantes, entre os quais alguns de aproveitar.

Revista da Cavalaria

Enfim, é gente prestável e aceitavam as nossas decisões com boa cara, embora contrárias ao seu interesse; bem entendido também que para lhes dizer «não» se faz uma cara adequada, empregando boas palavras. Às vezes não é necessário dar qualquer explicação.

Apesar de haver bastante por onde escolher montámos muitas dezenas de cavalos para adquirir alguns (30). Quanto maior é a quantidade, maior é a exigência e estou certo que muitos dos que foram rejeitados fariam as delícias de alguns dos nossos cavaleiros. Houve também cavalos que foram vistos mais de uma vez, o que só traz vantagem, pois em certas oca-



*Capitão Helder Martins trabalhando à guia
«Wessington King» no acto da apresentação
para a compra*

sões agradam-nos mais à primeira vista que nas vezes seguintes e foi assim que comprámos alguns, depois de terem sido experimentados em dias diferentes.

A época em que fomos foi boa. Assistimos a várias corridas em campos diferentes, quer planas, de sebes ou steeples.

Das diversas impressões colhidas conclui que os p. s. ali estão divididos em três classes: tipo ligeiro, empregado em corridas planas, tipo mais reforçado, para corridas de sebes e steeple e tipo reforçado, para caça e provas de obstáculos de concursos hípicas. É muito raro serem utilizados os cavalos de corridas planas em provas de obstáculos e mesmo até nas corridas de sebes.

Revista da Cavalaria

O tipo do clássico hunter, há anos considerado debaixo do ponto de vista compleição física, hoje, a sua classificação, é atributo do seu emprêgo utilitário.

Era antigamente um cavalo de cruzamento; hoje, pode sê-lo ou não e por isso, encontram-se muito bons hunters no p. s. Todos êstes tipos de cavalos sôbre que vim falando, são em geral de altura acima de 1,^m60.

A escolha de cavalos ali, é feita, geralmente, pelo pêso do cavaleiro a que se destinam e assim se classificam pelo pêso que podem transportar e não pela sua altura que, normalmente, está na razão directa do pêso a transportar.

Referi-me agora a êste tipo de cavalo por haver talvez a idéia de ser aquêle que tem mais fácil adaptação para concursos hípicos.

Quanto a mim, tenho a impressão de que o cavalo em boa condição física que ali tenha sido utilizado durante uma ou mais épocas de caça, dá-nos uma certa garantia de ser bom saltador (*good leaper*) pois nas caçadas, em geral, têm que transpor alguns obstáculos de respeito, tais como, muros de pedra, valados, valas, banquetas, sebes e cancelas (a).

Há, porém, pessoas na Irlanda que entendem que êstes cavalos nunca serão bons em provas de concursos hípicos onde se apresentarão sem se preocuparem em tocar nos obstáculos.

Não navego nesta corrente, visto estar convencido que os bons cavalos quando começam a especializar-se nas provas de concurso hípico passam a saltar com outro cuidado.

*

Tendo desaparecido, em virtude do conflito mundial, os habituais compradores de cavalos destinados a concursos hípicos, os proprietários criadores ou treinadores dêste género de cavalos deixaram de se interessar pela sua preparação para tal fim. Ao mesmo tempo, as competições dentro do País perderam parte do interêsse, pois muitos dos com-

(a) Em geral êstes cavalos, para serem considerados bons hunters, devem tomar o obstáculo de vagar, podendo por vezes ser a passo e, portanto, com força.

Revista da Cavalaria

pradores estrangeiros apareciam para adquirir cavalos saltadores naquelas exhibições.

Assim, quando nos propuzemos adquirir cavalos com alguma prática de concursos, tornou-se quâsi impraticável tal idéia e tivemos que adoptar um sistema diferente mas que nos garantia certas probalidades de êxito: fazer recair a escolha, de preferênciã, sôbre cavalos que já tivessem prestado provas com obstáculos, tais como, caçadas, point to point (cross country marcados) steeple, chasse e corridas de sebes. Visitando vários proprietários de cavalos do gênero atrás indicado, conseguimos encontrar os cavalos desejados. Foram todos por nós montados e experimentados em pequenos saltos.

Nas várias visitas, fomos sempre amavelmente recebidos, tendo por vezes de aceitar o five o'clock tea por estar na hora obrigatória ou então algum drink antes da apresentação dos cavalos, tendo ocasião de observar o seu bom trato por parte dos tratadores, o que aliás estava demonstrado pela docilidade com que se apresentavam mesmo os mais nervosos. Uma vez que aguardavamos num pátio a chegada do proprietário de uns cavalos ali alojados em boxes, tocava a telefonia no nosso automóvel; em determinada ocasião, appareceu um dos tratadores dos cavalos a mandar desligar o aparelho porque um dos animais, segundo êle disse, se estava sentindo nervoso com a música... «É nós nem discutimos»...

Os cavalos saltadores não devem ser procurados em especial entre os vendedores de puro sangue e cavalos de corridas que podem estar gastos e esforçados por terem corrido aos 2, 3 e 4 anos.

Devem, de preferênciã, ser procurados em casa dos produtores que possuem poucos cavalos e que às vezes têm de parte um ou dois que julgam com habilidade para saltar.

Nunca tivemos dificuldade em experimentar os cavalos visto que existem quâsi sempre terrenos de pastagem junto das cavalariças, em boas condições para êles galoparem e transporem qualquer salto que se lhes prepare.

Nestes mesmos terrenos, se encontram os cavalos à solta; as pastagens vão-se conservando sempre verdes apesar de pisadas constantemente.

Revista da Cavalaria

Impressionaram-nos os cascos destes cavalos, pois em geral apresentavam-se fendidos. Por fim, a vista habituou-se e verificámos que a maior parte eram bons e pouco quebradiços. Lembrando o piso duro do nosso País tivemos que fazer recair a escolha no cavalo com muito bom casco, havendo a preferência pelos cavalos que eram classificados na região como «gostando do duro» (he likes the hard).



Cavalo adquirido para o Exército

Aparecem assim os cavalos que têm vantagem nas corridas em dias de tempo mais seco e, portanto, com terreno mais duro batendo nesses dias os cavalos que gostam de terreno macio (love the soft) querendo com isto explicar que o casco dos primeiros é de melhor qualidade para os nossos terrenos que o dos segundos. Nestas várias visitas verifiquei que os cavalos se encontram, quando estabulados, sempre alojados em boxes; porém, uma coisa curiosa notei e foi o facto de embora existirem instalações luxuosas, ter encontrado por vezes cavalos de grande preço em boxes bastante pobres, verdadeiros pardieiros. Não deixámos de assistir a corridas várias, quer planas, de sebes ou steeples, que foram deveras interessantes e onde sempre colhemos alguns ensinamentos de aplicação imediata.

Já vai longo este artigo e por isso termino animando todo o bom amador de cavalos, que o possa fazer, a visitar a Irlanda, lembrando ao mesmo tempo a vantagem de levar na sua bagagem um pouco de conhecimento da língua inglesa, pois só com o idioma português é pouco e mesmo com o francês ouvi dizer a muitas pessoas que o tinham aprendido mas não o falavam porque dele se haviam esquecido.



EQUITAÇÃO

pelo Capitão FERNANDO PAIS

Resistências

Ao iniciar-se o ensino do cavalo, merecem especial atenção as concepções «direito e para a frente» da síntese genial do general L'Hotte. Não que o seu papel seja mais importante do que a calma e a ligeireza, mas porque exigem do cavaleiro imediata atenção. O cavalo que nós vamos ensinar nunca anda francamente para diante e nunca tem as espáduas na linha da garupa, sendo por isso natural que a nossa atenção se dirija logo para este lado.

Tôda a gente sabe, embora muitas vezes não o pareça, que para pôr o cavalo a andar para diante com confiança, é o trabalho a passo, primeiro por caminhos, depois por terreno variado, aquêle que mais garantias oferece, com a vantagem de contribuir para o desenvolvimento da calma e, até certo ponto, para a sua direitura.

Observação: Por lapso de revisão, saiu errado o nome do autor do artigo «*As Corridas de Outonos*», publicado nesta secção, do último número da nossa Revista.

Êste artigo é da autoria do conhecido cavaleiro **Rodrigo de Castro Pereira**, a quem apresentamos desculpas pelo lamentável lapso.

Revista da Cavalaria

Nunca devemos esquecer que o trabalho de picadeiro é sempre, de começo, um trabalho ginástico violento, exigindo uma preparação muscular que só o trabalho a passo, realizado naquelas condições, pode dar.

Uma vez começado o ensino pròpriamente dito, aparecem as primeiras dificuldades, com raras excepções, quasi sempre as mesmas: cavalo que volta difficilmente para um dos lados e muito facilmente, mais depressa do que se quer, para o outro.

Nesta fase, o cavalo que volta com difficuldade para um dos lados está sempre encurvado para esse lado e, por consequência, o trabalho indicado é o que procura encurvá-lo para o lado contrário, única forma de lhe fazer adquirir a flexibilidade lateral que lhe falta.

Mas é preciso saber distinguir entre o que seja difficuldade em voltar e resistência à acção da rédea porque se a resistência se manifesta, as mais das vezes e especialmente no começo do ensino, na barra do lado para onde elle está encurvado ou, o que é o mesmo, para o lado onde elle tem a garupa, não quer dizer que não se possa manifestar, com a mesma intensidade, na barra do lado oposto.

Com effeito, se é certo o cavalo resistir da barra esquerda à acção da rédea esquerda que procura colocar-lhe a garupa na direita, encurvado como está para a esquerda, não menos certo é poder oferecer uma mesma resistência à acção da rédea direita quando ella procura encurvá-lo para este lado.

Mas ainda não é tudo. Considerado nas condições atrás indicadas, o cavalo pode ainda, separadamente, não oferecer resistência à acção de qualquer daquellas rédeas. No primeiro caso basta-lhe encurvar-se mais para o lado para onde já está encurvado, apoiando-se na espádua direita; no segundo caso, retrair-se, fugindo à acção da rédea direita que lhe coloca o bico nesse lado.

Um cavaleiro experimentado não se deixa levar, evidentemente, por estas formas de defesa com que o cavalo procura subtrair-se às exigências do cavaleiro, mas um novato toma-as muitas vezes como sintomas reveladores de um adiantamento que, na realidade, não existe. Quantas vezes elle se convence que trabalhou demasiado para um dos lados, modificando logo todo o seu plano de ensino! E este caso

Revista da Cavalaria

raras vezes se dá. As verdadeiras resistências do cavalo mantêm-se até ao fim, embora cada vez mais atenuadas.

Para evitar aquêles inconvenientes, isto é, que o cavalo se defenda por retraimento, acompanhar a acção determinante da rédea esquerda com uma acção fortemente reguladora da rédea direita, obrigando o cavalo a manter o andamento, e para o caso da defesa à acção da rédea direita, ter o cuidado de conservar o bico do cavalo sempre nesse lado. O cavalo defende-se desta rédea por uma resistência de pêso nas voltas para a esquerda; colocando-se atrás da mão nas voltas para a direita. No primeiro caso, isto é, nas voltas para a esquerda sôbre rédea contrária direita, reforçar a acção da rédea com a acção oportuna da perna esquerda, no segundo caso, como o cavalo foge ao movimento para diante atirando rapidamente as ancas para o lado contrário e voltando bruscamente, estar sempre pronto a actuar com as pernas e a transformar a acção reguladora da rédea esquerda numa acção determinante que lhe domine a garupa, nesta circunstância a rédea intermediária do mesmo lado.

É indispensável a acção da perna isolada nas voltas para a esquerda sôbre rédea contrária direita porque se não se utiliza êste poderosissimo meio, a menos que se possa utilizar um picadeiro, não é fácil a um novato submeter o cavalo à acção desta rédea. Acaba sempre por recorrer à acção da rédea esquerda voltando ao perigo de deixar o cavalo apoiar-se na espádua direita.

É certo que, em princípio, devemos de comêço actuar com ambas as pernas, simultâneamente, mas porque uma das razões que levam a seguir êste sistema é tornar o ensino gradual e simples não o complicando com um novo meio que, se vai reforçar a acção da rédea, também provoca um acréscimo de impulsão que nós ainda não somos capazes de regular, parece que, no caso presente, não se dará tal inconveniente, visto que a tendência do cavalo quando submetido à acção daquela rédea é diminuir de andamento.

Além disso, tanto a rédea como a perna visam ao mesmo fim: encurvar o cavalo para o lado contrário àquêle para onde êle está encurvado, o que equivale a dar-lhe a flexibilidade lateral que lhe há-de permitir trabalhar com a garupa indistintamente em qualquer dos lados.

Revista da Cavalaria

Durante o ensino observam-se factos muito curiosos que quasi sempre deixam confundidos os cavaleiros com pouca prática.

O cavallo que tem a garupa na esquerda começa por não gostar de galopar para a direita resistindo, por isso, da barra direita, mas uma vez que seja capaz de o fazer sem grande dificuldade, a resistência passa a manifestar-se novamente na barra esquerda, quando a galope para este lado, porque facilmente pela própria posição do galope para a esquerda, apoia-se na espádua direita.

Mais tarde, quando o cavallo já volta para a esquerda com facilidade sob a acção da rédea esquerda, torna-se a sentir uma maior resistência na barra direita nas voltas para a direita, e assim, porque elle ainda procura voltar para este lado atirando com a garupa para a esquerda, o que acarreta um grande desequilibrio sobre a espádua direita cujos movimentos perdem toda a amplitude.

As resistências à acção da mão só desaparecem quando o cavallo, mercê de um ensino racional e progressivo, se apoia sobre ambas as barras suave e igualmente, dando-nos uma sensação de domínio agradabilíssima. Segundo a mão actua com a mesma intensidade sobre ambas as barras ou com intensidade diferente, assim todo esse conjunto de que o pescoço é o principal regulador se amolda à sua indicação para, por reacção sobre a impulsão que lhe vem detrás, diminuir de andamento, parar, ou tomar uma nova direcção.

Por tudo quanto se disse verifica-se como é difficil, senão impossivel, procurar sistematizar demasiado uma arte que, como a equitação, exige do cavaleiro uma atenção constante, e, acima de tudo, um grande espirito de observação.

É procurando encontrar a razão de todas as resistências do cavallo, de todos os seus actos, que se conseguem neutralizar as inúmeras formas de defesa com que elle procura subtrair-se aos esforços que lhe são exigidos durante o ensino, e elle só se submete inteiramente quando se convence que o Homem é, na realidade, o rei da Criação.

Jornaes revistas livros

A LUTA INDIVIDUAL CONTRA O CARRO

pelo Major de Infantaria José Artero Soteras
Professor da Academia Geral



Apesar do magnífico material que os alemães possuem e sobre o qual já uma vez falámos, voltaram os melhores soldados do mundo a ressuscitar a luta individual e a curta distância contra o carro, melhorando em processos e meios o que os nossos soldados fizeram na passada guerra de Libertação, criando, por assim dizer, uma verdadeira arte de atacar e destruir os inimigos mais perigosos na guerra, que são os carros.

Uma das características principais do ataque de carros são as cunhas feitas por estes, que podem romper um ponto da frente e entrar em profundidade, alcançando as diversas linhas e elementos da organização defensiva da frente; pode, assim, dar-se o caso de aparecerem carros na frente das posições de artilharia, postos de comando das G. U.; postos de abastecimento e até de saúde. Em tais locais não é natural que existam defesas anti-carro e muito menos, tropas especializadas nesta luta; portanto, tódas as tropas deverão estar aptas a atacar e a defender-se dos carros, uma vez que as tropas em primeira linha tapem a brecha aberta e destruam as restantes unidades que tenham penetrado no dispositivo. Perante estas possibilidades, dá o comando alemão, em tódas as suas escolas, uma instrução comum a quantos soldados, sargentos e oficiais por elas passem, com o objectivo de a igualar, para tódas as Unidades e indivíduos que estejam situados na frente, qualquer que seja a sua arma ou posição onde se encontrem estabelecidos.

Segundo tais directrizes, ficou generalizada esta instrução; e assim, nas 12 Escolas de Infantaria — das quais é modelo a de Döberitz — na de

Revista da Cavalaria

Artilharia, de Jüteborg, na de Carros, de Wünsdorf, na de Cavalaria, de Kramnitze e na de Sapadores, de Dessau, todo o pessoal e alunos são adestrados, sob a direcção de instrutores especializados na luta contra carros, empregando-se em tôdas elas, os mesmos processos e idênticos meios de ataque.

O sistema tem dado esplêndidos resultados, podendo dizer-se que 30% dos carros destruídos o têm sido devido à acção pessoal dos heróicos caçadores de carros.

Tem sido dada grande importância a esta caça e foram criadas condecorações especiais que provando o valor de quem as possui, excitam a emulação daqueles que não têm podido medir-se com o carro inimigo, o mais feroz da guerra.

Como os ataques destes engenhos não são isolados mas sim em vagas, ou pelo menos em grupos, teve de adoptar-se uma tática especial que permita ao atacante cobrir-se, mais do que do carro que vai atacar,

daqueles que o acompanham, pois estes têm sempre por obrigação defender os companheiros com as suas armas, evitando-lhes precisamente os ataques a curta distância dos defensores da posição que assaltam. Dura e difícil é esta modalidade de luta, pois o soldado atacante será por sua vez atacado de diversos pontos, tendo que se esquivar das agressões que o possam aniquilar com mais segurança do que daquelas que venham do carro contra o qual se dirige; para isto, torna-se necessária uma instrução especial, muito detalhada e constante. O soldado deve,

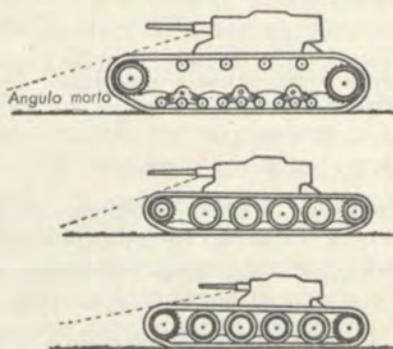


Fig. 1.ª

em primeiro lugar, ser treinado no domínio dos próprios nervos, começando-se por lhe fazer perder o medo ao carro, que com a sua grande massa e rapidez, lhe dá a sensação de o poder instantaneamente esmagar. Rápida e facilmente, o «aprendiz a caçador de carros» se convencerá de que a agilidade destes não é tão grande como a sua e de que com um pouco de sangue frio facilmente se lhes poderá esquivar.

Para facilitar e conseguir em pouco tempo esta tranqüilidade será conveniente acostumar o principiante a trepar para o carro com agilidade; primeiro parado, sem e com o equipamento, sem porta-cargas explosivas e com elas, quer sejam simuladas ou reais, e por fim, trepar para o carro em andamento. Assim aprenderá a escolher o ponto propício e perderá a repugnância que sentia ao aproximar-se do carro, por lhe parecer que este tem mil olhos e mil bocas de fogo com as quais o poderá aniquilar em qualquer momento ou posição em que se encontre; assim, o soldado compreenderá a verdadeira noção do perigo a vencer, não se deixando arrastar pela fantasia tão própria dos meridionais.

Sendo possível, deverão empregar-se modelos de carros inimigos, para que os conheça nos seus mais insignificantes detalhes e saiba perfei-

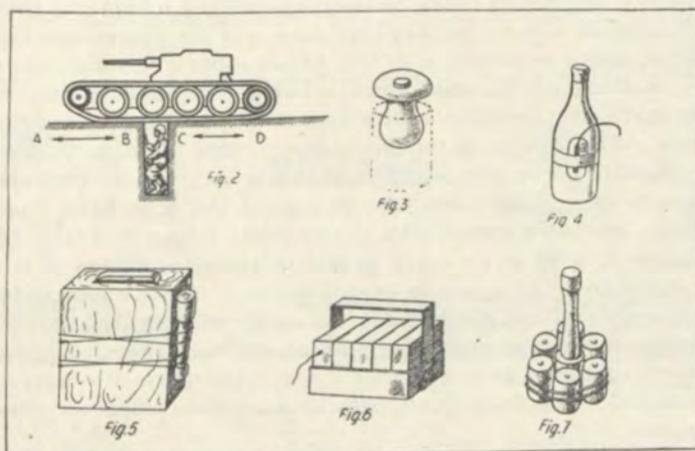
Revista da Cavalaria

tamente em que direcção deve atacá-los; não os havendo, será conveniente empregar maquetas que sejam a reprodução fiel daqueles.

Um ponto interessante desta instrução é explicar e convencer o caçador de carros de que cada carro tem um espaço morto à sua volta e que neste espaço pode o atacante estar completamente a coberto. Nalguns modelos, como o K. B. de 42 toneladas, este espaço é de 20^m devido a maior altura das cremalheiras, sendo este espaço no carro de 20 toneladas, apenas de 10^m devido a ser muito mais baixo o perfil deste carro. O espaço morto depende não apenas da altura do veículo mas também das armas estarem mais ou menos avançadas sobre a proa do mesmo (fig. 1).

Deverá ensinar-se, ainda, quantos modelos inimigos sejam conhecidos, com as suas características e pontos mais vulneráveis.

Quando se tenha conseguido que o soldado esteja tão familiarizado com o carro, como o possa estar com o cavalo ou qualquer animal domés-



tico, teremos resolvido, quero crer, a parte mais interessante e difícil da instrução; já o caçador terá confiança em si mesmo conhecendo bem o inimigo, tendo-lhe desaparecido a sensação de inferioridade que a princípio sentia perante uma «peça» tão difícil de caçar, da qual lhe parecia impossível aproximar-se e muito menos subir-lhe para cima, como poderá fazê-lo para cima de um poldro já montado.

Certamente que aparecerão homens impossíveis de adestrar por serem de nervos mais sensíveis e excitáveis do que outros; apesar de demonstrarem boa vontade e até valor suficiente, não poderão dar rendimento, porque a sua própria excitabilidade os impedirá de medir e calcular o momento preciso e ainda determinar a forma mais conveniente de ataque; com esta falta de serenidade atacarão desordenadamente, sendo rapidamente aniquilados, perdendo-se assim soldados que empregados noutras missões, mesmo como combatentes, poderiam ter dado óptimo rendimento. Não quer isto dizer que tais indivíduos se devam desprezar

Revista da Cavalaria

ou que não se lhes dê esta instrução, mas que não lhes devemos pedir responsabilidade igual àquêles que sôbre a mesma mostrarem completa aptidão; devem, no entanto, receber instrução igual aos restantes, já que em determinados momentos do combate, podem encontrar-se na necessidade de lutar contra carros, e assim saberão ao menos defender-se dêles.

Conseguida esta instrução, a que poderíamos chamar de aproximação e subida ao carro, deve instruir-se o soldado na escavação de abrigos de perímetro pouco maior do que o seu corpo e de uma profundidade suficiente para que fique completamente coberto (fig. 2). Dentro dêste, suportará o pêso dos carros; assim se convencerá de que a maior defesa contra aquêles está nestes abrigos ou em trincheiras estreitas que evitem pela sua forma, serem varridas pelo fogo das armas automáticas de bordo, impedindo que o carro, com as suas muitas toneladas de pêso, possa deformar o abrigo ao introduzir as cremalheiras no mesmo, se êste fôr muito amplo ou aberto.

Esta é a parte mais difícil da instrução porque o homem vence com muita dificuldade o mêdo ao esmagamento, que lhe parece quási impossível evitar, dados o volume e pêso a passar sôbre o terreno onde êle se encontra metido; porém, esta apreciação é completamente falsa, visto o pêso do carro ser distribuído pela enorme superfície das cremalheiras, resultando assim que as 24 toneladas de um carro são distribuídas pelos 3^{m2} de superfície que têm aproximadamente as referidas cremalheiras, dando assim na realidade, um pêso de 800 grs. por centímetro quadrado. Além disso, quando a cremalheira passar sôbre a bôca do abrigo em que está o homem, o pêso do carro gravitará sôbre as partes A B e C D (fig. 2), sofrendo muito pouco os bordos daquele. Ainda quando o terreno seja arenoso ou argiloso, sendo êste o de menor consistência, dando lugar, por isso mesmo, a que as cremalheiras se enterrem mais, a segurança é absoluta, permitindo, sem o menor risco a passagem do carro, ainda no caso mais desfavorável, da cremalheira se apoiar completamente sôbre o alojamento.

Na escala progressiva da instrução, chega-se ao ensino do material empregado para a agressão; aqui, é preciso atender-se não sômente à descrição e manejo do mesmo, como também, e muito principalmente, ao seu emprego exacto quanto ao modo e momento de actuar, já que haverá ocasiões em que convém, por exemplo, empregar meios explosivos em vez de incendiários e outras em que se terá de proceder inversamente, ou ocasiões em que se deverá atacar o carro de frente, outras de flanco e, na maioria dos casos, convirá ainda deixá-lo passar para atacar pela re-guarda.

O material agressivo deve ser classificado em três grupos: fumígeno, incendiário e explosivo.

Material fumígeno — O objectivo dêste material é cegar os serventes do carro, obrigando-os a parar, ficando assim à mercê tanto dos anti-carros, se a detenção é à distância, como dos caçadores de carros, se esta é próxima.

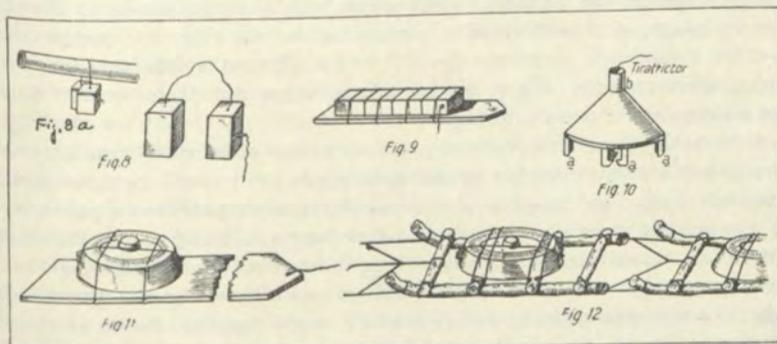
O cegamento do carro constitui um dos pontos principais na luta contra êle, cumprindo-se assim o aforismo carrista que diz: «carro parado é carro destruído».

Revista da Cavalaria

Para cegar utilizam-se diversos meios. Primeiramente, granadas de mão, de dois modelos: as de mão, iguais em funcionamento às explosivas, e as ovoides, de maior volume do que as anteriores: ambas produzem um fumo branco e denso, que pode envolver o carro, permitindo a aproximação para ulteriores acções de agressão.

De maior volume e duração são as chamadas «velas» (1), análogas às existentes no nosso Exército e que permitem, usadas em maior quantidade, formar uma cortina densa de fumos sob cuja protecção se pode manobrar para o ataque aos carros, sendo também empregadas pelos serventes destes, quando forçados a abandonar o veículo, o fazem protegidos pela nuvem artificial formada.

Finalmente, empregam-se umas garrafas de vidro (fig. 3) com um líquido amarelado; ao choque da garrafa com o carro ou com o solo, produz-se um fumo tão denso que, ao penetrar dentro daquele, impossibilita a respiração dos serventes que são obrigados a abandoná-lo; os fumos entrarão com tanta mais facilidade no carro, quanto maior for a potência



do funcionamento do motor, devido à aspiração que este faz do ar exterior, ou seja, que com este agressivo se conseguirá o duplo fim de cegar os serventes, obrigando-os a renderem-se.

Material incendiário — O mais sensível e primitivo é a garrafa de gasolina (fig. 4). É constituída por uma garrafa de vidro corrente com a capacidade aproximada de 3/4 de litro; o processo mais vulgar para a incendiar é o formado por uma cápsula inflamável *a*) que entra em ignição ao actuar num «tira frictor»; a duração desta pequena faísca é suficiente para que se possa comunicar à gasolina, que se espalha sobre o carro, produzindo-se a rotura da garrafa quando é atirada contra as chapas da blindagem. No caso deste processo falhar pode conseguir-se o incêndio com uma granada fumígena, e esta, além de fumo, produz uma

(1) N. T. — Em espanhol, candelas.

Revista da Cavalaria

elevada temperatura, que inflama instantaneamente o líquido da garrafa. De muito maior capacidade é o segundo artefacto (fig. 5); é constituído por uma lata até 10 litros, forrada com estôpa ou trapo, de modo a que possa ficar enganchada nalgum saliente da blindagem. Como meio de inflamação emprega-se uma granada fumígena de cabo, presa à lata, a qual deve ser perfurada com a baioneta, antes de actuar sobre o tira frictor da granada, produzindo-se, acto contínuo, o incêndio da gasolina. A massa de fogo é tão grande que facilmente se propaga ao interior do carro e aos depósitos de gasolina, dando rapidamente lugar à sua destruição, restando aos serventes muito poucas possibilidades de salvação.

Finalmente, outro agressivo incendiário é o lança-chamas; destes, há dois modelos: ligeiro e pesado. O ligeiro consta (fig. 10) de dois depósitos concêntricos; um leva o líquido e outro o gás inerte à pressão; este é que produz a projecção do primeiro; a ignição efectua-se electricamente, por faísca ou por um filamento em ignição, empregando-se para tal, umas pilhas que juntas a um transformador, administram a tensão precisa; toda esta parte eléctrica vai alojada no tubo (a) por onde sai o jacto de líquido que se incendeia ao contacto com a citada faísca ou filamento. Produzindo-se faísca, o transformador necessita de um vibrador que permita converter a corrente contínua das pilhas em alterna, sendo esta transformada posteriormente. Este lança-chamas atira um jacto de 20^m de alcance e de 12 segundos de duração.

O modelo pesado consta de um depósito cilíndrico de 50 litros ao qual se adapta outro cilindro menor com o gás em pressão; como matéria incendiária emprega gasolina ou uma mistura de petróleo e pólvora; o jacto alcança até 100^m e a sua duração é de cerca de 2 minutos. Usa-se comandado ou automaticamente; neste segundo processo distinguiram-se os russos, que montaram muitos, formando zonas defensivas nas proximidades de Moscovo, entrando estes lança-chamas em funcionamento ao engancharem-se com os carros uns cabos semi-enterrados, os quais abriam a válvula do gás, sendo o líquido projectado com grande força e incendiando-se electricamente.

O ataque com lança-chamas contra os carros é de resultados fulminantes, visto que tal como acontece com os fumos, o jacto de fogo é absorvido pelo motor, aniquilando não só os serventes, como incendiando os depósitos de gasolina, ficando assim o carro completamente inutilizado e incapaz para ulterior reparação.

Material explosivo — Neste material há modelos mais variados e torna-se necessária uma técnica especial no seu emprego. Consideremos primeiramente a carga múltipla de alto explosivo, formada por vários pacotes de quilo e colocados dentro de uma armação de madeira (fig. 6); lançam-se contra as cremalheiras do carro ou deixa-se este passar sobre a carga, sob a acção prévia do tira frictor; o principal objectivo é romper uma das cremalheiras, ficando assim o carro incapaz de se mover; uma vez detido, também a carga pode ser atirada para dentro dele, pela torreta. De efeito análogo é a carga múltipla constituída por uma granada de cabo, à roda da qual se prendem outras granadas (fig. 7), produzindo-se, simultaneamente, a explosão de todas; a potência deste grupo de grana-

Revista da Cavalaria

das é menor do que a do anterior de alto explosivo; no entanto, os seus efeitos são suficientemente grandes para quebrar uma cremalheira ou pelo menos fazê-la saltar do seu alojamento.

Outro acoplamento de alto explosivo é o que representa a fig. 8, constituído por dois pacotes de 1 ou 2 kgs.; são unidos por um cabo flexível, o que permite poderem ser colocados por aquêle sôbre o canhão (fig. 8); a explosão destas duas potentes cargas, permite a rotura e torsão do cano, ficando assim inutilizado, o mesmo podendo acontecer aos canos da metralhadora ou metralhadoras situadas na torrêta e paralelas ao canhão. É preciso actuar prèviamente sôbre um tira frictor colocado sôbre uma das cargas explosivas; a cápsula e o cordão dão tempo suficiente para que o soldado que colocou as cargas possa retirar-se do carro a tempo.

Outro processo consiste em montar sôbre uma tábua de cêrca de 10 cm. de largura, três ou quatro cargas como as anteriores; esta «tábua explosiva» emprega-se colocando-a ajustada à base da torrêta, sendo possível, junto à superfície giratória; em quâsi todos os carros saltará a tôrre pela acção da onda explosiva visto aquela quâsi se apoiar sôbre a citada superfície; também pode ser introduzida debaixo das cremalheiras, ou entre estas e a roda directriz ou motriz, com o fim daquela se partir ou sair fora do seu alojamento.

Um meio potentíssimo de destruição e de grande segurança é a mina magnética ou adesiva. Como se verifica na fig. 10, tem a forma de campânula, levando no seu bordo quatro potentes ímanes (a): com êstes ficará a mina agarrada à blindagem do carro; na parte cônica vai colocada uma carga de «hohlgranate». Esta tem a propriedade de concentrar a explosão num só ponto, no qual se produzem formidáveis efeitos com cargas relativamente pequenas. O único inconveniente desta mina é tornar-se necessária a completa aproximação do carro para se poder colocá-la, não sendo possível lançá-la a distância. Para a sua explosão deve actuar-se sôbre o tira frictor, que põe em acção o cordão alojado em (b), distinguindo-se nisto das granadas «hohlgranate», pois estas explodem por percussão.

Um último processo de agressão com explosivos é feito pela mina T K (figs. 11 e 12). É construída com chapa de ferro laminado, de forma cilíndrica e de pouca altura; na sua face superior está montado um percutor que funciona por pressão, sendo esta provocada pelo pêso do carro ao gravitar sôbre as cremalheiras que passam sôbre a mina. A sua explosão é violentíssima, destruindo a cremalheira ou voltando mesmo o carro se êste fôr ligeiro. O processo de colocação da mina é simples: sôbre uma tábua prende-se uma ou várias minas, e com uma corda atira-se aquela, arrastando-a até que fique uma das minas debaixo de uma cremalheira; no caso de haver neve ou do terreno ser barrento, é conveniente colocá-las sôbre pequenos trenós feitos com ramos em lugar de utilizar a tábua. Muito diversos são os modêlos de minas, mas só a T K se emprega especificamente como meio explosivo agressivo da Infantaria.

Emprego do material — A primeira operação que deve efectuar-se, ao instalar uma posição defensiva, é estudar as possíveis vias de acesso dos veiculos; é nestas zonas que se devem colocar, de preferência, os homens especializados na caça de carros; é ali que se deverão construir

Revista da Cavalaria

em maior quantidade os abrigos já descritos (fig. 2), e pertó dêles se deverão colocar os caçadores, sempre que haja possibilidades de agressão; deverão actuar por parellas, um como caçador e o outro como protector daquele. Tôda a vaga de carros é acompanhada por tropas de Infantaria, transportadas muitas vezes mesmo sôbre os próprios veículos blindados, e, portanto, a primeira acção defensiva será a de separar êstes da sua «escolta» por meio de violento fogo de metralhadoras pesadas e das restantes armas de Infantaria; efectuado isto, actuar-se-á sôbre os carros por meio de canhões anti-carro, com o objectivo de evitar a sua aproximação da linha principal de resistência; mesmo assim, é muito provável que cheguem alguns, e que cheguem mesmo a introduzir-se dentro da posição; é a altura de actuarem os caçadores, demonstrando o seu valor e pericia; cada um deverá escolher o carro que se encontre em melhores condições de ser atacado por si.

A primeira parte do ataque consiste em fazer «cegar» o carro por meio de granadas fumígenas e, enquanto ficam cegos, há quási a certeza da sua imobilidade; se apesar disso o carro progride, deve com rapidez colocar-se-lhe uma mina sob as cremalheiras pelo processo já atrás descrito (figs. 11 e 12).

Uma vez conseguida a paragem por acção da mina, pode tentar-se incendiá-lo lançando-lhe os agressivos incendiários, operação a realizar de diversas maneiras conforme o tipo de carro; o melhor, porém, será atacá-lo pela retaguarda, de forma a que o líquido caia sôbre a parte posterior, local onde se encontram os depósitos e o motor. Se o ataque fôr a lança-chamas, deve actuar-se prèviamente sôbre as vigias para inutilizar os serventes; também o grande calor produzido pelo jacto de fogo permite queimar rapidamente os revestimentos de borracha endurecida dos rodízios tensores e de apoio das cremalheiras. Estas ficarão tão lassas que saltarão do seu alojamento, ficando o carro inutilizado.

Para actuar com explosivos deve o caçador saltar sôbre o carro e segundo o seu modelo, pendurar o explosivo sôbre o canhão, atirá-lo para dentro do veículo, metê-lo junto à torrêta (tábua explosiva) ou atirá-lo para debaixo das cremalheiras.

Constantemente e enquanto dura a acção, o caçador, que saiu do seu abrigo ou trincheira, deve ser protegido pelo fogo do seu companheiro que observará atentamente os menores movimentos do carro, assim como dos seus serventes, com o objectivo de evitar o lançamento de granadas de mão do interior do carro.

O melhor processo de caça será — no caso do carro progredir na direcção do abrigo — deixá-lo passar por cima, e enquanto o soldado protector lhe lança granadas fumígenas, para o cegar e deter, o caçador saltar sôbre êle e lançar-lhe agressivos incendiários ou cargas de alto explosivo.

Pode resumir-se a luta contra o carro em três fases:

- 1.^a Separação dos carros da Infantaria que protegem, obrigando esta a retirar-se.
- 2.^a Cegamento do carro para que êste fique imobilizado.
- 3.^a Destruição do carro.

Revista da Cavalaria

A primeira parte é preciso levá-la a cabo sem vacilar, pôsto que a Infantaria, protegida pelos blindados, ou transportada por êles, aniquilaria os caçadores que tentassem aproximar-se.

Conseguida a separação e a detenção há 90% de probabilidades de destruição do carro. De grande importância é o bom emprêgo das granadas fumígenas, não só por cegarem o carro como por facilitarem a aproximação ao mesmo, dificultando a acção protectora dos outros carros.

É impossível apresentar regras gerais, pôsto que em cada ocasião, serão diferentes as situações e o número de carros atacantes; no entanto, a prática nos dará sempre um pouco de contacto entre a realidade e as referidas regras, na certeza de que quanto mais automática fôr a reacção do soldado, tanto melhor resultado se obterá e tanto mais elevado será o rendimento desta moderna e emocionante caça, que por ser de espera, deverá produzir o mesmo resultado do que no cinegético desporto, ou seja, a queda da peça e o triunfo do caçador.

L. R.

Ejercito — Setembro, 1943.



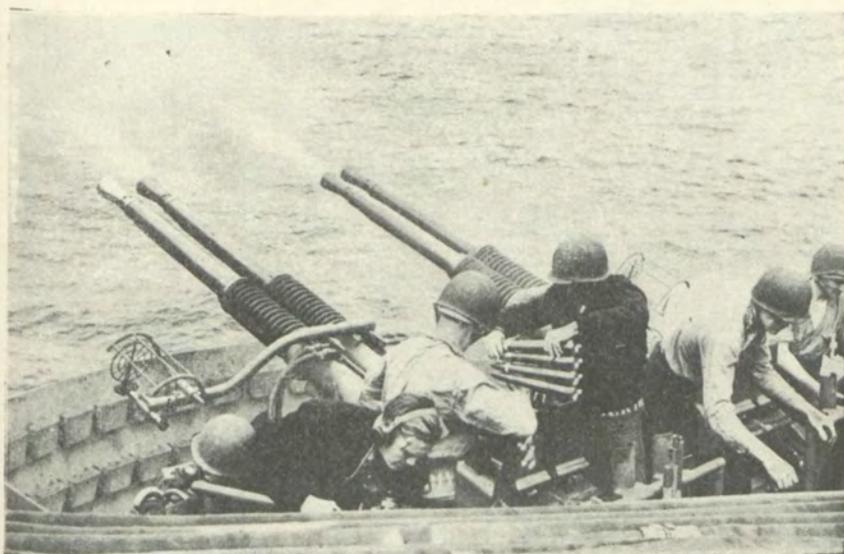
Actualidades Gráficas

Desembarque americano nas ilhas do Pacífico Sul



A fotografia mostra um aspecto de um desembarque dos fuzileiros navais norte-americanos nas praias de Nanumea, no Pacífico Sul

Aspectos da actividade militar dos E. U. A.

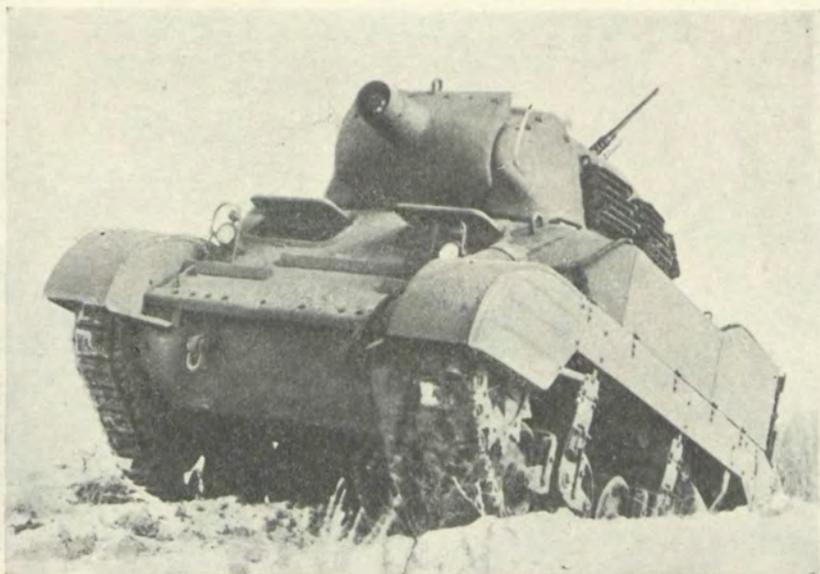


Bateria de peças anti-aereas «Bofors» de 40^{mm}, de bordo de um porta-aviões da Armada Americana



Novo tipo de navio americano de desembarque. A fotografia mostra um carro de combate americano desembarcando numa praia de Cape Gloucester, na ilha da Nova Bretanha

Aspectos da campanha do Exército Americano



Novo modelo de carro de combate americano. É armado com um canhão de 7,5^{mm} e uma peça anti-aérea de 50



Um reconhecimento de auto-metralhadora penetra na selva do Pacífico próximo de Cape Gloucester, ilha de Nova Bretanha. Sobre o carro um fuzileiro comunica pela rádio com o posto de comando

Fusileiros navais americanos



ARQUIPÉLAGO DE SALOMÃO — *Uma patrulha de fusileiros navais americanos, acompanhada pelos seus cães, marcha através da selva, na Ilha de Bougainville*



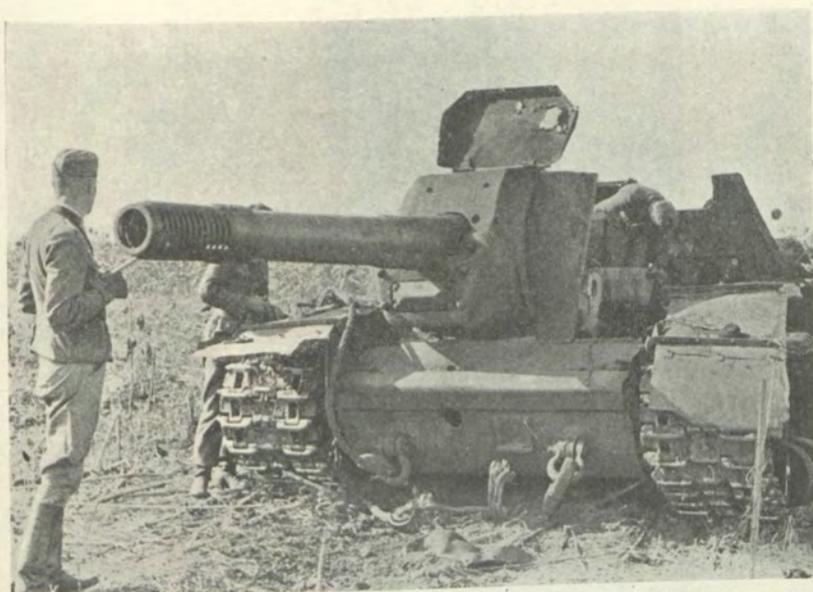
NOVA BRETANHA — *Travessia de um rio pelos fusileiros navais americanos*

Novos modelos de equipamentos



*Novo equipamento de borracha dos aviadores da Real Fôrça Aérea
Canadiana*

Novos armamentos dos Exércitos em luta



FRENTE LESTE — *Novo carro de combate russo*



FRENTE LESTE — *D. T. C. A. de uma coluna motorizada em marcha*

A camuflagem no Exército Alemão



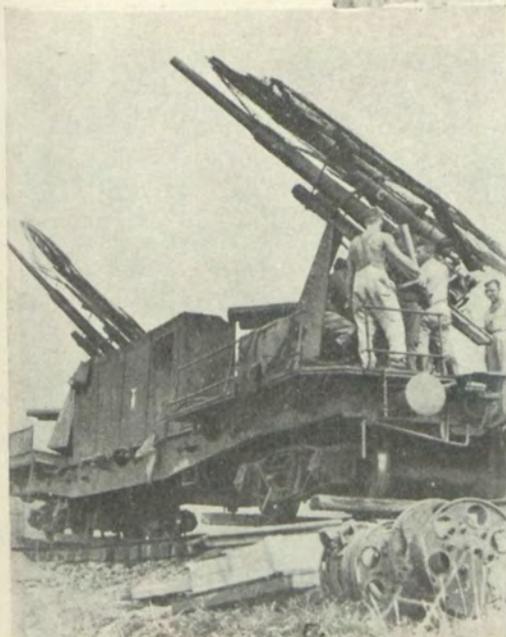
1) Metralhadora anti-aérea camuflada.



2) A mesma metralhadora fazendo fogo.

Novo material alemão

*Metralhadora usada pelo
exército alemão*



*Peças de artilharia anti-
-aérea alemã, para pro-
tecção de combóios mili-
tares*

Aspectos da campanha da Rússia

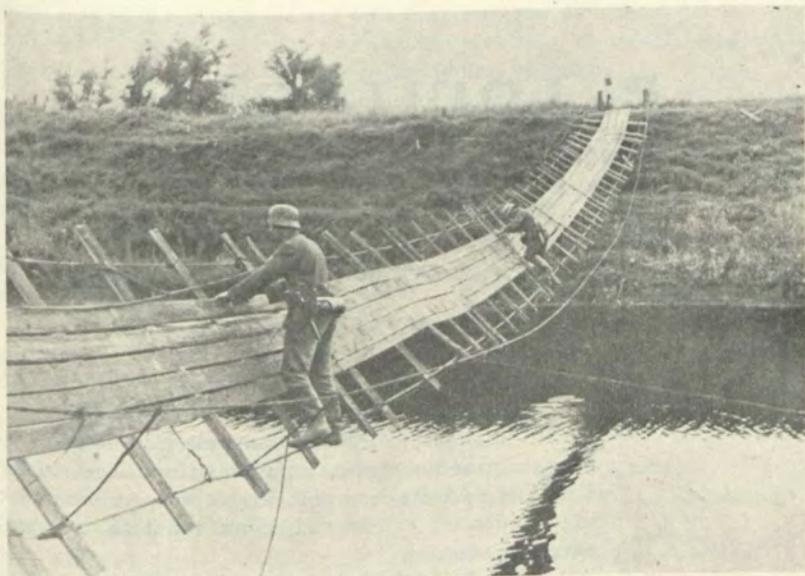


FRENTE LESTE — *Uma peça de artilharia pesada alemã, fazendo fogo sôbre Leninegrado*



FRENTE LESTE — *Canhão da D. C. A. alemã, em acção*

Aspectos da Frente Leste



FRENTE LESTE — *Construção de uma ponte improvisada, para dar passagem a tropa de infantaria*



FRENTE LESTE — *Último modelo de morteiro usado pelo exército alemão, e respectiva guarnição*

A EQUITAÇÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

L. de Sévy



Para o homem primitivo a «luta pela vida» foi, no sentido próprio do termo, uma imperiosa necessidade. Esta luta revestia formas diversas, mas, geralmente, o vigor físico era considerado como condição indispensável do sucesso.

A admiração professada pela maior parte dos antigos pela força física, a única que conheciam, explica-se como uma sobrevivência da mentalidade do homem primitivo, que na pré-história era forçosamente obrigado a lutar com os animais.

O culto da força parece ter sobrevivido à sua necessidade...

Esta mentalidade de lutador encontra-se no domínio da Equitação, honroso desporto desde a antiguidade.

Para os antigos, o cavaleiro devia impor-se ao cavalo, como o resultado de uma luta em que este tinha de sair vencido. O atavismo observável no mundo animal, atenuando as nossas dificuldades de ensino, não nos permite hoje julgar se esta concepção se impunha antigamente em todos os casos. O ensino de certos cavalos americanos, bruscamente arrancados à vida selvagem, permite-nos, pelo menos, concebê-lo.

Com uma tal mentalidade, facilmente se compreende que o cavaleiro da antiguidade tenha usado no ensino do cavalo todo o vigor dos seus músculos. Para melhor entalar o cavalo entre as coxas, a posição «enforquilhada» parecia-lhe a melhor. Para ser senhor da velocidade, utilizava freios potentes, que lhe pareciam mais adequados ao fim em vista, servindo-se deles com toda a brutalidade.

Êstes princípios guiam a maior parte dos cavaleiros durante a Renascença e até La Guérinière; a equitação é considerada então como uma arte difícil e perigosa. O cavalo, mais vigoroso do que o homem que o monta, para ser submetido deve ser vencido. O cavaleiro colocado a cavalo «em força» continuará a recorrer à potência muscular aumentada por terríveis freios, cabeções e outros instrumentos de tortura.

Com La Guérinière, impregnado das idéias do «Grande Século», o respeito pela estética e pela «graça» do cavaleiro a cavalo, primam, acima

Revista da Cavalaria

de tudo, levando-o a procurar a descontração e a posição chamada natural, que será por assim dizer uma manifestação de arte.

A submissão do cavalo torna-se um resultado do ensino progressivo e nunca mais uma feliz consequência de luta vitoriosa.

No fim do século XVIII, aparecem as obras de du Paty de Clam que dão uma nova orientação aos estudos eqüestres. À equitação estética e chamada natural de La Guérinière, du Paty de Clam propõe-se, pelo estudo do corpo do homem e do cavalo e pela aplicação das leis da mecânica, substituir os processos racionais de ensino e equitação.

Os autores que sucedem a du Paty de Clam, inspiram-se, exageradamente por vezes, nas directivas deste mestre, que não escapou aos criticos seus contemporâneos.

No estudo que vai seguir-se ⁽¹⁾ distinguiremos 5 períodos:

- Equitação antiga na Grécia e em Roma;
- Equitação da Renascença até La Guérinière;
- La Guérinière e a Escola Francesa;
- Equitação racional: du Paty de Clam e seus sucessores;
- Estudo dos regulamentos depois de 1766 até aos nossos dias.

A Equitação na Grécia e em Roma ⁽²⁾

Nos poemas homéricos, Castor é representado como um domador de cavalos. Uma tradição da época de Herodoto, supõe que as Amazonas combatiam a cavalo. Segundo dados posteriores, a época pré-histórica teria dado consumados cavaleiros, tais como Adrasto e outros.

No tempo de Homero, os guerreiros não montavam a cavalo durante as suas expedições, salvo em casos de absoluta necessidade, pois o carro era de uso corrente nos exércitos gregos, como em todos os exércitos do Oriente daquela época.

Quando os heróis da Iliada não combatiam a pé, eram sempre representados sobre os carros. Não se deve, no entanto, julgar que se não montava a cavalo nos tempos da guerra de Troia; o episódio do rapto dos cavalos de Rhésus por Diomedes ⁽³⁾ e Ulisses, prova o contrário.

⁽¹⁾ Para o qual o autor recorreu várias vezes aos estudos do General Mennessier de la Lance: *Essai de Bibliographie hippique*.

⁽²⁾ Este capítulo é o resumo dos estudos feitos sobre o assunto pelo Sr. Tardif, antigo aluno da Escola de Chartes, a quem apresentamos aqui os nossos agradecimentos.

⁽³⁾ N. T. — Diomedes — Rei da Trácia que mandava matar todos os viajantes para alimentar os seus cavalos com carne humana. Aplicando-lhe a pena de Talião, Hércules matou-o, fazendo-o devorar pelos seus próprios cavalos (Mitologia).

Revista da Cavalaria

I — Origem da equitação na Grécia e em Roma

A equitação desenvolveu-se graças à instituição das corridas — a primeira teve lugar 680 anos a. C. — e às necessidades da guerra.

No princípio do século VI antes da nossa era, a cavalaria ateniense, organizada por Solon, não dispunha de mais de cem cavalos; Pericles calcula o efectivo em mil homens.

As guerras de Alexandre marcam o mais alto grau atingido pelos gregos na arte da equitação.

Os Macedónios constituíam um povo de cavaleiros; o seu gôsto natural pelo cavalo e a habilidade com que o montavam, desenvolveu-se ainda mais pelo contacto com os Persas, excelentes na arte de equitação, donde tiraram grande parte da sua fôrça militar.

O uso dos estribos marca uma grande diferença entre os povos antigos, a Idade Média e os tempos modernos, pois o seu uso dá uma segurança preciosa ao cavaleiro armado, não só para montar rapidamente, como também para conservar a sua posição a cavalo. Assim, Gregos e Romanos, foram menos senhores de si a cavalo do que nós.

A equitação foi considerada pelos gregos como o exercício mais digno do homem, próprio para manter a agilidade, flexibilidade e beleza do corpo, e dos mais úteis para a educação da mocidade.

Os jovens atenienses recebiam lição de equitação a partir dos 14 anos e quando atingiam a adolescência estavam completamente aptos a montar a cavalo. É provável que durante a mesma época aprendessem a manejar as armas a cavalo.

A mais antiga obra de equitação é atribuída a Xenefonte (1). Nela se lê (tradução do barão de Curnieu, pág. 79) a propósito da posição do cavaleiro a cavalo:

«Uma vez montado, quer em «pêlo» quer com o cavalo equipado, ninguém se deve sentar como sôbre uma cadeira, mas direito como se estivessemos de pé com as pernas abertas: assim sentiremos melhor o cavalo entre as coxas».

Esta posição que hoje nos surpreende, é preconizada por todos os autores até La Guérinière, e verdadeiramente só foi abandonada a partir de 1829.

A equitação foi incluída no ciclo de estudos a ministrar aos jovens romanos de condição nobre. Catão, o Antigo, ensinava pessoalmente esta arte a seu filho.

(1) N. T. — Historiador, filósofo e general ateniense. Depois de se ter distinguido na guerra do Peloponeso, dirigiu a retirada dos Dez-Mil. Entre várias obras notáveis conta-se o seu tratado sôbre Equitação. Morreu cêrca de 320 anos a. C.

Revista da Cavalaria

II — Andamentos empregados

Os andamentos (*gressus*) mais vulgares no cavalo são: o passo (*gradus*), o trote (*solutium ire*) e o galope (*equo concitato vehi*). Deve notar-se que para Xenefonte o pé esquerdo é no galope o «bom pé». Os gregos não conheciam a «andadura» pois nem Xenefonte nem Aristóteles lhe fazem qualquer alusão. Só Plineo o Antigo a descreve quando diz que os cavalos devem receber no picadeiro lições sobre este «andamento». Os antigos conheceram ainda a «curveta» (*minuti gressus*) e tudo quanto dela se pode tirar para maior luzimento dos cavalos de torneio.

III — Os movimentos e as voltas (gyri)

Autores latinos e gregos descrevem muitas vezes esta parte principal dos exercícios equestres. O objectivo principal em vista é tornar o cavalo dócil às indicações de mão, o que Xenefonte chama «torná-lo flexível tanto sobre uma barra como sobre outra». Xenefonte recomenda as voltas «em «entrave ou peia» assim chamadas por descreverem sobre o solo a figura do número 8. Este exercício ainda hoje se usa; Xenefonte, no entanto, aconselhava o entrave oval na entrave circular, «porque o cavalo volta mais francamente depois de ter percorrido uma determinada distância em linha recta».

IV — Saltos de obstáculos (exultare)

Num país tão acidentado como a Grécia não se podia expor a cavalaria à sorte dos combates sem prever a sua utilização através dos terrenos mais variados. Alguns julgavam o caso resolvido treinando os cavalos apenas nas descidas, mas Xenefonte — que conhecia perfeitamente os métodos empregados pelos persas — levou-os ao treino tanto de descidas como de subidas, e à transposição de obstáculos naturais (fossos e banquetas). Xenefonte recomenda ainda ao cavaleiro que deve segurar-se às crinas do cavalo no momento deste se elevar, não para evitar a queda do cavaleiro, mas para aliviar a boca do cavalo.

V — Equitação militar

É, principalmente, ao cavaleiro militar, que Xenefonte, Simon e Plineo o Antigo dedicam os seus tratados. Às evoluções da cavalaria juntavam os exercícios com o dardo e a lança. Os cavaleiros romanos tinham a mais do que os auxiliares estrangeiros a sobrecarga do peso das armas; por isso eram treinados a saltar completamente armados sobre as suas montadas. Uma vez a cavalo, o soldado passava a lança da mão esquerda para a direita, onde ficava. Xenefonte recomenda o hábito de montar pela

Revista da Cavalaria

direita, determinação conservada sempre pelos exércitos romanos. A parte inferior da lança facilitava o montar a cavalo; com esta mesma extremidade aplicada sobre o flanco direito do cavalo se fazia a passagem do trote ao galope para a esquerda. Com a lança na mão direita o cavaleiro romano apenas governava o cavalo com a esquerda.

Os povos de raça africana, como os Númidas, não empregavam o freio na condução dos cavalos; passavam pela focinheira uma corda pouco ajustada e faziam as mudanças de direcção por toques de chibata sobre as tábuas do pescoço, montando sempre em «pêlo» sem xairel ou selim. Os romanos praticavam igualmente este método. Em circunstâncias críticas, os oficiais romanos, antes de carregar, travam os ferros da boca dos cavalos.

Renascença da arte eqüestre

A arte eqüestre, muito honrosa na Grécia, primeiro, e depois em Roma, cai no esquecimento como as outras artes, depois da queda do Baixo-Império.

É preciso esperar pela Renascença, para reencontrar, juntamente com as outras artes, a arte eqüestre.

Princípio da Renascença até La Guérinière

Foi principalmente em Nápoles, que a arte eqüestre renovada, foi cultivada e ensinada.

Um fidalgo napolitano, Frederico Grison, foi o primeiro a escrever os seus preceitos.

Publicou por 1550 um tratado de equitação que obteve um successo prodigioso e do qual se tiraram numerosas edições em várias línguas da Europa.

Os seus conceitos, porém, foram diversamente interpretados.

Diz o General Mennessier de la Lance: «Encontram-se nesta obra preceitos muito diferentes que parecem por vezes contradizer-se. Imputando ao cavalo uma inteligência quasi capaz de raciocínio e uma vontade reflectida, attribui as resistências à sua má vontade. Assim, passando com suavidade, paciência e sábia progressão pelas várias fases do ensino, não tolera qualquer resistência ou defesa, attribuindo immediatamente a qualquer delas uma «premeditada má vontade»... aparecendo então os castigos!... a sua brutalidade, barbaridade e variedade, fazem muitas vezes supor ao leitor superficial que tais castigos formavam a base da equitação desses tempos».

Revista da Cavalaria

Pela mesma época, César Fiaschi, fidalgo italiano, funda em Ferrare uma escola de equitação e deixa um discípulo famoso, João Baptista Pignatelli que por sua vez foi o mestre de La Broue e de Pluvinel.

A sua obra, escrita em italiano, deu lugar a numerosas edições e a muitas traduções em francês; escrita em 3 volumes, trata, respectivamente, de embocaduras, equitação e ensino e ferração.

Diz-nos ainda o General Mennessier de La Lance:

«O livro I descreve os instrumentos de tortura, numerosos, variados e engenhosos, cuja escolha constituiu durante século e meio a parte principal da ciência do mestre de equitação. Naturalmente, Fiaschi não se apercebeu que a razão das defesas do cavalo, e a sua ruína prematura após o ensino, ruína que assinala e deplora, resultavam precisamente do suplicio que êsses terríveis freios lhe produziam».

«O livro II, *Equitação e ensino*, apresenta algumas coisas boas e muitas más: como Grison, recomenda doçura e cuidada progressão a principio; mas, tal como Grison, não admite a mais pequena resistência sem recorrer aos meios mais violentos e «depois de severos castigos»... é preciso ler o detalhe para apreciarmos a brutalidade!»

O mais considerado dos mestres de equitação italianos foi o célebre Pignatelli. Infelizmente, dêste famoso mestre napolitano de renome universal, apenas conhecemos as obras dos seus discípulos La Broue e Pluvinel.

Salomon de La Broue

Nascido na Gasconha, Salomon de La Broue foi pagem do Conde de Aubigoux a quem acompanhou nas armas, nas corridas e na caça; viajou em seguida pelo estrangeiro, principalmente pela Itália onde foi, durante 5 anos, discípulo do célebre Pignatelli.

No fim da sua vida, em 1610, decidiu-se a escrever um tratado sobre equitação, *A Cavalaria Francesa*, fruto da sua longa experiência e das suas pacientes observações.

«O livro de La Broue é o primeiro tratado de equitação escrito por um equitador francês. A publicação desta obra valeu ao seu autor uma justa celebridade, perpetuada até aos nossos dias, e foi com razão que o Conde de Laucosme-Bresve chamou a La Broue «o restaurador da equitação francesa».

La Broue foi muitas vezes mal julgado por criticos que apenas o leram superficialmente.

Foi, principalmente, acusado de bárbaro e de uma brutalidade revoltante. Esta acusação parece excessiva: sem dúvida, como todos os equitadores do seu tempo, — principalmente os da escola italiana, que atribuíam as resistências do cavalo à sua má vontade — usou algumas vezes de castigos rigorosos.

No entanto, antes de chegar a tais extremos, era paciente, recomendando sempre o trabalho progressivo, a suavidade, o estudo do carácter

Revista da Cavalaria

de cada animal e a sobriedade nas exigências, seguindo atentamente o desenvolvimento das forças do cavalo.

Os seus conselhos para o ensino de cavalos difíceis e extraordinariamente ardentes, são de ler de uma ponta à outra, sendo igualmente testemunho da sua paciência e critério o seu formidável espírito de observação, sua qualidade dominante».

La Guérinière, na sua *Escola de Cavalaria*, apela muitas vezes para a autoridade d'êste equitador.

Pluvinel

António de Pluvinel, fidalgo do Delfinado, também foi discípulo de Pignatelli, sob a direcção do qual trabalhou 6 anos.

O primeiro picador de Carlos IX estando em Itália a comprar cavalos, conheceu Pluvinel. Voltou a França com êle e apresentou-o ao Duque de Anjou (mais tarde Henrique III) que o fez seu primeiro picador levando-o consigo para a Polónia.

Encarregado da instrução eqüestre de Luiz XIII, escreveu para o seu régio aluno *A instrução do Rei*, publicada só em 1625, 5 anos depois da sua morte.

Num capitulo célebre, chama a atenção do seu aluno para a posição a cavalo do Sr. de Ternes *les belles et bonnes postures qu'il faut avoir*.

«Admirai também, diz, a maneira como aflora o selim, apenas lhe tocando a meio, evitando encontrar o arção *com mêdo de se sentar*: porque é preciso estar direito tal como se estivessemos de pé (Fig. 1). Reparai como tem as coxas direitas, o estômago saliente, quebrando um pouco pela cintura».

«Observai a posição avançada das pernas e a ponta do pé fortemente apoiada sobre o estribo, junto da espádua do cavalo, o calcanhar descido e voltado para fora».

«Veja ainda os joelhos unidos com tôda a força... É esta a posição que desejo para o meu aluno para que seja considerado um perfeito homem de cavalos...»

O cavaleiro de Pluvinel é duro, os rins são cavados, mas enquanto La Broue se não conseguiu desembaraçar dos processos violentos e bárbaros dos mestres italianos, Pluvinel sabe usar no ensino uma suavidade que recomenda a todo o instante. É o primeiro a perceber que quando o cavalo se defende ou resiste o não faz por *obstinação premeditada*, mas porque não compreende o que lhe pedem, e por isso não usa os castigos selvagens de Grison e tantos outros.

Leva a sua honestidade de processos ao ponto de se julgar mal interpretado quando recomenda ao Rei:

«Sire, quando digo que não se deve bater de comêço no cavalo, eu quero dizer que se não deve bater nem no comêço nem a meio nem no fim, pois melhor será ensinar com paciência e generosidade do que com violência, pois o cavalo que trabalhar por prazer tem mais graça do que

Revista da Cavalaria

aquêles que é levado pela força. Assim evitaremos ainda desagradáveis acidentes ao homem e ao cavalo... o homem evitará o ferimento e o cavalo, não perdendo a graça natural, evitará a ruína prematura.

«Se um cavalo se recusa a obedecer é preciso que o cavaleiro prudente considere o motivo de tal recusa. Se o cavalo é impaciente ou ardente, é preciso evitar bater-lhe, desde que êle ande para diante».

Eis enunciado o grande princípio do movimento para a frente, primeira qualidade do cavalo de sela, e solução lógica e feliz de tôdas as dificuldades que possam nascer entre o cavaleiro e a sua montada.



Fig. 1

*Posição do cavaleiro segundo La Broue e Pluvinel
(fins do século XVI)*

Com medo de se sentar, o cavaleiro mantém-se direito como se estivesse de pé... apoiando-se fortemente sobre o estribo junto da espádua

La Broue, ao contrário, considera como vício capital, como a defesa mais perigosa e a mais vulgar nos cavalos, a acção de forçar a mão. Isto explica, só por si, a superioridade de Pluvinel que consegue domar e ensinar os cavalos mais difíceis, particularmente um cavalo berbére do Rei, sobre o qual La Broue, depois de o ter trabalhado à sua maneira durante muito tempo, declarou «não servirá nunca para ninguém porque sendo muito sensível tem as barras muito duras».

Pluvinel é o primeiro a usar como instrumento de ensino o «*chamberièr*» e os pilões.

Revista da Cavalaria

Newcastle

Trinta e dois anos depois da publicação da obra de Pluvinel, apareceu em Antuérpia a célebre obra do Duque de Newcastle, *Método novo e extraordinária invenção para ensinar cavalos*.

No capítulo «*Posição perfeita*» Newcastle prescreve:

«...Logo que esteja a cavalo deve o cavaleiro *montar sobre a forquilha e não sentar-se sobre as nádegas*, ainda que muitos julguem que a natureza lhas deu para sobre elas se sentarem. Estando então bem enforquilhado no meio da sela, deve o cavaleiro chegar-se à frente, deixando a largura de uma mão entre o seu corpo e o arção da sela, tendo as pernas direitas e descidas como se estivesse a pé, com os joelhos e coxas voltadas para dentro, serrados e unidos como se estivessem colados ao selim. Não tendo o cavaleiro mais do que o contra-pêso do corpo para se manter a cavalo, deve firmar-se sobre os estribos, o calcanhar mais baixo que o artelho; o jarrête deve manter-se fixo, as pernas nem muito afastadas nem tão próximas do cavalo que lhe toque sem querer nos flancos. O cavaleiro não deve ser rijo como um pau ou uma estátua, mas ao contrário, flexível, quere dizer, «à vontade».

«A posição a cavalo é de tal importância, como abaixo diremos, que é preferível a tôdas as ajudas. E ainda mais, direi mesmo com tôda a convicção que aquêle que não fôr «bonito» a cavalo não poderá vir a ser nunca um bom cavaleiro. Quanto a rédeas, ensinar-vos-ei no decorrer dêste capítulo, aquilo que nunca foi conhecido até hoje».

Êstes processos «desconhecidos» que Newcastle apresenta como coisa maravilhosa, consistiam, principalmente, no uso imoderado de um cabeção da sua invenção. Com êste instrumento, suprime o movimento basculante do pescoço, quebrando e dobrando-o, pela acção de uma rédea, prêsa do cabeção à sela, razão por que o maravilhoso cavalo, acabava por andar olhando a bota do cavaleiro (Fig. 2).

Abandona os processos suaves de Pluvinel para regressar aos mais violentos: «É pelo mêdo que se conseguem tôdas as coisas, tanto para os homens como para os animais. É preciso, pois, que o cavalo tema o cavaleiro, pois o mêdo é a base de ensino do cavalo. O mêdo torná-lo-á obediente, e o hábito de obedecer torna o cavalo ensinado. Creiam-me, pois além de um conselho de amigo, esta é a verdade».

Apesar dos elogios que Newcastle faz a si próprio, não conseguiu evitar para a sua obra, críticas severas e justificadas. Deixou-nos apenas um bonito livro, bem impresso e com gravuras muito interessantes (General Mennessier de La Lance).

Êstes processos bárbaros de domínio e constrangimento, provocaram grande reacção, reacção que foi a glória da escola francesa que substituiu os processos cruéis e desastrosos de então, pelo ensino metódico e progressivo do cavalo. A oportunidade e a habilidade substituíram com vantagem o rigor e a brutalidade.

O tato eqüestre nasceu em França.

Revista da Cavalaria

Equitação natural e estética

La Guérinière

François-Robichon de La Guérinière, discípulo de Vandeuil, funda uma «Academia» em 1715 — ano em que morreu Luis XIV — no cruzamento da rua Vaugirard com a de Tournon.



Fig. 2

Posição do cavaleiro segundo Newcastle (meados do século XVII)

O cavaleiro deve montar sobre a forquilha e não sobre as nádegas... as pernas direitas e caídas como se estivesse de pé

A sua reputação foi tal que em 1730 o «Grande Ecuyer», Príncipe Carlos da Lorena, chamou-o para a Academia das Tulherias que dirigiu até morrer.

La Guérinière foi o primeiro mestre que aplicou à equitação o estudo da natureza e das leis da mecânica. Em lugar de montar o cavaleiro sobre a forquilha, fê-lo sentar-se sobre as nádegas; assim, o peso do corpo em vez de cair sobre os estribos, gravitará de futuro sobre os isquions. As coxas ficarão à vontade e ligeiramente oblíquas, mantendo-se nesta posi-

Revista da Cavalaria

ção pelo relaxamento dos músculos e pela acção da gravidade. Assim, a posição a cavalo pela flexibilidade e equilibrio de tôdas as partes do corpo, substitui a posição forçada. A condução do cavalo pelo acôrdo entre a mão e as pernas, substitui os meios violentos e os instrumentos de constrangimento empregados por La Broue, Pluvinel, Newcastle e Eisenberg. O arreo é transformado em resultado destas modificações essenciaes: a sela chamada «à italiana» com a arcada da frente e patilha muito elevadas, encaixando o cavaleiro até à cintura e obrigando as coxas a manterem a posição vertical, foi substituída pela sela «à francesa» com a arcada da frente e patilha pouco elevadas e o coxim mais largo e comprido, permitindo assim ao cavaleiro montar sôbre as nádegas e às coxas tomarem uma certa obliquidade.

Os freios antigos, instrumentos martirizantes, desaparecem para darem lugar aos freios ligeiros, simples e suaves; de futuro será na posição, prudência e habilidade da mão que se encontrarão os meios de dirigir, conduzir e parar tanto os mais brandos como os mais ferozes corséis.

Todavia, La Guérinière não conseguiu libertar-se completamente dos velhos preconceitos, nem escapar a certas contradicções, pelo menos apparentes. Obriga, de facto, o cavaleiro a montar sôbre as nádegas, em vez de o colocar sôbre a forquilha; mas anula êste progresso, fazendo-o quebrar e arquear o rim para a frente de modo a chegar o tronco o mais perto possível do cepinho, resultando daqui montá-lo novamente sôbre a forquilha. Prescreve que as coxas e as pernas caiam naturalmente, mas dá àquelas um grau de inclinação ou extensão tão próximo da vertical e obriga a um comprimento de estribos tal, que a posição daqui resultante não pode ser conservada sem fôrça nem contracção (condição rigorosamente imposta por La Guérinière e seus continuadores).

Com a posição sentada e o apoio do busto sôbre as nádegas, consegue La Guérinière a «descontracção» do cavaleiro. Esta permite juntar a uma flexibilidade até aí desconhecida, o emprêgo preciso e delicado das ajudas.

O cavalo reconhece no dono não um domador mas um amigo, e passa desde então a trabalhar com alegria e descontração. A energia é substituída pela graça, considerada agora como o melhor predicado do cavaleiro.

«A graça é o maior ornamento do cavaleiro — diz La Guérinière — e ao mesmo tempo um grande avanço para a ciência, devendo, todo aquêle que pretende vir a ser um homem de cavalos, procurar acima de tudo adquirir tal qualidade. Entendo por graça, aquêle ar de à-vontade que o cavaleiro precisa manter numa posição direita e livre, quer para se agüentar e segurar a cavalo quando é preciso, quer para se abandonar mantendo tanto quanto possível e em todos os movimentos feitos pelo cavalo, aquêle justo equilibrio que depende do contra-pêso do corpo bem distribuído, e que os seus movimentos sejam tão subtis que mais pareçam embelezar a sua posição do que ajudar o cavalo».

Depois d'êste preâmbulo é natural julgar que a equitação de La Guérinière se vai tornar temperada, affectada, sacrificando tudo à graça ou à aparência de à-vontade; no entanto, tal maneira de ver, diz apenas respeito

Revista da Cavalaria

à equitação fina, pois colocando-se a graça à cabeça dos principais defeitos da decadência da cavalaria, introduz-se a força na equitação militar.

Os detalhes da posição são indicados como se segue (Fig. 3):

«Sentar-se precisamente a meio da sela, cintura e nádegas avançadas, a fim de se afastar do arção da retaguarda; é preciso manter os rins arqueados e firmes para resistir aos movimentos do cavalo.

«A cabeça direita e sôlta; ombros descontraídos e um pouco para trás.

«Os braços unidos pelos cotovelos, juntos ao corpo sem contracção, caindo natural mente sôbre os quadris.



Fig. 3

Posição do cavaleiro segundo La Guérinière (meados do século XVIII)

O cavaleiro deve «sentar-se precisamente a meio da sela» o que explica a descontração e à-vontade do cavaleiro representado acima, atitude que contrasta com a dos cavaleiros de Newcastle e Pluvinel

«As coxas e os joelhos virados para dentro, de modo que a parte chata da coxa fique, por assim dizer, colada à aba da sela.

«As pernas firmes, ainda que livres e sem tocar o cavalo, estendidas sem irem demasiadamente para trás, para que as ajudas não venham dos flancos, que são uma parte muito dolorosa e sensível para que se apliquem as esporas.

«O calcanhar mais baixo do que a ponta do pé e mais para dentro do que para fora; a ponta do pé deve ultrapassar o estribo uma ou duas polegadas apenas.

Revista da Cavalaria

«A bem dizer, não são as pernas que se devem voltar para dentro, mas sim todo o conjunto desde a parte superior das coxas».

Resumindo: cintura avançada, rins firmes, costas direitas; não notamos ainda a idéia de desenvolver nem mesmo de utilizar o jôgo vertical do rim. Mas adivinhamos já o desejo de chegar a uma posição mais natural, a única compatível com a descontração.

La Guérinière mereceu o título de pai da equitação francesa. «É certo — diz-nos ainda o General M. de La Lance — que os seus ensinamentos se aplicam, principalmente, à equitação de picadeiro, mas é sem razão que o acusam de só dela ter tratado. As poucas páginas que consagrou ao cavalo de guerra e de caça contêm muitos ensinamentos que ainda não envelheceram.

Equitação Racional

Princípios gerais — Filosofia da equitação — Apellando para a ciência

Du Paty de Clam

Du Paty de Clam é o primeiro a tentar a teoria racional da equitação. As suas obras, escritas no seculo XVIII, reflectem as aspirações racionais e científicas do seu tempo

Primeiramente, Du Paty de Clam, constata a diversidade de métodos em uso para a instrução do cavaleiro e o conflito de opiniões contrárias, mal escoradas em razões de sentimento e de moda. «A equitação ainda não caminha ao lado da ciência...; abandonada a homens muitas vezes ignorantes, é considerada, desde há muito como um simples exercício, que as observações e os princípios não enobreceram. A arte estava sujeita à moda; o mestre ensinava aos alunos princípios ou fórmulas que não podia explicar... Nós temos homens que na parte de execução entusiasmam o espectador, mas a parte demonstrativa ainda está muito presa a preconceitos. Tudo depende do sentimento e como cada um tem a sua maneira de sentir e de julgar, tal sistema adoptado numa escola é proscrito noutra».

Du Paty de Clam não hesita em pôr em dúvida a pretendida «ciência» dos melhores executantes. «Objectar-me-ão em vão com a ciência dos grandes homens que nos precederam, ciência que eles apenas deviam à prática: se lhes pedisse provas desta pretendida ciência, que me responderiam elles»?...

Revista da Cavalaria

Perante a diversidade de princípios de equitação, protesta em nome da razão que quer que a verdade seja uma. Parece-lhe intolerável que o aluno, saltando de uma escola para outra, receba assim os conselhos mais dispares e muitas vezes opostos: «Como as regras de cada autor, não são as mesmas, cada livro traz o seu princípio... nada mais prejudicial ao progresso da arte e à instrução dos alunos. Com efeito, como descobrir a verdade no meio de tanta contradição... qual o mestre a seguir? Todos põem o seu método acima dos outros e a maioria não escreve senão para blasfemar e diminuir os que têm o mesmo ofício: como se os defeitos de uns provassem a habilidade dos outros».

Para obter a unidade de doutrina que a «ciência» e os conselhos contraditórios dos melhores executantes são incapazes de conseguir, du Paty de Clam procura um método racional, o único capaz de provocar uma discussão fecunda e de pôr fim a este imbróglio de prescrições contraditórias, e diz-nos: «Considero útil e mesmo necessário juntar o trabalho de gabinete ao exercício a cavalo. Procurei socorrer-me da ciência físico-matemática e da anatomia...»

Recorrendo sistematicamente às formas essenciais do raciocínio, da dedução e da indução, procura alternadamente «a causa pelo efeito e o efeito pela causa».

Du Paty de Clam, não se contentando com directivas gerais, precisa a natureza do trabalho «de gabinete» pedido ao equitador. O estudo recairá, principalmente, sobre a mecânica e a anatomia. «O estudo das leis do movimento, diz êle, é sem dúvida o que deve preocupar todo o homem que deseje aprofundar a equitação... ali encontrará soluções satisfatórias para uma infinidade de problemas que a arte impõe a todo o momento...»

Reconhece que este trabalho será árduo porque «a natureza se não revela senão àquêles que a acompanham constantemente; avara dos seus segredos, é preciso tirar o véu que a cobre, para merecer os seus favores».

O autor dá, entretanto, o primeiro lugar à prática porque a teoria não pode resolver tudo porque «não se pode ensinar a arte de sentir, e transmitir, nem transmitir o tato e a intervenção oportuna e delicada que só com a prática aparecem».

As obras de du Paty de Clam contêm ainda indicações precisas sobre a instrução a cavalo: «A cavalaria é a arte de montar cavalos e de os ensinar. Esta arte divide-se em 3 partes principais: a primeira, ensina o homem a colocar-se sobre o cavalo; a segunda, faz-nos conhecer as operações que se exigem do animal; a terceira, determina o momento exacto da execução dos diferentes movimentos, quer do homem, quer do cavalo».

Falando da posição do cavaleiro diz: «A posição menos afectada é — segundo opinião de todos os mestres — a mais própria para montar e trabalhar um cavalo; todos os homens, no entanto, se julgam bem a cavalo, mas apenas um pequeno número o está na verdade».

«Tenho muitas vezes aconselhado a que se siga a natureza e as suas regras, para colocar um homem a cavalo, notando que ninguém o consegue convenientemente, apesar disso, sem o auxílio da arte».

Considera esta adaptação (negada por Bohan e Chabannes) indispensável e aconselha-a de princípio progressiva e racional. «Não corrijo ao

Revista da Cavalaria

mesmo tempo todos os defeitos dos meus alunos; assim como a sua atenção não pode chegar para tudo, também o seu corpo não poderá executar ao mesmo tempo tudo quanto se lhe queira pedir. Depois de estudar a constituição do corpo do aluno, conduzir-me-ei segundo o que éle pode dar...»

É ainda pela ciência que o autor procura a solução dos problemas que se prendem com a posição a cavalo: «A geometria, a anatomia e a mecânica dão-nos à porfia as primeiras regras da equitação». (É com êste fim que sucessivamente du Paty de Clam apresenta o cavaleiro esqueleto e o homem nu a cavalo, Figs. 4 e 5).

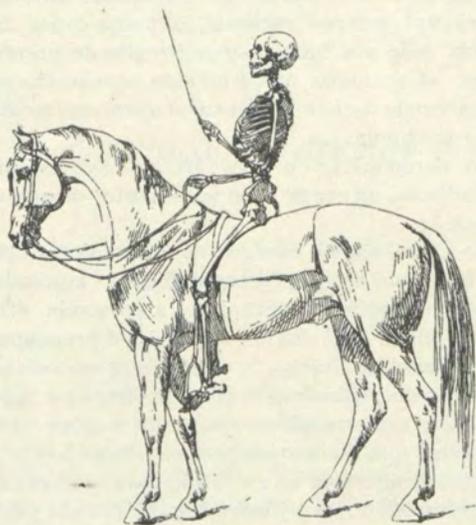


Fig. 4

Cavaleiro esqueleto de du Paty de Clam (fim do século XVIII)

Esta representação do esqueleto do homem a cavalo prova o desejo do autor de estudar a fundo a posição racional do cavaleiro; êste estudo é hoje vantajosamente ajudado pela radiografia

Aplicando os princípios precedentes, declara que o centro de gravidade do cavaleiro, para não perturbar o equilíbrio natural do cavalo, deverá manter-se sobre a mesma vertical do centro de gravidade da sua montada. Depois, falando da posição do tronco do cavaleiro, apresenta o seguinte raciocínio: «Quantos mais pontos de apoio tem uma massa, mais sólidamente ela se mantém. Dois pontos de apoio não são suficientes se não tiverem uma determinada largura; é, pois, de toda a vantagem, juntar-se-lhe um terceiro. O tronco do corpo humano pode assentar a cavalo

Revista da Cavalaria

sobre as duas tuberosidades do isquion, ou sobre estas duas e sobre o coccix, que fará o terceiro ponto de apoio (1).

Para o conseguir, o cavaleiro «escorregará com as nádegas de modo a poder sentar-se sobre o coccix».

Du Paty de Clam indica que estas disposições preliminares não bastarão sem a conveniente flexibilidade do rim.

... Este autor que agita tantas idéias novas, pressentiu algumas objecções e assim, depois de ter largamente dissertado sobre as condições

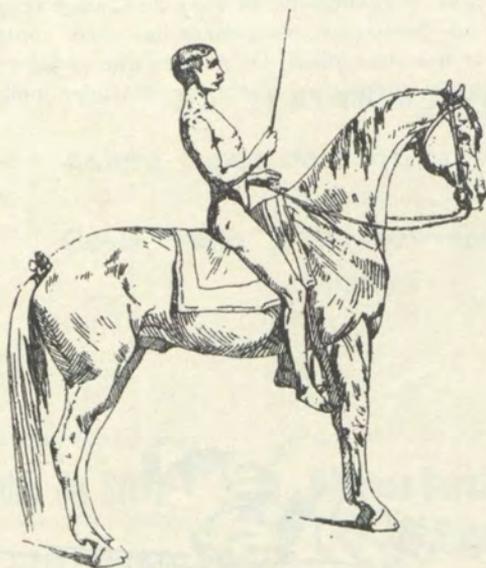


Fig. 5

Cavaleiro nu de du Paty de Clam (fim do século XVIII)

Segundo o esqueleto, é esta a posição exacta dos membros que du Paty de Clam se propôs demonstrar na apresentação anterior do homem nu a cavalo

e equilíbrio estático, acrescenta: «servi-me mal do termo equilíbrio; esta expressão é falsa no respeitante à equitação, visto traduzir um repouso quando a equitação é uma força activa do homem sobre o cavalo... e o homem não pode estar em equilíbrio quando tiver de agir eficazmente».

«Não basta estar bem colocado sobre o cavalo parado; é preciso manter a mesma posição em todos os andamentos: eis a grande dificuldade».

Du Paty de Clam, que provou nas suas obras tanta personalidade e originalidade, a resentou os mais interessantes problemas sobre equita-

(1) Erro anatómico notado por Mottin de la Balme.

Revista da Cavalaria

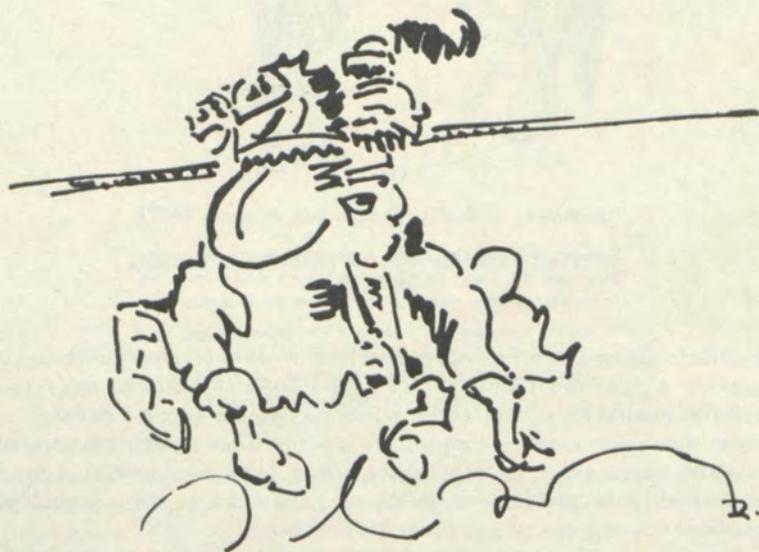
ção, mostrando para os resolver a necessidade do apêlo constante à psicologia e à mecânica. Não é exagero ver nêlo o precursor do professor Marey, autor da *Máquina animal*, que um século mais tarde havia de escrever: «Bastantes vezes, em tôdas as épocas, se têm comparado os seres vivos com as máquinas; mas é nos nossos dias que se pode compreender tal comparação».

Um ilustre presidente da Academia das Ciências, de acôrdo com du Paty de Clam, acrescentava: «Entre os fenómenos da vida, os únicos ininteligíveis, são precisamente os de ordem física e mecânica».

O mérito das pesquisas de du Paty de Clam é considerável e deve fazer esquecer as hesitações, as reticências e as contradições que se podem encontrar nas suas obras. Os autores que escreveram depois dêle, inspiraram-se quási todos nas directivas deixadas por êste mestre do pensamento eqüestre.

Revue de Cavalerie, 1921-22

L. R.



PETRÓLEO com Iodo

CLIPER'S

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao Iodo que o produto contém.

CLIPER'S

FRASCO 20\$00

REMETE-SE À
COBRANÇA

PEDIDOS
AOS DISTRI-
BUÍDORES

CLIPER'S

O PETRÓLEO IDEAL PARA O

CABELO

NO CENTRO DO PAÍS:

Antero Lopes da Fonseca — Figueira da Foz

Costa, Pinto & Santos — RUA S. Nicolau, 56
LISBOA

Joaquim Godinho da Silva

Sucessor, Limitada

....

Antiga casa
VIÚVA MOURA

....

Armazém de Retrozeiro,
Malhas e Miudezas

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

**Officinas Gerais de Material
de Engenharia**

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores de caminhos de ferro, telegrafia e telefonia por fios e sem fios, :: pontoneiros, automobilistas ::

Mobília e utensílios

**Trabalhos em ferro e madeira para
construção civil**

Construção, reparação e pintura de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação de sobresselentes para automóveis e motocicletas

Fornecimentos análogos para o público

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel — Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Hotel de Itália (Monte Estoril) — Serviço esmerado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão-restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano, concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITACÃO
«STANDS» DE TIRO
SALA DE ARMAS
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL



TIPOGRAFIA DA LIGA
DOS COMBATENTES
DA GRANDE GUERRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS

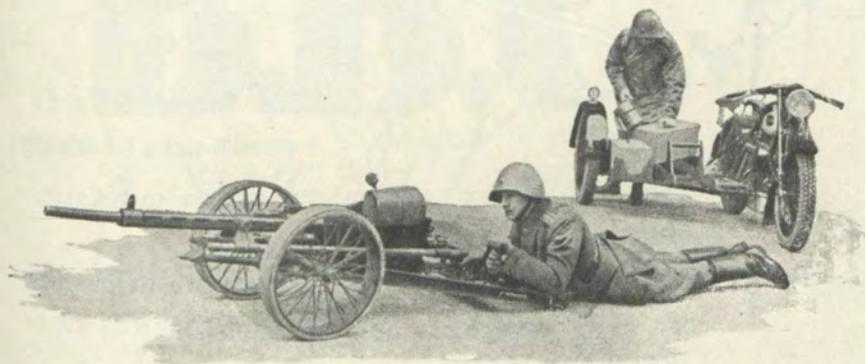
Calçada dos Cactanos, 18 — Tel. 2 1450

Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20^{mm}, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre êste, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

Monteiro Gomes, Limitada

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A



BANACÃO

O MELHOR DOS
ALIMENTOS

Produto português
para os portugueses



O BANACÃO
é preferido para a 1.^a refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.^a refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

OS PARECERES MÉDICOS

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

BANACÃO SEMPRE BANACÃO

Lindíssima colecção
de tecidos para Fatos,
Sobretudos e Gabardines

ALFAIATARIA ESTORIL

Impermeáveis simples e duplos de
ótima qualidade

O pagamento pode ser feito em 6 prestações
Preços razoáveis — execução perfeita

Rua 1.^o de Dezembro, 45, 2.^o

Frente ao Chave de Ouro

TELEFONE 2 5939



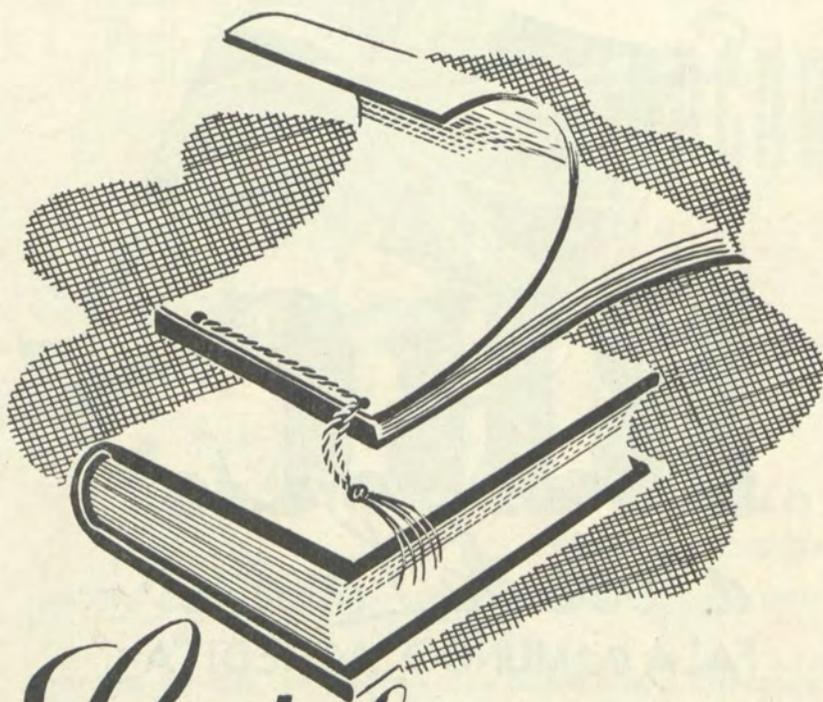
B.B.C.

a voz de Londres
FALA e o MUNDO ACREDITA

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Com a mudança de hora, o horário das transmissões da BBC para Portugal passa a ser o seguinte:

08,45-09,00 — Noticiário	}	49.92 m.	6 01	mc/s
		41.96 m.	7.15	mc/s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31.41 m.	9.55	mc/s
		25.42 m.	11.80	mc/s
		19.76 m.	15.18	mc/s
13,15-13,30-13,45.	} Noticiário e actualidades	49.92 m.	6.01	mc/s
		41.96 m.	7.15	mc/s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31.41 m.	9.55	mc/s
		25.42 m.	11.80	mc/s
		18 76 m.	15.18	mc/s
18,45-19,00-19,15.	} A Voz da América e Noticiário	49.92 m.	6.01	mc/s
		41.96 m.	7.15	mc/s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31 41 m.	9.55	mc/s
		25.42 m.	11.80	mc/s
		19.76 m.	15.18	mc/s
21,15-21,30-21,45.	} Noticiário e actualidades	49.92 m.	6.01	mc/s
		41.96 m.	7.15	mc/s
		31.75 m.	9.45	mc/s
		31.61 m.	9.49	mc/s
		31.41 m.	9.55	mc/s

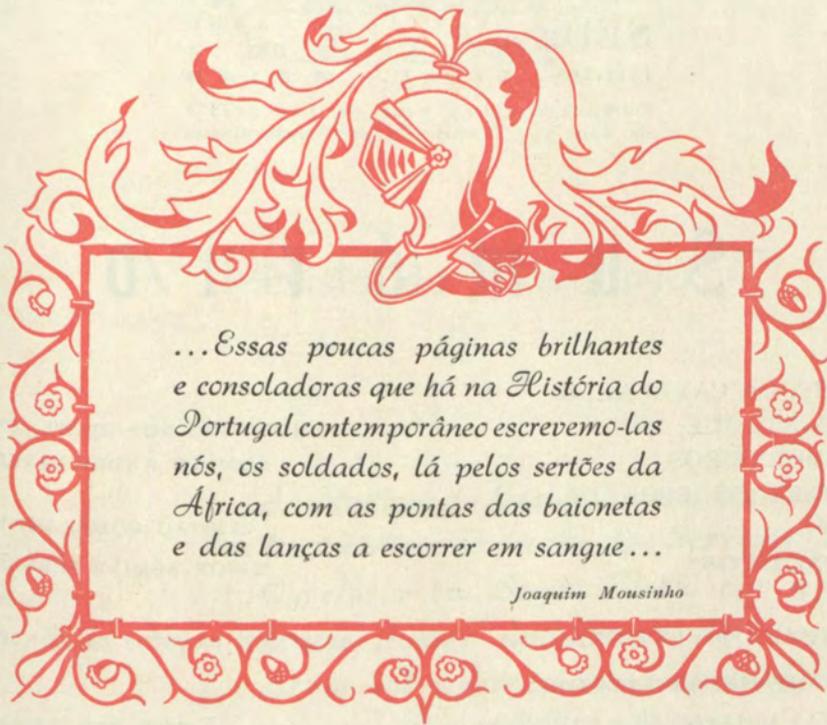


Catálogos, *al*bums,

T R A B A L H O S
T I P O G R A F I C O S ,
S I M P L E S E D E L U X O ,
R E P R O D U Ç Õ E S
E M F O T O G R A V U R A ,
O F F S E T
E L I T O G R A F I A

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

Travessa da Condessa do Rio, 27, LISBOA — Telefones P. B. X. 2 1227 e 2 1368



*...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...*

Joaquim Mousinho

Revista da Cavalaria

Publicação bimestral

CORPO DIRECTIVO

CAPITÃO JOÃO CORREIA BARRENTO

CAPITÃO AMADEU S.^{TO} ANDRÉ PEREIRA

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO GOMES

TENENTE ANTÓNIO S. RIBEIRO DE SPÍNOLA

EDITOR E ADMINISTRADOR

TENENTE LUÍS MANUEL TAVARES

SEDE QUARTEL DO CARMO

L I S B O A

PROVISÓRIA TELEF. 2 2 1 2 2

Composta e impressa na Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

S u m á r i o

A «REVISTA DA CAVALARIA»		103
O CONTRA-ATAQUE	BRIGADEIRO RUY DE MENEZES	106
TIRO DE MORTEIROS	CAPITÃO ANDRÉ PEREIRA	111
TRANSPORTE DO ESQUADRÃO A CAVALO	CAPITÃO GOMES JÚNIOR	118
TEMAS TÁCTICOS	MAJOR AGUIAR FERREIRA	137
HIPISMO:		
«GABINETE DO VETERINÁRIO»	TEN. VET. PROSTES DA FONSECA	149
JORNAIS-REVISTAS-LIVROS:		
A CAVALARIA NESTA GUERRA	TEN. COR. BENARY	156
A LUTA CONTRA O CARRO		159
ACTUALIDADES GRÁFICAS		170
A EQUITAÇÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA		183

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE — DELFIM MAIA E ANTÓNIO XAVIER
A DOCTRINA DOS ARTIGOS PUBLICADOS É DA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 5\$00

~~5578~~

Revista da Cavalaria

5.º ano - n.º 2

ESTADO MAIOR DO EXERCITO
BIBLIOTECA

Março

N.º ~~6678~~ 1304

Em 8 / 7 / 1944

A "Revista da Cavalaria"



A «Revista da Cavalaria» foi fundada em 1904 na Direcção dos Serviços de Cavalaria em Santa Clara, por um grupo ilustre de oficiais da nossa Arma, sob a direcção do General Damasceno Rosado. Foi efémera a sua vida, pois a sua regular publicação fôra suspensa em 1907.

Após longo interregno, novo grupo de oficiais, com o unânime apoio moral da Arma, recomeça a sua publicação, em Novembro de 1939.

Expondo princípios, divulgando conhecimentos, analisando factos, ela franqueou sempre as suas páginas a tôdas as sugestões e a tôdas as idéias construtivas.

Revista da Cavalaria

Da forma como a Revista cumpriu a missão — valorização da Arma — que a si própria se impôs, não compete à direcção da mesma falar.

Entretanto, é oportuno dizer-se que, mercê do espírito do Corpo de Cavalaria, do esforço de muitos cavaleiros e da valiosa colaboração prestada por aquêles que dedicadamente a têm ajudado a conquistar e a manter o nível que a Revista se propôs atingir, esta, segundo cremos, não falhou na sua missão.

A curta experiência de quatro anos, permite-nos concluir que a Revista tem condições de vida, e que devidamente orientada pode prestar relevantes serviços à nossa Arma.

Porém, para que a Revista perdure, é necessário não nos limitarmos a incensar o passado, mas antes, e simultâneamente, a «construir o presente e planear o futuro.»

A experiência tem demonstrado que, dada a instabilidade de vida de todos aquêles que exercem funções adentro do meio militar, as publicações apoiadas apenas no esforço privado, não são sòlidamente alicerçadas.

Construindo o presente e não descurando o futuro, a Direcção da Revista deliberou por unanimidade, em sua última reunião, dar carácter oficial a esta publicação, oferecendo-a com todos os seus haveres à Arma de Cavalaria.

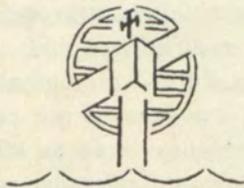
Cremos que a integração oficial da Revista na vida da Arma, não só lhe assegurará no futuro uma mais perfeita continüidade de direcção, como também

Revista da Cavalaria

no presente período evolutivo que atravessamos é vantajosa para a arma, sob o duplo ponto de vista de orientação e unificação doutrinária.

Aprovado pelas instâncias oficiais o projecto de reorganização da Revista que apresentámos, esta passará brevemente a ser propriedade da Cavalaria Portuguesa, e, conseqüentemente, integrada oficialmente na Direcção da Arma, e dirigida pelo seu ilustre Director.

A direcção cessante, cónscia de que concorreu na medida das suas forças para avigorar através da Revista o espirito de corpo da Cavalaria Portuguesa, cumprimenta o novo Director, e faz sinceros votos para que Sua Ex.^a, com o natural sentido das responsabilidades que sôbre si pesam, ao assumir a direcção da Revista, consiga valorizá-la ainda mais, orientando os esforços de todos nós.





O CONTRA-ATAQUE

pelo Brigadeiro RUY DE MENEZES

«De todos los errores, uno sólo es infamante: la inaccion»

Ten. Cor. Gonzalez de Mendoza

Os povos pequenos, que não têm pretensões de expansão nem ambições de hegemonia, nem por isso estão livres de ser embrulhados nas querelas dos grandes, que produzem as conflagrações gerais em que todos são arrasados, quer queiram quer não. Sucedeu-nos assim um bom número de vezes, através da nossa história.

Se êstes povos têm alguma coisa a perder, e nada querem ganhar à custa dos outros, — e êste é naturalmente o nosso caso, — as suas tendências militares serão conseqüentemente de feição defensiva: defensiva a sua atitude política, defensiva a sua estratégia, propenso à defesa o seu espírito nacional.

Convém no entanto definir, — ou melhor dizendo: actualizar — o que hoje em dia deve entender-se por defensiva, muito principalmente no campo da tática onde as idéias até há pouco em voga, embora ainda nitidamente marcadas no campo da estratégia, começam a diluir-se, a transformar-se, senão mesmo a apresentar características opostas àquilo que ainda há pouco se pensava.

Os novos processos de ataque, violentos, perfurantes, activados por um dinamismo desconcertante, requerem, da parte da defesa, um dinamismo correspondente.

Revista da Cavalaria

O fogo é ainda, e será por largo tempo, o grande meio de acção do defensor, mas êsse fogo apresenta agora condições de manobra, — das trajectórias como das armas, — com que se não contava senão muito vagamente nas doutrinas saídas da outra guerra. Aquêlo ponto fixo, onde o inimigo haveria de passar numa progressão natural e imutável, que immobilizava uma metralhadora na sua posição e lhe marcava um objectivo restrito, que tinha que ser porque fazia parte de um sistema rígido, cuja mínima quebra de equilíbrio abalava e punha em perigo, deixou de existir, na carta, no terreno e na mente dos combatentes.

O fogo rompe agora em tôdas as direcções, atende a tôdas as ameaças, fere em todos os sentidos, está em tôda a parte: manobram-se as pontarias ou deslocam-se as armas. A queda de uma resistência, a rotura de uma linha, o aniquilamento de uma fracção são imediatamente compensados por outra resistência que aparece, por outra linha que se constitui, por outra fracção que ocorre.

É êste já um elementar comêço de dinamismo na defensiva moderna. Abocanhar o inimigo onde quer que êle se encontre, logo que esteja ao alcance dos nossos meios, logo que possamos chegar de qualquer maneira até onde êle se encontre.

Quere isto dizer: atacar o inimigo que nos ataca, — claro está, dentro das regras e dos princípios que nos garantem a necessária segurança, dentro das oportunidades que se nos apresentam e usando dos meios que as circunstâncias nos permitem, dos quais o fogo continua sendo, — repita-se — o principal, com grande supremacia sôbre os outros.

Normalmente, a vida de um centro de resistência deixará de ter a feição estática e paralizada de «cada um no seu pôsto», e o respectivo comando poderá manobrar os meios de que dispõe em tôdas as direcções e na proporção dos perigos que lhe apareçam, até mesmo em contra-ataques fora do reduto que o contém.

O contra-ataque é assim a expressão mais viva do dinamismo da defensiva moderna.

Rudimentar na defesa imediata de um centro de resistência, toma proporções de vulto na defesa em grande de uma zona, de um sector, de um trôço importante de uma posição defensiva, atingida por uma perfuração profunda.

Revista da Cavalaria

Realiza-se então no quadro das G. U. e reveste-se, como operação tática, de considerável importância.

A eficácia dos contra-ataques foi, por largos tempos, motivo de discussão, em vista da complexidade que apresentam as muitas circunstâncias, favoráveis umas, adversas outras, que os condicionam.

Mas esta última noção parece agora sem razão de ser e posta de parte. Nas lutas acesas da Frente Leste, como na testa de ponte de Anzio, são exactamente os contra-ataques o que sobressai, nos processos de defesa empregados de parte a parte.

À simples vista, pela leitura dos jornais e das revistas, chega a parecer que êstes contra-ataques agora em voga têm as características de pequenas contra-ofensivas: não se limitam a restabelecer a situação mas procuram resultados algo mais largos de destruição e de aniquilamento, qualquer coisa de mais positivo e de mais definitivo.

Foram os alemães com o seu espírito ofensivo, os primeiros que se fizeram notar pela eficiência dos seus contra-ataques, como também pela freqüência com que os lançavam. Chega-se por vezes a crer que os próprios defensores provocariam situações favoráveis a êste processo de defesa mais activo, mais dinâmico e mais concorde com a feição geral da tática alemã. Os russos depois, como discípulos prodigiosos dos seus próprios adversários, entraram largamente na mesma ordem de idéias a que aliás as suas tradições facilmente conduziriam.

E assim a tática dos contra-ataques, outrora tão melindrosa, tão altamente colocada na escala das concepções, parece ter-se banalizado e estar em vias de se tornar forma muito vulgar e muito produtiva de encaminhar a defesa.

Para isto tem contribuído muito grandemente, — quasi exclusivamente, pode dizer-se — a moto-mecanização.

Na realidade, o emprêgo das G. U. couraçadas no contra-ataque vem resolver muitas das dificuldades que o tornavam outrora uma operação melindrosa: tempo de preparação, inferioridade do poder em relação às fôrças atacantes, demora na decisão...

Acresce ainda, — e esta é a vantagem mais de considerar na moto-mecanização, — que, sendo bem sucedido, o contra-ataque pode ir muito além do restabelecimento da situação da defesa, — finalidade que oficialmente lhe é consagrada na doutrina, — e trazer-lhe até benefícios com que, no decurso de uma defesa normal, não seria de contar. São talvez êstes benefícios que os

Revista da Cavalaria

defensores, a Leste ou em Anzio, estão procurando explorar, e não sem razão.

Miksche, inclui tropas de choque na constituição dos centros de resistência e prevê como normal o seu emprêgo em contra-ataques de raio de acção muito limitado, mas julga que em dadas condições favoráveis êstes são muitas vezes decisivos.

Tratando do assunto, no quadro da G. U., continua a contar com as Divisões de Infantaria, em reserva, mas mostra claramente a sua preferência, — aliás partilhada por outros autores — pelas G. U. couraçadas.

A missão está nitidamente dentro do âmbito das missões próprias da cavalaria. As características desta arma, reforçadas em valor pela moto-mecanização, correspondem perfeitamente às condições que se requiere para operações desta natureza: velocidade, facilidade de manobra, poder de fogo, espírito de decisão, agressividade.

Nas Divisões poderão os G. C. D., — quando, terminadas as suas missões na frente dos dispositivos, passam a constituir reservas móveis, — ser destinados à realização de contra-ataques que estejam dentro das suas fôrças.

Destacamentos compostos pelos G. C. das Divisões e do C. E. terão ainda uma aplicação mais lata nestas missões, sempre no entanto condicionadas por uma certa restrição de envergadura.

A tendência afirmada, — e já parcialmente em vias de execução, — para a moto-mecanização total dos G. C. vem dar-lhes mais possibilidades, embora haja talvez que rever a sua organização nesse sentido e que activar a instrução da arma no que respeita a condições de manobra e a agressividade.

Mas se o ataque é de vulto, em fôrça, em rapidez, em poder de perfuração, — como normalmente sucede com os ataques de carros, — e produz largo estrago na posição de resistência; se as condições do contra-ataque ultrapassam as possibilidades das G. U. em cheque, — Divisões e C. E. — então só as G. U. couraçadas poderão com êle, e é às G. U. couraçadas que se terá que recorrer.

Em poucas linhas:

— No campo da tática, a defensiva moderna tende a tornar-se agressiva. A agressividade requiere dinamismo, rapidez, prontidão de movimentos.

Revista da Cavalaria

— Estas qualidades são características da Cavalaria e residem essencialmente na sua estrutura material e moral.

— A expressão afirmada da agressividade da defesa é o contra-ataque, no qual as características da cavalaria têm o mais flagrante cabimento.

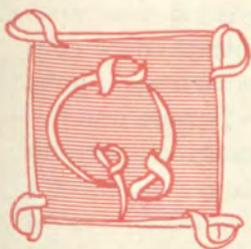
— É, porém, imprescindível, que essas características sejam valorizadas por uma absoluta modernização dos seus meios de acção: no mínimo a moto-mecanização dos G. C. que se destinem aos teatros de operações onde ela é aconselhável, e a organização sem peias nem entraves de, pelo menos, uma G. U. couraçada.



Tiro de Morteiros

pelo Capitão ANDRÉ PEREIRA

Distribuição do fogo pelo alvo



UANDO no número anterior nos referimos à determinação dos elementos de tiro, considerámos o caso de um alvo *pontual*, isto é, de dimensões muito reduzidas e, daí, a simplicidade de que o problema se revestiu.

Mas, na maioria dos casos, as dimensões do alvo não são tão reduzidas que nos permitam o emprego de uma só arma e, então, teremos de o repartir pelas armas de que dispomos ou que desejamos empregar. Torna-se assim necessário aprender um certo número de regras que nos permitam fazer uma distribuição regular do fogo pelo objectivo conforme este se nos apresenta. É dessa distribuição de fogo que hoje vamos tratar.

Se se trata de um objectivo de *dimensões restritas*, de tal forma que a sua relativa pequenez cabe dentro da zona de dispersão de um morteiro (preferivelmente na zona de 50% dos melhores tiros) uma só arma basta para bater esse objectivo e, quando se empregue mais que uma, todas empregarão os mesmos elementos ou, melhor, concentrarão o seu fogo sobre o centro desse objectivo.

Os elementos de tiro podem, depois da regulação, diferir um pouco de arma para arma, em consequência principalmente do gastamento do material, mas a diferença é normalmente tão pequena que, ao dizermos «os mesmos elementos», queremos significar a mesma distância e desnível para todas

N. R. — Continuação do artigo publicado a pág. 34 da *Revista da Cavalaria*.

Revista da Cavalaria

elas, a que teoricamente corresponderiam os mesmos elementos, cruzando-se os planos de tiro sôbre o ponto a bater.

Todavia os objectivos apresentam, por vezes, uma certa extensão, seja no sentido da frente, da profundidade ou obliquamente, seja constituindo zonas, o que equivale a dizer que as armas baterão pontos diferentes nesses objectivos, utilizando, portanto, elementos de tiro diferentes.

É difícil estar a estabelecer normas exactas para os diferentes tipos de objectivos, porque eles aparecem como aparecem e não como a comodidade do estudo nos levou a considerar que apareceriam. A distribuição do fogo será, pois, resultante da iniciativa, conhecimentos e — porque não? — da intuição de quem dirige o fogo, que no momento oportuno decidirá a melhor maneira de o fazer.

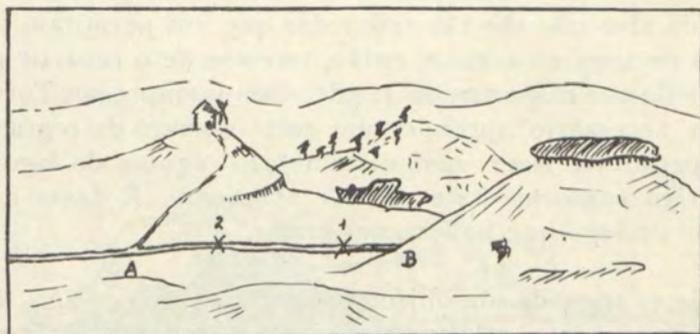


fig. 1

Procurar-se-á, no entanto, repartir o alvo pelas armas de que dispomos, por forma que os pontos que estas batem sejam distribuídos dentro do objectivo o mais regularmente possível. A natural dispersão da arma fará o resto, batendo os intervalos entre êsses pontos.

Como base, vamos apresentar os tipos característicos de alvos que nos podem aparecer, indicando a maneira de distribuir o fogo, que assim nos servirá como elemento auxiliar para outros tipos que nos apareçam.

Revista da Cavalaria

a) Alvo de frente

Apresenta-se de maneira que os seus extremos se encontram em planos de tiro diferentes, correspondendo a ambos os mesmos elementos de tiro no que respeita a elevação. Será o caso do trço de estrada AB representado na fig. 1, para o qual se supõem medidos os seguintes elementos:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{Distância ao ponto A} = 1450^m \\ \text{Distância ao ponto B} = 1460^m \\ \text{Ângulo de sitio} = + 10^- \\ \text{Frente aparente do alvo} = 120^- \end{array} \right.$$

A influência do ângulo de sitio é mínima neste caso, por ser o ângulo inferior a 20^- , pelo que se pode tomar a própria distância medida, como distância de tiro. Portanto, no que respeita a elevação, para bater o trço de estrada, tôdas as armas utilizarão *ângulo de tiro 72° / carga 3* (ver tabela apresentada na página n.º 44 do número anterior).

E no que respeita a direcção, como proceder? Se o alvo tem 120 milésimos de frente aparente (não pense na incorrecção que pode haver em medir uma frente em milésimos...) que será lógico?

Divida-se essa frente em tantas partes quantas as armas que sôbre elas queremos ou podemos empregar, e façamos com que cada uma destas ajuste os seus tiros sôbre o meio da parte que lhe compete.

No simples caso de uma secção, às suas duas armas deverá dar-se a direcção necessária para os pontos 1 e 2 do objectivo. Quais serão, então, os valores de *limbo* a marcar nos respectivos aparelhos de pontaria?

Suponhamos que o ponto A é o mais nítido dos dois extremos do alvo e, por isso mesmo, o mais indicado para ser escolhido como ponto de pontaria.

Se se pretendesse atingir esse ponto empregar-se-ia, como já vimos, *limbo 32-100*, o que equivaleria a sobrepôr, praticamente, o plano de tiro ao plano de mira. Mas como no caso presente se pretende que os planos de tiro dos dois

Revista da Cavalaria

morteiros *passem* respectivamente $30''$ e $90''$ à direita dêsse ponto (1), o mesmo é dizer que, no aparelho de pontaria, o plano de mira deve deslocar-se para a esquerda, de valores iguais, o que corresponderá a uma diminuição nas graduações.

Assim, considerando que a base do aparelho é $32-100$, ou seja, $3300''$, as graduações que correspondem às direcções desejadas serão

$$\text{para o morteiro da direita} = 3300 - 90 = 3210 \quad (32-10)$$

$$\text{para o morteiro da esquerda} = 3300 - 30 = 3270 \quad (32-70)$$

Proceder-se-ia inversamente, isto é, somando, se o tiro devesse resultar à esquerda do ponto visado, e assim seria, por exemplo, $3300 + 50 = 3350$, número que, por as graduações do limbo serem de 200 em 200 milésimos, teria de ser decomposto, marcando-se 32 no limbo e 150 no tambor ($32-150$, que se diz «trinta e dois-cento e cinquenta»).

Finalizando, os elementos de tiro para o caso do trôço de estrada apresentado, tendo-se escolhido o extremo esquerdo como ponto de pontaria e designando-se os morteiros pelos n.ºs 1 e 2, seriam:

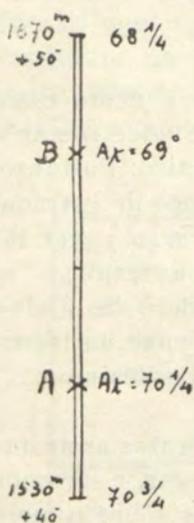


fig. 2

$$\left\{ \begin{array}{l} \Delta_1 = 32-10 \\ \Delta_2 = 32-70 \\ At = 72^\circ \\ \text{Carga 3} \end{array} \right.$$

b) Alvo profundo

Apresenta-se de tal maneira que todo éle se pode supor contido no mesmo plano de tiro, sendo diferentes as distâncias para os seus dois extremos (fig. 2).

(1) De todo o objectivo competem $60''$ a cada arma, pelo que apontarão a $30''$ dos extremos do alvo.

Revista da Cavalaria

Exemplo:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{Distância ao extremo mais próximo} = 1530^m \\ \text{» » » » afastado} = 1670^m \\ \text{Âng. sítio do extremo mais próximo} = + 40^- \\ \text{» » » » afastado} = + 50^- \end{array} \right.$$

As distâncias tabelares correspondentes aos dois extremos, aplicando o gráfico que ficou descrito na pág. 43 do número anterior, serão:

$$\begin{array}{l} \text{para o extremo mais próximo} \quad Dt = 1530 \times 1,01 = 1545^m \\ \text{para o extremo mais afastado} \quad Dt = 1670 \times 1,02 = 1703^m \end{array}$$

a que correspondem respectivamente, para a carga 3, os ângulos de tiro $70^{\circ} \frac{3}{4}$ e $68^{\circ} \frac{1}{4}$.

Seriam êstes os ângulos de tiro que se empregariam para os dois extremos do objectivo, mas não são os que na realidade se empregam porque, por razão semelhante à que se indicou para a direcção no caso do alvo de frente, cada arma deve bater o centro da parte do objectivo que lhe compete, ou seja, aproximadamente em *A* e *B*.

Praticamente equivale a dividir a diferença de ângulos de tiro para os extremos pelo dôbro do número de armas, somando ou subtraindo êsse valor, respectivamente, ao *At* menor ou maior. No caso presente, como entre os *At* para os extremos ha uma diferença de $2^{\frac{1}{2}}$ graus, os *At* a empregar devem diferir daqueles, em 2,5 quartos de grau, pelo que serão, respectivamente, 69° e $70^{\circ} \frac{1}{4}$.

Os elementos de tiro serão, portanto:

$$\left\{ \begin{array}{l} \Delta = 32-100 \\ At_1 = 70^{\frac{1}{4}} \quad At_2 = 69 \\ \text{Carga 3} \end{array} \right.$$

c) Alvo oblíquo

Apresenta simultâneamente as características de um alvo de frente e de um de profundidade, sendo necessários

Revista da Cavalaria

elementos diferentes para tôdas as armas, no que respeita quer à direcção, quer à elevação.

Exemplo: O objectivo é um caminho, a bater por um pelotão (4 armas), para o qual se mediram os elementos seguintes, tendo-se escolhido para ponto de pontaria o seu extremo esquerdo (*fig. 3*):

$$\text{Extremo esquerdo} \dots \left\{ \begin{array}{l} \text{distância} = 1620^m \\ \text{âng. sitio} = + 5^- \end{array} \right.$$

$$\text{Extremo direito} \dots \dots \dots \left\{ \begin{array}{l} \text{distância} = 1410^m \\ \text{âng. sitio} = - 30^- \end{array} \right.$$

$$\text{Frente aparente do alvo} = 160^-$$

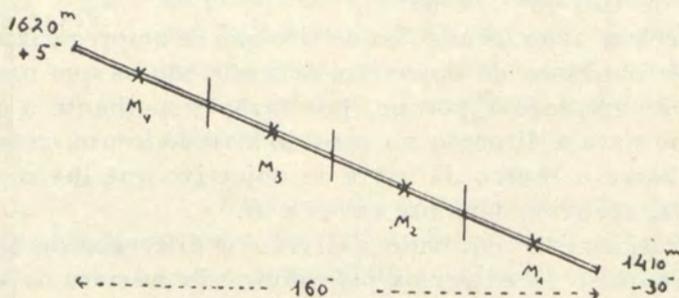


fig. 3

Para calcular os elementos para a direcção, conforme já se indicou, divide-se o alvo pelas 4 armas, competindo 40⁻ a cada uma, pelo que os valores a marcar nos aparelhos de pontaria serão:

$$\begin{array}{ll} 3300 - 20 = 3280 & \text{donde } \Delta_4 = 32- 80 \\ 3300 - 60 = 3240 & \text{donde } \Delta_3 = 32- 40 \\ 3300 - 100 = 3200 & \text{donde } \Delta_2 = 32- 00 \\ 3300 - 140 = 3160 & \text{donde } \Delta_1 = 30- 160 \end{array}$$

Semelhantemente, para o cálculo da elevação, verifica-se que os At para os extremos serão:

Revista da Cavalaria

— para o extremo esquerdo, por ser o ângulo de sitio insignificante, resulta $Dt = 1620$, a que corresponde, com carga 3, $At = 70^{\frac{1}{4}}$;

— para o extremo direito, atendendo à percentagem correspondente ao ângulo de sitio, será $Dt = 1410 \times 0,99 = 1395 < > 1400^m$, a que corresponde $At = 72^{\frac{3}{4}}$.

Entre estes ângulos de tiro ha uma diferença de 2,5 graus e, assim, os morteiros n.ºs 1 e 4 ao baterem o centro da parte que lhes compete ($\frac{2,5}{8} = 0,3 < > \frac{1}{4}$ de grau) utilizarão os At

$$\text{Mort.}_1 = 72^{\frac{3}{4}} - \frac{1}{4} = 72^{\frac{1}{2}}$$

$$\text{Mort.}_2 = 70^{\frac{1}{4}} + \frac{1}{4} = 70^{\frac{1}{2}}$$

pelo que aos restantes morteiros competirão os At $71^{\frac{3}{4}}$ e $71^{\frac{1}{4}}$.

Resumindo, os elementos de tiro para o pelotão serão:

$$\left\{ \begin{array}{llll} \Delta_1 = 32-160 & \Delta_2 = 32-00 & \Delta_3 = 32-40 & \Delta_4 = 30-80 \\ At_1 = 72^{\circ \frac{1}{2}} & At_2 = 71^{\circ \frac{3}{4}} & At_3 = 71^{\circ \frac{1}{4}} & At_4 = 70^{\circ \frac{1}{2}} \\ \text{Carga 3} \end{array} \right.$$



Transporte do esquadrão a cavalo

em caminho de ferro

pelo Capitão GOMES JÚNIOR



A motorização parcial da Arma de Cavalaria que progressivamente se está operando no nosso Exército, faz-nos pensar que o emprêgo futuro das unidades a cavalo será orientado pelas necessidades da exploração detalhada no terreno, pela dificuldade de utilização de motorizados em regiões acidentadas e por um grande desenvolvimento de operações especiais, acção de guerrilhas, golpes de mão etc., para os quais a cavalaria a cavalo seria extraordinariamente apta.

Sabendo-se de antemão que o gasto das unidades a cavalo é muito grande, necessário se torna evitar as prolongadas marchas itinerárias de concentração, para que

homens e cavalos iniciem operações activas em condições de obter um maior rendimento ulterior.

Já no Quartel General de Moçambique, há cêrca de três anos, se estudou, o processo de fazer transportar por meios automóveis, a grandes distâncias, fracções de reconhecimentos a cavalo, destinadas a operar em regiões difíceis e cobertas, tão vulgares nos cenários coloniais. A viatura tractor transportaria três homens escolhidos, munições, víveres, rações e o material de bivaque indis-

Revista da Cavalaria

pensável, e no reboque, além das quatro montadas, deveriam seguir um guarda-cavalos e os arreios.

Chegadas ao local de destino, as viaturas automóveis convenientemente camufladas, estacionam em local abrigado, constituindo a base para o lançamento do reconhecimento. As experiências realizadas com os dois modelos que então se manufacturaram, deram resultados favoráveis que se traduziram em relatório enviado às entidades metropolitanas competentes.

Para o transporte do esquadrão a cavalo é de prever que de futuro se faça largo emprêgo do caminho de ferro, e então será da máxima conveniência que homens e cavalos sejam instruídos de forma a que o seu embarque e desembarque se façam com o desembaraço e rapidez característicos da Arma.

Necessário será que esta instrução não seja nunca esquecida nos programas da Recruta e que, não sendo possível obter um velho vagão para o campo de instrução, se utilize a estação de caminho de ferro mais próxima para o efeito.

A falta de regulamento apropriado levou-nos a esboçar os presentes apontamentos a que damos forma de *Instruções* para maior facilidade de utilização.

= I =

Preparação do embarque

Reconhecimento preliminar

1.º — Logo que o comandante do esquadrão recebe ordem para, com a força do seu comando marchar pela via férrea, deverá enviar o cerra-fila do esquadrão à estação onde se deve efectuar o embarque afim de se informar junto do respectivo Comandante militar, ou, na sua falta, junto do chefe da estação e fazer a preparação do embarque. Deverão acompanhá-lo o ajudante do esquadrão e 1 ou 2 soldados da secção de comando (ordenanças). O cerra-fila levará requisição de transporte em troca da qual receberá o bilhete colectivo.

Revista da Cavalaria

2.º — As informações a obter são:

a) — Hora a que devem estar na estação as bagagens, viaturas e tuço o mais que porventura deva embarcar antes da fôrça.

b) — Hora a que a fôrça deve apresentar-se na estação e o local onde deve formar.

c) — Quais os cais destinados ao embarque dos homens, bagagens, viaturas e solípedes e as melhores vias de acesso.

d) — O número de lugares que poderão ser utilizados em cada veículo, para fazer a distribuição dos homens e dos solípedes.

e) — O número de homens necessários para auxiliar o embarque das viaturas e das bagagens.

f) — O número máximo de homens, de solípedes e de viaturas que, por cada vez, podem entrar na estação.

g) — A hora a que deve estar terminado o carregamento das diversas partes do combóio.

h) — Tudo o mais que fôr necessário para garantir as melhores condições do embarque.

3.º — No caso de na mesma estação deverem embarcar fracções da mesma unidade em combóios diversos, os encarregados de preparar o embarque apresentar-se-ão juntos na estação afim de regularem simultaneamente as condições do embarque que forem comuns a tôdas as fracções.

4.º — O cerra-fila informar-se-á do material de embarque que a sua Unidade precisa levar para que o serviço se faça em boas condições de rapidez, ordem e segurança. Procurará também saber, sendo possível, qual o material de tracção (quantidade e tipo de vagões) que constituirá «a composição» destinada ao transporte da sua Unidade.

5.º — No caso do percurso ser extenso e da ordem superior o não ter determinado, o cerra-fila informar-se-á também de quais as estações onde o gado poderá ser abeberado e os homens poderão comer (estações de alimentação).

6.º — Concluída a sua missão o cerra-fila comunica ao comandante do esquadrão as condições do embarque e tôdas as informações que tenha colhido, ao mesmo tempo que lhe entrega o bilhete colectivo.

Revista da Cavalaria

7.º — No dia do embarque o cerra-fila e o pessoal de que fala o n.º 1 destas instruções, comparecerá na estação, pelo menos duas horas antes do embarque e apresentam-se ao comandante da estação ou chefe, para confirmar as anteriores ou tomar imediato conhecimento de novas instruções para o embarque; neste último caso será dado imediato conhecimento ao comandante do esquadrão das alterações introduzidas nas disposições anteriores.

Reconhecimento do material

8.º — O cerra-fila e restante pessoal procederão em seguida ao reconhecimento do combóio (composição) tendo em atenção :

a) — O estado de conservação dos leitos dos vagões destinados ao material e animal e a capacidade de cada um.

b) — Que na falta de carruagens de passageiros sejam fornecidos vagões de mercadorias para o transporte das praças, devidamente apropriados com assentos e escadas (ou na sua falta com fardos de palha) e com lanternas que deverão ser colocadas nos lados do vagão oposto ao do embarque.

c) — Que os vagões sejam numerados a giz seguidamente a partir da cabeça do combóio; a numeração faz-se dos dois lados e deve ser seguida do número de viaturas, solípedes ou praças que nêle devem ser embarcadas. Estas indicações escrevem-se: nas carruagens de passageiros, nos estribos entre as portinholas; nos vagões de gado nos lados maiores, e nas plataformas para material nos taipais laterais.

d) — Que os estrados de carregamento tenham a necessária resistência para se não fracturarem com o pêso das viaturas e dos animais e serem em número suficiente para rapidamente se fazer o embarque.

9.º — O cerra-fila entregará ao comandante do esquadrão após a chegada da tropa à estação, uma nota onde se acha indicado:

a) — Os vagões destinados ao material de trem e a capacidade de cada um.

Revista da Cavalaria

b) — A distribuição dos vagões de gado pelos pelotões.

c) — Os vagões do pessoal.

10.º — No caso do pelotão isolado, todos estes serviços que competiam ao cerra-fila são executados directamente pelo comandante do pelotão que se faz acompanhar pelo clarim, entregando previamente o comando da sua unidade ao sargento mais antigo.

Ordem para a marcha

11.º — Depois de recebida a nota a que se refere o n.º 4 das presentes instruções o comandante do esquadrão dará a ordem para a marcha designando:

a) — O oficial e praças que hão-de formar a secção de quartéis se houver necessidade de a organizar e a hora a que devem comparecer na estação.

b) — A composição da guarda de policia e a hora de saída.

c) — As horas a que se deve fazer o trato do gado (água e grão) e a distribuição do rancho antes da partida; quais os víveres e forragens para o trajecto e de desembarque.

d) — A maneira como devem ser transportados para a gare os acessórios de embarque, as bagagens e a palha para camas.

e) — O uniforme da marcha.

f) — A hora de saída do Quartel.

NOTA: — O pessoal deverá estar na estação pelo menos uma hora antes da partida, o animal duas e o material três horas.

Guarda de policia

12.º — A composição da guarda de policia poderá ser de dois modos, conforme as conveniências:

a) — 1 sargento e 2 esquadras de exploradores de pelotões diferentes, eventualmente reforçados com 1 homem para se poderem estabelecer quatro postos de sentinela.

Revista da Cavalaria

b) — 1 sargento, 1 cabo e 6 a 12 exploradores, por derrame de um por cada esquadra de exploradores.

13.º — Os deveres da guarda de policia são :

a) — Desembaraçar as proximidades da estação para o pessoal, animal e material poderem embarcar com facilidade.

b) — Estabelecer as sentinelas necessárias; guardar os prêsos.

c) — Escoltar as bagagens e acessórios de embarque.

d) — Embarcar só depois de todo o esquadrão ter embarcado.

O embarque dos cavalos da guarda de policia e a sua guarda no combóio fica a cargo dos pelotões que a destacaram.

Relações com os empregados do caminho de ferro

14.º — Os officiaes não podem ter interferência na formação e condução dos combóios, devendo dirigir-se ao comandante militar e na sua falta ao chefe da estação, sempre que entenderem fazer observações baseadas no Regulamento para Serviço Militar dos Caminhos de Ferro.

15.º — Tôdas as operações de embarque e de desembarque são feitas sob a direcção exclusiva do comandante da força mas depois das carruagens fechadas e do combóio em marcha, a direcção pertence exclusivamente ao chefe do combóio. Exceptua-se o caso de marcha nas proximidades do inimigo com probabilidades de ataque, caso em que o comandante da força prescreve medidas de segurança, marcha, etc. com as quais se devem conformar os agentes técnicos.

16.º — Os officiaes e praças devem-se abster de se entenderem com qualquer empregado.

Embarque do material

Material ferroviário

17.º — Para o transporte do material empregam-se em geral vagões L. abertos ou plataformas cujo comprimento é de 5,550^m e a largura de 2,480^m. Carregam-se pelas cabeceiras e a carga máxima é de 12 toneladas.

Prevê-se que sejam necessários 4 vagões para o transporte do T. C. do Esquadrão.

Modo de executar o embarque

18.º — As viaturas são conduzidas à altura dos vagões pelos respectivos condutores.

— O embarque pode ser feito nos cais da estação ou na própria via; o material pode carregar-se pelos lados ou pelas cabeceiras das plataformas.

— O carregamento pelas cabeceiras é rápido porque tirando os taipais das cabeceiras, por meio de estrados podem-se ligar todos os vagões. Êstes são colocados nas linhas de resguardo.

— O carregamento pelos lados só é rápido quando os vagões se põem simultaneamente em comunicação com o cais.

— No caso de não haver cais, o embarque só pode efectuar-se com planos inclinados ou rampas móveis com longrinas de ferro, ou rampas improvisadas com pranchões ligados por cordas. Êste trabalho é feito pelos sapadores.

Revista da Cavalaria

Material necessário

19.º — É geralmente necessário o seguinte material para fazer o embarque das viaturas:

Calços (3 por roda de viatura), rampas móveis de longrinas de ferro, estrados de carregamento ou pontes volantes, prolongas, etc.

Modo de carregar

20.º — Observar-se-ão as seguintes regras no carregamento das viaturas sobre vagões:

- a) — O peso deve ser bem distribuído pela plataforma.
- b) — As rodas serão bem calçadas e a viatura amarrada. Convirá que existam 3 calços para cada roda, um na frente, um na retaguarda e outro do lado exterior.
- c) — A carga não deve exceder os tampões de choque dos vagões.

Distribuição das viaturas pelos vagões

21.º — Um vagão para um camião de bagagens e um moto simples.

Um vagão para um camião de bagagens.

Um vagão para um carro de água e cosinha rodada (reboque auto).

Um vagão para um camião de munições.

= III =

Embarque do animal

Dispositivo

22.º — O esquadrão deve formar em terreno adjacente à gare, em formação ou dispositivo que facilite as operações preparatórias do embarque. Lembrem-se as seguintes:

Revista da Cavalaria

- Esquadrão em uma fileira ou linha de pelotões.
- Coluna de pelotões em uma fileira.

Os pelotões convém que adoptem uma das formações:

- Em uma fileira.
- Linha aberta.
- Coluna aberta.

Movimentos

23.º — Á voz « *para embarcar* » as praças colocam as espingardas a tiracolo.

24.º — Em seguida os comandantes de pelotão devem constituir a lotação de cada vagão (8 cavalos) tendo como base as esquadras orgânicas a que se virão juntar dois cavalos dos comandos de esquadrão ou do pelotão a saber:

— 1.ª esquadra mais dois cavalos da secção de comando do esquadrão.

— 2.ª esquadra mais os cavalos do comandante do pelotão e do clarim.

— 3.ª esquadra mais os cavalos do sargento do centro e do ferrador.

— 4.ª esquadra os cavalos do condutor e do cavalo portamunições.

— 5.ª esquadra mais os cavalos do sargento da esquerda e do A. L.

O comandante do esquadrão mandará apresentar nos diferentes pelotões os cavalos da S. C. que devem completar as lotações que têm como base a 1.ª esquadra do seguinte modo:

1.º pelotão — cavalos do sargento ajudante do esquadrão e do cabo clarim.

2.º pelotão — cavalos do sargento A. L. e de uma ordenança.

3.º pelotão — cavalos dos sinaleiros.

4.º pelotão — cavalos dos observadores.

Aos cavalos do comandante do esquadrão, do cerra-fila, da outra ordenança e ainda ao cavalo de reserva do coman-

Revista da Cavalaria

dante do esquadrão, será destinado outro vagão, ou serão distribuídos pelas vagas existentes noutros, pertencentes aos pelotões.

Os 8 cavalos de reserva, restantes, constituirão a lotação de um vagão.

Existindo pelotão de metralhadoras é necessário contar com mais três vagões sendo dois para os cavalos da secção e o terceiro para os cavalos do comando e de baste, transportando-se assim os 24 cavalos do seu efectivo.

25.º — À voz « desaparecer », as praças procedem do seguinte modo:

1.º tiram as espadas e material da M. L. que juntamente com a espingarda vão colocar 10^m à retaguarda do respectivo cavalo em local seguro onde não corra o risco de ser maltratado;

2.º tiram-se os arreios de montada e colocam-se à retaguarda do armamento. Os homens de cada fila ajudam-se mutuamente. Os arreios e armamento são colocados no chão como se fôsse para constituir um trofeu de bivaque; abas para dentro, estribos subidos, cilha e manta sôbre o cochim;

3.º Desemalam as prisões de corda.

26.º — « *Tal (ou tais) pelotão — Embarcar* »

« *Em frente por um — marche* »

O primeiro cavalo é conduzido francamente para diante, os outros seguem-no a 3 metros. Sem olhar para o cavalo, o cavaleiro fá-lo passar ou subir a rampa, baixa-lhe a cabeça, entra no vagão e coloca o seu cavalo junto do lado do vagão opôsto à entrada, do lado direito, de modo que fique com a cabeça voltada para a coxia e prende-o à argola que fica do lado direito da entrada.

O segundo cavaleiro prenderá o cavalo ao lado e ao descanso da cisgola do primeiro e assim sucessivamente. O 4.º cavalo volta à esquerda penetrando na parte livre do vagão e em seguida recua até entrar no seu lugar. Para facilitar este movimento convém que os três primeiros cavalos sejam mantidos em sossêgo e até puxados um pouco para diante

Revista da Cavalaria

afim de os manter bem direitos. Com os cavalos da esquerda procede-se semelhantemente, mas a manobra para o 8.º cavalo consiste em o fazer entrar um pouco entre a cabeça do 4.º cavalo e a parede do vagão e em seguida fazê-lo recuar até entrar no seu lugar. A corda de prisão do 3.º cavalo prender-se-á ao 2.º e 4.º e a do 7.º ao 6.º e ao 8.º

27.º — O processo indicado no n.º 26.º emprega-se quando se deseja embarcar os cavalos paralelamente à via, que é o mais usual, em virtude do gado se vigiar melhor e ir melhor acomodado relativamente a movimentos da marcha do combóio.

Desejando embarcar os cavalos perpendicularmente à via procede-se do seguinte modo:

O primeiro cavaleiro conduzirá ao vagão o seu cavalo, indo colocá-lo do lado direito, transversalmente à via, junto ao tópo, prendendo-o à primeira argola desse lado, depois seguir-se-á o segundo cavaleiro que irá prender o seu cavalo junto do tópo do lado esquerdo, e, quando saírem estes dois cavaleiros seguir-se-ão pela mesma forma outros dois até se ter completado o embarque de todos os cavalos. Neste caso cada vagão transporta normalmente apenas seis cavalos.

Este processo exige, portanto, mais $1\frac{1}{2}$ vagão por pelotão que o processo de transporte paralelamente à via. Há ainda a contar os vagões para os arreios (ver número 29.º)

Disposições especiais

28.º — Convém tomar certas precauções: embarcar primeiro os cavalos mais dóceis e espalhar sôbre o estrado e no vagão bastante palha para os cavalos não estranharem o piso; devem ser colocados dois homens, um de cada lado do estrado, para evitar que os cavalos ponham algum pé em falso.

Existindo corda peitoral, corda destinada a prender os cavalos e agüentá-los pelo peito nos desencontros com os movimentos do combóio, coloca-se esta no vagão à altura dos peitos dos cavalos, de modo a limitar o seu avanço; pode ser improvisada com cordas de forragear, ligadas uma às

Revista da Cavalaria

outras e é fixada a umas argolas que os vagões J devem ter para esse fim, mas que muitos não têm.

Para os cavalos mais renitentes empregam-se alguns dos seguintes meios:

a) — Tapar-lhe os olhos, dar-lhe umas poucas de voltas no cais para os desorientar e entrar com eles de seguida no vagão.

b) — Obrigá-los a entrar de recuo.

c) — Passar-lhe a cilha por detrás das nádegas e puxar fortemente pelas duas pontas, arrastando-os para dentro do vagão.

d) — Arremessar punhados de cascalho muito fino espalhando-o sobre as nádegas dos animais.

Arreios

29.º — Os cavalos podem marchar aparelhados ou não. Neste último caso e se os cavalos são dispostos perpendicularmente à via, os arreios são guardados num vagão à parte destinado a esse fim.

Se os cavalos são dispostos paralelamente à via, os arreios são dispostos na coxia do vagão em duas fileiras correspondendo o seu lugar ao lugar ocupado pelo respectivo cavalo. Os arreios são colocados em pé sobre a arcada de diante que assentará no chão ficando o coxim voltado para a porta oposta à da entrada e os dois primeiros arreios a ela encostados, e todos bem encaixados uns nos outros. As mantas devidamente dobradas colocam-se sobre a parte superior dos arreios.

Em qualquer dos casos convém escrever o número do cavaleiro, a giz, na parte posterior da arcada da retaguarda ou no cobrejão de modo bem visível. Diante dos arreios são colocados os fardos de palha que fôrem distribuídos.

30.º — Depois de colocados os arreios as praças armam-se, carabina em bandoleira e espada no gancho, formam à frente do vagão dos cavalos e é nomeado o serviço (plantões à cavaliça).

Revista da Cavalaria

Plantão à cavalaria

31.º — Por cada vagão será nomeado um plantão à cavalaria que deverá ser rendido aproximadamente de duas em duas horas ou quando tal fôr possível.

São seus deveres os seguintes:

a) — Afagar e sossegar o gado aos silvos da locomotiva e ao parar e pôr em marcha.

b) — No caso de acidente, advertir das janelas, acenando com o lenço e gritando.

c) — Saber abrir e fechar as portas por dentro

d) — Desenfrear depois do combóio estar em marcha e os cavalos calmos; fazer uma laçada com as rédeas e colocar as cabeçadas sobre os arreios a que pertencem.

e) — Dar água ao gado nos baldes de lona que lhe serão passados por outros soldados, nas paragens a isso destinadas.

f) — Dar a ração ao gado nos sacos de boca conforme as ordens que tiver recebido.

g) — Conservar-se vigilante e não fumar.

32.º — Como resumo das operações precedentes dá-se um exemplo de « ordens » a dar a um esquadrão para embarcar. As « ordens » devem ser à voz ou a clarim, evitando-se os sinais de apito, excepto se elles fôrem reconhecidos sem inconveniente pelo pessoal ferroviário.

a) — « Esquadrão » em uma fileira — marche.

b) — Para embarcar.

c) — A pé:

d) — Desaparelhar.

e) — Tal pelotão (ou tais pelotões) — embarcar — marche ou ao 1.º vagão em frente por um — marche ».

f) — Tal pelotão — reunir — nomear o serviço.

Revista da Cavalaria

= IV =

Embarque do pessoal

Material

33.º — O pessoal pode ser transportado em vagões de passageiros ou em outros vagões desde que sejam previamente adaptados ao transporte de homens pela colocação de bancos improvisados. Os primeiros têm a lotação usual excepto se as praças vão em ordem de marcha a pé, e a lotação dos segundos anda à roda de 32 a 40 homens. Nos vagões de passageiros a 1.ª classe compete aos oficiais, a 2.ª aos sargentos e a 3.ª aos cabos e soldados. Se as praças marcharem em ordem de marcha a pé, os dois lugares adjacentes á porta contrária á entrada e o espaço livre entre elles são destinados aos equipamentos.

Dispositivo

34.º — As esquadras são conduzidas em coluna por um para defronte dos compartimentos, a lotação é completada por homens dos comandos semelhantemente ao que se fez com os cavalos.

Se a tropa marcha em ordem de marcha a pé, antes do embarque dá-se ordem do « Desequipar » e em seguida uma praça entrará no compartimento para arrumar as mochilas no local indicado no n.º 33.º destas instruções.

Embarque

35.º — Ao sinal de « Avançar » as praças subirão para o compartimento e colocarão as armas sôbre a prateleira ou rede para as bagagens dos passageiros. O cabo é o último a entrar e ficará sentado no lugar mais próximo á entrada; dirige todos estes serviços, é o chefe do compartimento, responsável pelo cumprimento das prescrições de que trata o

Revista da Cavalaria

n.º 33.º Em cada veículo, pode ainda ser nomeado um sargento para chefe do veículo, se isso se tornar necessário.

36.º — Em vagões adaptados, as armas deverão ser encostadas a um canto e ligadas por uma correia ou corda fixada à parede do vagão por argolas, ou, na sua falta, por dois pregos.

37.º — Em grandes trajectos as praças podem ser autorizadas a desapertar a gola e os primeiros botões do dólman, devendo todavia o uniforme voltar ao devido rigor a partir da estação que precede a do destino.

Disciplina de marcha

38.º — Em cada compartimento a ocupação de lugares começa pelos mais distantes e a disciplina fica a cargo do chefe do compartimento.

É proibido às praças :

a) — Deitar a cabeça ou os braços fora das janelas ou das portinholas durante a marcha.

b) — Abrir as portinholas ou depositar artigos próximo delas.

c) — Passar de um vagão ou de um compartimento para outro; abandonar o seu lugar.

d) — Gritar e cantar.

e) — Descer nas estações sem que se dê ordem para isso.

f) — Fumar nos vagões onde haja palha.

g) — Utilizar quaisquer sinais de apito.

Paragens

39.º — O comandante do esquadrão determinará, de acôrdo com a marcha do combóio, quais as estações em que as praças poderão apeiar (demora superior a 15 minutos e tomará tôdas as medidas (guarda de policia, ronda, etc.) para garantir a disciplina da estação, circulação na linha, entrada nos bufetes, saídas da estação, etc. Os homens saem do combóio ao toque de « *alto* » e entram ao toque de « *avançar* » que será executado 3 minutos antes da partida; a guarda de policia é a última fracção a embarcar. Em todos os altos de

Revista da Cavalaria

10 a 15 minutos um oficial nomeado por escala passará revista ao combóio verificando se tudo corre em bôa ordem.

Nas paragens curtas o sargento comandante da guarda de policia e o seu immediato percorrem rapidamente o combóio afim de verificar a bôa ordem e saber de qualquer necessidade ou reclamação.

Alimentação

40.º — É feita:

a) — Pelos viveres e forragens de trajecto em caminho de ferro.

b) — Pelas refeições nas estações de alimentação quando o trajecto fôr igual ou superior a 12 horas.

— É expressamente proibido durante o trajecto consumir qualquer género que faça parte dos viveres de desembarque ou das rações de reserva.

41.º — Rações:

Ração normal

Pão	0,500
Café	0,015
Açúcar	0,030
Banacáu	0,035
Carne com osso	0,400
Arroz	0,160
Legumes sêcos	0,220
Toucinho	0,050
Sal	0,025
Vinho	0,500

Ração de reserva

Pão	1,000
Conserva (caixa de 2 latas)	0,400
Chocolates (2 blocos)	0,050
Vinho	0,500

Ração fria

Pão	0,500
Carne de vaca (ou substituto)	0,200

Revista da Cavalaria

Viveres de desembarque

Composição idêntica aos viveres normais sendo a carne substituída por chouriço, etc.

Viveres de transporte

Têm a composição das rações de reserva e podem ser substituídas total ou parcialmente por refeições quentes da ração normal a distribuir nas E. ou Locais de Alimentação quando a duração do trajecto o justifique.

1. ^a Refeição	Banacáu
2. ^a Refeição – Fria	{
Pão	0,500
Carne	0,200
Pão	0,500
Chouriço	0,140
3. ^a Refeição – normal (quente) na E. Alimentação	

= V =

Desembarque

42.º — Na estação que precede a do destino o comandante do esquadrão mandará fazer o toque de « *sentido* ». As praças colocam os uniformes em ordem e os plantões às cavalariaças enfreiam os cavalos. Chegado à estação o cerra-fila descera e reconhecerá rapidamente os locais necessários para formar, desembarcar o material e animal, informando-se com o comandante ou chefe da estação e dispendo em seguida a guarda de policia.

Revista da Cavalaria

Desembarque do pessoal

43.º — Ao toque de « *alto* » seguido de « *avançar* », de cada compartimento sairá o « *cabo* » e o restante pessoal, formando na frente do veículo e de costas para êle. Os cabos passarão rápida revista ao compartimento verificando se ficou abandonado qualquer artigo.

Se as praças marcham em ordem de marcha a pé será dada em seguida ordem de equipar.

Desembarque do animal

44.º — Formado o esquadrão é êste conduzido para local apropriado onde são colocadas as armas conforme se procedeu para o embarque e atendendo à sua segurança como se recomenda na primeira parte do n.º 25; em seguida os homens fazem a descarga dos arreios que lhe são entregues pelos plantões dos vagões-cavaliças e que colocam 1 metro à retaguarda do armamento.

Estando colocados os estrados e um homem de cada lado para evitar que os cavalos caiam, procede-se ao desembarque dos cavalos por ordem inversa do embarque.

Os solípedes são conduzidos seguidamente, havendo o cuidado em não deixar nenhum isolado dentro do vagão, por se tornar depois mais difícil o desembarque, pelo enervamento em que, em geral, o cavalo fica.

Os cavalos vão formar 10 metros à frente do armamento. Seguem-se as operações de « *aparelhar* » e « *formar* ».

45.º — Quando o gado está dispôsto dentro dos vagões em sentido perpendicular à via, os dois solípedes que estão em frente à porta, são desprendidos antes desta se abrir e trazidos logo que esta se abre, para fora do vagão.

Se os solípedes têm as cabeças voltadas para o lado opôsto àquêle para onde fica o cais, os dois primeiros saem de recuo.

Revista da Cavalaria

Desembarque do material

46.º — Para tal operação tiram-se os calços e desamarram-se as rodas; o desembarque faz-se por ordem inversa ao embarque.

Em vagões de taipais fixos e para limitar a descida rápida da viatura, ata-se ao meio do eixo desta uma prolonga que se faz passar por um dos eixos do vagão e por meio da qual se faz o travamento.

Não havendo cais empregam-se rampas que se requisitam previamente.





Temas táticos

pelo Major AGUIAR FERREIRA

A missão do Esquadrão Moto

Após um longo e forçado interregno, eis-nos novamente nesta secção da *Revista da Cavalaria* às voltas com a missão que havia sido atribuída ao E. Moto pelo Com. do G. C. D. 7.

A missão recebida é: ocupar imediatamente a região de **Pataloa** para barrar ao inimigo o acesso à região de **Charas** Δ impedindo-lhe a transposição da rib. de **Nisa** entre a barragem da **Povoa** e o esporão a NW de **Pataloa**; esforço na região de **Pataloa**, vigiando a região inundada a montante do dique da **Povoa**.

Revista da Cavalaria

Não se trata, pois, de uma instalação defensiva tendo em vista uma oportuna manobra em retirada, antes pelo contrário, de uma manobra defensiva de cobertura que implica a disputa ao inimigo de uma determinada zona de terreno, e, conseqüentemente, uma ocupação com uma certa profundidade, quer para aumentar a capacidade defensiva a um ataque de frente, quer para poder fazer face a um ataque de flanco ou de revés realizado por fôrças, incluindo blindados, que tenham perfurado a frente ou vindo de outros sectores.

Para o cumprimento desta missão foram atribuídos pelo Com. do G. C. D. 7 os seguintes meios: o E. Moto, 1 Pl. Cav., 1 Pl. Met., 1 Pl. Mo. e 1 Sec. C.

O Comando admite que o inimigo pode pretender transpor a rib. de **Nisa** a partir da manhã de 13.

Quanto ao terreno que lhe foi atribuído, pode dividir-se em dois sectores distintos: um, entre a barragem da **Povoa** e a zona inundada a jusante, a ocupar e defender; outra, entre a barragem da **Povoa** e **Pôrto de Nisa** a montante, simplesmente a vigiar.

A carta $1/25.000$ mostra que a região inundada a montante da barragem da **Povoa** é formada por três bacias distintas separadas por estrangulamentos. Uma, imediata à barragem, é facilmente vigiada do p. c. 334 a NE. de **Vale de Cales**; outra, entre o estrangulamento de p. c. 335 e o estrangulamento de p. c. 314, facilmente vigiada do esporão 325 a N. de **Pôrto de Nisa**; a terceira, formada a montante pelo alargamento da ribeira, é facilmente vigiada do esporão 336 a S. de **Pôrto de Nisa**. Dêste último ponto pode vigiar-se simultaneamente o caminho que transpõe a ribeira imediatamente a E. e estabelecer-se a ligação com as fôrças do G. C. D. 6.

O Com. do E. Moto, que supomos ter acompanhado o Com. do G. C. D. no rápido reconhecimento do terreno por êste realizado, logo que recebeu as ordens verbais do seu Comandante dirigiu-se imediatamente para a região de **Vasco** Δ a fim de proceder ao reconhecimento detalhado do terreno a ocupar e defender pela sua unidade. Neste reconhecimento foi auxiliado pelas cartas $1/50.000$ n.º 28-B e 28-D, completadas e detalhadas em parte pela carta $1/25.000$ n.º 335.

O terreno entre as zonas inundadas, visto de **Vasco** Δ , apresenta-se, para E. da ribeira, como um esporão que, par-

Revista da Cavalaria

tindo da crista que a uns 2.500 m. corre paralelamente à rib. de **Nisa**, vai terminar no p. c. 323 sobranceiro à barragem da **Povoa**, depois de alargar bruscamente em palmatória e formar um pequeno planalto que domina tãda a região imediatamente a jusante da barragem; é na crista d'êste esporão que passa o caminho vindo de **Povoa** e **Meadas** que põe em comunicação pelo dique as duas margens da ribeira. Êste esporão bifurca-se e alarga-se para W. numa derivante que termina em p. c. 313, separado do pequeno planalto atrás referido por uma ravina que constitui uma boa via de acesso à ribeira. O terreno é geralmente descoberto, com algumas manchas de arvoredos, principalmente nas encostas sobranceiras à Central Eléctrica onde passa um caminho que liga esta Central com o caminho principal que transpõe a ribeira no dique.

— Desta observação o Com. do E. Moto conclui que o inimigo certamente procurará instalar-se no pequeno planalto sobranceiro à barragem, quer para procurar transpor a ribeira na região do dique e da Central Eléctrica, quer para atingir a ribeira pela ravina que lhe corre a N., quer ainda para flanquear e proteger um ataque a realizar mais a N. sôbre p. c. 340.

Para ter uma visão de conjunto do terreno a ocupar, semelhante à que terá o inimigo atacante, o Com. do E. Moto dirige-se depois para p. c. 323 sobranceiro ao dique e depois casal 323, 1.500 m. a N. do anterior. Dêstes pontos de observação o terreno a ocupar e defender, entre a barragem da **Povoa** e a região inundada a jusante, apresenta a forma geral de uma cuvette ou compartimento cujos bordos são formados pela crista que, partindo do esporão a E. de **Vasco** Δ sobranceiro ao dique, passa por **Vasco** Δ e termina no esporão 315 a E. de p. c. 340; a SE. d'êste compartimento a vasta zona alagada da barreira da **Povoa**; a NW. a zona alagada pela barragem de **Poio**.

A partir da ribeira, o terreno eleva-se gradualmente até à crista de **Vasco** Δ que constitui a linha de horizonte próximo visível. Três linhas de infiltração permitem atingir esta crista: a mais importante é a ravina que, partindo da Central Eléctrica conduz directamente ao planalto de **Vasco** Δ , ravina esta que, flanqueada pelo esporão a S., é absolu-

Revista da Cavalaria

tamente impraticável enquanto este esporão estiver na posse activa da defesa. As duas restantes são: a ravina que partindo da curva da ribeira ou canal de descarga 700 m. a NE. de **Vasco** Δ conduz a meio caminho entre **Vasco** Δ e p. c. 340; ambas estas ravinas são flanqueadas pelo esporão 315 a E. de p. c. 340.

A zona a ocupar e defender, coberta a SE. e a NW. pelas regiões alagadas e na frente pela rib. de **Nisa**, oferece assim boas possibilidades à defesa. A rib. de **Nisa** está transformada num canal de descarga da barragem e como tal é um bom obstáculo anti-carro pela largura, profundidade e escarpado das margens; somente entre a barragem e a Central o terreno permite a passagem de viaturas blindadas em corredores estreitos facilmente inutilizáveis; o dique é a única via de comunicação entre as duas margens e facilmente defensável.

De tudo quanto viu o Com. do E. Moto conclui desde logo que a defesa se deve basear na ocupação dos três pontos fortes do terreno que defendem todo o compartimento: o esporão sobranceiro à barragem, o esporão 315 e o planalto de **Vasco** Δ ; assim pode esboçar a sua idéa de manobra defensiva:

- ocupar os esporões imediatamente a E. e N. de **Vasco** Δ ;
- dar profundidade ao dispositivo pela ocupação do planalto de **Vasco** Δ ;
- vigiar a zona imediatamente a montante do dique da **Povoa** com postos fixos a estabelecer nos esporões entre **Vale de Cales** e o **Cancho do Melano**.

Obtida na margem direita uma observação de conjunto sobre o terreno a ocupar na margem esquerda, o Com. do E. Moto, com idéias já sobre a forma de defender esse terreno, vai fazer o reconhecimento detalhado dos três pontos que decidiu fazer ocupar, no que será acompanhado pelos comandantes de pelotão. Este reconhecimento tem principalmente em vista o estabelecimento do plano de fogos e a determinação dos pontos exactos em que devem instalar-se as armas de defesa. Compreende-se bem que tal reconheci-

Revista da Cavalaria

mento não poderá ser por nós seguido, nem mesmo na carta 1/25.000. Esboçaremos, porém, os pontos fundamentais em que se baseará o estabelecimento desse *plano de fogos*.

Sendo a finalidade da defesa essencialmente deter o inimigo, impedindo-o de transpor a rib. de **Nisa**, trata-se em primeiro lugar de estabelecer uma barragem contínua sobre essa ribeira ou nas suas margens, e como a frente entre o dique inclusivé e o moinho a 250 m. a NW. é mais facilmente transposta, será nesta região que a barragem deverá ter maior densidade. O esporão a E. de **Vasco** Δ presta-se para a instalação de metralhadoras destinadas a flanquear o esporão 315 por fogos de enfiada sobre a ribeira para N. da curva do canal, assim como o esporão 315 se presta para a instalação de metralhadoras destinadas a bater de enfiada a região da Central Eléctrica. Como a ravina de acesso à ribeira conduz à curva do canal, este ponto deve ser particularmente batido por fogos com origem nos três pontos a ocupar.

Esta ravina convém poder ser batida, o que só poderá ser obtido, ou por fogos vindos de p. c. 315 ou pelos morteiros. Estes, além de dois ou três objectivos distantes, deverão prever a execução de tiros sobre os observatórios prováveis do inimigo (casal 323 por exemplo), o planalto sobranceiro ao dique, o moinho e a Central.

Feito o reconhecimento, o Com. do E. Moto atribui *missões* aos Pontos de Apoio que vai constituir. De todos estes o mais importante é sem dúvida o montado no esporão a E. de **Vasco** Δ e sobranceiro ao dique, podendo mesmo dizer-se que ele constitui a chave de toda a posição, visto que, uma vez na posse do inimigo este poucas dificuldades terá em conseguir atingir a crista de **Vasco** Δ . A maior densidade de meios, consequência da sua maior importância, pode ser obtida, quer pela atribuição de maiores efectivos para uma mesma frente a defender, quer pela atribuição de uma menor frente a defender para efectivos semelhantes. Como o E. Moto dispõe de três pelotões e não convém dissociar os pelotões, o Comandante do E. Moto decide atribuir 1 pelotão a cada ponto de apoio e fixar portanto ao P. Ap. n.º 1 uma menor frente a defender. O P. Ap. a estabelecer no planalto de **Vasco** Δ tem por principal missão flanquear os dois restantes e cobri-los contra ataques de flanco ou de revés.

Revista da Cavalaria

Dispõe o Com. de 4 metralhadoras que distribuirá igualmente pelos P. Ap. da frente para poderem bater a ribeira com fogos de enfiada, mas no planalto de **Vasco** Δ também são precisas metralhadoras sôbre tripé para cumprir as missões que são atribuídas a este P. Ap.; para isso o Com. põe à disposição dêste 2 tripés dos transportados no carro de munições.

Ao Pl. Cav. será dada a missão de vigiar a zona inundada a montante do dique, fornecendo-se 2 exploradores moto para ligações.

Como elementos de segurança do dispositivo são destacados: 1 eqd. expl. para a bifurcação 2.500 m. a SW. de **Povoa** e **Meadas**, estabelecendo a ligação com o Pl. Cav. que ocupa esta povoação, e 1 eqd. expl. para o esporão a NW. de **Pataloa** para vigiar o flanco esquerdo do dispositivo do E. Moto.

É no interior do P. Ap. N.º 3, no planalto de **Vasco** Δ , que deve ficar instalado o P. C./E. Moto, o Pl. Mo. à sua disposição, o pôsto de transmissões e o p. o.

Não possui o Com. do E. Moto meios suficientes para se ligar óptica e telefonicamente com os P. Ap. n.º 1 e 2, mas podemos supor que êle pediu êsses meios ao Com. de G. C. D., que dispendo de 8 telefones, 6 lanternas e de 7 heliografos lhe forneceu 2 telefones, 2 lanternas e 2 heliografos.

A O. Op. que confirmaria as ordens verbais dadas poderá ter a seguinte forma:

G. C. D. 7
E. Moto
N.º.....

P. C. em **Vasco** Δ
12/8/...
às 17 h. 00

Ordem de operações n.º ...

I — Situação e missões:

1 — As nossas forças de cobertura na fronteira mantêm a custo as suas posições.

As nossas patrulhas aguardam ordens nas alturas a E. de **Charneca** e no cruz. junto a **M. Eusébio**. A flecha moto ocupa **Povoa** e **Meadas** e vai ser substituída por um Pl. Cav.

Revista da Cavalaria

O G. C. D. 6 à nossa direita atingiu a transversal **Crato-Alpalhão** sem ter tomado o contacto.

É de admitir que o inimigo, forçando a nossa cobertura na fronteira, pretenda transpor a rib. de **Nisa** a partir da manhã de 13.

2—O G. C. D. 7 vai estabelecer-se defensivamente a coberto da rib. de **Nisa** para impedir ao inimigo a transposição da ribeira e barrar-lhe o acesso à região de **Tapada do Assis** Δ , para o que vai ocupar as regiões de **Pataloa** e de **Horta da Cavala**, vigiar as zonas inundadas a montante dos diques da **Povoa** e de **Poio**, e manter uma forte reserva móvel na região a N. de **Charas** Δ .

3—O 1.º E. Cav. ocupará a região a jusante do dique de **Poio** com a missão de barrar ao inimigo o acesso à região de **Broceira** Δ , exercendo o esforço na região de **Horta da Cavala** e vigiando a região inundada a montante do dique de **Poio**.

4—O E. Moto ocupará imediatamente a região de **Pataloa** com a missão de barrar ao inimigo o acesso à região de **Charas** Δ , impedindo-lhe a transposição da rib. de **Nisa** entre a barragem da **Povoa** e o esporão a NW. de **Pataloa**; esforço na região inundada a montante do dique da **Povoa**.

— Meios suplementares: 1 Pl./2.º E. Cav., Pl. Met., Pl. Mo. e 1 sec. C./E. Met. Eg.

— Zona de acção: limitada a S. por **Navens Ferreira** Δ — **Pegos Dobrados** Δ exclusivé, e a N. por **Lapa** Δ — **Touril** 1.º Δ .

II — *Intenção do Comandante:*

5—É minha intenção:

- ocupar os esporões imediatamente a E. e N. de **Vasco**;
- dar profundidade ao dispositivo pela ocupação do planalto de **Vasco** Δ ;
- vigiar a zona imediatamente a montante do dique da **Povoa** com postos fixos a estabelecer nos esporões entre **Vate de Cales** e **Cancho do Melano**.

Revista da Cavalaria

III — Disposições:

6 — Dispositivo e missões:

a) Pontos de apoio:

- N.º 1 — o 1.º Pl. Moto, dispendo de 1 sec. Met., de 1 sec. C. e dos lança granadas do esquadrão, ocupa o esporão imediatamente a E. de **Vasco** \triangle com a missão de impedir ao inimigo a transposição da rib. de **Nisa** entre o dique da **Povoa** e a curva do canal de descarga (400 m. a N.), ambos inclusivé.
- N.º 2 — o 2.º Pl. Moto, dispendo de 1 sec. Met., ocupa o esporão 340 (800 m. a N. de **Vasco** \triangle) com a missão de impedir ao inimigo a transposição da rib. de **Nisa** entre a curva do canal de descarga e o início da zona inundada a N., ambos inclusivé.
- N.º 3 — o 3.º Pl. Moto ocupa as alturas de **Vasco** \triangle com a missão de, em cooperação com os P. Ap. n.º 1 e 2, impedir ao inimigo a transposição da rib. de **Nisa**, e de cobrir êstes P. Ap. de ataques de flanco ou de revés. Dispõe de 2 tripés.

- b) O Pl. Cav. tem a missão de vigiar a zona inundada a montante do dique da **Povoa** entre **Vale de Cales** e **Pôrto de Nisa**, estabelecendo postos fixos nos esporões 336 a S. de **Pôrto de Nisa**, 325 a N. de **Pôrto de Nisa** e 334 a NE. de **Vale de Cales**, montando de noite uma vigilância móvel entre êstes postos. Ligar-se-á em p. c. 336 com o G. C. D. 6. São postos à sua disposição 2 exploradores moto do 3.º pelotão.
- c) O Pl. Mo. toma posição no interior do P. Ap. n.º 3, onde fica às minhas ordens.
- d) Viaturas no casal de **Charas** sob o comando do sargento mecânico auto.

Revista da Cavalaria

7 — Segurança:

- a) O 1.º Pl. Moto destacará a sua eqd. expl. para a bifurcação de caminhos 2.600 m. a NE. de **Vasco** Δ com missão de vigilância sôbre os caminhos que nêle convergem vindos de **Povoa** e **Meadas** e de **M. Eusébio**. Estabelece a ligação com o Pl. Cav. que ocupa **Povoa** e **Meadas**. Sob pressão do inimigo retira sôbre o P. Ap. n.º 1 em que se encorpora.
- b) O 2.º Pl. Moto destacará a sua eqd. expl. para o esporão a NE. de **Pataloa** (entre a rib. de **Nisa** e a rib. de **Pataloa**) com a missão de vigiar a zona inundada imediatamente a montante da confluência das duas ribeiras e o esporão imediatamente a E. de **Lapa** Δ (a S. da rib. de **Nisa**).

8 — Plano de fogos:

- a) Barragem principal a estabelecer na margem direita da rib. de **Nisa** com maior densidade na região entre o dique e o moinho a jusante da Central, ambos inclusivé.
- b) Flanqueamentos:
 - O P. Ap. n.º 1 flanqueará o P. Ap. n.º 2, batendo a rib. de **Nisa**, com fogos de enfiada a jusante da curva do canal de descarga (400 m. a N. do P. Ap. n.º 1).
 - O P. Ap. n.º 2 flanqueará o P. Ap. n.º 1, batendo com fogos de enfiada o vale da rib. de **Nisa** entre o dique e o moinho, ambos incl.
 - O P. Ap. n.º 3 flanqueará os P. Ap. n.º 1 e 2, batendo com os seus fogos o dique da **Povoa**, a curva do canal de descarga (400 m. a N. do P. Ap. n.º 1) e a rib. de **Pataloa** imediatamente a W. do casal de **Pataloa**.

Revista da Cavalaria

c) O Pl. Mo. prevê a execução, à minha ordem, dos seguintes tiros:

N.º 1 — cr. caminhos 2.600 m. a NE. de **Vasco** △.

N.º 2 — cr. caminhos 3.000 m. a N. de **Vasco** △.

N.º 3 — p. c. 323, imediatamente a NE. do dique da **Povoa**.

N.º 4 — Central da **Povoa**.

N.º 5 — Moinho (150 m. a N. da Central da **Povoa**).

N.º 6 — curva do canal, 750 m. a NE. de **Vasco** △.

d) D. C. B.: terá em especial atenção a região do dique e da Central da **Povoa**.

e) D. C. A.: o Pl. D. C. A./G. C. D. 7 instala-se dentro do P. Ap. n.º 3 com a missão de cobrir a região de **Vasco** △.

9 — Organização do terreno:

a) A eqd. sap. reforçará a defesa a. c. na zona dique-Central, cooperando depois, por ordem de urgência, na organização defensiva dos P. Ap. n.º 1, 2 e 3.

b) Trabalhos a realizar por ordem de urgência:

— defesa a. c.

— protecção e camuflagem das armas pesadas.

— protecção e camuflagem das armas automáticas ligeiras

— P. O. e P. C.

— protecção do pessoal

— comunicações enterradas.

10 — Ocupação da posição: a realizar imediatamente.

11 — Conduta da defesa:

Os P. Ap. manterão as suas posições, prevendo e fazendo face a ataques de envolvimento ou de revés, sem prejuízo da sua missão principal.

Revista da Cavalaria

IV — Ligação:

12 — P. C.:

- do G. C. D. 7: no casal 1.000 m. a S. de **Lapa** Δ .
- do E. Moto: no P. Ap. n.º 3 (pedreiras junto a **Vasco** Δ).
- do Pl. Cav.: na bifurcação 1.600 m. a S. de **Vasco** Δ .

13 — P. O. em **Vasco** Δ .

14 — Transmissões:

- C. Tr./G. C. D. 7 junto do P. C./G. C. D. 7.
- Pôsto Tr./E. Moto junto do meu P. C. ligando-se óptica e telefonicamente com os P. Ap. n.º 1 e 2.

15 — Agentes de ligação:

- a) O sarg. F. acompanhado de 2 expl. do 3.º Pl. Moto apresenta-se imediatamente no P. C./G. C. D. 7.
- b) Os P. Moto mandarão apresentar imediatamente no meu P. C. o cabo agente de ligação.

V — Serviços:

16 — S. S.:

- do E. Moto: no P. Ap. n.º 3.
- Evacuações sôbre o cr. 34º (500 m. a SE. de **Lapa** Δ).
- P. S./G. C. D. no casal 1.800 m. a W de **Lapa** Δ , junto à rib. de **S. Antônio**.

17 — Munições:

- As unidades apeiam com tôdas as suas munições.
- P. Rem./E. Moto no P. Ap. n.º 3 (.....).
- P. Rem./G. C. D. em...

Revista da Cavalaria

18 — S. Mec.:

— Sec. Rep./G. C. D. em **Nisa**.

— Secção de desempanagem do E. Moto no casal de **Charas**.

— L. D. gaso em **Nisa** às.....

19 — Alimentação pelas rações de reserva.

20 — Trens:

— T. C. 1 no P. Ap. n.º 3.

— T. C. 2 em **Horta das Caldeiras**.

O Com. do E. Moto

Distribuição (p. 1.)





GABINETE do Veterinário

ACLIMAÇÃO DE CAVALOS

pelo Ten. Vet. PROSTES DA FONSECA

TODOS sabem as cautelas e cuidados que exigem os cavalos importados do estrangeiro para o nosso País. Já pelo seu valor utilitário, já pelos fins desportivos que, na maioria dos casos, têm motivado a sua onerosa aquisição, estes animais devem merecer-nos sempre um carinho e um tratamento especiais.

É também do conhecimento geral que nem todos o compreendiam assim antigamente, pois não se ligava a importância devida aos cavalos recém-chegados de longas viagens, por mar ou em caminho de ferro, que tinham de se aclimar ao nosso meio, em tudo bem diferente daquele onde se haviam criado.

Eram estes animais alojados em locais desprovidos das mais rudimentares condições higiénicas, surgindo então, por este motivo, uma crise de aclimação muito sensível, donde resultava um morticínio elevado ou o aparecimento tardio, incómodo e persistente de complicações de certa gravidade,

Revista da Cavalaria

que os colocavam em inferioridade orgânica por largo tempo, não lhes permitindo prestar sequer o mais ligeiro serviço útil.

Era assim que estes animais, mantidos durante largos dias em precárias condições nos barcos ou nos vagons, lugares possivelmente já infectados por transportes anteriores, mal alimentados e sofrendo de um enjôo excessivamente incomodativo, por não poderem praticar o vômito, acto este natural e fisiológico nas outras espécies animais, chegavam depauperados e, portanto, com as suas defesas orgânicas muito enfraquecidas, oferecendo um campo óptimo para o desenvolvimento microbiano, por parte dos agentes das várias doenças contagiosas do cavalo, que espreitam a ocasião oportuna para invadirem os organismos baixos de defesas naturais.

E surgia então a doença, breves dias após a sua chegada, já em incubação durante a viagem, acentuando-se o enfraquecimento do doente pela falta quasi absoluta de apetite, apresentando elles a «febre» em tôda a sua plenitude.

Num dia eram dois animais que adoeciam, no dia seguinte mais três e a breve trecho, todos os animais alojados numa mesma cavalação, estavam atacados de «gripe», «influenza» ou «febre de aclimação», que evolucionava rapidamente até atingir as formas graves bronco-pneumónicas, que tantos cavalos de valor vitimaram.

Foi o que se passou em 1921, quando o nosso Governo resolveu importar cavalos de França e de Inglaterra, como é do nosso conhecimento, por relatórios publicados nessa época.

Mas é consolador poder-se registar que os lotes de cavalos comprados ultimamente no estrangeiro, têm sofrido um número muito reduzido de baixas, conservando-se indisponíveis por pouco tempo, sem dúvida graças às melhores e mais rápidas condições de transporte e, muito principalmente, aos maiores cuidados de hygiene e tratamento que actualmente lhes são dispensados, mercê dos aturados estudos e descobertas realizadas em medicina-veterinária, nos últimos anos, no que se refere aos meios de protecção e ataque às doenças contagiosas dos cavalos.

Ainda nos recordamos bem do desembarque dos cavalos adquiridos em 1937 na Hungria, para a G. N. R., depois de

Revista da Cavalaria

uma viagem tormentosa em que o barco teve de aportar a terras de abrigo, sem mantimentos para os homens e para os animais, tendo as medidas higiênicas e terapêuticas tomadas, valido em absoluto, não se registando nenhum caso fatal.

O mesmo tem sucedido com os lotes de cavalos mandados vir ultimamente da Irlanda, sendo justo registrar o que se passou na recente passagem por Portugal de uma centena de irlandeses destinados à Suíça, que estiveram em Lisboa em tratamento e sob a vigilância clínica de um médico-veterinário português, que dispensou a vinda de um colega da Nação a que os cavalos se destinavam e que lhes ministrou os competentes cuidados que a moderna prática clínica nestes animais ensina e aconselha hoje, colocando-os em condições de prosseguirem a sua viagem em bom estado, transportados nos higiênicos vagonos que os suíços nos fizeram admirar.

Ora a «gripe» a que nos referimos, também conhecida por «influenza», conforme se empregue o termo francês ou italiano para denominar esta doença contagiosa do cavalo, talvez melhor definida neste caso, por «febre de aclimação» como outros lhe chamam também, é bem análoga à «gripe» humana, tendo como esta por agente principal, um «virus filtrável» não identificado.

A «febre de aclimação» denuncia-se pela «febre» em regra muito intensa, com prostração, vacilação do apoio e marcha do doente, parecendo que o terço posterior do corpo está desligado do terço médio e anterior; os olhos apresentam-se vermelhos, notando-se ora casos de «febre abdominal» — semelhantes aos da «febre tifóide» do homem — ora de «gripe torácica» que podem evolucionar para as formas fatais de bronco-pneumonia e, até, formas de meningite e encefalite de extrema gravidade.

Tôdas estas várias modalidades da doença se passam com maior ou menor aparato, conforme a virulência dos micróbios e o estado orgânico dos cavalos atacados, e segundo as medidas higiênicas e terapêuticas foram ou não tomadas a tempo e horas.

Temos tratado já algumas dezenas de cavalos atacados desta «febre de aclimação» sem que, felizmente, tivesse morrido qualquer doente, certamente pelas facilidades que nos

Revista da Cavalaria

têm proporcionado sempre em colocar os animais em óptimas condições higiénicas, o que faz evolucionar de uma forma esboçada a «febre», tendo-nos sido, portanto, exigido um mínimo de ciência, para vencer estas crises.

Mas esta doença, de marcha insidiosa e traiçoeira, procura — como o vulgo usa dizer — os «pontos fracos» do organismo doente e como a «gripe» ou o «sarampo», registados na espécie humana, são sempre dignos da maior atenção, pelas complicações que podem ocasionar. Assim, podem ser as articulações ou os tendões, onde se manifestem as sequelas do ataque microbiano passado, apresentando-se os cavalos ainda «prêsos», passados meses, ou as lesões de «febre intestinal» que «esgalgam» os animais, tornando-os fracos por largo tempo; outras vezes, é o «sibilo da respiração», mais conhecido por «cornage», que evidencia uma localização na laringe, passada a «febre torácica», podendo ainda notarem-se lesões oculares de certa importância, ou, ser o coração o órgão tocado, o que vem a explicar mais tarde tantos insucessos em cavalos de desporto, tudo porque afinal se não acautelou convenientemente o doente destes percalços graves, que podem comprometer grandemente o seu futuro desportivo.

Não concordamos, portanto, em abreviar a cura dos cavalos mais doentes, no entusiasmo de conhecer melhor as suas qualidades, sem lhes continuar a dispensar aquela atenção e tratamento indispensáveis, até que o seu organismo fique completamente «limpo» dos agentes causadores da doença que mais os ataca neste período crítico da sua vida.

Quais serão então as normas a seguir quando se recebem cavalos importados?

1.º Fazer observar cuidadosamente os animais, colocando-os nas melhores condições higiénicas de alojamento e alimentação, entregando-os a bons tratadores.

2.º Ficarem sujeitos a uma aturada vigilância clínica, separando-os desde logo, conforme os sintomas apresentados.

3.º Estabelecimento racional do regime alimentar para estes cavalos, no qual, em regra, a aveia será o alimento base da ração, em conjunto com um bom feno, confeccionando-se «mashes», para os cavalos mais fracos.

Revista da Cavalaria

4.º Vacinação de todos os cavalos contra a «influenza equina».

5.º Passeios controlados para os animais que não apresentem sinais graves de doença, ficando os restantes em repouso absoluto.

6.º Desinfecção das cavalariças e bebedouros, aproveitando a saída dos animais para o seu passeio, não descurando a maior higiene das suas camas que, em rigor, devem ser queimadas.

7.º Todos os animais que pela força das circunstâncias tiverem de ficar coabitando com os cavalos importados, devem ser igualmente vacinados contra a «influenza» e ficar sujeitos a igual vigilância clínica.

Muito embora já tivéssemos conhecimento de que na Irlanda não grassa o mormo, submetemos sempre todos os cavalos importados à prova alérgica da maleína, antes de os vacinar.

Sobre a alimentação destes animais temos verificado que, tanto os húngaros como os irlandeses se adaptam rapidamente ao regime de transição instituído — aveia e fava — convindo — está bem de ver — fixar o novo tipo de ração que lhes queremos ministrar, somente quando o seu estado de saúde o permita completamente, alimentando-os até esta altura com um regime o mais parecido possível com aquêl a que estavam habituados no seu País.

Verificámos que os cavalos irlandeses ao nosso cuidado na G. N. R., desprezaram nos primeiros dias o feno que se lhes ofereceu, preferindo a palha, não sabemos se por acharem novidade ao novo alimento de balastro, se por a preferirem ao feno, em nada comparado com aquêl que admirámos nas várias propriedades que visitámos na Irlanda.

Preguntar-se-á agora:

— Mas então, qual será o tempo de aclimação de um cavalo importado?

E a resposta vem naturalmente: — tudo depende do estado em que chegou e das normas que se estabelecerem para a sua aclimação. Vem a propósito registar aqui, que segundo estudos feitos por autores estrangeiros — Verchin, Poels e Berchman — cavalos há que apresentam a sua saliva

Revista da Cavalaria

virulenta durante oito meses e sementais que transmitem, pelo coito, a gripe seis anos depois de curados, tal qual se regista nas pessoas «portadoras de virus» — como acontece na difteria — que albergam o agente do mal por largo tempo, transmitindo-o aos seus semelhantes, sem que o seu estado de saúde se apresente alterado.

Também é certo que o termo «aclimação» serve, para muitos, para explicar as infelicidades ou surpresas apresentadas por animais importados, de grande preço, rotulando-se tantas vezes de «linfáticos», termo vago que engloba comodamente todos os estados desconhecidos ou enigmáticos de sintomatologia vaga, apresentados por estes cavalos, quando não correspondem ao que se esperava, em «fundo» ou geito para o desporto que se deseja, e até, como já temos registado, por azares de uma «pinchadela» mal dada, quando estão por mais tempo «empanados», apresentando um edema mais teimoso em ceder ao tratamento instituído.

É caso para se dizer: estes cavalos não são «linfáticos...» estão mas é «linfáticos!...»

Estabeleçam-se um treino bem orientado, e um tratamento racional sem pressa de os fazer brilhar, respeitem-se pacientemente os verdadeiros ensinamentos que a prática moderna aconselha e o animal deixa de ser «linfático», passando a ser pelo menos um bom servidor, quando «a alma» não lhe chegue para ser um animal de desporto.

— Deve-se, portanto, considerar os cavalos em aclimação, durante pelo menos um ano, merecedores da nossa maior atenção, mesmo aquêles que não tenham contraído a «febre», visto o desequilíbrio orgânico provocado pela mudança de clima os colocar em inferioridade, enquanto não se adaptarem perfeitamente ao nosso meio, sendo indispensável mantê-los em boas condições higiénicas de alojamento, fornecendo-lhes ao mesmo tempo uma adequada e racional alimentação, em que o verde, na época própria, pelas suas altas virtudes em vitaminas naturais, lhes proporcionará um grande benefício, nunca esquecendo que o nosso clima, de constantes e freqüentes variações térmicas, dificulta o trabalho de aclimação dos animais de «sangue».

A higiene e conservação dos cascos dos cavalos importados deve prender a nossa melhor atenção, principalmente

Revista da Cavalaria

nos cavalos irlandeses, por estarem habituados ao terreno mole e relvado, sendo muito importante também a escolha de um bom ferrador, que lhes fará uma ferração um pouco mais «paniça» do que aquela que traziam e sempre bem folgada para permitir o crescimento do casco, respeitando a integridade da «ranilha» órgão de apoio e dilatação d'êste órgão. Nunca esquecer o ditado bem inglês e bem verdadeiro: «No foot, no horse».

Os membros e tendões devem ser cuidados diariamente, após o trabalho, beneficiando-os por meio de duches, seguidos de massagem e aplicação de antiflogísticos, como pode ser o Antiphlogistine, ou, mais economicamente, a greda, fazendo também o uso das «flanelas» e das ligaduras elásticas.

As «boxes» devem ser largas, ficando o animal à sôlta, proporcionando, sempre que se torne possível, ao irlandês, a liberdade no campo, tão benéfica para êstes animais, criados na maior parte da sua vida nas esplêndidas pastagens da «Ilha Verde».

E todos êstes cuidados ficarão bem a cargo do médico-veterinário e do bom cavaleiro, inteligente e sensato, que em colaboração estreita devem trabalhar para o mesmo fim: colocar o cavalo importado «em condição».



A CAVALARIA NESTA GUERRA

Pelo tenente-coronel BENARY



Os comunicados do Alto Comando das Fôrças Armadas alemãs têm falado repetidamente, nas últimas semanas, não só de combates com fortes formações de cavalaria soviética, como também de vitoriosas acções de algumas unidades de cavalaria germânica. Durante muito tempo reinou o silêncio em tôrno da cavalaria. Nos anos subseqüentes à Grande Guerra viveu-se sob o signo de uma crescente motorização e do aperfeiçoamento dos veículos de transporte e de combate blindados e não blindados, pelo que foi muito discutido se sim ou não se justificava ainda a existência da cavalaria.

Os Estados possuidores de inteira liberdade quanto aos problemas do respectivo armamento, adoptaram uma solução conforme ao lado técnico do tráfego nos eventuais teatros de guerra que lhes interessavam em primeira linha, e conforme ao estado da sua indústria de motores e veículos automóveis. A Inglaterra, pelo que respeita ao seu exército territorial, e com excepção de alguns esquadrões de parada, renunciara completamente à cavalaria, em proveito das tropas rápidas motorizadas. A França estava a caminho de motorizar os seus regimentos montados. A Rússia soviética, que durante as guerras da revolução e durante a campanha polaca obtivera bons resultados com as suas tropas a cavalo, manteve-se, pelo contrário, fiel à cavalaria. A Polónia e a Roménia seguiram-lhe o exemplo. A Itália optou por um meio termo.

Revista da Cavalaria

A Alemanha ficara com as mãos amarradas pelo «ditado» de Versalhes, que lhe consentiu manter forças de cavalaria relativamente fortes, por supostamente «inofensivas», mas impôs estreitos limites para uma motorização do Exército.

Em parte alguma existia a menor dúvida de que os dias dos ataques em massa, da carga à arma branca, tinham de uma vez para sempre passado à História, e que de futuro a missão da cavalaria consistiria no aproveitamento das pernas dos seus cavalos, a fim de transportar por sobre qualquer terreno e fazer entrar em acção de surpresa nos pontos decisivos do campo de batalha o peso do fogo das suas armas (carabinas, metralhadoras e canhões).

Na guerra actual, a cavalaria correspondeu às esperanças nela depositadas, sempre e em toda a parte onde foi adequadamente utilizada; onde, como nas regiões desprovidas de caminhos no Leste, na estepe arenosa e nas superfícies cobertas de neve, se tornava difícil o avanço das armas pesadas motorizadas e não motorizadas; e onde se opunham ao avanço rios e torrentes que os cavaleiros podiam atravessar sem necessidade de pontes e jangadas. As formações de esclarecimento e os grupos de cavalaria dos regimentos de infantaria puderam completar o trabalho de reconhecimento das posições inimigas realizado pelas formações aéreas e motorizadas. Isoladamente foram também empreendidos pequenos ataques coroados de êxito, por exemplo pela formação de reconhecimento do conhecido cavaleiro Werner Hasse.

Os grupos de cavalaria romenos e italianos distinguiram-se especialmente nas campanhas na curva do Don. A cavalaria italiana chegou a empreender um ataque de grande envergadura contra a infantaria soviética. Os sovietes, por seu turno, fizeram também bastante uso da sua cavalaria. O jornal sueco *Svensk Rytartidning* publicou recentemente uma entrevista do seu redactor-chefe com um oficial de cavalaria soviético, apresentando interessantes pormenores sobre a organização e os métodos de combate da cavalaria inimiga. Lê-se aí, entre outras coisas, o seguinte:

«A cavalaria da União Soviética, além das armas ligeiras e pesadas geralmente empregadas, dispõe de carros de combate, aviões, combóios blindados, artilharia e sapadores. Os soldados e oficiais desta arma recebem a sua instrução antes de começarem a prestar serviço militar, possuindo dêste modo uma especialização profunda. Trata-se em geral de homens acostumados a lidar desde pequenos com cavalos. Os cavalos da cavalaria soviética têm às vezes um aspecto pouco cuidado, mas são, no entanto, muito resistentes, sobretudo às alterações de temperatura. Acostumados a ficarem no ponto onde os cavaleiros os deixarem, logo que estes saltam por cima das suas cabeças, separando-se dêles, a fim de occuparem posições de ataque, os cavalos ficam para trás, não sendo já utilizados como antigamente pelos cossacos, como sacos de areia para colocar as carabinas». Precisando os cavalos de uma protecção ainda maior na retaguarda, não é necessário ninguém para segurá-los. São reunidos atrás da frente em rebanhos, ao que estão habituados quasi desde nascença. O regulamento de campanha soviético resume a missão da cavalaria do seguinte

Revista da Cavalaria

modo: a cavalaria estratégica, pela sua grande velocidade, poderoso armamento e poder ofensivo, pode conduzir independentemente o combate. Deve saber colaborar com formações de infantaria e couraçadas, e deve atacar em tôdas as circunstâncias e em tôdas as posições, quer seja no flanco, nas costas ou, sobretudo, em perseguição do inimigo».

Eis o que escreve o jornal sueco. Esquece, no entanto, que a cavalaria soviética, por êle tão louvada, só tem podido fazer valer as suas qualidades nos pontos em que o terreno e o tempo lhes eram propícios, e os ninhos de resistência alemães não eram em grande número. Sempre que deparou com formações mais fortes, por exemplo na batalha de Dubno, nunca levou a melhor.

O poder combativo da cavalaria de que o Exército Alemão ainda hoje dispõe tem aumentado bastante, sobretudo depois de ter sido munida de armas automáticas especiais e de se lhe terem associado unidades de cossacos. Seja como fór, a actual guerra mostrou que a cavalaria possui, agora como dantes, trunfos especiais para o combate.



A LUTA CONTRA O CARRO

COMBATE PRÓXIMO

pelo Cap. Francisco Lena Pacheco



Aparece o carro de combate sôbre o campo de batalha e sucessivamente vão aparecendo os meios para o combater; uns fracassam e desaparecem; outros, mais afortunados, aperfeiçoam-se e perduram.

Novos meios estão actualmente à disposição dos Exércitos para a luta contra a jóvem arma blindada, muitos dos quais não são conhecidos; outros só difficil e defeituosamente se conhecem devido à sua curta vida e experiência. Conhecem-se presentemente, no entanto, um certo número de meios utilizados na luta contra os carros de combate, meios que podemos agrupar em principais e secundários. Em volta dos primeiros, agrupam-se aquêles cuja acção se destina quasi exclusivamente à destruição dos carros:

- a) Armas anti-carro (podendo-se nelas incluir os próprios carros).
- b) Obstáculos (activos, passivos e combinados).
- c) O combate próximo.

Entre os secundários estão os que só casualmente se empregam para a destruição de elementos blindados, sendo de maior importância a artilharia e a aviação.

Dos meios principais, atrás citados, só do último (combate proximo) nos ocuparemos nestas linhas.

*

Já são passados alguns anos, leitor, em que pela primeira vez, no principio da nossa Cruzada, um soldado espanhol em terras da mesma Castela que foi noutros tempos teatro da «cena dos moinhos», saltava do seu esconderijo no campo de batalha, dispondo apenas como armas de uma garrafa de gasolina, uma granada de mão e um coração capaz de animar aquêles gesto, e se lançava contra o primeiro monstro de ferro, erichado de meios de defesa, ameaçando esmagá-lo com o seu andar vacilante. Porém, desta vez o cavaleiro não foi apeado nem terminou mal ferido a sua aventura; pouco depois, o monstro imóvel deixava sair pelas

Revista da Cavalaria

suas portas abertas o fumo e o fogo das suas entranhas. O combate próximo contra o carro ficava estabelecido e aquêle montão de ferro calcinado era testemunho e prova muda da sua eficácia.

Desde aquêle dia, muitas coisas se passaram; o que nascia então, aperfeiçoa-se de tal forma que não se trata já de uma improvisação mas de um capítulo da instrução geral que tem de receber todo o soldado das armas combatentes, porque todos, absolutamente todos, sejam de que arma forem, podem encontrar-se perante um carro que, por ter escapado aos tiros das armas especiais, ou ter conseguido passar através dos obstáculos contra êle construídos, chegue até junto do seu pôsto no campo de batalha e aí tem de ser destruído por qualquer soldado. A esta missão não escapa o moderno e sempre velho sapador que muitas vezes há-de constituir o primeiro elemento de uma coluna em marcha ou em combate; nem o pontoneiro que é surpreendido no seu trabalho por um destacamento rápido inimigo; nem o artilheiro, perseguido como objectivo principal pelos carros da primeira linha de ataque. Nem ainda os próprios soldados de carros que nas vicissitudes do combate podem tentar, com 2 ou 3 homens da tripulação, a destruição do carro inimigo em combate próximo. Assim acontece quando no combate do carro isolado, um ou dois carros se encontram a curta distância com igual número de carros inimigos, superiores em armamento e blindagem.

Neste caso, sempre que o terreno permita abrigar o carro e a aproximação a coberto desta protecção e da que lhe dá o seu próprio fogo, deve tentar-se destruir em luta próxima o carro contrário. Assim o ensina e pratica com êxito a arma blindada alemã.

Há, porém, duas razões de ordem principal que dão carácter de absoluta necessidade ao estabelecimento e acção constante do combate próximo contra os elementos blindados, e estas são:

1.^a — Que os meios que se utilizam para o combate são de tamanho e pêso reduzido de forma a poderem entrar na dotação individual e a serem transportados por todos os combatentes.

2.^a — Que o aumento progressivo das blindagens e paralelamente do calibre e alcance das armas anti-carro, fêz com que estas perdessem a sua ligeireza e mobilidade ao mesmo tempo que aumentou o número dos serventes que fazem parte da sua guarnição; daqui resulta não poderem as armas anti-carro aumentar na mesma proporção do número de carros, não podendo aparecer em todos os locais da luta onde a sua presença se torne necessária, nem as suas mudanças de posição se poderem efectuar com a rapidez precisa.

Só estas razões, mesmo que não existissem muitas outras, bastariam para deixar bem vincada a necessidade de instruir todo o soldado na luta contra o carro pelos seus próprios meios e com probabilidades de êxito.

Porém, ainda que em tôdas as armas exista uma probabilidade de ter de recorrer a êste processo de luta para pôr fora de combate o carro inimigo que chegue até às suas posições, é evidente que a freqüência não é a mesma para tôdas elas. E assim, devendo todo o soldado receber a

Revista da Cavalaria

instrução e meios necessários para poder levar a cabo com êxito êste combate especial, em certas armas, como na infantaria e nos sapadores, é necessária a constituição de unidades especialmente instruídas e armadas, cuja missão no combate seja a destruição dos carros inimigos, atacando-os às mínimas distâncias.

Poderá objectar-se que sendo todos os soldados devidamente instruídos, se poderão formar, com quaisquer dêles, grupos destinados à missão anti-carro. É, porém, mais conveniente, tê-los de antemão preparados e sob os mesmos comandos, pois tal permitirá uma instrução mais perfeita, um treino mais completo, além de um conhecimento e de uma identificação exacta por parte do que comanda com os que lhe hão-de obedecer.

Assim se alcançará ainda a vantagem de empregar nestes grupos homens escolhidos pelas suas qualidades de valor, serenidade, iniciativa e audácia que se não encontram igualmente desenvolvidas em todos os indivíduos.

Estas unidades podem ser constituídas por um sargento, um cabo e quatro ou cinco soldados. Sendo variável, segundo os casos, o número dêstes agrupamentos por unidade, como regra geral é de dois ou três por companhia.

A actuação dêstes grupos no combate realiza-se umas vezes de modo independente e outras em estreita colaboração com os restantes meios anti-carro, visto uma das suas principais missões ser a total inutilização e destruição dos carros que tenham sido imobilizados por outros meios, (anti-carro, minas, avarias acidentais nos trens de rodagem, etc.) e das suas guarnições.

Actuam tanto na ofensiva como na defensiva e em tôdas as fazes do combate, e o seu emprêgo generalizou-se de tal modo que sempre que um carro ou uma unidade de carros se encontrem detidos no campo de batalha ou nua via de comunicação próxima do inimigo nos momentos que precedem o contacto, são de temer os ataques dêstes grupos, que se conservam escondidos no mais rigoroso silêncio até ao momento propício à sua actuação.

Na actual campanha da Rússia são freqüentes os casos em que unidades blindadas de ponta de vanguarda — momentaneamente paradas — têm sido atacadas por êstes grupos, sofrendo importantíssimas baixas.

A repetição dêstes episódios deu lugar a que nestes casos se faça deslocar a infantaria (granadeiros de carros) para os flancos e para a retaguarda imediata dos carros, com a exclusiva missão de lhes dar a segurança que o carro de combate não pode garantir a si mesmo. Também é uma medida de ordem geral — em situações como as atrás mencionadas — fecharem-se as tórres de comando, pois eram freqüentes as baixas nos chefes de carro, abatidos por atiradores especiais que de cima das árvores os visavam através das portas superiores das tórres de comando, quando abertas.

A necessidade de tomar tais precauções e a eficácia dos ataques levados a cabo na sua ausência, foram apreciados pelo autor destas linhas e de modo a não deixarem dúvidas.

Revista da Cavalaria

Os pontos de passagem obrigatória, os de prováveis paragens motivados por obstáculos naturais ou artificiais, e em geral sempre que um carro atravessa uma zona de terreno coberto, ou pise a linha de defesa inimiga, são ocasiões que sistematicamente se devem aproveitar para procurar a destruição do carro, mediante o ataque levado a efeito por estas pequenas unidades.

Meios anti-carro e forma de os empregar

Para cumprimento da sua missão anti-carro são os grupos dotados de meios de acção diversos, que podemos classificar em: cegadores, incendiários e explosivos.

A instrução do soldado, tanto sob o ponto de vista geral como daqueles que fazem parte dos grupos especializados, compreende uma parte a que poderemos chamar tática (aproveitamento do terreno, modo de se aproximar do carro, etc.) e outra técnica, destinada ao conhecimento destes meios, emprego dos mesmos, conservação e cuidados que requerem, etc.

Em tempo de guerra deve dar-se a estes grupos um conhecimento exacto dos modelos de carros utilizados pelo inimigo a fim de poderem diferenciá-los facilmente uns dos outros e atacá-los nos pontos mais vulneráveis. Consegue-se assim, igualmente, que o soldado perca o natural receio do desconhecido, sendo neste aspecto de grande utilidade o emprego para a instrução e exercícios, de carros tomados ao inimigo.

Meios cegadores

Improvisados: Uma simples garrafa, cheia de cal, água e barro, atirada contra a janela do condutor é suficiente para lhe impedir a observação do caminho a seguir.

Um capacete de ferro ou um simples barrete de soldado, colocado sobre o braço do periscópio que sai do teto da torreta, é suficiente para impedir a visão por este aparelho.

Fabricados: Granadas de mão fumígenas atiradas sobre a janela de visão do condutor, ou sobre a proa do carro, o que facilita a entrada do fumo através dos ventiladores e aspiradores do motor na câmara de combate. Na maioria dos casos, os fumos só produzem a dificuldade motivada pela falta de visão; porém, noutros, por terem propriedades irritantes, provocam a tosse, lágrimas, etc., que podem obrigar a tripulação a abrir as portas e a sair dos carros, entregando-se ou sendo aniquilada.

Quando a proa do carro é em declive, como sucede com os modelos russos T 34 e KW 1 (tipos A, B e C), principalmente, sem ressalto algum onde a granada de fumo possa ficar retida, estas não se empregam isoladas, mas duas a duas e ligadas por uma corda ou arame; serão atiradas

Revista da Cavalaria

de forma a ficarem cavalgando o tubo do canhão da torreta central (Fig. 1). Isto requiere certo hábito e habilidade que só se consegue depois de muita prática em exercícios freqüentes.

Utilizam-se também alguns corpos líquidos encerrados em frascos, que ao serem atirados contra o carro, produzem ao contacto do ar uma nuvem densíssima de fumação instantânea. Têm a enorme vantagem de serem utilizados em muito pequena quantidade, sendo reduzidíssimo o tamanho dos frascos. A esta classe de corpos pertence o conhecido, no exército alemão, com o nome de H 1; tem poder corrosivo sôbre o ferro, razão por que deteriora as partes das armas do carro onde cai. Quando o

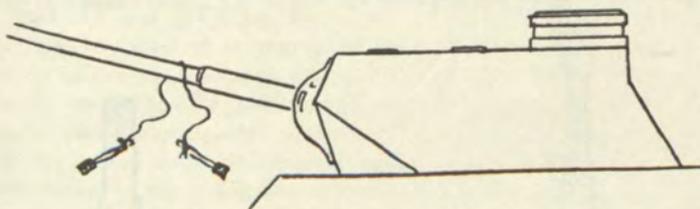


Figura 1.

fumo produzido adquire certa concentração no interior da torreta, produz tosse e lágrimas que podem obrigar a tripulação a abandonar o carro, ainda que os seus efeitos não sejam suficientemente intensos, nem duradouros, para se poder considerar como agressivo químico contrário às regras internacionais.

Este corpo não pode ser utilizado — devido à sua acção corrosiva sôbre o ferro — em exercícios sôbre os nossos próprios carros.

Todos estes meios não têm um valor decisivo, como regra geral, na destruição ou inutilização do carro o que só é possível conseguir com os restantes. Consegue-se com êles, no entanto, que o veículo se detenha ou marche às cegas, o que sempre facilita o emprêgo, com maiores garantias de segurança e eficácia, dos meios decisivos.

Meios incendiários

Como os anteriores há-os improvisados e fabricados. Entre os primeiros, encontra-se a clássica garrafa de gasolina que se atira contra o carro e se incendia com uma granada de mão. Este processo, porém, já hoje não tem aplicação por os motores e depósitos de combustível dos carros serem tão bem protegidos que a gasolina atirada contra o carro se consome antes de serem alcançados aquêles órgãos vitais. De maior utilidade é o emprêgo, igualmente em garrafas, de uma mistura de duas

Revista da Cavalaria

partes de azeite para uma de gasolina que se atira contra as janelas de ventilação e respiradores do motor e que ao chegar a êste se incendeia devido à temperatura do mesmo.

Como meios incendiários fabricados, utilizam-se diversos modelos de garrafas cheias de líquidos inflamáveis de composição diversa, ainda que a mistura citada se possa utilizar em todos os casos devido aos seus excelentes resultados. Existe um modelo que leva no interior da garrafa uma ampola de um líquido especial que se inflama ao contacto do ar quando aquela é atirada contra o carro. Estas ampolas são geralmente transportadas em caixas separadas e só se introduzem na garrafa quando o seu emprêgo é provável, pois caso contrário correm o risco de se inflamarem durante o seu transporte. Por estas razões êste processo torna-se pouco prático. É mais conveniente empregar um fósforo especial (do mo-

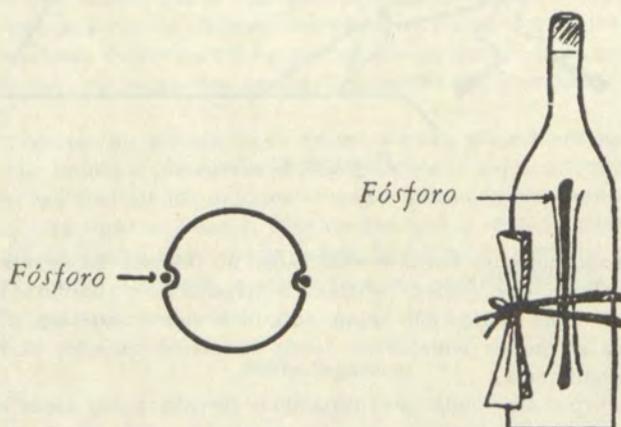


Figura 2.

dêlo alemão chamado «fósforo de sapador»), que se prende à garrafa por um cordão; êste fósforo incendeia-se por fricção no momento em que a garrafa é atirada contra o carro.

Fabricam-se garrafas especiais com um cavado longitudinal, onde se aloja o fósforo, protegido com um traço de papel para se não deteriorar nem inflamar prematuramente, ainda que se tal acontecer não correrá perigo visto ir colocado na face externa da garrafa e, portanto, não haver o risco do fogo se propagar ao líquido que vai no interior daquela (fig. 2).

Como incendiários, podem considerar-se muitas vezes pelos seus efeitos, os explosivos, pois freqüentes vezes, quando colocados nas proximidades do motor, produzem o incêndio dêste e, posteriormente, dos depósitos de combustível. Porém, como a sua principal acção é a explosiva, serão incluídos no seu devido lugar.

Revista da Cavalaria

Meios explosivos

Como meio explosivo ao alcance de todo o combatente, temos a granada de mão. No entanto, a sua eficácia só é efectiva quando empregada de modo conveniente, pois atirada simplesmente contra um carro de média tonelagem, o seu efeito é nulo.

Só agrupando várias granadas se podem conseguir efeitos semelhantes aos de uma mina, quando colocadas debaixo da cremalheira de um carro. Para este efeito servem muito bem as granadas com detonador retardado, do tipo da fig. 3.

Porém, na falta destas, a granada Laffite pode servir, colocando no centro do agrupamento de granadas, um pequeno petardo, com mecha de uns segundos, que provoca por simpatia a explosão das granadas que o rodeiam. Sendo possível é conveniente colocar no centro uma granada de punho e rodeá-la com granadas Laffite, vantajosas pelo seu grande poder explosivo.

Muitas vezes o grupo atacante tem probabilidades de atirar alguma granada para o interior do carro, aproveitando o momento em que a tripulação abre uma porta para fugir do carro ou para atacar o grupo à pistola ou pistola metralhadora.

Também se deve procurar introduzir a granada no interior do tubo do canhão. A explosão da granada pode algumas vezes rebentar o tubo, deteriorando-o sempre.

Podem empregar-se também como meios explosivos contra carros os petardos vulgares em uso em todos os Exércitos. A partir dos petardos base de 100 e 200 grs. podemos agrupar estes constituindo cargas de maior peso.

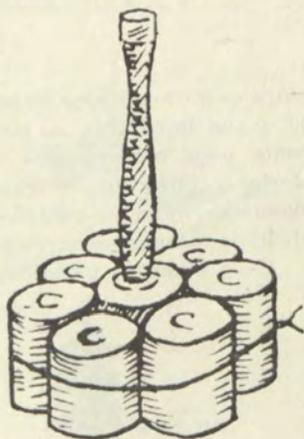


Figura 3.

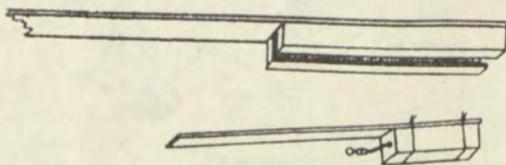


Figura 4.

Assim, com cargas de 1 a 3 Kgs. agrupadas em forma de cubo, se consegue um poder explosivo que atirado para cima do motor do carro ou pendurado por arames sobre o tubo do canhão, consegue o efeito dese-

Revista da Cavalaria

jado. A estas cargas junta-se um detonador retardado (de alguns segundos) do tipo de frictor de anilha, ou com fósforo colocado na extremidade de uma mecha. O retardador mais conveniente é de uns 4 segundos, tempo suficiente para protecção do soldado que coloca a carga e insuficiente para que qualquer membro da tripulação do carro consiga soltar a carga ou atirá-la a distância (fig. 4).

Quando se trata de petardos de 100 a 200 grs. podem juntar-se uns

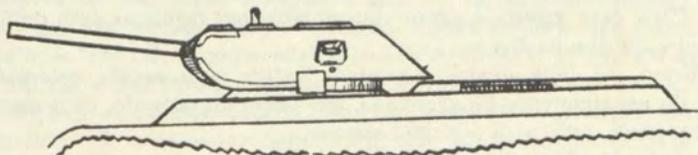


Figura 5.

contra os outros dentro de uma moldura de madeira com cabo o que facilita a sua introdução no interior do tubo do canhão ou em determinados pontos onde o carro seja mais vulnerável, como por exemplo na parte inferior e posterior da torreta do carro T 34 russo, de tão excelentes qualidades, onde um petardo de 1 Kg. é suficiente para provocar a imobilidade ou mesmo a destruição da referida torreta (fig. 5).

Nos petardos constituindo cargas de 2 a 3 Kgs. podem empregar-se

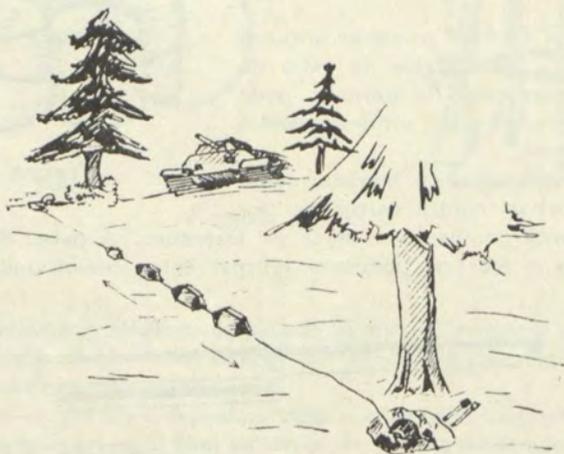


Figura 6

detonadores de percussão (como nas minas) encerrados numa espécie de trenó de madeira a fim de facilitar o seu escorregamento no solo.

Colocam-se três ou quatro destas cargas tôdas ligadas por uma corda e intervaladas de 70 a 80 cm. de forma a que o conjunto possa deslizar através do espaço compreendido entre dois poços trincheira onde se

Revista da Cavalaria

abrigam soldados encarregados de deslocar o conjunto para um ou outro lado (fig. 6). É indispensável que tanto as minas como os cabos laterais se mantenham perfeitamente dissimulados e imóveis até que o carro se aproxime o suficiente para que o conjunto fique dentro do ângulo morto de visão. Só então é que aquêle deverá ser deslocado até que uma das minas fique precisamente debaixo de uma das crenas alheiras. Êste processo emprega-se sempre que seja preciso interceptar pontos de passagem obrigatória quando, por circunstâncias do combate, não se tenham colocado nêles minas fixas, ou para completamento de barragens de minas nos intervalos das me-mas. Na fig. 6, para melhor compreensão, apresenta-se o conjunto sem ser dissimulado.

Nalguns Exércitos empregam-se minas de fabrico que, segundo as circunstâncias, podem funcionar por percussão ou por tempos; conforme se deseja atirá-las contra o carro ou para debaixo dêle (figs. 7 e 8).



Figura 7.

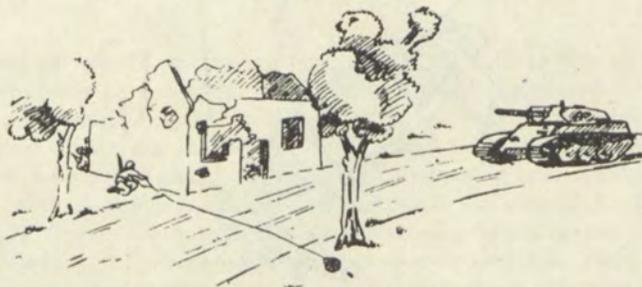


Figura 8.

A mina alemã, tipo T, leva enroscado no bordo exterior um detonador de fricção por tempos quando se deseje empregá-la com retardamento. Êste é de uns 4 segundos, utilizando uma mecha que arde à razão de um centímetro por segundo. Colocada sôbre um trenó de madeira, (fig. 9) onde se prende uma comprida corda, pode ser deslocada à distância por

Revista da Cavalaria

um soldado oculto até conseguir que o carro a pise. Tanto a corda como a mina devem ser cuidadosamente dissimuladas, e o soldado não a deve deslocar sem estar seguro de que o carro a não pode ver. Funciona por pressão com pesos de 70 Kgs. no centro e 140 Kgs. na periferia.

Utilizam-se também na guerra actual um tipo especial de minas que

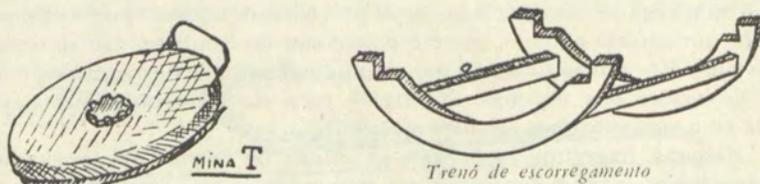


Figura 9.

se colocam directamente sôbre as placas de blindagem dos carros, às quais se fixam por meio de poderosos ímanes, evitando-se assim que caiam, devido aos movimentos e oscilações do carro durante a marcha. São estas as minas magnéticas de funcionamento especial. O tipo de mina desta classe afecta a forma de um funil (fig. 10).

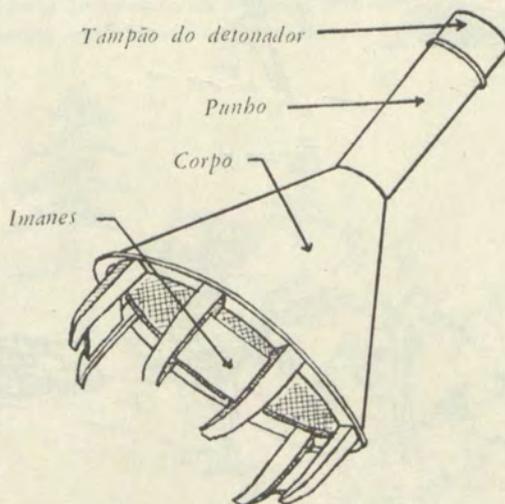


Figura 10.

Durante o transporte e até momentos antes da sua utilização leva uma armadura circular ou hexagonal que une os polos dos ímanes e evita que com o tempo estes se desmagnetizem. Na parte superior do punho vai colocado um detonador de fricção que o soldado põe em funcionamento momentos antes de a colocar sôbre a placa de blindagem. O seu mecanismo é como segue:

Revista da Cavalaria

Pela maneira como está colocado o detonador, a carga começa a arder na porção mais afastada da blindagem que há-de perfurar, e pela forma especial do corpo da mina, as linhas de força e de saída dos gases são dirigidas até um ponto que é para elas o que o foco de uma lente convergente é para os raios de luz que a atravessam. Este ponto está situado no centro dos três grupos de ímanes e no mesmo plano que a placa de aço do carro. O orifício da perfuração é por este motivo muito menor do que o diâmetro da mina, e os efeitos sobre a tripulação são tais, pela enorme pressão que a entrada dos gases produz no interior do carro, que a morte é quasi sempre instantânea devida às lesões pulmonares que provoca. Além disso os serventes são violentamente lançados contra as paredes do carro resultando-lhes daí múltiplas fracturas.

O poder de perfuração desta mina magnética é superior a 140 mm., com um orifício de 6 cm. de diâmetro. Os bordos deste orifício são tão regulares que alguns parecem feitos a trado.

O ataque feito com estas minas é o representado na fig. 11.

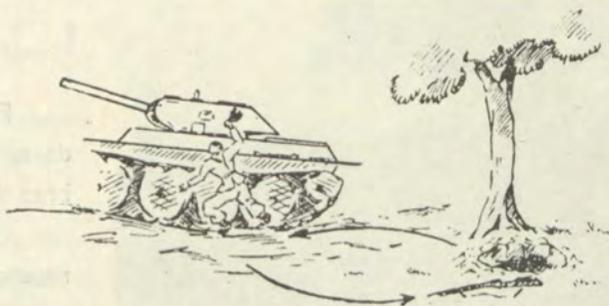


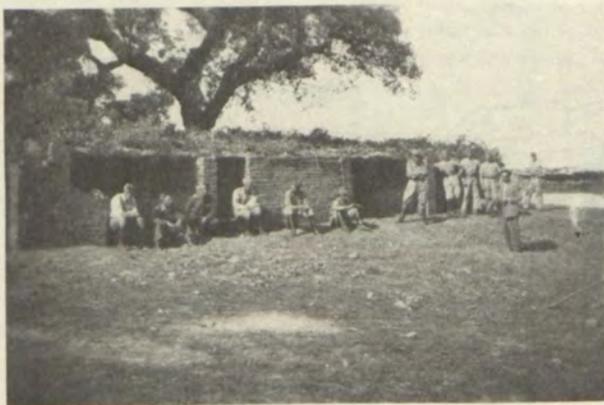
Figura 11.

Além de todos estes meios, o grupo anti-carro lança mão de variados processos para inutilizar o carro ou torná-lo inofensivo.

É indispensável, para o bom êxito de tôdas estas operações contra carros, que o atacante se coloque sempre fora das vistas das tripulações. Para isso, o pessoal de um grupo anti-carro nunca se deve aproximar sem ter a certeza de estar dentro do ângulo morto dos aparelhos ópticos da viatura. E mesmo assim deverão abrigar-se para evitar serem vistos das janelas laterais. É conveniente que todo o grupo salte ao mesmo tempo sobre o carro e que cada um dos seus componentes leve de antemão marcada uma determinada missão de modo a que a operação a efectuar se faça num tempo mínimo mas sem pressas nem atropelos.

Foi isto que eu vi — leitor — há poucas semanas e que quis fazer chegar ao teu conhecimento, caso lhe encontres alguma utilidade. E não esqueças que não é pequeno o número de carros que nesta guerra têm sido destruídos neste combate próximo tanto da índole do nosso soldado.

Nesta casa de lavoura alentejana estão instalados 1 pelotão, 28 motos, etc., etc. Sob um monte de cortiça que se vê por detrás do carro da direita, estão 2.000 litros de gasolina



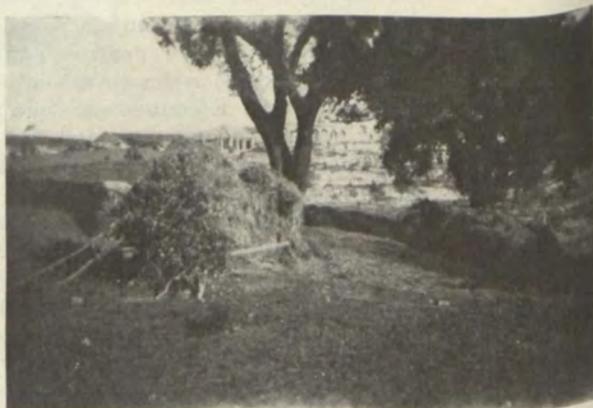
Secção de comando e instalações de oficiais

Trabalhos de camouflagem

Publicamos uma interessante do esquadrão moto do G. C. da 2.ª Divisão do Outono, do Exército Português.

Os trabalhos de camuflagem receberam lisongeras referências a seu bivaque.

Este esquadrão pertencia ao comando pelo tenente miliciano «da Cavalaria» felicita pelo êxito



Motos da secção de comando, camoufladas

Gráficas



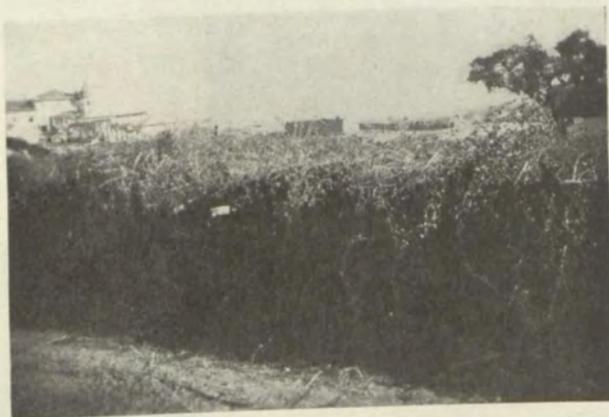
Quatro camionetes e um carro tanque de gasolina, completamente encobertas com ramos de árvores da região. Esta camouflagem apresenta-se à observação aérea, com o aspecto de uma árvore.

do Exército Português

série de fotografias de um bivaque Divisão, durante as últimas manobras.

executados por este esquadrão, metidas as entidades que visitaram o

Regimento de Cavalaria 8 e era Matos Pinto, a quem a «Revista dos trabalhos executados.



28 motos camoufladas



Sobre estas ruínas está montada a D. T. C. A. do bivaque

Manobras do Outono de 1943



A cosinha

Aspectos do bivaque do
Esquadrão Moto do G. D. 2

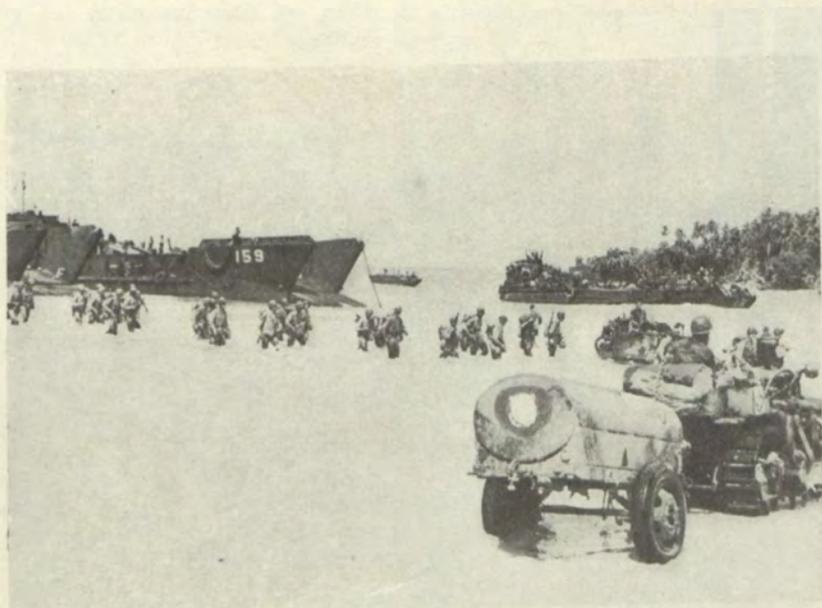


O carro da água

Desembarques do Exército Americano



Aspecto de um desembarque de tropas americanas e neo-zelandesas, 130 milhas a Leste de Rabaul



Desembarque americano na ilha de Emirau. Ao longe carros anfíbios cooperaram nas operações de desembarque

Moderno material americano

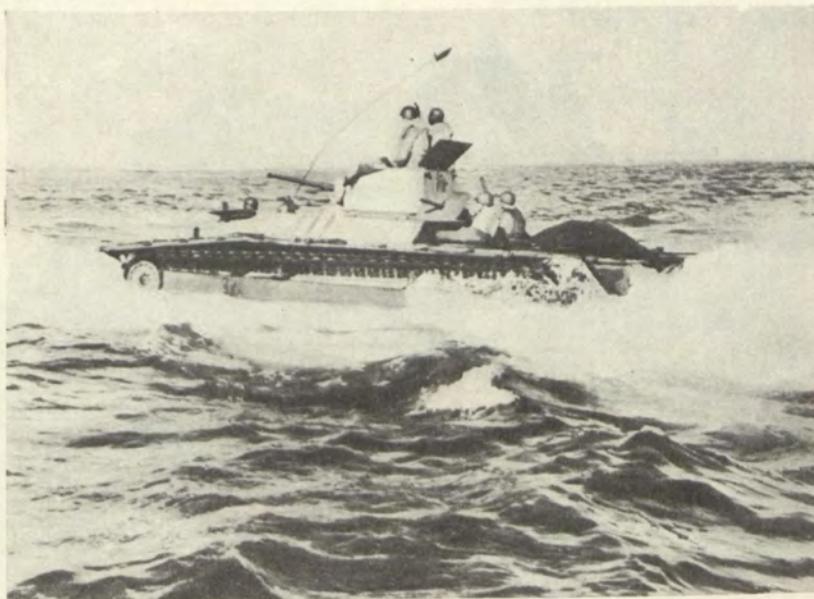


Um carro de combate americano do Corpo de Fuzileiros Navais, deslocando-se numa praia da ilha de Emirau, ocupada pelos japoneses



Tractor blindado rebocando uma peça de 240mm, numa estrada italiana

Moderno material americano



Moderno carro anfíbio L. V. T. americano, deslocando-se velozmente dentro de água numa experiência. Estes barcos, conhecidos pelos «búfalos do mar», equipados com um canhão de 37 mm. e duas metralhadoras calibre 50, desempenharam um papel de grande importância nas operações anfíbias do Pacífico

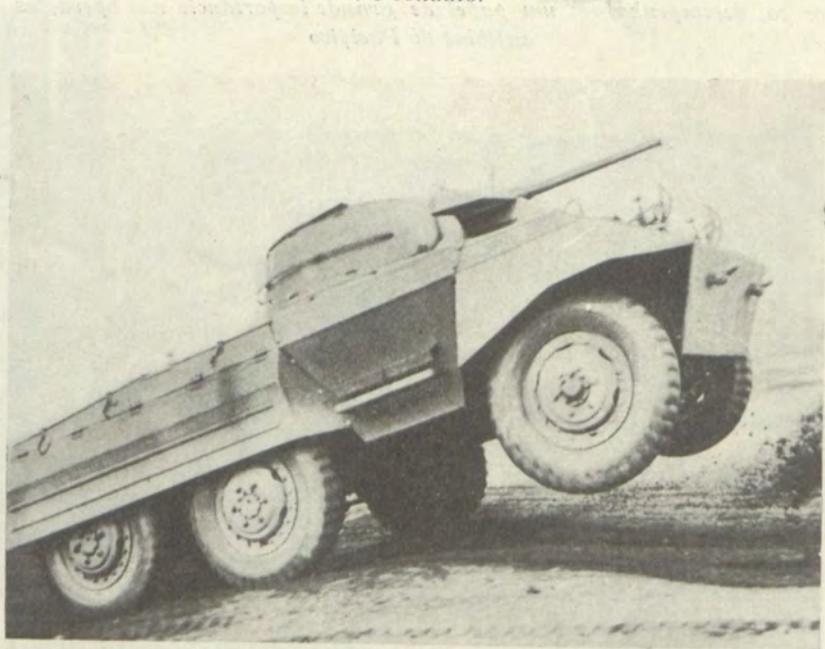


Novo material anti-aéreo americano. Cada viatura é equipada com quatro metralhadoras calibre 50, calculadas para disparar 2.000 tiros por minuto

Novo material americano

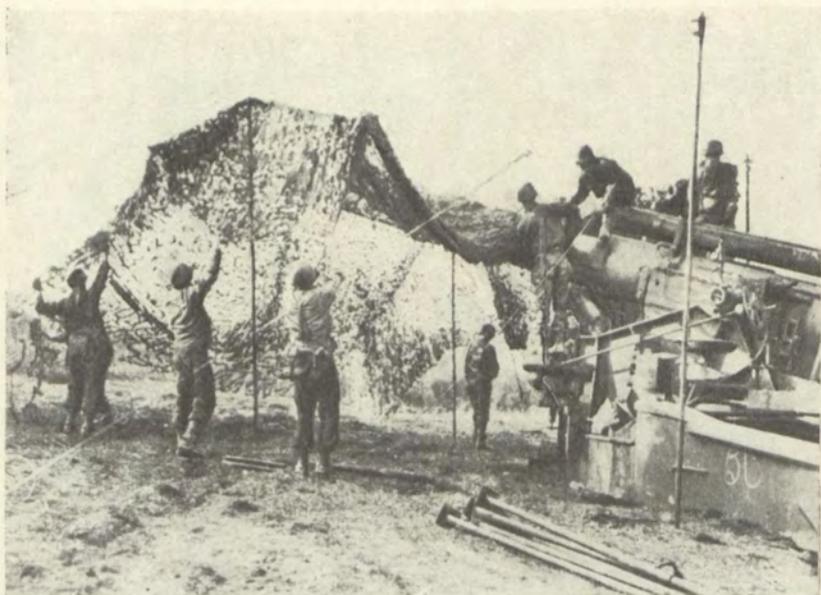


Transformação do «Jeep» — Ligeiramente mais comprido que o antigo modelo apresentado em 2.º plano, o novo «Jeep» transporta nove homens e o condutor

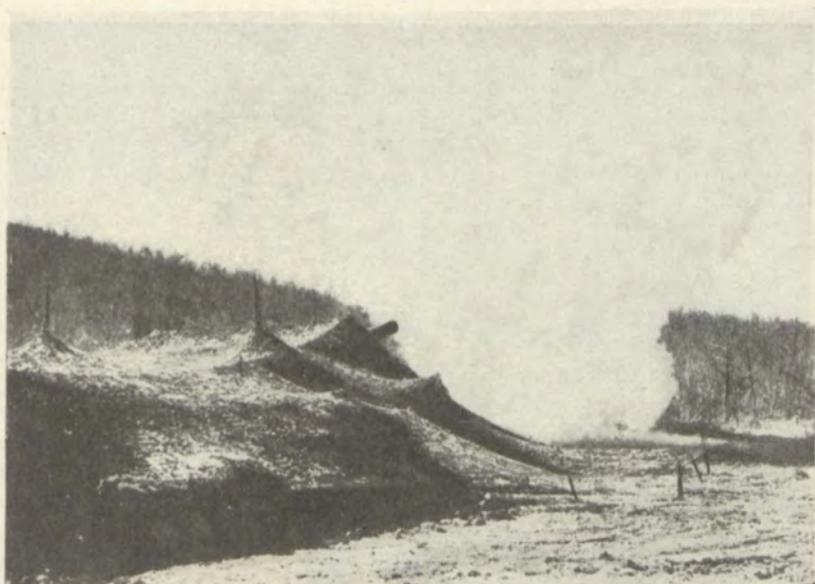


Moderna auto-metralhadora americana, conhecida oficialmente pelo «carro blindado M-8, 6×6». É armada com um canhão de 37^{mm} e uma metralhadora calibre 30

Trabalhos de camouflagem do Exército Americano



A guarnição de um grande canhão de 240^{mm}, estendendo uma rede de camouflagem



Uma rede de camouflagem protege das vistas aéreas uma bateria de artilharia

Novo material do Exército Alemão

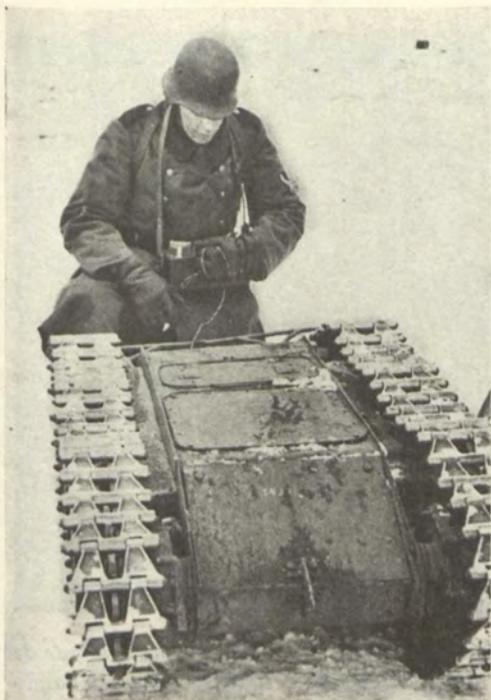


Lança-nevoeiro blindado alemão



A figura mostra a nova arma alemã, o «goliath», acabando de ser espoletada. Esta arma consiste num pequeno carro de combate, carregado de explosivo, e que actua independentemente. É empregada contra carros de combate e fortins

Actividade do Exército Alemão



FRENTE LESTE — *Granadeiro alemão carregando com dinamite a nova arma, o «goliath»*

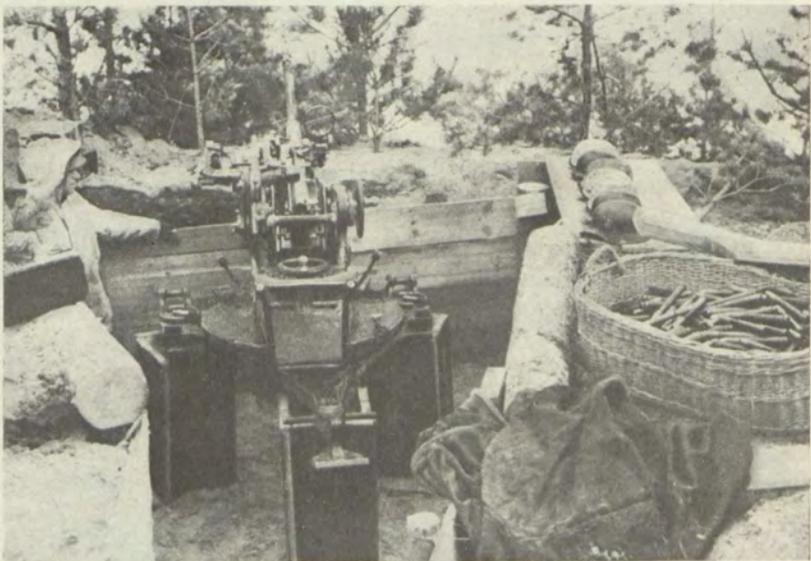
CANAL DA MANCHA — *Aspecto do trabalho febril da guarnição de uma bateria anti-aérea alemã, durante a defesa contra um ataque de aviões inimigos*



A campanha na Itália do Exército Alemão



Uma bateria de artilharia alemã apoiando o avanço de uma unidade de carros de combate. Em segundo plano vê-se um carro aguardando ordem para avançar

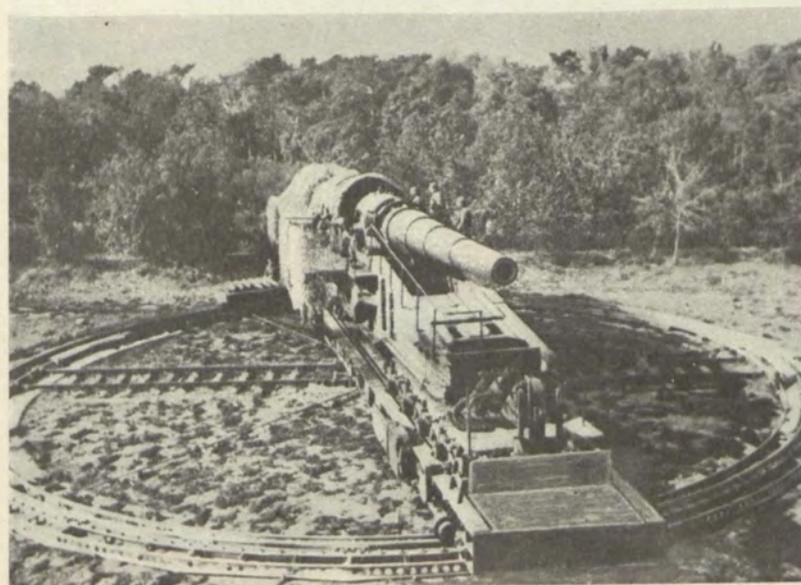


Posto alemão de D. T. C. A. em território italiano

Aspectos da defesa alemã da Costa Europeia



Tenda abrigo construída na costa norueguesa



Peça de artilharia pesada alemã, na costa atlântica

Novos modelos de material alemão



Exercício de lança-chamas na costa atlântica



Granadeiro alemão em acção, com um lança-chamas portátil

A EQUITAÇÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

L. de Sévy

Os sucessores de du Paty de Clam



A segunda metade do século XVIII foi particularmente fecunda em equitadores notáveis. Os nomes de Nestier, Salver, Lubersac e Neuilly ainda hoje são conhecidos. Infelizmente, porém, alguns deles nada deixaram escrito.

Lubersac, aluno de Salver, fundador da célebre escola de *cavalos-ligeiros*, foi, no dizer de Bohan, o primeiro que encontrou os princípios naturais e mecânicos da equitação. Deixou dois discípulos célebres: d'Auvergne e Montfaucon de Rogles. Ambos marcaram pela sua originalidade acentuada e foram por sua vez chefes de duas escolas, algumas vezes rivais.

Montfaucon, admirador de La Guérinière, seguiu e impôs o ideal estético deste grande mestre. No seu culto pela bela posição a cavalo, exagerou por vezes os princípios do fundador da Escola francesa.

D'Auvergne, mais apologista da naturalidade do que da estética, forma uma pléiade de equitadores célebres, muitos dos quais nos transmitiram os ensinamentos dele recebidos.

Foram eles, Boisdeffre, de Bohan e du Croc de Chabannes.

Sobre todos eles foi considerável a influência de du Paty de Clam.

Data de 1766 o grande acontecimento na história da equitação militar: o primeiro regulamento de cavalaria tratando da instrução a cavalo.

A fim de se poderem conhecer as tendências da época e em particular a influência de d'Auvergne, que nada deixou escrito, estudaremos em seguida as obras dos seus principais discípulos, o barão de Bohan e o marquês du Croc de Chabannes.

Consagraremos ainda algumas páginas ao estudo do trabalho de Drummont de Melfort, considerado como o inspirador do primeiro regulamento de equitação militar.

Revista da Cavalaria

Bohan

Em 1781 aparece em Génova o magistral estudo do barão de Bohan, *Exame crítico do militar francês*.

O terceiro volume trata de equitação, apresentando primeiro idéias gerais, visivelmente inspiradas em du Paty de Clam.

Como este, Bohan afirma a necessidade de provar a verdade dos princípios sobre os quais se deseja apoiar. Como du Paty de Clam exalta o valor da experiência e da prática: «É um erro acreditar que a teoria é suficiente para se chegar a mestre num exercício do corpo; é necessária a prática e é preciso sentir, para se adquirir o tato que se tem de transmitir».

Depois destes conselhos gerais, o autor precisa nitidamente os fins a atingir, tanto para o cavaleiro como para o cavalo, com estas duas definições:

1.^a) «A arte de montar a cavalo é aquela que nos dá e demonstra a posição que devemos tomar a cavalo a fim de conseguirmos segurança e comodidade; que nos dá simultaneamente os meios de dominar e conduzir o cavalo com a maior facilidade, e obter dele, pelos processos mais simples e fatigando-o o menos possível, a obediência mais completa e perfeita, compatível com o que lhe permitem as suas posses e constituição física».

«O homem de cavalos é aquêle que sólidamente sobre o animal, adquiriu o sentimento daquilo que se lhe pode pedir, e a prática dos melhores processos para o submeter à obediência».

2.^a) «O cavalo ensinado ou sujeito, é aquêle que compreende as intenções do cavaleiro à menor indicação, e responde imediatamente com precisão, ligeireza e força».

Sintetizando assim os fins a atingir pelo cavaleiro, tanto sobre os seus alunos como sobre os cavalos a ensinar, Bohan passa seguidamente a expor a maneira de realizar este duplo ensino.

Instrução a cavalo — A posição é, como sempre, a primeira indicação dada ao aluno, (fig. 6).

«Com a posição que eu recomendo, toda a gente pode montar a cavalo, pois toda a gente tem tronco, coxas e pernas».

Antes de entrar nos detalhes da posição, aponta a vantagem de principiar a instrução sobre um cavalo parado, «a fim de que nenhum movimento se oponha à teoria e que a atenção do aluno não seja anulada por qualquer preocupação de desequilíbrio». A ordem adoptada pelo autor é a seguinte: rins, espáduas, braços, nádegas, coxas e pernas.

«Os rins, devem dobrar-se um pouco para a frente a fim de fazerem um arcobotante; esta dobra deve ser feita pelas últimas vértebras lombares e deve operar-se sob as espáduas de maneira a não contrariar a vertical que deve cair a meio das nádegas.

«As espáduas deverão unir à retaguarda sem constrangimento.

«Os braços cairão naturalmente pelo seu próprio peso.

Revista da Cavalaria

«Estando as nádegas bem colocadas a meio da sela, as coxas deverão cair naturalmente de cada lado do cavalo, sem força, relaxando os músculos de modo a permitir a sua aderência pela face interna».

.....

...Aponta com cuidado as vantagens do passo para a colocação do cavaleiro em sela.

«Cada passada do animal, produz uma pequena sacudidela em todo o corpo do homem, que êste parece procurar evitar, abandonando-se; estas sacudidelas ajudarão as coxas a estenderem-se... poderão alguns

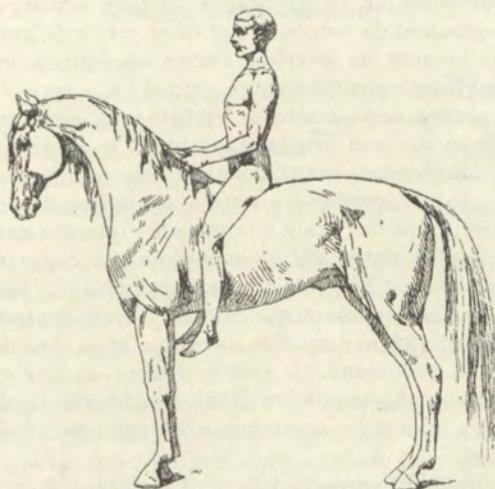


Fig. 6

Posição do cavaleiro segundo Bohan (fins do século XVIII)

Repetição da representação do homem nu de du Paty de Clam mas numa atitude mais à-vontade e aprumo mais natural

mestres negar esta verdade, mas para se convencerem, interroguem os principiantes; êstes os convencerão que é mais fácil a colocação sôbre um cavalo em movimento, do que sôbre o cavalo parado».

Bohan, reagindo contra o costume dos antigos mestres, quere que o cavalo marche rigorosamente direito. «Eu demonstrarei como é essencial que os cavalos andem absoluta e rigorosamente direitos».

Antes de abordar o trote, preconiza-o, como La Guérinière, como o andamento mais aconselhável como meio de instrução.

«É principalmente neste andamento, que o principiante fará rápidos progressos...

Revista da Cavalaria

A propósito do galope, faz judiciosamente notar que é neste andamento que a divisão do corpo do cavaleiro em três partes, se torna mais justificável. «É ao galope que a divisão do corpo do homem em duas partes móveis e uma imóvel é mais aparente; enquanto a imóvel, ligada e levada pelo cavalo segue os seus movimentos e as suas novas direcções, a função das duas partes móveis varia constantemente a fim de conservar o equilíbrio da máquina inteira; estando as dobras dos joelhos perfeitamente descontraidas, as pernas tomarão a cada instante a posição dada pelos estribos normalmente suspensos dos loros pelo seu próprio peso, isto é, a perna fará com a coxa um ângulo tanto mais agudo quanto mais elevada fôr a frente do cavalo».

Estudo do cavalo — Passando ao estudo do cavalo, o autor demonstra verdadeiras qualidades de observação e de bom senso; aqui mais uma vez recomenda o estudo da natureza que deve servir de guia ao equitador.

Verdadeiro homem de cavalos, Bohan demonstra uma compaixão muitas vezes justificada por este nobre animal: «...o cavalo entregue ao seu mestre, cai muitas vezes em mãos bárbaras que aceleram a sua ruína; nada mais perigoso que um artista ignorante. Êle engana-se por sistema e perde-se por obstinação: assim acontece com a maioria daqueles que têm por ofício ensinar cavalos... abram-se os tratados de equitação e nêles se verá a natureza forçada e contrariada; quantos cavalos estropiados e experimentados antes de se encontrar um capaz de executar as *macaquices* indicadas por Newcastle e La Guérinière...; os meus cavalos não conhecerão nunca andamentos artificiais e applicarei todos os recursos da arte para lhes aperfeiçoar aquêles que a natureza lhes deu».

Com este fim recomenda o estudo cuidadoso dos andamentos do cavalo em liberdade. «Soltemos um cavalo em liberdade, diz-nos, examinemos os seus movimentos e andamentos, e a natureza uma vez conhecida nos servirá de lei».

O seu espírito de observação não se fixa apenas no estudo dos andamentos, convidando o cavaleiro a seguir atentamente o que se passa no momento em que o cavalo parado rompe a marcha. A propósito, apresenta a teoria, repetida mais tarde por Sain-Phalle: «Examinemos bem o cavalo parado e de perfil; se o fizermos sair suavemente para diante e repararmos com cuidado no ante-mão, vê-lo-emos primeiro deslocar-se, e depois como que arrastando as pernas, veremos o ante-mão ficar sob o corpo do cavalo; o caminho menor ou maior feito pelo corpo do animal obrigará a perna a deslocar-se mais ou menos para a frente».

Para a utilização dos andamentos, preconiza o emprêgo do trote dizendo: «Pela posição dos bipedes, o corpo do animal mantém facilmente o seu aprumo, razão pela qual este andamento é menos fatigante para o cavalo».

Falando do galope, declara: «Este andamento, muito fatigante para o cavalo...» condenando-o como andamento habitual na tropa: «é escusado dizer quanto o galope é pernicioso».

Conclusões — Na obra notável de Bohan, a influência de du Paty de Clam é tão manifesta que devemos considerar como seu discípulo o autor da *Ciência e arte da equitação demonstradas segundo a natureza*.

Revista da Cavalaria

No decorrer da sua obra, sente-se uma lógica desconhecida até ai pelos autores de tratados de equitação. Muito criteriosamente, Bohan fixa primeiro o fim a atingir, tanto para o ensino do homem como para o ensino do cavalo.

Na instrução do cavaleiro começa por lhe precisar a posição a tomar, passando depois em revista os andamentos próprios a desenvolverem-lhe o «*cassiette*», e indicando para cada um deles as características essenciais.

Finalmente, falando do cavalo, estuda primeiro os andamentos em liberdade, dando-nos depois a conhecer as suas preferências na utilização prática destes andamentos.

Ducroc de Chabannes

Em 1827, quarenta e oito anos depois da obra de Bohan, aparece o *Curso elementar e analítico de equitação, ou Resumo dos princípios de M. d'Auvergne*, de Ducroc de Chabannes.

Aluno de d'Auvergne, como Bohan, Ducroc de Chabannes, interpreta, não sem deixar transparecer a sua forte personalidade, os princípios do mestre comum.

Esta obra, um pouco difusa no seu plano, compreende prescrições de três naturezas diferentes. Uma são de generalidades relativas à equitação e à instrução a cavalo; as segundas referem-se ao cavaleiro e à sua educação tanto física como moral; as últimas tratam do cavalo, seu ensino e utilização.

Generalidades sobre equitação — O autor que escreveu a sua obra no fim da carreira, atribui ao desporto hípico vantagens exclusivas sobre todos os outros desportos: «O exercício a cavalo tem incontestavelmente sobre todos os outros, a inestimável vantagem de poder ser praticado em todas as idades até à velhice, desde que tenha sido sempre praticado».

Condenando o recurso instintivo à força, tanto como meio de segurança para o cavaleiro, como processo de domínio sobre o cavalo, diz: «A equitação tem antes por fim evitar a revolta do cavalo do que ensinar a combatê-la» reconhecendo que para uma sólida educação, necessária desde o princípio, se torna difícil, em vista da divergência de critérios das diferentes escolas, a escolha de um bom mestre. A influência deste é considerada por Chabannes como condição essencial do sucesso.

«Alguns meses de boas lições dadas por um bom mestre, equivalem a anos de uma prática rotineira, mas considerando a divergência de opiniões e a diversidade de critérios usados em equitação, somos levados a considerar que os vários processos dependem apenas de combinações fantasistas. Cada picadeiro, cada escola de cavalaria, e assim cada qual adopta o processo mais em moda, considerando o seu como o melhor».

Revolta-se contra os termos bizarros em uso nos picadeiros que «concorrem para que as lições se tornem incompreensíveis». Saliencia que «a nossa língua, tão rica em termos significativos, não necessita que se recorra a termos bárbaros».

Revista da Cavalaria

Como du Paty de Clam apela para a mecânica em auxílio da sua arte. «É na mecânica que o cavaleiro deve procurar os mais poderosos meios de domínio».

Para pôr termo às divergências de processos, que condena, diz-nos que só a aplicação das leis da mecânica podem parar a confusão.

Educação do cavaleiro—Dirigindo-se ao cavaleiro, Chabannes, começa como Bohan por lhe fixar o fim a atingir por uma definição bem nítida da equitação: «A equitação tem por objectivo obrigar e familiarizar o cavalo à obediência. A arte do cavaleiro consiste em lha tornar o mais fácil possível».

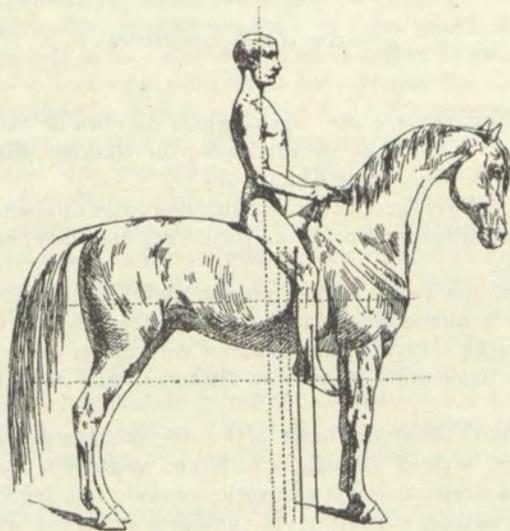


Fig. 7

Posição do cavaleiro de d'Auvergne (fins do século XVIII)

Reparar no rim, menos cavado, e comparar com a fig. 5 de du Paty de Clam

O primeiro cuidado de Chabannes é o de colocar o cavaleiro no selim. Como du Paty de Clam quer que o seu aluno monte de maneira a que a vertical do seu centro de gravidade se confunda com a do centro de gravidade do cavalo.

Para êle, a posição do cavaleiro será tanto mais firme quanto «as nádegas e as coxas tenham mais pontos de contacto com o cavalo».

Esta maneira de ver é compartilhada por numerosos equitadores do século XIX.

Em resumo: a posição do cavaleiro de Chabannes não apresenta, tal como Bohan, nenhuma diferença digna de ser assinalada, salvo sob os pontos seguintes:

Revista da Cavalaria

No detalhe da posição a cavalo, Chabannes é o primeiro a falar-nos na influência do corpo do cavaleiro sobre as diversas acções do cavalo. A primeira das condições a que deve obedecer a posição a cavalo é permitir a liberdade de agir do cavaleiro.

Aproveitando a idéia traçada por du Paty de Clam sobre os rins, afirma-nos com certa autoridade: «Os rins devem conservar a situação vertical, como a mais natural e única, que dispensa a força, permitindo a adaptação aos diversos movimentos do cavalo».

Finalmente, falando da divisão clássica do corpo em três partes, sendo uma imóvel, acaba por concluir que se não trata de uma imobilidade absoluta, mas de uma parte passiva sujeita a movimentos que lhe imprimem uma reacção mais ou menos enérgica.

Esta posição é considerada como a mais natural: «A melhor posição a cavalo — diz elle — é aquella que nos dá maior comodidade».

A inovação principal de Chabannes é a prescrição relativa ao rim, que elle não quer fechado e curvo, mas direito. O péso do cavaleiro, outrora sobre a forquilha, depois sobre os isquions com o rim curvo, deve para o futuro repousar sobre as nádegas, com o rim colocado tal como na posição do homem sentado.

Educação do cavalo — No que diz respeito ao cavalo, Chabannes, como Bohan, convida o cavaleiro a estudar a predisposição natural da sua montada.

«Se é essencial na equitação, submeter o cavalo a uma passiva obediência, é também das atribuições do bom cavaleiro não obrigar aquêle a exercícos que colidam com as suas predisposições naturais. Ora, é no seu estado de independência, e antes de ser sujeito a qualquer trabalho, que melhor se pode julgar das suas verdadeiras inclinações».

Falando dos andamentos, preconiza como Bohan o trote de preferência ao galope. O cavalo «pode manter-se neste andamento durante mais tempo e com menos fadiga do que em qualquer outro».

Trata-se, evidentemente, do trote curto, pois Chabannes apresenta-o como duas vezes mais rápido do que o passo, e duas vezes mais lento do que o galope. O espaço que o cavalo pode percorrer numa hora a passo, é percorrido em meia hora a trote e num quarto de hora a galope».

Conclusões — Encontramos em Chabannes a dupla influência de du Paty de Clam (apêlo às ciências) e d'Auvergne (apêlo à natureza). Chabannes não nos fala nunca da adaptação do cavaleiro como resultado da educação equestre. É portanto graças a esta adaptação antiga e não à agilidade desaparecida, que elle conseguiu até uma idade muito avançada, praticar o seu desporto favorito.

Não podemos deixar no esquecimento o nome de Drummont de Melfort, autor da Ordenança de 1766, o primeiro dos nossos regulamentos de cavalaria que trata de equitação, pois as anteriores (1753, 55 e 65) apenas trataram da instrução a cavalo.

Revista da Cavalaria

Drummont de Melfort

Em 1748, Drummont de Melfort escreveu uma obra, que apenas foi publicada em 1776, tratando de equitação, organização e tática de cavalaria. Condenando a lentidão da instrução a cavalo e a posição tomada pelo busto e pelas pernas durante as intermináveis lições de trote à guia, Drummont de Melfort, que procura primeiramente os processos apropriados à instrução do cavaleiro militar, começa desde o princípio por fazer

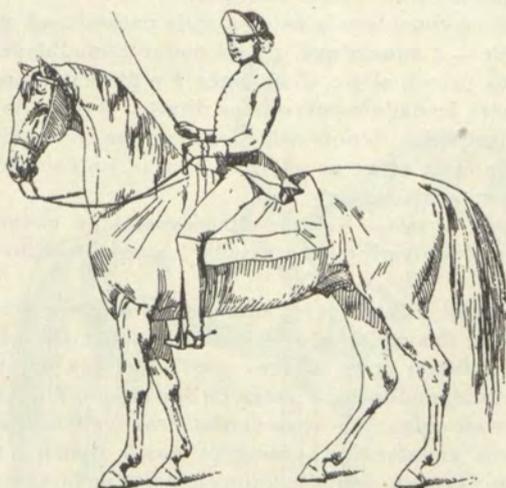


Fig. 8

*Posição do cavaleiro, segundo Drummont de Melfort
(fins do século XVIII)*

Notar a colocação do assento à retaguarda, as coxas mais oblíquas, os estribos mais curtos do que nos autores precedentes

andar os seus alunos com estribos. «Os princípios da instrução a cavalo são tão lentos que exigem do aluno seis meses de trote à guia sem estribos».

«É preciso abreviar as lições de trote à guia e conseqüentemente permitir o uso dos estribos desde o começo. O uso destes, dão ao cavaleiro uma posição completamente oposta àquela que lhe é dada pelo trote à guia sem estribos».

Esta posição, preconizada por Drummont de Melfort na sua obra, foi previamente experimentada com sucesso pelo autor, que continua assim: «Foi a observação feita sobre este contraste que me levou numa

Revista da Cavalaria

hora feliz a fazer montar com estribos, desde o comêço, os cavaleiros de Orléans, e é devido aos bons resultados alcançados que apresento aqui esta sugestão».

É, pois, sem desgosto, que Drummont de Melfort, a quem poderemos chamar o pai da equitação militar e do exterior, renuncia à antiga posição e apresenta a sua, mais parecida com a da nossa época.

A equitação regulamentar depois de 1766 até aos nossos dias

Quando apareceram os primeiros regulamentos da instrução a cavalo, a arte eqüestre se não estava fixada, tinha chegado, pelo menos, ao termo de uma longa e fecunda evolução. Brutal e convencional nos tempos antigos, natural e estética no tempo de La Guérinière, a equitação tende a tornar-se racional e científica devido a du Paty de Clam e aos alunos de d'Auvergne.

Os regulamentos de instrução a cavalo, para os quais a continuidade de doutrina é um elemento de fôrça e de autoridade, não podem sancionar as novidades, ainda que estas constituam um progresso marcado, incontestável e suficientemente demonstrado por uma prática longa e honesta.

A instrução no exército não pode com efeito, prestar-se a experiências contínuas sem se expor a desagradáveis vicissitudes tão funestas à autoridade dos seus autores como à formação e à fé dos instrutores; as inovações não devem ser aceites sem que judiciosas experiências lhes tenham consagrado o valor. Isto explica o exagerado espirito tradicionalista dos regulamentos, aos quais pela prudente elaboração parece faltar espírito de iniciativa; e com efeito todo o regulamento está automaticamente atrazado sôbre qualquer idéia em voga. Para o provar basta lembrar a dificuldade do General L'Hotte ao pretender adoptar o trote levantado no Exército e a hostilidade encontrada na prática do salto com o corpo para a frente.

Esta prudência, necessária na redacção de textos officiais, não deve, no entanto, impedir que os regulamentos acompanhem o progresso.

Limitaremos o estudo que segue às prescrições relativas à posição do cavaleiro a cavalo e à prática do salto.

Até 1829 parece que os regulamentos, longe de collocarem o cavaleiro numa posição de à-vontade, favorável a combater as reacções do cavalo, procuram fixá-lo numa attitude de imobilidade correspondente à actual *posição de sentido*.

Esta preocupação parece evidente pelo exame comparado dos textos dos três primeiros regulamentos. Os rins primeiramente «direitos e especados» (regulamento de 1766) devem, nos termos do regulamento de 1777 ser mais «firmes». O regulamento de 1788 agrava a redacção precedente pela prescrição da «cintura para a frente».

Revista da Cavalaria

No que diz respeito às espáduas, a liberdade que lhe é dada pelo primeiro regulamento, dá lugar nos dois seguintes à prescrição «o peito saliente».

Estas disposições foram mantidas no regulamento de 1804. O de 1829, pelo contrário, marca uma evolução muito nítida a favor do à-vontade do cavaleiro. Os rins, anteriormente «direitos e firmes» serão de futuro «mantidos sem rigeza» até ao regulamento de 1912 que os quer «sem rigeza nem cavados».

A posição do cavaleiro a cavalo parece evoluir para uma «posição preparatória» destinada a colocá-lo nas melhores condições de se ligar aos movimentos do cavalo combatendo as suas reacções.

No estudo que vai seguir-se, é vantajoso notar que a leitura de cada regulamento se aclara pela comparação com o texto do regulamento anterior, e que aquêle tem sempre o justo propósito de se corrigir e aperfeiçoar.

Dois anos depois da morte de La Guérinière aparece o primeiro regulamento de cavalaria (1753). A equitação não entra neste regulamento, o mesmo acontecendo nas ordenanças seguintes de 1755 e 1765.

Ordenança de 1 de Junho de 1766

Esta ordenança dá-nos as primeiras prescrições relativas à equitação. Inspirada por Drummont de Melfort que tinha feito em 1748 um trabalho sobre a cavalaria, que constituía uma espécie de código para a instrução particular de um regimento, foi aprovada numa assembléia de inspectores presidida pelo Conde de Argenson em 1749.

A propósito da posição do cavaleiro a cavalo, diz :

«Nas primeiras lições a dar aos soldados no cavalo de pau, deve-se-lhes explicar a posição a tomar a cavalo, em conformidade com o que segue :

«É preciso que as duas nádegas pesem igualmente sobre o selim ;

«Que o soldado se enforquilha o mais à frente possível ;

«Que os rins se mantenham direitos e firmes ;

«Que o tronco se conserve à-vontade e direito ;

«Que as espáduas estejam soltas, caídas e naturalmente puxadas à retaguarda».

Ordenança de 1 de Maio de 1777

Esta ordenança não apresenta nenhum progresso notável sobre a precedente.

As indicações relativas à equitação são reduzidas. «O enigma, diz d'Alguier, não é difícil de adivinhar ; em lugar de se reportarem a Melfort e aos outros oficiais dêste tempo, os dois oficiais escolhidos para redac-

Revista da Cavalaria

tores desta ordenança enfileiraram entre os «charlatães» da época, dominados pelo pensamento de assimilarem a cavalaria à infantaria.

Pela leitura das suas determinações no respeitante à posição a cavalo, verifica-se que este regulamento segue os mesmos erros que os regulamentos anteriores. Sobre a posição do rim insiste pela sua direitura e firmeza.

Instruções provisórias de 20 de Maio de 1788

Esta ordenança marca uma época na instrução e tática da cavalaria, resumindo os métodos empregados pelos melhores oficiais da época. A parte que trata de equitação é mais desenvolvida do que nos regulamentos anteriores.

Contrariamente aos dois regulamentos precedentes, que começavam a descrição da posição do cavaleiro a cavalo pelas indicações relativas à colocação, pròpriamente dita sobre o selim este adopta a ordem, que nos parece menos lógica, da posição em conjunto da cabeça para os pés.

Relativamente às espáduas, a prescrição «bem recolhidas» substitui a do regulamento anterior «livres».

A divisão do corpo em três partes, duas móveis e uma imóvel (originária de Newcastle) figura aqui pela primeira vez, desaparecendo nos regulamentos de 1804 a 1829, para reaparecer para sempre a partir do regulamento de 1876.

O salto de obstáculos aparece neste pela primeira vez :

«O cavaleiro deverá abordar o obstáculo a trote curto ; segurar as rédeas de bridão com a mão esquerda sem contudo abandonar as do freio. Chegado ao obstáculo, o cavaleiro saltará unindo bem as pernas. No momento do cavalo se levantar para o salto, baixará um pouco a mão, tornando a levantá-la no momento em que o cavalo se recebe.

«O cavaleiro deverá ao saltar uma barreira, ligar-se bem ao cavalo pelas coxas, pelos jarretes e pela barriga das pernas, sem abrir os joelhos e sem se sentar, com o corpo bem para a frente no momento do salto,

Estas instruções provisórias, que duram dezasseis anos, foram substituídas pela ordenança provisória de 1804, que dura vinte e cinco anos.

Ordenança provisória do ano XIII (1804)

Esta ordenança reproduz textualmente as disposições das instruções provisórias de 20 de Maio de 1788.

Nota-se-lhe apenas a supressão do último parágrafo relativo à divisão do corpo do cavaleiro em três partes (duas móveis e uma imóvel).

O regulamento seguinte, de 1829, marca um absoluto progresso sobre a posição do cavaleiro.

Revista da Cavalaria

Regulamento de 1829

Deploramos neste regulamento a inovação relativa ao salto de obstáculos, prescrevendo ao cavaleiro o levantar um pouco a mão no momento do salto.

Determina ainda e judiciosamente: «o cavaleiro sôbre o obstáculo deve ligar-se ao cavalo tendo o cuidado de levar o corpo um pouco para diante».

Art.º 279 — Posição do cavaleiro a cavalo :

«As coxas igualmente colocadas sôbre a sela e o mais à frente possível

«Os rins mantidos sem dureza.

«O tronco descontraído, solto e direito.

«As espáduas igualmente descontraídas.

Salto do fôssô e da barreira — «Para êste exercício o fôssô deve ter 1^m a 1,5^m de largura e a barreira ter de altura de 33^{cm} a 1^m (1 a 3 pés). Aumentar-se-ão progressivamente as dimensões à medida que cavaleiros e cavalos estejam treinados no salto».

Salto do fôssô — «Ao chegar perto do fôssô, soltar a mão e cerrar as pernas para permitir o salto ao cavalo. No momento em que o cavalo se receber, levantar a mão para o agüentar.

Salto da barreira — «Ao abordar a barreira, *levantar o cavalo levantando um pouca a mão* (inovação infeliz!) e cerrar as pernas. No momento em que o cavalo se eleva, aligeirar a mão, e quando o cavalo se receber, elevar um pouco a mão.

«No salto, deverá o cavaleiro ligar-se ao cavalo pelas coxas, pelos jarretes e pela barriga das pernas, tendo o cuidado de deitar o corpo um pouco para a frente na altura em que o cavalo se eleva, e sentar-se trazendo o corpo à retaguarda no momento em que o cavalo se recebe».

Entre 1829 e 1876, data do regulamento seguinte, aparecem os estudos de Baucher e Conde d'Aure.

Baucher começa as suas publicações em 1833 e Conde d'Aure um ano mais tarde.

O renome destes dois célebres equitadores, notáveis em gêneros tão diferentes não nos permite passar por eles em silêncio. A análise das suas obras tão conhecidas e interessantes não tem aqui cabimento. Reproduziremos apenas algumas linhas por eles consagradas à posição do cavaleiro a cavalo. Aconselhamos ao leitor o estudo completo das obras que nos deixaram êstes grandes equitadores que souberam, um e outro, merecer a admiração dos seus contemporâneos. «Rivais na arte que cada um praticava com igual superioridade no estilo que lhes era particular, fanatizaram os seus discípulos e apaixonaram os próprios adversários». (Recordações do General L'Hotte).

Diz Baucher no artigo *Posição do cavaleiro* :

«O cavaleiro deverá dar tôda a extensão possível ao busto, de modo que cada parte repouse sôbre aquela que lhe está inferiormente aderente:

Revista da Cavalaria

«Os braços caírao ao lado, sem fôrça ;
«As coxas e as pernas deverão encontrar pela face interna, todos os pontos de contacto possíveis com a sela e os flancos do cavallo ;
«Os pés seguirão naturalmente o movimento das pernas ;
«Compreende-se, nestas poucas linhas como é simples a posição do cavaleiro».

...E mais adiante: «É pelo busto que o instrutor deverá começar a lição».
No curso de equitação de d'Aure (5.^a edição) lemos a pág. 30: *Da posição do cavaleiro sôbre o cavallo* :

As nádegas deverão assentar igualmente sôbre a sela e o mais à frente possível para conseguir a base mais larga.

«Os rins mantidos sem contracção, facilitarão as deslocações do corpo à frente e à retaguarda.

«O busto sôlto, livre e direito.

«As espáduas igualmente sôltas».

Decreto de 17 de Julho de 1876

As indicações dadas sôbre a posição do cavaleiro a cavallo, «padrão para que todos os cavaleiros devem tender gradualmente», são idênticas às do regulamento de 1829.

Em contra-partida volta de novo ao regulamento de 1788 no respeitante à divisão do corpo em três partes. E assim, depois de fazer a descrição sôbre a posição a cavallo, acrescenta :

«Nesta posição, as partes do corpo representadas pelo busto e pelas pernas são móveis e devem agir segundo a vontade do cavaleiro, quer como ajuda quer como meio de suavizar as reacções do cavallo ou de combater as suas defesas.

«As coxas devem, pelo contrário, ficar imóveis e aderentes à sela, sempre que as reacções não obriguem o cavaleiro a ceder à impulsão recebida ; mas, mesmo neste caso, o joelho deve conservar-se fixo como um eixo, em tórno do qual as partes vizinhas se podem mover».

.....
Resumindo, o cavaleiro deve colocar-se a cavallo de modo a ficar com a coxa bem descida.

Este regulamento advoga a prática dos exercícos de flexibilidade a cavallo, principalmente os de elevação das coxas.

Salto de obstáculos — «Antes de saltar, calçar bem os estribos, ajustar as rédeas, soltando ligeiramente as do freio, de modo a fazer predominar as de bridão ; apontar bem direito ao obstáculo, a passo e depois a galope.

«Perto do obstáculo, sentar-se, manter o movimento para a frente, ceder a mão mantendo-a baixa (em vez de : «levantar o cavallo erguendo um pouco a mão e cerrando as pernas»). No momento em que o cavallo se eleva, ligar-se aos seus movimentos deitando o corpo para diante, endireitando-o sem deslocar as mãos, quando elle se receber».

Revista da Cavalaria

Regulamentos de 1882, 1899 e 1904

Reproduzem textualmente tôdas as prescrições anteriores. No referente ao salto de obstáculos, a frase «deitando o corpo para diante quando o cavalo se eleva» é substituída por «sentando-se o mais possível».

Êste retrocesso é sem dúvida devido às influências tais como as do General Benoist, que em 1898 no seu livro *Ensino do cavalo de guerra* declara a páginas 192, a propósito do salto: «Para que o cavaleiro se possa ligar aos movimentos do cavalo é necessário que deite o corpo para trás, que calce os estribos e aperte as pernas».

Os regulamentos de 1899 e de 1904 terminam as suas prescrições por: «Em resumo, bem sentado, pernas unidas e mão baixa».

As diferenças mencionadas acima são as únicas que diferenciam, relativamente à posição do cavaleiro a cavalo, os regulamentos de 1882, 1899 e 1904, do regulamento de 1876.

Oito anos mais tarde aparece um novo regulamento (o quarto em trinta anos).

Regulamento de 1912

A posição prescrita por êste regulamento pouco difere do precedente, excepto no respeitante à posição das pernas.

«As pernas caíão naturalmente, a barriga das pernas em contacto com o cavalo sem apertar, caindo a ponta do pé livremente, quando o cavaleiro monte sem estribos».

Quanto ao rim, dá-lhe esta nova redacção:

«O rim sempre flexível e nunca cavado».

Salto de obstáculos — Ginástica do salto «...O instrutor procurará neste exercício que os cavaleiros mantenham o seu «assiette» no selim...

«O salto executar-se-á segundo os princípios seguintes: chegado perto do obstáculo, conservar o corpo direito, a mão baixa e passiva; no momento do salto, deitar o busto ligeiramente para a frente, ficando as nádegas sôbre o selim...»

Regulamento de 1921

Não modifica em nada as disposições do regulamento de 1912 relativas à instrução a cavalo.

Revista da Cavalaria

Conclusão

Na arte equestre parece difícil ultrapassar em perfeição equitadores como Baucher, o General L'Hotte, o Capitão Saint-Phalle, para não falar senão nos desaparecidos.

Nas grandes provas internacionais, nos campeonatos de saltos em altura, em particular, onde a habilidade do cavaleiro tem de secundar a todo o instante o esforço do cavalo, parece igualmente difícil ultrapassar os resultados até agora alcançados.

Mas se — como muito justamente o faz notar o General L'Hotte — os melhores mestres de equitação deixaram poucos discípulos, a falta — é preciso reconhecê-lo — não foi unicamente destes últimos.

Particularmente favorecidos pelos dons da natureza, parece que a esses grandes mestres não interessou a divulgação da sua arte, julgando macular o seu ideal submetendo-o a uma análise tão precisa como rigorosa.

O seu confiante instinto fez-lhe pressentir de antemão que a perfeição do acto reflexo nada tinha a ganhar com uma tal investigação.

Actualmente, o cinema ao retardador, verdadeiro microscópio do movimento, permite um minucioso estudo dos movimentos que escapam à vista desarmada, prestando-se por isso mesmo a um profundo estudo experimental. Além disso, os progressos do estudo da mecânica animal permitem interpretar cientificamente todos os fenómenos observados.

De então para cá nada parece opôr-se ao conhecimento de uma doutrina segura, estabelecida sobre dados experimentais absolutamente certos e bases científicas concretas.

É por este caminho, parece-nos, que temos de seguir para o futuro.

Revue de Cavalerie, 1922

L. R.



ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Hotel de Itália (Monte Estoril) — Serviço esmerado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão-restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano, concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITACÃO
«STANDS» DE TIRO
SALA DE ARMAS
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

Joaquim Godinho da Silva

Sucessor, Limitada

....

Antiga casa
VIÚVA MOURA

....

Armazém de Retrozeiro,
Malhas e Miudezas

....

Rua dos Fanqueiros, 84-1.º — LISBOA

Telefone 2 6577

**Officinas Gerais de Material
de Engenharia**

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores de caminhos de ferro, telegrafia e telefonia por fios e sem fios, :: pontoneiros, automobilistas ::

Mobília e utensílios

**Trabalhos em ferro e madeira para
construção civil**

Construção, reparação e pintura de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação de sobresselentes para automóveis e motocicletas

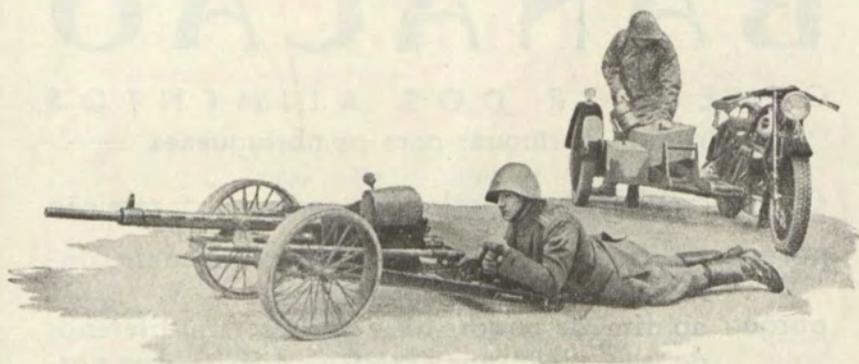
Fornecimentos análogos para o público

Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20^{mm}, sobre «side-car», pode fazer fogo montado sobre este, ou no terreno, sobre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

Monteiro Gomes, Limitada

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

Travessa da Condessa do Rio, 27,
Telefones P. B. X. 21227 e 21368

LISBOA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS, SIMPLES
E DE LUXO, REPRODUÇÕES EM FOTO-
GRAVURA, OFFSET E LITOGRAFIA

BANACÃO

O MELHOR DOS ALIMENTOS

..... Produto português para os portugueses

O BANACÃO é preferido para a 1.^a refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.^a refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigôr nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

OS PARECERES MÉDICOS

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

BANACÃO SEMPRE BANACÃO

TIPOGRAFIA
COMBATENTES DA



DA LIGA DOS
GRANDE GUERRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS

Calçada dos Caetanos, 18 — Tel. 2 1450



*...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...*

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

General Afonso de Sousa Botelho
Director da Arma de Cavalaria

COMISSÃO EXECUTIVA

Capitão Fernando Dias Pipes Monteiro
Capitão Luís Alberto Filipe Rodrigues
Capitão António S. Ribeiro de Spínola

ADMINISTRADOR

Tenente Luís Manuel Tavares

SEDE PROVISÓRIA

QUARTEL DO CARMO - LISBOA - TELEF. 2 2122

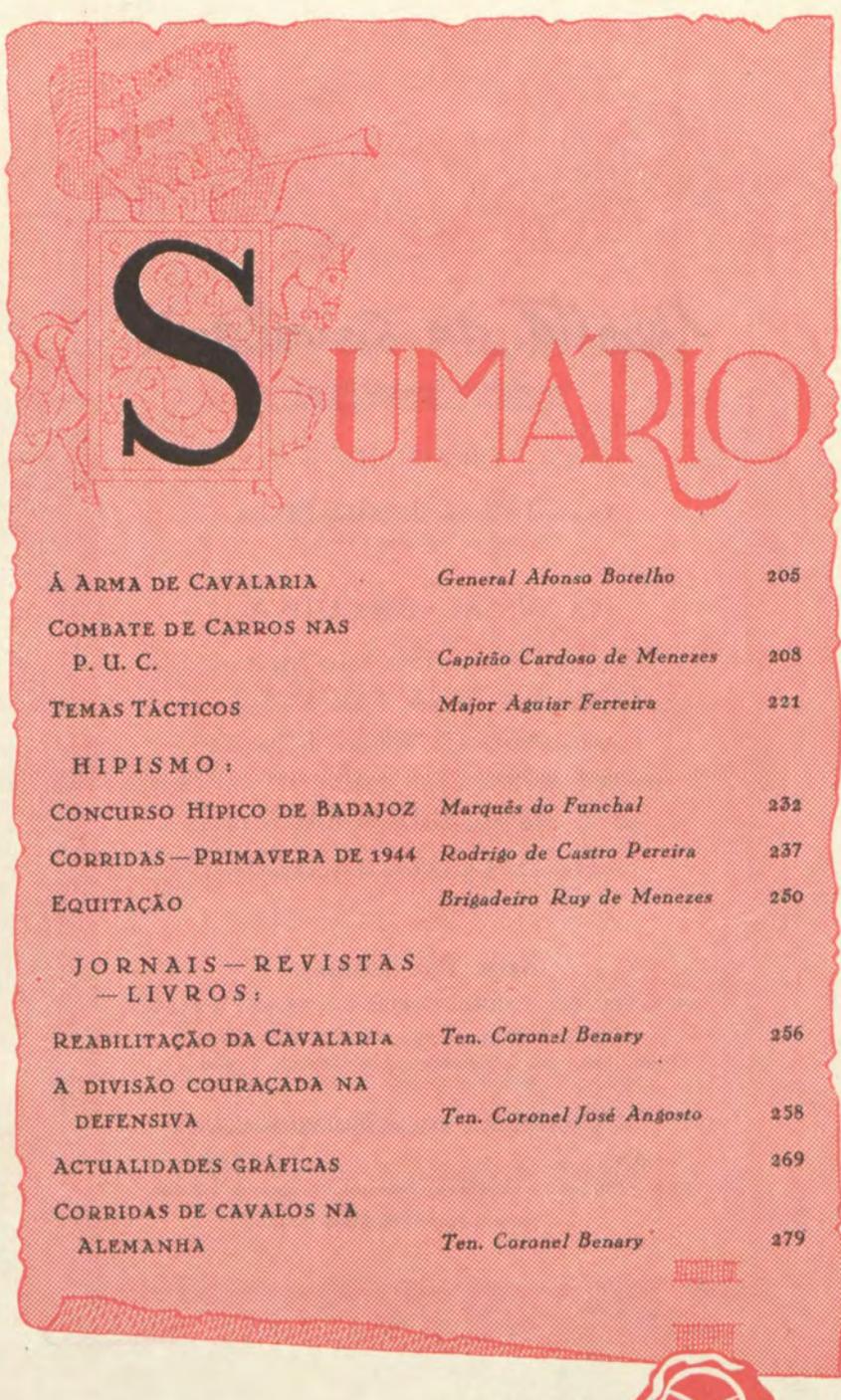
Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 5\$00



SUMÁRIO

À ARMA DE CAVALARIA	<i>General Afonso Botelho</i>	205
COMBATE DE CARROS NAS P. U. C.	<i>Capitão Cardoso de Menezes</i>	208
TEMAS TÁCTICOS	<i>Major Aguiar Ferreira</i>	221
HIPISMO :		
CONCURSO HÍPICO DE BADAJOZ	<i>Marquês do Funchal</i>	232
CORRIDAS — PRIMAVERA DE 1944	<i>Rodrigo de Castro Pereira</i>	237
EQUITACÃO	<i>Brigadeiro Ruy de Menezes</i>	250
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS :		
REABILITAÇÃO DA CAVALARIA	<i>Ten. Coronel Benary</i>	256
A DIVISÃO COURAÇADA NA DEFENSIVA	<i>Ten. Coronel José Augusto</i>	258
ACTUALIDADES GRÁFICAS		269
CORRIDAS DE CAVALOS NA ALEMANHA	<i>Ten. Coronel Benary</i>	279



Revista da Cavalaria

5.º ano - n.º 3

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Maio

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

BIBLIOTECA

N.º ~~5578~~ 4304

Em 26 / 8 / 1944

À ARMA DE CAVALARIA



Saúdo a Cavalaria, Arma das mais nobres tradições, Arma de minha fé, de meu não desmentido ideal!

Êsse ideal, felizmente, mantém-se firme, e revigorado até, na nobre Arma a que pertencemos e êle é a estrêla fulgurante do espírito cavaleiro, síntese fremente dos mais elevados predicados que em tal arma são tradição.

Só assim, de olhar bem elevado, fito nessa bela e sedutora estrêla, será possível à Cavalaria sofrer, incólume no seu moral, a dura reforma que a científica motorização, hoje dominante em todos os sectores das fôrças armadas, lhe impõe a ela, a arma artística por excelência.

E assim animados, sem esquecer os ágeis caçadores e os galhardos lanceiros, nem os sólidos dragões e os velhos couraçeiros dessa tão bela e brilhante Cavalaria, poderemos cavalgar lestos motociclos e rápidos auto-blindados ou montar destros carrinhos corta-mato e potentes carrões couraçados, uns e outros vibrantes de velocidade e de fogo, potentes de manobra e de cho-

Revista da Cavalaria

que. E por tal modo procederemos que essa transfiguração não nos fará perder «a vista da águia, a coragem do leão, a decisão do relâmpago», e, antes pelo contrário, nos manteremos dignos de pertencer à «tempestade da cavalaria».

Más, sempre em adoração pela proeza de intuitos elevados e generosos e sempre cultivando a vida dinâmica e activa, o gosto pelo obstáculo e pelo perigo e, sobretudo, a paixão pelo cavalo, êsse velho e tradicional companheiro, por vezes tão mal compreendido e a despeito disso tão sofredor e tão leal, o certo é, que o nosso dever não se pode hoje resumir em marchar e galopar, atirar e espadeirar, mas pelo contrário, exige estudo e labor paciente que é condicionamento premente do tecnicismo, base da guerra moderna.

É certo que a Cavalaria — a Arma rápida — por menos cavalos que possua e por mais motores que lhe imponham, nela a arte dominará a ciência, a intuição sobrelevará a técnica. Temos, porém, de reconhecer que, sem essa ciência e essa técnica, isto é, sem *trabalho*, não é possível fazer medrar hoje em dia a intuição guerreira que, na nossa Arma, caracterizada pela descentralização no Comando, dispersão no emprêgo, mas coerência na acção e convergência no esforço, se exige desde o mais modesto graduado à mais elevada hierarquia.

Assim êsse trabalho, no gabinete e na oficina, aplicado no tiro e no terreno, em paralelo, quanto possível, com a prática eqüestre no manejo e no obstáculo, é dever a que não saberá esquivar-se o moderno oficial de cavalaria, ainda que mais não seja porque «esquivar-se» é têrmo e geito que nos não pertence.

Êsse trabalho, gerado pela observação atenta e imaginação curiosa, amadurado em pacatos passeios a cavalo ou nos momentos de pseudo ócio dos longos dias de serviço, tem de ser objectivo e não subjectivo, tem de ter um tema a tratar e a aplicar, tem de pertencer a todos e não só ao seu inicial possuidor. Tem de ser dito e escrito; tem de ser conhecido e difundido. E não há que temer críticas malevolentes, porque «temer» não é próprio do soldado e a malevolência é imprópria do cavaleiro.

De certo não se perguntará onde se falará: todos o sabem. É na sala do seu regimento, perante o seu comandante, entre os seus camaradas.

¿E haverá quem pergunte onde se escreverá? Desde 1939 que a *Revista da Cavalaria*. renascimento da de 1904-1907, pela

Revista da Cavalaria

iniciativa magnífica e brilhante de um grupo de distintos oficiais de cavalaria, tem à disposição da Arma as suas páginas já honradas por artísticos lápis e valiosas idéias. Esses rapazes, generosos como todos os bons cavaleiros, ofereceram e entregaram os haveres do seu trabalho, com altruísmo que não surpreende a Arma a que pertencem e que se impuzeram honrar e glorificar. Eles trabalharam inteligente e objectivamente, dotando a cavalaria com um órgão de labor intelectual, receptor e difusor de idéias, que, por mais de um título, bem merece da sua Arma.

A *Revista da Cavalaria* é hoje propriedade da Cavalaria Portuguesa! Está integrada na Direcção da sua Arma, nela se deverão integrar todos os Regimentos e Estabelecimentos da Cavalaria! Confiamos em que a nossa Arma saberá cumprir o seu dever assegurando e elevando ao máximo a *Revista da Cavalaria*.

Terminamos esta nossa modesta, mas sinceríssima exortação, permitindo-nos transcrever as palavras que, para o primeiro número da «Revista» renascida, escreveu o então director da Arma de Cavalaria, o ilustre e distinto General Freitas Soares:

«Abrindo pois as suas páginas a tôdas as sugestões e a tôdas as idéias, a *Revista da Cavalaria* receberá alegremente a colaboração preciosa de todos aquêles que, pensando e reflectindo sôbre as lições do passado, saibam indicar-nos o caminho do futuro».

General AFONSO BOTELHO



COMBATE DE CARROS

--- --- --- NAS P. U. C.

pelo Cap. CARDOSO DE MENEZES



A arte da guerra, velha como o Mundo, parece estar esgotada quanto a concepções. Os meios vão-se aperfeiçoando mercê dos progressos do material e do desenvolvimento das indústrias metálgica e química. Processos antigos de combate, usados há séculos e caídos possivelmente em desuso, voltam à superfície como os alcatruzes da nora e readquirem a sua oportunidade de acção; assim, na Grande Guerra, renasceu o carro de combate, utilizado já, em remotos tempos, pelos persas, egípcios, gregos e romanos.

Na guerra actual, o paraquedista, que à primeira vista parece representar uma genial novidade, não é mais que uma derivante à concepção do cavalo de Tróia; ambos conseguem penetrar por surpresa no dispositivo inimigo sem forçarem a passagem.

A eterna luta entre a couraça e a metralha, de que alternadamente sai uma vencedora, obriga a vencida a retirar-se da liça; e quando a julgamos moribunda, ou mesmo morta, renasce noutra invólucro — porque a idéia, como a alma, é imortal — e mal vai á sua antiga contendora se adormece sob os loiros da vitória.

Nesta guerra, no duelo carro anti-carro, o primeiro saiu incontestavelmente vencedor nos primeiros «rounds» da campanha; contudo, parece que agora as vantagens se estão a acentuar no segundo.

Revista da Cavalaria

Rezam as estatísticas que, por cada canhão abatido, há oito carros destruídos, proporção alarmante, que é para considerar.

Infere-se, pois, que os progressos verificados na técnica do canhão, não têm sido acompanhados, no mesmo ritmo, no carro de combate.

Outras razões concorrem neste facto: primeiro, o factor económico, visto ser mais barato e de mais fácil concepção o canhão; segundo, o problema fundamental da blindagem — aumento de dureza sem aumento de espessura — que ainda está, em parte, em equação.

O aumento da espessura, que à primeira vista solucionaria a questão, reverteria, pelo acréscimo de peso, em prejuizo da velocidade e da dotação de munições, conforme se verifica no carro russo K. W. de 52 toneladas, que sómente pode transportar 36 granadas.

Há ainda outras circunstâncias que auxiliam a previsão da sua possível decadência: é que o carro, o rei das batalhas como alguém lhe chamou, tem, em concomitância com a sua magestade e poder arrogante, um ponto fraco — os pés —.

E então, apercebendo-se disso, o canhão aliou-se com a mina e com outros meios activos e passivos, para o combater, pondo assim, em parte, em cheque o seu poder real.

A mina, especialmente, é o seu mais perigoso inimigo pelo estrago que lhe causa nas lagartas, e donde resulta a sua imobilidade, constituindo assim presa fácil do canhão.

Representa o vidro para o pé descalço, ou o prego para o pneu.

Não pretendo que das minhas palavras se deduza uma sentença de morte para o carro, reaparecido na Grande Guerra, para atravessar incólume essas muralhas de aço, que o incremento das armas automáticas constituiu com as suas barragens, missão essa que elle tão completamente cumpriu; quero simplesmente frisar, que a reacção que o facto gerou, lhe diminuiu em parte as possibilidades, possibilidades estas que só poderão desaparecer no dia em que o canhão consiga a velocidade e o volume de fogos que são apanágio da metralhadora.

Revista da Cavalaria

As principais características do carro de combate são:

Armamento — que deve ser potente, heterogéneo e abundante em munições para ter uma prolongada acção em combate, contra qualquer elemento que depare.

Mobilidade — que o motor e a capacidade de andar em todos os terrenos, lhe faculta.

Couraça — que lhe garanta uma certa invulnerabilidade e uma protecção eficiente ao pessoal que alberga, sem que pela sua espessura, e, conseqüentemente, pêso, lhe diminua a mobilidade e velocidade.

Capacidade manobradora — que lhe permita transpor uma certa qualidade de obstáculos em terreno variado, conquanto firme.

Acção de esmagamento — que lhe permita, pelo seu pêso e pelas suas qualidades propulsoras, derrubar qualquer pequeno obstáculo, quer natural, (árvores) quer artificial (barricadas), bem como deteriorar, por esmagamento, qualquer engenho de guerra de que se consiga aproximar por surpresa.

Visibilidade — que seja o melhor possível dentro da restrição do campo visual, que é de aconselhar, pelo perigo que representa qualquer abertura.

Com estas características, de fogo potente, móvel e rápido se verifica que o carro não pode morrer e se de momento a sua acção de rotura, contra elementos anti-carro, se encontra um pouco dificultada, sobram-lhe qualidades para empreender outras acções igualmente notáveis, resultantes da sua capacidade manobradora e da sua velocidade, como sejam, por exemplo, a exploração do sucesso e as acções de flanco.

Normalmente, o carro trabalha em cooperação com a Aviação, Infantaria, Artilharia ou unidades motociclistas que lhe asseguram, apoio, protecção e segurança. É preciso notar que o carro vê mal, tem ângulos mortos que não pode defender, e, por vezes, precisa que lhe abram uma brecha por onde possa penetrar no dispositivo inimigo para o desorganizar.

Daqui se conclui que o carro, sem ser próprio uma arma, é um elemento de grande valor, que completa e amplia as missões cometidas às Armas.

Isolado, a sua actuação só pode resultar contra um inimigo fraco, de pequenos efectivos e que não disponha de meios adequados para lhe fazer face.

Revista da Cavalaria

*

Só a ofensiva conduz à vitória. E, se não houver uma grande superioridade de meios é preciso usar de audácia e velocidade para surpreender o inimigo antes que êle tome o seu dispositivo de ataque, antes que êle disponha êsses meios em condições de serem eficientes; ora, os carros, pela sua mobilidade, rapidez e grande massa de fogos de que dispõem, estão naturalmente indicados para acções de surpresa, sempre que o terreno o permita.

O terreno que mais convém aos carros é o:

Ondulado — que lhes permita: progredirem sem estarem constantemente enfiados; parar atrás das cristas, para, só com a tórre a descoberto, ajustarem o tiro dos seus canhões.

Firme — para melhor e mais velozmente poderem progredir sem o perigo de se atascarem.

Sem obstáculos — intransponíveis, como bosques, rios, canais, etc., que lhe vedem a passagem.

O terreno condiciona, pois, o emprêgo dos carros, ou melhor, o modo de emprêgo dos cargos, e assim:

Precedem a Infantaria (tropas apeadas) quando satisfaz as condições acima prescritas.

Seguem a infantaria — quando o terreno se não presta; então as tropas apeadas ou sapadores farão a rotura e estabelecerão uma testa de ponte, que permita aos carros fazer a infiltração.

Em conjunto com a infantaria — por uma acção de flanco quando o terreno permita aos carros essa acção de flanco.

Sendo a surpresa uma das condições do êxito, necessário se torna que o inimigo se não possa aperceber com tempo da presença dos carros na zona de ataque.

Impõe-se, pois, que a reunião se faça longe, de noite e a coberto das vistas do inimigo e da sua aviação, pois esta, se os assinala não só informa, — e a surpresa deixou de existir — como ainda os bombardeará. Os bosques são naturalmente indicados para locais de partida.

Depreende-se, pelas características expostas e que concorrem nos carros de combate, que êstes engenhos são particularmente aptos para acções ofensivas, e, conseqüentemente, do seu judicioso emprêgo resultará o êxito.

Revista da Cavalaria

- A combinação do fogo com o movimento;
- A acção em massa;
- O esforço numa só direcção,

constituem os princípios fundamentais de um bom emprêgo dos carros no ataque. Mas, estes princípios não são de cimento armado, pois necessário se torna amoldá-los às circunstâncias da ocasião como sejam, terreno, meios do inimigo e sua organização (rudimentar ou completa) que condicionem o valor da resistência encontrada.

A combinação do fogo com o movimento, tem suas semelhanças com a subida de uma escada; enquanto o pé esquerdo agüenta o pêso do corpo, o direito progride para o degrau seguinte, apoia-se convenientemente e arrasta a massa para a nova posição mais elevada. Enquanto uma 1.^a vaga (1.^o escalão) avança para o primeiro objectivo, a 2.^a (2.^o escalão) em estação, atrás de uma crista, só com as tôrres a descoberto, apoia com os seus fogos a progressão da 1.^a.

A acção em massa e o esforço numa só direcção estão naturalmente indicados para romper um dispositivo.

O empurrão é mais violento e tem mais perfuração. Ora o ideal numa rotura é que o impulso seja tal, que atravessando em velocidade o dispositivo inimigo, atinja a zona da artilharia, e não dê tempo às reservas de acorrerem em socorro.

Sempre que o terreno o permita e que o inimigo esteja fracamente dotado de elementos A. C., impõe-se o ataque de carros em massa, para fazer a rotura; é preciso, porém, não esquecer, que o facto do terreno ser propicio, implica a quasi certeza de estar semeado de campos de minas e além de devermos sempre considerar a hipótese pior, jámais deveremos admitir que o adversário possa ter sido imprevidente. Haverá, pois, necessidade de as destruir ou levantar, embora num estreito corredor, trabalho êste que pode ser cometido à artilharia, ou mais vulgarmente aos sapadores, tarefa que deve ser coberta pelos fogos da infantaria e por núvens de fumo.

Pelo contrário, quando se depara com uma frente fortificada e com grande densidade de A. C. cumpre às tropas apeadas abrir a brecha, embora apoiadas por pequenas fracções de carros, efectuando metódicas operações de ani-

Revista da Cavalaria

quilamento, sôbre pequenos objectivos perfeitamente concretizados.

Mercê da sua couraça, protegem a infantaria (tropas apeadas) combatendo as armas automáticas que se oponham à progressão daquela.

Sempre que os carros tenham de intervir no ataque têm necessidade de tomar um dispositivo de concentração, visto que, apesar de serem T. T., deslocam-se normalmente por estradas e caminhos, dispositivo êsse que lhes permite adoptar uma formação menos profunda para dela tirarem o máximo rendimento dos seus fogos.

É, pois, natural que a posição de partida satisfaça às seguintes condições:

- Boa camuflagem (bosques de preferência);
- A coberto dos tiros da artilharia inimiga (10.000^m de distância);
- Boas entradas e saídas (que permitam o acesso e o desemboque);
- Capacidade — para caberem todos os carros (25 m. de carro a carro);
- Existência de água (para os radiadores).

Esta posição requiere um minucioso reconhecimento prévio, relativamente fácil de fazer quando o inimigo está estabilizado, mas difícil quando está em movimento, pelo pouco tempo de que para tal se dispõe.

É sempre conveniente prover à segurança própria da unidade concentrada a fim de evitar qualquer surpresa por parte do inimigo.

É desta posição que os carros devem partir para o ataque, em grande velocidade, como factor de surpresa, e já nas formações de combate que lhes convém adoptar, tendo em vista um maior volume e sucessividade de fogos.

Combate do Pelotão

Conquanto a unidade de combate seja o esquadrão, temos de considerar o combate do pelotão, ou encorporado na sua unidade, ou no cumprimento de uma missão muito especial, contra um inimigo débil em meios A. C., missão

Revista da Cavalaria

essa que deve ser simples, de curta duração e proporcional à sua capacidade de acção e de poder.

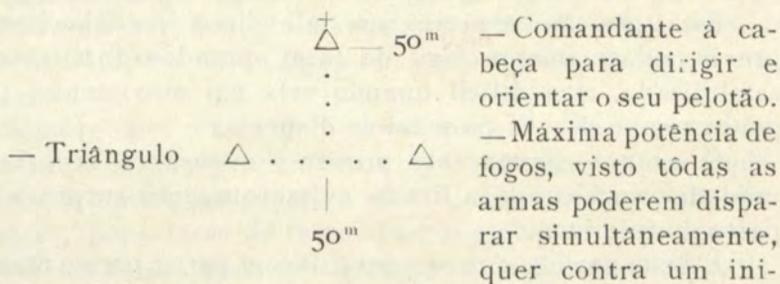
Deve, porém, advertir-se que é absolutamente anormal o emprêgo de um pelotão isolado, muito especialmente dentro da nossa orgânica de cavalaria, que só tem três carros por pelotão.

Ora, sendo por consequência, cada secção constituída por um único carro, é óbvio que se não deve alterar o salutar princípio do apoio mútuo, que os carros devem sempre cultivar entre si e que caducaria sempre que o pelotão fôsse dividido.

A mais pequena fracção rudimentar de tropa é a parelha, que se apoia mutuamente; não faria sentido que nos carros assim se não procedesse, muito especialmente hoje quando os caçadores de carros estão a ter tão largo e proveitoso emprêgo.

Consideremos, pois, o emprêgo do pelotão encorporado no seu esquadrão, como missão normal, cooperando com êle no combate.

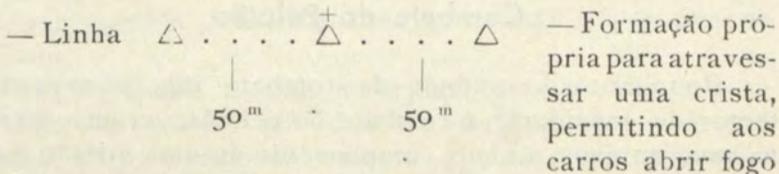
O pelotão tem três formações de combate, representadas conforme adiante se indica, com a frente e intervalos que normalmente ocupam:



migo estabelecido, quer contra carros adversos em movimento.

— Facilidade de progressão através do terreno reduzindo o intervalo entre os carros em passagens estreitas.

— Facilidade em passar às outras formações.



logo que a atinjam.

Revista da Cavalaria

— Menor vulnerabilidade, não só pela pouca profundidade, mas também porque o mesmo canhão adverso só poderá alvejar um único objectivo.

— Tem o inconveniente de os carros se apoiarem mal entre si.

— Escalão — D.^{to}



E.^{do}



— Usada quando ataca no flanco do dispositivo.
— Acção simultânea de tôdas as armas quer para

a frente quer para o flanco ameaçado.

As formações são determinadas pelo Comandante do Pl. tendo em atenção o terreno e as facilidades da progressão.

Os carros cumpri-las-ão com a elasticidade e fluidez que os obstáculos encontrados determinem.

A transmissão das ordens é feita por T. S. F., de que tôdas as viaturas estão providas, ou, quando as circunstâncias o permitam, por uma bandeira de sinais nas mãos do Com. do Pelotão.

Na progressão para qualquer objectivo, os carros devem sempre fazer incidir os seus tiros sôbre todo e qualquer local que possa albergar uma resistência e sempre que esta se revele, todo o fogo do pelotão deve sôbre ela actuar.

Com o canhão só farão fogo parados e, para o mesmo objectivo, nunca mais de dois tiros pois é de presumir que ao segundo tenha atingido o alvo e há necessidade de economizar as granadas.

Uma arma A. C. nunca deve ser atacada de frente a não ser que por ela se seja surpreendido a curta distância.

Então... carrega-se, procurando inutilizá-la por esmagamento.

O Com. do Pl. em face da missão que lhe é dada pelo Com. do Esquadrão, deve, sempre que possível fôr, reconhecer, de longe que seja, o local exacto da posição de partida, os itinerários que ali conduzem, os caminhos de desemboque e

Revista da Cavalaria

de progressão para o primeiro objectivo, bem como a identificação dos pontos notáveis na zona por onde há-de marchar, indicações estas com que elucida os seus subordinados por forma a ser por êles perfeitamente compreendido.

Normalmente, os objectivos são determinados pela compartimentação do terreno, compartimentos êstes que devem ser transpostos em velocidade, a coberto dos fogos do 2.º escalão de carros.

O pelotão, encorporado no seu esquadrão, trabalhará em combate, em primeiro ou segundo escalão.

Se trabalha em primeiro, compete-lhe progredir rapidamente para o 1.º objectivo, aproveitando ao máximo o terreno por forma a marchar o mais possível ao abrigo dos tiros inimigos, de coberto em coberto. Se trabalha em segundo, apoia com os seus fogos a progressão do 1.º escalão, incidindo especialmente êste apoio em acções contra as armas A. C. que se revelem a dificultar o avanço.

Combate do Esquadrão

O esquadrão é fundamentalmente a unidade elementar de combate, pois pode só com os seus meios, conduzir uma acção isoladamente.

As formações que faz adoptar às suas sub-unidades permitem-lhe conjugar eficazmente o *fogo e o movimento*, condição indispensável no ataque de carros, com os escalões de choque e apoio (1.º e 2.º escalão) conforme se descreveu no combate do Pelotão.

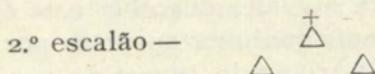
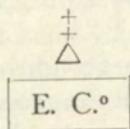
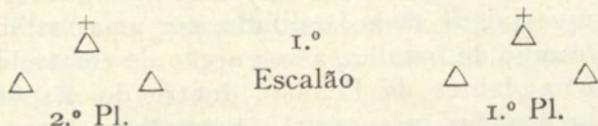
O 1.º escalão, que actua pelo choque, é apoiado pelo 2.º, pelo fogo, servindo ainda êste, não só para ocorrer a qualquer sector da frente, como ainda para empreender acções de envolvimento sôbre um flanco inimigo.

Constituindo inicialmente uma esplêndida base de fogos, é, simultâneamente, uma reserva extra-móvel, de que o capitão dispõe para fazer face a situações inopinadas da batalha que de antemão não puderam ser previstas.

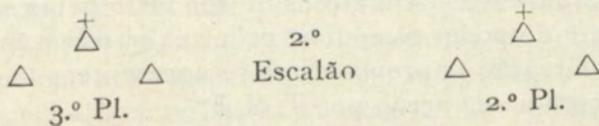
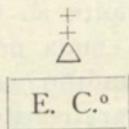
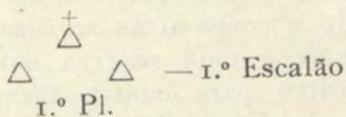
Revista da Cavalaria

O esquadrão tem duas formações de combate:

— *Triângulo invertido* — $\left\{ \begin{array}{l} \text{Frente } 350^m \\ \text{Profundidade } 350^m \end{array} \right.$



— *Triângulo directo* — $\left\{ \begin{array}{l} \text{F. — } 200^m \\ \text{Pr. — } 400^m \end{array} \right.$



Revista da Cavalaria

O triângulo invertido é a clássica formação de ataque e o triângulo directo é mais propriamente uma formação de aproximação, já perto do inimigo.

O Com.^{te} do Esq. com os seus elementos de comando forma no centro do dispositivo, sempre que as circunstâncias de ocasião não obriguem a deslocar-se para qualquer outro local, em que julgue mais facilitada, por uma melhor observação do campo de batalha, a sua acção de comando.

Os comandantes de Pelotão, dentro do dispositivo ou formação ordenados pelo capitão, tomarão com as suas unidades as formações que mais convenham à sua progressão, tendo em vista os escolhos do terreno e o desenfiamento dos fogos inimigos.

Se o esquadrão, incorporado com outras unidades congêneres se encontra num flanco do dispositivo de ataque, deve, como medida de precaução, determinar àquêle dos pelotões em 1.^o escalão (esquerdo ou direito) que tome, relativamente ao lado descoberto, a formação de escalão, a fim de prevenir qualquer surpresa por parte do adversário.

O triângulo invertido é a formação ideal de ataque, já porque a frente que ocupa o primeiro escalão obriga os elementos A. C. inimigos a revelarem-se, já porque o 2.^o escalão, a coberto de uma crista, pode parar e apoiar eficazmente, com empates certos, a progressão dos pelotões em vanguarda. Sempre o *fogo* e o movimento.

Nesta formação o apoio mútuo entre as sub-unidades é sólido e como atrás se disse, o 2.^o escalão, à disposição do capitão, é uma reserva móvel para qualquer emergência, inclusivé para contra-atacar de flanco os contra-ataques inimigos feitos com carros.

O triângulo directo é mais propriamente uma formação de desemboque, que permite ao Comando determinar, no momento oportuno, uma mais precisa direcção de ataque.

O comandante do esquadrão escolherá o local de comando que mais lhe convier, geralmente atrás do pelotão em 1.^o escalão, a fim de julgar dessa oportunidade e direcção. Deve sempre situar-se em condições de ser visto pelas suas sub-unidades e de poder remediar, pela sua observação directa, qualquer situação imprevista que se apresente.

Exercerá a sua acção por T. S. F.

Revista da Cavalaria

Duas grandes dificuldades se apresentam ao Comandante de Esquadrão: — é em primeiro lugar o desemboque dos carros da posição de partida, pois precisa de ser muito bem apoiado, por uma conveniente base de fogos, para que seja o menos possível incomodado pelos fogos inimigos durante a progressão que terá de ser feita com o melhor aproveitamento do terreno, para beneficiar da surpresa até ao momento de colocar a sua unidade nas distâncias em que o seu fogo começa a ser eficaz.

A segunda dificuldade é, quando os elementos apeados que o possam suceder, detidos por resistências inimigas ulteriormente manifestadas, com ele perdem o contacto. É o que lhe cumpre evitar, ou remediar, empenhando para tal a sua reserva em acções de limpeza que permitam a continuidade da progressão àquêles elementos detidos.

O esquadrão pode ter uma missão isolada, isto é, ser incorporado com outras unidades; deverá neste caso ter em especial atenção a segurança dos seus flancos para evitar surpresas; impõem-se, pois, as formações escalonadas nos pelotões em vanguarda.

Se, incorporado no grupo de esquadrões, está em 2.º escalão, limitar-se-á a progredir por itinerários desenhados, com as formações impostas pelo terreno, pronto sempre, todavia, a poder ocorrer à frente, ou a manobrar no flanco, à ordem do Comandante do Grupo.

*

Combate do Grupo de Esquadrões

É bem certo o ditado de que «o rabo é o pior de esfolar».

É que sobre unidades de carros, propriamente adaptados à Cavalaria nada há escrito.

Enquanto se trata de pelotões e esquadrões, fácil é enfiar-lhes pelos figurinos da Infantaria, respeitantes às secções, pelotões e companhias, com as pequenas variantes impostas pelas características missões da Cavalaria.

Revista da Cavalaria

Porém, quando se trata de um G. Esq., de composição binária, o modelo batalhão não é aplicável. É como de um casaco querer fazer umas calças.

Todavia, parafraseando as palavras de frei Agostinho — «com um bocadinho de inteligência e muita bondade, tudo se consegue» — direi que — com boa vontade e um bocadinho de imaginação — não seria talvez difícil fazer uma adaptação.

É certo que o volume das unidades de cavalaria comparado com o das suas equivalentes na infantaria é sempre um pouco menor; porém, havendo a preocupação constante de desempenhar a missão com mais *audácia*, em prejuízo da *perfeição*, não será possível obter o mesmo *rendimento*, a despeito dessa desigualdade?

No G. Esq. não haverá — salvo melhor opinião de quem num futuro próximo, tiver a seu cargo a organização e o estudo destas unidades — formações de combate propriamente atribuídas.

Trabalharão, possivelmente, com as suas sub-unidades imediatas (esquadrão), em 2 vagas distintas, embora a segunda seja o complemento da primeira; e enquanto esta com a missão de romper a frente e progredir rapidamente na profundidade do dispositivo inimigo até atingir a zona da artilharia, avança em velocidade, a segunda seguirá no seu rasto, direi melhor, no seu sulco, alizando o caminho aberto, eliminando as resistências não manifestadas ou incompletamente destruídas, desorganizando as reservas que acorrem, e permitindo às tropas apeadas ou motorizadas que seguem na sua peugada que façam a ocupação do terreno conquistado, com um certo grau de fixidez que lhe é dado pelas armas automáticas e até pelos engenhos de acompanhamento de que são dotadas.

Impõe-se, pois, que esta segunda vaga condicione a sua velocidade e progressão, a essas tropas apeadas ou motorizadas, que lhe sucedem com aquela finalidade de ocupação, a fim de que os esforços se conjuguem sem perigo de dissociação, de uma solução de continuidade, que, a dar-se, compete ao Comandante do esquadrão da 2.^a vaga, imediatamente restabelecer, segundo as normas prescritas no combate do esquadrão.



Temas táticos

pelo Major AGUIAR FERREIRA

Os G. Cav. na manobra em retirada

A *manobra em retirada* é uma manobra empreendida voluntariamente, que tem por fim ganhar tempo, demorando a marcha do inimigo e evitando, simultaneamente, que as tropas que a executam se deixem empenhar no combate, e, conseqüentemente, fixar. O combate deve ser sistematicamente recusado.

Esta manobra consistirá, pois, no jôgo de resistências opostas ao inimigo em posições sucessivas favoráveis à execução do tiro a grandes distâncias, que desta forma obrigará o adversário a progredir através do campo em formações de

Revista da Cavalaria

dispersão, a proceder a tomadas de contacto e a montar o ataque cuja repetição o cansa, gasta e desmoraliza; enfim, o forçam a passar sucessivamente de um dispositivo de marcha de aproximação a um dispositivo de ataque e dêste a um novo dispositivo de marcha, o que lhe ocasiona fadigas e grandes perdas de tempo.

Aos G. Cav. são freqüentemente dadas missões retardadoras que êstes desempenham pela manobra em retirada.

Destacados para cobrirem a distância a progressão das G. U. em proveito de que trabalham, é-lhes geralmente dada a missão de retardar a progressão do inimigo segundo um dado eixo.

Ora os meios de retardar um inimigo que pretende progredir são :

- atacar;
- defender a todo o custo uma linha determinada;
- manobrar em retirada.

Como os seus fracos meios não lhe permitem atacar senão elementos ligeiros avançados, e é pouco apto para realizar as defensivas a todo o custo, sobretudo nas frentes que lhe são geralmente atribuídas, ao G. Cav. só resta tentar a manobra em retirada, e a sua tática retardadora consistirá, pois, em enganar o adversário pelo máximo tempo possível, quer sôbre as intenções próprias, quer sôbre o valor das resistências que lhe ofereça.

O tempo ganho pela manobra em retirada é realmente de apreciar. Em primeiro lugar as fortes patrulhas que mantêm o contacto obrigam os elementos avançados do inimigo a uma progressão cautelosa, para não dizer circumspecta.

Os fogos a distância sôbre pontos escolhidos obrigam a evitar essas zonas batidas pelos projéteis e a tomar formações de dispersão de progressão mais lenta; a progressão será ainda retardada por destruições convenientemente realizadas. Vem depois, cronologicamente, a tomada de contacto com a posição defensiva ocupada, a determinação de contôrno aparente, por vezes a procura de novas informações que terão de ser transmitidas e recortadas; segue-se à decisão a trans-

Revista da Cavalaria

missão das ordens, o desenvolvimento das forças e a ocupação das bases de ataque.

Em resumo, o inimigo para nos expulsar do terreno que ocupamos ou nos destruir, tem de:

- reconhecer, isto é, informar-se sobre a situação e o valor das resistências em que se defronta;
- reunir e desenvolver os seus meios e preparar o ataque;
- atacar.

Os dois primeiros actos, a mera preparação, são os que levam mais tempo a realizar e aquêles, portanto, que a defesa deve tentar prolongar no tempo e no espaço; o último será breve e perigoso para a defesa e, por consequência, deve ser eliminado por uma oportuna rotura de contacto.

Dêste modo o ataque baterá em falso, e obrigará o inimigo a montar uma nova manobra de progressão e a passar consequentemente do dispositivo de ataque a um dispositivo de marcha mais adequado a essa manobra.

Não se trata, pois, para a defesa, de ocupar sólidamente uma posição para o que os G. Cav. não são as unidades mais aptas, mas simplesmente de lhes ocupar os contornos, empregando todos os estratagemas imagináveis que possam fazer perder tempo ao adversário. Logo que este monte o ataque nada mais resta a fazer do que desaparecer o mais rapidamente possível, e recomeçar mais à retaguarda.

Daqui se conclui que uma das condições *sine qua non* para a manobra em retirada ser exequível é dispor do espaço a ceder em troca do tempo a ganhar. Por isto mesmo a manobra em retirada é geralmente precedida da criação de espaço, obtido pela marcha para o inimigo, sem que esta signifique a intenção de atacar.

Três factores essenciais condicionam a manobra em retirada: o tempo, o espaço e os meios.

O tempo é geralmente fixado pelo Comando das G. U. em proveito de quem o G. Cav. trabalha e materializado pela indicação da hora até que determinada linha de terreno deve ser mantida ou coberta pelo G. Cav.

Revista da Cavalaria

O *espaço* é a zona do terreno em que se deve desenvolver a manobra, zona bem delimitada em largura e em profundidade cujo limite anterior é a 1.^a posição ocupada ou a ocupar e cujo limite posterior é constituído pela linha indicada como não devendo ser atingida pelo inimigo antes de uma data determinada.

Os *meios* são aquêles de que o G. Cav. dispõe.

Assim, o Com. do G. Cav., que recebeu uma missão retardadora a realizar pela manobra em retirada, deve fixar imediatamente o seu *plano de manobra* que consistirá esquematicamente em :

- determinar as posições sucessivas em que o comando conta opor a sua resistência ao inimigo ;
- fixar a repartição dos seus meios ;
- regular a rotura do combate e a retirada do seu dispositivo defensivo para passar, no momento oportuno, da posição ocupada para a seguinte.

Em tôda a profundidade do terreno atribuído à manobra é preciso procurar as zonas que se prestam ao estabelecimento das *posições sucessivas*. Elas devem ser naturalmente fortes visto não haver nem tempo nem meios para as organizar, apresentar uma parte descoberta para tornar fácil a observação e difícil a tomada de contacto, estar coberta por um obstáculo natural anti-carro, ter máscaras que facilitem a rotura de combate, satisfazer, enfim, os requisitos que enumerámos ao tratarmos anteriormente dos G. Cav. na defensiva em grandes frentes, sem esquecer que as condições óptimas a que fizemos referência nem sempre serão realizáveis simultaneamente ou pelo menos no mesmo grau, e que o Comando terá que atender às suas deficiências por determinações judiciosas que as atenuem quanto possível.

Tôdas as posições têm os seus pontos fracos ; convém sublinhar, porém, um ponto vulnerável constante nas posições da manobra em retirada : os flancos, quando expostos à manobra de envolvimento do inimigo, o que sucederá quando o G. Cav. não está enquadrado ou não tem os seus flancos apoiados em obstáculos naturais. Como nem sempre o G. Cav.

Revista da Cavalaria

estará enquadrado ou pelo menos este não pode contar com uma segura cobertura dos seus flancos por outras unidades, e como raras vezes poderá apoiar os seus flancos em obstáculos naturais, o G. Cav. deve procurar ocupar o máximo de frente compatível com os meios de que dispõe para dificultar ao inimigo a determinação dos seus flancos e uma possível manobra de envolvimento.

A *distância* entre as posições sucessivas da manobra é evidentemente condicionada pelo terreno, mas é necessário que estejam suficientemente afastados para que o inimigo se veja na necessidade de montar novo dispositivo de ataque; por outro lado é indispensável dispor do tempo necessário à ocupação da nova posição e o conseqüente estabelecimento de um adequado plano de fogos. O conjunto destas considerações implica distâncias mínimas da ordem dos 3 kms., convindo, evidentemente, que sejam maiores no caso de um inimigo não apeado. A distância máxima entre as posições sucessivas é condicionada pelo espaço de que se dispõe e pelo tempo que é necessário ganhar. Calculando que o G. Cav. pode retardar o inimigo umas 4 a 5 horas em cada posição, uma simples conta de dividir indicará o número de posições de manobra a prever, e conseqüentemente a distância média entre si. E assim, se o espaço a ceder é de 20 kms. e o tempo a ganhar das 14 h. 00 de um dia às 18 h. 00 do dia seguinte e supondo que é noite fechada às 21 h. 00 e dia claro às 06 h. 00, segue-se que é necessário ganhar 7 horas num dia e 12 horas no outro o que corresponde teoricamente a ocupar 2 posições no primeiro dia e 3 no segundo. Como as 5 posições devem estar escalonadas numa profundidade de 20 kms. segue-se que a distância média entre ela é de 5 kms., pois às 5 posições correspondem 4 distâncias.

Pode, evidentemente suceder que, ou no espaço a ceder não haja o número de posições necessário, com um mínimo de condições favoráveis, ou a distância média entre elas ser inferior aos 3 kms. mínimos atrás referidos. Neste caso, isso implica a resistência numa posição final até ao cumprimento total da missão recebida, o que representa, ou um erro da parte do Comando que ordena a operação, ou a imposição de uma missão a sacrifício, visto que a cavalaria não é bastante apta para a resistência demorada como já se acentuou.

Revista da Cavalaria

Compreende-se bem que o inimigo possa ser enganado sobre as nossas intenções e que tomando o contacto com uma posição ocupada com meios suficientemente fortes para que a sua acção de reconhecimento fôsse detida, seja levado a montar uma acção de força que faça cair as resistências. Mas se o seu ataque bater em falso e este facto se repetir numa outra posição, é natural que tome medidas que poderão pôr em cheque a manobra em retirada, quer por uma acção sobre os flancos, quer pela simulação de uma acção de força incompletamente montada, quer ainda por uma perseguição mais audaciosa e atrevida.

A manobra em retirada não pode, pois, prolongar-se indefinidamente, pois dentro em breve a acção retardadora só se poderá obter pela resistência. Para retardar esse momento convém manter constantemente o inimigo na incerteza das disposições a tomar, e para isso é extremamente vantajoso que as posições sucessivas não sejam paralelas.

A *extensão da frente* a ocupar é imposta pela largura da zona de acção e pela necessidade de dificultar ao inimigo a manobra de envolvimento. Convém que seja o maior possível dentro das possibilidades de meios e da necessidade de estabelecer uma cortina de fogos de aparência contínua.

O dispositivo adoptado tem, pois, uma influência primordial na extensão da frente a ocupar.

Dispõe o G. Cav. de 28 M. L. e 8 M.; calculando em 50 metros a frente batida por cada uma destas armas automáticas, teríamos uma frente total de 1.500^m, manifestamente insuficiente para as necessidades da manobra em retirada. Nem na verdade será necessária uma tal densidade de fogo em toda a frente podendo ser suficiente uma densidade 3 a 4 vezes menor na maior parte da frente a bater. Nestas condições o G. Cav. não reforçado pode atingir os 5.000^m de frente com uma densidade de fogo amplamente suficiente. E tanto assim é, que freqüentemente terá de ocupar frentes bem maiores sem que os seus meios sejam proporcionalmente reforçados.

O *dispositivo* é um factor que pode influir profundamente no valor dos fogos da defesa e, conseqüentemente, na própria essência da posição a ocupar e da sua finalidade. E se a repartição das forças de que resultará o dispositivo obedece,

Revista da Cavalaria

nas suas linhas gerais, ao que é estabelecido para a ocupação defensiva nas grandes frentes, no caso particular da manobra em retirada terá de satisfazer a determinadas condições que passamos a referir.

Na posição inicial da manobra, os elementos de informação a destacar devem ser suficientemente fortes para que possam por si só retardar a progressão do inimigo e a conseqüente tomada de contacto. Em tôdas as posições o dispositivo deve ter em vista uma fácil rotura de contacto, e assim as unidades para as quais uma rotura seja mais difficil ou morosa (infantaria de refôrço por ex.) devem ser empregadas sistematicamente nos pontos das zonas em que essa rotura esteja facilitada pela existência de coberturas, boas vias de comunicação, sem ter influencia o melhor emprêgo tático. É assim que uma C. At. de refôrço, por exemplo, apesar de ser um elemento de fogo potente, sobretudo se lhe atribuirmos Met., pode ser empregada não na zona de esforço mas noutro ponto que mais facilite a sua ulterior retirada. A reserva também deve sempre ser constituída por unidades de grande mobilidade e, conseqüentemente, a cavalo, de preferênciã. Quanto aos cavalos desmontados e escalão de viaturas convém geralmente ficarem à disposição das respectivas unidades e na proximidade destas.

A *rotura do combate* é, incontestavelmente, o problema mais delicado a resolver no decorrer da manobra retardadora, não só pela natureza especial das dificuldades que a sua resolução comporta, mas ainda porque, romper o combate demasiadamente cedo é fazer o jôgo do adversário e diminuir o tempo que se pretende ganhar; romper o combate demasiado tarde é correr o risco de empenhar as nossa forças no combate que se pretende evitar, tornando difficil a retirada e, por vezes mesmo, torná-la impossivel antes da noite.

Na verdade, quando, se prevê a *rotura de dia*, não só as posições a ocupar precisam de facilitar a realização dessa rotura como esta tem de se realizar sem que o adversário faça sentir grandemente a sua pressão, pois de contrário poderá conduzir a um verdadeiro desastre. O inimigo também se apercebe rapidamente da nossa retirada e depressa lançará os elementos necessários para retomar o contacto.

Revista da Cavalaria

Na *rotura de noite* tudo é facilitado. Não só esta se realiza facilmente e com segurança, como o inimigo tem dificuldade de se aperceber da nossa retirada antes da madrugada, sobretudo se a defesa deixar em contacto alguns elementos destinados a manter a fisionomia geral da frente. Mesmo que se aperceba da retirada ainda durante a noite, dificilmente poderá lançar logo os elementos de reconhecimento necessários e quando o faça será com circunspecção. Assim, muitas vezes convirá prolongar um tanto a resistência para poder executar uma *rotura de noite*. É esta uma questão de maleabilidade do comando para que não pode haver regras nem doutrinas mas unicamente as circunstâncias ocasionais e a intuição inteligente.

Quer a *rotura* se faça de noite, quer de dia, tem de ser precedida do desatravancamento da retaguarda. Com efeito, convém que nada vá impedir, dificultar ou perturbar a retirada das tropas, e assim os T. C. e Serviços devem com antecedência ser retirados para a retaguarda da posição a ocupar.

Os agrupamentos de combate constituídos na posição inicial retirarão a coberto de elementos ligeiros deixados em contacto destinados a iludir o adversário por tempo mais ou menos longo, conforme a retirada se faz de dia ou de noite.

No primeiro caso o inimigo dentro em breve se aperceberá da retirada e, portanto, impor aos elementos deixados em contacto uma resistência além do estritamente indispensável, será sacrificá-los sem necessidade. Pelo contrário, no segundo caso, só de madrugada o inimigo poderá, em boas condições, retomar a progressão, e, conseqüentemente, só de madrugada deverão retirar êsses elementos deixados em contacto. Como a missão destes elementos é simplesmente enganar o inimigo, dando-lhe a impressão de que ainda ocupamos a posição quando na realidade já lá não estamos em fôrça, o efectivo nêles empregado deve ser pequeno e geralmente inferior a $\frac{1}{4}$ do efectivo dos Agrupamentos de combate existentes, devendo comportar sempre armas automáticas e por vezes anti-carro.

Cada um dos agrupamentos de combate cobre a sua retirada com uma guarda de retaguarda própria, a não ser que,

Revista da Cavalaria

ou pela importância do eixo a cobrir, ou pela natureza das unidades que retiram, o comando determine a constituição de guardas de retaguarda, com as unidades que mantinha em reserva. É o que geralmente sucederá no eixo de retirada que lhe foi imposto e onde exerce o seu esforço defensivo, ou quando dispõe de infantaria auto-transportada de reforço que tem certa dificuldade em romper o combate, leva mais tempo a pôr-se fora da acção dos fogos do inimigo, e cujo embarque precisa de ser convenientemente coberto.

As guardas de retaguarda constituem assim verdadeiros elementos retardadores da nova posição a ocupar, e a sua acção é tendente a demorar o momento da nova tomada de contacto pelo inimigo com a posição de manobra.

Os elementos deixados em contacto reúnem aos seus agrupamentos de combate logo que possam e o mais rapidamente que lhes seja possível, sob a protecção das guardas da retaguarda.

A nova posição a ocupar deve ser previamente reconhecida e balizada para reduzir ao mínimo o tempo e as dificuldades de ocupação e tornar, portanto, possível e rápido o estabelecimento de um sistema de fogos defensivos contra o qual o inimigo vá novamente esbarrar. Sempre que seja possível e pelas mesmas razões, deve manter-se o mesmo dispositivo defensivo com o mínimo possível de modificações quanto ao efectivo dos agrupamentos de combate previstos. Dêste modo estes podem passar de uma para outra posição sem necessidade de reagrupamentos prévios, marchando por itinerários autónomos e previamente reconhecidos e balizados, sobretudo se a retirada se tem a fazer de noite.

Nas grandes unidades em que as posições estão distanciadas de 10 e mais kms., constituem-se agrupamentos de marcha a que se dão pontos ou zonas de 1.º destino onde as unidades recebem novas missões.

No caso do Grupo de Cavalaria, como as posições são sempre fracamente distanciadas, não há vantagem e há inconvenientes em constituir agrupamentos de marcha; os agrupamentos de combate recebem pontos de 1.º destino nas proximidades e na retaguarda das novas posições de combate, para que estas sejam ocupadas detrás para diante.

Revista da Cavalaria

Assim o *dispositivo da retirada* comporta:

- elementos deixados em contacto que iludem o inimigo sôbre o momento da retirada;
- guardas de retaguarda que retardam o momento da tomada de contacto do inimigo com a nova posição;
- agrupamentos de combate que passam de uma para nova posição da manobra.

Resumindo:

O comando começa por fazer passar para a retaguarda da nova posição todos os elementos que não são indispensáveis na posição inicial, como T. C. 2 e elementos dos serviços.

Os agrupamentos de combate, deixando elementos ligeiros em contacto, retiram rãpidamente pelos itinerários marcados, reconhecidos e balizados prãviamente para as proximidades imediatas das posições de combate da nova posição, posições que ocupam, estabelecendo o mais rãpidamente possível um sistema de fogos coordenados.

Os elementos deixados em contacto rompem o combate e retiram para a retaguarda das guardas da retaguarda, indo reũnir seguidamente ao agrupamento a que pertencem.

As guardas da retaguarda retardam a progressão do inimigo até uma linha determinada prãviamente para não impedir a execução dos fogos a distância, atingida a qual retiram de um único lanço para a retaguarda da linha de combate, indo novamente constituir a reserva.

As *destruições* a realizar têm em vista retardar a progressão do adversário, mas torna-se necessário que o G. Cav. esteja devidamente autorizado a executá-las. Por vezes até, é reforçado com destacamentos de engenharia do C. E. ou Div. em proveito dos quais trabalha para preparar e executar essas destruições. Quando disponha sômente do seu pelotão de sapadores, as destruições a realizar têm de ser forçosamente modestas e de harmonia com os fracos meios de que dispõe; a destruição de pontes, a obstrução de ruas por derube de casas são as destruições mais freqüentes ao seu alcance e têm geralmente uma finalidade anti-carro.

Revista da Cavalaria

É que o grande inimigo das manobras em retirada são as *unidades blindadas*. Contra um inimigo apeado ou mesmo a cavalo o G. Cav. tem possibilidades de o retardar pela manobra em retirada; contra um inimigo blindado, que dispõe, portanto, de maior velocidade, maior capacidade de manobra, maior resistência à fadiga e maior capacidade de ataque, a sua acção retardadora só se pode realizar pela defensiva em posição, dispondo de bons obstáculos anti-carro, de numerosos canhões anti-carro e de minas anti-carro.

Se o inimigo dispõe de poucas viaturas blindadas, o terreno e os meios anti-carro próprios ainda lhes poderão fazer frente.

Realizar a manobra em retirada contra unidades blindadas vai, porém, além das possibilidades do nosso G. Cav., mesmo depois de dotado com mais um pelotão de canhões anti-carro.

Quanto às *transmissões* sabido é que os meios sem fio representam por assim dizer o único processo a empregar na manobra em retirada. É assim que a T. S. F. e os meios ópticos são sistematicamente empregados, a despeito dos inconvenientes de todos sabidos; limitar-se-ão, reduzindo ao mínimo os despachos e comunicações a transmitir.

A preparação da manobra pelo Chefe inclui um certo número de previsões, entre as quais avultam a determinação das posições da manobra, as condições gerais da sua ocupação e abandono sucessivos. O conjunto das disposições a tomar constitui o *Plano da Manobra* formado por uma série de ordens a dar sucessivamente. Essas ordens são:

- Ordem para a ocupação da posição inicial.
- Ordem para o reconhecimento da 2.^a posição.
- Ordem para a rotura do combate e retardamento.
- Ordem para a ocupação da 2.^a posição.

Para os G. Cav. as ordens agrupam-se, geralmente, em duas:

- Ordem para a ocupação da posição inicial e de reconhecimento da 2.^a posição.
- Ordens para a rotura do combate, retardamento e ocupação da 2.^a posição.



Concurso Hípico de Badajoz

pele MARQUÊS DO FUNCHAL



Este concurso, de organização perfeita, promovido pela *Sociedad Hípico Lebrera de Badajoz*, teve lugar nos dias 3, 4 e 5 de Junho e nêle tomaram parte oito oficiais portugueses pertencentes aos regimentos da Brigada de Cavalaria com sede em Elvas, sendo cinco pertencentes ao Reg. Cav. 1 e três ao Reg. Cav. 3.

Os nossos concorrentes, escolhidos através de algumas provas de selecção, tiveram de defrontar-se com os já bem conhecidos cavaleiros espanhóis, tais como o ten. cor. Hector Vasques, Comandantes Esquivias, Lopes de Hierro, Botana e outros.

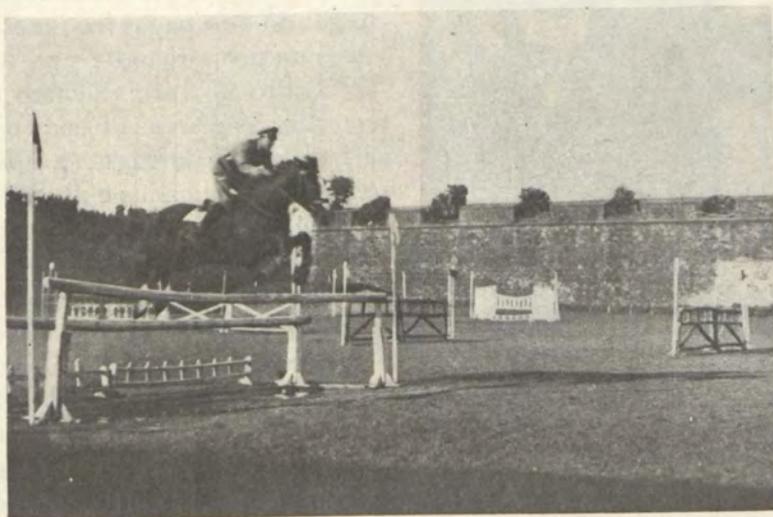
Apresentaram-se em pista cêrca de 50 cavalos, dos quais 15 pertencentes aos cavaleiros portugueses.

O campo de obstáculos, situado no fôssco da cidade, assemelha-se um pouco ao do Regimento de Cav. n.º 1, quasi tão largo como comprido, não sendo grande e com o piso bastante regular de que os cavalos se não tiveram de queixar.

Revista da Cavalaria

Os obstáculos bem apresentados, entre os quais uma banquetta comprida, não alta e relativamente macia, uma vala de água que atingia 4^m, uma outra transversal às linhas dominantes do percurso que era em geral armada em ria, uma cancela curva de pequena frente com 1,30 de alto precedida de uma cancelinha de 0,30 e que deu que falar na prova Regularidade.

A cronometragem era eléctrica e pela forma como estavam traçados os percursos, não havia bandeirolas.



*O Marquês do Funchal, transpondo um obstáculo na prova
«Copa de La Deputacion»*

Os percursos, à excepção, dos da Regularidade e Grande Prémio não estavam difíceis embora o de Caça tivesse 18 obstáculos.

Na Regularidade o percurso era cortado por 16 obstáculos e tanto o vencedor como o 2.º classificado cap. Costa Gomes transpuseram 22 obstáculos; porém, a partir do 5.º classificado, os saltos feitos foram em número inferior a dez.

O Grande Prémio tinha 19 obstáculos dos quais dois muros a 1,40 e conquanto não fôsse considerada a existência de duplos, verificou-se que pela sua disposição estava cons-

Revista da Cavalaria

tituído um triplo, por duas cancelas rústicas e um muro, que se tornou bastante complicado.

As provas decorreram com interêsse, já pelo equilibrio da nossa participação que deu lugar à luta desportiva seguida com interêsse pela assistência que aplaudiu freqüentes

vezes os nossos cavaleiros, já pela aposta que estava montada por séries, apostando-se apenas no vencedor de cada série. Houve provas com os cavalos divididos em cinco séries chegando-se a pagar freqüentes vezes na proporção de 7 para 1.

Tanto ao iniciar como ao terminar as provas de cada dia, as bandeiras Portuguesa e Espanhola eram içadas e arreadas ao som dos respectivos hinos.

Foi oferecida aos cavaleiros portugueses uma copa de Gerez no regimento de cavalaria onde compareceram o Ex.^{mo} General Arevalo comandante da 12.^a Div. e Governador Militar de Badajoz, o Ex.^{mo} Com. interino da Brigada de Cavalaria de Elvas, Ex.^{mo} Cor. Coutinho de Castro e o cônsul de Portugal Dr. Oliveira e Silva.

Em Elvas, no dia 6, foi oferecido pelos cavaleiros portugueses que tomaram parte no concurso, um almoço ao vice-presidente da *Sociedad Hípica Lebrera de Badajoz* Ex.^{mo} Conde de Oliva e a vários cavaleiros espanhóis, tendo presidido o Ex.^{mo} Com.^{te} da 4.^a Região Militar Sr. General Sampaio. Pondo a modéstia de parte, a boa impressão que trouxemos do Concurso Hípico de Badajoz foi a que deveríamos lá ter deixado e sem desprimor para os oficiais que a êle concorreram devo destacar na mocidade esperançosa o alferes Moura. Sobressaíram os cavalos *Barrufo*, *Bonita* e *Xaruto*, revelando-se também *Beduino* e *Xacro*; *Sol* foi bom cumpridor.



O Marquês do Funchal, chefe da representação portuguesa no Concurso Hípico de Badajoz, alinhando na distribuição de prêmios da prova «Copa del Ex.^{mo} Ayuntamiento»

Revista da Cavalaria

Copa Guarnicion

S/ Handicap

2.º Prémio	Alf. Moura	Zambese	s/ faltas	0,58 ³ / ₅
3.º »	Maj. M. do Funchal	Bonita		
4.º »	Cap. C. Gomes	Barrufo		
6.º »	Alf. Caldeira	Xacro		
10.º »	Cap. Oliveira Soares	Havestia		

C/ Handicap

6.º »	Alf. Moura	Xaruto		
Vencedor	D. Francisco Goyoaga	Agadir	s/ faltas	0,52 ² / ₅

Copa de La Deputacion

(Regularidade)

2.º Prémio	Cap. Costa Gomes	Barrufo		22 saltos
5.º »	Alf. Caldeira	Xacro		
9.º »	Maj. M. do Funchal	Sol		
10.º »	Alf. Moura	Xaruto		
12.º »	Cap. Carpinteiro	Unicante		
15.º »	Alf. Moura	Ufir		
Vencedor	Alf. Martinez	Rechupete	menos ² / ₅ s.	22 salt.

Copa del Ex.º Ayuntamiento

(Grande Prémio)

4.º Prémio	Cap. Costa Gomes	Barrufo	s/ faltas	1'.34
7.º »	Maj. M. do Funchal	Bonita		
9.º »	Alf. Caldeira	Xacro		
10.º »	Alf. Moura	Xaruto		
Vencedor	Com. Lopes de Hierro	Nebly	s/ faltas	1'.26 ¹ / ₃

Honor

(Caça)

2.º Prémio	Alf. Moura	Zambese		1'.22
4.º »	Maj. M. do Funchal	Sol		
5.º »	Cap. Oliveira Soares	Beduino		
7.º »	Alf. Dôres	Xairiel		
12.º »	Cap. Carpinteiro	Unicante		
Vencedor	Com. Lopes de Hierro	Nebly		1'.21 ³ / ₅

Despedida

1.º	Cap. Oliveira Soares	Havestia		
4.º	Alf. Moura	Ufir		
5.º	Cap. Carpinteiro	Unicante		
6.º	Cap. C. Gomes	Varino		

Revista da Cavalaria

Obstáculos do Grande Prémio

1 — 3 varas	1 ^m ,20	11 — Cruz St. André	1 ^m ,20
2 — Sebe e vara	1 ^m ,20	12 — Muro	1 ^m ,40
3 — Cancela branca	1 ^m ,20	13 — Cancela	1 ^m ,20
4 — 2 varas iguais	1 ^m ,10 × 1 ^m ,20		
	× 1 ^m ,50	14 — Vala entre varas	1 ^m ,10
5 — Cancela curva	1 ^m ,30		× 1 ^m ,30 × 1 ^m ,60
6 — Tríplice vara	1 ^m ,30 × 1 ^m ,70	15 — Dupla barreira	1 ^m × 1 ^m ,20
		(Spa)	
7 — Cancela rústica	1 ^m ,20	16 — Banqueta c/ vara, entrada e saída	
8 — Idem à dist. de 7 ^m	1 ^m ,30	17 — Vala 4 ^m c/ sebe e tríplice vara	1 ^m × 1 ^m ,10 × 1 ^m ,20
9 — Muro a 1 ^m ,40		18 — Barras	1 ^m × 1 ^m ,10
10 — Oxer, 1 ^m ,20 × 1 ^m ,40 × 1 ^m ,80		19 — Igual ao 1	

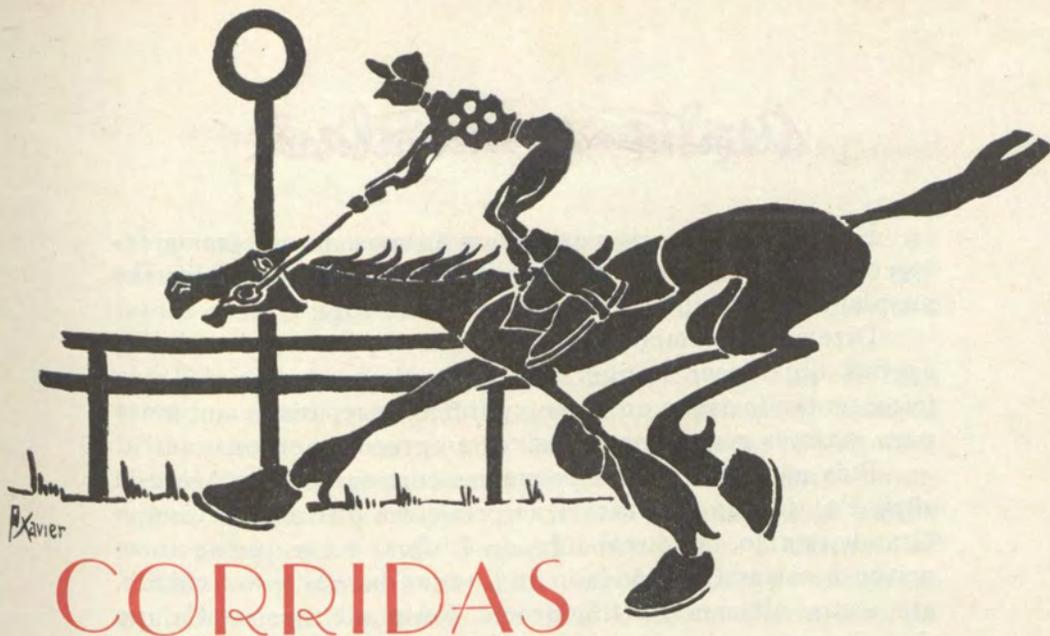
Impressão do 1.º dia do Concurso

Do jornal *Hoy* do dia 4 de Junho — *Recitacion* montado pelo ten. cor. H. Vasques, fêz-nos vibrar de emoção pelo seu bom percurso.

Ao mesmo tempo temos razão de ser supersticiosos pois que o cavalo n.º 13 montado por D. Francisco Goyoaga se destacou pelo seu bom percurso e boa vontade. Êste cavalo *Agadir* que ganhou, foi montado com maestria digna da ovação que ouviu o seu cavaleiro ao terminar o percurso; monta de estilo pelos recortes, pela velocidade e especialmente por não prejudicar em nada o cavalo e desde então foi uma tarde de emoção, pois portugueses e espanhóis tentavam, em competição, em demonstrar ao público as suas condições de cavaleiros.

Não se pode esquecer *Pigmeo* do Com. Botana que pela sua alegria e percurso entusiasmou o público. *Bonita* do Com. M. do Funchal, *Talisman*, *Fano*, *Palomo II*, *Giralda*, etc.

NOTA — Total de prémios ganhos: 7.800 pesetas e 13 objectos de arte.



CORRIDAS

PRIMAVERA DE 1944

por RODRIGO DE CASTRO PEREIRA

A Sociedade Hípica Portuguesa continuando na sua senda ingloriosa, mas útil e necessária para o País, mais uma vez organizou Corridas na Primavera de 1944.

Foram elas mais uma série de três jornadas de 5 corridas cada uma, nos dias 7, 14 e 21 de Maio último.

É este o segundo ano em que a Sociedade Hípica se empenha em dar êstes espectáculos ao público lisboeta, esperançada de que o seu esforço venha a ter a devida recompensa e que as corridas venham um dia a ter a consagração de um desporto nacional.

Esperançada ainda em que o seu exemplo sirva de estímulo a outros, e que em outros pontos do País se venham a construir hipódromos e se organizem corridas, muitas corridas.

Revista da Cavalaria

É preciso não deixar esfriar os ânimos, não deixar arrefecer o entusiasmo com que recommçaram estas jornadas tão auspiciosamente iniciadas no Outono de 1942.

Dizemos recommçaram, pois que a Sociedade Hípica apenas quis fazer reviver o que já pelo passado tinha sido feito, tentando assim entreter o público e preparar o ambiente para maiores e mais progressivos empreendimentos.

Pois não são estas as primeiras corridas. Desde Abril de 1873 em que se realizaram as primeiras provas, no Campo Grande, então um arrabalde de Lisboa, e em que se aproveitou a estrada que do lado do Lumiar dava acesso à cidade, até estas últimas no hipódromo junto ao mesmo Campo Grande, muito caminho se tem percorrido, muitas tentativas, algumas com êxito fulgurante mas passageiro se têm feito, para arrear este desporto entre nós.

Mas, digamo-lo na verdade, desde essas primeiras que serviram apenas de pretexto para um passeio de Domingo e que Ramalho tão sarcásticamente apreciou nas suas «Farpas», até estas últimas, ainda nada se conseguiu do que seja propriamente fazer corridas de cavalos no seu espírito e na sua essência.

Como disse, foram muitas as tentativas, muito se procurou fazer. O Club Equêstre que para esse fim se fundou, fez maravilhas. Logo em Setembro de 1873 improvisou um hipódromo no vale de Sacotes, perto de Sintra, e lá se correu com grande entusiasmo. A semente deu fruto, pois a seguir se correu em Évora e, devido à sua iniciativa e à boa vontade do abastado lavrador José Relvas, que tudo pôs à disposição do Club, se construiu um hipódromo na Golegã, onde se organizaram corridas por ocasião da Feira de S. Martinho.

O Club Equêstre foi o iniciador das corridas em Portugal. Fêz os primeiros regulamentos, criou a 1.^a comissão de corridas e construiu, com carácter permanente, o Hipódromo em Belém, o que o fêz mudar daí a pouco o seu nome para o de Jockey Club.

Nessa mesma época o Jockey Club Portuense também organizou corridas em Matozinhos. Houve então uma época de entusiasmo e renascimento; mas em 1878 já se lê num jornal do Pôrto, descrevendo as corridas da primavera: — decorreram desanimadas e parecendo querer extinguir-se

Revista da Cavalaria

o fogo sagrado que presidiu aos primeiros destes espectáculos» e mais adiante «a criação hipica não acompanhou estes certames e daí a falta de exemplares novos que despertassem o gôsto pelo espectáculo.»

Em 1883 fundou-se o Turf Club e de novo as corridas tomaram maior incremento chegando a atingir o máximo brilhantismo que entre nós tiveram em todos os tempos, e mais de perto se aproximaram do que devem ser. Vieram correr às pistas portuguesas cavalos espanhóis, de várias coudelarias como as do Duque Fernan Nuñez e Marquês de Vilamayor e foram a Espanha correr cavalos portugueses, ganhando prémios, tendo em 1887 o Conde Sobral inscrito no Grande Prémio de Madrid cinco dos seus poldros.

Pouco a pouco foram decaindo, arrastando-se até 1892 em que, com as suas jornadas de Primavera, acabaram quasi por completo, realizando-se ainda, no entanto, no Hipódromo de Belém, já muito abandonado, em 6 e 7 de Abril de 1903 duas jornadas de corridas em honra de S. M. Eduardo VII por ocasião da sua visita a Portugal. E passaram os anos.

Em 1921 a Sociedade Comercial e Financeira construiu um lindo hipódromo na sua propriedade da Marinha, convidando a Sociedade Hipica para ali organizar corridas no fim do verão, contando com a afluência dos banhistas da Costa do Sol para encher tribunas e pelouses. E assim se correu nesse ano e até 1928.

Em 1924 surgiu o novo Jockey Club. Fundou-se com grande impulso, construiu-se o hipódromo do Campo Grande com as suas pistas de plano e steeple, tribunas para o público e sócios, dependências para pesagem, cavalariças e tudo o mais necessário, gastando-se quantias muito importantes para o nosso meio. E as corridas recomeçaram, animadas ainda pela permissão da aposta mútua. Foram um grande sucesso. Pela mesma altura e para completar o quadro corria-se na Primavera e Outono no Campo Grande; no fim do Verão na Marinha. Foi por esta ocasião, e levados na onda do entusiasmo, que alguns particulares importaram cavalos do estrangeiro chegando a correr oito destes cavalos todos montados por jockeys profissionais também estrangeiros para um prémio de 25.000\$00.

Revista da Cavalaria

A seguir o mesmo desânimo, surgiram dificuldades por causa do campo de corridas do Jockey, tendo a Câmara Municipal expropriado o mesmo em virtude de um novo plano de urbanização, mas sobretudo devido, como sempre, à falta de cavalos para correr. Acabaram as corridas.

Ainda nos anos de 1925 a 1932, durante o verão o Ex.^{mo} Sr. Alberto de Lima Rêgo, grande entusiasta deste desporto organizou corridas em campos improvisados, primeiro na Póvoa do Varzim (1925-30) e depois na Praia da Granja (1931 e 32).

É esta a história relâmpago das corridas em Portugal, sem falar nas que se realizam anualmente em Tórreres Novas, no hipódromo do Entroncamento inaugurado em 1902.

Mas não há que desistir. A Sociedade Hípica, o Turf Club, que já teve um passado brilhante adentro do principio para que foi criado, «o do apuramento das raças cavallares», quaisquer outras agremiações que ainda se venham a formar no nosso pequeno meio, todos devem trabalhar, com denodo e isenção, para que as corridas tomem entre nós a posição que têm nos outros países.

Para isso muito pode contribuir a pressão a exercer pela Comissão de Remonta do Exército junto dos lavradores para que façam correr os seus cavalos, pagando melhor àquelles que tenham dado provas em hipódromos. Pois, como se disse, a grandissima dificuldade é sempre a falta de cavalos.

Conseguir-se-ia assim, talvez, fazer entrar as corridas dentro do regime lógico de haver cavalos para correr, de haver proprietários inscrevendo cavalos por sua própria iniciativa, sem haver a triste necessidade de os organizadores andarem a «pescar» cavalos de qualquer categoria, ou mesmo sem ela, ou recorrer à boa vontade das unidades de cavallaria, para poder completar um mísero programa.

Hoje em dia está provado que o público se interessa. Ainda não acorre com a franqueza e facilidade com que enche os stadiums para presenciar desafios de futebol, mas com interesse, um público mais escolhido, mais conhecedor. O que é preciso é dar-lhe mais corridas para que se vá habituando a procurá-las, e para isso é preciso haver cavalos para correr.

Estamos ainda muito atrasados. Para apreciar o que acontece lá fora basta dizer que em 1937 houve, em Ingla-

Revista da Cavalaria

terra, 1981 jornadas de corridas planas e na pequena Irlanda 418.

Em 1937 alinharam em pista, nesses 1981 dias de corridas, 4.995 cavalos. Referem-se êstes números apenas a corridas planas, não entrando nêles, portanto, as corridas de sebes, «steeples», «point to points» e de caça, quasi outras tantas.

Mas começaram cedo em Inglaterra. As primeiras corridas oficialmente organizadas de que há conhecimento datam de 1540. O 1.º handicap corrido em «Ascot» em 1791, o «Oatland Stakes», teve uma concorrência computada em 40.000 pessoas.

Considerando que o hipódromo de Ascot fica a cerca de 24 quilómetros de Londres e que nessa época tôda essa longa caminhada era feita de carruagem ou a cavalo, ou mesmo a pé, é na verdade para admirar. E mais ainda quando, em Lisboa, já nos damos por satisfeitos quando às nossas jornadas de Primavera ou Outono acorrem umas 3.000 pessoas. Isto em 1944, no Campo Grande, o mais central de todos os hipódromos que conheço.

Estamos, pois, muito atrasados e talvez seguindo caminho errado, ou direi antes, não seguindo o caminho próprio para criar o verdadeiro ambiente.

Correr cavalos é um desporto caro. Tem por isso que haver possibilidade de desforra. Quem faz despesas grandes para ter cavalos com probabilidades de ganhar, precisa, quando ganha, que os prémios sejam compensadores.

É necessário que os prémios sejam grandes e que haja muitas corridas. Repito, não nos podemos cingir a 6 jornadas por ano. Por certo a Sociedade Hípica muito se esforça por fazer, mas não basta. Outras entidades e organizações têm de aparecer para o mesmo fim e o Estado tem de intervir e subsidiar de principio um desporto cuja finalidade é tão evidentemente proveitosa para a Nação. Na vizinha Espanha a Sociedade de corridas recebe anualmente do Estado um subsídio de 500.000 psetas, e consta que vai de ora avante receber o dôbro.

São vários aquêles que não se interessando com cavalos perguntam: «Mas afinal as corridas de cavalos para que servem?»

Revista da Cavalaria

A esses diremos: — Nos homens não há qualquer regime de selecção; todos se podem reproduzir. Nos cavalos as corridas servem justamente para seleccionar os reprodutores; aquêles que dão boas provas são naturalmente indicados para ganhões.

As corridas têm essa finalidade — «a do apuramento das raças cavallares», sem falar do espectáculo que representam.

O que interessa, portanto, é fazer sobretudo correr éguas e cavalos inteiros de produção nacional, para que as corridas tenham o aproveitamento e finalidade que se pretende, para que os produtos vão sendo seleccionados e os próprios criadores tenham interesse em introduzir-lhes bom sangue.

E passemos à resenha das jornadas da Primavera de 1944.

1.º DIA

1.ª Corrida — *Vilão*, para cavalos e éguas excluindo o sangue inglês — 1.500 metros — pêso livre.

Alinharam por sua ordem: *Cachorro*, *Vilão*, *Guizo*, *Dize-tu*, já conhecidos de outras jornadas, e *Izard II*, *Giovani*, *Nioliss*, acorreram de novo, todos pertencentes ao Exército e montados por oficiais.

A classificação foi a seguinte: 1.º *Dize-tu*, montado por Henrique Calado, 2.º *Giovani*, montado por Moreira Dias, 3.º *Guizo*, montado por Correia Barrento. Velocidade do vencedor — 810 m/min.

Vilão que dava o nome à corrida chegou à meta em 5.º lugar, batido ainda por *Cachorro*. Nas últimas corridas no Outono havia batido *Guizo*, fazendo uma velocidade de 825 m/min.

2.ª Corrida — *Guizo*, 1.800 metros, para cavalos e éguas excluindo o sangue inglês.

Alinharam 5 cavalos montados por jockeys, sendo três, *Equador*, *Dique* e *Desquite II*, ganhões da Estação Zootécnica Nacional (Fonte Bôa) e dois, *Príncipe* e *Bastardo*, cavalos do Colégio Militar.

Revista da Cavalaria

Dique e *Desquite II* mais uma vez se bateram para o 1.º lugar, ganhando *Dique* por uma cabeça numa velocidade de 798 m/min., cinco comprimentos diante de *Bastardo*.

3.ª Corrida — *Decidido*, para cavalos e éguas excluindo o puro sangue inglês e que não tivessem ganho. Distância 1.600 metros.

Alinharam 10 argentinos já conhecidos e de novo nestas jornadas *Jalouse* e *Carlyle* sobrais da Escola Prática de Cavalaria.

Ganhou *Batedor*, montado por Correia Barrento, numa velocidade de 895 m/min., seguido de *Jalouse*, montado por Travassos Lopes, e por *Idolo*, montado por Miranda Dias.



Aspecto de uma corrida

Jalouse partiu mal e numa corrida de 1.600 metros não teve tempo de se refazer, senão talvez o resultado fôsse diferente pois são corridas destas que lhe convêm.

4.ª Corrida — *Turf Club*, para cavalos e éguas de tôdas as origens e procedências. Distância 1.600 metros.

Disputou-se o prêmio gentilmente oferecido pelos sócios do «Turf Club», que, lembrados do muito que êste Club em tempos passados tinha feito pelo desenvolvimento do hipismo,

Revista da Cavalaria

resolveram novamente colaborar em provas e assim iniciaram a sua acção.

Alinharam: *Squalus* e *Iris*, p. s. i. da coudelaria Santos Jorge, *Avestruz*, do Depósito de Remonta, e *Mon-Choix*, do Regimento de Cavalaria n.º 7.

Ganhou *Iris*, diante de *Squalus*, numa velocidade de 888 m/min.

Era grande a expectativa nesta corrida, pois que *Iris*, sempre favorita, sempre se tinha despistado em tôdas aquelas em que tomara parte nas jornadas do Outono de 1943.

Avestruz, que na Primavera passada ganhara os 2.000 metros correndo com p. s. i., chegou em 3.º lugar muito distanciada.

5.ª Corrida — *Absténico*, para cavalos e éguas de tôdas as origens e procedências. Distância 2.400 metros.

Alinharam cinco cavalos, já todos experimentados: *Jaurito*, montado por Sampaio Guimarães, *Marlene* por Joviano Ramos, *Absténico* por Henrique Calado, *Decidido* por Guedes Campos e *Alado* por Miranda Dias.

Marlene, que em 1942 e 1943 nunca se classificara, começou nestas jornadas a marcar a sua classe. Numa velocidade de 818 m/min., bateu *Decidido* por alguns comprimentos, chegando *Absténico*, o grande ganhador de 1942 e 1943, em 3.º lugar.

E assim terminou a 1.ª jornada.

2.º DIA

1.ª Corrida — *Fonte Boa*, para cavalos e éguas nacionais excluindo o puro sangue inglês e o puro sangue árabe, para cavalos que não tenham ganho. Distância 1.600 metros.

Alinharam: *Cachorro*, *Ia-Humilde*, *Nanja*, *Garfe*, *Cizal*, *Niolis*, *Giovanni*, do Exército, e *Quejol* pertencente à Herdade do Pinheiro, todos montados por oficiais.

Revista da Cavalaria

Giovanni, que na 1.^a jornada, na corrida de 1.500 metros, ficara atrás de *Dize-tu* numa velocidade de 810 m/min., conseguiu desta vez 818 m/min., ficando em 1.^o lugar, 2 comprimentos diante de *Garfe* que também distanciou *Cachorro*, chegado em 3.^o, por 2 comprimentos.

2.^a Corrida — *Bok*, 1.800 metros, para cavalos e éguas nacionais excluindo o sangue inglês.

Novo despique entre *Dique* e *Desquite II*, vencendo desta vez *Desquite II* por uma cabeça diante de *Dique*. Inverteu-se, portanto, o resultado da corrida de domingo anterior, sendo porém a velocidade — bastante melhorada — de 824 m/min.

Em 3.^o lugar chegou *Equador*, 10 comprimentos atrás de *Lique* e 5 comprimentos diante de *Batardo*. *El-Abdula* e *Príncipe* chegaram muito distanciados. *Mariola* despistou-se na 1.^a volta.

Em 1943 (Primavera) nos mesmos 1.800 m *Desquite II* batera uma vez *Dique* e fôra outra por êle batido.

3.^a Corrida — *Avestruz*, 2.000 metros, para cavalos e éguas de tôdas as origens e procedências que não tivessem ganho.

Alinharam 9 cavalos, sendo oito argentinos e um sobral.

Ganhou *Jalouse*, égua sobral, numa velocidade de 856 m min., um comprimento diante de *Idolo* e três diante de *Arzila*, chegando a seguir *Abrolho*, *Bailadeira*, *Junco*, *Avante*, *Argentino* e *Xarope*.

4.^a Corrida — *Rio Frio*, 2.000 metros, para cavalos e éguas de tôdas as origens e procedências, para Jockeys.

Alinharam: *Ninotcka*, *Squalus* e *Sherazade*, p. s. i. da coudelaria Santos Jorge, e *Avestruz* e *Debutante*, argentinos.

Foi uma corrida fácil para o favorito *Scherazade*, que chegou à meta 5 comprimentos diante de *Squalus*, que por sua vez chegou 5 comprimentos diante de *Debutante*.

Velocidade: 853 m/min.

Avestruz e *Ninotcka* chegaram muito atrasados.

Revista da Cavalaria

5.ª Corrida — *Cidade de Lisboa*, steeple, de 3.000 metros, para cavalos de todas as origens e procedências.

Alinharam: *Jaurito, Marlene, Batedor, Calif, Decidido e Iminente*, montados por oficiais.

A corrida foi de *Marlene*, que, pôsto perdesse tempo nas sebes, chegou à meta 10 comprimentos diante de *Batedor* e este ainda 5 comprimentos diante de *Calif*.

A velocidade foi de 798 m/min., a mais baixa que até aqui se fez para os 3.000 metros.

3.º DIA

1.ª Corrida — *Alter*, para cavalos e éguas nacionais, excluindo o sangue inglês e o puro sangue árabe. Reservada a animais possuindo o ferro do lavrador que os inscrevia. Distância 1.200 metros.

Seria este o tipo de corrida que deveria fazer a base dos programas, que deveria dar a massa dos cavalos para correr e para se poderem organizar corridas com a frequência e regularidade necessárias. É só destas corridas, com cavalos de produtores nacionais, com maior ou menor categoria, que se pode esperar a sua continuação e sobrevivência e nelas é absolutamente necessário interessar os lavradores.

Isto não exclui, como já temos dito e repetido, corridas doutra natureza e que também são muito necessárias, com cavalos importados, com puros sangue de lei e com cavalos estrangeiros que aqui venham correr e que muitos servirão para, como reprodutores, conseguirmos o apuramento das nossas raças cavалares.

Esta corrida, para jockeys com as suas blusas das cores dos proprietários que representavam, todas diferentes e garridas, teve uma animação especial.

Alinharam: *Dália, Escrava, Escora e Vencedor*, do Dr. Emilio Infante da Câmara, *Eixo e Êxito*, dos Irmãos Robertos, *Bemposto*, da coudelaria Santos Jorge, e *Quejol*, da coudelaria da Herdade do Pinheiro.

Todos estes lavradores devem ser felicitados por assim terem cumprido e em especial o Dr. Emilio Infante da Câmara

Revista da Cavalaria

que, além de três éguas e um cavalo, ofereceu Esc. 500\$00 para premiar os jockeys correndo nos cavalos que se classificassem.

Ganhou esta corrida *Quejol*, montado por Ferreira Lima. Apesar de se ter atrasado na partida, conseguiu passar os seus competidores e bater *Êxito*, ganhador dos 1.200 metros da corrida de Outono, por uma cabeça. Velocidade 857 m/min., como se vê muito comparável às que fizeram cavalos de sangue.

Bemposto chegou 3 comprimentos atrás de *Êxito*, seguindo-se *Dália* e *Escrava*.

2.ª Corrida — *Conde de Mendia*, 1.800 metros, gentlemen, para cavalos e éguas excluindo o puro sangue inglês.

Inscritos 6 cavalos, todos do Exército.

Decidido, montado por Guedes Campos, ganhou, numa velocidade de 867 m/min., batendo *Calif* por um comprimento e *Idolo* por quatro.

3.ª Corrida — *Conde do Sobral*, 2.400 metros, para cavalos e éguas de todas as origens e procedências.

Alinharam 5 cavalos, sendo três argentinos (*Alado*, *Avestruz* e *Arzila*) e dois (*Marlene* e *Jalouse*) nacionais com muito sangue inglês.

Corrida interessante, pois excepto *Arzila*, todos os cavalos inscritos tinham ganho 1.ºs prémios; *Alado* no Outono de 1943 os 1.600 metros, *Avestruz* na Primavera de 1943 os 2.000 metros, *Marlene* nas últimas jornadas os 2.400 e 3.000 metros e *Jalouse* na jornada anterior os 2.000 metros.

Ganhou *Marlene* por 10 comprimentos, fazendo 827 m/min., seguida por *Arzila*, 2 comprimentos diante de *Alado*, chegando *Jalouse* em 4.º lugar.

4.ª Corrida — *Sociedade Hipica Portuguesa*, 3.000 metros, para cavalos e éguas de todas as origens e procedências.

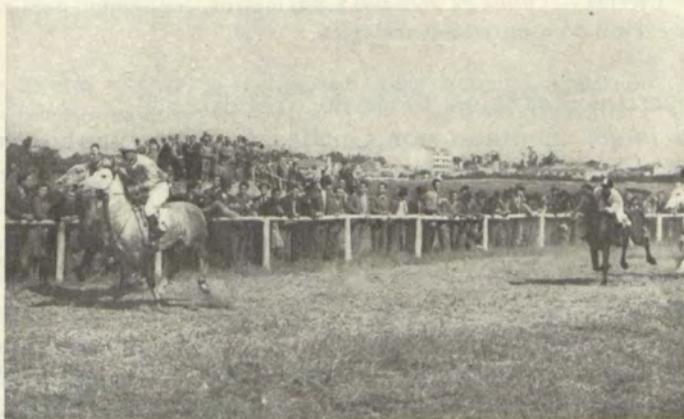
Era o Grande Prémio, a corrida principal desta época, corrida para puros sangues e para jockeys.

Revista da Cavalaria

Alinharam três cavalos Santos Jorge e dois de Cavalaria 2. *Sherazade* e *Iris* defrontavam-se. Ambos tinham corrido com *Squalus* e tinham-no batido.

Iris era favorita, mas tinha contra si o hábito de se despistar. E assim foi; mantendo-se à cabeça 3/4 partes do percurso ao chegar à volta antes da recta final virou para fora e foi passada por *Sherazade* e *Talavera*. Adelino ainda conseguiu metê-la na pista e seguir os outros, não conseguindo ultrapassá-los.

O resultado foi: *Sherazade* 3 comprimentos diante de *Talavera* e esta 5 comprimentos diante de *Iris*. *Iminente* e



Chegada de uma corrida

Avante os outros dois cavalos inscritos a bem dizer não existiram para a corrida.

5.ª Corrida — *Ministério da Guerra*, sebes — distância 3.000 metros, para cavalos e éguas de tôdas as origens e procedências.

Alinharam: *Decidido*, *Abrolho*, *Batedor*, *Calif*, *Debutante*, *Comilão* e *Bailadeira*.

Decidido e *Calif* já haviam tomado parte na 2.ª corrida desta jornada, 1.800 metros, em que tinham chegado respectivamente em 1.º e 2.º. Era, portanto, a 2.ª corrida de fundo em que entravam no mesmo dia. Foram batidos por *Batedor*,

Revista da Cavalaria

que chegou à meta 3 comprimentos diante de *Calif* e mais 5 diante de *Decidido*, mas que já os batera também nos 3.000 metros da jornada anterior.

Velocidade 810 m/min.

Caso curioso: o «steeple» da jornada anterior ganhou-o *Marlene*, numa velocidade de 798 m/min., 10 comprimentos diante de *Batedor*, o que equivale a dizer que *Batedor* levou mais 2 segundos a chegar à meta fazendo, portanto, apenas uma velocidade de 791 m/min. Desta vez correndo à vontade conseguiu uma velocidade igual às melhores de *Marlene* para distâncias menores.

6.ª Corrida — *Colégio Militar*, 800 metros para ponneys.

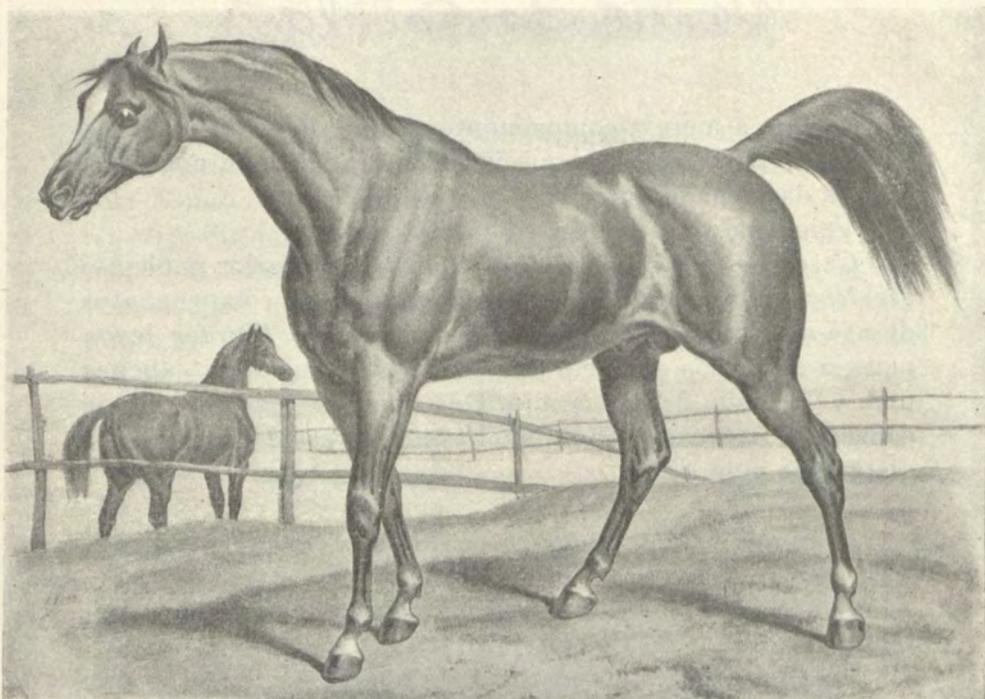
Foi, como o nome indica, uma corrida de garranos montados por alunos do Colégio Militar.

Foi uma perfeita repetição do que já sucedera no ano anterior, ganhando outra vez *Olho de Vidro*, montado pelo aluno Pimenta da Gama, seguido de *Faisca*, montado por Campos, e *Raio*, montado por Ló.

Os jovens cavaleiros puxaram o mais que puderam pelas suas montadas, mostrando grande entusiasmo.

E assim terminou mais uma época de corridas.





EQUITACÃO

≡≡≡ TRABALHO EM LIBERDADE ≡≡≡

pelo Brigadeiro D. Ruy da Cunha Menezes

250



É muito comum o trabalho dos cavalos em liberdade, mas também esse trabalho é muito comumente mal compreendido e mal executado.

As características com que ele mais vulgarmente se manifesta são a desordem, a chicotada, a berraria, o galope desordenado que produz a derrapagem, o desequilíbrio de encontro à teia, e outras coisas mais, de longa lista. E raras vezes com uma razão de ser definida e uma finalidade marcada.

Ora o trabalho em liberdade tem a sua utilidade, a sua oportunidade e a sua técnica, sendo no entanto de notar, como princípio, que ele não substitui, senão muito parcialmente, o trabalho montado, porque nem provoca no cavalo os mesmos esforços nem o obriga a reacções semelhantes pois também as sensações que o cavaleiro lhe transmite são totalmente diferentes.

E assim, pode-se tomar como regra que o trabalho em liberdade tem a sua principal, senão única aplicação quando por qualquer motivo se não pode utilizar o trabalho montado, excepção feita para a preparação inicial do trabalho de obstáculos, na qual então é sempre aconselhável.

Mas para que dêe se possam tirar alguns resultados benéficos, mais do que cansar o cavalo, o instrutor e os ajudantes, e amassar o piso da pista, torna-se necessário sujeitá-lo a regras e a princípios raciocinados, que saiam do cérebro de quem o dirige para a ponta do pingalim de quem o executa.

O trabalho em liberdade produz um exercício muscular e articular apreciável, sobretudo nas aplicações de esforço no sentido longitudinal, regulariza a respiração e actua benêficamente sobre o sistema nervoso e sobre o moral do cavalo, dando-lhe calma, confiança, iniciativa e familiaridade com o homem.

Normalmente, nos meios desportivos militares, o instrutor é o próprio cavaleiro e o ajudante o próprio tratador, — e assim convém que seja, com vantagem para todos, incluindo o cavalo. Há, no entanto, toda a conveniência em que os impedidos de picadeiro sejam também industriados no papel de ajudantes, pois nem sempre, embora raras vezes, o trabalho se consegue fazer apenas com duas pessoas, sobretudo se o picadeiro é muito grande. O ideal, porém, é che-

Revista da Cavalaria

gar-se ao ponto de o cavalo trabalhar apenas com um instrutor (1).

Para isso é necessário que o instrutor se conserve calmo, seja enérgico, esteja muito atento a todos os movimentos do cavalo e saiba manejar o pingalim com certeza e rapidez, — e também que o cavalo tenha aprendido o que dele se quer e se tenha habituado a atender à voz. A obediência é condição imprescindível, mas o medo é absolutamente indesejável.

Não é difícil obter ajudantes com aptidões que correspondam ao que se requiere do instrutor, sobretudo se o trabalho em liberdade visar apenas um objectivo de hygiene reduzido a um pouco de movimento, mais ou menos disciplinado. Nos trabalhos de *acalmar* (antes do trabalho montado), de preparação em obstáculos ou de conservação do ensino, são certamente precisas qualidades mais afinadas, mas ainda muito possíveis de alcançar, por homens medianamente geitosos.

Note-se, porém, que a latitude do trabalho em liberdade é muito grande, pois podemos considerá-lo até ao ensino do cavalo de circo, que dança ao compasso da orquestra e resolve problemas de matemática, porque os métodos e processos de trabalho são praticamente os mesmos que se utilizam no trabalho infinitamente mais simples do cavalo comum de serviço ou de desporto. O assunto é aqui apenas encarado no que respeita a estes últimos, porque é quanto interessa no meio militar.

De início, deve-se conduzir o cavalo à mão até que entre francamente na pista, largando-o sem que ele perceba e continuando a marchar ao seu lado; depois o instrutor vai ficando para trás e afastando-se para o centro do picadeiro, conservando no entanto o cavalo sob a ameaça do pingalim. Se o cavalo se excita e entra em desordem, é preferível

(1) — «Japão» pertencia ao Ex.^{mo} Brigadeiro Valadas, então tenente, instrutor da E. E. À voz do seu proprietário e ao estalo do chicote, saltava ininterruptamente, num e noutro sentido, um obstáculo de frente muito reduzida colocado no centro do picadeiro.

Revista da Cavalaria

apanhá-lo e recomeçar. Em último caso valer-se da guia para manter a obediência até que se possa conceder a liberdade desejada.

Uma vez o cavalo empistado, os lugares do instrutor e do ajudante passam a ser, normalmente, os focos de eclipse que a pista descreve, e as suas deslocações não necessitam fazer-se senão ao longo do eixo maior e só o bastante para que o pingalim de um, estendido no sentido da garupa do cavalo, leve êste até ao raio de acção do pingalim do outro. Isto é: o cavalo mantém-se sempre sob a ameaça de um dos pingalins.

O mais fácil é começar pelo trabalho a galope, porque é êste o andamento que o cavalo normalmente toma, mas deve-se quanto antes procurar acalmá-lo e logo que possível metê-lo no trote, por ser então êste andamento o que melhor se presta ao exercício da disciplina. O instrutor usará da voz para determinar os andamentos dando a esta uma entoação que indique a energia do movimento e repetindo-a na cadência do andamento desejado: paaasso-paaasso..., trote-trote-trote, ... galope-galope-galope, e acompanhando a indicação vocal com a ameaça do pingalim, ou actuando mesmo pelo toque ou pela chicotada, se a obediência se retarda.

Alguns mestres indicam que a ponta do pingalim deve dirigir-se ao flanco do cavalo e nunca à garupa ou às pernas.

Em todo o periodo de movimento é essencial uma grande atenção da parte dos instrutores, para garantir a cadência dos andamentos, a conservação da direcção e também a atenção do animal.

Êste tem, geralmente, tendência a despistar-se, a perder o élan e muitas vezes a dar largas à sua alegria. As manifestações de alegria devem, no entanto, ser respeitadas e até cultivadas pelo instrutor pois são um valioso factor de formação do moral do cavalo, e dão-lhe naturalmente uma sensação de prazer no trabalho.

Logo que se consiga uma certa regularidade no trabalho sôbre a pista, convém iniciar-se as duas mais rudimentares figuras do picadeiro, as que têm uma aplicação imediata e bastam para o pouco que se pretende com o trabalho em liberdade, considerado apenas como trabalho de imergência. São êles o *círculo* e as *passagens de mão*.

Revista da Cavalaria

Para que o cavalo circule basta que um dos instrutores, afastando-se do eixo maior de elipse lhe apresente pela frente a ameaça do pingalim quando êle vem a entrar no seu sector⁽¹⁾. Assim, o cavalo sai da pista para o centro do picadeiro. O instrutor, rodando o pingalim por cima da cabeça, mantém a ameaça, marchando com o cavalo até que êle, chegando outra vez à pista, completa o circo. O ajudante mantém o movimento de forma a conservar-lhe a regularidade. A acção do instrutor deve assinalar-se logo que o cavalo entre na pista mais longa, isto é: logo que passe o canto do picadeiro.

A passagem de mão inicia-se exactamente como o circular, mas logo que o cavalo larga a pista e atinge o eixo maior, os papéis dos instrutores invertem-se.

A preparação para obstáculos, que no princípio destas linhas foi apontada como uma utilidade flagrante de trabalho em liberdade, segue as mesmas regras que o trabalho comum, quanto à direcção do cavalo.

Há, no entanto, que notificar a essencial necessidade de uma progressão muito metódica e muito bem doseada, para que os efeitos sejam na realidade proveitosos, e não nefastos como muitas vezes succede.

Inicie-se o cavalo a passar sôbre uma vara no chão a passo, sossegadamente. Não se levante a vara sem que êle o faça com tôda a naturalidade e despreocupação.

Há sempre vantagem em combinar a altura do obstáculo com uma marcação em largura, sobretudo no princípio, e principalmente para cavalos que têm tendência a *parar-se* ou a *chupar-se*. Deve-se ter sempre em atenção que o salto demanda um esforço e que a preparação para êsse esforço só aos poucos se consegue. As exigências, ou exploração prematura das habilidades que o cavalo possa manifestar, trazem sempre um cansaço dos membros (articulações e tendões) que é absolutamente indesejável, — e condenável. Há um sem número de cavalos arruinados pelo trabalho mal conduzido.

(¹) Cada instrutor (ou ajudante) governa o cavalo na metade do picadeiro em que tem o seu lugar. Não deve invadir o sector do outro. Se o picadeiro é muito comprido dividir-se-á em maior número de sectores, cada um com o seu instrutor.

Revista da Cavalaria

Outro cuidado a observar é o que respeita à *dureza* do obstáculo. A vara fixa tem indiscutíveis vantagens na formação do moral do cavalo, mas para além de certas alturas, essas vantagens não compensam o perigo que constituem.

É hábito comum o de se *empurrar* com o chicote quando o cavalo só por si não adquire o impulso necessário. Neste caso, a acção do chicote deve começar de muito longe, e não de surpresa junto ao obstáculo, mas o objectivo em vista terá de ser o de criar no cavalo a vontade de saltar, de forma a que elle próprio regule o impulso como lhe convier.

Obtida a franqueza, a serenidade e a *consciência* das dimensões do obstáculo, ao que se chega geralmente pelo uso de um obstáculo fácil, em aparência e em dimensões, poderá então não só ir-se aumentando estas como também ir-se combinando vários obstáculos, multiplicando pouco a pouco as dificuldades, de forma a que elas não se adiantem ou vantagem às possibilidades que o cavalo, pelo exercício metódico, vai adquirindo.

Geralmente, logo que o cavalo aprendeu a saltar e o pode fazer montado, há vantagem em passar ao campo de obstáculos, *se o seu ensino o permite*, pois a falta de sujeição e de galope, — que são vulgares, — conduzem naturalmente ao simples aproveitamento da boa vontade do animal, ao hábito de fazer percursos, ao trabalho desordenado, ao *ver se pega*, fórmulas muito mais em uso do que, desportivamente, seria de desejar.

E uma vez que o cavalo salta no campo de obstáculos, o trabalho em liberdade passa a ser recurso à falta de melhor, sendo que no entanto nas muitas maneiras de o variar elle constitui sempre um exercício muito apreciável. Pode mesmo dizer-se que é o trabalho normal do cavalo de obstáculos, — em obstáculos, — durante o inverno.

É talvez esta, finalmente, a mais comum aplicação do trabalho em liberdade, e a mais útil. Daqui nasceu a idéia destas linhas, que nada têm de novidade, mas que podem servir para, recordando regras e princípios velhos, os não deixar cair em desuso, porque fazem falta a quem queira praticar uma modalidade da equitação, que é simples, que é fácil, mas que nem sempre é bem compreendida nem bem executada.

Jornaes revistas livros

Reabilitação da Cavalaria

pele Ten.-coronel Benary



Parecia que tinha soado a última hora da cavalaria. Sob o signo da guerra de material, com tôdas as suas armas mecanizadas, o cavalo parecia já não ter qualquer missão a cumprir no campo de batalha. A Inglaterra, poucos anos depois da Grande Guerra, reduziu a sua cavalaria a um mínimo, mantendo no seu exército europeu apenas alguns regimentos para as paradas militares. A França estava em vias de a transformar em unidades motorizadas (dragons portés). Os restantes Estados da Europa Central tinham seguido, pouco mais ou menos, o seu exemplo. Apenas os países da Europa Oriental, tal como a Polónia e, sobretudo, a União Soviética, continuaram a manter a cavalaria em tôda a sua extensão, integrada nas respectivas forças armadas.

A guerra actual parecia dar razão àquêlê procedimento, visto nela predominarem nitidamente as armas motorizadas. Só quando o seu ponto crucial se deslocou para as regiões orientais, cujos terrenos arenosos e pantanosos, constituíam um obstáculo sério à actividade dos veículos motorizados, o cavalo entrou novamente em acção. Os comunicados da frente leste e balcânica mencionam freqüentemente operações militares levadas a cabo por formações de cavalaria.

Não restam dúvidas que os ataques em massa à arma branca passaram de moda e seguramente não voltarão mais. A cavalaria é hoje utilizada como meio de transporte; a sua tarefa essencial consiste em levar

Revista da Cavalaria

armas e munições para as primeiras linhas de combate. *Cavalga para fazer fogo*, — eis a missão de que foi incumbida. Em seguida, persegue o inimigo em retirada, passando muitas vezes para a sua retaguarda e atacando-o pelos flancos. Finalmente, a cavalaria serve para formar novos pontos de apoio no cimo de montanhas escarpadas, onde os veículos não podem chegar. Muitas vezes faz parte das reservas móveis da infantaria. Silenciosamente, consegue avançar até às primeiras linhas, sem ser notada e avistada pelo inimigo, adaptando-se admiravelmente a todos os terrenos. A fim de se poder defender, no caso de ser surpreendida pelo adversário, a cavalaria está apetrechada de armas de defesa adequadas, tal como metralhadoras, carabinas, lança-granadas, baterias anti-tanques e anti-aéreas. Além disto, seguem-na, a pouca distância, as armas mais poderosas, que entram imediatamente em acção quando tal se torna necessário. Como vemos, a cavalaria está pronta para tôdas as eventualidades, não recuando diante de nenhum obstáculo.

A cavalaria deu as suas provas na campanha da Polónia, quando os exércitos alemães ultrapassaram o rio Narew; na campanha do Oeste, quando se deu a invasão da Holanda e da França, nos combates renhidos dos pântanos do Pripet e na luta contra os guerrilheiros na retaguarda da frente leste. Na luta contra os bandos comunistas na retaguarda da frente leste e nos Balcãs, foi admiravelmente secundada por formações de voluntários de cossacos. Os soviets empregaram em larga escala a sua cavalaria em ataques maciços. Como já dissemos, a missão da cavalaria na guerra actual é complexa e variada, exigindo-se muito dos seus chefes, que têm de ser homens corajosos, dotados de sangue-frio, que saibam actuar com calma mas rapidamente nos momentos mais críticos, dominando sempre a situação. Do alto da sua montada, o chefe dá as suas ordens com voz clara e firme, transmitindo a sua calma aos camaradas. Muitas vezes os homens têm de desmontar, procurar um abrigo no terreno acidentado ou numa floresta próxima, mas antes disso levam os seus cavalos para um sítio seguro, protegendo-os contra o fogo do adversário. Os homens da cavalaria não abandonam os seus fiéis camaradas; tratam-nos com carinho. Não consideram o cavalo como simples meio de transporte, mas como um camarada de armas, que não se abandona no perigo. Muito se exige de um cavalo militar: deve ser resistente e robusto, a fim de agüentar grandes marchas através dos terrenos acidentados, e contentar-se com uma ração escassa.

A juventude alemã nacional-socialista aprende a arte de cavalgar em cursos especiais de equitação. Daí saem os futuros oficiais de cavalaria para os exércitos alemães. O cavalo militar alemão, especialmente aquele que provém das coudelarias do Estado na Prússia Oriental e de Brunswick (Hannoveraner), goza desde alguns anos de fama mundial em vários concursos hípicas internacionais realizados depois da Grande Guerra.

O ruído dos motores e o ranger das lagartas ainda não abafaram o tilintar das ferraduras do cavalo. A cavalaria ainda tem direito à existência, enquanto se mantiver fiel à velha máxima: «Avante; para a frente é que é o caminho»!



A DIVISÃO COURAÇADA == NA DEFENSIVA ==

Ten. Cor. do E. M. José
Angosto do E. M. Central

A Divisão couraçada pode ver-se obrigada à defensiva

AINDA no caso de um Exército que, por razões estratégicas, deva manter uma atitude defensiva, o normal é que a Divisão couraçada actue sempre ofensivamente, constituindo uma reserva móvel colocada em 2.^a linha, com a missão de contra-atacar aquelas forças inimigas que tenham rompido a frente ou iniciado o seu envolvimento. Deve operar, pois, ofensivamente, já que é pela combinação do fogo com a potência e o movimento que esta Unidade consegue os melhores resultados.

Uma Divisão couraçada que tenha penetrado profundamente em território inimigo e se tenha distanciado das G. U. motorizadas e de Infantaria, pode ver-se obrigada à defesa de uma zona importante, cuja posse seja necessário assegurar ainda que por pouco tempo, ou seja, até ser substituída por aquelas G. U., voltando a ficar livre para outras acções ofensivas.

Também pode acontecer, como tem sucedido repetidas vezes na Rússia, que o inimigo se entreponha entre a Divisão couraçada e as G. U. que a seguem, e então aquela ver-se-á obrigada a defender-se pelos seus próprios meios dos ataques inimigos, que se dirigirão especialmente sobre os seus flancos e retaguarda.

Por último, e este é o caso que vamos considerar no presente artigo, pode acontecer que por falta de forças, à Divisão Couraçada seja atribuída a defesa de uma parte da frente.

A doutrina alemã prevê que a Divisão couraçada possa ser utilizada na defensiva

Os alemães admitem a possibilidade de uma actuação defensiva da Divisão couraçada; reconhecem, porém, como princípio essencial, que os carros se devem manter por detrás da frente, como reserva móvel, sempre pronta para o contra-ataque.

Revista da Cavalaria

A Infantaria da Divisão couraçada, dada a sua potência de fogos e extraordinária mobilidade, pode defender uma ampla frente. Os alemães consideram que um dos seus batalhões pode cobrir uma frente dupla do batalhão de Inf.^a normal, ou seja entre 1.600 a 4.000 metros e ainda mais. (1)

Esta Inf.^a deve conservar reservas móveis em condições de realizar rápidos contra-ataques nos pontos decisivos. Deve ser aproveitada a mobilidade desta Inf.^a motorizada, e muito especialmente das armas pesadas montadas sobre veículos blindados, sempre que o terreno a isso se preste, para constituir um fogo móvel que desorienta o inimigo sobre a importância das forças que se lhe opõem. A frente será reforçada com armas pesadas, especialmente anti-carro, e com Artilharia e Engenharia.

Os veículos das Unidades empenhadas na defesa, deverão colocar-se à retaguarda e suficientemente afastados a fim de ficarem fora do alcance da Artilharia ligeira inimiga.

A doutrina inglesa admite também a possibilidade de empregar a Divisão couraçada na defensiva

Também os ingleses admitem a possibilidade de uma Divisão couraçada se ver obrigada a detender uma parte da frente.

Nos princípios de 1942 preconizavam eles, para alguns dos Regimentos couraçados do deserto africano, as seguintes normas para a defesa de uma posição:

— Devemos manter alguns carros à retaguarda da linha e prontos para o contra-ataque.

— Devemos considerar a peça de 87,6^{mm} como a arma principal contra o ataque de elementos couraçados inimigos.

— Devemos conservar nos flancos peças de 87,6^{mm} exclusivamente com a missão anti-carro. As referidas peças devem, por sua vez, ser protegidas nos flancos e retaguarda por peças anti-carro.

— As peças de artilharia de 87,6^{mm} empregadas contra os carros não devem abrir fogo a distâncias superiores a 1.200^m, sendo a mais conveniente a de 800^m.

Casos concretos da Divisão couraçada na defensiva

Vamos examinar alguns casos registados durante a presente guerra, de uma Divisão couraçada na defensiva. No primeiro e terceiro casos, veremos o emprego dos carros como reserva móvel à retaguarda da frente, o que constitui uma forma correcta de resolver o problema. No segundo veremos que, por falta de forças, os carros se vêem obrigados a defender

(1) O batalhão de Inf.^a da Divisão couraçada alemã em 1941 compunha-se de 54 espingardas metralhadoras, 14 metralhadoras, 9 morteiros ligeiros e 6 pesados, 2 peças de 75^{mm} e 3 peças de 50^{mm}, e um pelotão de Engenharia. Actualmente, julga-se que disponha de maior número de peças anti-carro.

Revista da Cavalaria

uma parte da frente, e poderemos apreciar todos os inconvenientes que resultam deste emprêgo impróprio de um material destinado essencialmente a acções ofensivas. Pode dizer-se, ainda que apareçam excepções que apenas confirmam a regra, que os carros não podem por si próprios defender uma posição nem assegurar a sua própria defesa nocturna.

— *Primeiro caso: a Infantaria cobre a frente e os carros mantêm-se à retaguarda como reserva móvel* — Em Maio de 1942 as posições inglesas da Líbia encontravam-se a mais de 50 kms. das posições do *Eixo*. Os ingleses mantinham o contacto por meio de um escalão de exploração constituído por veículos blindados e baterias ligeiras de 87,6^{mm}.

A frente do *Eixo* era coberta por forças italianas: quatro Divisões de Infantaria (sendo uma couraçada e outra motorizada) e parte de uma Divisão motorizada alemã. Em segunda linha encontravam-se duas Divisões couraçadas alemãs constituindo a reserva e massa de manobra.

A frente inglesa estava coberta por Divisões de Infantaria, reforçadas com um Batalhão de Carros de Infantaria (Mathilde e Valentine) cada uma. A massa de manobra, colocada à retaguarda, era constituída por duas Divisões couraçadas.

Pode-se, pois, apreciar o conceito justo do emprêgo das Divisões couraçadas alemãs e inglesas. A necessidade de cobrir a frente com as forças disponíveis obriga o *Eixo*, no entanto, a manter em primeira linha uma Divisão couraçada e uma Divisão motorizada italianas e parte de uma Divisão couraçada alemã.

A Divisão couraçada italiana «Ariete» cobria 10 kms. de frente com o seu Regimento de bersaglieri, com dois dos seus Batalhões em primeira linha, reforçados, cada um com uma Companhia do Batalhão anti-carro; a terceira Companhia deste Batalhão estava colocada em segundo escalão. A frente corria sobre uma linha de alturas e cada Batalhão havia organizado, com as suas três Companhias, três pontos de apoio, composto cada um de seis a sete bases de fogos.

As bases de fogos estavam distanciadas entre si de 200 a 300 metros e eram constituídas, normalmente, por uma peça anti-carro de 47,32^{mm} ou uma espingarda anti-carro de 20^{mm}, uma metralhadora e uma metralhadora ligeira, ou duas destas últimas. Algumas tinham duas peças anti-carro, e neste caso uma era colocada na parte avançada da base de fogos e outra na parte mais recuada.

Tôdas as armas deveriam actuar nos 360°, pois, não sendo a frente contínua, o ataque poderia ser feito de qualquer direcção.

Em apoio directo de cada Batalhão de bersaglieri havia um Grupo de Artilharia de 75,27.

Os três Batalhões de carros de combate estavam colocados a uns 5 kms. da zona ocupada pela Infantaria, cada um deles orientado em relação a uma das passagens existentes através da linha de alturas, a fim de poderem, em caso de ataque do inimigo, passar ao contra-ataque com um Batalhão e sucessivamente com os outros dois. Os Batalhões mantinham as Companhias em cunha com os carros distanciados entre si de 150 a 200 metros, cobrindo cada Batalhão uma frente de 1.500 metros.

Revista da Cavalaria

Os Grupos couraçados de Artilharia (carros com canhão de 75,18 em casamata) estavam colocados entre os bersaglieri e os Batalhões de carros.

Nesta situação só se exigia ao Regimento de bersaglieri, dada a grande frente que ocupava, ainda que dispendo de muitas armas anti-carro, (cêrca de 60) que mantivesse a posição durante algumas horas, o suficiente para dar tempo à intervenção da verdadeira massa de manobra constituída pelos carros de combate.

O escalão de exploração inglês mantinha a sua observação sobre uma linha de alturas situada a 2 a 6 kms. da Divisão considerada. Os ingleses faziam normalmente a observação com carros blindados de exploração donde era destacado um homem para pequenas elevações de terreno que permitissem maior observação a distância, o que também podiam conseguir por meio de escadas de que normalmente iam providos aquêles veículos.

Para impedir esta observação que facilitava a referenciação das baterias do *Eixo*, organizou-se na frente da linha ocupada pela Divisão «Ariete», uma espécie de escalão de segurança, composto por 2 veículos blindados de exploração, 1 Pelotão de carros e 1 Pelotão de Artilharia couraçada, o que obrigava os elementos ingleses a manterem-se a maior distância. Este escalão servia também para facilitar o tiro às Baterias da Divisão.

— *Segundo caso : a Infantaria e os carros cobrem a frente* — As forças do *Eixo* iniciam o avanço no dia 26 de Maio de 1942. As Divisões de Infantaria marcham frontalmente contra a linha inglesa. As Divisões couraçadas e motorizadas deslocam-se durante o dia de O. para E.; porém, ao anoitecer, mudam de rumo a fim de envolverem a linha inglesa. (Ver croquis abaixo).

A Divisão «Ariete» choca ao S. Bir Hacheim com uma brigada indiana organizada defensivamente; consegue, porém, romper a frente ocupada pela mesma e continuar o seu movimento. Assim, no dia 27 de Maio as forças couraçadas e motorizadas do *Eixo* conseguem o envolvimento da frente inglesa numa manobra de grande audácia, visto que ficam colocadas entre as 3 Divisões de Infantaria inglesa que cobriam aquela frente e a massa couraçada inglesa e a Divisão de Infantaria sul-africana, situadas na região de Tobruk, além de outras forças que os ingleses, caso fôsse necessário, poderiam fazer acudir à luta. O exame desta situação fêz dizer a um general inglês, ao comentar esta batalha, que as forças motorizadas do *Eixo* se haviam ido meter na bôca do leão, visto nesta zona se encontrar o total das forças couraçadas inglesas.

O referido movimento e envolvimento faz com que as forças motorizadas do *Eixo* fiquem sem linhas de comunicações, por não poderem seguir o itinerário percorrido no avanço, pois sobre êle e até sobre a Via Balbia (a estrada do litoral) levam os ingleses a cabo numerosos golpes de mão a cargo dos *Comandos* e de patrulhas motorizadas para operações no deserto a grandes distâncias (Long Range Desert Group).

Revista da Cavalaria

Esta situação torna-se delicada para uma Divisão couraçada, caso se apresente com frequência e se prolongue por muito tempo. A Divisão «Ariete» tinha partido apenas com o necessário para viver e combater durante cinco dias.

O então Coronel-General Rommel decide actuar com a massa reunida das suas forças contra as fracções inimigas. Em primeiro lugar actuará contra a Brigada de Infantaria inglesa, colocada no centro da linha, em Got el Ualeb, com todas as forças alemãs e a Divisão motorizada «Trieste», em combinação com o ataque frontal das Divisões de Infantaria italianas e com o emprêgo a fundo da Artilharia e da Aviação. Uma vez vencida a resistência da citada Brigada, ficará resolvido o problema das comunicações, já que a frente inglesa ficará cortada na sua parte central.

A Divisão couraçada «Ariete» recebe ordem de se colocar em Tsigli (pista) Capuzzo, a fim de impedir que a massa couraçada inglesa, procedente de E., consiga abrir caminho até aos defensores de Got el Ualeb. Os ingleses, animados pela situação desfavorável da dita Divisão, atacam constantemente com numerosos carros de combate, apoiados por uma notável massa de Artilharia; porém, todos os seus ataques são desfeitos.

A Divisão «Ariete» deve combater, primeiro, isoladamente contra as forças couraçadas inglesas, e desde o dia 7 de Junho, enquadrada entre as Divisões couraçadas alemãs. A 2 de Junho tinha acabado a resistência das forças inglesas situadas na bolsa de Got el Ualeb e a 90.^a Divisão motorizada alemã e a Divisão motorizada «Trieste» tinham marchado sobre Bir Hacheim, posição defendida por uma Divisão francesa.

Uma vez examinada a situação na sua generalidade, passemos a considerar a actuação defensiva da Divisão couraçada «Ariete». Dada a impossibilidade de relatar num só artigo os numerosos combates desenrolados, o que além de tudo mais resultaria pesado, limitar-nos-emos a pôr em relêvo os traços gerais que os caracterizaram.

Na primeira parte desta luta todos os Batalhões de carros cobrem uma parte da frente ao S. da ocupada pelos Batalhões de bersaglieri. Estes últimos Batalhões organizam centros de resistência com grupos de 75,27 em apoio directo. As baterias couraçadas actuam com os carros.

A 7 de Junho, um dos Batalhões de bersaglieri, reforçado com uma Companhia de armas anti-carro, deve passar a assegurar a defesa da zona de Bir el Harmat (uns 8 kms. a S. da zona ocupada pelo resto da Divisão) e para isso organiza um centro de resistência circular com o centro em Bir e com o raio de 1,5 kms.; as Companhias organizam quatro centros de fogos avançados e dois recuados. Em apoio directo do Batalhão, um Grupo de 75,27. A ligação com o resto das forças da Divisão fica a cargo dos veículos blindados de exploração.

As Unidades de carros de combate devem nesta situação ter poucos carros à frente, escalonando os restantes em profundidade, pois assim se reduzirão as baixas e se poderá manobrar.

Esta situação anormal, em que os carros cobrem uma parte da frente, traz consigo o inconveniente de os expor durante todo o dia ao fogo da Artilharia inimiga e embora a blindagem lhes dê uma determinada protecção contra os estilhaços de projecteis perfurantes, o estarem constan-

Revista da Cavalaria

temente submetidos ao referido fogo, faz com que muitos sejam inutilizados; assim aconteceu com os carros «General Lee» com canhão de 75^{mm}, que faziam fogo a uns 3 kms. de distância, utilizando para a observação os carros «Bren». Esta situação obriga o pessoal a não sair dos carros, e quando devido ao cansaço é obrigado a sair, tal facto produz baixas muito sensíveis. Desta situação resulta, pois, um grande desgaste em material e pessoal, pessoal que tem de se manter vigilante durante a noite depois de ter passado, muitas vezes, todo o dia a combater.

Resulta ainda difícil a evacuação de feridos dos carros imobilizados, pois dispende-se apenas de ambulâncias vulgares ou de camiões, é preciso esperar pela noite para o seu transporte, resultando daí a morte para a maioria dos feridos de gravidade.

Daqui se conclui que se não devem empregar os carros na defesa de uma parte da frente, a não ser em casos de absoluta necessidade. Neste caso, deve contar-se com um forte apoio de Artilharia, a fim de poder contrabater a do inimigo.

Vejamos agora a traços largos como se desenrolavam os combates entre as Unidades de carros inglesas e os carros da Divisão «Ariete»

O ataque era precedido de uma forte preparação de artilharia, acompanhada por vezes por nuvens artificiais sobre toda a frente da Divisão «Ariete», a fim de dificultar os fogos da defesa sobre os carros atacantes. Esta preparação tinha uma duração variável, oscilando em geral de 15 a 60 minutos.

Esta preparação era feita tanto sobre a frente como em profundidade a fim de alcançar os P. C., reservas e serviços. Depois, os carros ingleses lançavam-se ao ataque e a Artilharia alongava o tiro. Uma parte deles dirigia-se contra o centro da linha dos carros da Divisão italiana, enquanto os restantes procuravam o envolvimento. Entre estes e no centro, iam os «General Lee» mais fortemente armados e com maior blindagem, e nos flancos os «Cruzeiros» que por serem mais ligeiros eram destinados ao envolvimento.

A defesa consistia, principalmente, em impedir toda a ameaça de flanco ou de envolvimento do inimigo, sendo a manobra idêntica à já exposta para o ataque: um batalhão de carros ou uma fracção maior ou menor fazia frente ao inimigo, enquanto uma outra manobrava para cair sobre o seu flanco. Tudo se traduzia em movimentos rápidos, com breves paragens para o disparo dos canhões dos carros, rápidos avanços e constantes ameaças de flanco. Os carros nunca chegavam ao choque, ficando geralmente a 1000 metros e aproximando-se alguns até aos 700 metros. Algumas vezes, se um dos Batalhões estava a coberto e numa posição favorável para fazer fogo de flanco sobre os carros atacantes, não se deslocava, abrindo fogo da posição em que se encontrava. Era conveniente manter sempre uma das Unidades de carros em reserva, para se poder manobrar com ela de longe, a fim de sustar as ameaças de envolvimento ou cair sobre o flanco inimigo.

A tendência de procurar o flanco ou retaguarda das forças inimigas é instintiva em toda a luta, porém, mais ainda nos carros, visto a blindagem destes ser menor nas partes laterais e posteriores.

Revista da Cavalaria

Os Grupos couraçados de artilharia da Divisão «Ariete» (carros com canhões de 75,18 em casamata) actuavam entre as Unidades de carros, intercalados geralmente entre os Batalhões, servindo como perno do movimento destes. Empregavam-se às vezes peças de 88,56 em missões anti-carro, perfeitamente mascaradas e perto da linha dos carros (cêrca de 500 metros), assim como Baterias de 75,27, também com a mesma missão, com ordem de só abrirem fogo a menos de 1.000 metros e com projecteis especiais desde os 500 metros. As restantes artilharias: Grupos de 75,27, 100,17, 88,56 e 90,53, colocadas a 2 ou 3 kms. da frente, intervinham na acção, recebendo os dados de tiro dos carros-observatórios dos Grupos couraçados.

A artilharia das forças atacantes, uma vez estabelecido o contacto balístico entre as massas de carros, alargava o tiro para desorganizar as reservas e os serviços.

As batalhas de carros citadas tiveram a duração de 15 a 30 minutos, ainda que algumas tenham durado mais. Os carros atacantes chegaram por vezes até 1 km do P. C. da Divisão; a retirada era provocada, à parte as baixas, pela manobra das Unidades adversárias sôbre o flanco ou retaguarda, efectuando-se geralmente sob a protecção de cortinas de fumo, criadas pelos próprios carros.

Procedia-se ao municionamento dos carros, quando os do inimigo retiravam, ainda que debaixo do fogo da artilharia.

A situação anormal dos carros da Divisão «Ariete», responsáveis pela defesa de uma parte da frente, provocou-lhes a falta de poder manobrador, visto não poderem actuar num raio superior a 200 a 300 metros, e não num raio mais amplo como é o normal; além de não poderem distanciar-se da linha ocupada se se lançassem sôbre a retaguarda dos carros inimigos podiam cair sob o fogo das baterias e armas anti-carro inimigas sem o suficiente apoio da infantaria da Divisão e dos fogos da sua artilharia. Pelo contrário, se os carros estivessem à retaguarda da Infantaria, poderiam manobrar melhor, contra-atacando o inimigo nos flancos.

Nos principais ataques desenvolvidos pelas Unidades couraçadas inglesas, tinha-se a sensação de que os carros tinham um momento de vacilação quando se encontravam sob o violento fogo das peças anti-carro, e êsse momento, em que paravam ou reduziam a velocidade, era-lhes fatal, visto a artilharia o aproveitar para os atacar em tiro directo. Não há dúvida de que o ataque de carros falha, sempre que não fôr precedido por uma neutralização da artilharia e das peças anti-carro inimigas, ainda que, em alguns casos, o impulso e decisão daqueles, possa por si só resolver a situação.

Uma vez mais fica demonstrada a necessidade de dispor de muita artilharia, especialmente do tipo couraçado.

Durante êste período em que a Divisão «Ariete» teve de manter uma atitude defensiva, a Artilharia inglesa, que dispunha de abundantes munições, actuou contínua e violentamente sôbre tóda a zona ocupada pela Divisão e muito especialmente sôbre o Pôsto de Comando, onde no dia 1 de Junho caíram mais de 500 granadas. Isto era, sem dúvida, devido à facilidade com que era referenciado por grande número de estações radiote-

Revista da Cavalaria

legráficas em funcionamento nas suas proximidades; pelo grande movimento de carros e motos, inevitável apesar de tódas as ordens nesse sentido, e ainda devido ao facto de não ser possível disfarçá-lo convenientemente, não só por falta de materiais próprios como ainda por a Divisão estar em constante movimento. Durante as concentrações da Artilharia inimiga, o Comando e o Estado Maior colocavam-se à retaguarda ou debaixo dos carros, que com a sua couraça davam uma protecção suficiente contra os estilhaços de granada, mas não contra os projecteis perfurantes.

.....

Procurámos pôr em relêvo todos os inconvenientes que derivam da situação defensiva em que os carros têm que cobrir uma parte da frente; porém, é preciso reconhecer que, devido a tal situação as baixas tenham sido grandes; os carros cumpriram a missão que lhes foi determinada, mantendo a parte da frente correspondente, rechaçando todos os ataques dos carros inimigos.

— *Terceiro caso: a Infantaria cobre a frente e os carros mantêm-se à sua retaguarda como reserva móvel* — As forças do Eixo, depois da reconquista de Tobruk, continuam a perseguição das forças inglesas até à linha de El Alamein. As Unidades são as mesmas que combatem desde 26 de Maio e por isso encontram-se com os seus efectivos muito reduzidos, em resultado das baixas sofridas em combate e do desgaste que uma marcha tão contínua e rápida acarreta para as Unidades mecanizadas e motorizadas.

Por isso, quando os ingleses decidem fixar-se na referida linha e fazer vir do Médio-Oriente novas Unidades que lançam no contra-ataque, apoiadas por uma acção violenta e contínua de Aviação e Artilharia, facilitada pela proximidade das suas bases, as forças do Eixo vêem-se obrigadas a passar à defensiva.

Passam a cobrir a nova linha as Divisões de Inf.^a, a Divisão couraçada «Ariete», a motorizada «Trieste», e alguns Agrupamentos das Divisões couraçadas e motorizadas alemãs; porém, o núcleo principal das forças alemãs ficam em segunda linha, como massa de manobra.

A Divisão «Ariete», cujas forças ficaram reduzidas a um Batalhão e duas Companhias de bersaglieri, duas Companhias de carros, duas Batarias couraçadas e pouca Artilharia de campanha, é encarregada da defesa de uma frente de 5 kms., enquadrada entre uma Divisão italiana ao S. e um Agrupamento alemão ao N.; este último parece que se compunha apenas de um Batalhão de Inf.^a motorizada e de um grupo de Artilharia.

Para a defesa, organizou-se uma posição cerrada, rodeada de arame farpado e minas. Estas eram em pequeno número e pouco numerosas as forças disponíveis. É certo que a Divisão se encontrava enquadrada, mas na guerra de movimento, caracterizada pela actuação das Unidades mecanizadas e motorizadas, e ainda como agravante, no deserto, não se pode confiar demasiadamente na protecção das unidades laterais.

Revista da Cavalaria

Tratava-se, pois, em primeiro lugar, de cobrir com os bersaglieri a frente confiada à Divisão. A reserva e massa de manobra eram constituídas pelos carros e pelas Baterias couraçadas, divididas em dois núcleos para, espalhados pelo terreno se poderem furtar aos bombardeamentos da Artilharia e Aviação inimigas; um colocou-se ao N. a uns 3 kms. da linha, para no caso do agrupamento alemão ceder, poder manobrar contra o inimigo, caso este tentasse cair sobre o flanco esquerdo da Divisão; o outro colocou-se no centro e assim, no caso já exposto seguiria o primeiro, ou sobre a linha ocupada pela Divisão, caso a ameaça viesse do S., podendo neste caso ser secundado pelo outro núcleo.

Em síntese, o conceito da defesa é este: a Inf.^a da Divisão, cuja missão, segundo a doutrina italiana, é essencialmente defensiva, assegura a defesa da posição; a massa móvel (carros e Baterias couraçadas) colocada em segunda linha, manobra.

O ideal seria rodear de arame e minas as Companhias e as bases de fogos; porém, como de princípio se não dispõe de elementos suficientes, colocam-se as minas contra carros e contra pessoal, unicamente na frente.

Por ser difícil à Infantaria resistir aos ataques das Unidades, visto o terreno não ter sido organizado convenientemente por falta de materiais (minas, arame farpado, etc.) o Marechal Rommel dá ordem para empregar uma parte dos carros como fortins, enterrando-os por forma a só ficarem de fora as armas. Assim, estes fortins constituíram sólidos redutos da defesa. Esta foi organizada em profundidade da seguinte forma:

Minas; arame farpado; bases de fogos (a 50 a 150 metros); linha de resistência (a 300 metros); carros fortins (a 200 metros); Companhias de reserva (300 a 400 metros); Grupos de 75,27 (a 400 metros); massa de manobra (a 1.000 a 1.500 metros).

Os carros fortins devem ser protegidos nos flancos e na retaguarda por outras armas, sem o que poderão ser inutilizados.

As Companhias colocam-se a coberto e deverão estudar todos os possíveis itinerários de emprêgo.

A defesa deve ser elástica; as bases de fogos, rodeadas de arame e minas, deverão continuar a defender-se, ainda que se vejam envolvidas, o mesmo acontecendo às Baterias. Pode dar-se o caso — já verificado algumas vezes — de alguns elementos inimigos (carros, veículos blindados ou camionetas armadas) chegarem até ao P. C. da Divisão, enquanto quasi toda a frente resiste, e a Inf.^a inimiga não conseguiu ainda furar a frente; neste caso, as bases de fogos deverão resistir, esperando o restabelecimento da situação, o que ficará a cargo da reserva que não deverá empenhar-se prematuramente. É naturalmente necessário que o Comando da reserva esteja sempre ao corrente da situação.

O Marechal Rommel ordena que a Inf.^a se mantenha no seu posto ainda que seja ultrapassada pelos carros inimigos, visto ser preciso deter a Inf.^a adversa e as armas anti-carro se poderem voltar para a retaguarda e fazerem fogo sobre os carros. É preciso ter em conta que o carro não tem êxito caso não seja seguido pela Inf.^a. Nesta guerra já muitas vezes

Revista da Cavalaria

se deu o caso de a Inf.^a se render por ter sido ultrapassada pelos carros, sem que estes tenham sido seguidos pela sua Inf.^a.

Em geral, pode dizer-se que a Inf.^a na guerra do deserto nunca resistiu a um ataque de carros sem dispor à sua retaguarda de outros carros para opôr àquêles.

No deserto, a Inf.^a quando ocupava posições ligeiramente organizadas, resistia mal às preparações de Artilharia e assim era freqüente a rotura da frente por um ataque que se seguia às violentas e continuas acções da Artilharia e da Aviação; razão pela qual tinha que haver sempre tropas em segunda linha que pudessem passar ao contra-ataque.

A fim de reduzir os efeitos do fogo da Artilharia inglesa, foi determinado que, durante a preparação, as forças em primeira linha recuassem uns 300 metros, voltando a colocar-se novamente no seu pôsto uma vez terminada aquela.

Em contrapartida à doutrina italiana que dava à Inf.^a da Divisão couraçada apenas uma missão defensiva, os alemães manobravam com a mesma Inf.^a, mais aligeirada e dotada de abundantes peças contra-carro rebocadas por tractores todo terreno. A defesa alemã era tão elástica, que quando as forças que cobriam uma parte da frente acudiam a um ponto ameaçado, voltavam novamente ao seu pôsto, uma vez terminado o combate. Esta era uma das razões pelas quais uma Divisão enquadrada nunca podia contar em absoluto com a protecção dada pelas Unidades colocadas nos seus flancos.

Dado que na guerra especial das Unidades couraçadas e do deserto era possível o ataque por qualquer lado, foi determinado para tódas as Unidades e Comandos — mesmo para aquêles situados muito à retaguarda, como os de Exército — a organização da defesa circular, a distribuição de armas a todos os militares e o enterramento dos veiculos, na medida do possível, devendo os motores e rodas serem protegidos com sacos de terra. Havia que ter em conta possíveis infiltrações de camionetas ou pequenos núcleos de Inf.^a e evitar que mais uma vez qualquer Comando de Divisão caísse em poder do inimigo ou se visse em critica situação, por não ter organizado convenientemente a sua defesa.

Para a defesa do Comando da Divisão contava-se com dois carros, dois auto-blindados, uma metralhadora de 20 e outras armas ligeiras. É preferível que todos os Comandos das G. U., e principalmente das Unidades couraçadas, disponham de uma pequena Unidade táctica para a sua defesa. O Quartel General do Marechal Rommel dispunha de um Agrupamento constituído por duas Companhias de carros de combate e um Grupo de 88,56 e mais alguns elementos de Inf.^a; tinha assim a possibilidade de poder, independente das Divisões, instalar-se em qualquer ponto e defender-se por si dos possíveis ataques do inimigo.

Durante a primeira batalha de El Alamein (Julho de 1942) tiveram as forças alemãs uma importante actuação, visto que em número muito reduzido, se multiplicaram, acudindo a tódas as frentes que se encontravam em perigo.

Não foram muitas vezes grandes forças as que realizaram os contra-ataques, mas pequenos núcleos compostos por poucos carros, algumas

Revista da Cavalaria

peças anti-carro, uma Bateria ou mesmo uma Divisão de Artilharia e uma Companhia, ou menos ainda, de Inf.^a; isto era possível dada a grande mobilidade oferecida pelo terreno e o grande espírito de iniciativa manifestado sempre pelos alemães.

A Divisão constituiu, logo que chegaram os reforços necessários, uma reserva composta por um Batalhão de carros, uma Bateria couraçada, oito veículos blindados de exploração e uma Companhia de Inf.^a transportada em camiões. Esta reserva foi colocada numa posição central e orientada sobre os possíveis locais de emprêgo.

Com a chegada de novas Divisões de Inf.^a foram retiradas da frente e colocadas em segunda linha as Divisões couraçadas e motorizadas

Conclusão: — De tudo quanto anteriormente se disse, vimos a possibilidade de emprêgo da Divisão couraçada na defensiva, ainda que isso se não deva considerar como normal.

Neste período as Unidades inglesas sofreram uma grande derrota; as do *Eixo*, ainda que tivessem conseguido grandes êxitos, não atingiram os resultados alcançados na Polónia e em França. A impressão no final daquele período — a que se não deve dar mais valor do que a qualquer fase da guerra — é de que na luta eterna da ofensiva e da defensiva, o carro teve o seu momento na Polónia e na França com o seu emprêgo em massa e o apoio da Aviação; a partir, porém, deste momento, é superado pela defesa anti-carro.

As acções desenroladas no primeiro período desta campanha, demonstraram que uma tropa que organizou bem o terreno e dispõe de número suficiente de canhões anti-carro e de abundante artilharia disposta a fazer tiro directo, pode parar o ataque de uma massa de carros e dar tempo às suas Unidades análogas, colocadas à retaguarda, para intervirem e contra-atarem, caindo sobre os flancos ou retaguarda do inimigo.

Apesar do que fica exposto, deve considerar-se que os carros constituem, desde logo, um elemento rápido de manobra de que é preciso dispor.

As G. U. couraçadas serão cada dia mais difíceis de empregar e terão a sua principal aplicação — mais do que no ataque a posições — na manobra e no aproveitamento da sua mobilidade para obter a surpresa, e com ela, os resultados morais e materiais daí resultantes.

Ejército — Março, 1944.

L. R.

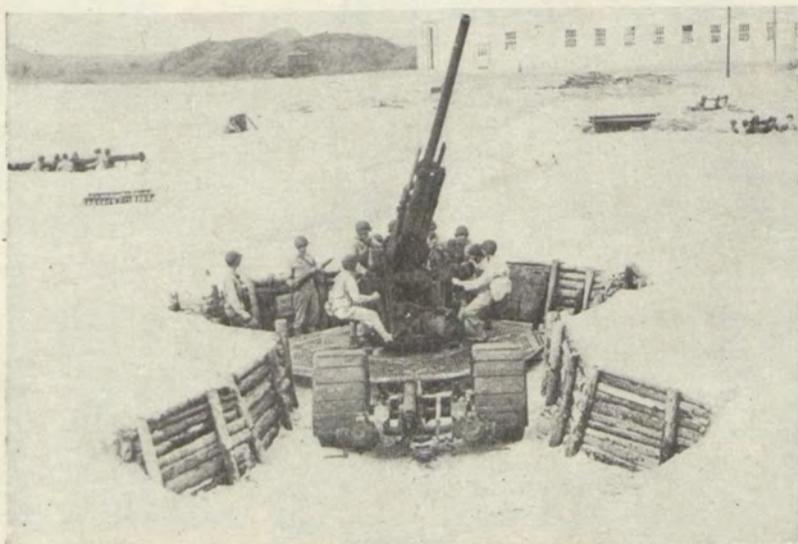


Actualidades Gráficas

Aspectos da D. C. A. do Exército Americano

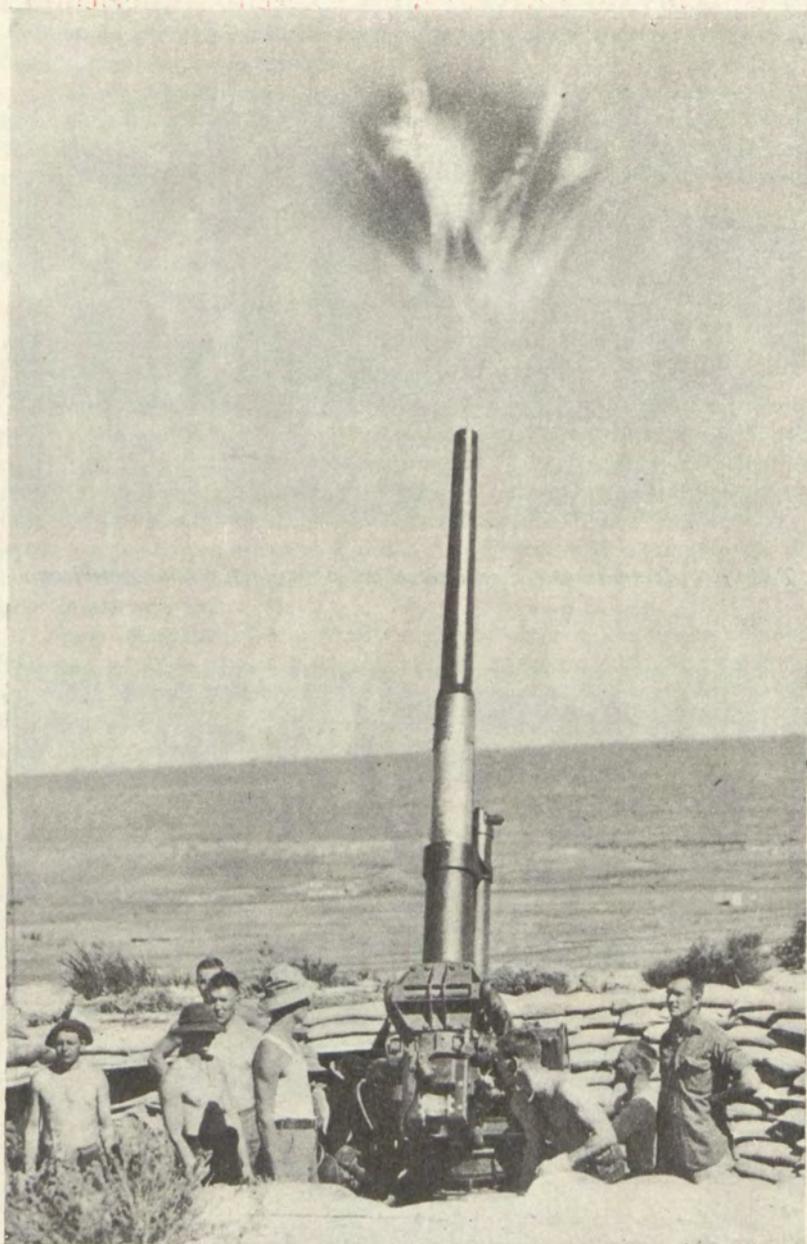


Telêmetro de uma bateria anti-aérea de 90^{mm} do Exército Americano



Canhão anti-aéreo de 90^{mm} do Exército Americano em posição

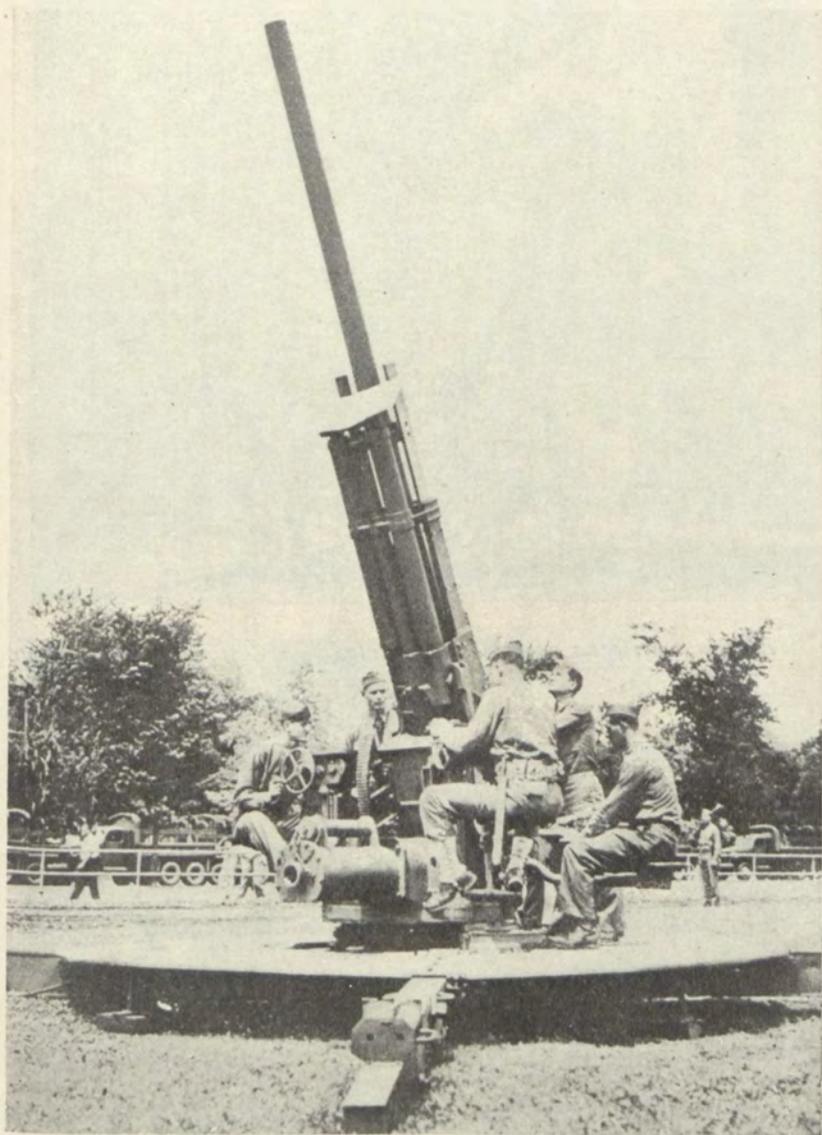
A D. C. A. do Exército Americano



*Um dos maiores canhões anti-aéreos actualmente em serviço
no Exército Americano*

com a sua fabricação e uso no A. D. C. A. do Exército Americano

A D. C. A. do Exército Americano



*O mais potente canhão anti-aéreo (90^{mm}) fabricado nos E. U. A.,
e actualmente em uso no Exército Americano*

Aspectos da D. C. A. do Exército Americano



Bateria americana de D. C. A. instalada na Costa do Pacifico em acção

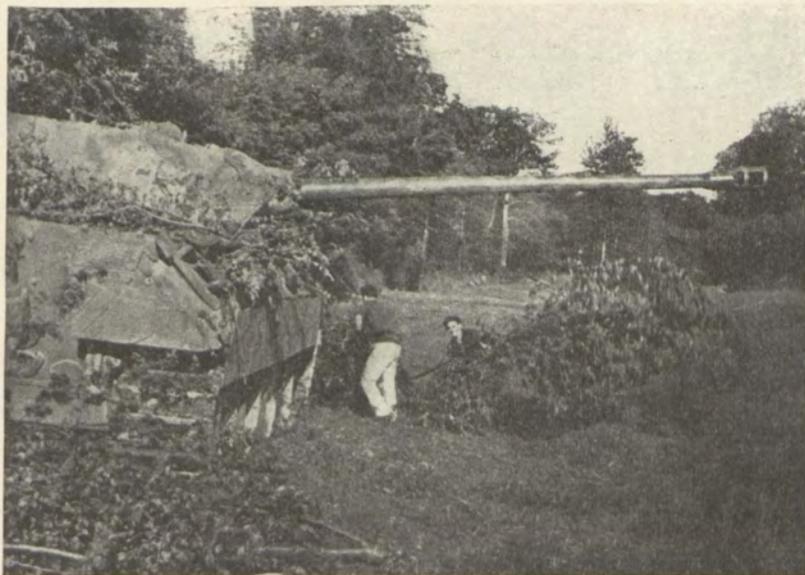


Nova metralhadora da D. C. A. americana, instalada nas ilhas de Salomão

Moderno material alemão



O novo carro de combate «a pantera»



O novo carro de combate «a pantera» camouflado

Moderno material alemão



Tôrre do novo carro de combate «a pantera»



Carro de combate camuflado

Waldschutz der Wehrmacht
A camouflagem no Exército Alemão



a) *Fotografia tirada do lado inimigo*



b) *Fotografia tirada do interior da posição*

Aspectos da frente Leste

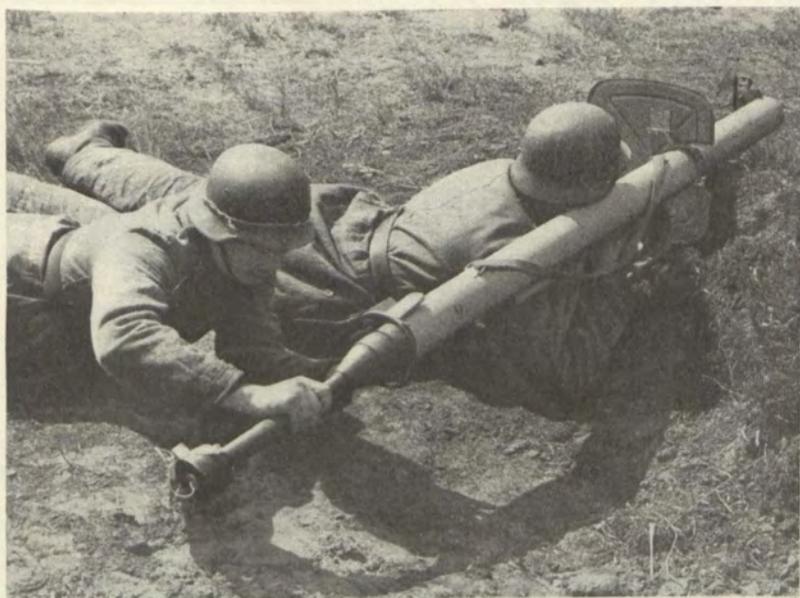


FRENTE LESTE—D. C. A.
*de um comboio de
reabastecimento*

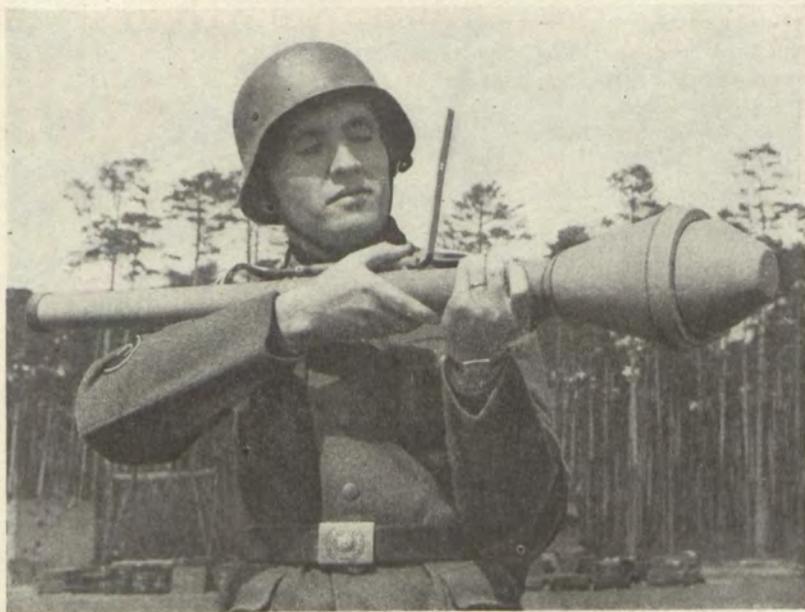


FRENTE LESTE—Carro
anfíbio alemão

Moderno material anti-carro

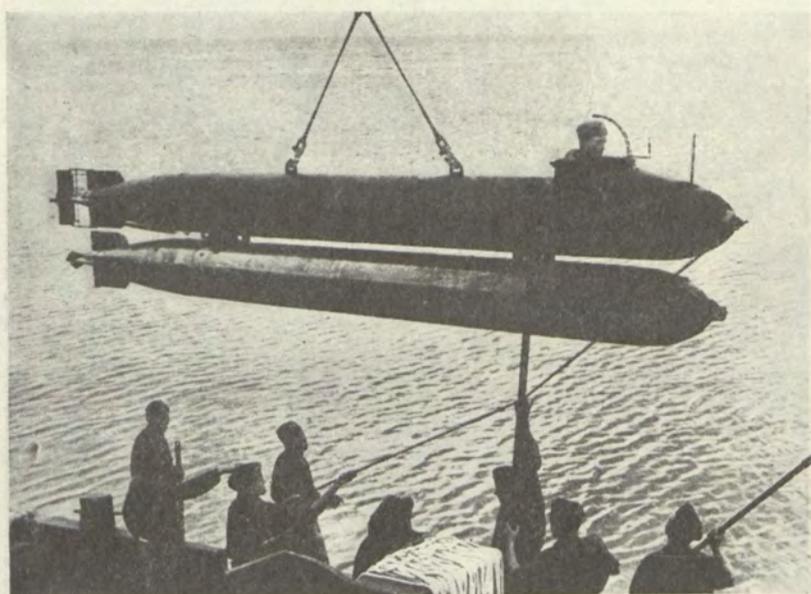


Nova arma anti-carro alemã, servida por dois granadeiros

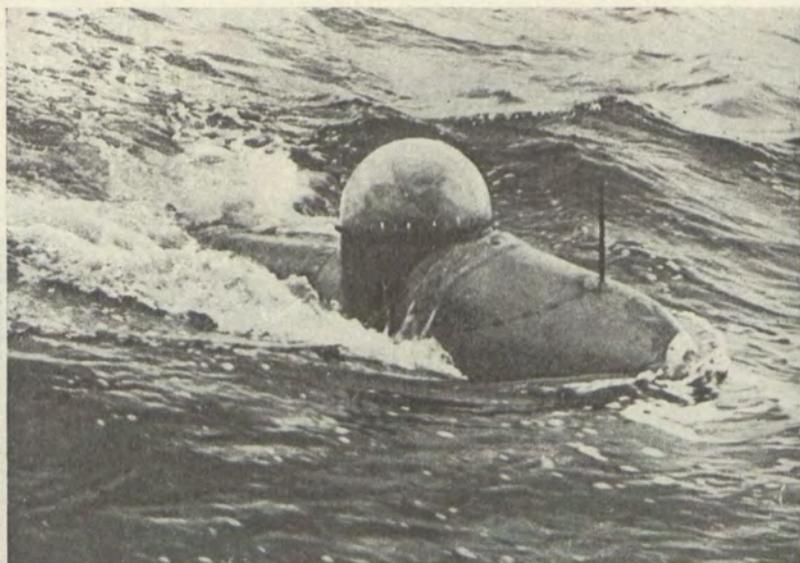


O «punho anti-carro», nova arma alemã

O novo torpedo alemão



De bordo de um navio de guerra alemão, é lançado à água o novo torpedo. Êste torpedo é tripulado por um homem



O novo torpedo sulcando o mar a grande velocidade, é dirigido contra os objectivos inimigos

CORRIDAS DE CAVALOS

NA ALEMANHA

pelo Ten. Coronel Benary



Na Alemanha o entusiasmo pelo desporto hípico não diminuiu durante a guerra. As corridas de cavalos continuam a ser o ponto de reunião do público elegante e dos amadores de cavalos. Lancemos um golpe de vista sobre a última «saison» hípica, a fim de fazermos uma idéia a seu respeito e avaliarmos quais serão as perspectivas para o próximo ano.

O título de «campeão de jockey» foi arduamente disputado, encontrando-se à frente de todos, J. Rosso, com 31 vitórias. Bateu o seu rival H. Zehmisch, o qual alcançou uma vitória menos. Seguem-se Max Schmidt com 26, Otto Schmidt com 25 e A. Lammatsch e W. Vasas, cada um com 24 vitórias.

Nas corridas de obstáculos, o jockey M. Unterholzer parece ser quem conquistará o título de campeão. Com 28 vitórias, tem um grande avanço sobre os seus colegas W. Wolff (20), B. Ahr (19), W. Wortmann (14) e K. Belz (13).

Entre os «troteurs» alemães, V. Seibert, de Munique é sem dúvida a figura de maior destaque, contando já 66 vitórias. Seguem-lhe a grande distância A. Morawez com 30 e Pinter com 28. Noutros hipódromos podem mencionar-se F. Föstem jr. com 27, o treinador Albert Schläfke e H. Schütz, cada um com 23 vitórias.

Nas grandes corridas de campo plano destacaram-se os cavalos da coudelaria *Schlenderhahn*, que ganharam 19 corridas de grande categoria, ou seja em dinheiro 346.000 marcos. Classificou-se em segundo lugar a coudelaria de *Christian Weber*, de Munique. Em corridas mais pequenas, os cavalos dessa coudelaria ganharam 41 vezes; todavia, como os prémios eram menores, só cobraram 259.000 marcos. A coudelaria de *Graditz*, a mais importante da Alemanha, ganhou até agora 212.000 marcos; a coudelaria de *Isarland*, 182.000 marcos, a de *P. Mühlens*, 176.000 marcos e a de *Weldfried* 132.000 marcos. Nas corridas de obstáculos destacaram-se duas coudelarias, as quais já haviam desempenhado um papel importante nas corridas de campo plano. São elas *Erlenhof* e *Mühlens*, tendo a primeira cobrado 91.000 marcos e a segunda cerca de 89.000 marcos. O 3.º lugar ocupou-o *Christian Weber* com 69.000 marcos, seguindo-se o *Conde de Solms* com 68.000 marcos e a *Escola de Cavalaria*, com cerca de 50.000 marcos.

Falta ainda falar dos cavalos reprodutores campeões. Nas corridas de campo plano encontra-se à frente de todos, «Oleander», cujos descendentes

Revista da Cavalaria

ganharam até agora 29 corridas com cerca de 300.000 marcos. Segue-lhe «Alquimista» com 291.000 marcos, «Herold» com 285.000 marcos «Aventin» com 247.000 marcos, «Anastasius» com 241.000 marcos e «Farro» com 215.000 marcos.

Nas corridas de obstáculos destacaram-se «Flamboyant» com 114.000 marcos, o «conde Isolani» com 104.000 marcos, «Sonho de Valsa» (Walzertraum) com 87.000 marcos, «Lamos» com 86.000 marcos e «Viaduct» com 81.000 marcos.

Nas corridas de campo plano, «Allgäu» ganhou o prémio nacional (antigo Derby). O prémio é da importância de 177.000 marcos. Seguem-se «Panzerturm» com 122.000 marcos, «Contesse Pilade» com 53.000 marcos,

Os melhores cavalos de obstáculos são «Ripaton» com 49.000 marcos. «Ortwin» com 43.000 marcos e «Feldberg» com 33.000 marcos.



ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel — Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Hotel de Itália (Monte Estoril) — Serviço esmerado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão-restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano, concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO

«STANDS» DE TIRO

SALA DE ARMAS

PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

Travessa da Condessa do Rio, 27,
Telefones P. B. X. 21227 e 21368

LISBOA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS, SIMPLES
E DE LUXO, REPRODUÇÕES EM FOTO-
GRAVURA, OFFSET E LITOGRAFIA

Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

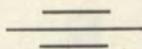
Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20^{mm}, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre êste, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto



REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

Monteiro Gomes, Limitada

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A

BANACÃO

O MELHOR DOS
ALIMENTOS

Produto português
para os portugueses



O BANACÃO
é preferido para a 1.^a refeição



porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.^a refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

OS PARECERES MÉDICOS

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

BANACÃO SEMPRE BANACÃO

Officinas Gerais de Material de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores
de caminhos de ferro, telegrafia
e telefonia por fios e sem fios,
:: pontoneiros, automobilistas ::

Mobilia e utensílios

Trabalhos em ferro e madeira para construção civil

Construção, reparação e pintura
de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação
de sobresselentes para automó-
veis e motocicletas

Fornecimentos análogos para o público



Tipografia da Liga dos Combatentes da G. Guerra



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM
TODOS OS GÉNEROS



Calçada dos Caetanos, 18
Telef. 2 1450

Joalheria, Ourivesaria e Relojoaria

“Casa das Bengalas”

Rua da Prata, 87, 89, 91 — LISBOA

No centro do quarteirão — Telef. 2 0256

Não confundir, esta casa é a que tem
2 taças expostas num grande candeeiro
reclame colocado no passeio, em
frente do estabelecimento

Taças de Prata para prémios
desportivos

Em exposição permanente mais de 1.200

ANTÓNIO CASANOVAS AUGUSTINE

CORRECTOR OFICIAL

Câmbios, Fundos Públicos
e Mercadorias

Rua da Conceição, 133

Telefones { Estado . 54
Rêde . . 2 2280

Bolsa de Mercadorias

P. do Comércio

Telefones { 2 8182
2 8615

L I S B O A



*...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...*

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barranto

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luis Manuel Tavares

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

BIBLIOTECA

N.º ~~500~~ *2204*

Em *28* / *9* / 19*44*

~~1078~~

Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

General Afonso de Sousa Botelho
Director da Arma de Cavalaria

COMISSÃO EXECUTIVA

Capitão Fernando Dias Pires Monteiro
Capitão Luís Alberto Filipe Rodrigues
Capitão António S. Ribeiro de Spínola

ADMINISTRADOR

Tenente Luís Manuel Tavares

SEDE PROVISÓRIA

QUARTEL DO CARMO — LISBOA — TELEF. 2 2122

Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 5\$00

F.C.



SUMÁRIO

INTELIGÊNCIA E CULTURA	<i>Brigadeiro Ruy de Menezes</i>	289
CAVALARIA E EQUITAÇÃO	<i>General Afonso Botelho</i>	292
A ARTILHARIA	<i>Major Bucceta Mattins</i>	296
A BRIGADA DE CAVALARIA	<i>Ten. Coronel Rogério Tavares</i>	319
HIPISMO :		
CONCURSO HÍPICO DE LISBOA	<i>Capitão José Beltrão</i>	329
JORNAIS — REVISTAS		
— LIVROS :		
A ENGENHARIA NA DIVISÃO COURAÇADA	<i>Ten. Coronel José Augusto</i>	339
ACTUALIDADES GRÁFICAS		345
DEFENSIVA COM MEIOS REDU- ZIDOS	<i>Ten. Coronel Gonzalo Fernán- dez de Córdoba y Parrella</i>	346



Revista da Cavalaria

5.º ano - n.º 4

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Julho

Inteligência e Cultura



A rapidez com que a vida corre, nos tempos de hoje, não comporta hesitações, nem permite indecisões por parte daqueles a quem, de alguma forma, cabe dirigir os outros. Um momento que se perde, avoluma-se e multiplica-se nos momentos que se seguem, e o atraso produzido torna-se difícil, senão impossível, de compensar.

E' nas actividades militares que esta condição mais flagrantemente se faz sentir, e dentro destas é na Cavalaria, — que agora tende aceleradamente para a Arma Rápida, — que ela se torna condição imprescindível de comando e de acção.

O General Trémeaux incluiu-a nas características do espírito da arma: «rapidez na decisão»; e nenhuma outra dessas características melhor define a qualidade de um cavaleiro chefe. E' esta rapidez de decisão, permanente, constante, presente em todos os actos de direcção e de mando, que produz a vibração, o trabalho nervoso, o movimento, a impetuosidade de uma tropa cujo valor

Revista da Cavalaria

reside essencialmente na faculdade de meter o espaço dentro do tempo.

Ora na base desta rapidez de decisão está imprescindivelmente a capacidade de *pensar depressa... e acertadamente*. O cérebro do oficial de Cavalaria, em todos os escalões, — e mais talvez nos escalões inferiores, — trabalha em cima do cavalo ou no alto da tórre do carro de combate, e do que produz não há que tirar a prova dos nove: tem que ser sempre certo e sempre seguro.

Não vá, porém, julgar-se que esta certeza e esta segurança proveem unicamente da simples condição de ser oficial de cavalaria. Não; é preciso criá-las, aperfeiçoá-las e garanti-las por um cuidado assíduo e permanente naquelas qualidades que as produzem.

Para *pensar depressa* há que dispor de uma *inteligência* clara, ligeira, ginasticada por um trabalho intelectual metódico que promova a vibração e a agilidade dos reflexos, e a possibilidade de responder prontamente à mais leve tensão de uma sensibilidade sempre pronta, sempre activa e sempre àlerta.

Êste trabalho intelectual tem de tornar-se preocupação constante, quer do individuo para si próprio, quer dos chefes para as colectividades que dirigem.

Para pensar *com acêrto* há que dispor de uma *cultura*, em parte base do próprio trabalho intelectual, na generalidade bagagem de conhecimentos necessários a uma adequada aplicação a cada caso, a cada problema, a cada impulso da intuição pessoal.

Esta cultura tem que ser o produto de um estudo regular provocado pela curiosidade, pelo desejo de saber, tornado fácil e atraente pela combinação doseada de conhecimentos gerais — mais ou menos influenciados pelas predilecções de cada um, — e de conhecimentos profissionais, dirigidos e controlados pela doutrina oficial.

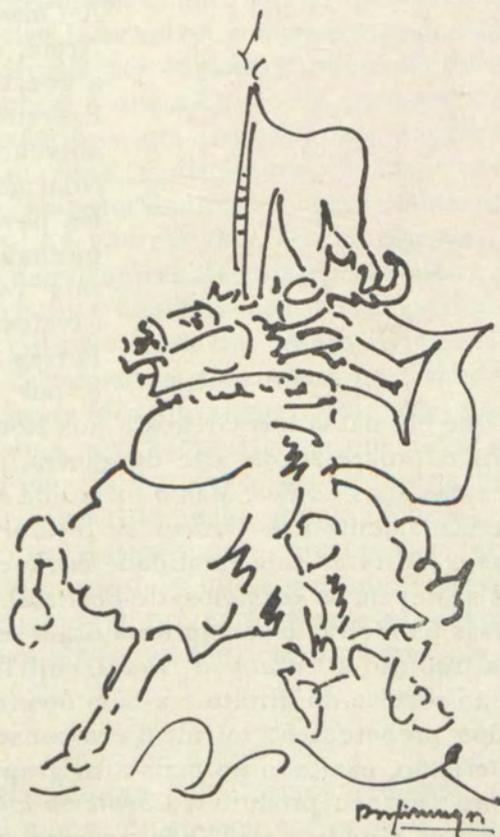
Inteligência e cultura são predicados imprescindíveis a todo aquêle que comanda, a todo aquêle que tem que responder pelas decisões que toma, desde o alferes ao Comandante em Chefe.

Nem sempre a inteligência é inata, mas sempre pode ser cultivada, aperfeiçoada e disciplinada, e desde cedo. A cultura é sempre adquirida e todo o tempo é pouco para a formação de um espírito vasto em conhecimentos, em deducções, em idéias assentes.

Revista da Cavalaria

Não é a ostentação da pasta cheia de papéis, nem o apontamento organizado a primor, nem a citação adequada que o soldado procura nos seus chefes; não é com pastas nem com apontamentos nem com citações que os esquadrões manobram; o que prestigia o comando e o que movimenta a tropa é a decisão segura, rápida e acertada, produto de uma inteligência viva e bem equilibrada e de uma cultura sólida e bem dirigida.

Brig. RUY DE MENEZES



CAVALARIA

E EQUITAÇÃO

pelo General AFONSO BOTELHO



A *Cavalaria*, como Arma, nasceu com a guerra e com os Exércitos, desenvolvendo-se particularmente naqueles povos que dispunham de naturais recursos em cavalos, como os Persas e os Medas; é por intermédio

dêstes povos que ela passa aos Gregos e aos Romanos, contribuindo para o progresso da arte da guerra, pela mobilidade e rapidez das acções. Mas o brilho da sua tradição nasce caracterizadamente nas *Ordens de cavalaria*, instituições religiosas e militares cuja finalidade era o combate aos infiéis; a elas se devem os «castelos» de Portugal, com que se ornaram as vossas bandeiras e as «quinas» eram seus escudos. Continua esta tradição a *Cavalaria feudal*, cujo lema era pôr a sua espada ao serviço do direito e a bem dos fracos contra a violência dos prepotentes; tal ideal era consequência do bom espírito cristão, exaltado no mais alto grau pelo sentimento da honra; foi seu produto a *Cavalaria andante*, cujos cavaleiros corriam mundo praticando proezas, como as de «Magriço» e os «doze de Inglaterra». Era o cavalo o meio natural, e o mais brilhante e prestigioso, para o Homem se deslocar e combater, e a êle geralmente tais instituições recor-

Revista da Cavalaria

riam, mas pelo seu preço era pertença apenas dos nobres que os montavam e os davam a seus escudeiros e pagens. Por isto e por certas características do combate de então, estes cavaleiros agregados constituíam, com o nobre seu chefe, a célula elementar dos exércitos, que tinha o nome de «lança» e de que por certo tendes ouvido falar. A frase «meter uma lança em África», expressão guerreira dos cavaleiros de antanho, é ainda uma tradição da Cavalaria, essa já dos tempos de Ceuta e de Arzila.

Através das guerras da Independência, em que brilhou a nossa infantaria, e das guerras da Restauração em que só lentamente se conseguiu assegurar o predomínio da nossa cavalaria, verifica-se quanto nos prejudicou a quebra da tradição cavaleira, lamentável conseqüência de uma nobreza que se deixou dividir por enganosa influência do estrangeiro. A verdade também é que a Cavalaria, para ser uma Arma, exigia já que não fôsse um «tropol», mas sim verdadeira «tropa a cavalo» em que a disciplina e a instrução permitissem manobrar e combater dentro das regras tácticas dos exércitos organizados. As guerras dos Trinta Anos e, sobretudo, as campanhas napoleónicas fizeram nascer uma cavalaria, nova em características tácticas, mas conservadora intransigente das velhas tradições. E assim, o desenvolvimento das armas de guerra no Século XIX e, sobretudo, na Grande Guerra, mas ainda mais nesta formidável guerra mundial a que assistimos, se criaram uma nova cavalaria, em que até o «cavalo aveia» dá lugar ao «cavalo motor», o certo é que se mantém as qualidades intrínsecas da velha Arma incluindo até seus inerentes defeitos. Assim é que o desprezo pelas ninharias da vida, o culto por tudo o que é elevado e generoso, o prazer de galhardamente lutar e nobremente vencer, são ainda o «espírito cavaleiro» que é indefectível *tradição da Cavalaria*.

*

A cavalaria pura exige, evidentemente, o *cavalo*, esse belo animal que se proclamou ser «a mais bela conquista do homem» é, «o criador de epopeias». Mas o cavalo requiere também o *cavaleiro*, termo que para ser um título a que todo o rapaz de coração recto e elevado deve aspirar, tem de se

Revista da Cavalaria

ganhar pelo amor e cuidado que se dedique a êsse nobre animal, pela destreza e inteligência com que se eduque e treine para a vida rural ou para os desportos, para a caça e para a guerra. Um «gaúcho» das Pampas ou um «Cow-boy» do Far-West, homens valentes e desembaraçados como poucos, não são verdadeiramente *cavaleiros* se não integrarem no seu coração, como seu ideal, aquelas qualidades que são apanágio do nobre «espírito cavaleiro».

É, porém, certo, que tem de se montar a cavalo, aprender a montar a cavalo, praticar a *equitação*. ¿Quem não aspira «a bem cavalgar tôda a sela» como antigamente se dizia, «a ser um bom calção» como é expressão popular das nossas lezírias e charnecas? Todos e particularmente os rapazes! Coisa que me encanta sempre é observar a pequena vaidade, espécie de inofensivo orgulho, com que os rapazes da M. P. fazem tilintar as suas esporas, como atributo cavaleiro do seu belo uniforme. O «culto da bota alta» só faz mal se a êle não corresponder o desejo de bem montar êsse encantador corcel que deve ser vosso ideal, êsse educador físico e moral por excelência. Êsse culto será ridículo se não corresponder ao vosso espírito desportivo e cavaleiro, mas será factor de legítimo brio se êle representar a *tradição da Cavalaria* de que vos falei.

Em verdade a *equitação* é desporto complexo e arte delicada.

Não estará ao alcance de todos, ainda que os modernos métodos permitam generalizá-la, pelo menos no seu aspecto elementar. E é êste o que, de momento, vos interessa. Assim, a *ginástica do cavaleiro* incluindo os exercícios de volteio e os exercícios de flexibilidade a cavalo e a *colocação em confiança e em sela* tendo em vista adaptar o instruendo física e moralmente o seu cavalo, serão os objectivos immediatos da vossa formação como cavaleiros. Virá depois a aprendizagem da *condução do cavalo* em todos os andamentos e em tôdas as condições e depois os conhecimentos técnicos necessários ao *emprego do cavalo* que vos permitirão tôda a eficiência nos múltiplos aspectos da utilização das vossas montadas. Isto constitui a *educação do cavaleiro* no seu aspecto complementar, que vos apaixonará na prática da equitação.

Revista da Cavalaria

Desta complexidade poderão V. V. meus caros rapazes deduzir quão difícil será a formação de soldados para as tropas montadas, em especial para a cavalaria onde a prática do cavalo exige mais vigor e audácia, mais vivacidade e mais saber. E, se transformar em cavaleiro um recruta, vindo do campo ou da cidade, por vezes inteiramente ignorante do cavalo, não é tarefa fácil, supõe-se o que será formar rapidamente, em apressados cursos milicianos, sargentos e oficiais, que os hão-de comandar e, por vezes até, instruir. Compreende-se assim como é necessário e indispensável fazer cavaleiros entre os rapazes da M. P. que são os futuros «quadros» da Nação, e, no caso presente, os quadros do Exército. É tal a importância do desporto eqüestre que, antes desta tremenda guerra, floriavam em França as sociedades hipicas rurais e mais ainda, na Alemanha, as Reitverein. E, semelhantemente, em muitos outros países.

Cultivem, pois, os *desportos eqüestres*, meus rapazes. Êles mantêm a flexibilidade das articulações e fortificam os músculos sem dureza, dilatam os pulmões, alargam a vista, desenvolvem o tato, avivam a inteligência; exigem paciência e persistência, estimulam a audácia e o espírito da luta. O bom cavaleiro é são de corpo e de espírito. A prática dos desportos eqüestres é o verdadeiro «Ludus pró Pátria».

E quando elegante e bravamente montardes o vosso valente corcel pensai na legenda da Cavalaria:

«Morra o homem e fique a fama».

(Extrato de uma palestra à Mocidade Portuguesa)





A ARTILHARIA

pelo Major BUCETA MARTINS

A pedido da direcção da nossa Revista publiquei no número de Janeiro um artigo intitulado *A Infantaria*, em que procurei — em notas curtas e o mais singelamente possível — reunir os conhecimentos mais importantes sôbre essa Arma que interessa divulgar no nosso meio cavaleiro.

Com idêntico propósito escrevo agora estas notas sôbre «A Artilharia».

O objectivo dêste estudo — é bom frizá-lo — não é estudar os novos meios e técnica de emprêgo da artilharia que a guerra actual nos põe em presença, nem de resto me parece maduro êsse fruto para ser comido com agrado e sem perigo

NOTA DO AUTOR: No meu artigo *A Infantaria*, publicado em Janeiro, verifiquei que, por defeito de revisão ou de composição, foi intercalada no capítulo «As características e propriedades táticas» a matéria de um outro capítulo intitulado «As tendências modernas da organização; organização da C. At., do B. I. e do R. I.», o que muito prejudicou a estrutura aparente e a facilidade de assimilação do artigo.

Embora tardia, faço a correcção indicando que o texto da linha 15 da pág. 9 à linha 17 da pág. 11 deve ser transposto para o fim do artigo.

Revista da Cavalaria

de envenenamento do são critério que devemos vir a formar sobre êsses problemas.

Não; pretendo apenas anotar aqui o que aos cavaleiros até agora convinha saber sobre a artilharia, tal como a temos conhecido e com os materiais usuais. E contentar-me-ei, no decorrer do artigo, em oferecer à meditação dos meus camaradas algumas observações em que procurarei focar, ao de leve, «as tendências modernas do material e emprêgo de artilharia»... Ao de leve, não vá eu nesse caminho escorregadio, estender-me.

*

Não deixarei, porém, de dizer desde já, ao começar o meu estudo, duas palavras sobre a profetizada «crise da artilharia».

...A artilharia, outra das velhas companheiras por quem sinto — a despeito da admiração que me possam merecer as novas Armas, dinâmicas e triunfantes — aquela terna amizade de velhos camaradas e colaboradores!

Cavalaria e artilharia foram armas que sempre se estimaram como gente amiga. O orgulho que os cavaleiros sentiam pela sua artilharia a cavalo, tão impregnada do espírito ousado e dinâmico da Cavalaria!... As belas cavalgadas e entradas em bateria, a galope, nas barbas do inimigo!... O tiro à queima-roupa, insólito, atrevido!...

Eu e os da minha geração já não pudemos deleitar-nos pessoalmente com essa bela cooperação «à moda da Cavalaria», mas ainda no-la contaram os das gerações anteriores e agradava-nos a leitura desses feitos.

Por minha parte, sempre que na minha acanhada esfera de acção me foi dado organizar um exerciciozinho em que pudesse meter uma divisão ou batariazita de acompanhamento, não perdia o ensejo, tal o gôsto da sensação de a levar comigo, à cavaleira, ali junto a mim, a pedir-lhe desenvolvimentos de... «meia bola e fôrça», a reclamar-lhes uns tiros rápidos, preparação expedita mas depressa, confiante

Revista da Cavalaria

de que não me falhariam... E sempre encontrei nos artilheiros que me acompanhavam, compreensão e entusiasmo!...

Mas veio a moda do «apoio directo»!... Estabilidade de material e manejo das trajectórias!...

Êstes métodos infiltraram-se na táctica artilheira da Cavalaria mas eu protestei sempre que tive de escrever ou falar sôbre o assunto. A razão e o sentimento diziam-me que sempre que se tratasse de operações impregnadas de um cunho acentuado de rapidez e instabilidade das situações, só um processo de apoio era aplicável: «a descentralização do comando, o acompanhamento imediato», e que era um perigo deixarmos adormecer sôbre processos esquemáticos que só a morosidade da preparação das operações e do seu desenvolvimento pode tornar aceitáveis.

Queria-se introduzir material pesado — peças de 10,5 — na artilharia da cavalaria e eu protestava e pedia obuses ligeiros! Queriam-se longos alcances e eu dizia que 9 a 11 quilómetros nos chegavam...

Afinal vem a nova guerra e com ela creio que tudo deve ter sido reposto nos seus lugares, quanto às idéias sôbre artilharia da cavalaria.

A descentralização foi até à descentralização orgânica na artilharia da Div., com a artilharia regimental; o obus é a arma de acompanhamento, e a necessidade da proximidade do material, cada vez mais imposta pelas realidades da guerra de movimento, gerou na «guerra relâmpago» a existência de uma artilharia blindada (a artilharia de assalto).

Alegrem-se, pois, corações de cavaleiros e corações de artilheiros da Cavalaria: com cavalos ou com motores, voltamos às entradas em bateria nas barbas do inimigo, às correrias para a posição, ao meter armão da última hora para nos rasparmos com o inimigo já nos calcanhares, a fazer-lhe a partida de desaparecer de repente! Voltamos nós, cavaleiros, à escolta para proteger a artilharia instalada em posições arriscadas, ao ponto de honra de a cobrir nas suas entradas em bateria e nas suas roturas, de a proteger na sua acção!...

Êste regresso aos velhos e aventureiros processos há-de fazer-nos regressar ao estreitamento íntimo da nossa ligação, tôda ela feita de recíproca admiração e da intenção firme de uma devotada cooperação.

Revista da Cavalaria

*

Pôsto isto, estudemos a artilharia sob um aspecto geral e não apenas sob um aspecto cavaleiro. Quanto a este aspecto particular já o tratei na Conferência «As Br. Cav. nas acções ofensivas», publicada com outras pelo Conselho Superior do Exército em 1936.

I — Características da artilharia

Na batalha moderna um dos factores fundamentais do successo é a *potência do fogo*.

A potência de fogo que a infantaria pode alcançar com os seus únicos recursos é insufficiente, na quasi totalidade dos casos, para reduzir do preciso a resistência do inimigo ou para reduzir o seu impulso ofensivo.

A *artilharia* deve, por isso, considerar-se como o complemento indispensável à acção da infantaria: é a Arma dos fogos *potentes e profundos*.

Os fogos da artilharia produzem efeitos *materiais* e *moraes* que podem ir da simples neutralização do fogo inimigo até à destruição do seu pessoal, armas e outros meios de acção.

Entre as características da artilharia citaremos como as mais importantes:

a) *Capacidade de destruição ou neutralização a distância*:

É esta a característica fundamental da Artilharia, que lhe dá a possibilidade de desenvolver acções de fogo em zonas profundas e amplos sectores, sucedendo-se rapidamente sobre locais em diversas direcções e distâncias, sem modificar a posição do material.

b) *O alcance*: que lhe permite actuar numa zona muito profunda, prolongando a acção da infantaria e dando profundidade à batalha, no que hoje é continuada ainda pela Aviação.

c) *A mobilidade dos seus planos de tiro*: que lhe dá a possibilidade de actuar rápida e sucessivamente em diferentes

Revista da Cavalaria

direcções e de realizar concentrações importantes com efeitos de *massa*, sôbre variados e sucessivos objectivos.

d) *A possibilidade de actuar fora das vistas e, porventura, até dos fogos terrestres do adversário*: instalando-se a distância e à retaguarda de massas cobridoras, tais como cristas, bosques ou povoações; que lhe dá facilidade de obter efeitos de surpresa.

e) *A precisão dos seus efeitos*: uma vez que a observação dos pontos de queda seja possível ou que as condições topográficas, balísticas e meteorológicas sejam bem conhecidas, na preparação do tiro.

A observação terrestre e aérea tem uma influência preponderante sôbre a eficácia dos tiros da artilharia. A deficiência ou dificuldades da *observação* traduzem-se, em regra, em grandes demoras na execução dos tiros e em exagerado consumo de munições para a obtenção do efeito desejado.

f) *Possibilidades de actuar em tiro indirecto, sôbre alvos terrestres ou aéreos*.

g) *Dificuldade, ou até impossibilidade, de actuar a curta distância, e impossibilidade de actuar em movimento* (1).

A artilharia, fortissima na acção a distância uma vez instalada para o tiro, constitui um alvo passivo e muito vulnerável quando em marcha, nas entradas em bateria e passagem às posições de marcha (saídas de bateria).

A sua acção a curta distância é dificultada, em maior ou menor grau conforme o tipo de material (tiro tenso ou curvo), mas a acção às mais curtas distâncias é, para qualquer material, pouco menos do que impossível.

Êstes inconvenientes remedeiam-se dando às tropas de artilharia armas e outros meios de se defenderem quando atacadas a curta distância (espingardas, metralhadoras, armas de defesa baixa contra aviões e, até canhões A. C.) e protegendo as colunas de marcha e dispositivos de combate da artilharia com o dispositivo e os meios das outras Armas.

h) *Impossibilidade de se subtrair rapidamente às vistas ou ataques inimigos*: em virtude de não ser a mesma a dispo-

(1) Na artilharia instalada em plataformas automóveis, a descoberto ou sob cúpula, alguns destes inconvenientes são atenuados.

Revista da Cavalaria

sição do material em marcha e para o tiro e de serem, por isso, mais ou menos laboriosas e demoradas a entrada em bateria e a passagem à disposição de marcha (1).

i) *Grande volume e peso do material e das munições*: que criam exigências especiais na preparação e execução das marchas e dos estacionamentos, designadamente para a artilharia pesada.

j) *Maior ou menor mobilidade, conforme o tipo de material e de tracção*.

Enquanto a artilharia ligeira pode adquirir uma boa mobilidade e velocidade tácticas, a artilharia pesada tem sempre velocidade e, sobretudo, mobilidade táctica reduzida.

A artilharia de tracção animal tem fraca capacidade de marcha através de terreno acidentado. Na artilharia a cavalo é melhorada a velocidade e mobilidade táctica pela leveza e fraco volume do material, pela qualidade dos tiros e pelo transporte a cavalo do pessoal. A artilharia de montanha tem velocidade reduzida mas tem mobilidade táctica em terreno montanhoso.

Menor é ainda a mobilidade táctica da artilharia auto-transportada, a despeito do aumento de velocidade em estradas, para grandes percursos.

Na artilharia T. M. a velocidade e a mobilidade em estrada, como através do campo, são muito melhoradas.

Os auto-canhões — artilharia instalada sobre plataformas auto T. T. — são os que apresentam maior mobilidade e velocidade táctica.

Propriedades tácticas:

De tôdas as características apontadas resultam para a artilharia as seguintes propriedades tácticas:

Propriedades:

a) Capacidade de *neutralização* ou *destruição* a distância, numa zona profunda e larga de muitos quilómetros, variando

(1) No material moderno tem-se procurado reduzir a um mínimo o trabalho e tempo para a entrada em bateria e para passagem da posição de tiro à de marcha.

Revista da Cavalaria

o seu raio de acção, até certo ponto, na razão directa do peso e volume do material e dos projecteis.

b) Faculdade de produzir acções sucedendo-se rapidamente, sôbre lugares em direcções ou a distâncias diferentes, e *concentrações* de fogos de grandes efeitos morais e materiais.

c) Grande facilidade de actuar por surpresa.

d) Faculdade de se conservar relativamente disponível, mesmo quando empenhada em combate, dada a facilidade de se desempenhar por estar coberta e mascarada.

e) Capacidade de resistir por largo tempo às causas de desagregação material e moral, que sôbre a artilharia actuam menos intensamente do que sôbre a infantaria ou cavalaria.

f) Capacidade de actuar em todos os terrenos, uma vez que se emprega o tipo de material e de transporte ou tracção mais adequado para cada terreno.

Servidões:

a) Grande vulnerabilidade e incapacidade para actuar quando marcha e quando toma ou abandona as posições de tiro, o que a torna pouco própria para se instalar e mover na zona de combate da infantaria, com prejuízo para a boa ligação com esta arma e, por isso, para a oportunidade e precisão dos seus tiros.

b) Tempo apreciável para reunião e instalação do material e para a preparação do tiro, que pode fazer-lhe perder ocasiões em que o seu emprêgo seria necessário e propício.

c) Exigência do estabelecimento de um perfeito sistema de ligação entre os comandos da artilharia e os comandos das tropas em proveito de que deve actuar, e de um perfeito sistema de transmissões entre as tropas a apoiar e os observatórios, os comandos da artilharia e as baterias de tiro.

As dificuldades de instalação de uma tal rêde de transmissões e da sua conservação, juntas a dificuldades de observação de terreno, traduzem-se em *colapsos* no apoio — pedidos de tiro que não são satisfeitos ou que só tarde se efectivam.

Pretendeu-se remediar o inconveniente apontado descentralizando o dispositivo da Artilharia pela atribuição de «fracções de acompanhamento» (divisões ou baterias) às unidades de infantaria, que pudessem acompanhá-las de perto através de toda a progressão no ataque, embora reduzindo

Revista da Cavalaria

o rendimento do seu emprêgo, que era baseado na exploração do seu alcance e mobilidade de planos de tiro e, por isso, na centralização do comando e concentração do dispositivo.

A vulnerabilidade do material revelou, porém, dificuldades no emprêgo da artilharia de acompanhamento que deram lugar à atribuição de engenhos próprios de acompanhamento à Infantaria e Cavalaria.

Apesar de tudo, a falta de apoio da artilharia não era inteiramente suprida por êsses engenhos.

Designadamente, o aumento da espessura das blindagens dos carros, na guerra actual, tornou cada vez mais flagrante a insuficiência, em muitos casos, de canhões anti-carro de pequeno calibre e a necessidade de apoio imediato e constante da Artilharia às unidades de ataque, dando lugar à ressurreição que os alemães fizeram da «Artilharia da Infantaria» — fracções de Artilharia ligeira orgânicamente atribuídas ao R. I. ... Assim voltamos à intercalação da artilharia nos dispositivos da infantaria, «à Gustavo Adolfo!»...

A blindagem da Artilharia ligeira, criando os «auto-canhões T. T.» veio resolver, em grande parte, as dificuldades criadas pela vulnerabilidade. Assim surgiu a nova designação de «Artilharia de Assalto».

Os alemães primeiro e todos os beligerantes hoje, empregam com freqüência fracções de Artilharia de acompanhamento em que as peças são montadas em plataformas T. T. e sob cúpula (blindada de aspecto semelhante aos Car.) e os observatórios são também constituídos por viaturas blindadas que transportam o pessoal e material de observação e referenciação dos objectivos. Êste pessoal, quando é necessário, abandona as viaturas e instala-se no seio do próprio dispositivo de infantaria.

II — O material

a) *Classificação das bôcas de fogo segundo as suas propriedades balísticas:*

Peças — São bôcas de fogo de tubo comprido (30 a 50 calibres), cujas trajectórias no tiro são, por isso, caracterizadas por acentuada tensão, com as cargas normais. O em-

Revista da Cavalaria

prêgo de *cargas reduzidas* pode consentir uma maior curvatura das trajectórias, não indo o ângulo de tiro em qualquer caso além de 30°.

Obuses — São bôcas de fogo de menor comprimento de tubo do que as peças (12 a 15 calibres) ⁽¹⁾ e, por isso, com trajectórias mais curvas e menor alcance para a mesma carga propulsora e pêso de projectil. O emprêgo de cargas diferentes permite obter diferentes gamas de trajectórias. A velocidade de tiro para calibres idênticos é menor do que nas peças.

São especialmente aptas para o tiro com inclinações entre 20 e 45° — tiro curvo ⁽²⁾.

Peça-obus — Alguns sistemas de Artilharia incluem um tipo de bôca de fogo misto, que pode ser utilizado como peça ou como obus, conforme as munições empregadas. É o caso do O. 8,8...?

Morteiros pesados — São bôcas de fogo de tubo muito curto (máximo 10 calibres), organizadas para o *tiro vertical*, com ângulos de tiro superiores a 45°.

Os morteiros ligeiros e médios são materiais da Infantaria e da Cavalaria.

Peças anti-carro — São peças ligeiras, de grande velocidade de tiro e campo de tiro horizontal muito grande (pode chegar aos 360°, para o que são montadas em reparos tri ou quadri-flexa, ou sôbre plataformas circulares móveis) ⁽³⁾.

Peças anti-aéreas — São peças de 7,5 a 12 cms. de calibre, de grande comprimento de tubo e grande velocidade inicial, podendo actuar com grande velocidade de tiro (15 a 20 t/m.) e dispondo de alcance suficiente para a luta contra aviões bombardeiros actuando a grande altura (5 a 16 Kms. conforme o tipo da peça).

Dispõem de grande campo de tiro vertical (até + 85°) e de campo de tiro horizontal completo (360°) para o que são montadas em reparos especiais anti-aéreos.

(1) No nosso novo obus de montanha 7,5 cm./18, m/40 o comprimento do tubo é de 18 calibres; no novo obus de 10,5/28, m/41 esse comprimento é de 28 calibres e no obus 15/30, m/41 é de 30 calibres.

(2) No nosso novo obus de montanha 7,5/18, m/40 o campo de tiro vertical é de - 10 a + 65°.

(3) O novo obus de 88 m/43 tem campo de tiro horizontal de 360° o reparo da peça em bateria assenta sôbre uma plataforma circular (tipo Vickew, como as que mencionei para as armas anti-carro inglesas no artigo «A. D. C. A. e D. C. B.» na cavalaria).

Revista da Cavalaria

Canhões metralhadoras (1)—De calibre de 37 a 40 m/m com alcance vertical (flexa máxima) até 4.500 ms. e velocidade de tiro de 100 a 180 t/m., conforme o tipo de material.

Velocidade angular de deslocação da linha de tiro = 4 a 8°/seg. em altura e 4 a 16°/seg. em direcção.

*

As bôcas de fogo da Artilharia podem empregar:

Granadas explosivas, com espoletas de percussão ou de tempos;

Granadas com balas—Shrapnell—com espoletas de tempos e só muito excepcionalmente de percussão;

Granadas de rotura especiais (gr. *percutantes*) com espoletas de percussão retardada;

Granadas explosivas tóxicas: carregadas com os produtos químicos destinadas à produção imediata ou retardada de gazes, conforme a temperatura de ebulição mais ou menos elevada da carga tóxica;

Granadas fumígenas e *granadas iluminantes* com espoletas de tempos;

Granadas incendiárias, com espoletas de percussão.

Os canhões-metralhadoras de D. C. A. empregam em geral granadas explosivas-tracejantes, com espoleta de percussão extra-sensível e dispositivo de auto-destruição, ou espoletas de tempos de regulação automática no carregamento. Êstes mesmos canhões podem ser empregados no tiro anti-carro, utilizando granadas perfurantes ou explosivas, com espoleta de percussão e explosão retardada.

b) *Classificação da Artilharia segundo o sistema de tracção*:

Quanto ao sistema de tracção, a Artilharia pode-se classificar em:

— Artilharia a cavalo (pessoal de comando e serventes a cavalo);

— Artilharia montada (serventes nos armões das peças ou a pé);

— Artilharia de montanha, a dorso;

(1) Entre nós designados por peças. Deveria então dizer-se «peças automáticas».

Revista da Cavalaria

- Artilharia a tractores (ou T. M.);
- Artilharia transportada (sobre camiões para o transporte).

Modernamente devemos encarar ainda:

— *A artilharia automóvel*: em que as bôcas de fogo são montadas em plataformas automóveis, em geral T. T.

A artilharia blindada — auto-canhões ou Artilharia de assalto — que são canhões ligeiros montados em tórres giratórias de viaturas blindadas.

*

c) *Classificação da Artilharia segundo o pêso e o tipo da bôca de fogo*: (Vd. R. S. C. — 1.^a Parte — n.º 53 do Cap. III do Título I).

1.º — *Artilharia ligeira*, dispondo de:

— *Peças*: com o calibre máximo de 9 cms.; alcance até 12 Kms., podendo dispor de abundante remuniamento; projecteis de pêso não superior a 10 Kgs. e compreendendo:

- granadas explosivas;
- granadas com balas (Shrapnell);
- granadas fumígenas ou especiais

com espoleta de tempos e espoletas de percussão mais ou menos sensível (espoleta retardada), que lhe permitem actuar por forma diferente sobre as tropas a descoberto e sobre obstáculos e abrigos.

— *Obuses*: com o calibre máximo de 12 cms. e alcances até 10 Kms. (1); projecteis do mesmo tipo dos das peças mas mais pesados para o mesmo calibre (pesos até 15 Kgs.)

— *Pêso médio em bateria* — peças e obuses —: cerca de 1.500 a 2.000 Kgs. no máximo (2).

— *Pêso da viatura peça* (ou obus) — em o. de marcha: cerca de 2.000 a 2.500 Kgs. no máximo (3).

— *Mobilidade*: tanto as peças como obuses ligeiros dispõem de razoável mobilidade táctica com tracção hipomóvel, que pode ser melhorada quando rebocada por tractores au-

(1) No nosso novo obus de campanha de 10,5/28 m/41 o alcance atinge 11 kms.

(2) No novo obus, citado na nota anterior, o pêso em bateria é de 1.900 kgs.

(3) No novo obus citado nas notas anteriores é de 2.300 kgs.

Revista da Cavalaria

tomóveis T. T.; dispondo de suspensão elástica que lhe consinta rodar a grandes velocidades, pode ter mesmo grande mobilidade estratégica. A falta dessa condição, para os deslocamentos estratégicos rápidos era, por vezes, *transportada* em camiões; mas este processo de recurso tem sido pôsto de parte.

— *Artilharia ligeira no nosso Ex.*: peças de 7,5; obuses de 8,8 e de 10,5 e obuses de montanha de 75.

— Atribuição orgânica normal: Art.^a Div. e de Br. Cav.

2.^o — *Artilharia pesada*:

— *Art.^a pesada curta*: obuses de cêrca de 15 cms.

Pêso médio em bateria: 3.900 Kgs. (1).

Pêso médio em o. de marcha: v. peça: 3.000 Kgs. v. reparo: 2.900 Kgs.

Alcance: até 15 Kms.

— *Artilharia pesada comprida*: peças de 10,5 a 15 cms.

Pêso da peça em bateria: 3.500 (10,5) a 15.000 Kgs. (15 cms.)

Pêso da viatura peça em o. de marcha: 2.900 (10,5) a 8.400 Kgs. (15 cms.)

Alcance até 25 Kms.

— *Projécteis da artilharia pesada*: potentes, com cêrca de 16 Kgs. para os calibres de 10,5 e 45 a 50 para os de 15.

— *Tracção*: apenas automóvel, o que lhe dá razoável mobilidade estratégica mas mobilidade táctica inferior à da Art.^a ligeira, não podendo, por isso, ser instalada senão perto das vias de comunicação.

— *Art.^a pesada no nosso Ex.*: peças de 10,5 e 15 cms.; obuses de 14,3 e de 15.

— *Atribuição orgânica*: Art.^a de C. E. e mesmo já Art.^a Div. (obuses de 15).

3.^o — *Artilharia super-pesada*: bôcas de fogo de calibre superior a 15 cms., cujas características de potência e de alcance impõem grandes pêsos que lhes acarretam uma mobilidade muito diminuta, já pela dificuldade de tracção rápida já porque não podem passar em pontes ligeiras nem em vias de comunicação de leito pouco consistente.

(1) O pêsos médio, em bateria, do nosso obus de 15,30, ^m/₄₁ é de 5.200 kgs. O pêsos em O. de marcha numa só viatura é de 5.800 kgs. e em duas viaturas é, para cada viatura de 3.700 kgs.

Revista da Cavalaria

— *Tracção*: só por tractores de lagarta e, por isso, de reduzida velocidade, ou em plataformas de caminho de ferro.

— *Atribuição orgânica*: reservas gerais; eventualmente atribuídas aos Ex. como refôrço.

4.º — *Artilharia contra-aeronaves* (D. T. C. A.):

— *Canhões metralhadoras* de 37 a 40 m/m, (1) de grande mobilidade táctica e grande mobilidade e velocidade de tiro.

— *Artilharia ligeira* contra-aeronaves: peças com calibre de 7,5 a cerca de 9 cms., dispondo de razoável mobilidade táctica (tracção automóvel T.T.) e limitada velocidade de tiro (15 a 20 t/m), do que resulta não serem aptas para o tiro a baixas altitudes (inferiores a 2.000 ms.)

— *Artilharia pesada* contra-aeronaves: peças com calibre de 10 cms. e superior dispondo de reduzida mobilidade táctica e de fraca mobilidade dos planos de tiro, o que dificulta o tiro directo e as torna mais aptas para o tiro de barragem D. C. A.

A artilharia anti-aérea está equipada para poder realizar:

— o *tiro directo*, com correcção de pontaria automática, mediante a utilização de calculadores automáticos dos elementos de tiro e correctores de pontaria;

— o *tiro indirecto pelo som* (de noite ou com nevoeiro), mediante sistemas de postos de referenciação do alvo, pelo som;

— o *tiro directo de noite*, mediante o emprêgo de sistemas de projectores que enfeixam o alvo e o mantêm iluminado.

5.º — *Artilharia de trincheira* dispondo de morteiros pesados e, por isso, de fracas velocidade de tiro e mobilidade táctica.

Junta-se no fim d'este capítulo um quadro com a indicação dos dados técnicos que mais interessam dos diferentes materiais de Artilharia com que normalmente trabalhamos.

(1) Entre nós designados por «peças».

Revista da Cavalaria

III — Organização

A — *As dotações de Art.^a das G. U.*

A artilharia de campanha compreende:

— a artilharia das Divisões (Art.^a Div.) ou Br. Cav. (Art.^a Br. Cav.)

— a artilharia de Corpo de Exército (Art.^a C. E.) que compreende, além das artilharias divisionárias, a Artilharia de Corpo que faz parte dos E. N. E. (elementos não endivisionados);

— a artilharia das reservas gerais que em parte é atribuída aos exércitos, constituindo essa a Art.^a de Exército.

Artilharia divisionária:

Segundo o R. S. C. 1935 a Div. compreendia:

— 1 regimento de artilharia ligeira hipomóvel — R. A. L. compreendendo:

— 2 G. B. A. L. (7,5), a 3 Batr. A. L. (7,5).

— 2 G. B. O. L. (10,5), a 3 Batr. O. L. (10,5).

— 1 regimento de obuses pesados de 15 — R. O. P., — compreendendo 2 G. B. O. P. (15) T. M.

— 1 centro de instrução de artilharia.

A Div. contava assim com um regimento de artilharia especialmente destinado ao apoio directo, com material ligeiro que facilitava a atribuição eventual de fracções de acompanhamento às unidades de infantaria⁽¹⁾ e com um material pesado que permitiria dar maior eficiência à *destruição* e à própria contra-bateria dentro da art. divisionária.

(¹) E para isso se contava com o emprégo de cargas reduzidas nas peças de 7,5, que dando uma maior curvatura às trajectórias demasiado tensas do 7,5 facilitava a instalação das b. de fogo de acompanhamento e a sua maior proximidade do escalão de ataque da unidade apoiada.

Revista da Cavalaria

Imediatamente antes da eclosão da nova guerra mundial notava-se, porém, uma acentuada tendência, pelo menos entre nós, para a supressão do material pesado do sistema da Art. Divisionária, passando-se os obuses para a Art. de Corpo.

Como, por outro lado, se reconhecia já como ensinamento da Guerra de Espanha a necessidade de dotar a Div. com material de D. C. A., previa-se a organização na Div. de:

- 1 R. A. L. a 3 G. A. L. (7,5) possivelmente do tipo T. M.
- 1 R. O. L. a 2 G. O. L. (10,5 T. M.)
- B. A. C. A. de 4 secções de 4 canhões-metralhadoras de 40^{mm}.

Depois, veio a nova Guerra.

Com as vitórias fulminantes do exército alemão as atenções dirigiram-se tôdas, naturalmente, para o estudo do sistema de artilharia das Div. alemãs.

À atenção dos estudiosos e dos responsáveis pela organização ofereciam-se os seguintes pontos de referência:

a) *A dotação de b. de fogo ao R. I.*

O R. I. alemão contava com 3 pelotões de peças de 7,5 (6 peças) e 1 pelotão de 2 obuses de 15.

O que justificava esta dotação orgânica?

Naturalmente, a necessidade sentida de pôr permanente e orgânicamente à disposição das unidades de infantaria material que permitisse o seu acompanhamento imediato. A rapidez do ritmo previsto para a organização das acções tácticas aconselhava a não contar simplesmente com um apoio feito por agrupamentos de apoio directo divisionários e a não contar mesmo com o tempo necessário para constituir fracções destacadas daquele agrupamento, em face das necessidades das operações.

Impunha-se levar a descentralização do apoio, pelo menos parcialmente, até ao ponto da descentralização orgânica.

Daí a artilharia de infantaria.

É claro que ao pretender-se pôr em prática esta idéia havia forçosamente a considerar o material a adoptar para

Revista da Cavalaria

um tal fim. Para isso adoptaram os alemães um material simples de emprêgo, leve e por isso de fraco alcance. Assim, vemos que o alcance das suas peças de 7,5 dos R. I. não ia além de 3.500 ms. e que o alcance dos seus obuses de 15 não ia além de 4.600 ms. Isto mesmo tem levado os nossos artilheiros a não considerar tal material como material de artilharia, mas isso é para o nosso trabalho uma questão secundária.

b) *A organização do apoio directo divisionário com material de certa potência e de sufficiente curvatura de trajectórias, levando à adopção de obuses e à supressão das peças de tiro tenso na Art. Div.*

c) *A adopção de uma art. de assalto, blindada, permitindo um acompanhamento immediato colado à própria infantaria nos sectores de ataque em que isso se impunha.*

Estas as observações mais importantes.

De tudo isto resultou adoptar-se entre nós como sistema da Art. divisionária para efeito dos estudos e tirocínios a realizar no I. A. E. M. o seguinte:

— 1 R. O. L. (a 3 G. O. L. 10,5 T. M. tendo cada G. B. O. três baterias).

— 1 G. O. P. (a 3 Bat. de O. 15 T. M.)

— 1 B. Aer. de 40^{mm} (a quatro secções de 4 canhões metralhadoras de 40^{mm}), vulgarmente designada por B. A. C. A.

Pretende-se assim, ao que parece, manter na Div. o material pesado, para contar na Art. Div. com certa capacidade de destruição, bem como maiores possibilidades da contra-bateria.

Esta mesma preocupação, e ainda a da eventual necessidade de execução de tiros longinquoos, faz-nos encontrar com certa frequência nos temas do I. A. E. M. o reforço da Art. Div. com 1 G. A. P. (de 10,5 e até de 15).

Parece que no nosso meio artilheiro há uma pronunciada tendência para:

— o aumento de um Grupo no R. O. L. (10,5), para que podendo constituir-se no agrupamento de apoio directo os

Revista da Cavalaria

três grupos de apoio dos três R. I., ainda ficasse disponível um grupo ligeiro para a acção de conjunto;

— a organização na Art. Div. de um Grupo de Observação, compreendendo 1 Bat. de Topografia, 1 Bat. de referência pelo som e 1 Bat. de referência por observação terrestre;

— a motorização absoluta da coluna de munições de Art. do P. A. D.

Fica assim registada a informação sobre as tendências modernas da organização da nossa artilharia divisionária, até onde pude levá-la.

*

Artilharia de Corpo (C. E.):

Segundo o R. S. C. de 1935 a Art. de Corpo, compreendia:

— 1 regimento de artilharia pesada — R. A. P. — dispondo de:

— 2 G. A. P. de 10,5 T. M. (a 3 Batr. de peças de 10,5).

— 2 G. A. P. de 15 T. M. (a 3 Batr. de peças de 15).

— 1 Centro de Instrução de Art.

Já antes da eclosão da actual conflagração estava em discussão—em acesa discussão—a reorganização da Artilharia de Corpo e Divisionária, não sendo concordantes os pontos de vista dos vários órgãos que tinham de se pronunciar sobre o assunto.

A questão ainda não está resolvida definitivamente, como é compreensível.

Todavia, parece haver uma tendência nítida, pelo menos entre artilheiros categorizados, para constituir a artilharia de corpo com:

— 1 R. A. P., compreendendo 2 G. A. P. 10,5 (com alcance de 17 kms.) e 2 G. A. P. 15 (com alcance de 22 kms.)

Revista da Cavalaria

— *Artilharia Aer.* (D. T. C. A.):

— 1 G. B. Aer. — 9,4 cm.

— 1 G. B. Aer. — 40 mm.

— 1 G. B. Aer. — 20 mm.

Esta mesma corrente de opinião preconiza para o Exército (Art. Ex.):

— 1 R. A. P. com: 2 G. A. P. 15; 2 G. O. 21 (alcance 16.600 m.)

— *Art. Aer.* compreendendo: 2 G. B. Aer. 9,4; 2 G. B. Aer. de 40 mm. e 2 G. B. Aer. de 20 mm.

A mesma corrente preconiza, ainda, o seguinte material nas Reservas Gerais:

— Grupos de O. P. de 30,5.

— Grupos de assalto (blindados), destinados a atribuir às G. U. quando necessário. Considera-se que o combate aos carros inimigos exige que se disponha de auto-canhões blindados, por não ser suficiente a simples acção dos nossos carros.

Art. da Br. Cav. *

Vejamos agora a organização da art. da Br. Cav.

Segundo o R. S. C. de 1935 deveria a Br. Cav. dispor de:

— 1 grupo de baterias de Art. a Cavalo — G. B. A. C. — a três Baterias de 7,5 a cavalo;

— 1 grupo de baterias de obuses de 10,5 a tractores — G. B. O. (10,5) T. M.

Reconhecida a necessidade de dar elementos de D. T. C. A., à Br. Cav., passou-se nos trabalhos tácticos a considerar 1 B. A. C. A. na organização da brigada.

Por outro lado a tendência irresistível para a motorização total da artilharia levou à substituição do grupo a cavalo de 7,5 por um G. B. A. 7,5 T. M. Mas tendo-se acabado por reconhecer que na artilharia das grandes unidades tác-

Revista da Cavalaria

ticas de combate o que interessa é o material de tiro curvo e tendo-se suprimido na Div. o 7,5, substituindo-o por obuses de 10,5, tem-se ultimamente considerado nos trabalhos táticos do I. A. E. M. a seguinte dotação de Art. na Br. Cav.:

— 2 G. O. L. (10,5) T. M., a três Batrs.

— 1 B. A. C. A. de 40 mm. (ou E. D. C. A.) a 4 pelotões (ou secções) de 4 canhões metralhadoras de 40 mm.

Não quero deixar de fazer aqui uma leve paragem para, uma vez mais, debater este problema da Art. da Br. Cav.

Os pontos de vista que sempre tenho defendido há um bom par de anos já, embora adaptados nas diferentes épocas aos elementos de evolução que se me iam oferecendo, eram estes:

1.º — O emprêgo característico da Br. Cav. obriga, quer na ofensiva quer na defensiva, a encarar como normal a descentralização na organização do comando: artilharia atribuída aos Agrupamentos de ataque; artilharia atribuída aos centros de resistência, ou pontos de apoio na defensiva; artilharia até, por vezes, nos próprios D. D. ou D. Retr.

Tenho hoje a recompensa de certa coragem de que houve de me revestir para defender tais idéias nos passados tempos da obsessão do «apoio directo centralizado».

2.º — Como consequência, todo o material de tiro tenso não interessa à Art. da Br. Cav.; esta precisa antes de obuses.

Também aqui os factos vêm sancionar as minhas velhas idéias expostas de 1930 a 1936.

Está tudo de acôrdo a este respeito e a peça de 7,5 foi destronada como material de apoio imediato e, por isso, material de art. da Div. ou Br. Cav. Aproveitar-se-à, porventura, como artilharia de R. I., de preferência na luta A. C.

3.º — A Art. da Br. Cav. não precisa de grande poder de destruição, mas precisa de dispor de uma grande mobilidade táctica e fluidez. Quere-se um material fácil de arrumar, fácil de se instalar e de se dissimular e capaz de rápidas mudanças de posição.

É a este respeito que estabeleço um primeiro ponto de discussão — (discussão que apenas encara o aspecto técnico-táctico do assunto, sem se preocupar com o outro importante as-

Revista da Cavalaria

pecto do problema que é o das condições de aquisição possíveis, tão importante que pode dominar inteiramente o primeiro).

Com efeito, é lícita esta pergunta:

— Convém à Br. Cav. os dois grupos de obuses de 10,5? É esse o material que convém para as divisões ou baterias de acompanhamento a dar a certos D. D. ou D. Ret. e aos agrupamentos de ataque.

Se nos lembrarmos de que não poderemos dar aos R. C. a artilharia orgânica que se preconiza para o R. I. e que, por isso, as fracções de acompanhamento hão-de sair da Art. da brigada, creio que seremos levados a lastimar não dispor nesta de uma unidade de obuses mais ligeiros do que os de 10,5. Bôcas de fogo simples, para empregar muito coladas às unidades a que são atribuídas para acompanhamento: obuses de 7,7 americanos? obuses de 90 ingleses? obuses de 7,5 de reparo com espalho extensivo italiano? ... Qualquer coisa de leve e simples e móvel neste género e que, nesse caso, ainda levantaria a discussão sôbre o aspecto da tracção ... mas não entremos neste capítulo ingrato! ...

4.º — A Br. Cav. moderna tem tanta ou até mais necessidade de uma Art. de defesa contra aviões do que a Div.

O grande volume das suas colunas de combate automóveis e dos seus trens motorizados, durante as marchas e estacionamentos; a grande vulnerabilidade dos parques dos seus escalões de viaturas e grupos de cavalos desmontados no combate, obriga a pensar mais a fundo do que se tem feito na constituição da D. T. C. A. da Br. Cav.

Por outro lado, o emprêgo possível em tiro terrestre do material de artilharia ligeira A. A., faz-nos pensar há muito — desde 1934 — na conveniência de dispor de um grupo de material anti-aéreo de 7,5 a 90, que poderia fazer-nos boa conta em missões terrestres para as rápidas concentrações a distância, em tiros longínquos sôbre um ponto a interdizer, ou em reforço do apoio directo da linha de combate e até na luta anti-carro.

Admitindo como certo que as pequenas unidades de cavalaria (R. C., R. Motor. ou G. C.) virão a dispor de unidades de canhões-metralhadoras de 20 mm. (defesa baixa) cremos que a D. T. C. A. da Br. Cav. só ficaria completa dispondo além dos canhões metralhadoras de 40 mm. (defesa média)

Revista da Cavalaria

de uma unidade de Art. Aer. (defesa alta e estofo da defesa média). Seriamos assim levados a ter na Br. Cav. um R. A. com:

— um G. B. O. L. (extra-ligeiros se lhe quizermos chamar) de 7,5 a 9,0 cm. — para acompanhamento.

— um G. B. O. 10,5 T. M. — para apoio directo centralizado, designadamente na zona de esforço.

— um G. B. A. Aer. a duas ou três Batrs. de material anti-aéreo de 7,5 a 9,4 — para D. T. C. A. e acção de conjunto.

— uma bateria (ou esquadrão) de 40 mm. A. A. para D. T. C. A.

Se tivéssemos facilidade de obter auto-canhões blindados, o primeiro grupo de material extra-ligeiro ficaria substituído com vantagem por um esquadrão a quatro secções de dois auto-canhões blindados (art. de assalto).

... Quando não exista orgânicamente o grupo D. T. C. A. esperamos que não se esqueçam de no-lo entregar, sempre que a Br. Cav. não actue em zona defendida efectivamente por um sistema de D. C. A. organizado pelo escalão superior do Comando.

b) *A organização das P. U. de Art.*

I — *O R. A. L.* (Segundo os Q. O. de Artilharia de 1935):

a) — *A Bateria de Artilharia Ligeira*: (Batr. A. L. Batr. A. C. ou Batr. O. 10,5).

A bateria ligeira, quer de peças quer de obuses, compreende:

— *O Comando*, com os elementos de observação, de reconhecimento e de ligação;

— *A bateria de tiro*, com a Sec. de Metr. e 4 Sec. de tiro (a 1 peça), com o respectivo armão e um carro de munições;

— *T. C.*: *T. C. 1* = 5.^a e 6.^a Sec. (a 2 carros de munições cada secção) = 4 carros de munições.

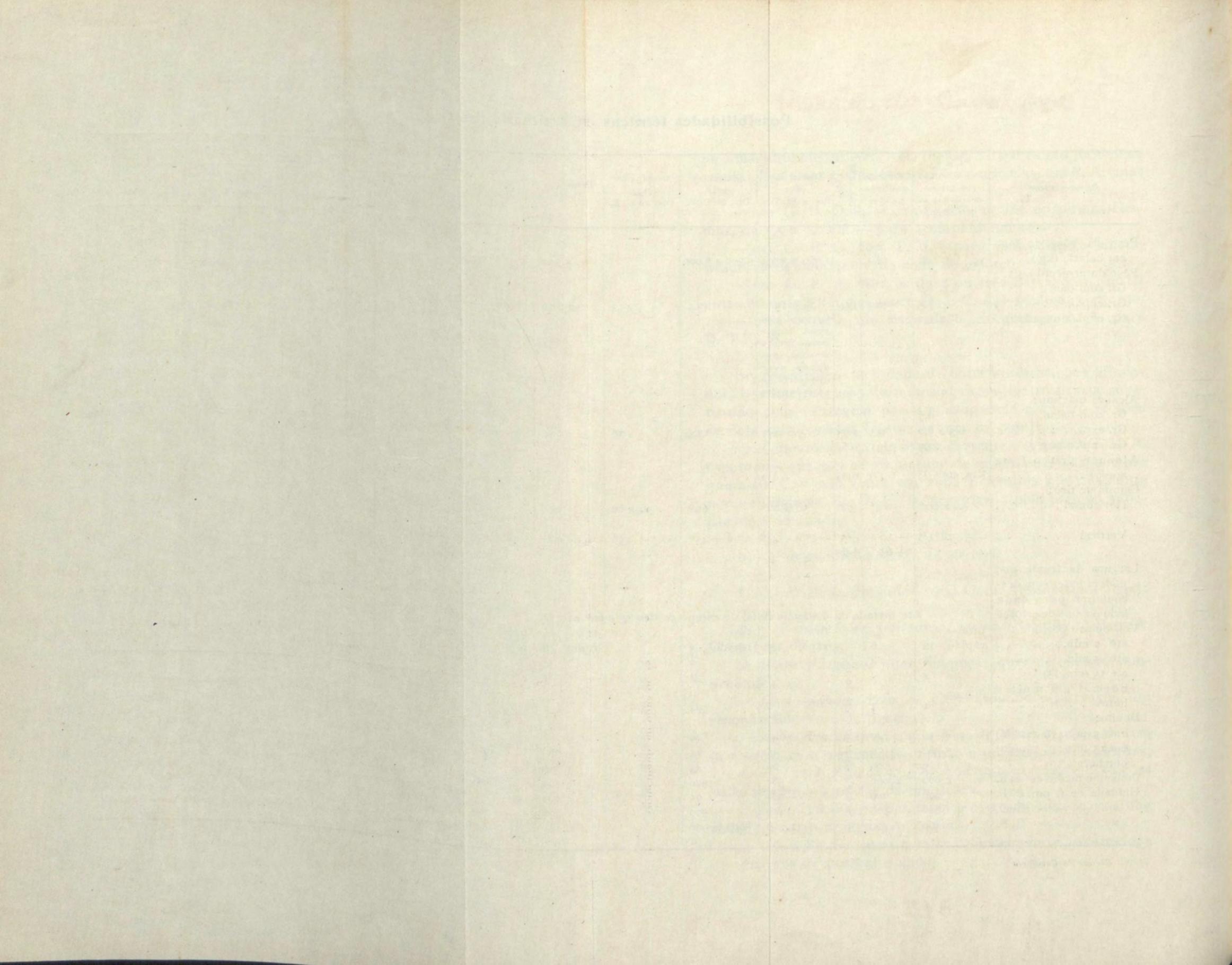
T. C. 2 = a 7.^a Sec. (com o carro de bateria, cosinha rodada e carro de água).

— a 8.^a Sec. (com o carro de bagagens e viveres e a reserva de pessoal e gado).

Possibilidades técnicas da Artilharia das G. U.

Características	Peças 7,5 Div. e Br. Cav. (De futuro destinadas a Art. Reg.)	Obuses de montanha 7,5/18 40	Obus de 88 m/43	Obuses 10,5 28/41 Biv. e Br. Cav.	Obuses 15 30 41 Div. ou C. E.	Obus 14 cm m/43 Div. ou C. E.	Peças 10,5 C. E.	Peças 15 C. E.	ARTILHARIA C. A. (D. T. C. A.)			
									Peças D. C. A. 4,0	Peças D. C. A. 7,5	Peças D. C. A. 80 a 88 (1)	Peças D. C. A. 10,5
Pêso da bôca de fogo em bateria (kg.)	1.140	650		1.960 a 3.950	5.300 a 6.000		3.500	13 000				
Pêso do projectil (apx.º)												
Gr. com bala	Kg. 7,2											
Gr. expl.	Kg. 5,5	6,3	11,3	14 a 15	43,5	45,4	12 a 16	40 a 45	0,900 a 1 Kg.	6 a 7 Kg.	8 a 10 Kg.	15 a 30 Kg.
Gr. expl. alongada . . .	Kg. 6,2			Gr. expl. com espol. de per- cussão muito sensível, po- dendo usar dispositivo de retardamento								
Alcance máximo:												
Gr. com balas. } Kms.	6,7								vertical	vertical	vertical	vertical
Gr. expl.	6,3 a 8,0	9,5	11,5	10 5 a 10,7	13,3	16	16	25	até 5.200 ms.	até 10.000 ms.	até 13.000 ms.	até 16.000 ms.
Gr. expl. along. }	12,0								horizontal			
Alcance prático (para apoio)	Km. até 6 (2)	6 (2)	6 (2)	6 (2)					11.200 ms.			
Campo de tiro:												
Horizontal	50 a 60º	10º	360	56 a 60º	60º	56 a 60	60º	60º	360º	360º	360º	360º
Vertical	-15 + 18º (3)	-10 a + 65	-5º + 45º	-5º a + 45º	0º a + 45º	- 5 + 45º	0 a + 45º	0 + 45º	até + 85º	até + 85º	até + 85º	até + 85º
Largura da frente que podem bater sem des- conteirar para cada lado do eixo de esforço									R. do cilindro morto = 1 km.	R. do cilindro morto = 1 km.	R. do cilindro morto = 1 km.	R. do cilindro morto = 2 km.
Até metade da distância (total do campo de tiro 55 a 60º = 1067)												
Vel. de tiro por min.:	tiro			tiro	tiro		tiro	tiro				
até 2 min.	rápido 12	6		rápido 6	rápido 3		rápido 8	rápido 3				
até 5 min.	8	4		4	2		6	2				
até 15 min. (1)	4	3		2	1		3	1				
normal em muitas horas	2	1		1	3/4		1	3/4				
Débito:												
em 5 min. (t. rápido)	40	40		20	10		30	10				
em 15 min. (t. rápido)	60	60		45	15		45	45 a 60				
por hora	120	60		60	45		60	45				
Consumo médio em 24 h.	1.000	1.000		500	300		500	300				
Unidade de f. por B. F.	200	200		300	75		100	75				
» » » » Bat..	800	800		400	300		400	300				
» » » » G. B.	2.400	2.400		1.200	600 a 900		1.200	900				

(1) O 75 com cargas reduzidas pode fazer o tiro com cadência rápido até 1/2 hora.
(2) Além d'êla a dispersão é tão grande e a ligação com a unidade apoiada tão difícil que o apoio se torna impraticável.
(3) Com cargas reduzidas pode chegar a 30º (ou mesmo até 45º).
(4) O nosso material 9,4 tem características que não diferem muito do 88, salvo na eficácia do projectil. Presentemente não dispomos de material 88 D. C. A.



Revista da Cavalaria

— Efectivo da Bat.:

	Batr. A. ou Batr. O.	Batr. A. C.
Oficiais	4	4
Sargentos, cabos e soldados	153	166
Cavalos	49	110
Muares (ou cavalos de tiro)	104	104
Viaturas	13	15

— Munições:

Dotação por peça	no armão	24	} 216 t. p. peça
	no c. de munições	96	
	no T. C.	96	
Dotação por obus de 10,5	no Armão	22	} 126 t. p. obus
	no c. de munições	52	
	no T. C.	52	

Munições transportadas na Batr. P. 7,5 = 864 projecteis
1,08 n. f.

Munições transportadas na Batr. O. 10,5 = 504 projecteis
1,26 u. f.

Unidade de fogo { P. 7,5 = por peça ... 200 t.; por Batr. 800 t.
 { O. 10,5 = por obus ... 100 t.; por Batr. 400 t.

b) *Os G. B. A. L. (7,5), G. B. O. L. (10,5) ou G. B. A. C.:*

— Os grupos de baterias de artilharia ligeira dispõem de:

— *Comando* (Ten. Cor. ou Major) com:— o serviço de ligação, reconhecimento e observação;

— o serviço de transmissões.

— 2 ou 3 *batr.* = conforme o G. B. de que se trate.

— *T. C.:* (semelhante ao T. C. do B. I. e R. C.) com:

T. C. 1 = Sec. Metr., serviço de saúde e serv. veterinário;

T. C. 2 = Serv. de Subsistências, artifices e viaturas, rancheiros, impedidos e reserva de pessoal e gado.

T. V.: semelhante ao T. V. dos B. I. e R. C.

Revista da Cavalaria

— Efectivos dos G. B.:

	G. B. A. ou G. B. O	G. B. A. C.
Officiais	25	25
Sargentos, cabos e soldados	627	619
Cavalos	218	411
Muares	390	394
Viaturas	78	67

— Munições de Art.:

— G. B. A. ou } 864 t. por bateria }
 G. B. A. C. } 2.592 t. por G. B. A. } 1,08 unidades de fogo

Unidades de fogo para G. B. A. = 2.400 t. (200 t. por b. f.)

— G. B. O. { 504 t. por bateria }
 { 1.512 t. por G. B. O. } 1,26 unidades de fogo

Unidades de fogo para G. B. O. = 1.200 t. (100 t. por b. f.)

II — O G. B. A. 7,5 (T. M.):

No caso do G. B. A. C. da Br. Cav. ser substituído por um G. B. A. T. M., a organização não difere senão no efectivo que é:

	— O da Batr.	— O do G. B. A. T. M.
Officiais	4	23
Praças	120	493
Tractores	14	46
Cam. T. T.	5	26
Autos lig. T. T.	3	15
Cam. e Caminhetas	3 (com 2 reboques)	37
Motocicletas	9 (e 4 bicicletas)	41 (com 16 bic.)

III — O G. B. O. T. M. (10,5) tem efectivo igual ao do G. B. A. T. M.

A dotação de munições é idêntica ao do G. B. O. hipo (10,5).

A BRIGADA DE CAVALARIA

NA OFENSIVA, COM O EMPRÊGO DE BLINDADOS

pelo Tenente-Coronel ROGÉRIO TAVARES



Se o emprêgo de grandes massas de cavalaria teve a sua época que não voltará mais; se a metralhadora constituiu o seu maior inimigo em 1914-1918, o blindado e a aviação hoje em dia vieram agravar ainda mais e mesmo tornar quasi impossível o combate a

cavalo, mas não o combate da cavalaria pois que, quer coberta com ferro como nos tempos idos ou pelo aço dentro dos modernos blindados, quer combatendo a pé ou deslocando-se a cavalo, de motociclete ou de automóvel, a cavalaria amoldou-se ao transporte usado e às armas que utiliza, isto é, modernizou-se, acompanhando a evolução incessante do material.

Algumas informações respigadas do que vamos conhecendo sobre a acção da cavalaria na guerra actual mostram que nós, os cavaleiros, continuamos a poder levar a «carta para Garcia» e a vencer dificuldades que, devido às características especiais da Arma, muitas vezes só por ela podem ser resolvidas, como se conclui da opinião que se transcreve:

«Na guerra actual, a cavalaria correspondeu às esperanças nela depositadas, sempre e em toda a parte onde foi adequadamente utilizada, como nas regiões desprovidas de caminhos, na estepe arenosa e nas superfícies cobertas de neve em que se tornava difícil o avanço das armas pesadas motorizadas

Revista da Cavalaria

e não motorizadas, e onde se opunham ao avanço rios e torrentes que os cavaleiros podiam atravessar sem necessidade de pontes e jangadas. Formações de cavalaria puderam completar o trabalho de reconhecimento das posições inimigas realizado pelas formações aéreas e motorizadas, apesar das dificuldades de terreno e das condições atmosféricas extremamente desfavoráveis».

Bem longe do meu pensamento pretender elevar o valor combativo da minha Arma em detrimento do das outras, quando é certo que a infantaria continuará a ser sempre a grande sacrificada na batalha; que à artilharia serão pedidos sacrifícios cada vez maiores para neutralizar com os seus fogos potentes os obstáculos do campo da luta; que a engenharia terá um papel cada vez mais perigoso, mas decisivo por vezes, em circunstâncias especiais resultantes da sua forma moderna de combater; quando é certo que a aviação se evidenciou factor preponderante na grande luta do ar e na parte que toma no combate em terra, não se poupando a esforços tremendos e que para as tripulações, no momento da partida nunca se sabe se serão os últimos que lhe possam ser pedidos.

No que respeita à acção da cavalaria na guerra moderna, duas perguntas ocorrem ao espirito de muitos e que, quando abertamente formuladas, se não envolvem intenção depreciativa, traduzem, pelo menos, opinião assente e bem radicada no pensamento:

«A cavalaria sem cavalos é cavalaria?»

«Eliminado quási por completo o cavalo na luta moderna, a cavalaria terá também os seus dias contados?»

As missões é que caracterizam as Armas e não os meios de que dispõem. Estes evoluem, acompanhando a progressão constante dos armamentos, mas as missões fundamentais de cada Arma subsistem.

A cavalaria continuará, pois, *antes da batalha*, a informar, para assegurar ao Comando a sua liberdade de acção e a protecção das tropas, procurando, verificando e mantendo o contacto.

Durante a batalha cobrirá os flancos e estabelecerá as ligações dentro da G. U. de que fizer parte ou com as G. U. vizinhas.

Revista da Cavalaria

Depois da batalha a exploração do sucesso é o papel mais importante que lhe pode ser confiado.

Ao Comando é necessária uma Arma de grande mobilidade, fácil concentração, flexível para se adaptar facilmente a qualquer terreno, rápida para poder ser empregada sem delongas a grandes distâncias, e ao mesmo tempo possuindo potência de fogo que lhe permita obter pela força a desejada informação, ou ocupar num dispositivo o lugar que lhe fôr designado pelo Comando Superior, tomando parte com as outras Armas na luta.

Missões há que só a cavalaria pode desempenhar, como a exploração e a ofensiva sôbre os flancos e retaguarda do adversário.

Outras que pode executar melhor que as outras Armas, mas que estas podem, contudo, também assegurar: segurança no flanco de um dispositivo; ligação entre grupos de forças.

Finalmente, as que as outras Armas podem desempenhar melhor que a cavalaria: ocupar uma frente estreita numa acção ofensiva ou defensiva e enquadrada com outras unidades.

Mas podendo desempenhar tôdas estas funções — umas melhor que outras segundo as características que lhe são próprias — só a cavalaria tem possibilidades para o fazer, isto independentemente dos meios de transporte empregados: ontem o cavalo, hoje o cavalo e o automóvel, amanhã, possivelmente, os carros todo o terreno mais ou menos blindados, como meio único adoptado.

O falado espirito cavaleiro não está intimamente ligado e acorrentado ao meio locomotor que deu o nome à Arma. Antigamente, no combate a cavalo, êste actuava também com a sua massa e o cavaleiro — empregando a tecnologia moderna — era um «mecanizado» pois combatia utilizando as suas armas sem abandonar o «veículo» que o transportava.

Hoje, a cavalaria, neste capítulo, passou a simples «motorizada» pois o cavalo constitui sômente um transporte preciosíssimo todo o terreno, sem acção directa, a não ser excepcional, no combate. Contudo, a estima pelo nosso querido companheiro não diminuiu por êsse facto. Será sempre para nós, cavaleiros, o último amigo com quem podemos contar nos momentos difíceis e que nos levará a pôrto de salvamento

Revista da Cavalaria

quando o transporte mecânico o não puder fazer, ajudando-nos a cumprir, muitas vezes até ao esgotamento total das suas forças, o nosso dever.

O tal espírito cavaleiro que se formou, durante tantas gerações, pela prática do cavalo e que ainda hoje dela beneficia para conservar em forma as qualidades que devem caracterizar a Arma, *engloba* simplicidade na concepção, rapidez na decisão e audácia na execução.

A sua maneira de actuar, colocando-a à frente das outras Armas, os largos espaços em que se move dando-lhe liberdade relativa nos movimentos, impõem, contudo, ao seu Comando grandes responsabilidades que tem de assumir em circunstâncias quasi sempre difíceis, dado o isolamento em que a cavalaria manobra e combate. Podemos dizer — permita-se a comparação «escolástica» — que o seu *aproveitamento* depende quasi exclusivamente da aceitável resolução de temas individuais. Que esta circunstância pelo menos contribua um pouco para a benevolência de quem nos julgar.

*

Para que a Br. possa tirar o maior partido possível das qualidades de mobilidade e rapidez, é necessário que disponha do espaço indispensável para manobrar e por isso é na ofensiva e por conseguinte na guerra de movimento, contra forças adversas em marcha e cujo dispositivo certamente apresentará lacunas e flancos que possam ser atacados, que a sua acção melhor se poderá exercer.

No início das operações ofensivas, a primeira missão da Br. Cav. será uma missão de exploração. Uma vez tomado o contacto sucederá, geralmente, uma missão nitidamente agressiva, atacando o inimigo e repelindo-o para além de uma determinada linha de terreno, assegurando assim ao Comando a posse imediata de uma zona importante da frente, ou caracterizar-se-á em tomar provisoriamente atitude defensiva: acção retardadora seguida da ocupação de uma posição que se deve conservar durante determinado tempo, permitindo o reforço da Br. ou a chegada de forças que a substituam.

Revista da Cavalaria

Na exploração, o primeiro escalão de forças da Br. será constituído pela sua Descoberta e o segundo pela Segurança Afastada. Êstes dois elementos terão eixos de progressão idênticos, que são as grandes vias de comunicação que conduzem à zona provável dos contactos com o inimigo. Os dois escalões marcham juntos, pelo mesmo itinerário, até ao primeiro objectivo marcado para a Segurança Afastada, seguindo os elementos da Descoberta Terrestre, ou sejam os Destacamentos de Descoberta, a procurar o contacto com o inimigo, e instalando-se a Segurança Afastada na linha que lhe foi previamente marcada como primeiro objectivo. Êstes dois deslocamentos efectuam-se, quasi sempre de dia. Precedido inicialmente de um mínimo de 40/50 quilómetros por êstes órgãos de Descoberta e Segurança, o grosso da Br. desloca-se por seu turno ao anoitecer.

Na composição da Segurança Afastada entram Pl. Mot., Pl. Ca. e Secções de S. M. Os D. D. são constituídos por agrupamentos moto-A. M. num efectivo normal de 1 Pl. moto e 1 Pl. A. M. Abaixo dêste efectivo, o destacamento transforma-se num simples reconhecimento.

Para dar uma idéia da articulação da Br. na exploração e das distâncias a que trabalham os seus elementos, diremos que o grosso da Br. se articula geralmente em 2 escalões e em duas colunas, e o escalão motorizado num só agrupamento e o escalão hipo em dois, cada um dêstes últimos à base de 1 R. Cav., com artilharia. A uma distância de 10 kms. em média do grosso, marcham as G. Av. A 30/40 kms. encontra-se a Segurança Afastada, estabelecida numa cortadura (rio ou ribeira sempre que possível). À frente da Segurança Afastada os D. D. a uma distância do grosso da Br. que pode oscilar entre 50 kms. para os D. D. mistos (A. M.-moto) e 100 kms. para os D. D. moto.

Por aqui se vê o isolamento em que trabalham êses D. D. que contam somente com o apoio que lhes puder dar a Segurança Afastada. Junte-se a êste precário e problemático auxílio o terem frequentemente que manobrar em retirada não abandonando sem ordem determinados pontos de terreno, missão que têm de cumprir rodeados por vezes de um enxame de viaturas rápidas inimigas, e poder-se-á avaliar das dificuldades de tãda a ordem que o Comando dêstes

Revista da Cavalaria

Destacamentos têm de remover. Não é de estranhar, pois, que não se possam recuperar alguns destes elementos da Descoberta, votados como são a um isolamento que duramente se paga e a uma autonomia que é mais uma necessidade que um privilégio.

Devido à fadiga resultante da sua missão, os D. D. como regra, são rendidos no fim de 24 horas, não só para permitir o repouso do pessoal, como para se atender ao abastecimento de combustível e beneficiamento das viaturas, problemas estes muito difíceis de resolver nas Descobertas.

Vejamos como trabalham os D. D., tendo os detalhes em que entro somente por fim mostrar como operam as A. M. como elementos blindados da Br.

A orgânica da nossa Br. Cav., dá ao Pl. de A. M. 3 viaturas. Ora estas viaturas costumam trabalhar por grupos de 2, sendo por isso natural que o Pl. tivesse 4 A. M.

Como já dissemos um D. D. compõe-se normalmente de 1 Pl. de A. M., 1 Pl. moto (este com 2 Secções de M. L. num total de 4 armas) e os necessários meios de transmissão. A progressão efectua-se por lanços, de ponto de observação em ponto de observação, com a preocupação constante de, quando das paragens, assegurar a melhor e mais rápida camuflagem possível às vistas aéreas e terrestres do inimigo. Isto pela razão de só se poder observar bem quando parado e se procurar sempre ver e não ser visto. Longe do inimigo o que importa é caminhar rapidamente e por isso os lanços têm grande amplitude. O dispositivo normal de marcha comporta na testa duas A. M. escalonadas de maneira a conservarem a ligação pela vista e por forma que não possam ser atingidas facilmente por uma mesma arma anti-carro inimiga que se revele. A uma distância variável que assegure o desenfiar-se do fogo que atinja as A. M., segue o Pl. moto escalonado em profundidade com elementos vigiando os flancos de marcha e em ligação com as A. M. da testa. Na cauda a terceira A. M., em seguimento imediato dos motociclistas, formando uma espécie de G. Ret. que protege a coluna contra possível ataque de elementos inimigos que, tendo conseguido infiltrar-se pelas malhas da Descoberta, ataquem a retaguarda do destacamento. O lugar do comandante depende da situação e do interesse que pode ter, para a missão, o papel de um

Revista da Cavalaria

ou outro elemento da coluna num dado momento da actuação. O conjunto acha-se assim escalonado numa profundidade que pode ir de 500 a 2.000 metros em terreno coberto. Em terreno descoberto o alongamento pode ser muito maior. Em fim de lança, os elementos reagrupam-se utilizando ao máximo os cobertos estacionando em ordem dispersa.

O D. D. não «ancinha» o terreno, como se poderia julgar, mas explora-o por meio de sondagens rápidas que se podem comparar esquematicamente, às varetas de um guarda-chuva quando se abre.

A' medida que o destacamento se aproxima do inimigo, os lanços passam a ser mais curtos, e as A. M. tomam disposições que as garantem contra ataques inimigos imediatos (tampas das cúpulas baixadas, guarnições a postos de combate). Na proximidade imediata do inimigo, o terreno à frente do próximo lance a efectuar é cuidadosamente observado com binóculo e as A. M. marcham para o novo lança, preparando-se os motociclistas para as apoiar eventualmente com os seus fogos. Atingido o término do novo lança e a um sinal das A. M., os motociclistas reúnem-se a estas apoiando o novo lança a efectuar seguidamente pelos blindados. O movimento dos elementos do destacamento assemelha-se no seu mecanismo, ao de fole de harmónio, as A. M. marchando na frente e parando em fim de lança para serem alcançadas pelos motociclistas que marcham à sua retaguarda. Reagrupado o conjunto e tendo-se procedido às sondagens características da Descoberta, novamente o alongamento se produz, pela deslocação das A. M. que se afastam dos motociclistas. E assim sucessivamente.

Os cobertos são atravessados rapidamente, mas aqui os motociclistas seguem mais perto das A. M. para as apoiarem rapidamente pelo fogo. Nas povoações, são os motociclistas que procedem ao reconhecimento. Quando o destacamento encontra uma resistência num ponto qualquer do seu eixo — inimigo ocupando uma posição — o contacto é tomado pelas A. M. O grupo motociclista previamente designado, logo que o inimigo se revele, procurará fixá-lo pelo fogo, juntando a sua acção à das A. M. Se estas não conseguem neutralizar a resistência, o contacto passa a ser assegurado por esse grupo motociclista, e as A. M. retiram e, conjuntamente com

Revista da Cavalaria

os motociclistas disponíveis torneiam e atacam os flancos dessa resistência, isto é, manobram-na, fazendo-a cair por envolvimento. Se a manobra surtiu efeito, procura-se fazer prisioneiros e o D. D. continua a sua progressão.

Quando o destacamento encontra o inimigo em marcha, procura detê-lo, primeiramente com as A. M. e depois com os motociclistas que se instalam no terreno logo após o primeiro contacto. Se o inimigo se apresenta em força e não pode ser detido, há que efectuar o seu retardamento, para o que o comandante do D. D. procura assegurar a sua retirada cobrindo-se nos seus eixos principais (vias de comunicação) por patrulhas mistas. A manobra executa-se por lanços, separados por paragens escolhidas em cortaduras e nós de comunicações, nas quais as A. M. executam pequenos contra-ataques ou retornos ofensivos com o fim de demorar a progressão inimiga. E assim, manobrando em retirada e balizando o avanço, aproxima-se, segundo os seus eixos de descoberta, das forças em Segurança Afastada que o recolherá se a pressão inimiga a tanto obrigar.

No caso de encontro inopinado com blindados inimigos, a A. M. da testa abre fogo imediato sobre as viaturas mais próximas, enquanto as outras A. M. rapidamente se lhe juntam para a auxiliar no combate.

Se as A. M. podem descobrir os carros inimigos sem serem pressentidas, procura-se armar uma emboscada que tenha por fim atingir à mais curta distância possível o inimigo com tiro certo. Se este consegue ser reforçado em blindados, as A. M. retiram a coberto de núvens de fumo. Após a retirada das A. M., os motociclistas procuram local em que possam barrar ou pelo menos dificultar a progressão inimiga segundo os itinerários mais favoráveis a essa progressão. A retirada faz-se assim por escalões com intervenção alternada das A. M. e dos motociclistas. Nunca se deve esquecer que num encontro de blindados, como também acontece no box, o sucesso pertence muitas vezes ao que consegue acertar em cheio o primeiro golpe.

De uma maneira geral julgo ter dado uma idéia, embora sucinta, de como actuam as A. M. nos D. D., em cooperação com os motociclistas.

Revista da Cavalaria

*

A nossa Br. Cav. foi organizada nos moldes da Div. Francesa tipo 1932. É uma unidade mista hipo-auto. O seu comando apresenta dificuldades resultantes das velocidades diferentes dos elementos que a constituem, tendo que se organizar agrupamentos tácticos adaptados às diferentes missões. É muito vulnerável à aviação e pouco rápida pois que, constituindo a cavalaria a cavalo o seu principal núcleo de combatentes, o deslocamento dos elementos hipo é sempre moroso, se o compararmos em rapidez ao dos motorizados e blindados. O seu raio de acção depende das possibilidades das tropas a cavalo que, como já vimos, forma a parte mais importante do grosso da Br. Temos, pois, como média (para uma tropa treinada):

50 kms. para uma etape

100 kms. em 24 horas

200 kms. em 3 dias.

A velocidade média de progressão depende do andamento do cavalo: 6 kms. à hora. Contudo, muitas vezes, recorre-se ao deslocamento rápido da parte motorizada (blindados, motociclistas e transportados) que assegurará a posse de determinado ponto importante num tempo relativamente curto, aguardando o reforço dos elementos hipo cuja deslocação é muito mais morosa.

Com fraca dotação de artilharia (1 G. B. B. 7, 5 T. T. e 1 G. B. O. 10, 5 T. T.) e com um efectivo total que pouco excede o de um Regimento de Infantaria, o seu poder ofensivo ou defensivo anda por um terço da nossa Div. Sendo fraca a sua dotação em artilharia há que reforçar a Br. para o ataque, pelo menos com meios suplementares desta arma.

Desde o momento que a cavalaria apeia para o combate, o seu modo de actuar é o mesmo do da infantaria. Simplesmente os seus meios de fogo são bem menores e menos consistentes que os de uma tropa de infantaria. Êste, costumado a «esmiuçar» terreno, visto dêle depender a sua forma habitual de combater, aproveita-o muito melhor como profissional do fogo que é, do que o cavaleiro, precisamente pela mesma razão por que um infante a cavalo, «normalmente», não tirará

Revista da Cavalaria

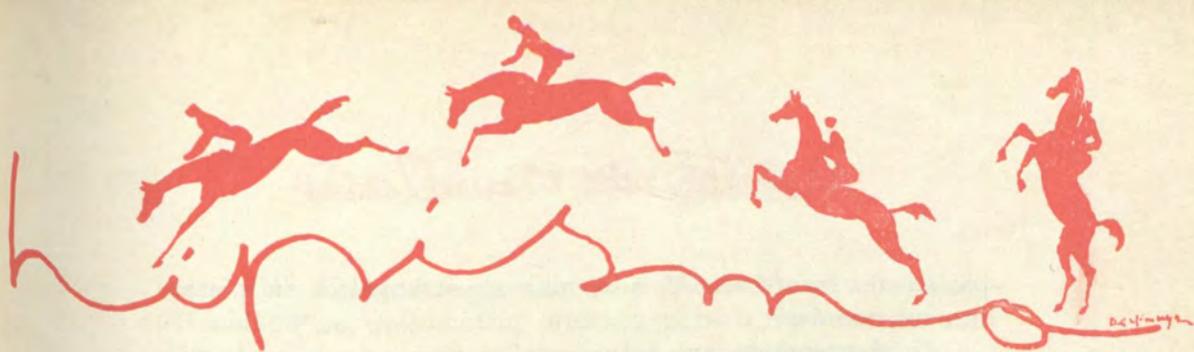
da sua montada rendimento igual ao do cavaleiro. Um é profissional do combate a pé, outro um pouco miliciano no assunto (sem ofensa para a classe).

Sendo a mobilidade a qualidade principal da cavalaria, o seu emprêgo no combate tem especial justificação nos flancos do dispositivo, não só para o cobrir, como porque, tendo ainda espaço livre para manobrar, pode combinar o ataque frontal com a acção torneante, forma esta de proceder que constitui a modalidade tipo dos ataques da cavalaria.

Como se distribuem os meios? Geralmente, o ataque frontal é feito por dois agrupamentos, um com base no regimento motorizado e outro com a de um Regimento de Cavalaria.

Os carros de combate actuam de forma idêntica aos Car. M. de infantaria, neutralizando as resistências que se opõem à progressão dos combatentes a pé. Julgo, contudo, que a sua acção se não poderá comparar à daqueles Car. M. dado que as suas características de maior velocidade que suponho devem ter para acompanharem os deslocamentos rápidos da cavalaria, não permitem fortes blindagens e armamento poderoso. E digo julgo, porque confesso ignorar qual o tipo de carro de combate preconizado entre nós para a cavalaria. O mesmo se aplica às A. M. ; Têm estas ainda o inversor de marcha que as torna iminentemente próprias para a manobra em retirada e que permite os golpes de sonda tão empregados na missão de descoberta? São munidas de rodas ou de lagartas? No primeiro caso podem desempenhar bem o principal papel para que foram criadas, mas agarradas às estradas no combate propriamente dito, o seu valor neste caso é pequeno. Em qualquer hipótese, a sua mobilidade e velocidade devem ser maiores que a dos carros e por isso o seu lugar justifica-se: na reserva prevendo a exploração do sucesso; no agrupamento que executar o ataque torneante; e quando cooperando no esforço principal, cobrindo os flancos do agrupamento que o executar.





Concurso Hípico de Lisboa

pelo Capitão JOSÉ BELTRÃO



1944!!! Chegou finalmente o Concurso Hípico.

Havia razão para esta ansiedade porque se anunciava há muito tempo que os cavalos irlandeses comprados pelo Ministério da Guerra nêle tomavam parte.

Compreende-se essa grande curiosidade e interêsse porque estavamos muito precisados de cavalos de categoria. Os poucos existentes para defender as nossas côres começavam a estar cansados e a necessitar de substitutos.

Teve por isso o Concurso dêste ano uma animação fora do vulgar e assim, o amador do desporto hípico satisfaz a sua curiosidade e pôde fazer as suas previsões; o público, aquêlê que verdadeiramente mantém as competições e onde se encontram as opiniões mais variadas e extravagantes, satisfaz a sua vaidade natural, de ver aquilo que é seu, e o prazer de ter proporcionado aos seus campeões, animais que pelo menos está convencido serem muito bons, e futuras armas

Revista da Cavalaria

para êstes lutarem com os cavaleiros estrangeiros em pistas internacionais.

Evidentemente que êstes cavalos, há poucos dias distribuídos aos seus cavaleiros e ainda pouco trabalhados, não puderam fazer aquêles percursos que a assistência tanto aprecia e que pela sua velocidade e diferentes peripécias dão — a emoção. Mas é facto que se sentia uma certa excitação e nervosismo nas tribunas quando se anunciava um cavalo que tinha a mais que os outros «ser irlandês».

Fazendo, portanto, o balanço geral dos factos a que me referi, podemos concluir têmos ganho um concurso mais animado, e a esperança de futuros com melhores resultados visto haver cavalos e a hipótese de... um novo e bom hipódromo.

Julgo mais oportuno tratar agora dos irlandeses porque a maioria não tomou parte em tôdas as provas.

É indiscutível ser um lindo lote de animais e aqui vão as minhas felicitações para o Depósito de Remonta pela maneira como foram aclimatados e apresentados. Também é justo salientar a forma honesta como estavam trabalhados. Impressionou todos os homens de cavalos, ver 16 animais que entraram pela primeira vez num campo, sem, de uma maneira geral, se negarem aos obstáculos ou fazerem aquêles reparos próprios de debutantes. E é curioso, o único que mostrou algum carácter, tão bem saltado e galopado estava, que ganhou a prova «Ensaio» batendo os tempos todos, enèrgicamente montado pelo Alferes Damião

Isto não quiere dizer que ficamos assim com o nosso problema de cavalos internacionais resolvido porque, repito, apesar de ser um bom grupo em tôda a parte, se dêste saírem 4 ou 5 chamados ganhadores, já considero que tivemos muita sorte e acêrto na sua compra. Se nos lembrarmos que dos 1.000 cavalos, aproximadamente, vindos da Argentina, se apresentaram 50, (com boa vontade) bons saltadores e dêses há — também com boa vontade — 6 ganhadores, ver-se-á que a minha afirmação não é errada. Exactamente, pela diferença na classe, qualidade de sangue e tratamento na criação de uns e de outros, faço uma percentagem diferente.

Não esqueçamos que, com respeito a qualidade de sangue dos cavalos argentinos vieram os *Atucha* e *Unzué*, que são do melhor que há. E se nos lembrarmos da côr da fa-

Revista da Cavalaria

mosa *The Tetrarch* e da sua filha *Muntz-Mahal*, record de velocidade no quilómetro, olhando para o *Raso* encontrar-lhe-emos logo parentesco não muito afastado. Sabemos que D. Saturno Unzué, proprietário do famoso *Grey-Fox* e de outros, gastou quantias fabulosas na aquisição de P. S. I. com as melhores ascendências. É natural que dos P. S. I. que não tinham dado provas para reprodutores para as éguas de P. S. I., muitos fôsem destinados para as que possui nas suas enormes propriedades rústicas.

Cito ainda um caso com percentagem quasi nula. Antes da Guerra, o Governo italiano comprava anualmente 100 ca-



Distribuição dos prémios da prova «Caça»

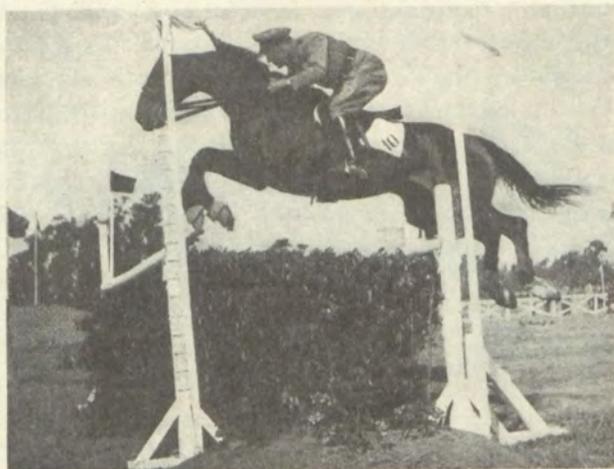
valos irlandeses e quem se lembrar disso não lhe passou certamente despercebido que na equipa raras vezes apareciam destes cavalos, mas sim cavalos do País, com muito sangue. Julgo, de uma maneira geral, serem sempre estes os melhores pela razão de homens e cavalos se criarem na mesma terra. Quero com isto dizer que os melhores cavalos para os italianos são os nascidos em Itália como para os franceses os da França, etc. ... e para os portugueses os de Portugal. «Cada terra, com seu uso»; «Cada roca com seu fuso». Este provérbio faz-me concluir que tem a máxima importância para o bom entendimento entre cavaleiro e cavalo o facto deste ter sido criado e acompanhado por pessoas com as mesmas características daquele e sendo ambos nascidos no mesmo clima, comendo os produtos da mesma terra e be-

Revista da Cavalaria

bendo as mesmas águas, seguramente melhor se compreenderão. Recordando o *Elmo*, o *Hebraico*, o *Avro*, o *Roussi*, o *Vencedor*, a *Dina*, o *Cock-Tail*, o *Cirano*, o *Scott*, etc. ... se melhorarmos as nossas raças alimentando-as bem — somente — e pagando melhor o nosso cavalo talvez fôssemos muito mais longe.

Que me seja perdoado este pequeno desvio, e, continuemos.

Não se julgue pessimismo o que atrás deixo dito mas é bom não sermos muito optimistas e por isso penso ser me-



*Capitão Campos Costa montando o Cavalo Xerez
em que ganhou a prova «Regularidade»*

lhor, por tôdas as razões, adquirirem-se mais cavalos pois é preferível escolher do que procurar e não encontrar.

É difícil ou quasi impossivel classificar e fazer previsões sobre os irlandeses. Não esquecendo o dito do Sr. General Pereira de Eça — a palavra «impossível» deve desaparecer do novo vocabulário — concordando com S. Ex.^a arrisco-me a fazer apreciações sobre aquêles que se apresentaram.

Repito mais uma vez: considero todos os 16 animais com futuro. Para notar, colocados pela ordem do meu exame, são: *Gaza*, *Outão*, *Zézere*, *Zuari*, *Sagres*, *Vouga*, *Ourique*, *Cuamato*, *Xaporá* e *Ribamar*. Ainda manifestaram qualidades para

Revista da Cavalaria

apreciar, não sabendo a altura em que os deva incluir nesta classificação — *Tete* e *Scotch-Queen* — por se apresentarem muito hesitantes.

Os irlandeses da G. N. R. mos raram-se em público quasi na sua totalidade. Devem também ser muito bons. Promete muito a égua *Complexity* e não vai para a escala por estar ainda muito *crua*.

Podem muito bem suceder ter mais tarde de alterar esta ordem e algum aqui não constante dar motivo a deslocações.

Gosto de arriscar, acho interessante haver outras opiniões, dando lugar a discussões e além disso é próprio de



Alferes Calado montando o cavalo Paiol em que ganhou o Grande Prémio de Lisboa

oficial, prever — muito mais o da nossa Arma que é educado a resolver rapidamente as situações complicadíssimas que se lhe deparam na sua vida profissional. Sem prever não se decide «depressa e com acerto».

Gaza e *Outão* manifestaram-se em absoluto dois animais com todos os recursos de concursistas.

Zézere, o cavalo de mais classe do grupo mas com um post-mão que não corresponde ao ante-mão; este facto deve vir a dar alguns desgostos em concursos ao seu cavaleiro. Estilo de galope brilhante e para um Campeonato deve ser extraordinário.

Zuari, *Sagres*, *Vouga* e *Ourique* — bons saltadores todos diferentes e podem ir longe alguns destes.

Revista da Cavalaria

Cuamato — Êste cavalo não o coloquei mais alto na classificação porque o considero muito difícil. Tem grandes faculdades, deve levar tempo a preparar e confiando na competência do seu hábil cavaleiro, quando arranjado, pode dar que falar.

Xaporá — Dos que aqui assinalei é o de menos recursos mas remediando a falta destes com a sua habilidade.

Ribamar — Com faculdades mas demasiadamente frio. Com o devido respeito julgo que não é cavalo para ser parceiro de *Cuamato* porque a monte de um prejudicará a do outro.

Entremos agora pròpriamente no assunto que a amizade de um camarada — outra razão não pode haver — levou a convidar-me a elaborar êste trabalho.

Felicito todos os ganhadores porque montaram muito bem. Muitas vezes o espectador critica uma intervenção



A equipa espanhola que disputou a «Taça de Ouro»

mais forte, uma posição que não é académica, etc... mas se considerarmos que quem monta nesta modalidade de provas tem só um fim — ganhar — essa preocupação justifica tôdas as incorrecções.

O cavaleiro de obstáculos é um lutador e não um modelo — uma coisa é inimiga da outra. Quem ganha montou sempre bem.

Dizia Baucher: «Deixemos o centro de gravidade em paz». Digo eu: não importunemos sem necessidade, a «dona meia

Revista da Cavalaria

paragem». A meia paragem — deslocação do pêso para a retaguarda — em percurso e para ganhar — raras vezes ou nunca é exequível. Num galope tão rápido — por consequência com tanto pêso nas espáduas — não é possível fazer essa tão desejada translação de pêso como deve ser. O cavalo, nesse momento preocupadíssimo com outras coisas, por mais arranjado que esteja não cede. O que se dá na prática é a realização de uma vibração por vezes forte — depende do cavalo e da sua sensibilidade — para naquela velocidade se chamar a atenção do animal para um vertical ou para um salto de varas iguais. Da intervenção do assiette e espora,



A equipa portuguesa que disputou a «Taça de Ouro»

para compensar a impulsão perdida, nada menciono por todos saberem a sua necessidade neste momento.

Por consequência, aqui está a minha absolvição e aprovação para quem fez essas vibrações que não são precisas em cavalos raros e extraordinários. Por cada mil existirá talvez um destes animais possuidor de tôdas as qualidades para o fim em vista.

Faço uma referência especial ao Capitão Barrento que montou o difícil *Raso* magistralmente. Poderá este cavalo ser um grande saltador mas já não tem a mesma categoria como concursista; logo é um animal muito ingrato para o seu cavaleiro, representando os resultados tirados até aqui uma forma de montar muito sensata e inteligente.

Revista da Cavalaria

A revelação em cavalos foi o *Xerez*. É um bom saltador mas talvez um pouco lento. Foi primorosamente montado pelo Capitão Helder Martins, que não precisa dos nossos elogios, e, se assim não procedesse, admiraria todos.

O Capitão Campos Costa em nada desmanchou a impressão que o Cap. H. Martins deixou do excelente cavalo ganhando francamente bem a Prova Regularidade.

É com grande prazer que constato as melhoras na monte do Capitão Spínola, cavaleiro de grande energia e vontade de vencer aproveitando brilhantemente o seu *Belver* e dando esperança de fazer o mesmo no generoso *Ursus*.

Ao Alferes Calado, se bem que desejemos continuar a ver tirar partido dos cavalos que monta (destaco as suas ex-



Maria Pinto de Azevedo montando o cavalo Barrufo em que ganhou a prova «Diana»

celentes montes no magnífico *Paiol do Grande Prémio e Taça de Honra*), pedimos-lhe para deixar algo para os outros cavaleiros. As minhas sinceras felicitações pelos resultados obtidos ao cavaleiro que marca uma forte personalidade na sua forma de montar. Não era preciso olhar para quem montava os dois irlandeses *Vouga* e *Zuari* para se assegurar que eram conduzidos pelo Alferes Calado.

A equipa espanhola entrou com o pé esquerdo em Portugal chegando a Lisboa com dois dos seus melhores cavalos

Revista da Cavalaria

inutilizados temporariamente e com o cavaleiro mais bem montado de forma tal que só fez um percurso.

Apesar da sua «malapata» deixaram melhor impressão os Tenente-Coronel Letona, Comandantes Somala e Nogueiras, Capitães Kirpatrik e Gavillan nossos velhos amigos a quem não faço merecidas referências, por serem sobejamente conhecidos tanto como distintos oficiais como brilhantes cavaleiros. O Comandante Bulnes que veio pela primeira vez, tinha o melhor cartão de visita que pode ter um militar — as condecorações que quem veste uma farda desejaria possuir — e como cavaleiro mostrou-se digno dos seus camaradas. Interpretando a forma de pensar de todos os cavalei-



Distribuição dos prêmios da prova «Juventude»

ros portugueses faço votos para que voltem e tragam melhor sorte para a outra vez.

Vem agora a propósito, depois de me referir à infelicidade da equipa espanhola, tratar da Taça de Ouro. Ganhou muito bem a nossa equipa a Taça que ficou em Portugal definitivamente. Um «bravo» sincero aos nossos que tão bem ganharam e pena foi que a equipa espanhola estivesse fatal. Não é tão agradável a vitória quando a luta decorre assim.

Entraram os cavaleiros espanhóis com os seus cavalos e cavaleiros todos trocados; não é necessário mostrar quais os inconvenientes destas mudanças em provas desta responsabilidade.

Revista da Cavalaria

Os percursos, de uma forma geral em todo o Concurso estavam bem feitos mas talvez um pouco baixo o nível para a sua categoria. As banquetas bem construídas não deram acidentes dignos de menção e raros foram os que não simpatizaram com elas. Não sendo novidade, é curioso notar que estando os percursos mais fáceis do que no ano passado, bem marcados e com melhor seqüência, devido talvez aos movimentos da Terra ou a outro factor de tal transcendência, que não sabemos explicar, registou-se menor número de percursos limpos.

Propositadamente ficou para o fim a Prova «Diana» e a Prova «Juventude». Ganharam-na muito bem a Sr.^a D. Maria Pinto de Azevedo e Oliveira Chaby. Montaram com a maior coragem e decisão e por isso tiveram os loiros da vitória.

Como antigo «menino da Luz» é com prazer que felicito o Capitão Reis e seu ajudante o incansável e decidido Alferes Moraes pela forma como apresentaram o Grupo dos Alunos do Colégio Militar.

Resta-me aplaudir com o maior entusiasmo a ilustre Direcção da S. H. P. pelo acerto e brilho com que organizou mais este Concurso Hípico. Espero que todos continuem na posse dos seus cargos para têmos a garantia de que o de 1945 será melhor.

Termino lembrando a todos, incluindo-me a mim próprio, a necessidade de continuarmos a trabalhar ainda com mais entusiasmo para que possamos honrar as tradições da nossa Cavalaria com a mesma galhardia dos nossos antecessores.



Jornaes revistas livros

A ENGENHARIA NA DIVISÃO COURAÇADA

pelo Tenente-Coronel do E. M. José Angosto
do E. M. C.



Os magníficos resultados conseguidos pelas Grandes Unidades Couraçadas, devem-se, em grande parte, à velocidade com que desenvolvem a sua acção. A rapidez, característica desta Grande Unidade, não se baseia apenas na velocidade dos seus veículos, mas também:

1.º — Nas transmissões — O Comando da Divisão deve receber a informação dos seus grupos de exploração com o tempo necessário para poder tomar a sua decisão, dar ordens oportunas e executar a acção projectada. Na Grande Unidade Couraçada, dadas as grandes distâncias a que operam os seus grupos de exploração (no deserto chegaram a distanciar-se 100 kms. dos seus grossos), e pelas contínuas mudanças de situação, próprias da grande mobilidade destas unidades, se uma ordem se atrasa um pouco é mais que provável que não possa ter execução quando recebida; por isso o problema das ligações tem aqui uma importância capital.

É necessário dispor de estações de rádio de grande alcance para a ligação do Comando da Divisão com a Aviação de reconhecimento afecta à Grande Unidade, com os grupos de exploração e com os comandos subordinados. *O Comando de uma Grande Unidade Couraçada exerce-se, principalmente, com a rádio.*

2.º — Na rápida reparação das destruições realizadas pelo inimigo e no levantamento dos obstáculos anti-carro — Compete à Engenharia impe-

Revista da Cavalaria

dir que a marcha da Divisão Couraçada seja retardada por destruições ou obstáculos colocados pelo inimigo sôbre as vias de comunicações ou sôbre o terreno que deve atravessar; deve igualmente facilitar a esta Grande Unidade a passagem dos cursos de água cujas pontes tenham sido cortadas.

Ligação e transmissões

Do funcionamento das estações de rádio depende em grande parte o êxito da acção empreendida por uma Grande Unidade Couraçada. É preciso ter presente a facilidade que representa para os postos de escuta inimigos a captação das mensagens e ordens transmitidas pelas estações de rádio. Na campanha africana, os alemães basearam muitas vezes os movimentos tácticos das suas fôrças nas informações proporcionadas pelas mensagens das estações avançadas inglesas de rádio, que eram captadas por um excelente serviço de escuta. Por isso os ingleses recomendavam ao pessoal da rádio para que antes da emissão de qualquer despacho tivessem o maior cuidado em verificar se essa mensagem poderia fornecer qualquer dado de valor ao inimigo. Deve partir-se do princípio que o inimigo escutará tôdas as palavras que se digam, e é preciso não esquecer que uma grande parte das comunicações pode ser captada e dada a conhecer ao Comando inimigo antes que tenham passado dez minutos sôbre a sua transmissão. Por isso, sempre que o tempo disponível o permita, devem enviar-se as ordens por intermédio de oficiais de ligação em veículos ligeiros.

Apesar do exposto, pela rapidez de acção, que é característica das Grandes Unidades Couraçadas, podem-se transmitir ordens em linguagem clara sempre que possam ser levadas a cabo num tempo tal que não dê lugar à reacção do inimigo. Os alemães, que baseiam tôdas as suas operações na velocidade, enviam muitas mensagens em claro.

É conveniente que os postos de Comando, depois de transmitirem uma mensagem grande, mudem de comprimento de onda a fim de evitar serem localizados pela intercepção radiogoniométrica e bombardeados pela aviação ou artilharia inimigas.

De quanto fica dito se deduz a necessidade de uma minuciosa organização das transmissões e a necessidade de que a Divisão Couraçada disponha de um pòsto de escuta.

A radiotelefonia, como meio de ligação das Unidades Couraçadas, é tão importante que todos os oficiais e a maior parte dos sargentos devem conhecer bem o seu emprêgo.

A Divisão Couraçada italiana dispunha de uma Companhia de transmissões, composta por um Pelotão de telegrafistas, e dois Pelotões de radiotelegrafistas.

O Pelotão de telegrafistas dispunha de 40 kms. de cabo telefónico; a ligação telefónica é vantajosa nas situações estabilizadas, dadas as vantagens da sua maior discrição.

Revista da Cavalaria

Os dois Pelotões radiotelegrafistas dispunham das seguintes estações de rádio:

— Três para a ligação com as dos veículos blindados de exploração. As estações-rádio destes veículos, no Verão de 1942, tinham apenas o alcance prático de 30 kms., e por isso não era possível manter a ligação quando o grupo ou destacamento de exploração tinha que actuar a maiores distâncias. Para a ligação com as Unidades de exploração é preciso dispor de estações com o alcance mínimo de 80 kms; tanto os alemães como os aliados dispõem delas;

— Dez para a ligação com os Agrupamentos em que normalmente se fracciona a Divisão. A ligação média teórica destas estações era de 40 a 50 kms. em grafia e de 25 a 30 kms. em fonia, porém na prática resultavam muito inferiores;

— Dois para a ligação com a Aviação de informação (terra-avião e avião-terra) com o alcance de 100 kms. em grafia e de 80 kms. em fonia.

— Um posto de escuta para os aparelhos em voo;

— Para a ligação com as Unidades de Carros, dispunha de estações análogas à dos carros de rádio, e mais dois destes carros, que serviam ao mesmo tempo para a protecção do posto de Comando.

Durante a presente guerra apareceu a necessidade de dispor de meios fáceis e rápidos de transmissão que possam transmitir e receber em marcha, sem as dificuldades técnicas que apresentavam tôdas as estações da Divisão Couraçada italiana à excepção das dos carros centro-rádio, o que é contrário (pela enorme perda de tempo) às exigências de uma Grande Unidade Couraçada.

É preciso dispor de estações-rádio montadas em camionetas, com um motor ou corpo electrogéneo para alimentar os acumuladores, com as quais se pode transmitir e receber sem necessidade de as desmontar das camionetas; pelo menos que permitam fazer a chamada em movimento e que só para transmitir se tenha de parar o veículo, pois sabe-se que as estações quando paradas têm um alcance duplo.

As estações de rádio italianas destinadas à ligação entre e com os carros funcionaram bem em movimento, mas o seu alcance revelou-se insuficiente. Pela grande importância que no combate das unidades de carros tem para o Comando a ligação-rádio, é necessário instalar racionalmente as estações no interior dos carros — centro-rádio, ainda que se reduza a potência ofensiva dos mesmos, já que a missão principal destes carros é a de assegurar a ligação.

Sapadores mineiros da Divisão Couraçada

A Divisão Couraçada italiana contava, no Verão de 1942, apenas com uma Companhia de sapadores mineiros, transportada em camiões ou camionetas vulgares. Esta Companhia era insuficiente para as necessidades da Grande Unidade, e por isso durante as operações tornou-se neces-

Revista da Cavalaria

sário atribuir-lhe uma das Companhias de sapadores de assalto de que dispunha o Corpo do Exército.

As Divisões Couraçadas dos restantes países contam com mais meios para os trabalhos do campo de batalha, e principalmente, das vias de comunicação; em geral dispõem de um Batalhão, unidade que se considera necessária para as necessidades de uma Divisão Couraçada.

As Unidades de exploração devem fazer-se acompanhar por elementos de Engenharia, a fim de poderem com tempo suficiente reparar as destruições e desembaraçar de obstáculos o terreno por onde terá de marchar a Divisão Couraçada. Uma das suas principais missões é abrir caminho através dos campos de minas ou assinalá-los; para isso vão munidos de pesquisadores de minas. Para a localização dos campos de minas, dispõem os ingleses de «Comandos para as minas» adstritos a tôdas as Unidades, transportados em carros de combate sem torrêta ou sobre meios blindados de transporte. Os ingleses e americanos dispõem de veículos ligeiros blindados para a Engenharia que tem de marchar com as Unidades de exploração.

Os Agrupamentos de exploração italiana têm um Pelotão de sapadores-pontoneiros para reparação de caminhos, construção de pistas de desvio e para a passagem de cursos de água com meios descontínuos.

Com frequência acontece serem de tal qualidade os obstáculos encontrados pelos elementos de Engenharia que marcham com as Unidades de exploração que se torna necessária a ajuda de outras Unidades de Engenharia da Divisão.

Com as Unidades avançadas dos carros de combate devem marchar também Unidades de Engenharia. Os alemães atribuem à Divisão Couraçada uma Companhia blindada de Engenharia destinada a operar com o Regimento de Carros, cuja cooperação com as outras Unidades da Divisão Couraçada é considerada excepcional. Os alemães utilizaram, a princípio, para o seu transporte, carros ligeiros antiquados e outros veículos blindados. O emprêgo destes veículos permite à Engenharia seguir muito de perto as Unidades de carros, mesmo durante a batalha; êstes veículos, pela sua blindagem ligeira e escassa potência de fogos, necessitam ser protegidos pelas armas dos carros de combate.

Além desta Companhia blindada, a Divisão Couraçada deve dispor de uma Companhia de pontes (esta talvez pudesse estar affecta ao Corpo de Exército moto-couraçado) e de outras Companhias de Engenharia que possam ir sobre camiões vulgares.

A Companhia de pontes deve levar o material necessário para a construção de uma ponte de assalto que permita a passagem dos carros mais pesados da Divisão Couraçada. Para isso dispõe de uma série de barcos de assalto e de elementos para a construção da referida ponte. Esta ponte é desmontada logo que passe a Divisão Couraçada, e substituída por outra das Unidades de Corpo de Exército, ficando assim livre para atender a futuras necessidades daquela Grande Unidade.

O Batalhão de Engenharia da Divisão Couraçada norte-americana conta com uma grande quantidade de veículos mistos de rodas e cremalheiras, veículos blindados de exploração, veículos ligeiros de comando

Revista da Cavalaria

e ligação, motocicletas, veículos de carga, reboques para a Companhia de pontes e outros veículos especiais.

Elementos de Engenharia marcham sempre com o Grupo de exploração e com as unidades de carros.

Missões da Engenharia

Durante o avanço — A reparação de tôdas as destruições realizadas pelo inimigo e a limpeza das barragens anti-carro que êle tenha organizado. Uma das suas principais missões será a de abrir caminho através dos campos de minas. Pode ainda, quando seja possível, preparar pistas de desvio nas zonas em que a reparação das destruições leve muito tempo.

Durante o ataque — As missões que no combate moderno são atribuídas normalmente aos sapadores de assalto, devem ser levadas a cabo por Pelotões de Engenharia dos Batalhões de carros e dos Batalhões de Infantaria, e pela Companhia blindada de Engenharia.

No ataque da praça forte de Tobruk, levado a efeito pelas Divisões Couraçadas do *Eixo*, a Engenharia da Divisão Couraçada foi encarregada de abrir caminho à Infantaria através dos campos de minas, vedações de arame farpado e fossos anti-carro. A fase da preparação do ataque (acção breve e violenta da Artilharia e Aviação) foi aproveitada para destruir as defesas inimigas. Depois, protegida pela acção da Artilharia Couraçada e das Baterias ligeiras, começou o seu trabalho. Na Divisão Couraçada italiana falava-se em atribuir duas pontes a cada Batalhão de carros para a passagem dos grandes fossos anti-carro; porém, não se dispunha naquela ocasião desse material, razão por que se determinou que os fossos fôsem destruídos por tiros de artilharia sôbre as suas paredes, ou pela Engenharia por meio de cargas explosivas, que fizessem voar as paredes de cimento dos referidos fossos.

No caso dos carros de combate só encontrarem ligeiras resistências, os elementos blindados de Engenharia devem marchar com a primeira vaga de carros.

Outras missões da Engenharia:

— Destruições e barragens anti-carro contra forças couraçadas inimigas na manobra retardadora.

— Destruir todos os meios couraçados inimigos abandonados sôbre o campo de batalha que não tenham ficado completamente inutilizados. Esta é uma missão importante e urgente da Engenharia, pois nas flutuações correntes da luta entre meios couraçados, o terreno pode mudar de dono, tornando possível ao inimigo a reparação dos carros que tenham ficado com ligeiras avarias.

— Reparar ou preparar rapidamente campos para a Aviação de caça de informação ou de assalto, já que isto contribui para facilitar a tão necessária cooperação com a Aviação. É claro que só se trata apenas de reparações provisórias que deverão ser continuadas por outras Unidades.

— Captação de águas, construção de depósitos, etc.

Revista da Cavalaria

Tôdas as missões expostas tornam necessário que os elementos de Engenharia da Divisão Couraçada, levem consigo muito material, que pode variar segundo as situações.

Os campos de minas

Os campos de minas constituem o maior elemento retardador no avanço das Divisões Couraçadas, sendo além disso causadores de muitas baixas, principalmente quando se pretende atravessá-los de noite. Os ingleses fizeram um grande emprêgo de minas na Libia, onde os campos de minas se estendiam por quilômetros e quilômetros. No entanto a passagem das fôrças do *Eixo* foi facilitada pelas indicações nos postes, que se encontravam antes de chegar aos referidos campos, como esta: «Perigo; a duas milhas, campo de minas» e por se encontrar a passagem assinalada por bandeiras, barricadas vasias e por outros meios impossíveis certamente de inutilizar na retirada. De qualquer maneira, a passagem dos campos de minas por corredores tão estreitos retardou a progressão alemã.

Tem-se falado no emprêgo da Aviação para o rebenamento de minas, abrindo caminho aos carros. Também a Artilharia pode ser utilizada na referida missão para o que se tornam necessárias muitas munições; porém, o meio normal são os sapadores de assalto, protegidos pelo fogo da própria Artilharia.

L. R.

Ejército — Julho, 1944.



Actualidades Gráficas

Aspectos da campanha de França

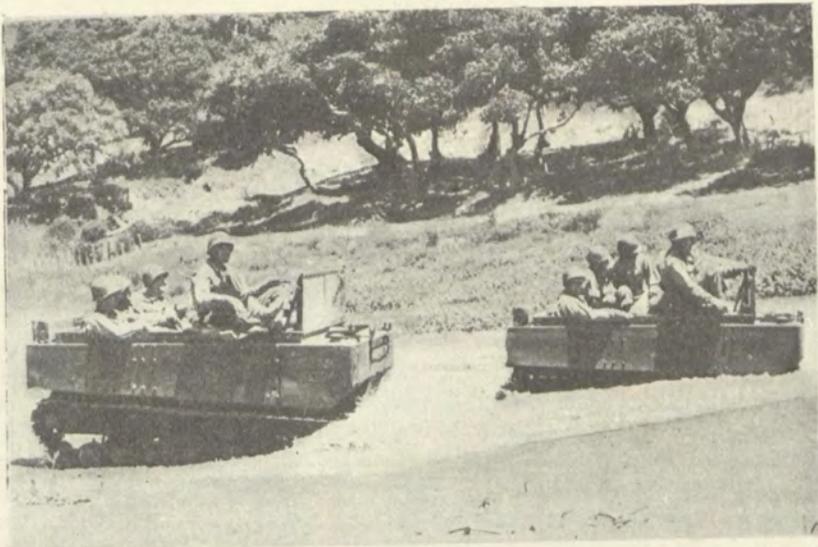


Um avião de transporte americano levantando vôo de um aeródromo do litoral da Normandia



Desfile de tropas americanas e francesas em Cherburgo, após a tomada desta cidade

Aspectos da actividade do Exército Americano



Modernos veiculos ligeiros de transporte do exercito americano, sulcam um lago, num campo de experiências. Estes veiculos que são designados por M-29, e conhecidos pelo nome de «Doninhas», apresentam apreciáveis possibilidades em terreno variado



Desembarque de uma coluna mecanizada americana nas Marianas (a 4kms. de Saipan). A estrada que a coluna mecanizada está tomando, foi preparada por máquinas escavadoras, que desembarcaram antecipadamente para êsse efeito. Na fotografia observa-se uma dessas máquinas em acção

Aspectos da Frente Leste



A ARTE E A GUERRA — *Quadro «A infantaria alemã avança sob a proteção dos tanques» executado na frente Leste com modelos reais*



FRENTE LESTE — *Novo veículo TT do exército alemão*

Aspectos da Frente Italiana



Peça de 37^{mm} da D. C. A. alemã, aplicada na D. C. B. de uma estrada



FRENTE ITALIANA — Bateria de D. C. A. alemã em acção, durante uma batalha que se está desenvolvendo em Itália



DEFENSIVA COM MEIOS REDUZIDOS

Ten.-coronel de Cav. do S. de E. M.
Gonzalo Fernández de Córdoba y Parrella

É idéia admitida na arte da guerra que, para derrotar o inimigo é preciso ser-lhe superior num dêstes três elementos, igualando-o, pelo menos, nos outros dois: fôrça material, fôrça moral e técnica.

A fôrça moral pode ser decomposta em: vontade de vencer, espírito combativo e abnegação.

A fôrça material em: homens, armamento, máquinas de guerra meios auxiliares e abastecimentos de todos os gêneros.

Consideremos uma nação que se sabe possuidora de uma fôrça moral superior em tôdas as matizes à de qualquer outra, por o ter demonstrado a si mesmo em muito diversas e difíceis ocasiões, cuja técnica iguala a qualquer outra e cuja fôrça material, se bem que suficiente em homens, é fraca em armamento e meios auxiliares e quási nula em máquinas de guerra nas suas três principais formas de navios, aviação e carros de combate.

¿Há-de considerar-se êste país de antemão vencido, numa luta desigual que não foi provocada por êle?

Se está preparada convenientemente, julgamos que não e vamos tentar demonstrá-lo.

Em primeiro lugar, hoje em dia, nenhum acontecimento verdadeiramente importante passado num país, deixa indiferente os outros ainda que estejam a milhares de quilômetros de distância.

A uns interessa pelo próprio e natural egoísmo, favorecer o desenrolar do acontecimento em questão, a outros, e pela mesma razão, contrariá-lo.

Logo, se êste acontecimento é uma ameaça de guerra ou uma guerra, êsse país terá em potência uma serie de aliados, e o seu inimigo, o mesmo;

Revista da Cavalaria

haverá também algumas nações que por não verem claro, de momento, o seu interesse particular no conflito, se apresentarão como possíveis neutrais.

Se a nação de que estamos tratando, conhece a fundo o momento geo-político mundial, poderá aquilatar com justeza a direcção e força das ameaças que se cerram sobre ela; poderá ainda prever quais serão os seus prováveis aliados, quais os do seu inimigo e quais os neutros, e assim já temos com toda a clareza o caminho a seguir na preparação para chegarmos, inclusivamente, a vencer o inimigo poderoso.

O primeiro passo a dar será comprometer os futuros aliados para que acudam rapidamente e sem reservas em seu socorro, retardar, quanto possível, a ajuda que os supostos aliados do inimigo lhe possam prestar e procurar que os prováveis neutros deixem de o ser, a seu favor, ou pelo menos lhe prestem toda a ajuda possível em meios auxiliares.

Quere dizer, acção política e diplomática que só nos interessa deixar apontada por nos permitir apresentar este princípio: Pouco tempo depois de começada a luta deverão receber-se poderosos auxílios exteriores.

Isto reduz o problema da cobertura, no qual se procura ganhar tempo com o maior desgaste do adversário e o menor número de baixas próprias que seja possível, lutando com um inimigo que domine o mar e o ar, e tenha superioridade em terra.

A primeira manifestação bélica do atacante consistirá — aproveitando a sua superioridade aérea — numa forte série de bombardeamentos, que procurarão desorganizar a defesa mediante a destruição dos órgãos de comando, directivos e de transmissões; impedindo os movimentos de tropas e abastecimentos pela destruição de nós de comunicações, pontes, etc.; paralizzando a vida do país pela destruição de fábricas e depósitos e por último, debilitando o moral e a capacidade de trabalho, e com ela, a potência de resistência, por ataques de terror aos centros populacionais mais importantes.

Conhecida a forma como será descarregado o primeiro golpe, fácil será deduzir as contra-medidas que convirá adoptar, tendo em conta que será preciso pô-las em prática em poucos dias, ou até mesmo em poucas horas, pois é provável que o lapso de tempo entre a fase de tensão e a dos factos seja muito curto.

Em primeiro lugar, há que ter de antemão preparada e estudada até aos seus mais pequenos detalhes uma organização de Comando superior, completamente distinta da usual em tempo de paz, com postos de comando colocados em pontos que poderemos classificar de «atraentes» para a frota aérea inimiga, organização servida por uma completa rede de transmissões própria e independente da rede geral do país.

Nesta organização, cada escalão receberá uma ordem clara e concreta que especifique a sua missão, ordem em que adquire uma importância excepcional a epígrafe dedicada à atitude que deverão tomar — no caso de se verem isoladas do escalão superior — os laterais ou inferiores, única forma de se conseguir nas mais adversas circunstâncias, uma actuação harmónica, e de conjunto, na defesa geral.

Revista da Cavalaria

Para contrabater as destruições nas comunicações, há que ter previstas e estudadas uma série de itinerários de recurso que, aproveitando ao máximo as estradas e caminho de ferro cujos traçados ficaram utilizáveis, permitam a todo o momento manter o tráfico nocturno.

Por outro lado, deverão designar-se os pontos de concentração das Unidades, quanto possível a um dia da marcha dos seus aquartelamentos normais, em locais que se prestem à ocultação, exigindo-se-lhes, desde que se comece a temer a agressão, a mais rigorosa e rígida disciplina de dissimulação.

Organizar-se-ão em lugares adequados, numerosos e pequenos depósitos de víveres, munições e material, para impedir que um impate de sorte cause destruições difíceis de substituir.

A destruição de fábricas poderá ser compensada, em parte, mediante a organização de equipas de salvamento e trabalho ou ainda, o que é mais importante, por importações vindas de aliados e neutros.

Os ataques de terror, que hoje estão demonstrando não conseguirem todos os fins em vista, são suavizados pelas diversas modalidades da defesa passiva.

Quere dizer, a verdadeira defesa contra a Aviação inimiga consiste em a desorientar, empregando a fundo a dissimulação e a ocultação. É muito difícil precisar qual, entre várias casas isoladas no campo, é um posto de comando, a não ser que várias filas de veículos ou de homens entroncando-se, o denunciem.

A segunda manifestação bélica do adversário, coincidindo ou não no tempo, com o princípio da anterior, será a invasão, o verdadeiro ataque, quer atravessando fronteiras terrestres quer desembarcando; e no caso que estamos estudando, tanto uma como outra teriam êxito inicial; e ainda mais, em caso de desembarque chegaria o atacante a ocupar um pôrto importante, condição indispensável para que o desembarque se possa considerar consolidado.

Esta segunda fase seria apoiada por importantes descidas em pára-quedas e planadores que provocariam a luta em vários pontos ao mesmo tempo, e, vários pontos não situados em linha recta determinam uma superfície e não uma linha.

Dos dois parágrafos anteriores deduz-se — afirmação que já pertence ao domínio da vulgaridade — que o conjunto de exércitos luta num volume, emprega as três dimensões para se mover e para lutar (aviões com cota positiva; submarinos com cota negativa).

O Exército de terra luta numa superfície, empregando simultaneamente duas dimensões para se mover e combater; por isso, hoje em dia, e precisamente pelo emprêgo da mecanização, da enorme percentagem de máquinas de guerra que voltaram a dar mobilidade à guerra, a palavra «frente» poderá empregar-se unicamente para nos referirmos ao local

Revista da Cavalaria

onde se luta; porém, nunca com o seu antigo e verdadeiro significado linear de linha de contacto.

Naturalmente que este conceito de superfície de luta é aplicável aos dois contendores e tanto para a ofensiva como para a defensiva; por isso a muralha da China, as trincheiras da Grande Guerra, e a linha Maginot se converteram de novo em castelos feudais sábiamente escalonados no terreno.

Voltámos, portanto, ao antigo conceito da guerra: praças fortes donde partem e aonde se acolhem as colunas. As praças fortes foram substituídas por zonas fortificadas, onde o terreno mais defendido da aviação e dos carros, lhes permite conservar os meios necessários para alimentar o combate, ou recolher as tropas, se fôr necessário, para se reorganizarem ou procurarem protecção.

O terreno quando sábiamente organizado protege-nos, se fôr montanhoso, contra a aviação e contra os carros de uma maneira formidável. Vejamos um exemplo na conquista de Creta.

Em 20 de Maio lançaram os alemães, segundo parece, uns três mil paraquedistas sobre a ilha, os quais, apesar das graves baixas sofridas, cercavam em 21 os aeródromos de Rethymnon e Candia e a cidade de Canea, e ocupavam o aeródromo de Maleme; porém, os defensores dominavam o campo com o fogo das suas baterias colocadas nas alturas de Hag Marina, a uns 6 kms. a E. do aeródromo.

Pois apesar do domínio absoluto do ar por parte dos alemães e do enorme número de bombardeiros postos em jôgo, não conseguiram calar as baterias nem utilizar à sua vontade o campo, tendo-se visto obrigados a desembarcar nêle o primeiro Batalhão de Montanha do Regimento n.º 85, com transportes aéreos que, segundo o testemunho de um oficial da Artilharia inglesa, aterravam de 3 em 3 minutos e dos quais cerca de metade foram dizimados pela Artilharia.

Este Batalhão, sem mais armamento do que o individual e as metralhadoras, conseguiu em poucas horas eliminar a Artilharia inimiga, e portanto, deixar o campo de Maleme na posse dos alemães, ficando assim e a partir daquele momento assegurada a posse da ilha.

Parece, portanto, poder afirmar-se que perante posições de montanha bem escolhidas e organizadas, as armas navais ficam totalmente eliminadas e as máquinas aéreas e terrestres de guerra perdem aproximadamente 80,0/0 da sua eficácia, com o que a suposta nação de que estamos tratando ficaria em condições de resistir por muito tempo em determinadas zonas do seu território e de apresentar ao inimigo problemas de muito difícil solução.

O estudo do terreno deve ser profundo e principalmente consciente; é necessário saber apreciá-lo no seu verdadeiro valor e fugir a deixarmos-nos suggestionar pelas suas características defensivas; este é um tremendo erro que pode conduzir-nos a fatais e irremediáveis resultados.

O Alto Comando francês classificou o território das Ardenes como impenetrável às «panzer» e por isso entregou a sua cobertura a umas divisões de Cavalaria, das quais se esperava conseguir um prazo de, pelo menos, 5 dias para concentrar e deslocar sobre o Mosa.

Revista da Cavalaria

As montanhas jugoslavas também foram classificadas como impenetráveis aos elementos mecanizados inimigos, e apesar de oferecerem o caminho mais livre até Belgrado, e apesar de atrás delas se abrirem as principais vias de penetração sobre a Grécia, tentou-se defendê-las pelos processos clássicos de 1914. O resultado não se fez esperar.

Este desconhecimento sobre as possibilidades do adversário, conduz a sérios desastres de fatal transcendência e influência sobre o resultado das batalhas que preludiaram.

É, pois, indubitável, que hoje, para estudar o terreno não basta olhar na nossa frente (conceito linear) mas sim olhar à roda (conceito de superfície), sem esquecer freqüentes miradas para o céu (conceito de volume), tendo em conta que qualquer via de penetração menos presada, por insignificante que pareça, pode produzir surpresas muito desagradáveis e conseqüências irreparáveis. O ar é uma via de penetração.

Outro facto novo, fundamental e decisivo da guerra actual é que os sentimentos, as fronteiras espirituais, estão sendo rebaixadas pelas idéias, e assim vemos, com raríssimas excepções, se é que há alguma, que todos os beligerantes tanto na sua primeira divisão em dois grandes grupos opostos, como nas sub-divisões correspondentes aos diferentes campos de luta locais, mantêm nas suas fileiras voluntários do campo oposto. Assim vemos na Itália franceses e italianos contra alemães e italianos, e na Rússia, franceses e russos ao lado dos alemães contra russos e polacos, o mesmo se observando nos Balcans, na Índia, China, zonas ocupadas da Europa, etc.

Daqui podemos tirar a interessantíssima conclusão de que se devem prever, em todos os casos, possíveis simpatias até do invasor; simpatias que podem chegar a traduzir-se em factos, principalmente de informação e até de sabotagem.

Quanto à sabotagem é fácil de evitar a sua importância, mas a informação terá sempre um valor real para o inimigo, sendo por isso conveniente evitá-la com energia.

*

Do exposto conclui-se que uma nação que tenha uma estreita faixa fronteira com o seu provável agressor, poderá tentar tapá-la com êxito se for capaz de organizar um «tampão» de muitos quilómetros de profundidade, e de aniquilar os desembarques aéreos que se produzam por detrás desse «tampão»; porém, para uma nação que tenha muitos quilómetros de fronteiras marítimas e terrestres, o pior que ela pode fazer é tentar defendê-las na sua totalidade (tal como a Polónia o procurou fazer) pois assim será fraca em toda a parte, e já demos a nossa opinião sobre a vantagem de se ser forte num ponto e no momento preciso, para evitar o primeiro êxito no desembarque ou na rotura, com o grave inconveniente que traz sempre uma derrota inicial.

Revista da Cavalaria

Bastará, portanto, organizar no perímetro da nação, com elementos auxiliares que podem ser civis, e nunca com elementos do exército activo, uma rede de observação. cujo único fim será avisar da presença de forças inimigas.

Este alarme terá efeitos imediatos: um, pôr em marcha a execução do plano de destruições preparado; outro, orientar as reservas, que deverão ser constituídas pela melhor e maior parte do Exército.

O plano de destruições deve ter dois fins; um, dificultar a progressão do inimigo em determinadas direcções, e outro dirigir o seu avanço, canalizar a sua progressão até determinados pontos onde sejam eficazes os fogos das armas dos defensores ou os efeitos dos contra-ataques; quere dizer, facilitar a progressão do inimigo em determinadas direcções.

Com o primeiro dêstes objectivos obteremos um primeiro ganho de tempo necessário para o movimento das reservas; com o segundo procurar-se-á atrair o inimigo a campos de combate ou de batalha previamente escolhidos e preparados.

O plano de destruições, sempre apoiado pelo fogo, deve ter uma grande profundidade e não permitir o seu envolvimento.

Apesar das dificuldades mais ou menos largas que se tenham conseguido impor à progressão do inimigo, este chegará fatalmente ao contacto com alguma ou algumas das zonas fortificadas que constituem a verdadeira chave da defesa, e aqui, perante posições, ante as quais os elementos coraçados e a aviação perdem 80 % da sua eficácia, será preciso empregar a fundo a Infantaria; porém, não a sua Infantaria normal, mas outra formidavelmente compenetrada do seu valor combativo, pois acostumada a actuar constantemente apoiada por um verdadeiro caudal de máquinas de guerra, sofrerá um forte abalo moral ao ver-se desamparada.

Pelo contrário, o defensor, que se sabe inferior em poder material ao do seu adversário, encontra-se repentinamente em igualdade ou quasi igualdade de condições em referência ao seu inimigo e numa situação táctica de superioridade.

Se o invasor necessita de se apoderar das posições defensivas para continuar a desenvolver o seu plano, principiará uma luta de duração impossível de prever, como se viu em Itália nos episódios de Cassino e Nétuno, com o que se consegue ganhar o espaço de tempo necessário para tornar possível e efectiva a intervenção dos países amigos.

É possível que a invasão decida desprezar essas posições e continuar o seu avanço torneando-as, e ainda que isto seja difícil, partamos do princípio que assim é, e que as colunas inimigas, ou por desprezarem a força do defensor, ou por excesso de confiança em si próprias, se infiltram por elas.

A maior dificuldade das unidades blindadas, é representada pela pequena quantidade de óleos, carburantes, munições e víveres que podem transportar consigo. Esta servidão liga-as com um cordão umbilical às suas bases, e se este se parte, consumirão em poucas horas os seus recursos, ficando assim tão desarmadas como um barco de guerra no alto mar sem carvão, sem munições nem govêrno.

Se aquelas infiltrações que julgámos possíveis, se realizarem, as zonas fortificadas do defensor ficarão entre as colunas inimigas e as suas

Revista da Cavalaria

bases, ameaçando constantemente as linhas de comunicação entre ambas, e em situação de crearem ao invasor situações muito críticas e tanto mais perigosas para ele, quanto maior tenha sido a sua confiança no triunfo sobre um inimigo a que não dava excessiva importância.

É, pois, provável, que se veja obrigado a retroceder e a empenhar-se a fundo para eliminar essa ameaça, colocando-nos de novo no caso anterior.

*

Vemos, pois, que neste ligeiríssimo estudo de uma defensiva com meios restritos, considerámos que dos quatro factores que interveem em toda a análise militar, o terreno é o que predomina sobre todos os outros três, impondo êle, e por si só, a organização, forma e conducta da defesa.

Predomínio que ultrapassa inclusivamente a missão, pois, em nossa opinião, não se deve vacilar em abandonar sem luta, extensas zonas do país ameaçado, por muito doloroso que isto seja, com tanto que se não gastem em esforços inúteis, meios já por si muito escassos e inferiores em relação aos do inimigo.

Evidentemente que se o terreno se presta à defesa esboçada, sobre a linha da fronteira ou da costa, ou inclusivamente oferece facilidades para nos apoderarmos de algum ponto importante do outro lado da linha divisória, não se deve desaproveitar a oportunidade.

Em resumo: como medidas preventivas, um estudo muito detalhado e uma perfeita organização da defesa passiva, e um estudo não menos detalhado do terreno, para decidir quais as zonas a abandonar e outras a fortificar para que sirvam de pilares à defesa.

Neste mesmo estudo do terreno incluir-se-ão os aeródromos, úteis e eficazes para o defensor, para os quais se procurará além de uma potente defesa imediata a protecção dentro da organização geral da defesa.

Os restantes aeródromos que possam existir, deverão ser destruídos implacavelmente antes que por um audaz desembarque aéreo o inimigo dêles se apodere, creando assim uma situação de gravidade à defesa.

Nas restantes extensões de fronteira, (terrestres e marítimas) que não entrem no plano da organização defensiva, constituir-se-á um simples sistema de observação.

Perante o sistema básico defensivo, aproveitando ao máximo as características do terreno e operando com independência, ainda que sempre subordinadas ao plano de conjunto, uma primeira linha de tropas diluída por pequenas unidades, com a missão principal de executar o plano de destruições, defendendo-as pelo fogo, para lhes dar mais eficácia, e com a missão secundária de causar ao adversário quantos danos e transtornos sejam possíveis, durante o curto espaço de tempo em que possam actuar.

Por último, a que, se não fôsse pelo conceito linear que encerra, chamaríamos linha principal de resistência, constituída pelas zonas forti-

Revista da Cavalaria

ficadas, com missão de defesa activa constituída por colunas de grande mobilidade, ligeiras e potentes, que ataquem constantemente o inimigo apoiando-se umas nas outras, e que possam, se as circunstâncias o permitirem, aumentar os seus esforços em operações de grande envergadura.

Insistimos para que estas zonas fortificadas ocupem grande profundidade, sabiamente escalonadas, para poderem dar elasticidade à defensiva, se a pressão inimiga ameaçar derrubar o primeiro sistema; quere dizer, não teimar em esforços inúteis, conservar sempre o sangue frio, para não empregar o coração a fundo mais do que no momento em que se ofereça uma ocasião favorável.

L. R

Ejército, Junho, 1944.



ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel — Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Hotel de Itália (Monte Estoril) — Serviço esmerado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisio-terápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão-restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano, concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO
«STANDS» DE TIRO
SALA DE ARMAS
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

Travessa da Condessa do Rio, 27,
Telefones P. B. X. 21227 e 21368

LISBOA

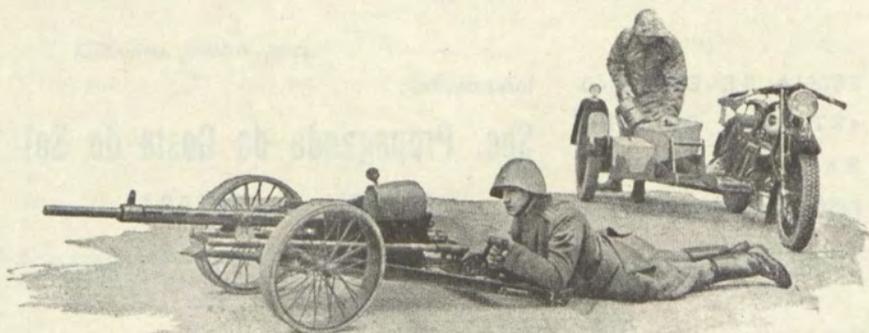
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS, SIMPLES
E DE LUXO, REPRODUÇÕES EM FOTO-
GRAVURA, OFFSET E LITOGRAFIA

Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20^{mm}, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre êste, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

Monteiro Gomes, Limitada

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A

BANACÃO

O MELHOR DOS
ALIMENTOS

Produto português
para os portugueses



O BANACÃO
é preferido para a 1.^a refeição



porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.^a refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

OS PARECERES MÉDICOS

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

BANACÃO SEMPRE BANACÃO

Officinas Gerais de Material de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores
de caminhos de ferro, telegrafia
e telefonia por fios e sem fios,
:: pontoneiros, automobilistas ::

Mobília e utensílios

Trabalhos em ferro e madeira para construção civil

Construção, reparação e pintura
de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação
de sobresselentes para automó-
veis e motocicletas

Fornecimentos análogos para o público



Tipografia da Liga dos Combatentes da G. Guerra



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM
TODOS OS GÉNEROS



Calçada dos Caetanos, 18

Telef. 2 1450

Joalheria, Ourivesaria e Relojoaria

“Casa das Bengalas”

Rua da Prata, 87, 89, 91 — LISBOA

No centro do quarteirão — Telef. 2 0256

Não confundir, esta casa é a que tem
2 taças expostas num grande candeeiro
reclame colocado no passeio, em
frente do estabelecimento

Taças de Prata para prémios
desportivos

Em exposição permanente mais de 1.200

ANTÓNIO CASANOVAS AUGUSTINE

CORRECTOR OFICIAL

Câmbios, Fundos Públicos
e Mercadorias

Rua da Conceição, 133

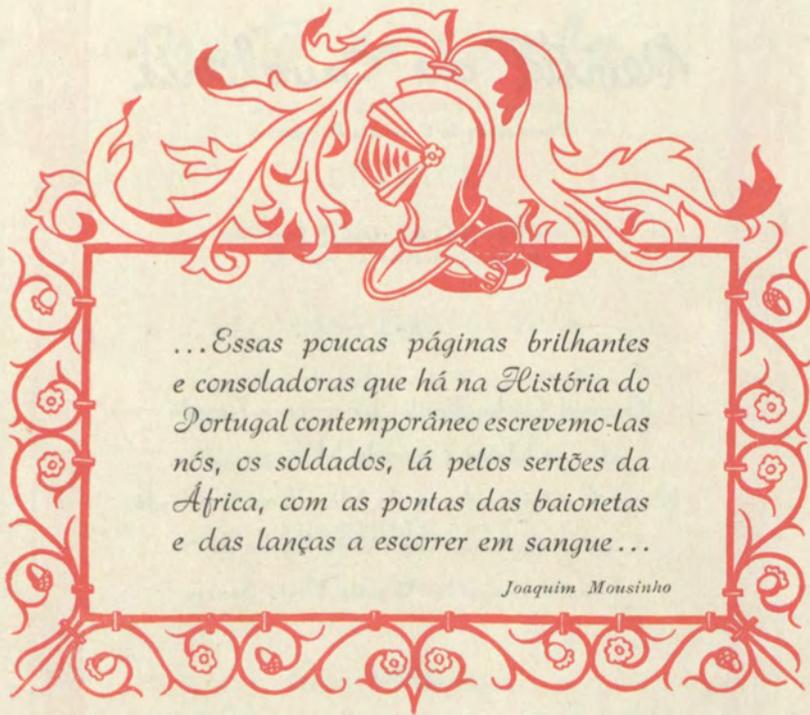
Telefones { Estado . 54
Rêde. . 2 2280

Bolsa de Mercadorias

P. do Comércio

Telefones { 2 8182
2 8615

L I S B O A



*...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevemo-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...*

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazilio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Aypes de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

General Afonso de Sousa Botelho
Director da Arma de Cavalaria

COMISSÃO EXECUTIVA

Capitão Fernando Dias Pires Monteiro
Capitão Luís Alberto Filipe Rodrigues
Capitão António S. Ribeiro de Spínola

ADMINISTRADOR

Tenente Luís Manuel Tavares

SEDE PROVISÓRIA

QUARTEL DO CARMO — LISBOA — TELEF. 2 2122

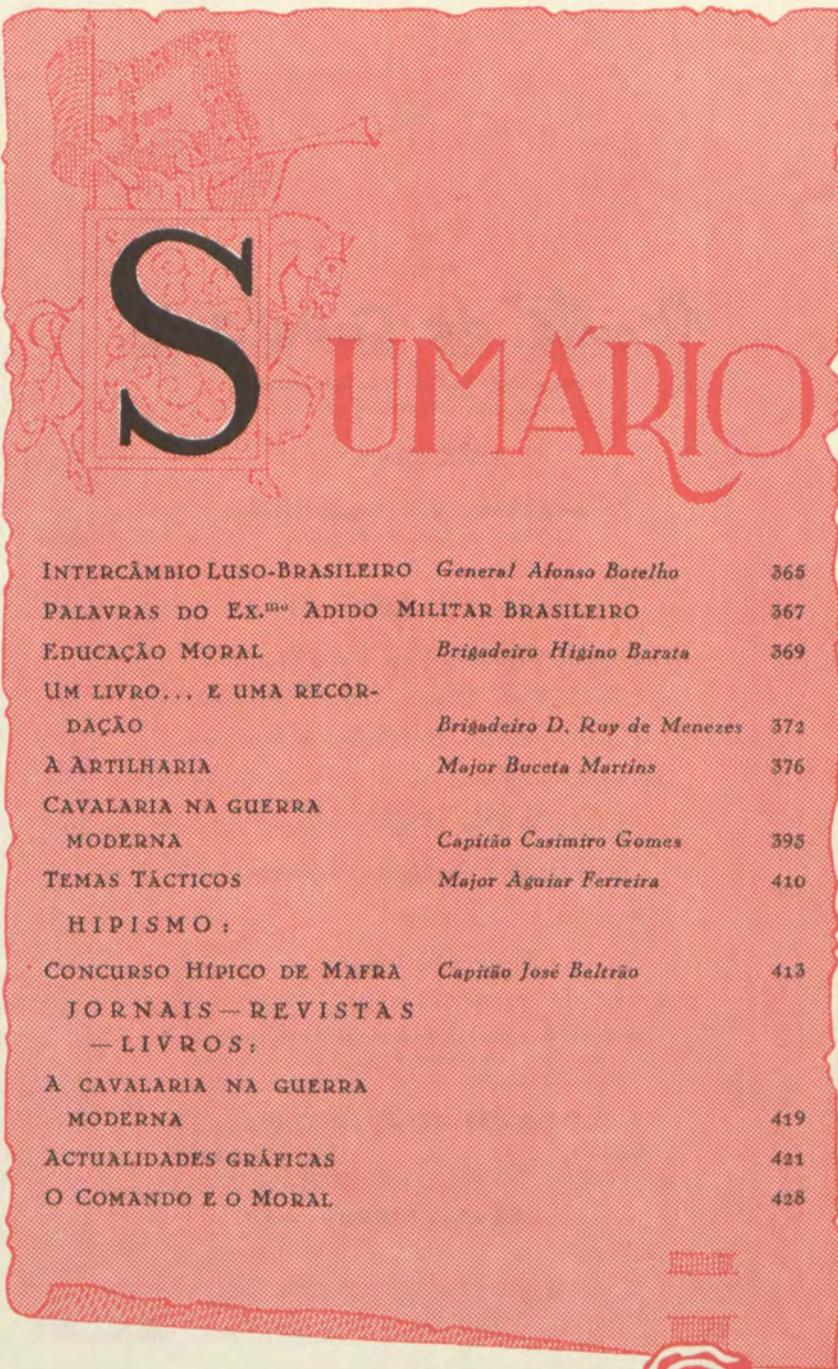
Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 5\$00



SUMÁRIO

INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO	<i>General Afonso Botelho</i>	365
PALAVRAS DO EX. ^{MO} ADIDO MILITAR BRASILEIRO		367
EDUCAÇÃO MORAL	<i>Brigadeiro Higino Barata</i>	369
UM LIVRO... E UMA RECORDAÇÃO	<i>Brigadeiro D. Roy de Menezes</i>	372
A ARTILHARIA	<i>Major Buceta Martins</i>	376
CAVALARIA NA GUERRA MODERNA	<i>Capitão Casimiro Gomes</i>	395
TEMAS TÁCTICOS	<i>Major Aguiar Ferreira</i>	410
HIPISMO :		
CONCURSO HÍPICO DE MAFRA	<i>Capitão José Balrão</i>	413
JORNAIS—REVISTAS — LIVROS :		
A CAVALARIA NA GUERRA MODERNA		419
ACTUALIDADES GRÁFICAS		421
O COMANDO E O MORAL		428



Revista da Cavalaria

5.º ano - n.º 5

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Setembro

ESTADO MAIOR DO EXERCÍTO

BIBLIOTECA

N.º ~~512~~ 1204

Em 17 / 3 / 1945

Intercâmbio Luso-Brasileiro



É notável acontecimento e grande a honra que hoje me cabe: apresentar à Cavalaria do Exército Português o ilustre camarada que é o Coronel José Carlos de Senna Vasconcellos, da Cavalaria do Exército Brasileiro.

Inútil enaltecer a importância da presença de uma tão distinta pessoa da Cavalaria brasileira nas páginas desta Revista, precedendo preciosa colaboração dos seus e nossos camaradas de além-Atlântico. A prosa vincada do bom e velho português que se sabe escrever em terras de Santa Cruz, só por si, será factor atractivo de primeiro plano que cativará os mais esquivos leitores. O saber profissional que enriquece o brilhante corpo de oficiais da Cavalaria da poderosíssima república irmã, que o Cruzeiro do Sul esclarece, tornará pesados de valor os volumes da nossa Revista.

Os dotes do espírito brasileiro, afectivo como nenhum o é, mesmo entre latinos, darão cunho de simpatia aos escritos com que os nossos camaradas nos honrarem e por modo tal que será seguro o seu êxito.

Revista da Cavalaria

Mas, em verdade, são sobretudo as razões históricas, a camaradagem de armas vivida pelos nossos antepassados desde as regiões misteriosas do magestoso Amazonas até às do brilhante Rio da Prata, é o arrepio de legítimo orgulho dos descendentes daqueles cujos cavalos galoparam em conjunto e sem descanso pelas planícies gaúchas do Uruguay e cujas espadas fulguraram unidas em tanto feito heróico que enobrecerá essa colaboração



Batalha de Guararapes

(Quadro do pintor Brasileiro VICTOR MEIRELLES)

preciosíssima, irradiante de interêsse, que se proporciona aos imperiais descendentes que pela pena, quando não pela espada, vão demonstrar o valor fraternal do nosso pensamento e do nosso sangue.

Luz êsse dia agora nas páginas da nossa Revista e é ao espírito cordealíssimo e exuberantemente simpático do Coronel de cavalaria brasileira Senna Vasconcellos que o devemos.

Gratíssimos somos a tão distinto camarada e àquêles nossos irmãos, cavaleiros do florescente Brasil, que nos derem a honra da sua apreciadíssima colaboração.

À cavalaria brasileira a nossa franca e elevada continência!

General A. BOTELHO



José Carlos de Senna Vasconcelos
Coronel de Cavalaria do Exército Brasileiro

Revista da Cavalaria

Mas, em verdade, são sobretudo as razões históricas, a camaradagem de armas vivida pelos nossos antepassados desde as regiões misteriosas do magestoso Amazonas até às do brilhante Rio da Prata, é o arripio de legítimo orgulho dos descendentes daqueles cujos cavalos galoparam em conjunto e sem descanso pelas planícies gaúchas do Uruguay e cujas espadas fulguraram unidas em tanto feito heróico que enobrecerá essa colaboração



Batalha de Guararapes

(Quadro do pintor Brasileiro VICTOR MEIRELLES)

preciosíssima, irradiante de interêsse, que se proporciona aos imperiais descendentes que pela pena, quando não pela espada, vão demonstrar o valor fraternal do nosso pensamento e do nosso sangue.

Luz êsse dia agora nas páginas da nossa Revista e é ao espirito cordealíssimo e exuberantemente simpático do Coronel de cavalaria brasileira Senna Vasconcellos que o devemos.

Gratíssimos somos a tão distinto camarada e àquêles nossos irmãos, cavaleiros do florescente Brasil, que nos derem a honra da sua apreciadíssima colaboração.

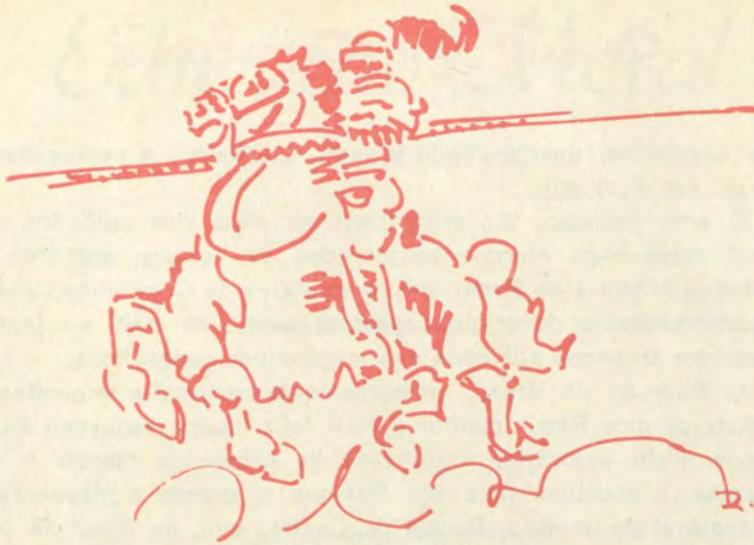
À cavalaria brasileira a nossa franca e elevada continência!

General A. BOTELHO



José Carlos de Senna Vasconcelos
Coronel de Cavalaria do Exército Brasileiro





QUIS a direcção da «Revista da Cavalaria» que tivessemos a honra de, como representante do Exército Brasileiro, deixar aqui consignadas algumas considerações sobre a Secção que ora se inaugura.

A iniciativa da «Revista da Cavalaria», de dar vida à Secção de trabalhos profissionais de origem brasileira, afigura-se-nos como o primeiro elo de uma promissora corrente de entendimento, por todos os títulos desejada entre elementos militares de Portugal e do Brasil.

Dessa inteligente e amistosa atitude dos presados camaradas da «nobre Arma», novos horizontes poderão surgir para a aproximação salutar dos dois Exércitos, tão identificados por uma infinidade de razões, quer raciais, quer afectivas, que lhes dão um passado comum, pleno de sacrifícios e de heroismos.

Realmente, tóda a organização militar brasileira teve por base, em seu início, a sua congénere portuguesa, pois foram os Chefes militares de Portugal que levaram para Além-Atlântico seus conhecimentos e sua experiência da arte da guerra.

Lá estão ainda, pontilhando a terra de Santa Cruz, a atestar a actividade militar de Portugal, os velhos fortes, testemunhas eloqüentes da época heróica da conquista e da expulsão dos estrangeiros que cobiçavam as terras virgens da Coroa Portuguesa.

Há, portanto, uma tradição secular aproximando os dois Exércitos, tradição que nasceu em Guararapes e tomou corpo na Guiana

Revista da Cavalaria

e na Cisplatina, quando, lado a lado, brasileiros e portugueses lutaram por Portugal.

É essa tradição, tão entranhada na alma dos soldados do Brasil, fazendo-os eternos enamorados da heróica, galharda e romântica História da Raça, que os militares da Comunhão Luso-Brasileira têm o dever de conservar cada vez mais vicejante, apesar dos tropeços advindos dos imperativos geográficos.

O Exército do Brasil, eminentemente nacional e impenitente idealista de uma Pátria melhor e mais feliz, nunca esqueceu suas origens. Pelo contrário, orgulha-se de provir de Heróis e de Gigantes, e escolheu para seu Patrono o grande e insuperável Condestável do Império, Duque de Caxias, que, no dizer de um historiador brasileiro, provém de «seis famílias das mais antigas, tão antigas umas, quanto o antiqüíssimo e velho Portugal».

Tudo isso simboliza, sem dúvida, o que de profunda e intensa ligação existe e *deve existir sempre* entre os soldados das duas Pátrias Irmãs, e nos indica o verdadeiro alcance da iniciativa da «Revista da Cavalaria». Ela representará, estamos certos, a cabeça de ponte necessária para uma retomada de contacto entre os irmãos de farda do Brasil e de Portugal, permitindo-lhes um harmonioso intercâmbio intelectual que frutificará em benefícios para os dois Exércitos.

Lisboa, Setembro de 1944.

JOSÉ CARLOS DE SENNA VASCONCELLOS
Cor. Cav. do Exército Brasileiro



Educação Moral

SUA NECESSIDADE

pelo Brigadeiro HIGINO BARATA



As fontes de energia que alimentam as guerras são de natureza moral e material. O material vale o que valerem os homens que o utilizem.

*

Os factores de que depende o valor do homem são a instrução e a educação, que condiciona a moral.

O General von Schmidt atribui tanta importância à questão moral que a coloca muito acima da educação intelectual e diz: «Para dirigir e comandar em chefe é necessário uma inteligência muito aberta, mesmo génio, mas para executar são necessários milhares de bravos corações que, com o desprezo pela morte, esperem apenas uma direcção superior».

Fazer a guerra não é só combater, é também marchar durante longas semanas, estacionar debaixo de chuva e de tempestades, suportar a fadiga, a fome e a sede e ver a cada momento aumentar o perigo sem ter, por vezes, o estímulo do mais pequeno êxito.

Napoleão dizia: «A primeira qualidade do soldado é a de suportar as fadigas e as privações».

Para que o soldado mereça verdadeiramente este nome é necessário que tenha bem gravadas na alma as «*virtudes militares*», que lhe devem ser desenvolvidas e aperfeiçoadas durante todo o tempo da sua permanência nas fileiras, por meio de uma sábia e bem orientada educação. Dos homens assim preparados dizia o General Bugeoud «é fácil exigir-lhes actos de grande valor, desde que o chefe lhes tenha ganho a confiança e lhes prove que é capaz de os conduzir».

Revista da Cavalaria

Nesta guerra, «*A Guerra Grande*», numerosos exemplos atestam o valor da educação moral do soldado, sem a qual actos de valor e de sacrificio não se produziriam. Dentre êles citaremos os seguintes :

Na invasão da França, a formidável resistência que os bravos cadetes de Saumur opuzeram no Loire às fôrças alemãs, onde se cobriram de glória, impondo-se ao respeito e à admiração dos próprios inimigos, tendo um coronel alemão exprimido pela seguinte forma, êstes sentimentos, à madame B, quando ela orava sôbre o túmulo de um dos cadetes caídos para sempre no campo da luta :

«Os vossos cadetes foram grandes».

Outro exemplo a que estamos a assistir neste momento, é o da resistência de tropas alemãs, cercadas em Brest, Dunquerque, Calais e em tantos outros pontos, que, mesmo com conhecimentos da situação geral, têm com a sua tenaz resistência de sacrificio demorado a utilização dêsses portos pelas fôrças aliadas.

Mas, deverá a educação moral restringir-se apenas ao Exército ?

Emmanuel Moravec diz : «Em cada época, cada povo tem possuído o exército que lhe corresponde moral e materialmente.

Ora, reflectindo o Exército a moral da nação, indispensável é, que esta seja cultivada e aperfeiçoada incessantemente no povo, donde êsse Exército há-de sair, e hoje, ainda mais do que nunca essa cultura se torna necessária, porque as áreas da batalha atingiram centenas de quilómetros quadrados, devido às enormes frentes e às acções em profundidade realizadas pela Arma aérea. Assim a nação, tôda ela, está sujeita a agressões do inimigo e todo o povo será envolvido na guerra quer faça, ou não, parte dos Exércitos mobilizados.

Um exemplo bem frisante da necessidade de educação moral do povo, é-nos revelado pelo povo inglês, que tendo chegado a estar completamente isolado na luta contra a Alemanha e Itália, vendo dia e noite os seus lares serem destruídos e o sofrimento e a morte constantemente à espreita, enfrentou sempre de ânimo levantado tôdas as provações a que a tremenda Batalha da Inglaterra o sujeitou.

Outro exemplo também frisante é a admirável resistência que o povo chinês tem oferecido na campanha contra o Japão, a cujo propósito o Coronel C. Y. Liu, membro da comissão chinesa de

Revista da Cavalaria

aeronáutica escreveu: «Resistimos porque ainda que encontramos dificuldades na obtenção de meios materiais, ultrapassamos o inimigo em força moral».

Esta força moral que deve animar os povos, tem de manter-se sólida e permanente, não só para que a nação empregue sem desfalecimento todo o seu esforço para se opor a qualquer tentativa de agressão, mas ainda para poder repelir as ofensivas morais que o inimigo provável possa realizar, antes do início das hostilidades.

Gengis-Kau, Napoleão e Hitler, serviram-se com o maior sucesso deste meio de ataque contra os seus adversários.

Metternich, confirma, que no tempo de Napoleão, a propaganda desempenhou um papel particularmente importante, dizendo que os jornais o auxiliaram tanto ou mais que um exército de 300.000 homens.

Àcerca da ofensiva moral desta guerra Emmanuel Moravec diz: «A propaganda cientificamente dirigida e fortemente organizada pela Alemanha, accionou como força combativa extraordinariamente eficaz».

Não deve, pois, a educação moral ser apenas um exclusivo do Exército; ela deve ser ministrada desde o bêrço, e só um povo que a possuir em elevado grau, poderá progredir, e ver garantidas a paz e a liberdade.

Mas para que êsse moral se possa obter, é indispensável dispor de bons dirigentes e bons chefes militares, que orientem e accionem criteriosamente a educação, e que sejam com a sua impecável conduta o exemplo de todos.

Ao culto da honra, da honestidade, da justiça, da coragem, da generosidade, da disciplina sem subserviência e do patriotismo, deve ser dado o maior impulso, porque estas virtudes são o apogêo dos povos fortes e generosos.



Um livro... e uma recordação

pelo Brigadeiro D. RUY DE MENEZES



«Um soldado a cavalo em ordem de marcha, carabina inçada em posição de alerta, mirando o campo que, ao longe, mal se define nos traços vagos de uma panorâmica...».

Com êste sugestivo desenho na capa, apareceu há pouco, nos meios militares brasileiros, um livro interessante: *O Serviço em Campanha na Arma de Cavalaria*.

Não temos o encargo da sua propaganda; julgamos, no entanto, que é serviço que se presta à Arma aconselhá-lo aos nossos instrutores não só como espécime de um método de

trabalho bem orientado, mas ainda como objecto de consulta, na aprendizagem de certos detalhes cuja minúcia muitas vezes escapa a uma observação mais abstracta ou menos precavida.

O autor, Capitão António Pereira Lira, é já conhecido e conceituado por outras publicações bem sucedidas, e tem agora a apresentá-lo as opiniões, informações e determinações dos seus chefes, e a edição do seu trabalho pela Biblioteca Militar.

Não se pode dizer que a concepção da obra seja inteiramente original, pelo menos para quem conhece o Commandant Laffargue e o Livre du Soldat do Commandant de Mon-

Revista da Cavalaria

tergon, mas a sua integração nos moldes brasileiros, na forma e na linguagem, e a selecção dos assuntos, representam um admirável senso da oportunidade e do cabimento, o que é já um ensinamento para quem, como nós, é frequentemente forçado a ir buscar fora a doutrina que a experiência própria só por si não nos fornece.

O trabalho não se destina ao soldado, como os seus similares franceses, mas preferivelmente aos futuros oficiais, que são os futuros instrutores, a quem, em começo de vida, muitas das noções que ele contém algumas vezes hão-de faltar, no momento oportuno.

Num grosso volume, de muito cuidada apresentação e ilustrado com desenhos muito apropriados, o Capitão Pereira Lira ordena em três longas partes tudo o que, como instrução individual e instrução de conjunto, mais de perto interessa ao soldado, e aos pequenos elementos de cavalaria, em campanha.

A 1.^a parte contém muitos conhecimentos que para nós não têm um valor apreciável, por se referirem quasi exclusivamente aos usos, aos regulamentos e à terminologia dos brasileiros. No entanto, ainda aí se encontram regras, cuidados e observações que são úteis a qualquer cavaleiro de qualquer cavalaria.

Nas duas partes seguintes há muito que aprender em matéria de pedagogia militar; a par de uma recapitulação constante de princípios doutrinários, de normas e até de preceitos regulamentares que são universais, os jovens oficiais, — a quem o livro é destinado, — e os instrutores, — a quem também muito deve interessar, — encontram uma sequência que, sinteticamente, vai desde o detalhe da conduta pessoal à disciplina do todo, numa escala moderada, metódica e progressiva que lhe dá uma feição de simplicidade e de naturalidade convidativas, e lhe proporciona condições de receptividade fácil, tanto de desejar e tanto de apreciar nas circunstâncias em que hoje temos de fazer a nossa muito complexa e muito vasta preparação militar.

O livro do Capitão Pereira Lira não é um tratado, e não aspira talvez a foros académicos, porque é caracteristicamente um trabalho militar, que se destina a militares. Felicitamos no entanto os nossos camaradas da Cavalaria Bra-

Revista da Cavalaria

sileira e reiteramos o nosso conselho aos rapazes novos e a todos os instrutores da nossa Arma: a uns e a outros são especialmente endereçadas estas breves linhas.

O Serviço em Campanha na Arma de Cavalaria foi-nos gentilmente oferecido por um Camarada e velho amigo, do Exército Brasileiro. É talvez uma recordação mais viva dos tempos que passámos juntos na intimidade tão gratamente acolhedora da sua cavalaria: ele nas fileiras do seu Regimento, nós como companheiros de lides no hipismo e na esgrima.

Nesses tempos longínquos, — já lá vão quasi trinta anos, — aquartelavam-se no Rio, paredes meias, em S. Cristóvão, o 1.º e o 13.º Regimentos de Cavalaria.

Dentro de uma camaradagem integral, sem o mínimo senão, sem a mais pequena falha, cada um dêstes dois Regimentos pendia para uma feição doutrinária mais própria-mente sua, mais privativa, mais isolada. Num pontificava-se pelas tendências germânicas, para as quais a forte personalidade de um Capitão que pouco antes havia freqüentado a Escola de Hanover e estagiado em regimentos prussianos, conseguira atrair as atenções e o interêsse dos seus camaradas; no outro conservava-se mais ou menos intacta a tradicional influência francesa, alimentada talvez pelo contacto mais íntimo com oficiais que pouco antes também haviam passado por Saumur e pelos regimentos franceses. O momento, — em principios da outra guerra, — era de dúvida e de indecisão, por tôda a parte, e o Brasil começava apenas a restituir ao seu exército a consistência de principios cuja perda a mudança do regime governativo, embora já longínqua, ainda fazia sentir. A geração que entrava nas fileiras era entusiasta, devotada, dotada de sentimento profissional; as camadas novas vibravam na esperança de verem realizados aquêles ideais que os ecos da guerra europeia, e os seus antecedentes, haviam feito brotar na mocidade sempre propensa ao idealismo, — e no Brasil mais do que em qualquer outra parte daquele Mundo de então, que se transformava. Andavam no ar, ainda em nebulose, energias sôltas que era preciso captar, disciplinar, encaminhar, — e isto havia de suceder alguns anos depois, quando sob a influên-

Revista da Cavalaria

cia da missão Gamelin, o Exército Brasileiro assentou os alicerces do seu destino, definiu a sua forma e fortificou a sua vontade. Pouco depois também, apareciam aos olhos da Nação as primeiras manifestações dessa vontade que, passados alguns anos, dariam à Nação uma personalidade nova.

No entanto, nessa incerteza de doutrina um ponto brilhante se vislumbrava já, desde os tempos longínquos a que nos referimos: as características iniciais do pensamento que havia de regular a evolução e que, no fundo, eram apenas... essencialmente brasileiras.

O culto de uma tradição arreigada firmava os alicerces daquele espírito militar que se definia, e que, mais tarde, liberto de certas peias incidentais, haveria de consolidar-se à volta da memória de um soldado eminente: o Duque de Caxias.

Já lá vão quasi trinta anos. O Exército Brasileiro, independente, com personalidade própria e bem afirmada, existe; a sua Cavalaria modernizou-se, a sua Biblioteca Militar edita hoje obras dos seus próprios oficiais e com elas constitui a sua doutrina, o seu espírito e a sua maneira de ser. Só uma coisa se conserva, intacta, tal qual era nesses tempos porque em nada tinha que mudar: a camaradagem simpática, hospitaleira, acolhedora, que nos recebia à porta dos quartéis, no Club Militar, na intimidade discreta dos seus regimentos.

Duas linhas autógrafas e uma assinatura, na primeira página de *O Serviço em Campanha na Arma de Cavalaria*, torna mais viva — se isto pode ser, — a recordação dessa intimidade que ambos vivemos, naqueles dois Regimentos do Rio de Janeiro.





A ARTILHARIA⁽¹⁾

pelo Major BUCETA MARTINS

IV — Emprêgo tático da artilharia

O papel da artilharia pode definir-se como sendo o de «abrir caminho ao escalão de ataque, na ofensiva» e o de «opôr-se à organização e progressão do ataque inimigo na defensiva».

No ataque é à artilharia que compete obter a superioridade de fogos indispensável para garantir o avanço, o que a infantaria em geral não pode conseguir com os seus únicos meios. Conclui-se, por isso, que a possibilidade do ataque, seja êle de unidades apeadas ou mecânicas, depende em grande parte da artilharia que o apoia, modernamente secundada pela Aviação de batalha.

Na defensiva não sucede o mesmo. Os fogos de infantaria têm um poder de *detenção* inexcedível, em virtude da

(1) Continuação da pág. 318 — *Revista da Cavalaria*, de Julho de 1944.

Revista da Cavalaria

grande densidade de projecteis, que impermeabilizam eficazmente todo o terreno. É, pois, à infantaria, principalmente, que compete deter a progressão do escalão de fogo In. e conservar o terreno conquistado. Se o In. emprega carros no ataque as barragens de armas automáticas não bastam, naturalmente, para garantir a defesa. Organizam-se então barragens anti-carro, sobrepostas ou não às primeiras, que são obtidas à custa de combinação dos fogos das armas anti-carro de pequeno calibre que armam as companhias ou esquadrões (espingardas anti-carro, metralhadoras de 20^{mm} e a das armas anti-carro de maior calibre (canhões de 37 e 50^{mm}, peças de 75 e lança minas). Modernamente está-se a generalizar o emprêgo de lançadores de foguetes anti-carro que permitem com dispositivos de lançamento ligeiros empregar foguetes de grande calibre atingindo o alvo com velocidades restantes muito altas (1).

A artilharia coopera nas barragens organizadas pelas unidades de Inf. ou Cavalaria, para as estofar e dar-lhe maior efeito moral, e contribui para a desorganização do dispositivo do ataque desde a contra-preparação, que pode fazer abortar o ataque antes de lançado, até ao apoio dos contra-ataques se o inimigo consegue entrar na posição a defender.

De uma maneira geral podem classificar-se as missões da artilharia, quer na ofensiva quer na defensiva, em quatro categorias:

- destruição dos obstáculos que se opõem à manobra da infantaria (no ataque);
- apoio directo e protecção da infantaria;
- contra-bateria;
- interdição e flagelação (interdição longinqua).

A execução das duas primeiras missões mencionadas fica a cargo da Art. Div.; a contra-bateria é a missão normal da Artilharia de Corpo; a interdição e flagelação podem ser atribuídas, dentro dos respectivos alcances do material e

(1) É deste tipo a arma americana que vulgarmente é conhecida por «basuka».

Revista da Cavalaria

zonas, à art. divisionária, à de corpo e à de exército, mas compete como missão normal à art. de corpo e à de exército.

A artilharia de cada escalão pode actuar eventualmente — *missões eventuais* — no reforço da acção da artilharia dos outros escalões, como a artilharia adaptada a cada sector (adaptação em largura) pode receber também como *missão eventual*, actuar em tôda ou parte da largura dos sectores laterais vizinhos, — *apoios mútuos* —.

Assim :

— a Art. Div. (A. D.) pode participar na contra-bateria, interdição e flagelação, dentro das suas possibilidades de alcance na zona de acção da respectiva Div;

— a Art. de Corpo (A. C.) pode reforçar os tiros de protecção ou mesmo os de apoio directo da A. D. e coopera muito freqüentemente na destruição das organizações que se oponham à progressão da nossa infantaria;

— a Art. de Ex. pode cooperar na contra-bateria, interdição e flagelação, em reforço da acção da A. C. e até no apoio directo ou protecção em reforço de determinadas artilharias divisionárias.

Vejamos agora, separadamente e mais em detalhe, as missões que a artilharia terá de executar no ataque e na defesa.

A — *Missões no ataque :*

A artilharia emprega-se antes do ataque para o «*preparar*» e durante o ataque para o «*apoiar*» e «*proteger*».

Podendo parecer estranho, então, que não comecemos por estudar o emprêgo na preparação, a verdade é que didacticamente é mais económico começar o estudo pelo emprêgo no ataque.

1.º *Durante o ataque :*

Com o ataque pretende-se, como se disse ao tratar do papel da infantaria no ataque, avançar para tomar posse do

Possibilidades de emprego tático

Características	Peças 7,5 Div. e Br. Cav. (De futuro destinadas a Art. Reg.)	Obuses de montanha 7,5/18/40 Unidade de Montanha	Obuses 10,5 28/41 Div. e Br. Cav.	Obuses 15 30/41 Div. ou C. E.	Peças 10,5 C. E.	Peças 15 C. E.	Observações	
1.º — Missões táticas dos diferentes materiais								
Missões normais . . .	Apoio e protecção da linha de combate (neutralização).		Contra-bateria (destruição e neutralização). Interdição e flagelação dentro dos limites de alcance do material.					
Missões eventuais . . .	Contra-bateria. Destruição de objectivos não protegidos ou fracamente protegidos. Destruição das defesas acessórias. Infecção do terreno. Interdição e flagelação dentro do limite do seu alcance Tiro contra carros e objectivos inopinados.		Refôrço do apoio directo e da protecção dada pelas Art. Div.					
2.º — Dados sobre a execução das diferentes missões								
Cadência na bar. móvel	4 t/min. sobre uma frente de 100 ms. por bat. e duração máxima de 15 min.		Como para o 75					
Densidade nos tiros de detenção	2 t/min. por 15 m. de frente							
<i>Frentes a atribuir por G. B.:</i>								
<i>Barragem móvel:</i>								
Bat.	100		100				<p>Densidade a obter: 2 tiros por min. e por 15 m. de frente Tiro de percussão: granada explos, em ricochete. Material ligeiro. Efeitos de destruição e neutralização só em profundidade igual à z. de dispersão. Cadência de 4 t. p. m.; duração até 15 min. Se a duração for superior: cadência 2,5 t. p. min.; frente por bateria 75 m.; por G. B. 150 m. De preferência tiros de tempos. Prolonga a b. m. até 500 m. mais de profundidade. Material ligeiro: gr. com balas, ou na falta gr. explos. com espoleta instantânea. O tiro começa por 2 min. de cadência rápida para o 7,5 (ou 5 min para o 10,5 ou 15) e continua na cad. normal. O deslocamento do tiro de uma série para a série a seguir (alcance) é começado por 1 Batr. que bate rapidamente o terreno intermédio, durante um ou dois minutos antes da hora marcada para termo do primeiro bombardeamento e continua o tiro sobre o novo objectivo. Material de 15 é o mais frequente, podendo empregar-se o 7,5 e 10,5. Podem empregar-se, por economia, granadas fumígenas de 15. Cadência rápida durante 5 min. para o material ligeiro e 10 min. para o mat. de 15. Continua-se depois por rajadas curtas violentas e irregularmente intervaladas. Concentra-se o tiro, para conseguir no espaço de 10 min. a seguinte densidade por hectare: 160 tiros de 7,5, ou 80 de 10,5 ou 40 de 15. Peça ligeira: gr. explosiva em tiro de ricochete ou se a distância e o terreno não aconselham: gr. expl. de espoleta instantânea. Cad.: 8 t. por peça e min. até 5 min. (pode aumentar-se a duração com cargas reduzidas). Obus ligeiro: Gr. explosiva. Cadência 4 t. por min.</p>	
G. B. (2 bat. de frente)	200		200					
<i>Na barragem complem.:</i>								
Tiros de ratissage								
A 3.ª Bat. do G. B.	200		200					
<i>Bomb. sucessivos:</i>								
Bat.	100 a 200		100 a 200					
G. B. (tiro linear)	300		300					
<i>Protecção (bombard.):</i>								
Bat. (máximo)	(event.)	200		200				
G. B. (máximo)	(event.)	600		600				
<i>Contra-preparação:</i>								
Bat.	100		100	100				
<i>Detenção:</i>								
Bat.	200		300 a 400					
Tiros event. (defens.)	200 a 300		200 a 300					
<i>Prof. da zona batida por bat.:</i>								
Barr. móvel (principal)	100 a 150		100 a 150					
Barr. complem. (tiros progressivos e regressivos)	300 a 400		300 a 500					
Bombard. sucessivos (idem)	200		200					
Protecção	100		100					
Contra-preparação	100		100					
Detenção	150 a 200		150 a 200					
<i>Zonas de segurança para as Tr. A. (tiro a 4 kl.):</i>								
Frontal	ms. 200		200	400	300	400		
Lateral (Tr. A. abrig.)	ms. 50		50	150	150	160		
Lateral (Tr. A. a desc.)	ms. 100 a 150 (a)		(b) 300	(c) 300 a 500	(b) 300	(c) 300 a 500		

(a) — Conforme se trata de Gr. c. balas ou Gr. E. (b) — Gr. E. (c) conforme se empoeça Gr. de gusa acerada ou Gr. alongada.

Revista da Cavalaria

terreno ocupado pelo inimigo e, para isso, destruir, ou pelo menos neutralizar, a resistência que se opõe à progressão.

Essa resistência pode resultar, para cada fase do ataque:

- a) da acção directa dos elementos inimigos instalados no próprio terreno que o escalão de ataque (constituído apenas por infantaria ou por carros seguidos por infantaria) tem a percorrer para atingir o objectivo que quer conquistar, e que — não se esqueça — são accionados por P. C. e transmissões, e servidos por órgãos de remuniamento e de evacuações estabelecidas no mesmo terreno;
- b) de elementos In. mais distantes, que podem actuar indirectamente ou, até, vir a intervir ulteriormente naquele mesmo terreno, reforçando ou alimentando a acção dos primeiros (artilharia inimiga; reservas; órgãos e instalações de remuniamento, do reabastecimento e trens que alimentam a acção das tropas de defesa).

Daqui resultam duas funções fundamentais da artilharia no ataque:

- a) cooperar directamente com o escalão de ataque na redução das resistências que vai encontrando imediatamente à sua frente e se opõem ao seu avanço — *apoio directo e protecção* —;
- b) reduzir ao mínimo a acção dos elementos inimigos mais distantes que possam prejudicar a manobra e a progressão do ataque e reforçar e alimentar a acção da defesa — *contra-bateria, interdição e flagelação* —.

A tonelagem de munições para um apoio eficaz de um ataque de grande envergadura é muito grande — cerca de 4 a 5 unidades de fogo —; a concentração destas munições pode exigir muitas noites para o transporte e distribuição das munições.

Revista da Cavalaria

Apoio directo:

Designa-se por *tiro de apoio directo* do escalão de ataque o conjunto de tiros que a Art. Div. executa contra os elementos da defesa instalados no terreno que o próprio escalão de fogo vai percorrer na fase ou lanço que se desenvolve, precedendo-o de perto e mantendo sob o seu fogo as sucessivas resistências que êle possa encontrar, até que estas possam ser tomadas pelo fogo eficaz do escalão mais avançado do ataque (*escalão de fogo ou carros*).

O fogo de apoio directo, como fogo de neutralização que é, não obtém senão efeitos de curta duração e, por isso, deve mediar pouco tempo entre o seu levantamento e a abordagem dos objectivos que visou. Por isso, os tiros de apoio directo devem preceder a curta distância o escalão de fogo: cada tiro só é levantado quando o escalão mais avançado do ataque atingiu o limite máximo da progressão com segurança, isto é, quando aquêle escalão não pode progredir mais sem ser atingido pelos tiros curtos da artilharia de apoio.

A *zona de segurança*, tratando-se de infantaria, é para a artilharia ligeira 200^m. Para a artilharia pesada de C. E. (peças de 10,5 e obuses de 15) a zona de segurança necessária é de 400^m. É claro que tratando-se de apoio a prestar a *carros ligeiros* êstes valores têm de ser aumentados, em virtude da altura dos carros acima do solo e da rapidez do avanço. Se se trata de carros fortemente couraçados a zona de segurança pode ser muito reduzida.

Pela mesma razão, também se tem de impor limites à distância a que o material pode estar dos objectivos a bater.

Essa distância não deve ser superior, para o material ligeiro, a 6 kms. Como, por outro lado, a distância do escalão de ataque apoiado tem de ser de cêrca de 1.500^m, para se obter a segurança necessária nos tiros próximos (flecha de segurança), segue-se que uma vez que o escalão de ataque tenha avançado uns 4 kms. impõe-se o avanço da artilharia para continuar o apoio e, por isso, uma paragem suficiente daquele escalão para dar tempo para a mudança de posições (1 a 2 horas, pelo menos, que com material T. M. pode ser encurtado, mas não muito).

Revista da Cavalaria

Os tiros de apoio directo devem adaptar-se perfeitamente à manobra do escalão de ataque e, por isso, convém *descentralizar os fogos de apoio* constituindo *agrupamentos de apoio directo* adaptados aos diferentes *agrupamentos de ataque* (R. I. ou Agr. tácticos eventuais), embora o Com. da Div. fique, ainda, com parte da sua artilharia em condições de reforçar transitòriamente uns ou outros dos Agr. Ap. Directo constituídos e de proteger o ataque (*Agrupamento de acção de conjunto*).

A fim de poder tirar o maior rendimento da manobra de fogos da artilharia, todos os agrupamentos de apoio directo estão dependentes do Com. da Art. Div. Há, pois, descentralização de fogos, mas conserva-se um comando centralizado.

A *missão normal* de cada Agr. de Apoio Directo é, pois, satisfazer as necessidades de apoio da unidade de ataque que apoia; mas o Com. da Art. Div. pode em determinada altura retirar-lhes momentâneamente a sua missão normal, para os empregar em *missões eventuais* de refôrço do apoio directo de unidades de ataque vizinhas ou de protecção.

O apoio directo pode ser prestado sob a forma de:

- barragem móvel;
- bombardeamentos sucessivos.

Com a *barragem móvel* procura-se fazer preceder o escalão de ataque da infantaria por uma cortina de tiros de artilharia, suficientemente densa e profunda para destruir, ou, pelo menos, neutralizar as armas instaladas na faixa de terreno que a infantaria vai percorrer; deslocar-se-á esta barragem na frente do escalão de ataque, por levantamentos e alongamentos de tiro feitos no ritmo correspondente à velocidade do avanço da infantaria, que consoante as dificuldades do terreno e organização da defesa pelo In. pode atingir 100^m em 3 ou 4 minutos.

Neste caso a infantaria, pelo menos teòricamente, só teria que empregar os seus fogos para neutralizar os últimos 300^m de terreno do seu ataque, sôbre cada limite da barragem, a partir do momento em que chegado o escalão de fogo a essa distância a art. alongasse o tiro, cessando por isso o apoio nessa faixa do terreno.

Revista da Cavalaria

Do que disse segue-se que a profundidade da barragem móvel deveria ter uns 700 a 800^m de profundidade para que em todos os momentos a infantaria tivesse neutralizadas na sua frente, pela barragem, os fogos mais eficazes (tiro rasant e ajustado) das armas automáticas da defesa. Como para que a neutralização seja absolutamente eficaz é necessário que a zona atribuída a cada bateria ligeira não tenha largura superior a 100^m (150^m no máximo tratando-se de obuses de 10,5) e a profundidade da zona de dispersão da bateria não vai além de 150^m, pode-se imaginar a acumulação de material e de munições que será necessário obter para tornar viável a barragem.

Transige-se, por isso, com a densidade através de toda a profundidade da barragem, dividindo esta, afinal, em duas faixas: os primeiros 150^m mais próximos do escalão de ataque — a crôsta da barragem — em que se procurará dar à densidade todo o valor e por isso se atribui a cada bateria a frente de 100^m — é a barragem propriamente dita — e outra faixa compreendendo os 500 a 600^m de profundidade que se quer obter, em que apenas se atribui uma bateria para cada 200^m de frente para toda a referida profundidade: este prolongamento em profundidade da barragem designa-se *barragem complementar*.

Praticamente obtém-se isto atribuindo a cada G. B. uma frente a bater de 200^m (podendo chegar a 300^m se se tratar de obuses de 10,5): duas das baterias farão a *barragem móvel* propriamente dita, em tiro fixo com 100^m de frente por cada bateria (logo batendo 100^m de frente por 150 de profundidade durante toda a duração do tiro); a terceira bateria do grupo bate o resto do terreno da barragem (500 a 600^m de profundidade) em toda a largura da zona de acção do grupo, e por isso emprega tiros saltuários em toda essa zona batendo os pontos suspeitos e origens do fogo inimigo nela referenciados.

Como, salvo em casos de ataques de posições fortificadas inimigas que são preparados durante prazos arrastados, não é possível obter a concentração de material e munições necessários para alimentar a barragem móvel, no apoio de ataques em guerra de movimento recorre-se ao processo mais económico dos «bombardeamentos sucessivos».

Revista da Cavalaria

Neste caso não se faz mais do que bater na profundidade de 500 a 700^m à frente do escalão de fogo da infantaria os pontos do terreno já referenciados como origens de tiro inimigo e os que são suspeitos e mais possam, no caso de ocupados pelo In., prejudicar o atacante.

Êstes tiros — bombardeamentos — são numerados e a sua execução é desencadeada ou por horário, como se disse para a barragem ou a pedido da infantaria atacante, por intermédio dos destacamentos de ligação que cada agrupamento de apoio lança para junto da unidade apoiada, os quais destacam elementos seus — como antenas — para junto dos Comandos dos B. I. em 1.º escalão.

Pode, porém, suceder que os fogos In. partam precisamente de pontos ou zonas diferentes daqueles sôbre que se desencadeiam os bombardeamentos.

Evita-se o perigo dêste desajustamento:

- tendo previsto tiros sôbre vários outros pontos além dos fixados «*à priori*» como devendo ser batidos, os quais só serão desencadeados a pedido da infantaria, que se limita a lançar os sinais de pedido de tiro e os correspondentes ao número ou letra que identifica o tiro que pretendem;
- estabelecendo certas convenções para facilitar o pedido de tiros ainda sôbre outros pontos em que nem previstos foram bombardeamentos.

Num plano de fogos de apoio, haverá, pois:

- tiros que são executados a horário, independentemente do pedido;
- tiros previstos que só são desencadeados a pedido;
- tiros não previstos, cuja execução implica, no pedido, a localização da zona a bater, o que é possível definindo o centro dessa zona (ponto médio do tiro) por coordenadas militares hectométricas (a maior parte das vezes a designação destas pode ser abreviada, indicando apenas os últimos algarismos de cada coordenada).

Revista da Cavalaria

Para a execução de cada tiro — bombardeamento — atribui-se a cada bateria uma frente de 100 a 200^m, não tendo o G. B., em geral, frente superior a 300^m. A profundidade de cada bombardeamento é de 150^m, pois geralmente não se emprega como na barragem móvel uma das batarias em dar maior profundidade à zona batida.

*

Por vezes, ou porque a mobilidade e o rápido afastamento do escalão de ataque, produzido pelo seu avanço, dificulta a ligação entre os agrupamentos de apoio directo e as unidades que eles apoiam, ou porque o acidentado do terreno dificulta o emprêgo centralizado da artilharia de apoio directo, tôda ou mais geralmente apenas parte dela pode ser fraccionada em «*fracções de acompanhamento*» postas às ordens dos comandantes das unidades de ataque.

São *divisões ou batarias de acompanhamento* destacadas pelo Com. da Art. Div. e que ficam às ordens dos Com. de Reg., de Batalhão, ou de Agr. tácticos eventuais que recebem a missão de apoiar. Neste caso houve descentralização de comando no emprêgo de apoio directo.

Como estas fracções devem instalar-se mais perto do escalão de ataque (500^m ou até menos) fazem largo emprêgo das granadas com cargas reduzidas, que dão às trajectórias, mesmo das peças, uma maior curvatura.

A rapidez com que hoje se desencadeiam e desenvolvem as acções de ataque, na modalidade da guerra designada por guerra-relâmpago, impôs e generalizou de tal forma o emprêgo destas fracções de acompanhamento que os alemães — como já atrás o dissemos — criaram a artilharia de infantaria, ou seja, fracções de artilharia organicamente atribuídas aos regimentos de infantaria.

A simplicidade das missões atribuídas a esta artilharia, o fraco alcance exigido para o seu emprêgo e a conseqüente simplicidade na organização da bôca de fogo e dos seus órgãos de pontaria, permite que êste material seja servido por pessoal de infantaria — quer dizer sem profunda especialização técnica de artilharia —.

Revista da Cavalaria

*

Os tiros de protecção têm por fim prolongar a acção dos fogos de apoio directo, tanto em profundidade como em largura:

- neutralizando os fogos da defesa que, actuando a grande distância ou nos flancos dos sectores de ataque, possam bater o terreno a percorrer pelo escalão de ataque na fase encarada (metralhadoras e engenhos de infantaria e baterias avançadas inimigas instaladas no fundo do compartimento a atacar na fase considerada);
- cegando os observatórios com vistas próximas sobre o terreno do ataque, que regulam o fogo da Art. In. e a acção dos comandos In.;
- dizimando e desorganizando os objectivos que se revelem durante a acção na retaguarda do objectivo que se ataca, particularmente as concentrações das reservas (tropas a pé, a cavallo ou mecânicas) e os contra-ataques em preparação ou em plena execução.

A *contra-bateria*, *interdição* e *flagelação* são, afinal, modalidades especiais do tiro de protecção, sobre objectivos mais distantes.

A *contra-bateria* tem por fim impedir que a artilharia inimiga actue sobre as tropas do ataque, sobre as reservas e os órgãos de comando e outras instalações do ataque (P. C., P. O., C. Tr. escalões de viaturas ou grupos de cavalos desmontados, etc.), desorganizando o ataque.

A *interdição* tem por fim impedir que o In. se instale ou passe, durante certo tempo, em pontos importantes para a manobra ou para a segurança do ataque (pontes ou outros pontos de passagem obrigatória para tropas ou trens do In. que vindos da retaguarda ou dos flancos pretendam entrar na zona de acção do ataque; comunicações importantes para o acesso aos P. C. e P. O., e para a manobra das reservas e tráfego de remuniciamento do inimigo, etc.)

Revista da Cavalaria

A *flagelação* consiste em tiros de neutralização intermitentes, executados sobre as comunicações do inimigo, os seus parques, etc., tendo em vista causar perdas ao adversário, dificultar o afluxo de reforços e o funcionamento dos seus reabastecimentos e evacuações, e atingir assim o seu moral.

Quando o escalão de ataque pára — conquista de um objectivo — a artilharia executa fogos de detenção com o carácter de «*barragem fixa*» à frente dêle e de «*interdição*» nos seus flancos.

Eis, em resumo, catalogadas, as missões que a artilharia terá de desempenhar durante o ataque, para o apoiar e proteger.

2.º *Na preparação do ataque: Tiro de preparação.*

O trabalho que a artilharia deve cumprir para tornar possível o avanço da infantaria não pode ser todo êle executado durante o próprio avanço: parte dêle é executado antes dêste se iniciar.

O conjunto das acções da artilharia executadas antes da partida do ataque designa-se por — *tiro de preparação* — e tem em vista:

- a destruição, total ou parcial, dos obstáculos e para-peitos com que o defensor se cobre;
- a destruição do maior número de órgãos de fogo da defesa, designadamente artilharia e engenhos anti-carro, ou, pelo menos, a sua neutralização total ou parcial;
- a desorganização das ligações que garantem o funcionamento do Comando e dos Serviços do In.;
- a inutilização ou interdição das comunicações que garantem a manobra das reservas e dos reabastecimentos do inimigo;
- a flagelação, como se disse para o ataque.

A execução de missões de destruição exige tempo e grande consumo de munições; além disso a preparação contraria os efeitos da surpresa. De tudo resulta que quando

Revista da Cavalaria

se não disponha de grande quantidade de material ou se queira dar o maior efeito à surpresa, a preparação é suprimida.

Nos quadros que se juntam, registam-se todos os dados que importa conhecer, relativos às possibilidades e condições de execução das várias missões.

B — Missões na defensiva:

Na defesa a artilharia deve:

- procurar impedir a montagem do ataque inimigo ou, pelo menos, reduzir desde o início a sua capacidade ofensiva;
- *deter*, em concurso com os fogos da linha de combate (infantaria ou cavalaria), a progressão do ataque inimigo ou, pelo menos, diminuir o ímpeto e a fôrça do seu escalão de ataque;
- apoiar os contra-ataques da defesa, colaborando com eles para expulsar o inimigo que tenha entrado na posição de resistência e aí procure instalar-se e alargar a brecha.

Para isso a artilharia executa, semelhantemente ao que se disse no ataque:

a) *Tiros longínquos* com carácter de *interdição* ou de *flagelação*, que retardam e dificultam a aproximação do inimigo para o ataque e, durante êste, o afluxo de reforços e reabastecimentos, e o funcionamento do comando do ataque.

b) *Tiros de contra-preparação*: constituindo sistemas de fogos destinados a neutralizar ou dificultar os trabalhos preparatórios do ataque inimigo. Consistem em tiros de neutralização executados, quando há indícios da preparação do ataque, sôbre os objectivos referenciados pela aviação ou observatórios (concentrações e movimentos de carros e de tropas de linha, baterias inimigas em via de instalação ou já instaladas, etc.) e sôbre os pontos favoráveis para a instalação das unidades de ataque.

Revista da Cavalaria

A contra-preparação reveste, obrigatòriamente, a forma de *concentrações maciças* susceptíveis de causar em pouco tempo perdas consideráveis que abatam o moral das tropas de ataque e quebrem a sua coesão.

Uma contra-preparação bem organizada e lançada com *oportunidade* pode inutilizar o ataque inimigo.

Se a contra-preparação é tardia o inimigo pode já ter ultrapassado as zonas batidas por ela; se é lançada prematuramente o dispositivo preparatório do ataque pode não ter ainda atingido a densidade propícia aos efeitos maciços da contra-preparação.

A *contra-preparação normal* é a executada para neutralização da preparação do ataque à P. R. (posição de resistência).

Tòda a artilharia deve poder actuar nesta contra-preparação. Para isso admite-se que a artilharia ligeira pode encontrar-se até 8 kms. e o material pesado até 9 a 10 kms. das zonas a bater, o que permite certo escalonamento em profundidade na instalação dos materiais.

Quando os postos avançados tenham missão de resistência acentuada e o inimigo tenha, por isso, de montar um ataque em forma para os repelir, o defensor pode executar uma *contra-preparação eventual* (avançada) visando a dificultar a preparação dêsse ataque e retardar o seu desencadeamento.

c) *Tiros de detenção*, correspondendo ao *apoio directo* da linha de combate e que visam completar e reforçar os sistemas de fogos que a infantaria organiza para criar à frente das linhas ou centros de resistência sucessivos que ocupa sistemas de fogos contínuos, densos e profundos, que constituam verdadeiras *barragens* que o inimigo só poderá atravessar depois de conseguir destruir grande número das armas de defesa. É a *barragem fixa*.

Na barragem criada à frente da L. P. R. (linha principal de resistência) devem cooperar o máximo das armas de defesa. É a *barragem principal*.

Se os P. Avs. têm missão de resistência, pode ser organizada uma *barragem avançada* à frente da L. R./P. Avs. (linha de resistência dos P. Avs.), com os fogos das armas em P. Avs. e a cooperação de parte das metralhadoras, dos mor-

Revista da Cavalaria

teiros e da artilharia destinada à defesa da Pos. de Resistência (P. R.), as quais sendo necessário tomarão transitória-mente posições avançadas.

Além dos tiros de detenção nas barragens principal e avançada o apoio directo compreende, ainda, tiros de detenção:

- sôbre pontos da P. Seg., ou do terreno entre essa e a P. R., de onde o inimigo que tenha já ocupado a primeira e progrida sôbre a segunda possa dificultar a retirada dos nossos P. Avs.;
- no interior da P. R., colaborando em *barragens interiores* preparadas para vedar ao In. que consiga abrir brecha na P. R. a sua progressão e instalação no interior daquela (entrada ou saída de corredores de infiltração, observatórios no interior da posição) e, também, para restabelecer a ligação dos fogos nos bordos da brecha aberta (colmatagem dos fogos);
- na *barragem recuada* organizada, como último recurso, à frente da L. B. (linha de barreira) que constitui o limite posterior da zona de resistência.

A artilharia coopera nas *barragens* batendo com tiros de *detenção* as zonas que a infantaria não pode bater ou bate mal, e ainda aquelas que apesar de batidas pela infantaria se julga conveniente bater, em sobreposição, também com artilharia, dada a sua capital importância.

Quando o atacante progride numa ordenação concentrada, por interêsses da sua manobra táctica ou imposição de terreno, e em que é fácil, por isso, observar o seu avanço, em vez de organização de barragens a tôda a largura da posição a defender, os tiros de detenção podem tomar a forma de *concentrações* sucessivas sôbre as partes do dispositivo inimigo (ou pontos do terreno) em que haja garantia de maior efeito dos fogos.

Ê também esta a forma que em geral revestem os tiros de detenção da artilharia quando se dispõe para isso de pouco material e não é possível, por isso, descentralizar os fogos de apoio directo. Isto sùcede a maior parte das vezes na Br. Cav. e no emprêgo de pequenas fracções de artilharia atribuídas, como refôrço, aos G. Cav.

Revista da Cavalaria

Tirado este caso, na defensiva como na ofensiva, o apoio directo é fornecido a cada sector da defesa por um *agrupamento* de Art. Div., em íntima ligação com o comando do respectivo sector para mais fácil organização do plano de fogos do sector, mas que ficam todos dependentes do Com. da Art. Div.

Além da sua missão normal, que é a de fornecimentos de tiros de detenção no sector a que foram adaptados, o Comandante da Div. pode atribuir outras missões aos Agrupamentos de apoio directo, como sejam: reforço dos tiros de detenção nos sectores vizinhos e tiros de protecção.

Tiros de protecção: são os tiros de detenção que, como na ofensiva, reforçam e prolongam em profundidade o apoio directo, visando os objectivos mais afastados, não batidos pelo apoio directo e que constituam uma ameaça próxima para as tropas que guarnecem cada zona da posição (baterias e observatórios avançados do inimigo).

Na defensiva ainda podemos considerar, como no ataque: a *contra-bateria*, que representa, afinal, acção de *protecção*; os tiros contra objectivos inopinados e os de apoio dos contra-ataques, que, afinal, são todos *tiros de apoio directo*.

Tôda a A. Div., como tôdas as outras armas de defesa, devem actuar na barragem principal, para o que as baterias ligeiras mais recuadas não podem ficar a mais de 6 kms. dos pontos a bater ou, seja, a mais de 5 kms. da L. P. R. A artilharia pesada (ob. 15) pode ser instalada até 9 kms. da L. P. R., mas deve ter-se em vista que tão grande afastamento dificulta as transmissões e deve, por isso, instalar-se a menores distâncias.

Pelo contrário, na barragem avançada, por um lado, e nos tiros no interior da posição — barragens interiores e barragem recuada — por outro, não se pode pretender a cooperação de todo o material. Contentamo-nos em que metade do material possa cooperar na «*barragem recuada*» e outros tiros no interior da posição. Por isso as baterias que devem cooperar nesses tiros, se são de peças, não devem estar a menos de 1.500^m da L. B., a não ser que se empreguem cargas reduzidas, caso em que podem aproximar-se até 800^m da L. B.

Uma parte das baterias, normalmente cêrca de $\frac{1}{3}$ da totalidade, deve poder apoiar os P. Avs., para o que algumas

Revista da Cavalaria

batarias podem instalar-se inicialmente em posições avançadas, no interior da P. R., à frente da L. B., se das suas posições normais não têm alcance para aquêlo apoio. Estas batarias recuam para as posições do dispositivo normal de defesa da P. R. logo que o escalão de combate dos P. Avs. inicie a sua retirada. Para facilidade de emprêgo as batarias a destacar para estas missões são, precisamente, as mais recuadas do dispositivo normal.

A A. Div. deve, ainda, participar com parte do seu material nos tiros de interdição e flagelação longínqua, dentro das possibilidades do seu alcance, para reforço da acção normal da A. C. e de Ex.

Para isso, pode ser necessário destacar algumas batarias para a frente mesmo da L. P. R., instalando-se próximo de bons observatórios, cobertos pelos P. Avs., retirando para tomar lugar no dispositivo normal da artilharia de defesa logo que tenha cessado aquela sua missão.

*

A organização do comando:

Do que já se disse, depreende-se que a organização do Comando da Artilharia de uma G. U. é baseada nas missões que devam ser-lhe atribuídas: apoio directo, protecção, contra-bateria, interdição e flagelação. Em cada G. U. a artilharia fracciona-se em agrupamentos, a cada um dos quais é atribuída uma missão bem definida — missão normal — e o material em número e qualidade necessários para o desempenho dessa missão.

Para se tirar todo o rendimento do alcance e mobilidade dos fogos da artilharia, cada agrupamento pode ser empregado em reforçar eventualmente os fogos dos outros agrupamentos que actuam em missão normal nos sectores laterais vizinhos, ou a distâncias maiores ou menores — missões eventuais —.

Para que isto seja possível impõe-se a centralização do comando de todos os agrupamentos. Assim, em princípio, tôda a artilharia de uma G. U. está dependente e sob a acção permanente do Comando da Artilharia da G. U., que depende, por sua vez, do Comandante da G. U.

Revista da Cavalaria

Para que, a despeito desta servidão, o dispositivo conserve a flexibilidade necessária a um rápido e oportuno emprêgo tático, o Comandante da G. U. reparte as suas forças de artilharia em duas fracções:

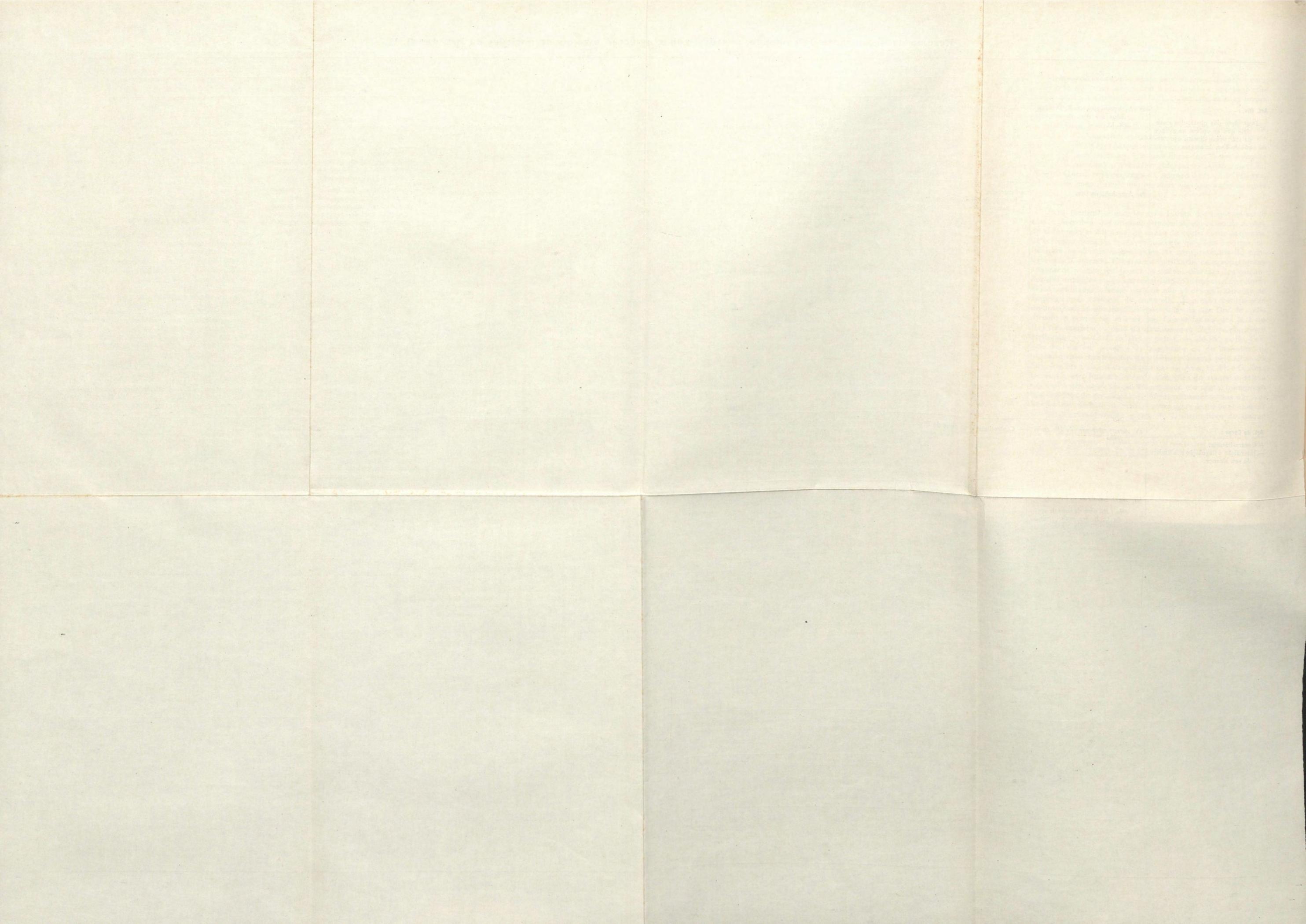
- a) Uma parte trabalhando em proveito das unidades de manobra subordinadas, e constituindo um ou mais agrupamentos: são *agrupamentos adaptados* às sub-unidades. É o caso dos «*Agr. de apoio directo na Div.*» e dos «*Agr. Adaptados*» às Div., no C. E.;
- b) Outra, cujo emprêgo o Comando da G. U. se reserva, constituindo um ou mais «*agrupamentos de acção de conjunto*».

Para facilitar a coordenação íntima dos fogos de apoio com a manobra das unidades apoiadas, em casos de acções de acentuada mobilidade, de zonas de acção muito largas ou de terrenos cortados transversalmente que, uns e outros, dificultam as comunicações entre os agrupamentos de combate e o Comando Central da Artilharia, os agrupamentos adaptados podem ser postos às ordens directas dos comandos das unidades apoiadas, constituindo elementos de refôrço dessas unidades. Neste caso há não só descentralização de emprêgo mas também de comando. É o caso das fracções de *acompanhamento imediato* destacadas da Art. Div. de apoio directo e postas às ordens dos Comandantes dos R. I. ou B. I.; é, também, o caso da *Artilharia de Refôrço* por vezes atribuída pelo C. E. às Div. e pelo Com. de Ex. às Br. Cav. que destaca em missões de segurança ou de manobra; é, ainda, o caso das fracções de artilharia postas pelo Com. da Div. (ou Br. Cav.), à disposição das G. Avs., G. Fl. e G. Ret., ou G. C., etc. Nas modernas concepções do ataque e defesa em que a descentralização do comando é a regra, o emprêgo das fracções de Artilharia de Acompanhamento aos agrupamentos de combate (ou *teams*) como agora se lhe ouve chamar também) generalizou-se muito (1). O dispositivo do ataque

(1) O que é curioso é que precisamente quando o emprêgo da artilharia de acompanhamento se generalizou é quando menos se lhe ouve dar esse nome apropriado. Chama-se agora «apoio imediato». No fim de contas continua a tratar-se de um apoio directo feito sob a forma de acompanhamento imediato.

Resumo da organização de comando, missões, zonas de acção e zonas de posições da Art. das G. U.

Escalaço orgânico	Organização do Comando	MISSÕES		Materiais	ZONAS DE ACÇÃO		ZONA DE POSIÇÕES	
		Normal	Eventuais		Largura	Profundidade	Ataque	Defesa
Art. Div. : Destruição dos obstáculos materiais que se opõem ao avanço da Inf.; apoio directo e protecção do Esc. de ataque.	a) Agrupamentos de A. D. adaptados aos Agr. de combate (R. I.).	— A. D. das unidades de manobra (R. I.).	— Reforço do A. D. nos sectores vizinhos. — Colaboração nas missões de protecção do Agr. de A. C. — Interdição nos limites do seu alcance. — Tiros sobre objectivos inopinados (designadamente Batrs. avançadas In. que se revelem), a cargo de alguns grupos.	Normal: P. 7, 5, 16.10, 5 ou uns e outros. Excepcional: 16.15.	Normal: — A do R. I. que apoia. Eventual: — Toda ou parte das zonas de acção dos R. I. vizinhos.	Limite entre a Art. Div. e a Art. de Corpo (normal): Ataque: 1.000 a 1.500 ^m à frente do objectivo que se ataca (mudanças de limite feitas durante a paragem em cada objectivo). Defesa: Antes da retirada dos P. Avs.: 2 km. à frente dos P. Avs. Depois da retirada dos P. Avs.: 2 km. à frente da L. P. R.	— Art. Lig.: — Rectângulo de 3 a 4 km. de profundidade, cujo limite avançado ficará a cerca de 1.000 a 1.500 ^m da B. At. — 16.15: Podem instalar-se um pouco mais à retaguarda mas convém que não esteja a mais de 12 km. dos objectivos a bater.	— Div.: a) Art. Lig. (A. D.): — Sector do R. I. que apoiam. Batrs. mais avançadas a 2 km. da L. P. R. Profundidade da zona de pos. = 3 a 4 km. b) 16.15: Até 9 km. da L. P. R. (o mais à frente possível para simplificar as transmissões). c) Batrs. destinadas a bater à frente de L. B. (normalmente 1/2): — mínimo a 1.500 ^m da L. B. (rasança). c) cargas reduzidas: mínimo 800 ^m da L. B. Obs. — Quando se trate de uma organização defensiva do tipo moderno da chamada defensiva <i>contra-relâmpago</i> , consistindo essencialmente no estabelecimento de centros de resistência fechados, dispostos em largura e profundidade através de uma certa zona de resistência, a Art. que fica dependente do Divisionário instala-se nos C. R. mais recuados, podendo ser nos ocupados pelas reservas.
	b) Agr. A. C. da Div.	— Protecção. — Reforço do A. D. onde e quando as necessidades da manobra aconselhem.	— Cooperação na contra-bateria (missão normal da Art. de Corpo) e na interdição, quando esteja já disponível (preparação do ataque e durante os assaltos das unidades que apoiam).	Normal: 16.15. Eventualmente: Art. Lig. (P. 7,5 e 16.10,5) se há disponibilidades.	Normal: A da Div. Eventual: parte da zona de acção das Div. vizinhas.	Limite entre as zonas de acção eventuais: limite do alcance da Art. Div.	— Batr. ou Div. de A. C. Imed.: Acompanham as unidades que apoiam, de Pos. de Espera em Pos. de Espera, a distância de 1.000 a 1.500 ^m da unidade. As Pos. de tiro empregando cargas reduzidas podem estar até 500 ^m do Esc. de fogo da unidade que apoiam.	d) Batrs. Lig. Avs., destinadas a apoio dos P. Avs. (em geral 1/3, ou seja uma Batr. por grupo — a Batr. mais recuada do G. B.): podem ser instaladas de início no interior da P. R. (à frente da L. B.), retirando para as suas posições normais quando se inicia a retirada do Esc. de resistência dos P. Avs. Actuam a pedido dos Com. dos P. Avs. do sector de R. I. a que pertencem. Podem articular-se em duas unidades de tiro (as div. da Batr.). e) Batrs. para tiros de interdição ou flagelação: Quando não possam actuar das suas posições normais com gr. alongadas, podem ser lançadas para a frente da L.P.R., cobertas pelos P. Avs., retirando logo que retira o escalaço de Vigilância dos P. Avs., ou até antes. Podem fraccionar-se (div. ou peças <i>nômad</i> s ou <i>vadias</i>).
Art. do Corpo : — Contra-bateria. — Interdição e flagelação nos limites do seu alcance.	a) Agr. adaptados às Div. em 1. ^a linha:	— Contra-bateria na zona da Div.	— Prolongamento e reforço dos tiros de protecção e, até, do A. D. na respectiva zona. — Cooperação nos tiros de destruição das organizações defensivas In. na zona da Div. (ataque). — Cooperação na interdição e flagelação.	Normal: P. 10,5 (e 16.15 se a Art. de Corpo dispõe deles). Eventual: P. 15.	Normal: A da Div. a que está adaptado. Eventual: Toda ou parte das Div. vizinhas.	As Batr. de Art. de C. podem ser instaladas numa zona mais recuada do que as de Art. Div. (cujo limite recuado fica a uns 4,5 km. da B. At., no máximo). O comando fixa a linha divisória. Podem ser reservadas posições para as Batr. de Corpo que tenham de actuar a maior distância, na zona de posições da Art. Div.	— C. E.: Como se diz para o ataque.	
	b) Agr. A. C. do C. E. Obs.: No caso da zona de acção do C. E. ser muito extensa pode não se constituir. Os Agr. adaptados são reforçados e têm a seu cargo todas as missões.	— Interdição, flagelação e tiros imprevisíveis na zona do C. E.	— Reforço da contra-bateria na zona do C. E. e nas vizinhas.	Normal: P. 15. Eventual: P. 10,5 (e 16.15 se a Art. de Corpo dispõe dele).	Normal: a do C. E., ou uma parte que lhe é fixada (se há vários Agr. de A. C. do C. E.).			
Art. do Ex. : Bater os objectivos que a Art. dos C. E. não pode bater eficazmente por: — deficiência de alcance: interdição e flagelação longínquas; — deficiência de protecção: destruição de organizações; contra-bateria.	a) Agr. adaptados ao C. E.: (a um ou mais C. E. cada um deles).	— Reforçar e prolongar a acção da Art. do C. E. na zona a que são adaptados com precedência para a contra-bateria (c. bateria, interdição e flagelação e até A. D. e protecção).	— Idem na zona dos C. E. vizinhos.	Grupos de material de grande alcance, grande campo de tiro horizontal e da maior potência, que o comando de Ex. não atribua como reforço aos C. E.	Normal: A do C. E. a que está adaptado. Eventual: Parte zona dos C. E. vizinhos.	Limite entre as zonas de acção normais da Art. de Corpo e Art. de Ex. Ataque: Limite do alcance da Art. de C.: em geral de início 6 km. para além da L. P. R. do In. Só se desloca o limite da Art. de C. quando em virtude do avanço do limite da Art. Div. a zona de acção de Art. de C. já esteja muito reduzida. Defesa: A zona de acção da Art. C. deve abranger toda a zona de posições da Art. In. (6 km. à frente da nossa L. P. R.).	Nas zonas de Ar. dos C. E. podendo o Com. ter fixado um limite recuado às Art. de C. E., para reservar atrás destas um espaço destinado a posições da Art. de secção longínqua.	
	b) Agr. de acção longínqua (um ou mais). Obs.: Se a Art. do Ex. é diminuta, constituem-se agrupamentos a que competem as missões indicadas em a) e b), dentro das zonas que lhe são fixadas com precedência para o reforço da contra-bateria nessa zona.	— Interdição e flagelação a grande distância. — Destruições em toda a zona do Ex.	— Reforço de um Agr. adaptado. — Interdição e flagelação.		Normal: parte da z. de acção do Ex., fixada ao Agr. Obs.: No caso de não se constituírem os Agr. indicados em a) e b): a cada Agr. constituido uma parte da zona do Ex. que lhe é fixada.			
Art. da Br. Cav. :	Dois dispositivos:							
	a) Um Agr. de A. D. (eventualmente fracções de Ac. Imed.). Um Agr. A. C.	— A. D. do ataque principal (ou sector de esforço defensivo). — Tiros de protecção.	— A. D. das acções secundárias vizinhas do Ataque principal. — Colaboração nas acções de protecção do Agr. A. C.	P. 7,5 ou 0.10,5 ou os dois conforme os casos.	Semelhantemente ao que se disse para a Art. Div. As zonas de posições podem ficar nos flancos das forças que apoiam, em determinadas condições.			
	Emprêgo descentralizado. Caso de reforço de Art. da Br. Cav.		— Reforço do A. D. no sector do esforço principal. — A. D. dos ataques secundários (ou sectores secundários da defesa). — Contra-bateria e Interdições.	— 16.10,5 ou P. 7,5, ou — Art. de Reforço.				
b) Um só Agr. (embora articulado em grupos). Emprêgo centralizado (normal quando a Art. da Br. Cav. não foi reforçada).	Apoio directo com precedência para o sector de esforço principal.	Protecção. Contra-bateria. Interdição.	— P. 7,5 e 0.10,5.					



Revista da Cavalaria

baseia-se na constituição de agrupamentos de ataque contando com tôdas as armas e meios necessários para manobrar como se estivessem isolados.

O dispositivo de defesa baseia-se na constituição de «centros de resistência» que no seu seio contam também com as armas e meios e por isso com Avt., para resistirem por si aos ataques vindos de qualquer direcção. Os centros de resistência dispõem-se em profundidade. Nos mais recuados instalam-se as baterias de Apoio directo Div. e as reservas.

O comando atribuirá a cada agrupamento que constitui a *missão e zona de acção normal*, convindo que lhe indique também as *zonas de acção eventuais* em que possa ser chamado a actuar.

*

No Quadro que se junta, indica-se a Organização do Comando, as missões, zonas de acção, e zonas de posições da Art. das G. U. no combate.

*

Vem a propósito uma pergunta, para acabar:— E modernamente é diferente o emprêgo da Art.?... Dizem que sim. Eu estou em dizer que não.

Nisto, como em quasi tudo, a essência das coisas não mudou. Generalizaram-se mais algumas modalidades de emprêgo — já previstas aliás — e tornaram-se menos frequentes outras modalidades.

No respeitante ao emprêgo tático da Art.^a creio que — no fundo prático das coisas — as modificações resumem-se no seguinte:

a) *No dispositivo e organização do comando:*

maior emprêgo da descentralização do comando e até do emprêgo, motivado pela própria descentralização da condução da manobra ofensiva ou defensiva.

Revista da Cavalaria

b) *Nas missões:*

Substituição dos fogos de artilharia pelos bombardeamentos aéreos e ataque à metralhadora e canhão pelos aviões de batalha, quando se trata dos tiros a maiores distâncias (flagelação, interdições e até contra-bateria) e quando se trata de «preparação ou contra-preparação». No primeiro caso porque se obtém maior rendimento, graças à boa colocação dos projecteis, como consequência de uma boa observação directa dos alvos e efeitos do tiro, e uma maior economia nos transportes de munições para a Art.^a, que muito importa. No 2.º caso porque se consegue ainda evitar a revelação do dispositivo terrestre devida à acção da art.^a na preparação ou contra-preparação.

A artilharia passa a empregar-se especialmente: na eventual preparação imediata imposta pela necessidade de deslocação do apoio aéreo para segurança do escalão de ataque; no apoio imediato e local dos carros e dos agrupamentos de infantaria que os seguem; nos tiros contra objectivos inopinados, hoje mais frequentes; no apoio dos contra-ataques imediatos que, depois de tão mal tratados voltaram a estar na moda. Finalmente, no prolongamento das acções da Aviação, sempre intermitentes.



CAVALARIA

NA GUERRA MODERNA

ARTILHARIA

«Errata» do artigo publicado sobre este título no fascículo de Setembro de 1944, pelo Major Buceta Martins.

pelos Capitães CASIMIRO GOMES

Só agora, por mero acaso, notei dois defeitos de impressão, por lapso na correcção das provas dos quadros insertos no artigo «Artilharia» publicado em Setembro p. p., que entendo não dever deixar de assinalar pela sua importância. O primeiro diz respeito às notas incluídas na casa «Observações» do quadro inserto entre as páginas 378 e 379, e respeitantes a «Frentes» a atribuir por G. B. (vid. primeira coluna do quadro).

Eis a «ERRATA»

— Pôr a seguir à frase «*Barragem móvel*» (primeira coluna do quadro), a nota (1) e antes da frase «Densidade a obter» (na coluna Observações) a mesma nota (1), que engloba as observações até à 5.^a linha das mesmas (inclusivé).

— Pôr a nota (2) a seguir à frase «*Na barragem complem.*» Antes da sexta linha das observações a mesma nota (2), que engloba as observações da 6.^a à 8.^a linhas.

— Pôr a nota (3) a seguir à frase «*Bomb. sucessivos*» (na primeira coluna). Antes da 9.^a linha das observações a mesma nota (3), que engloba as observações da 9.^a à 14.^a linha.

— Pôr a nota (4) a seguir à frase «*Protecção*» (bomb.), na primeira coluna. A mesma nota (4) antes da 15.^a linha das observações, englobando as linhas 15.^a a 18.^a.

— Pôr a nota (5) a seguir à frase «*Contra-preparação*», na primeira coluna. A mesma nota (5) antes da 19.^a linha de observações e englobando as linhas 19.^a e 20.^a.

— Pôr a nota (6) a seguir à frase «*Detenção*», na primeira coluna. A mesma nota (6) antes da 21.^a linha das observações, englobando as linhas 21.^a a 24.^a.

A «Errata» do Quadro intercalado entre as páginas 392 e 393 consiste em escrever na coluna «*Materiais*»:

— O 10,5 onde se lê 10,10,5; e

— O 15 onde se lê 10,15.

CAVALARIA

NA GUERRA MODERNA

pelo Capitão CASIMIRO GOMES



Pode dizer-se sem receio de errar que, na série de transformações e aperfeiçoamentos sofridos pelas diferentes Armas, a Cavalaria ocupa um lugar de destaque e isso tem-lhe valido referências que chegaram até à sua eliminação ou, pelo menos, à sua completa transformação noutra Arma de caracterís-

ticas idênticas, mas de meios diferentes.

Do lado alemão, em 1941, afirmou-se que a Alemanha dispunha apenas de uma Br. de Cavalaria, sòmente por constituir «um exemplar de uma espécie rara».

A França, antes do colapso, conservava parte da sua Cavalaria a cavalo e parte mecanizada constituindo as célebres e gloriosas Divisões Ligeiras Mecânicas, de quem o general Blanchard dizia em Maio de 1940: «É em grande parte graças aos cavaleiros e artilheiros do Corpo de Cavalaria e das 3 D. L. M. que o primeiro Exército pôde cumprir a difícil missão que lhe fôra confiada. Tendo sido os primeiros a participar na batalha desde 10 de Maio, não deixaram de nela estar sempre empenhados, demonstrando as suas belas qualidades de entusiasmo, de ardor combativo e de iniciativa, honrando as tradições da sua Arma».

Revista da Cavalaria

A Rússia, mantendo e desenvolvendo a sua Cavalaria, criando novas unidades e armando-as como compete a uma Arma moderna, aparece enfrentando com sucesso, massas mecanizadas alemãs e aniquilando e destroçando fortes posições de infantaria e blindados.

Existem assim, ou existiram até há pouco, três concepções acerca da Cavalaria:

— Uma, abolindo-a completamente da luta e deixando apenas o cavalo constituindo os Grupos de Reconhecimento das Divisões de Infantaria, substituindo nas acções que até então competiam à Cavalaria, esta Arma, por uma nova Arma — a Arma Mecanizada, apoiada e acompanhada por formações de Infantaria motorizada.

— Outra, mantendo os Grupos de Reconhecimento e organizando G. U. mecânicas de Cavalaria que constituíam, no seu total, as G. U. mecanizadas do exército.

— Finalmente, a concepção posta em prática no Leste admite:

A Arma Mecanizada cooperando intimamente com a Cavalaria a cavalo, fortemente reforçada com elementos mecanizados e de fogo anti-carro e anti-aéreo.

A resposta russa à pergunta cavalo ou motor, foi: «cavalo e motor».

COMO PODEREMOS ENTÃO VER O PROBLEMA NO CONJUNTO?

A eliminação quási total da Cavalaria e a mecanização da maioria das Divisões deve ter conduzido os alemães à conclusão de que nem todos os terrenos e nem todos os adversários permitem a manobra em larga escala, dessas unidades; que uma boa e dinâmica defesa não pode ser perfurada e explorada só com mecanizados; que uma Arma ligeira, rápida, deslocando-se através de todo o terreno no maior segredo, não necessitando de grandes massas de trens de apoio, capaz de vigiar e guardar em boas condições as vias de comunicações da tropa que progride através de milhares de quilómetros, dispondo de armas de fogo capazes de apoiar no ataque contra carros e aviões, está em condições, melhor do que qualquer outra, de acompanhar as tropas

Revista da Cavalaria

mecanizadas, cooperando nas suas acções, dando-lhe maiores garantias de segurança, ocupando o terreno conquistado, guardando as vias de comunicação, tornando possível o reagrupamento dos mecanizados e permitindo a estes maiores condições de segurança e maiores possibilidades de luta nos terrenos que no todo ou em parte poderão impedir as suas acções.

Exemplos que poderão servir de base para a confirmação do desequilíbrio da concepção alemã inicialmente posta, deram-se entre outros, no Norte de África e no Leste.

No primeiro, a Cavalaria teve um campo óptimo para operar.

Lemos algumas considerações acerca da missão dada a um Destacamento americano constituído por Infantaria, tropas blindadas, Engenharia e forças auxiliares, no interior da Tunísia, no espaço compreendido entre as forças do General Rommel e as do General Von Armin.

Próximo à linha Mareth, o 8.º Exército Britânico enfrentava de Este o Exército do General Rommel enquanto o Exército de Von Armin era enfrentado de Oeste pelo 1.º Exército britânico, próximo de Bizerta e Tunis.

O Destacamento americano teve ordem de operar na retaguarda de Rommel, contra as suas comunicações, dificultando a sua retirada para se reunir às forças de Von Armin. Missões desta natureza são extremamente perigosas porque estão, a todo o momento, sujeitas aos ataques de forças muito superiores.

Por estas razões, na constituição do Destacamento a lançar deve haver sempre uma associação completa dos dois factores base: grande mobilidade e grande poder de fogo.

O fogo pode ser-lhe dado pelas armas dos mecanizados associados a uma tropa em condições de os apoiar e capaz de ocupar as zonas de terreno consideradas necessárias; a *mobili-*
idade, tem nos mecanizados ou no cavalo, um óptimo elemento.

A tropa destinada a limpar o terreno conquistado pelos tanques e a ocupar as zonas importantes, deverá ser de Infantaria motorizada ou Cavalaria?

Os alemães adoptaram a primeira; os russos, em grande parte, a segunda. Ambos obtiveram sucessos, mas sempre o

Revista da Cavalaria

terreno condicionou o bom êxito das acções numa ou noutra modalidade.

A Infantaria motorizada movimenta-se com grande velocidade. Para o ataque, pode deslocar-se rapidamente e tomar formações adequadas à manobra a executar, muito distante do local de ataque. Se o inimigo ataca com grandes forças a Infantaria poderá retirar-se rapidamente, mas se o adversário atinge os flancos dessa tropa e intercepta as estradas de retirada, as forças motorizadas correm grande perigo.

Os tanques poderiam, sem dúvida, acorrer em auxílio da Infantaria e tentar formar uma *guarda de flanco* ou uma *guarda de retaguarda*, mas não é esse o seu papel, sobretudo, se forem atacados por forças mecanizadas superiores.

A Cavalaria, fortemente apetrechada, associa-se à acção dos motorizados e está em condições, em qualquer altura, deslocando-se através de todos os terrenos, de manobrar consoante convier aos blindados ou à sua própria segurança.

Na situação a que nos referimos na Tunísia, as forças do Destacamento americano foram atacadas por forças móveis alemãs e tôdas as servidões que atrás deixamos dito embaraçaram de tal modo a sua acção que o Destacamento foi, na sua maioria, aniquilado.

O inimigo, bloqueando as estradas que conduziam à retaguarda, obrigou ao sacrifício alguns Batalhões a fim de permitir que o resto do Destacamento se retirasse.

O cavalo e o motor não teriam consentido aos alemães a manobra tão rápida e tão livremente.

No Leste, o exército soviético pôs em execução, realizações de alto interesse tático e estratégico.

No que diz respeito à Cavalaria, Budyenny, o chefe da Cavalaria russa e depois seu inspector geral, escreve: Duas tendências caracterizam essencialmente a utilização da Cavalaria:

- O emprêgo da Cavalaria em massa;
- O emprêgo da Cavalaria estratégica para a conquista de objectivos decisivos.

Revista da Cavalaria

Os alemães, por intermédio dos generais Brandt Von Kochenhauren e Poseck e da própria Militar-Wochenblatl, não se cansaram de declarar que a época da motorização pode e deve ressuscitar a Cavalaria. Duas condições puseram em evidência para uso desta Arma:

— Ser usada em grandes massas e não em pequenas formações;

— Dever ser equipada com as mais recentes armas de guerra e treinada em particular com os carros de combate.

A Cavalaria soviética parece satisfazer a estes objectivos. Antes do início da actual guerra dispunha de 34 Divisões cada uma com 3 Brigadas e 2 Regimentos. É considerada uma Arma independente para fins ofensivos e, neste caso, utilizada como massa principal das tropas com que coopera.

A literatura militar russa diz ainda: «Em guerras futuras, será dado à Cavalaria realizar acções muito importantes. As formações de Cavalaria fortemente apoiadas por aviões, carros de combate e auto-metralhadoras, terão de realizar acções estratégicas activas: longo cêrco do inimigo e captura dos seus mais importantes centros estratégicos, políticos e económicos assim como acções tácticas: a desorganização e a destruição final das tropas inimigas derrotadas e em retirada».

Ao mesmo tempo, a Cavalaria soviética é treinada para cooperar estreitamente com os carros e tem o seu lugar nas operações decisivas das poderosas unidades mecanizadas. É tarefa da Cavalaria seguir os ataques dos carros, ocupar territórios conquistados e limpar pontos inimigos isolados.

É princípio assente, ainda, no exército russo, que a Cavalaria nunca deve oferecer resistência a um inimigo fortemente armado. Deve antes, ser altamente móvel e utilizada contra o potencial humano do inimigo, enquanto os tanques destroem as suas concentrações de material. Com tal cooperação, a perseguição pode ser realizada rapidamente e com toda a energia, e, a exploração do sucesso, levada a um alto grau de rapidez.

Revista da Cavalaria

Para a Cavalaria, a perseguição de uma tropa destroçada é uma das missões mais proveitosas das tropas motorizadas.

A grande mobilidade da Cavalaria é reforçada com o ímpeto e a capacidade de manobra dos carros e, portanto, uma formação mista de Cavalaria e tropas mecanizadas representa o instrumento mais eficaz de perseguição.

Na cooperação Cavalaria-tanques, a experiência no Leste têm mostrado óptimos resultados.

Corpos de Cavalaria em cooperação com unidades motorizadas cercaram as resistências alemãs em Stalinegrado. Após a conquista desta cidade, a Cavalaria deslocou-se rapidamente para Leste pondo em retirada e destroçando as forças alemãs mandadas em auxílio do 6.º Exército alemão. O Coronel Kolomeitsev, conhecido oficial soviético, diz: «O principal da tática soviética no uso da Cavalaria não pode ser influenciado pelo mérito de cavalo e motor, mas sim pelos seus méritos associados».

A Cavalaria atacada pelo ar consegue, graças à sua mobilidade, manobrar rapidamente e mudar de formação através de terrenos ou localidades abrigadas, estar em melhores condições de fugir a um ataque aéreo do que uma tropa apeada ou motorizada.

Esta última é um alvo magnífico para os aviões sempre que seja referenciada em marcha.

A Cavalaria soviética dispõe de grandes quantidades de boas espingardas automáticas anti-aéreas, o que obriga o inimigo a respeitar uma altura fora do seu alcance (para cima de 600 m.)

Numa das muitas operações no Leste, quando os alemães souberam que grandes massas de Cavalaria russa estavam operando na sua retaguarda, atiraram contra esta, grandes formações de aviões.

Num só dia, fizeram-se 1.500 sortidas. A Cavalaria mostrou que não era mais vulnerável aos ataques aéreos do que qualquer outra tropa terrestre.

A ocidente de Taganrog, a Cavalaria russa em íntima coordenação com os aviões, conseguiu aproveitar ao máximo os efeitos dos bombardeamentos aéreos nas acções em terra,

Revista da Cavalaria

o que lhe permitiu a continuação da progressão para Oeste, perfurando resistências de grande valor defensivo. Além das grandes massas de aviões atiradas contra a Cavalaria soviética, grandes formações de carros enfrentaram os ataques da Cavalaria ou a atacaram.

As Divisões Couraçadas encontraram pela frente poderosa artilharia fazendo parte orgânica da Cavalaria. Além disso, armas anti-carro, granadas e canhões, provaram que é um erro supor que a vulnerabilidade da Cavalaria é maior do que a de qualquer outra Arma.

O comunicado oficial alemão de há dias, refere a acção de um Corpo de Cavalaria alemão que se encontrava no centro de gravidade das forças que se opunham à progressão soviética para Scharfenwiese, conseguindo notáveis triunfos. O que afinal, parece estar em oposição com as afirmações alemãs feitas em 1941.

Mas, então, se as forças mecânicas excedem em mobilidade a tropa a cavalo e aquela é a qualidade que se impõe principalmente caracterizando a Arma, porque razão a Leste se defende tão acaloradamente a existência de massas a cavalo?

A experiência mostrou que na maioria das situações de uma guerra de movimento como aquela que se desenvolve, a cooperação íntima *cavalo-motor*, quer dentro da mesma unidade, constituindo unidades mistas, quer em unidades diferentes — unidades a cavalo e unidades mecânicas — era de alto interesse e grande alcance. Pode mesmo dizer-se que, ao ataque das massas mecanizadas, apoiadas e protegidas por tropa transportada, os russos opuseram o conjunto: tropa mecanizada e infantaria — tropa de cavalaria, dispondo de grandes formações a cavalo.

A Cavalaria apeia e pede à Artilharia e aos tanques o fogo e a protecção que necessita para progredir ou para suportar o ataque de um inimigo superior. Procede, afinal, como a Infantaria.

Passada essa fase, adquire novamente a sua mobilidade. O carro e o cavalo estão em óptimas condições para a perseguição do inimigo ou para a manobra em retirada. Com os tanques, a Cavalaria adquiriu uma forte armadura com a qual pode enfrentar qualquer adversario.

Revista da Cavalaria

O exército russo adoptou os seguintes principios de colaboração dos *carros com a Cavalaria*:

- Emprêgo em massa dos carros;
- Coordenação íntima e auxilio mútuo;
- Colaboração de todos os recursos disponíveis, no ataque: Cavalaria-carros.

Um exemplo desta coordenação deu-se a Leste, no sector do Sul, em 1943. À Cavalaria foi dada a missão de, trabalhando em coordenação íntima com os carros, entrar na retaguarda do inimigo e cortar a sua linha de retirada para Oeste.

A preparação da operação começou com activa instrução para cavaleiros e pessoal dos tanques.

Havia necessidade que o flanco direito e a retaguarda da Cavalaria fôsem cobertos e seguros pelos tanques, de modo a permitirem à Cavalaria, depois de entrar na brecha aberta, descer para sul e atacar na direcção sudeste. Foi resolvido que, logo que fôsse aberta a brecha, os tanques atacariam sòmente na direcção noroeste e assim alargariam a brecha para a Cavalaria entrar na retaguarda do inimigo.

O ataque corajoso e impetuoso da Cavalaria esmagou as defesas, conseguindo alcançar a retaguarda inimiga e cortar as linhas de comunicações.

A defesa alemã tentou impedir a Cavalaria russa por acções das suas reservas, sem resultado. Os tanques, depois de terem atacado na direcção noroeste, e de terem permitido uma brecha para passagem da Cavalaria, atacaram com esta, as retaguardas do defensor e protegeram ao mesmo tempo o flanco direito, de modo a guardá-lo de possíveis ataques das reservas inimigas. As reservas, contra-atacando êste flanco, expuseram-se a um ataque de Cavalaria e tanques que as cercaram e esmagaram.

Outro exemplo curioso da coordenação dos carros-Cavalaria deu-se quando a frente alemã, em retirada, se seguiu numa linha de pontos fortes, pertencendo ao número dêstes, uma aldeia onde foram concentradas grande número de fôrças. Um ataque frontal, não era de aconselhar.

Quatro esquadrões desmontados foram encarregados de expulsar os defensores da aldeia. O terreno que separava a

Revista da Cavalaria

base de ataque da região ocupada pelos defensores era cortado por um regato pantanoso onde tiveram de intervir os sapadores para a construção de uma passagem. Reservas de tanques e cavalos foram colocados num bosque próximo. Logo que a tropa apeada atravessasse o regato, os tanques progrediriam. Então, ultrapassando-os, os cavaleiros atacariam a aldeia.

No momento em que os cavaleiros atravessaram o regato, por detrás da parte Oeste, o inimigo atirou as suas reservas (um grupo de tanques e 2 companhias de Infantaria).

O Comandante da tropa apeada decide, em primeiro lugar, esmagar as reservas inimigas. Para isso, dirige contra os tanques os fogos de todos os canhões anti-tanques e de toda a artilharia disponível. Contra a infantaria foram lançados fogos de metralhadora e granadas.

Os tanques e a Cavalaria retrocederam para o bosque e tiveram ordem de se ocultar, nada fazendo que pudesse revelar a sua presença, devendo estar prontos para abrir fogo se o inimigo conseguisse aproximar-se a uma distância de 300 ou 400 metros. O combate foi curto. Os tanques, tendo caído na zona da artilharia ficaram quasi totalmente aniquilados. A infantaria, após a destruição e retirada dos tanques, foi alvejada pelo fogo dos cavaleiros e, não conseguindo agüentar-se, retirou.

A guarnição da aldeia, na impossibilidade de suportar sozinha o ataque, retirou na direcção das reservas.

Era preciso agir rapidamente. Tinha chegado o momento oportuno.

A Cavalaria montou a cavalo rapidamente e lançou-se ao ataque com os carros. Enquanto estes esmagavam com fogos e o choque das suas viaturas o «*emplacement*» dos canhões inimigos nos arredores da aldeia, a Cavalaria atacou a sua guarnição que depois de uma pequena luta se rendeu.

A rapidez da manobra e a surpresa fizeram com que o número de baixas fôsse quasi insignificante.

O *Moscou News*, publica uma entrevista com um oficial, cossaco, em que este refere uma acção de tropa a cavalo, opondo-se ao avanço de unidades blindadas alemãs que, por ser curiosa, passamos a resumir:

Revista da Cavalaria

Uma coluna de tanques alemães, médios e pesados, avançou através de uma planície contra linhas guardadas por esquadrões de cavalaria cossaca.

Tivessem os alemães conseguido rompê-la e teriam podido penetrar fundo nas posições soviéticas.

O combate decidia o destino não só de uma unidade cossaca, mas talvez de outras unidades em reserva, as quais tinham por missão, ulteriormente, atacar uma posição alemã, poderosamente fortificada, que compreendia uma linha de fortificações subterrâneas e de superfície protegendo as proximidades de uma cidade.

O combate começou ao amanhecer de um dia quente de Junho.

A unidade cossaca permitiu que os carros alemães se aproximassem até ser possível um fogo ajustado e preciso. A primeira rajada dos canhões cossacos, inutilizou vários carros, mas outros conseguiram escapar. Atiradores cossacos anti-carro, dissimulados em bosques nas margens da estrada, entraram então em acção. Formando um cerrado semi-círculo em torno da coluna inimiga, o fogo imobilizou outros carros e pô-los fora de acção; os alemães, entretanto, aumentaram violentamente a pressão. Neste momento, 3 aviões soviéticos surgiram súbitamente por detrás de uma floresta próxima e lançaram as suas cargas sobre os atacantes. As armas anti-carro, intensificando o fogo, obrigaram os carros alemães a desistirem e voltarem. Isto *expôs* a infantaria que os acompanhava e que foi batida pelos canhões cossacos. Tendo perdido a protecção dos carros, a infantaria não pôde suportar o fogo cossaco e rapidamente, a retirada se transformou em debandada.

Os cossacos montaram então a cavalo e galoparam em perseguição do inimigo, empenhando-se numa luta corpo a corpo.

O oficial entrevistado conclui, afirmando que a unidade sob o seu comando, é equipada com todos os tipos de armas modernas. Uma das melhores, disse, é a espingarda anti-carro a que se chama a *lança do século XX*, por ser transportada na sela, no lugar onde era presa a antiga lança. «O grande poder de fogo permite às unidades cossacas suportar furiosos ataques frontais mesmo quando estes são protegidos e apoiados por carros e aviões».

Revista da Cavalaria

COMO PODE SER VISTO O PROBLEMA ENTRE NÓS?

¿A eliminação quási total da Cavalaria, deixando apenas os Grupos de Reconhecimento às Divisões, como aconteceu com um dos beligerantes no início desta guerra?

Creemos que não!

¿A solução russa de organizar G. U. de Cavalaria para cooperação com as unidades mecanizadas, é de aconselhar?

Ali, o *terreno* impôs a solução e esta tem dado, de facto, os melhores resultados. Os alemães, atacando no Leste, julgaram poder dispensar a sua Cavalaria. É, afinal, a Cavalaria que lhes tem impôsto uma série de situações difíceis, quer pela mobilidade de que dispõe, quer pelo armamento com que está apetrechada.

Em França, em 1940 e agora em 1944, perante uma defesa nitidamente fraca, fizeram os mecanizados perfurações profundas e os motorizados exploraram rapidamente o sucesso obtido ou confirmaram as extensões conquistadas pelos primeiros.

Mas dar-se-ão normalmente situações dêste estilo, com avanços da ordem dos 80 kms. diários?

O que se lê sôbre acções da Cavalaria no Leste leva-nos a concluir que os atacantes não necessitam de grandes massas motorizadas deslocando-se á retaguarda dos mecanizados, constituindo um pêso morto de grande vulnerabilidade, agarradas às comunicações...

O mecanizado tem necessidade sim, de uma tropa «souple», acompanhando em todos os terrenos as acções dos carros, fortemente armada, com possibilidade de se deslocar 2 a 3 dezenas de quilómetros diariamente, que são, afinal, as possibilidades médias de um atacante mecanizado, com sucesso, contra uma defesa pouco forte.

Exige ou permite o terreno continental, acções da envergadura daquelas que referimos?

Nos mecanizados, o primeiro problema que se põe é, como todos sabem, se êles deverão ou não constituir uma Arma. A êste respeito vimos já que existem idéias várias, dispondo de forte argumentação.

Revista da Cavalaria

Parece, de facto, que, se dispusessemos de uma massa de mecanizados constituindo G. U. pesadas, a organização de uma Arma seria de aconselhar.

O seu aparecimento nalguns países em guerra revolucionou de certo modo a tática e trouxe novos horizontes à estratégia.

As conclusões precipitadas dos êxitos obtidos pelos blindados e das suas possibilidades, levaram alguns escritores militares a arrastar com êste conceito, a queda da Cavalaria.

A Rússia desenvolveu as suas unidades mecanizadas e fez colaborar com elas as unidades mistas de cavalo e motor.

Se é possível criar uma nova Arma, parece-nos uma solução. Fazer desaparecer a Cavalaria para dar lugar à Arma mecanizada, afigura-se-nos um erro.

VEJAMOS A SOLUÇÃO DE ENGLOBAL NA CAVALARIA A ARMA MECANIZADA E A ARMA A CAVALO

Os factores morais: Resultante ainda do ambiente em que actuaram as «Panzers» em França, na Polónia, e de início na Rússia, alguns escritores militares e mesmo alguns cavaleiros, afirmaram que o *espírito carrista* é completa e absolutamente diferente do *espírito cavaleiro* e que um e outro possuem valores morais diferentes.

A êste parecer tão radical, opomos completa discordância.

O cavaleiro, educado a cavalo, está em condições óptimas para receber instrução auto e adaptar-se a tôdas as situações no campo, aliás comparáveis, a cavalo e em motor.

Conduzir uma moto, uma A. M. ou mesmo um carro através de todo o terreno, salvo as devidas proporções, não é muito diferente de conduzir um cavalo.

Empregar, debaixo do ponto de vista tático, uma unidade auto, tem muitas semelhanças com uma unidade a cavalo.

Mas há, dizem, um sem número de pequenas coisas que *viciam* o motorizado e são indispensáveis ao cavaleiro.

A solução está, em educar o motorizado a cavalo, em primeiro lugar.

Só depois disso estará em condições de ser *cavaleiro* nos autos.

Revista da Cavalaria

O argumento mais forte que é apresentado pretende apoiar-se nas necessidades em valores morais para as tropas mecanizadas encarregadas da *rotura*. E com isto, afirma-se que o *espírito cavaleiro* próprio de tropa que se desloca rapidamente e com frequência, baseando nisso tôdas as suas acções e tôda a sua mentalidade, não está em condições de suportar moralmente o tempo de preparação e a acção mais ou menos cadenciada, de uma tropa que ataca, pelo choque e pelo fogo. Não nos parece razoável este raciocínio. Não é a primeira vez na história da Cavalaria em que esta ataca pelo choque e pelo fogo.

A disciplina, a cultura moral, o desejo de se bater, a fozosidade do cavaleiro, suportam sem desfalecimento os momentos de paragem que antecedam os de movimento. E neste, quer se trate de carros ou simplesmente de atiradores, as qualidades do cavaleiro têm aí oportunidades excelentes para tirarem das armas e das viaturas o melhor dos rendimentos.

O desenrolar do ataque com os carros está em absoluto acôrdo com a psicologia do cavaleiro e quem tiver *espírito cavaleiro* impor-se-á como o melhor condutor e o melhor combatente.

Há, naturalmente, um determinado número de hábitos que não pertencem ao *carrista* e são correntes no *cavaleiro*, mas este rápida e completamente poderá adaptar-se à mentalidade dos *carristas*. O contrário é que talvez não seja verdadeiro.

Por isso é nossa convicção que melhor do que qualquer outro, o cavaleiro deverá constituir o elemento base das unidades mecanizadas, pequenas, ou grandes unidades.

No emprêgo, aquêles que afirmaram que as missões da Cavalaria eram eternas têm tido nesta guerra a confirmação absoluta do que então disseram.

Como as G. U. Cour., as G. U. de Cavalaria tinham a missão de:

- realizar a segurança e procurar a informação;
- intervir na batalha, defensiva ou ofensiva, esta principalmente, dispondo-se a todo o momento para passar à exploração do sucesso ou à perseguição.

Revista da Cavalaria

À expressão feliz de um relatório oficial do nosso E. M. : «a defensiva sob o signo de ataque», «o ataque sob o signo da exploração do sucesso», acrescentamos nós: *a tropa que defende e a tropa que ataca tem de ser altamente móvel.*

Só os carros estão em condições de garantir simultaneamente a mobilidade e a potência de fogo.

Mas a mobilidade, conjunto da velocidade e da flexibilidade tem os seus limites, só ultrapassada em parte pela tropa a cavalo.

Quer na defesa, quer no ataque, o objectivo é sempre não ceder ou conquistar uma faixa de terreno.

A tropa que está em condições de o conseguir tem naturalmente de estar no ambiente e possuir o mesmo espirito.

O cavalo e o carro, actuam identicamente, *pelo movimento e pelo fogo.*

A experiência da guerra presente mostrou que, como já se disse, uma tropa com as qualidades e as possibilidades de uma Cavalaria bem apetrechada e dispondo de material anti-carro e anti-aéreo, constitui o ideal para realizações em que a mobilidade permite o movimento e a superioridade de fogo no local e no momento desejados.

Uma nova missão apareceu para as G. U. C. que, segundo alguns escritores militares, difere essencialmente das missões da Cavalaria: *a rotura.*

E aqui se baseia a argumentação de maior peso contra a constituição das unidades mecanizadas com cavaleiros.

A nova missão dada aos mecanizados obriga necessariamente ao acréscimo de tonelagem, armamento e municiamento das viaturas blindadas; à existência de uma Artilharia rápida e potente e à necessidade de elementos em larga escala que permitam a vida e o combate de uma unidade desta natureza.

Isto é, no conjunto, a uma massa maior, a um maior peso e, conseqüentemente, à redução da mobilidade e ao aumento da vulnerabilidade.

Ora as unidades mecanizadas têm sempre de encarar estas necessidades, quer sejam ligeiras ou pesadas. A mobilidade — mais ou menos acentuada conforme o tipo de que se trate —, o raio de acção, a própria natureza das acções rápidas e profundas, em que a actuação em fôrça é sempre de

Revista da Cavalaria

prever obrigam-nas a um apetrechamento abundante, em condições de satisfazer a duas missões: rapidez e força.

As acções com os mecanizados, mesmo quando demoradas na preparação, são dinâmicas e expressas por golpes rápidos, mais ou menos potentes. Tudo isto faz, cada vez mais, imaginar a *acção mecanizada* próxima da *acção cavaleira*.

¿ Não é, na argumentação posta, estar a considerar as acções dos cavaleiros em 1914 e a ver a guerra para as outras Armas, em 1944?

Diminuiu a mobilidade, para as G. U. pesadas, mas essa diminuição não alterou as cifras que são ainda desconhecidas para qualquer outra Arma que não seja a Cavalaria.

A acção em força, pode dizer-se, está fora das características da Cavalaria, porque então a *ligeireza*, as acções *rápidas* e *curtas* que caracterizam a Arma, não têm lugar.

¿ Mas uma Cavalaria, dispondo de meios que lhe permitam ser *rápida* e *curta* em determinadas acções e, *maciça* e *demorada* noutras, preparada para a vida e para o combate num ambiente de quasi completa independência, não está, afinal, actuando no ambiente clássico das G. U. Cavalaria, de acôrdo com as necessidades da guerra moderna?

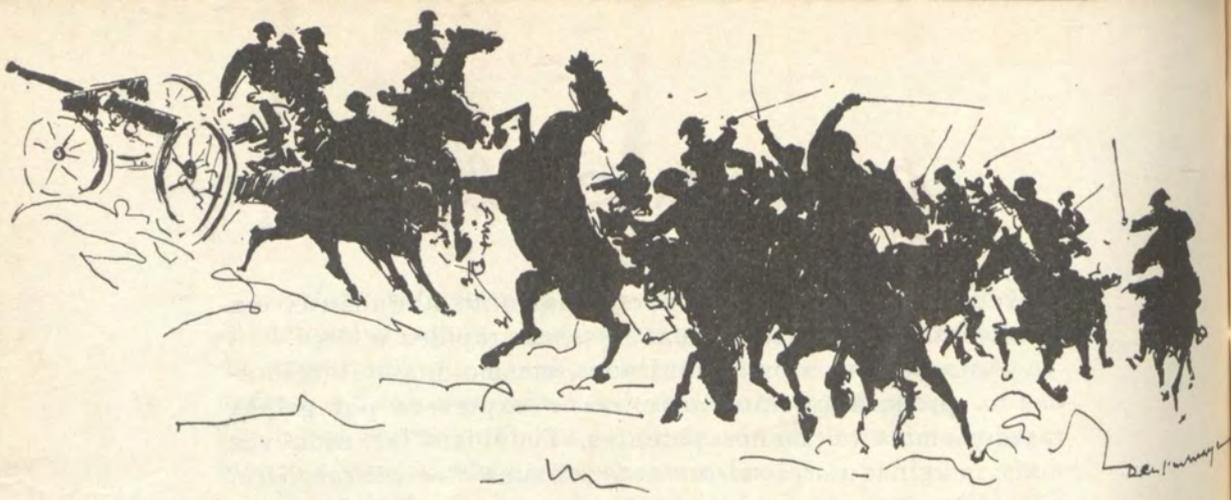
As necessidades de vida de uma G. U. ligeira mecânica são idênticas às de uma G. U. mecânica, tipo pesado. O volume é maior, nesta última, mas isso não a impede de actuar como e quando fôr necessário.

No combate, o choque de uma G. U. ligeira será semelhante ao de uma G. U., tipo pesado.

E não sei porquê, o combatente de uma G. U. ligeira se não pode adaptar fácil e rapidamente ao combate de uma G. U. pesada.

¿ Poder-se-á hoje considerar qualquer acção, no ataque ou na defesa, que não necessite de uma Aviação e de uma Artilharia, preparando ou pelo menos, apoiando e protegendo a tropa que ataca ou defende?

Uma tropa mecanizada e motorizada, constituída com as unidades de Cavalaria, educada a cavalo, como primeira instrução, vivendo em íntima cooperação com tropa a cavalo apetrechada como compete a uma tropa moderna, realiza a concepção hoje posta, como necessária e indispensável na guerra moderna: *A arma rápida*.



Temas táticos

pelo Major AGUIAR FERREIRA

A fim de ser tratada a situação manobra em retirada do G. Cav., apresentamos aos nossos amáveis leitores o seguinte

TEMA N.º 6

Cartas:

1/250.000 — 18-19-22-23

1 50.000 — 32B-33A-32D-33C

Situação geral

Em princípios de Outubro, perante a ameaça de invasão entre o Guadiana e o Tejo, foram dadas ordens para se efectuar a mobilização geral das forças nacionais e o reforço da cobertura na fronteira.

Revista da Cavalaria

As forças nacionais, destinadas a interdizer ao inimigo o acesso à península de Setúbal por **Estremôs**, devem concentrar-se na região... a coberto de Destacamentos avançados a instalar nas regiões de **Elvas, Campo Maior e Arronches**; um outro Destacamento assegurará em **Assumar** a ligação com as forças nacionais que operarão na região de **Portalegre**.

A concentração das forças nacionais já mobilizadas deverá estar concluída no dia 14 de Outubro, tendo em vista a ocupação de uma posição defensiva entre a serra de Ossa e o Tejo, na linha geral **Estremôs-Sousel-rib. de Sousel-rib. de Avis**, cuja defesa deverá ficar assegurada a partir do dia 12.

Situação particular

O G. C. D. 4, que acabou a sua concentração em **Sousel** na tarde de 8 de Outubro, recebe às 20 h 00 desse dia ordem para assegurar o mais rapidamente possível a posse do nó de comunicações de **Arronches**, interdizendo ao inimigo a transposição do Caia naquela localidade; deve ainda guardar as passagens do rio e vigiar o seu curso desde **Arronches** até ao caminho que de **S. Bartolomeu** conduz a **St.^a Eulália**.

Ulteriormente, e em caso de ataque em força, deverá retardar a progressão do inimigo segundo o eixo **Arronches-Monforte**, assegurando em última instância e no mínimo até ao cair da noite de 11, a posse do nó de comunicações de **Monforte**, barrando em especial a estrada **Monforte-Veiros**.

A direita e à esquerda do G. C. D. 4, e em ligação com êle, operarão respectivamente os Dest.^o Av. de **Campo Maior** e de **Assumar**, segundo os eixos **Campo Maior-Veiros** e **Assumar-Cabeço de Vide**.

Para o cumprimento destas missões o G. C. D. 4 é reforçado com 1 C. At. a. t. e 1 Pl. Metr. a. t.

Observações:

Tempo sêco. As ribeiras da região, e em especial o Caia levam bastante água em consequência de chuvas abundantes anteriores.

Revista da Cavalaria

Dia claro às 05 h 34. Escurecer às 18 h 59. Noite fechada às 19 h 45. A fronteira não deverá ser transposta pelas forças nacionais. Os postos da guarda fiscal mantêm-se guarnecidos.

Trabalhos a realizar:

— Ordens dadas pelo Com. do G. C. D. 4 para a instalação defensiva na região de Arronches, supondo que a testa do seu grosso atingiu a região da Snr.^a do Rosário às 11 h 00 de 9, sem ter tomado o contacto.

— Ordens dadas pelo Com. do G. C. D. 4 para a oportuna rotura do combate e manobra em retirada.





Concurso Hípico de Mafra

pelo Capitão JOSÉ BELTRÃO

*H*á factos que nunca esquecemos, e quanto mais cêdo passaram na nossa existência, maior é a sua importância, mais gravados ficam no nosso espirito. Por vezes não nos lembramos de acontecimentos de há poucos dias e recordamos outros decorridos muitos anos antes, não tendo a mínima importância comparando-os aos primeiros.

Na cabeça de uma criança, por onde ainda não passaram preocupações ou grandes esforços, ao admirar qualquer coisa, dois factores entram em linha de conta: uma grande memória e uma não menos pequena observação.

Dai resulta que pela vida fora, fica gravada no seu cérebro uma imagem inolvidável mas que não tem as mesmas proporções nas diferentes idades por que vai passando. Assim, quando nessa fase, olhamos para um edificio e o tornamos a ver muitos anos depois, ficamos admirados com as suas dimensões, que nos parecem ridiculas ao confrontá-las com as retidas pela nossa memória. Êste facto tem-se passado comigo várias vezes, excepto com o Convento de Mafra, que é, por assim dizer, Mafra.

Revista da Cavalaria

Tenho corrido mundo — não todo, mas algum. Fui a Mafra em criança, vou lá todos os anos repetidas vezes, e essa imagem gravada na infância não teve modificações: continua a ser grande... muito grande.

O nosso Rei Magnânimo deixou-nos um grande monumento e, apesar de tôdas as emergências por que tem passado, lá encontramos objectos de um valor incalculável e vestígios que bem mostram a grandeza do nosso império, prova clara das enormíssimas qualidades do grande povo que se chama Portugal, onde a energia brotou sempre por tal forma que o Mundo é pequeno para êle.

Mafra é uma amostra do que chegava à imperial Lisboa docemente acariciada pelo imponente Tejo, onde entravam as caravelas de uma Marinha das mais aguerridas de que reza a História, trazendo e levando soldados que não conhecem o impossível e assombraram todos pelos sábios, arrojadados e generosos processos de combater. Da rainha do Atlântico, berço da civilização ocidental, saíam para levar o progresso e a justiça e entravam para nos contar as suas façanhas, com algumas riquezas — fruto de trabalhos, febres e sofrimentos. Foram êstes soldados de terra e mar que habilitaram el-rei D. João V àquêl sorriso próprio de quem é poderoso, quando respondeu a um estrangeiro que se mostrara receoso pela fabulosa quantia que ao soberano apresentara como orçamento de um carrilhão: « — Pois façam-se dois em vez de um!»

O meio em que se vive tem grande influência nos homens, e foi com esta disposição que encontrei o major Salvação quando me falava dos seus projectos sôbre o Concurso Hípico de Mafra. E tal não era preciso, porque, ao inteirar-me do movimento de terras feito no campo de obstáculos, certificado fiquei que o decidido empreendedor está lançado em obras «magnânicas».

Em breve teremos um campo completamente nivelado, com piso elástico pelo verde escalracho que vai ser plantado, cercado pelas garridas e alegres sardinheiras e com a sombra que as futuras e existentes frondosas árvores nos proporcionam. E nada mais, meus senhores. É êste o plano de um homem que chega do árido Alentejo. E agora nós, os de fora, ajudemos quem lá está a trabalhar com tanto acêrto e

Revista da Cavalaria

energia. Com as tradições da terra e com um projecto desta envergadura, um dia teremos o que vimos nas pistas de Além-Pirinéus e se diz impossível no nosso clima. As vantagens que nos vai dar este Concurso não são apenas agradáveis à vista, pois quem se lembrar do saudável campo da Figueira da Foz verá que são estas as razões por que os cavalos ali saltavam com facilidade, apesar da pequena área, obstáculos de grandes dimensões e impraticáveis noutros maiores e com menos declive.

A melhor critica de um espectáculo é a da assistência. Por essa razão e concordando com ela, nada tenho a destacar — tudo estava bem. Todos vieram de lá bem dispostos e ouvindo os concorrentes apenas se lamentarem por não terem, em geral, cavalos para competir com os da Casa.

Salientaram-se, como debutante, o *Dreamthorpe*, irlandês de grande classe e largo futuro; o *Complexity*, que entrou para os primeiros lugares da minha classificação dos irlandeses, e o nacional *Guadiana*, hábil concursista e que deve ir longe.

Pela primeira vez na minha vida tive o desgosto de assistir a três concursos sem que a eles nada me ligasse. Verifiquei por isso que as senhoras têm talvez razão por encontrarem este género de provas muito monótono. Gostam mais das corridas de cavalos. Realmente, vendo bem, nas corridas, além de se assistir a uma luta rápida, nas cinco que se fazem por dia, pròpriamente o tempo gasto nas disputas e sua preparação, das três horas em que se engloba todo o espectáculo, é de meia hora e com bastante folga.

Por exemplo, na Omnium de Lisboa, tem-se dado o caso de uma pessoa, por vezes não muito aficionada, presenciando o mesmo percurso durante 5 horas e meia.

Julgo que é tempo de pensarmos em arranjar uma forma de quebrar esta monotonia. Pensei muito sobre este assunto e cheguei à seguinte conclusão:

1.º — As provas começariam de manhã, de forma que todos os cavalos realizassem o seu percurso até à hora do almoço (1 hora da tarde), no caso de se fazer uma barrage; não convindo fazê-la, deixar-se-iam 20 cavalos para a fase da tarde, o que dura aproximadamente 1 hora.

2.º — De tarde (às 3 ou 4 horas) teria lugar a barrage ou os percursos dos 20 cavalos, vindo depois a classificação com

Revista da Cavalaria

o respectivo desfile dos vencedores. A barragem convém ser num salto de altura, que é o mais apreciado pelo público.

3.º — Todos os dias, antes ou depois do que deixo dito nos números anteriores, haveria provas de amazonas, de discípulos, demonstrações de exercícios militares (pelo Exército, G. N. R., P. S. P. ou Legião e Mocidade Portuguesa) ou ainda outras distrações que possam sugerir, segundo a época do ano. Lembro para este caso reproduções de coisas do passado com os respectivos trajes, provas de Alta Escola, apresentações de cavalos arreados no género da sua raça ou da região.

Tôdas estas modalidades que apresento não são novidade para quem assistiu a provas no estrangeiro, mas desta forma há movimento. A fantasia feita por um Esquadrão de «Spahis» tinha um grande successo em Nice.

As reproduções de uma antiga Feira, de caçadas de outros tempos, de deligências com trajes da época tinham mais animação que propriamente o Concurso Hípico, em Londres.

A apresentação do Quadro Negro de Saumur em várias localidades fazia deslocar milhares de pessoas. Neste caso podia até inspirar a Escola de Equitação de Mafra, a preparar um Quadro — depois se lhe daria nome — com os nossos cavalos peninsulares, mais aceitáveis para isso do que os de Saumur. Têm os andamentos mais levantados e graciosos. Por essa razão julgo que os cavalos de Viena de Áustria — iguais aos nossos — eram mais apreciados que os da Escola Francesa. E ainda, prestando-se o local, tôdas essas distrações que há nas corridas de cavalos, como passagem de modelos de vestidos de senhoras, apresentações de cães de raça, etc.

Quanto à realização de muitas provas de amazonas e discípulos, não só chamaria mais assistência, como fomentaria a compra de mais cavalos. Nessa altura, já os cavaleiros de concursos não podiam emprestar os seus todos os dias.

Estou certo que dispondo as provas desta forma, melhores resultados se tirariam e animar-se-ia muito o hipismo, dando lugar aos organizadores de mostrarem a sua iniciativa e bom gosto.

Desta minha sugestão, aliás plagiada, vai seguramente o Concurso Hípico de Mafra experimentar alguma modali-

Revista da Cavalaria

dade, visto que anda sempre na vanguarda. Com as minhas felicitações ao major Salvação pelo dêste ano, vão já as do ano de 1945, que, além de qualquer variedade, nos apresentará o seu campo de obstáculos ainda mais bonito.

Aproveito esta oportunidade para fazer uma observação sôbre uma penalidade do regulamento da F. E. I.

Está fora de discussão a honestidade e o critério dos Júris, sendo para os defender de futuras críticas uma das razões por que estou a batalhar no assunto.

Há muitos anos que venho assistindo às modificações nas penalidades dos concursos hípicas.

As faltas de anteriores e de posteriores, os despistes, as quedas, as recusas, ainda estas nos duplos, triplos, etc., tudo tem passado por diversas formas de penalizar, tendo-se chegado hoje a um regulamento perto do perfeito, dispensando quási sempre o critério humano. Por muito justo que se queira ser, às vezes dois factos diferentes são considerados iguais e outros iguais classificados diferentemente.

Os muitos critérios adoptados para penalizar basearam-se procurando distinguir a falta de experiência, digamos a inocência, reacção por uma novidade e a má vontade, que quer dizer a recusa ao esforço. Foram estas as razões por que hoje se atribuiu maior penalidade a um derrube do que à primeira recusa, e a segunda destas ser considerada uma falta mais grave.

A dúvida se o derrube tenha sido de anteriores ou posteriores, sendo indiscutível a maior gravidade no primeiro caso, levou os técnicos a darem-lhe a mesma penalização.

Ainda nos parece um caso que não pode ser atendido, a recusa ao esforço motivada pelo sofrimento muitas vezes não tão aparente por uma grande sujeição e hábil condução.

Na classificação ideal deveriam entrar em linha de conta, com doses diferentes, a falta de experiência e a má vontade. Dentro desta última ainda segundo o estado do animal, quer físico quer de ensino. Infelizmente não pode ser, e, se assim fôsse, o tribunal que devia julgar as reclamações estaria em permanente sessão sem dar resolução a milhares de hipóteses que o engenho humano é capaz de inventar.

Vamos, portanto, às realidades. Há três ou quatro anos apareceu uma penalidade muito inteligentemente estudada.

Revista da Cavalaria

mas tão difícil de classificar que julgo dever pôr-se de parte. Trata-se dos 7 pontos marcados ao cavalo que parou e atravessou o obstáculo.

Pregunto: Foi derrapagem motivada pelo estado do terreno, derrapagem por o cavalo não querer saltar e nos dois casos pela velocidade adquirida, não conseguindo parar, atravessa o obstáculo?

Foi uma recusa que o cavaleiro, receoso por o cavalo poder insistir na segunda e terceira tentativas para evitar a desclassificação, o lançou de qualquer forma?

Não há cavalos que pelos seus recursos, derrapando, podem fazer uma paragem quasi imperceptível, e levantando-se atravessam o obstáculo sem o desmembrar e outros que pela falta de posse se atiram através d'ele?

Qual é mais grave? O animal que, apesar de tudo, se atira para diante ou o que, mesmo com a intervenção do cavaleiro, se recusa determinadamente a passar?

Pode-se afirmar que o cavalo parou? E como prová-lo?

Estou convencido que todos os homens de cavalos têm meditado sobre este problema e que chegam à minha conclusão. É impossível fazer distinções sem dar lugar a reclamação nos casos que acabo de expor. A única forma de classificar é: se o cavalo volta atrás, 3 pontos; se o cavalo passa para outro lado de qualquer forma, 4 pontos.

Sem fazer referência quando, e acreditando absolutamente na seriedade do Júri, no meu critério, vi classificar dois casos iguais por formas diferentes. Felizmente que não se tratava de dois cavalos em condições de ganhar a prova, e por isso não houve reclamações.

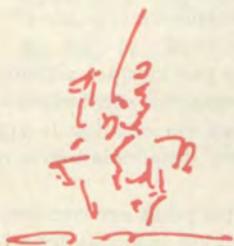
Para evitar discussões futuras, sempre desagradáveis, penso que se deve contar da mesma forma quando o obstáculo é derrubado com ou sem paragem.

O cavaleiro, querendo voltar atrás, tem a vantagem de menos 1 ponto na penalidade, o que só depende do estado de domínio em que tem o seu cavalo.

Apelo para as entidades competentes, para que com o seu superior critério, tomem as medidas necessárias a fim de se evitarem classificações que possam não ser claras.

Jornaes revistas livros

A CAVALARIA NA GUERRA MODERNA



tantes da guerra mecanizada.

As primeiras unidades de Cavalaria do General Clark, foram montadas em cavalos capturados a alemães e italianos, e foram destinadas a missões de reconhecimento e de reabastecimento em terrenos difíceis e em situações confusas. Tanto quanto foi possível, o pessoal destas unidades foi seleccionado entre aquêles que na vida civil tinham bastante prática de andar a cavalo.

Durante a campanha de Tunís, vários chefes militares chegaram à conclusão de que se tornava necessário ter tropas de Cavalaria suficientemente treinadas para desempenharem missões de tão grande importância, tais como as de reconhecimento e exploração do sucesso, e sentiram a falta de verdadeira Cavalaria que não chegou a este teatro de guerra única e exclusivamente devido à grande dificuldade do seu transporte da América para a África e para o sul da Europa.

O Exército italiano empregou em larga escala a sua bem treinada Cavalaria e o Exército alemão tem ainda um número considerável de unidades de Cavalaria a cavalo, utilizando grande quantidade de solpedes nos reabastecimentos do seu Exército, devido principalmente aos repetidos ataques aéreos dos Aliados que reduziram formidavelmente os seus reabastecimentos de gasolina. Prova-o o facto da Alemanha - que tanto conuiu na sua «Blitz-Krieg mecanizada» — possuir, pelo menos, os 30.400 cavalos que os russos capturaram no período compreendido entre 5 de Julho a 5 de Novembro de 1943.

Revista da Cavalaria

O exemplo concreto do valor da Cavalaria na guerra moderna é-nos dado pelo emprêgo que dela têm feito os russos. O Exército Vermelho utiliza-a, principalmente, na exploração do sucesso. Os cossacos, em tôdas as ocasiões que se lhes têm apresentado, têm perseguido e hostilizado o inimigo na sua retirada.

Os chefes militares russos, depois de meses de estudo e de cuidadoso treino, organizaram grupos de combate compostos de Cavalaria, infantaria e carros, que empregaram com sucesso, desmentindo assim a teoria sustentada por alguns chefes militares que declaravam não ser possível o emprêgo combinado destas armas, devido às suas diferentes características de mobilidade.

Os métodos de ataques combinados destas forças são muito diferentes. Em alguns casos os carros abrem brecha nas linhas inimigas e são imediatamente seguidos pela Cavalaria; outras vezes é lançado um ataque combinado de infantaria e alguns carros, actuando a Cavalaria sôbre um flanco e os restantes carros sôbre o outro; outras vezes ainda é a Cavalaria que inicia o ataque coberta pelos carros e imediatamente seguida pelos carros e pela infantaria.

Os êxitos destas forças combinadas, protegidas por ataques adicionais da força aérea, são claramente expostos nas informações recebidas da frente de batalha russa. *The Cavalary Journal* recebeu em meados de 943 informações directas de Moscovo, as quais relatavam detalhadamente o emprêgo da Cavalaria russa.

Devido ao seu poder de choque, ainda a Cavalaria pode ser considerada nesta guerra como arma poderosa e eficiente. Devido às armas actualmente existentes, é poderoso o seu poder de fogo, comprovando-se muitas vezes a sua eficiência como arma anti-carro. Não se deve esquecer, no entanto, que as cargas em massa não mais poderão ser lançadas apesar dos ataques montados terem constituído um factor importante nas vitórias russas.

Devemos acrescentar ainda que o soldado de Cavalaria é em todos os exércitos um óptimo combatente a pé; a sua mobilidade a cavalo concede-lhe vantagem sôbre as outras tropas, podendo alcançar com relativa facilidade postos importantes de combate, utilizando armas e munições adequadas, sem necessidade de estabelecer postos de reabastecimento avançados.

Os cossacos realizam muitas vezes operações contra a retaguarda inimiga mantendo-se pelos seus próprios recursos, ao contrário das forças mecanizadas que ficam detidas mal lhes falta a gasolina.

Em resumo, podemos dizer que a Cavalaria é uma arma com poder suficiente para combater por si só, apoiando-se a si própria e apoiando as outras armas. Todos êstes factores se fundamentam nos seguintes pontos: grande mobilidade, poder de fogo, adaptabilidade para combater isoladamente e alto grau de coordenação com as outras tropas.

L. R.

Exército e Marinha

E. U. A.

Fev. 944

Actualidades Gráficas

No dia 13 de Agosto, as forças da Guarnição do Governo Militar de Lisboa, desfilaram em parada, na Avenida da Liberdade, perante S. Ex.^a o Presidente da República, membros do Governo, e adidos militares estrangeiros.

Da arma de Cavalaria desfilaram: uma brigada moto-mecânica, o Regimento de Lanceiros 2 e o Regimento de Cavalaria da G. N. R. Do desfile destas unidades publicamos alguns aspectos.



O estandarte do Regimento de Cavalaria da G. N. R.

Aspectos do desfile de Cavalaria 7



Desfile dos carros «Bren»



Desfile dos canhões anti-carro

Lanceiros 2 na parada militar



Desfile de um esquadrão de Lanceiros 2



Outro esquadrão de Lanceiros, ao entrar na Avenida da Liberdade

Aspectos do desfile militar



Um esquadrão de Lanceiros 2 desfilando



O desfile da Artilharia

Aspectos do desfile de Cavalaria 7



O Comandante do Regimento de Cavalaria 7 desfilando

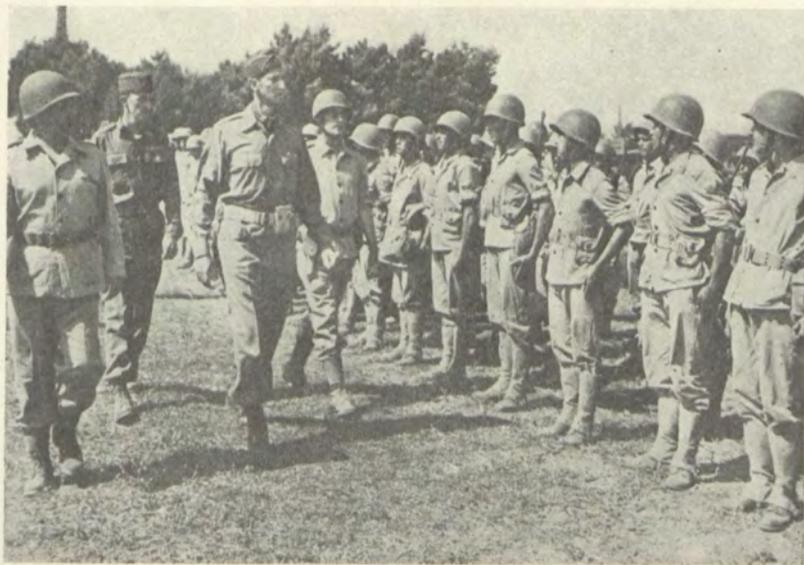


Desfile de um esquadrão de Carros de Combate

O Exército Brasileiro na Europa

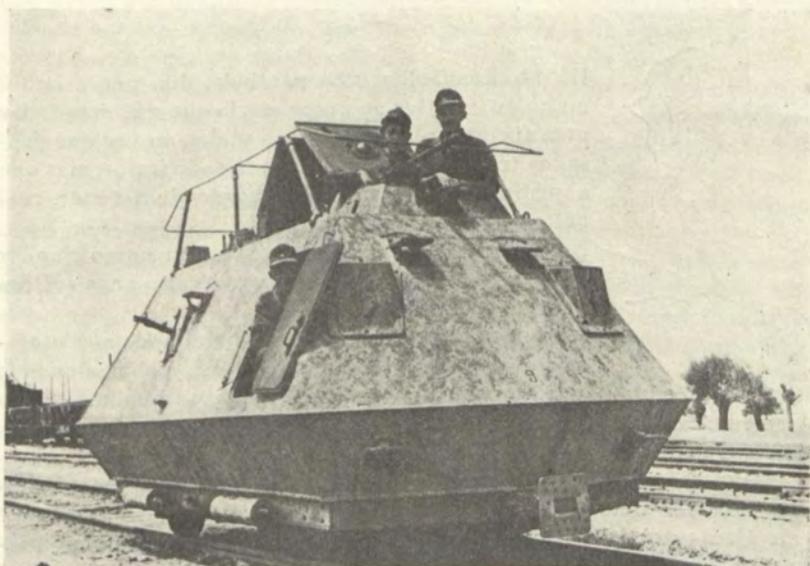


ITÁLIA: Bateria anti-carro do Exército Brasileiro



ITÁLIA: O General Comandante do V Exército, passando revista a tropas da 1.^a Divisão das Forças Expedicionárias Brasileiras

Novo material blindado alemão



Carro blindado alemão para a defesa de linhas férreas



Novos tipos de carros blindados alemães de reconhecimento

O COMANDO E O MORAL

General BARRUEGO



Há no Evangelho uma parábola, dita por Cristo à multidão, relativa ao proprietário que mandou cortar uma figueira plantada na sua vinha, ao ver que passados três anos não tinha ainda dado frutos, mas que a pedido do homem encarregado de a tratar, respeitou um ano mais.

No decorrer daquele sermão, curou nosso Senhor uma pobre mulher que durante dezoito anos sofrera penosa enfermidade.

Apresentamos esta parábola para *criarmos o ambiente* àquêles nossos leitores, que, aficionados pela

leitura nos dêem a honra de passar a vista por estas linhas, e muito particularmente aos cansados ou desfalecidos por desventuras não remediadas ou satisfeitas no decorrer da sua vida militar.

Devo começar por recordar que a nossa profissão é um culto contínuo à honra, a qual, como é sabido, é patrimônio da alma, como esta o é só de Deus; por isso não merece a pena fatigar a inteligência nem atormentar o coração, esperando que os outros mortais remedeiem os nossos males, que só Ele, que tudo pode, no dia próprio, e se o merecermos, levará a cabo.

¿Querirá isto dizer que devemos deixar-nos cair, ou cumprirmos apenas o nosso dever, sem que a nossa própria vontade adiante alguma coisa? — De modo algum, como procurarei demonstrar nas linhas que se seguem.

Em primeiro lugar, pode chegar o dia (semelhante ao da mulher atrás citada) em que a consciência humana, iluminada por Deus, veja claro o caso particular e o soluçione, acalmando os desejos e a sede de justiça de que se padeça.

Se êsse dia tão desejado não chegar, tende presente quanto segue:

— A honra é (segundo frase acertada) «uma equação que se pode estabelecer entre os nossos actos e a nossa dignidade», e por conseguinte exclui tôda a fraqueza ou emprêgo de qualquer meio inconfessável.

— A honra, por ser, como dissemos, patrimônio da alma, e esta atributo de todos os seres racionais, não é privilégio de classes ou categorias sociais determinadas, e, portanto, na profissão militar, vai desde o soldado ao general.

— A honra baseia-se na consciência individual, que com divino imperativo nos aconselha o que devemos fazer e do que nos devemos abster.

A honra é influenciada e depende da opinião alheia, razão por que é definida exactamente como «o juízo que os nossos actos merecem aos outros»; assim, diz-se frequentemente «homem honrado» àquêle que pública e exteriormente é considerado com honra, ainda que êle, a sós com a sua consciência, se sorria sarcásticamente ante tal apreciação.

Revista da Cavalaria

— Como consequência do anterior, é inludível a todo o militar manter uma concordância perfeita entre a sua honorabilidade e a sua honra, para evitar ser honrado exteriormente e não ter consciência nem honorabilidade íntima, cumprindo sempre o seu dever, com absoluta despreocupação pelo juízo ou opinião alheia.

— Está fora de toda a dúvida que o militar de qualquer categoria tem de ser homem de palavra e como a base desta é a consciência, deve aquêle possuí-la como juiz supremo de todas as acções reguladoras da sua actividade.

— A consciência não é nem uma força nem uma faculdade; é como que uma confissão íntima dos nossos actos perante a nossa mente, com a consequente apreciação e classificação moral que lhes corresponde.

— Ainda que a consciência se desenvolva e se firme com o desenvolvimento da inteligência, isto não quer dizer, em nosso juízo, que quanto mais inteligente se seja, se tenha mais consciência, visto serem numerosos os intelectuais que a não têm, por não fazerem aquêle exame íntimo a que já aludimos, tal como não era católico o Rei «que calava a voz da sua consciência com actos de piedade e de culto externos».

Feitas as anteriores considerações sobre a honra e a consciência, vejamos que repercussão têm na vida militar:

— O homem de honra sente um culto fanático pelo seu amor próprio e desprezo pela ambição desmedida.

— Em poder da honra, jámais um militar faltará à sua obrigação, seguindo a trajectória recta que lhe impõe o cumprimento do dever, insensível às atracções do imã de injustiças que o rodeiam.

— O militar com honra, submetido às duras provas a que o combate moderno sujeita o seu corpo e os seus nervos, manter-se-á espiritualmente firme no seu posto.

— A honra do militar impede-lhe, se a tiver na sua pureza, de seguir caminhos reprováveis ou vergonhosos, para subir pessoalmente ou lograr aceleramento na sua carreira, faltando à camaradagem, virtude que deve sempre ostentar.

— Como ao fim e ao cabo, o Exército ainda que «religião de homens honrados» está integrado por seres humanos, com vícios e virtudes, é impossível que todos os seus componentes procedam com a rectidão e justiça do Ser Supremo; é por isso inevitável que se produzam em volta do militar, em determinadas ocasiões, depressões morais, que só a virtude acrisolada da honra conseguirá salvar sem desfalecimentos, impondo-lhe automaticamente o cumprimento do dever.

— Com honra e amor próprio tem-se abnegação, e esta por sua vez dá conformidade, espírito de sacrificio e desinteresse, com os quais se renuncia ao interesse pessoal e se sofrem com resignação e paciência, penalidades, fadigas, privações e a falta de apreço, por parte dos chefes, do próprio esforço e merecimento.

— Todo o militar com honra e fé em si mesmo tem amor à responsabilidade e à iniciativa, qualidades que, preciosíssimas sempre, o são ainda mais, hoje, devido às características que o combate moderno imprime ao exercicio do Comando.

Revista da Cavalaria

— Em primeiro lugar, das considerações feitas não se deve deduzir erradamente, que o chefe não tem obrigação e pode ser arbitrário e injusto: nada mais longe da realidade.

— O Comando, segundo o nosso ilustre Villamartin, «há-de ser justo, premiar com prazer e castigar com sentimento: não humilhar jámais a dignidade humana; exigir do inferior o cumprimento do dever, assegurando-lhe todos os seus direitos, protegendo-o nas suas desgraças, disputando em seu benefício tudo o que lhe pertence, numa palavra, ter como norma de conduta apenas a justiça.

— Ter sempre presente que o Comando se exerce por delegação, para o empregar ao serviço do Exército e da Pátria, dando exemplo aos subordinados de disciplina e respeito pelos Regulamentos, procedendo em relação a todos com absoluta justiça isenta de favoritismos e amizades.

— A frase «el que manda, manda, y cartuchera al cañón» que aprendemos há mais de quarenta anos, nos nossos primeiros passos da vida militar, não deve ter hoje outro significado do que o da obediência cega da parte do subordinado e nunca o de que o chefe está autorizado a proceder como entender, com desprezo absoluto pelas Leis e Regulamentos, e da Justiça que dêles se depreende.

— O progresso do país, ao levantar continuamente o nível cultural dos cidadãos, eleva igualmente o espírito e capacidade de observação das hierarquias e categorias do Comando, que, por consequência, hão-de ser um espelho sobre o qual incidem e se refletem com tôda a claridade os actos e a conduta de cada um.

— Hoje não é possível comandar bem sem prestígio pessoal, baseado no exemplo, em cada um dos aspectos intelectual, físico e moral, constantemente observados e classificados pelos subordinados.

— É necessário igualmente não confundir o carácter com o «mau génio»; para muitos, o segundo é um sistema de comando, na falta de dotes que fundamentem verdadeiramente o primeiro, e a acritude permanente é produto de uma deficiente organização biliar ou orgânico-moral, de que participam os subordinados que pacientemente a tenham que suportar.

— O verdadeiro Chefe, quer dizer, o digno de merecer a honra de comandar outros homens, há-de ter um sentimento tão elevado do seu dever, que exclua tôda a transigência com soluções acomodáticas.

— Respeitando êstes sentimentos tem de pôr ao serviço da sua missão tôda a sua inteligência e fôrça de vontade, com o constante cuidado de procurar fazer sempre melhor.

— Entre nós é preciso ser-se muito digno no comando para se ser respeitado, porque o chefe, faça o que fizer, sempre encontrará críticas, descontentamentos e resistências; se fôr trabalhador e estudioso terá que enfrentar os preguiçosos que o alcunharão de teórico e catedrático; se fôr homem de campo, não transigirão com êle os teóricos; se fôr demasiadamente exigente, irritará os subordinados; se fala, consideram-no como um pedante, se cala, julgá-lo-ão ignorante ou imbecil, sendo difficilimo conciliar tantas apreciações diferentes, como diferentes são os caracteres que as produzem.

Revista da Cavalaria

— A grande força motora do comando consiste em se não preocupar com a opinião dos subordinados, e marchar sempre em frente de cabeça levantada, «para educar pela vista» porque a presença de um chefe irrepreensível à frente da sua tropa, é a lição de moral mais prática em cada momento.

— O Chefe esforçar-se-á por conhecer o elemento principal que tem de manejar, quer dizer, o homem; e sem desdenharmos da Psicologia e da Sociologia, entendemos que aquêlê conhecimento se adquire mais pela educação recebida e prática da profissão, do que com estudos científicos.

— Para se fazerem estimar pelos subordinados, não necessitam, certos chefes, de se esforçar, porque possuem um dom de comando e um não sei quê, que atrai como um iman; outros, pelo contrário, não conseguem aquêlê affecto, apesar do trabalho e empenho com que o procuram, porque os subordinados julgam instintivamente o homem que têm na sua frente, e distinguem perfeitamente o falso adulator, egoísta e preocupado pessoalmente em se cobrir, do imparcial, justo, enérgico, e senhor daquele dom de comando que se não aprende nos livros.

— Aos chefes imediatos incumbe apreciar e valorizar as virtudes e defeitos dos subordinados, exaltando as primeiras e corrigindo os segundos, e por isso gostaríamos que fôsse obrigatório para aquêles, escreverem pelo seu punho anualmente o conceito formado, na documentação de cada um, conceito que deveria constar e perpetuar-se nas suas correspondentes Fôlhas de Serviço.

— Em resumo: O chefe deve ser um homem que não ame a vida à base de um mesquinho cálculo de interêsses a satisfazer a curto ou largo prazo, mas que, pelo contrário, proceda sempre levado por um vento generoso até um ideal, que consiste em amar o bem pelo bem, a beleza pela beleza e a verdade pela verdade, sem pensar *à priori* em remuneração ou benefício.

— Procurámos fixar as normas de conduta que devem presidir à actuação e entendimento do Comando com os subordinados, para fazer ressaltar, em nossa opinião, que hoje e sempre cada vez mais, o Comando deve ser exercido com uma colaboração e um entendimento leal, sem que se desça ao «Conselho de oficiais» com os subordinados, pois o que comanda é além do único responsável, o único que decide em definitivo; porém, esta decisão não exclui «*el oír y escuchar*» para depois dizer conscienciosamente «Determino e mando publicar».

Tenhamos todos presente que as guerras actuais são longas e que, em definitivo, é o moral que, apesar de tôdas as penalidades, riscos e fadigas, mantém os homens nos seus postos, *com vontade de vencer*, e por isso mesmo é absolutamente necessário ao Comando mantê-lo intacto e durante o maior espaço de tempo possível, o que jámais se alcançará sem o exemplo constante dos superiores e um proceder absolutamente justo, dando a César o que é de César, porque sem esta Justiça, segundo a eloquente e acertada frase do nosso *Caudillo* não se consegue a Pátria «una, grande y libre» que todos nós desejamos.

L. R.

Ejército, Agosto 1944.

**Joalheria, Ourivesaria
e Relojoaria**

“Casa das Bengalas”

Rua da Prata, 87, 89, 91 — LISBOA

No centro do quarteirão — Telef. 2 0256

Não confundir, esta casa é a que tem
2 taças expostas num grande candeeiro
reclame colocado no passeio, em
frente do estabelecimento

**Taças de Prata para prémios
desportivos**

Em exposição permanente mais de 1.200

ANTÓNIO CASANOVAS AUGUSTINE

CORRECTOR OFICIAL

**Câmbios, Fundos Públicos
e Mercadorias**

Rua da Conceição, 133

Telefones { Estado . 54
 { Rêde. . 2 2280

Bôlsa de Mercadorias

P. do Comércio

Telefones { 2 8182
 { 2 8615

L I S B O A

SOC. INDUSTRIAL FARMACÊUTICA

S. A. R. L.

Travessa da Espera, 3

Fornece Hospitais
Farmácias e Laboratórios
Produtos Químicos e Pró-aná-
lise, Especialidades Farmacêu-
ticas, Acessórios, etc.

PROPRIETÁRIA DOS

Laboratórios «AZEVEDOS»

E DAS FARMÁCIAS

AZEVEDO, FILHOS

31, Rossio, 32

AZEVEDO, IRMÃO E VEIGA

24, R. da Misericórdia, 42

L I S B O A

**Oficinas Gerais de Material
de Engenharia**

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores
de caminhos de ferro, telegrafia
e telefonia por fios e sem fios,
:: pontoneiros, automobilistas ::

Mobília e utensílios

**Trabalhos em ferro e madeira para
construção civil**

Construção, reparação e pintura
de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação
de sobresselentes para automó-
veis e motocicletes

Fornecimentos análogos para o público

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Hotel de Itália (Monte Estoril) — Serviço esmerado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisio-terápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão-restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano, concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO
«STANDS» DE TIRO
SALA DE ARMAS
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

Nova Empresa Industrial de Curtumes

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

A MAIOR FÁBRICA DE CURTUMES DA PENÍNSULA

Rua do Ameal, 831

PÓRTO

..... CAPITAL

6 milhões de escudos

Tele { fones { 8688 } P.B.X.
 { 8689 }
 } gramas « TANINO »

AGENTE EM LISBOA

LINO TEIXEIRA DE CARVALHO

109, Rua dos Bacalhoeiros, 111

Telef. 2 1374 - 2 1375 P. B. X.

Telegramas ONIL

SPRIL

Artigos

de sports

e jogos

R. do Lorêto, 34-2.º

L I S B O A

== PARA ==

MOBILAR

== E ==

DECORAR

== UMA ==

C A S A

Consulte os nossos decoradores

MOBÍLIAS

MODERNAS

e em estilos clássicos

Companhia

Alcobia

14, Rua Ivens, 14

Rua Capelo, 1 a 9

MÓVEIS

JANEL

Rua da Palma, 105

Telefone 2 7984

LISBOA

Convida V. Ex.^a a
visitar os seus **Salões**
de Exposição, onde
encontrará os mais
lindos e artisticos

modêlos

Ao gosto do dia

O **Ao Confortável** apresenta a V. Ex.^a uma coleção nova acabada de executar, de modêlos últimas criações de desenhadores parisienses

Mobílias modêlos de hoje

Fabrico de confiança

Preços da maior concorrência

Decorações artisticas
por orçamentos grátis

Rua da Palma, 109 a 113 e 115
1.º andar (dir. e esq.) — LISBOA

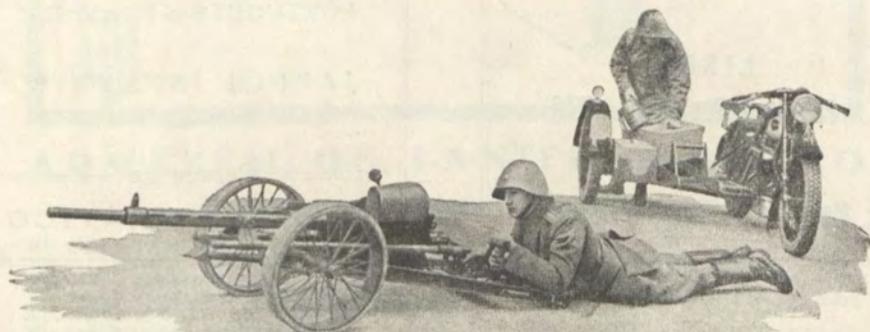
NASCIMENTO PIEDADE

Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

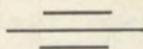
Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20^{mm}, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre este, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto



REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

Monteiro Gomes, Limitada

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A

BOMBAS CAPUCHO

Bombas manuais e mecâ-
nicas para todos os líqui-
dos e condições de serviço

Casa Capucho

LISBOA

Rua de S. Paulo, 121 e 129

PÔRTO

R. Mousinho da Silveira, 139 e 143

Ecole Française de Lisbonne

25, Páteo do Tejolo
TELEFONE 2 0209

ENSINO PRIMÁRIO
— e SECUNDÁRIO —

PORTUGUÊS e FRANCÊS

JARDIM INFANTIL

— Cursos de —
FRANCÊS PRÁTICO

Silva, Pereira & Serra, Limitada

73, Rua dos Bacalhoeiros, 75

Telefone 2 6674

LISBOA



ARMAZÉM DE CORDOARIA



Importadores:

Tripa sêca e salgada
Cairos, Cizal e Linhos

Em Lisboa visite o Hotel

INTERNACIONAL

e ficará cliente certo

Porque encontrará sempre
o mais escrupuloso asseio
e o melhor serviço de mesa

—
Confôrto e higiene
Optima localização

—
Rua da Betesga

Com frente para o Rossio

(A 3 minutos de qualquer gare)

Telefones, 2 7245 e 2 9003



ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS LINO

APRESENTA A SUA PODEROSA EXISTÊNCIA

MILHARES de gabardines de lã
 MILHARES de Zambrenes em côres da moda
 MILHARES de sobretudos
 MILHARES de capas e casacos de cabedal
 MILHARES de capas com banho de borracha
 MILHARES de forros desmontáveis

As melhores marcas do mercado e os
 rigorosos exclusivos das gabardines

FORMIDÁVEL e COLOSSAL

que honram e acreditam este armazém

Um conselho — Não deixem de confrontar preços e qualidades deste armazém

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

Calçada do Carmo, 17-1.º, esquina da R. 1.º de Dezembro (ao Rossio) — Telefone 2 2208

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS LINO — LISBOA

Dominguez & Lavadinho, Ltd.

SEDE: R. da Assunção, 79 a 85 e R. dos Sapateiros, 135 a 143

FÁBRICA: Avenida Casal Ribeiro, 18 a 24 — LISBOA

Telefones 2 5201 e 2 5202

Telegramas: SOBRESCRITOS

Código: A. B. C. 5.ª Edição

Papelarias nacionais e estrangeiras

Fábrica de Sobrescritos, Manipulação de Papéis de escrever
 e Sacos de Papel

Tintas de escrever nacionais e estrangeiras

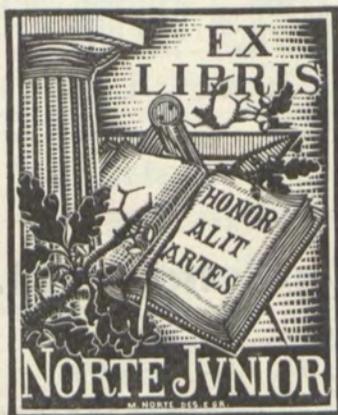
Papéis Químicos, Lápis, Artigos de escritório e Pintura, etc.



Fácil de preparar, de sabor agradável, é um excelente reconstituente altamente nutritivo e de notável digestibilidade. O alimento ideal para colegiais, desportistas, jovens, mães, enfraquecidos, débeis, convalescentes e pessoas idosas.

||| **N E S C A O** |||
É UM PRODUTO NESTLÉ

A MARCA QUE INSPIRA CONFIANÇA



Norte Júnior

Arquitecto

Atelier :

Praça Ilha do Faial - 6

Telefone 48888



Marca

ATLAS

Registada

EMPRESA DO CALÇADO ATLAS, LIMITADA

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS

Rua D. João IV, 624 a 640

~ P O R T O ~

Telefones 2 768 e 2 769

Telegramas: ATLAS

A MAIS IMPORTANTE FÁBRICA
NO PAÍS. APETRECHADA PARA
UMA PRODUÇÃO DIÁRIA DE
MIL E QUINHENTOS PARES
PELOS SISTEMAS MAIS APER-
FEIÇOADOS

26 Depósitos de Venda

em: Lisboa, Porto, Coímbra, Braga, Vizeu,
Aveiro, Santarém, Vila Real, Covilhã,
Viana do Castelo, Matozinhos, Espinho,
Madeira e Açores

Agências em:

LUANDA e LOURENÇO MARQUES



BANACÃO

O MELHOR DOS
ALIMENTOS

Produto português
para os portugueses



O BANACÃO
é preferido para a 1.^a refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.^a refeição,
porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigôr nos exercícios físicos, que normalmente fazem,
porque é o mais agradável ao paladar.

OS PARECERES MÉDICOS

provam que é o mais nutritivo,
provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

BANACÃO SEMPRE BANACÃO

Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS



EM TODOS
OS GÉNEROS

Calçada dos Gaetanos, 18 ❖ Telefone 21450 ❖ LISBOA

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

Travessa da Condessa do Rio, 27,
Telefones P. B. X. 21227 e 21368

LISBOA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS, SIMPLES
E DE LUXO, REPRODUÇÕES EM FOTO-
GRAVURA, OFFSET E LITOGRAFIA

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES

Roldão, Silva & Cipriano, L.^{da}

CONSTRUTORES CIVIS DIPLOMADOS
Inscritos na Câmara Municipal de Lisboa

CONSTRUÇÕES CIVIS



ÁGUA ■ LUZ ■ AQUECIMENTO ■ CIMENTO ARMADO



ESCRITÓRIO

LISBOA

54 r/c., Rua de Ponte Delgada, 56

TEL. 41977

Empresa Progresso Industrial

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Fabricação Mecânica de Parafusos de toda a espécie

Porcas, Anilhas, Rebites, Escá-pulas, Cavilhas, Trefonds, etc.

Material de Fixação para Cami-nhos de Ferro, Telégrafos e Telefones

Premiada nas Exposições Indus-triais: Porto, 1887 e 1893; Uni-versais de Paris, 1889 e 1900; S. Miguel, 1901; Rio de Janeiro, 1903; Lisboa, 1932.

Telefone 81 238 Telegramas «Pregadura»

23, 25, 25-A — Rua das Fontai-nhas, 27, 29 — Alcântara



PNEUS
CÂMARAS
BATARIAS
ESPONJAS
CAMURÇAS
FERRAMEN-TAS
REMENDOS
A FOGO
LÂMPADAS
PARA AU-TOMÓVEIS

ÓLEOS, VALVULINAS, MASSAS
CONSISTENTES

Accitamos BATARIAS para
reconstruir e PNEUS para
recauchutar

TUDO PARA AUTOMÓVEIS

TELEFONE ————— 41579

38, Rua do Saco, 40 — LISBOA

(AO CAMPO DE SANTANA)

Prestações

“SOPROVE”

Compre o que precisar
nas melhores casas da
Baixa, pois lhe facilitamos
o pagamento em presta-
ções suaves.

Sociedade Promotora
de Vendas, L.^{da}

RUA DO OURO, 140, 3.º

Restaurante e Cervejaria

LEÃO DE OURO

Aqui encontrará
V. Ex.^a o melhor
e mais variado
sortido de ma-
riscos, aperitivos
e pratos da espe-
— cialidade —

R. 1.º de Dezembro, 89 a 99

Telef. 2 6195

LISBOA

T. S. F.

Reparações em toda a classe
de receptores por muito difi-
ceis que sejam, executam-se
na bem conhecida

ELECTRO - LISBOA, L.^{DA}

Basta telefonar e sem mais
incómodos V. Ex.^a receberá
o seu Rádio devidamente
afinado

Orçamentos grátis

246, RUA AUGUSTA, 248

Telefone 2 0568



Alfaiataria Águia

Fatos 220\$, 270\$, 350\$,
480\$, etc. Boas fazendas
padrões modernos e bons
forros. Feitios 150\$, 180\$,
e 240\$. Bom sortido em
gabardines, sobretudos,
samarras, impermeáveis,
Fardas para o exército
com facilidades de paga-
mento, etc.

R. da Madalena, 202, 1.^o

Telefone 2 0581

Vendas a prestações

Relógios de boas marcas

Jóias de fino gosto

Oficina de reparações

Garantia absoluta

RELOJOARIA E OURIVESARIA

Júlio J. Santos (Viúva)

Rua da Madalena, 46

Telefone 2 9704

L I S B O A

CHÁ NAMULI

O melhor de todos

À venda em todos os bons
estabelecimentos do País

AGENTES NO SUL:

Estabelecimentos

ALVES DINIZ & C.^A

Rua dos Douradores, 20

Telefones : { 2 5325
 { 2 5326

MÉCO, Limitada

20, L. Rafael Bordalo Pinheiro, 25

Telef. (P. B. X.) 2 0496 e 2 7318

LISBOA

Fábrica de sobrescritos
e manipulação de papéis

Depósito de papéis e cartoli-
nas de tôdas as qualidades

Fabricantes exclusivos da fa-
mosa marca MICHEY

Premiados na *Exposição de Paris
de 1900 com Menção Honrosa* e
na *Exposição Industrial Portuguesa
de 1933 com Grande Prémio de
Honra*



SOCIEDADE POLLUX, L. DA

Quinquilharias, Bijouterias,
Cutelarias, Brinquedos,
Malhas, Peúgas, Meias, etc.

GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDA

132-1.º, Rua da Palma, 138

TELE { FONE 2 2294 LISBOA
GRAMAS POLLUX

G O U V E I A

& S I L V A

S.ºr CAMBISTA NEVES

CÂMBIOS
LOTARIAS



e PAPÉIS
de CRÉDITO

84, Rua da Assunção, 86

(Próximo à Rua do Ouro)

Tel. 2 6782 — LISBOA

CAÇADORES

Apesar da situação internacional
a casa **A. M. Silva** mantém o mesmo
«stock» dos anos anteriores —

Armas — Munições

e todos os artigos para caçadores

Use os nossos cartuchos carrega-
dos especialmente para cada espé-
cie de caça, com a afamada pólvora

R E K O R D

S A R A S Q U E T A

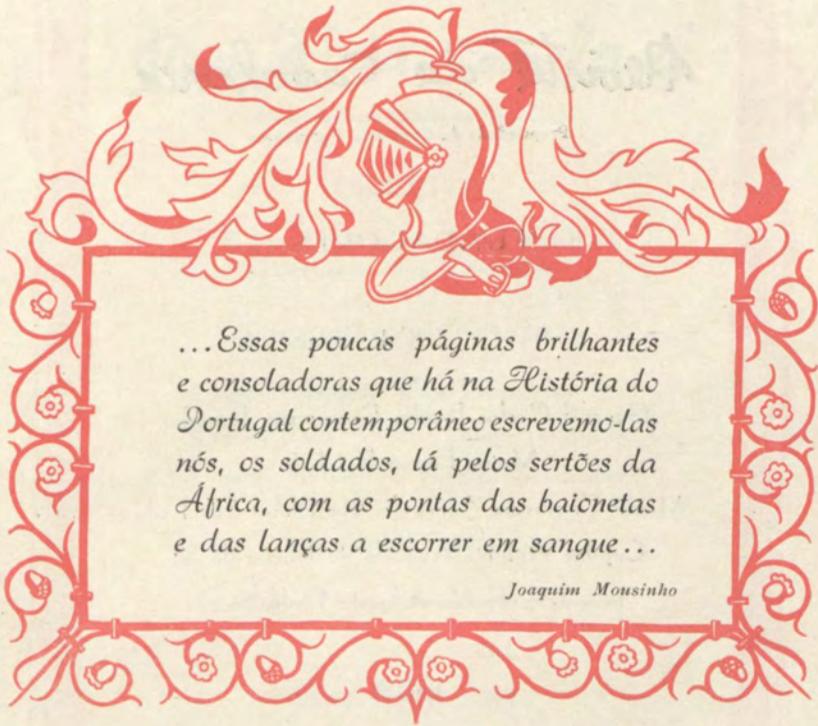
a melhor arma de caça. Preços
módicos, qualidade e acabamento
insuperáveis

A. M. SILVA

A maior casa no género, do País,
que mais barato vende e mais
sortido tem

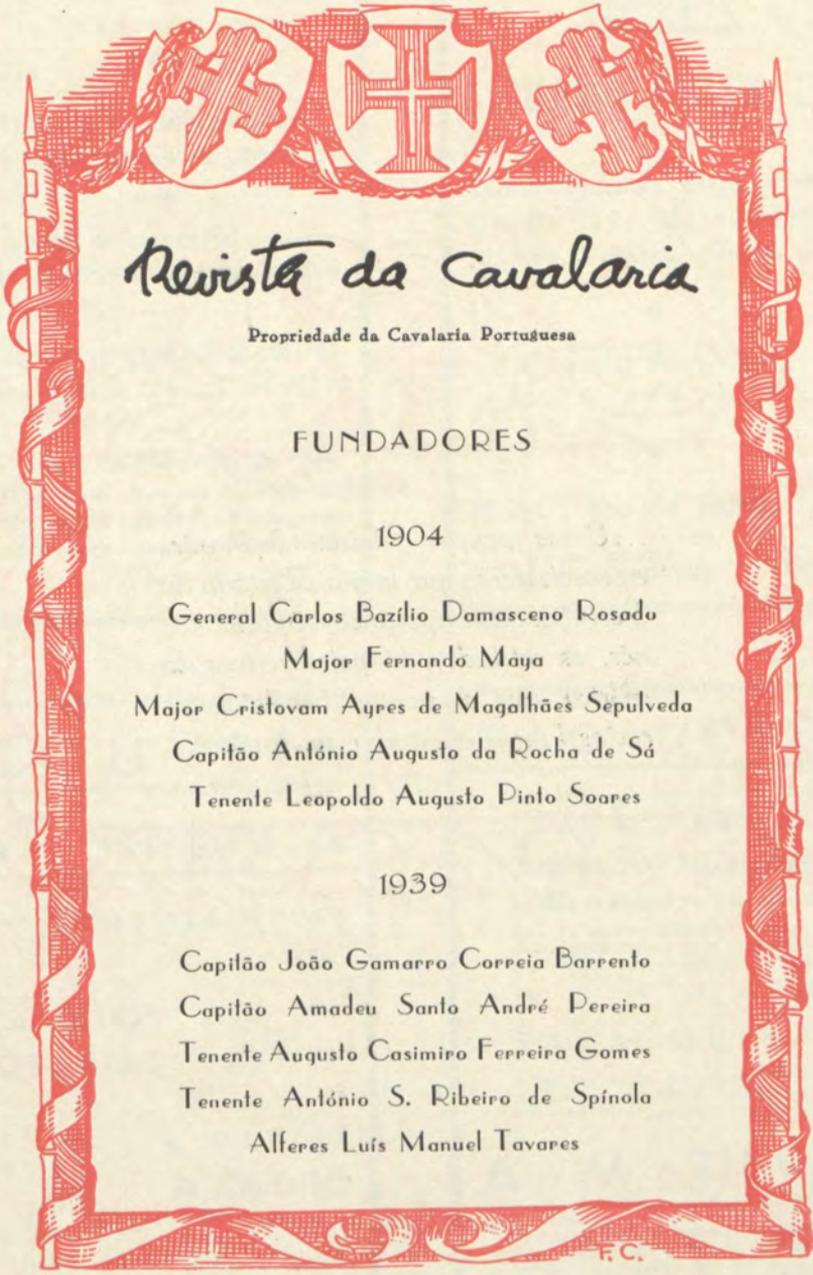
Peça o nosso catálogo
Descontos para revenda

RUA DA BETESGA, 67
Telefone 2 5424 — LISBOA



*...Essas poucas páginas brilhantes
e consoladoras que há na História do
Portugal contemporâneo escrevem-las
nós, os soldados, lá pelos sertões da
África, com as pontas das baionetas
e das lanças a escorrer em sangue...*

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazilio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

General Afonso de Sousa Botelho
Director da Arma de Cavalaria

COMISSÃO EXECUTIVA

Capitão Fernando Dias Pires Monteiro
Capitão Luís Alberto Filipe Rodrigues
Capitão António S. Ribeiro de Spínola

ADMINISTRADOR

Tenente Luís Manuel Tavares

SEDE PROVISÓRIA

QUARTEL DO CARMO — LISBOA — TELEF. 2 2122

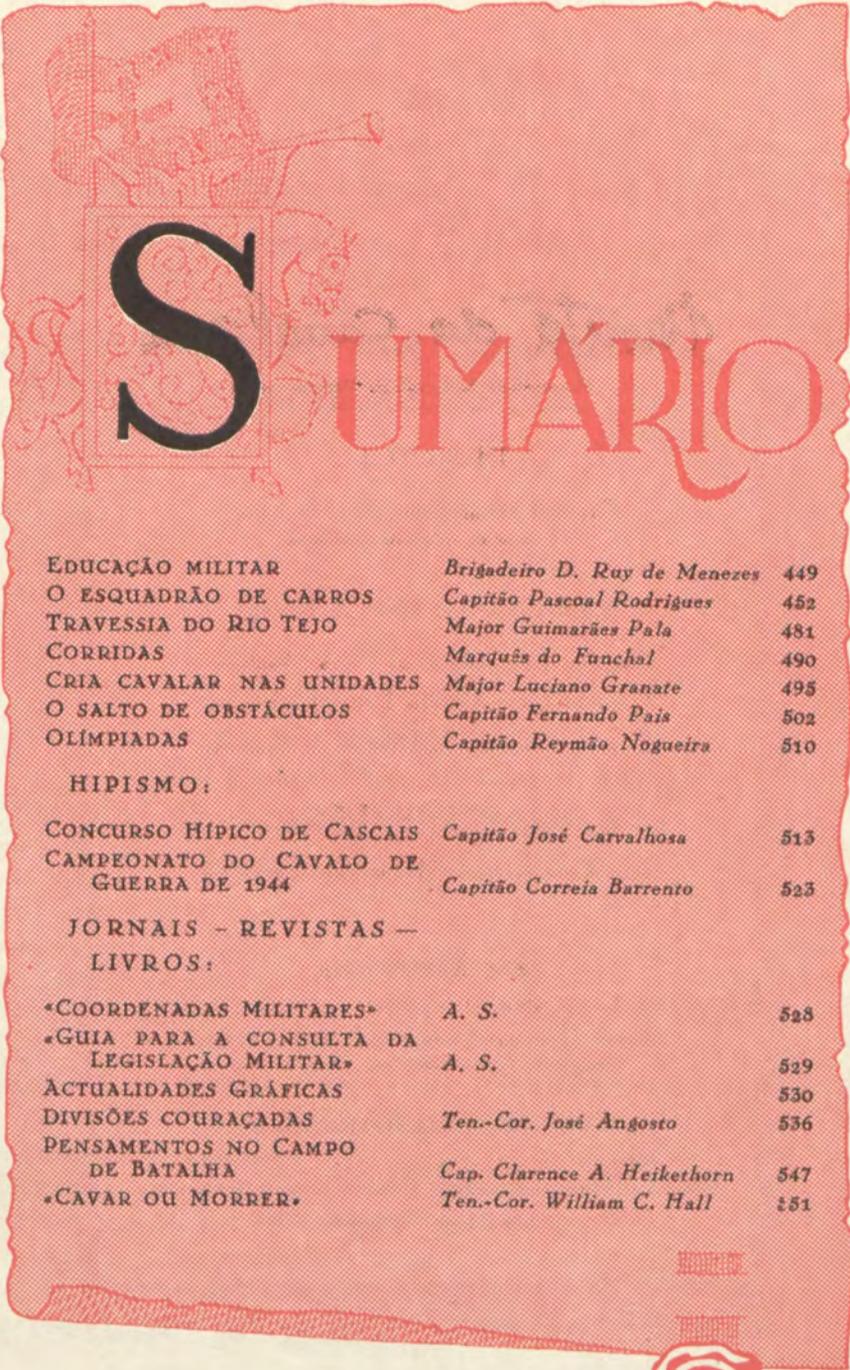
Composta e impressa na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano 30\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 5\$00



SUMÁRIO

EDUCAÇÃO MILITAR	<i>Brigadeiro D. Ruy de Menezes</i>	449
O ESQUADRÃO DE CARROS	<i>Capitão Pascoal Rodrigues</i>	452
TRAVESSIA DO RIO TEJO	<i>Major Guimarães Pala</i>	481
CORRIDAS	<i>Marquês do Funchal</i>	490
CRIA CAVALAR NAS UNIDADES	<i>Major Luciano Granate</i>	495
O SALTO DE OBSTÁCULOS	<i>Capitão Fernando Pais</i>	502
OLÍMPIADAS	<i>Capitão Reymão Nogueira</i>	510
HIPISMO:		
CONCURSO HÍPICO DE CASCAIS	<i>Capitão José Carvalhosa</i>	513
CAMPEONATO DO CAVALO DE GUERRA DE 1944	<i>Capitão Correia Barrento</i>	523
JORNALS - REVISTAS - LIVROS:		
«COORDENADAS MILITARES»	A. S.	528
«GUIA PARA A CONSULTA DA LEGISLAÇÃO MILITAR»	A. S.	529
ACTUALIDADES GRÁFICAS		530
DIVISÕES COURAÇADAS	<i>Ten.-Cor. José Angosto</i>	536
PENSAMENTOS NO CAMPO DE BATALHA	<i>Cap. Clarence A. Heikethorn</i>	547
«CAVAR OU MORRER»	<i>Ten.-Cor. William C. Hall</i>	551



Revista da ~~6673~~ Cavalaria

5.º ano - n.º 6

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Novembro

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

BIBLIOTECA

N.º ~~5573~~ 1204

Em 17 / 3 / 1945

EDUCAÇÃO MILITAR



Antigamente fazia-se questão cerrada das atitudes, das aparências, das conveniências. Esta preocupação, porém, foi caducando aos poucos, não por inútil — que o não é —, mas por aquela negligência dos *pequenos nada*s que se seguiu, como reacção, ao quási rígido militarismo que trouxemos de França, à volta da outra guerra.

Esse militarismo das continências, das posições de sentido, das respostas seguras, das manifestações ostensivas de respeito e de disciplina, já não criou raízes no nosso meio, porque o terreno já não era favorável, ou antes, porque se tinha tornado desfavorável. E como, em matéria de hábitos, o que é mau pega sempre, não foi difícil cair-se outra vez naquele à vontade, naquela despreocupação de maneiras, naquela deselegância de porte, para que sempre se tende desde que não haja o afirmado intuito de se lhes resistir.

Na realidade uma atitude correcta, uma aparência que se imponha, um cuidado de conduta pessoal que distinga, não são

Revista da Cavalaria

imprescindíveis no manejo da metralhadora, na precisão da informação ou na intensidade do ataque; não têm uma conseqüência táctica ou técnica imediata, mas afirmam um espírito e uma educação militar que, salvo muito raras excepções, para lá conduzem.

No seu diário, o Marechal Gomes da Costa escrevia: «Há sinais exteriores, certos detalhes pelos quais à primeira vista se conhece o valor de uma tropa. Se o soldado cuida do seu uniforme e se apresenta bem vestido e limpo, com as suas armas em bom estado e cuidado, é um bom soldado. O asseio e o respeito são sinais infalíveis de saúde militar».

Ora o soldado é sempre, mas infalivelmente sempre, o produto da educação que recebe. A massa plástica dos nossos contingentes molda-se de mil maneiras, umas vezes com mais ou menos rigor de forma, outras vezes também com mais ou menos arte. E esta arte é uma manifestação comunicativa do espírito de quem a trabalha.

A instrução militar é crua, dura e pouco atraente. Só a acção educativa que ela comporta a pode tornar interessante, e até mesmo querida.

Se a educação militar penetrou fundamente no espírito do soldado, unificando-o, enaltecendo-o, dando-lhe personalidade e confiança própria, logo a aparência, a atitude e o porte o denunciam.

Mas estas qualidades, que têm uma feição quasi exclusivamente estética, não nascem só por si, espontaneamente; precisam ser inculcadas, orientadas, quasi sempre exemplificadas. O exemplo é ainda o meio mais seguro de encaminhar o soldado, sobretudo quando se trata da sua formação moral.

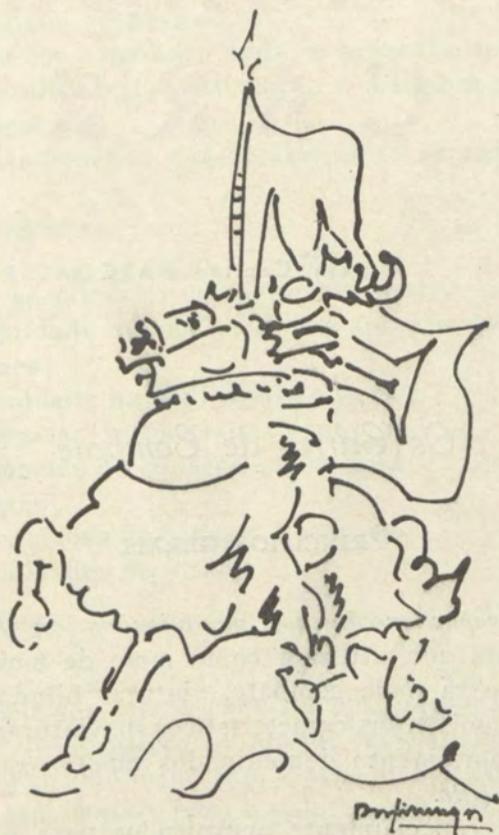
Aliás assim o preceitua o R. I. E. M., assim outros regulamentos, e todos aquêles que tratam de assunto de comando ou de instrução — e todos o compreendem e todos o desejam.

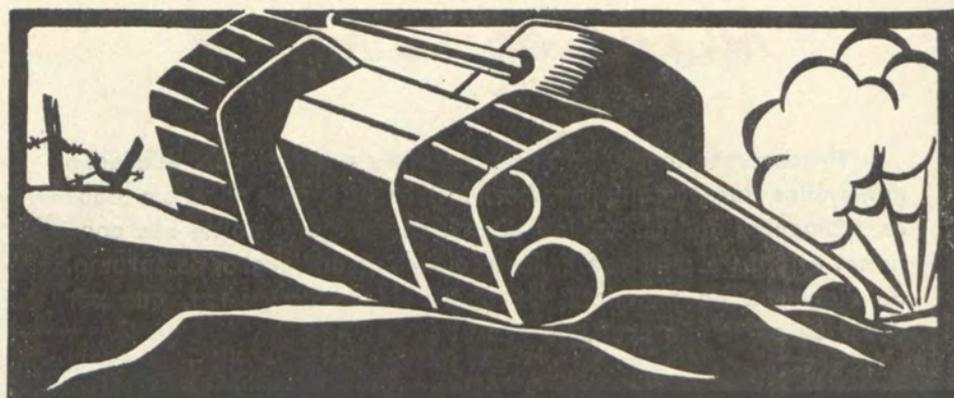
É já alguma coisa, esta fórmula regulamentar e esta corrente de opinião tão comum. Resta concretizar de forma definida, com intensidade de acção, com energia, com vontade decidida, em factos visíveis, permanentes, tornados características desta nobre instituição que vive essencialmente de factos, mas para a qual attitudes, aparências e conveniências, têm um valor subjectivo que não só se não pode desprezar, como até há que cultivar, que fazer viver, que tornar realidade.

Revista da Cavalaria

Procuramos todos, no nosso exemplo e por êle, ser educação militar dos nossos soldados, fazer brilhar em tôda a parte e a todos os momentos cada indivíduo por si, cada organismo no seu conjunto, e todos à uma nas belas tradições de correcção, de aprumo, de elegância de maneiras, de oportunidade de gestos, que por dever de ofício são apanágio nosso.

Brigadeiro D. RUY DE MENEZES





O ESQUADRÃO DE CARROS

pelo Capitão PASCOAL RODRIGUES

Os Carros de Combate

PRINCÍPIOS GERAIS

A *S tropas mecânicas, mecanizadas ou blindadas — tropas que utilizam como meio de movimento, de manobra e de combate, viaturas blindadas — utilizam dois tipos característicos de viaturas: auto-blindados (imprópriamente denominados auto-metralhadoras) e carros de combate.*

Aquêles, especialmente organizados para o reconhecimento a distância, dispendo de viaturas sobretudo velozes em que se sacrifica a blindagem e a capacidade de transposição de obstáculos; êstes, especialmente destinados ao com-

Revista da Cavalaria

bate, isto é, para a conquista de terreno a despeito do fogo e dos obstáculos, viaturas fortemente blindadas com meios de propulsão e aderência ao solo que lhe permitem a transposição de obstáculos que o terreno ofereça.

De uma forma geral poder-se-á dizer que os carros de combate apresentam as seguintes *características*:

Vantagens:

- Potência de fogo;
- Rapidez de deslocação através de todo o terreno;
- Instantaneidade na entrada em acção;
- Economia de pessoal;
- Protecção constante dada ao pessoal e ao armamento;
- Possibilidade de deslocação e manobra sob o fogo do adversário;
- Comandamento das armas sôbre as tropas apeadas.

Inconvenientes:

- Tiro só eficaz às curtas distâncias;
- Dificuldade em ocultar a sua aproximação;
- Pannes;
- Dificuldade na utilização de noite;
- Exigências de reabastecimento;
- Exigências de conservação e revisões periódicas e frequentes;
- Dificuldades do manejo e emprêgo;
- Dificuldades de visão.

Missão

A missão dos carros consiste em preparar e facilitar o movimento dos escalões de ataque na ofensiva, com a sua mobilidade em todo o terreno, graças ao seu sistema de propulsão, ao armamento, pêso e volume, que lhe dão a capacidade de destruição ou esmagamento e capacidade de transposição e à sua blindagem que lhe dá protecção ao poder defensivo.

Revista da Cavalaria

Emprêgo

Os carros de combate são empregados :

- em missões de apoio imediato — acompanhamento — do escalão de ataque apeado, que precedem a curta distância ;
- nos ataques das formações blindadas inimigas ;
- eventualmente como meio de manobra de fogos ou base de fogos muito móvel ;
- na segurança dos flancos do escalão de ataque e até como órgão de informação do comando ou de segurança do dispositivo geral de combate ;
- na defensiva, como reserva móvel de fogos e elementos de contra-ataque ou apoio de contra-ataques.

Normas de emprêgo

São condições fundamentais para o bom êxito do emprêgo dos carros :

- O terreno, que deve ser ondulado, firme e sem obstáculos intransponíveis ; ao carro é necessário um terreno onde possa mover-se visto que sendo o seu meio de defesa — a mobilidade — retirar-lhe a sua principal característica é condená-lo ;
- A surpresa, que modernamente tem sido levada ao máximo, indo hoje ao ponto de os oficiais e o pessoal dos carros que tomam parte nos reconhecimentos ou outras acções antes de actuarem, não envergarem os seus uniformes, a fim de não denunciarem à observação inimiga a actividade que se prepara ;
- O emprêgo em massa, que permite reduzir ao mínimo de tempo possível as resistências inimigas, permanecendo, portanto, o mínimo de tempo debaixo dos seus fogos ;

e ainda

Revista da Cavalaria

- esforço numa só direcção;
- neutralização da parte importante da artilharia;
- domínio do ar;
- condução do ataque a fundo.

O esquadrão de carros de combate

A) — GENERALIDADES

O Esquadrão de Carros de Combate é fundamentalmente a unidade elementar de carros; é a mais pequena unidade de manobra devendo dispor de tudo que necessita para poder destacar-se e viver e combater isoladamente, estando apto a desempenhar-se de missões em que tenha de contar apenas com os seus recursos, podendo, portanto, assim actuar independentemente: unidade táctica fundamental.

O esquadrão pode assim intervir em tôdas as fases da batalha, quer na ofensiva, quer na defensiva:

Na ofensiva

- na *aproximação*, na defesa contra carros constituindo um escalão móvel apto a actuar em contra-ataques com rapidez e oportunidade;
- no *contacto*, na neutralização das armas automáticas adversas e ainda no contra-ataque de blindados inimigos;
- no *ataque*, na neutralização de zonas sucessivas de terreno até ao último objectivo na frente das tropas empenhadas, conquistando metódicamente os sucessivos compartimentos do terreno;
- na *exploração do successo*, com os seus pelotões actuando de forma em parte descentralizada, aniquilando tôdas as resistências constituídas ou que possam constituir-se, envolvendo e atacando de flanco o adversário,

Revista da Cavalaria

sem perder o contacto com êste, contribuindo para a sua desorganização;

- na *perseguição*, explorando a fundo a sua velocidade e potência.

Na *defensiva*, ainda que os carros sejam nitidamente ofensivos, nem por isso deixam de constituir na defensiva um bom elemento, visto que esta não exclui acções ofensivas, donde os carros darem assim ao defensor a possibilidade de executar contra-ataques rápidos e fortes:

- na defensiva de *posição*, constituindo uma reserva para ser empregada em contra-ataques para deter e repelir o inimigo que se encontre em movimento e para repelir a infantaria inimiga que, tendo já penetrado na posição nesta se tenha instalado, assim restabelecendo a posição inicial;
- na *manobra em retirada*, sobre posições sucessivas ou entre posições sucessivas em contra-ataques rápidos e rigorosos, retardando o inimigo;
- na *retirada*, mediante a ocupação de posições sucessivas, aproveitando a sua potência de fogo e mobilidade.

B) — COMPOSIÇÃO

O Esquadrão de Carros de Combate, segundo os quadros orgânicos da arma de cavalaria (Pequenas Unidades de 1939), tem a seguinte constituição:

Comando

Comandante = Capitão

Cerra fila = subalterno

Secção de comando:

Sarg. Ajud. de E. e Sarg. A. L.

2 cabos e 4 sold. observadores sinaleiros

1 cabo clarim

1 cabo e 3 soldados estafetas

Revista da Cavalaria

Viaturas: 1 viatura blindada do tipo do dos pelotões e com Emisor Receptor.

1 ligeira T. T. de ligação

5 motos simples

1 moto com carro

Trem de Combate

Comandante = 1.º Sargento

1 soldado estafeta

T. C. 1

2 soldados serventes de metralhadora

1 1.º cabo e 1 sold. enfermeiros

1 sargento especializado em armamento de carros

1 Secção de reparações com 1 1.º Sargento, 2 2.ºs Sargentos, 4 1.ºs cabos e 6 sold. mecânicos automobilistas.

Viaturas: 3 de mais de 1.600 kgs.: 1 viatura oficina, uma viatura de socorro com guindaste e guincho, uma viatura de sobresselentes e 2 moto carros de desempanagem.

T. C. 2

1 cabo quarteleiro

1 soldado amanuense

1 1.º cabo e 1 sold. serralheiros especializados em armamento de carros.

1 sold. barbeiro, 1 sold. sapateiro e 5 cozinheiros, 4 faxinas.

Viaturas: 1 viatura de munições

1 viatura de reabastecimento dos pelotões

2 viaturas de bagagens

1 viatura de gasolina e óleos com 1 reboque-tanque de água para reabastecimento dos radiadores

1 carro de água

1 cozinha

3 pelotões de carros de combate, tendo cada pelotão:

Comandante = subalterno

Esquadra de Comando:

1 1.º cabo A. L.

2 soldados estafetas

3 secções de carros, cada uma a um carro com 1 sarg., 1 cabo e 2 sold. (viaturas a 4 homens)

Revista da Cavalaria

Viaturas: 2 moto simples
1 viatura ligeira T. T.
3 viaturas blindadas

Total do esquadrão

Pessoal:

Oficiais	5
Sargentos	16
1. ^{os} cabos	27
Soldados	67
	<hr/>
	115

Viaturas:

Moto simples	12
Moto com carro	5
Viaturas ligeiras T. T.	4
Viaturas com mais de 1.600 kgs.	6
Viaturas até 1.600 kgs.	3
Reboques	3
Viaturas blindadas	10

— O Esquadrão de Carros de Combate, segundo os Quadros de Organização de tempo de paz tem a seguinte constituição:

Comando

Comandante = Capitão

Secção do Comando:

1 cabo clarim

2 soldados estafetas

1 cabo e 1 sold. serventes de carro de combate

Viaturas:

3 moto simples

3 moto com carro

1 carro de combate

Trem de combate

Comandante 1.^o Sargento

Revista da Cavalaria

T. C. 1

Não tem

T. C. 2

1 cabo quarteleiro
1 soldado barbeiro
Reserva de pessoal 3 sold. (são faxinas de oficiais)

Viaturas :

2 camions tipo A
1 camion tipo B
1 cozinha rodada

2 pelotões de carros de combate, tendo cada pelotão :

Comando = Comandante : subalterno

1 cabo e 1 sold. servente de carro

Esquadra de Comando

1 cabo A. L.
1 soldado estafeta

2 secções cada uma a 2 carros com

1 sargento
3 cabos serventes de carro
2 soldados serventes de carro

Cada pelotão :

Viaturas :

2 moto simples
5 viaturas blindadas

Pessoal: Total do Esquadrão

Oficiais	3
Sargentos	5
Cabos	22
Soldados	30

Revista da Cavalaria

Viaturas:

Moto simples	7	
Moto com carro	3	
Camion tipo A	2	(1 é de requisição)
Camion tipo B.	1	
Cozinha rodada	1	
Viaturas blindadas	11	

Comparativamente:

	Organização de Campanha	Organização de Tempo de Paz
<i>Pessoal:</i>		
Oficiais	5	3
Sargentos	16	5
Cabos	27	22
Soldados	67	30

Viaturas:

Moto simples	12	7
Moto com carro	5	3
Viaturas ligeiras T. T.	4	—
Viaturas com mais de 1.600 kgs.	6	2
Viaturas até 1.600 kgs.	3	1
Réboques	3	1
Viaturas blindadas	10	11

C) — FORMAÇÕES DO ESQUADRÃO DE CARROS DE COMBATE PARA O COMBATE

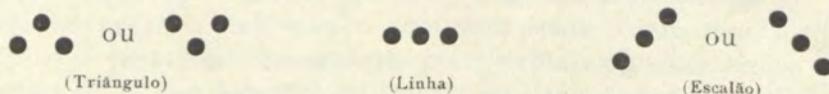
As formações de carros de combate correspondem:

— à necessidade de se poder efectuar o fogo simultaneamente pelo maior número de carros, o que implica ter que se dispor de uma formação ampla;

Revista da Cavalaria

— ao mesmo tempo que essa formação seja manejável e permita a coordenação de esforços das diferentes formações o que requiere uma certa profundidade.

É o *pelotão* de carros a unidade elementar de combate e este pode adoptar três formações ⁽¹⁾: *triângulo*, *linha* e *escalão*.



O *triângulo*, a formação que melhor se presta ao apoio recíproco dos seus elementos, é normalmente empregado para as fracções de carros que fazem parte do primeiro escalão de ataque.

A *linha*, uma variante daquela, a que melhor se subtrai pela sua pouca profundidade ao ataque inimigo, mas tendo a desvantagem de ser a formação que menos se presta ao apoio recíproco dos carros; sobretudo empregada quando haja que atravessar uma crista, impedindo assim os carros de ser batidos em separado, e permitindo que êles façam fogo simultaneamente.

O *escalão*, empregado sobretudo quando o pelotão se encontra no flanco de um dispositivo de ataque, formação ampla e escalonada, permitindo que as armas tenham acção não só sobre a frente como também sobre o flanco ameaçado.

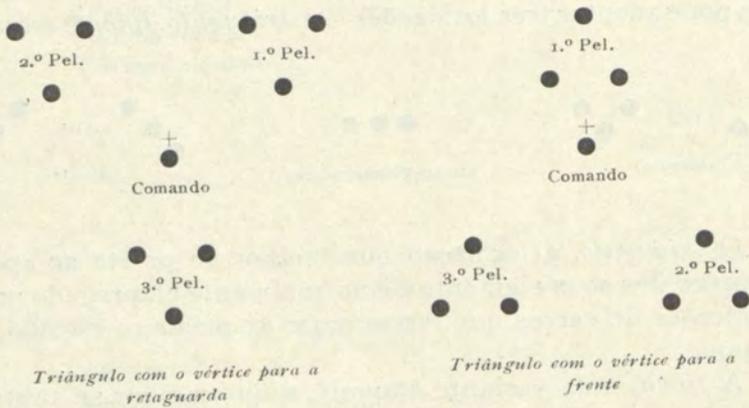
Formações do esquadrão

Nas formações do esquadrão os pelotões formam geralmente em triângulo podendo todavia tomar também qualquer das outras enumeradas, ou seja por ordem do comandante do respectivo esquadrão ou seja por iniciativa dos seus próprios componentes tendo em vista um melhor rendimento, uma melhor utilização do terreno.

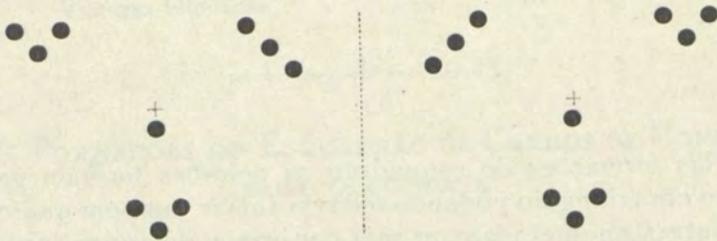
(1) Na figura os pontos representam carros de combate.

Revista da Cavalaria

O esquadrão de carros pode adoptar as seguintes formações de combate:



Dentro das formações do esquadrão os pelotões formam também geralmente em triângulo, como já se disse, mas podem tomar qualquer outra sobretudo a escalonada; sempre que o esquadrão se encontrar situado no flanco do dispositivo geral do ataque, o pelotão que se encontra no flanco ameaçado tomará a formação de escalão, pelo que então as formações tomarão as seguintes disposições:



A formação em *triângulo com o vértice para a retaguarda* ocupa uma frente de cerca de 250 m. com os seus dois pelotões em primeiro escalão; na retaguarda e no centro o outro pelotão e no centro da formação que é normalmente o lugar mais adequado encontra-se o comando do esquadrão, cujo

Revista da Cavalaria

lugar é função da situação pelo que se situa onde mais lhe convenha, tendo em vista o decorrer da acção; a profundidade desta formação é de cerca de 250 m.

Esta formação é a normal de ataque do esquadrão de carros isolado, obtendo-se com ela não só vantagens no comando, como no apoio mútuo entre os pelotões. De facto, os pelotões em 1.º escalão poderão descobrir os elementos de fogo adversários explorando completamente a sua zona de acção; o pelotão da retaguarda pode vantajosamente cooperar na acção dos pelotões da frente, pois se estes são batidos pelos anti-carro inimigos, aquêle pode apoiá-los pelo fogo ou mediante a manobra, e encontrando-se nas melhores condições para vigiar os flancos e retaguarda dos pelotões da frente, intervir com os seus fogos onde mais convenha, detendo-se em boas posições para fazer um fogo eficaz, ou ainda recorrendo à manobra para cair sôbre o flanco ou retaguarda das resistências inimigas; ainda mesmo se o ataque inimigo fôr realizado também com carros, êle está nas melhores condições para escolher a direcção mais oportuna para o ataque e cair sôbre os flancos das unidades de carros que ataquem os pelotões em primeiro escalão.

A formação em *triângulo com o vértice para a frente* ocupa uma frente de cerca de 300 m. e uma profundidade de cerca de 300 m.; esta formação é constituída por um pelotão em vanguarda e os outros dois pelotões à retaguarda para cada lado daquele, colocando-se o comandante do esquadrão, tal como na formação anterior, no centro do dispositivo, ou consoante as vicissitudes da acção onde melhor lhe convenha, ou ainda justamente na frente, não só com o fim de exemplo para os seus elementos como ainda para obter melhor visibilidade que lhe permita coordenar as acções dos seus pelotões com vistas ao ataque a desenrolar; torna-se-lhe, porém, necessário não esquecer que devido à facilidade com que as ligações entre os carros se podem perder, apesar dos meios de que dispõem, é sempre preciso que o comandante do esquadrão se situi na formação de forma que seja visto pelos seus subordinados, já por em certas situações críticas poder constituir um exemplo, já para com a direcção de ataque que tome, dar a indicação para corrigir ou desenrolar qualquer manobra que não tenha sido prevista.

Revista da Cavalaria

Em qualquer das formações indicadas o pelotão ou pelotões que marcham na frente constituem o 1.º escalão e o ou os que marcham à retaguarda o 2.º: o 1.º escalão de ataque, o 2.º escalão de apoio.

D) — MARCHAS

Sendo uma das características dos carros de combate a sua velocidade, êles podem efectuar a marcha com certa rapidez de forma a poder-se conseguir a surpresa e a concentração dos seus potentes meios num determinado ponto em pouco tempo.

Generalidades

De uma forma geral nas unidades blindadas a base para a boa execução de uma marcha consiste no *reconhecimento* prévio do itinerário, tendo em vista que nem sempre o caminho mais curto é o melhor, visto que nas boas estradas se poupa o material, as guarnições não perdem as suas energias combativas, se evitam acidentes e mais facilmente se pode ocultar a marcha por não se produzirem nuvens de poeira.

A *velocidade de marcha* deve ser constante tanto quanto possível para o que deve ser estabelecida uma média, devendo normalmente de dia ser de cerca de 20 kms./h. e de noite 12 kms./h.

A *unidade de marcha* é o esquadrão que quando incorporado deve marchar a uma *distância* da unidade que vai à sua frente de cerca de 100 m., constituindo as distâncias entre os pelotões uma distância de segurança.

Como norma ao atravessar povoações a velocidade de marcha diminui e ao sair delas só aumenta quando a última viatura houver também passado a povoação.

Se por qualquer razão as distâncias tiverem aumentado deve-se aproveitar as interrupções de marcha ou os altos para alcançar as viaturas da frente e não entrar a persegui-las para não se desorganizar a marcha e evitar acidentes.

Os carros que tiverem qualquer *avaría*, depois de reparados, seguem na cauda do esquadrão e só retomam o seu

Revista da Cavalaria

lugar quando houver um alto e, quando não possam ser reparados imediatamente será decidido se devem ser rebocados ou abandonados.

Sempre que houver que fazer qualquer *alto*, este é feito com as viaturas ao longo da estrada e a coberto das vistas aéreas, e então, quer a estrada de marcha, quer as que a esta conduzem, devem ser vigiadas por forma a não permitir qualquer surpresa do inimigo, devendo os carros manter entre si intervalos de 15 m.

Na *escolha do local para os altos* deve-se ter em atenção: protecção contra ataques aéreos, possibilidades de uma segurança fácil, possibilidades de reabastecimento rápido de combustível, possibilidades de tomar um dispositivo amplo, visto ser a dispersão a melhor camuflagem, a comodidade das tropas e proximidade de água.

Em *estação*, há que: distribuir as missões de segurança, fazer o dispositivo do esquadrão coberto, camuflado e com boas possibilidades de saída, fazer desaparecer os vestígios dos rodados para evitar o reconhecimento aéreo, inspeccionar o esquadrão averiguando baixas, reparações a fazer, necessidades de combustível e tomar notas de tôdas as ocorrências, cuidar do descanso das tropas, ligar o esquadrão com a unidade superior transmitindo-lhe o que julgar necessário, render as patrulhas de segurança.

Nas marchas há a considerar:

- Marchas longe do inimigo ou sob a protecção de outras fôrças
- Marchas nas proximidades do inimigo ou fazendo parte de elementos de segurança de uma coluna.

Marchas longe do inimigo:

O esquadrão utiliza a formação em coluna com os carros atrás uns dos outros a distâncias variáveis conforme o terreno, velocidade e possíveis reacções aéreas ou terrestres do inimigo; a distância normal entre os carros deve ser sensivelmente igual ao número de quilómetros da sua velocidade não devendo, porém, nunca ser inferior a 20 m.

Revista da Cavalaria

A disciplina de marcha tem uma capital importância, tornando-se necessário por meio dos motociclistas balizar o itinerário.

Se houver que precisar a realização da marcha a *ordem preparatória* (embora verbal) deverá sumariamente indicar o dia em que se efectuará a marcha e hora provável, o itinerário e ponto a atingir em fim de marcha, reconhecimento do itinerário se fôr possível; a *ordem de marcha* deverá indicar: a situação geral e objectivo do movimento, organização da coluna, itinerário, ponto inicial, altos horários, grande alto (hora aproximada que se prevê e lugar em que se efectua) segurança aérea e prescrições referentes a abastecimentos, transmissões, T. C. e regulação da circulação.

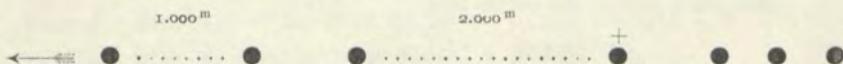
Marchas nas proximidades do inimigo:

Quando se trata de unidades motorizadas a proximidade do inimigo é relativa e isto porque, dada a distância que unidades de tal natureza podem percorrer num dia, essa proximidade é de considerar da ordem, de 150 a 200 kms. visto ser essa a média de tais elementos em tal espaço de tempo.

Então nestas marchas tãda a coluna necessita de estar coberta por uma segurança — vanguarda — a qual por si adoptará também uma disposição de segurança.

No esquadrão de carros de combate o dispositivo é o seguinte:

Na frente um pelotão — pelotão de vanguarda — cuja ponta — um carro — se distancia cêrca de 1.000 m. precedido dos motociclistas e em permanente ligação com o comandante do pelotão; áquela distância o carro



do comandante do pelotão, a tal distância para ter garantida a sua liberdade de acção em caso de encontro repentino com o inimigo, e atrás dêste o outro carro, a uma distância que é variável, pois deve ser tal que o carro que segue na frente

Revista da Cavalaria

possa sempre ter o apoio do que se lhe segue. A cêrca de 2.000 m. seguirão os outros dois pelotões, com o carro do comandante de esquadrão na frente, escalonados em profundidade, com distâncias de segurança tão grandes quanto o permitam a visibilidade e as necessidades de ligação.

Desde que se tome o contacto com o inimigo o comandante do pelotão de vanguarda adianta-se quanto lhe fôr possível, para pessoalmente se poder informar da situação e poder apreciar pelo combate, se tal entender necessário, a força e qualidade das resistências encontradas; o comandante de pelotão da vanguarda, em permanente ligação com o seu comandante de esquadrão, informa êste que por sua vez se desloca para a frente também, para pessoalmente tomar conhecimento da situação e reconhecer o terreno, para o caso em que tenha de dispor o seu esquadrão para o ataque, e poder assim estabelecer o plano de emprêgo dos seus carros.

Desde que o pelotão de vanguarda tem que recorrer ao combate para verificação das resistências encontradas, o sistema a que êle recorre é sempre o de *fogo e movimento*, de forma que um carro avança sob a protecção do fogo do outro, até que o pelotão, verificado o ponto mais fraco do inimigo, se lança sôbre a resistência para destruí-la.

Então, ou as resistências são vencidas e o esquadrão continua a sua marcha com dispositivo já indicado, ou o pelotão da vanguarda não pode vencê-las e o comandante de esquadrão, então já com uma idéia clara do combate que se está desenrolando, disporá o esquadrão para o ataque com o propósito de liquidar rapidamente as resistências inimigas, se o pode fazer com os seus próprios meios.

Desde que o esquadrão atingiu o fim da marcha sem encontro com o inimigo, é o pelotão da vanguarda que deverá assegurar a segurança em fim de marcha ou estacionamento, sempre que ela não possa ser desempenhada por outros elementos que não sejam carros, visto não estarem êstes indicados para uma defesa estática do terreno. Todavia, se fôr o pelotão da vanguarda que tenha de montar tal serviço, torna-se necessário que êste garanta ao Esquadrão o espaço e o tempo, para o que devem ficar ocupadas e batidas a distância pelo fogo tôdas as estradas e caminhos que conduzem

Revista da Cavalaria

aonde se encontrar o grosso do esquadrão; nestas disposições de segurança devem-se utilizar alguns motociclistas por serem mais aptos para a vigilância e para romper o contacto e informar.

E) — O ATAQUE

1) — *Generalidades*

O ataque tem por fim a conquista metódica dos sucessivos compartimentos do terreno até atingir o objectivo final. De uma forma geral pode-se dizer que um *ataque com carros* se realiza resumidamente da seguinte forma:

- os carros conservam-se afastados em *posições de espera* que lhes são fixadas;
- próximo da hora H aproximam-se da *base de partida*, estabelecendo-se nas *posições de partida* de onde partirão com a antecedência necessária para ultrapassar a base de ataque à hora H;
- ultrapassada a base de ataque dirigem-se sobre a zona que lhes foi fixada e que têm a missão de neutralizar e aí reduzem as resistências que se assinalam.

Dentro do esquadrão, o mecanismo de combate consiste na combinação da acção dos pelotões em 1.º escalão — escalão de ataque — e completando essa acção com o do 2.º escalão — escalão de apoio — quer por ampliação da frente, quer para bater objectivos imprevistos, quer para o envolvimento de quaisquer outros objectivos para a conquista dos quais se verifique necessária essa manobra; é este 2.º escalão que se encontra sempre à disposição do capitão, comandante de esquadrão, para a resolução rápida e oportuna de todos os imprevistos que apareçam no decorrer da acção e que inicialmente é impossível prever.

Se o esquadrão faz parte do 2.º escalão no ataque, então limita-se a progredir por itinerários desenhados adoptando as formações que mais convenham tendo em vista a máxima

Revista da Cavalaria

utilização do terreno; mas se operar sem ser incorporado então deverá adoptar disposição semelhante à do esquadrão em 1.º escalão, não podendo deixar de ter em atenção a segurança dos seus flancos e apoio a prestar ao escalão de ataque.

2) — *O esquadrão na posição de espera*

Uma vez que o ataque é planeado torna-se necessário a adopção de disposições preparatórias que abrangem não só o desenvolvimento ou desdobramento para o ataque como ainda a realização de todos os trabalhos técnicos necessários à acção, como reabastecimentos de munições, combustível e víveres, todos os trabalhos de conservação e ajustamentos necessários, o conhecimento do terreno e da situação e missão, ligações, etc. O esquadrão deve desde logo atender ao máximo a todas as disposições contra a observação terrestre e aérea do adversário, aproveitando ao máximo os cobertos de forma a dar sempre a impressão que o terreno não está ocupado. Nesta posição, a situação do material é estática e conseqüentemente terá que se recorrer ao aproveitamento do terreno e da vegetação, sendo indicados os bosques e no caso de não os haver devem os carros ser camuflados com rédes, ramos, etc.

Geralmente, esta zona-posição de espera — encontra-se a uma distância tal da linha mais avançada que não possa ser atingida pelo fogo da artilharia ligeira inimiga pelo que attribuindo-se a esta o alcance máximo de 15.000 m. aquela deve ser da ordem dos 10.000 m.

Os pontos importantes a ter em conta nesta posição são, resumidamente, os seguintes:

- Disposição do esquadrão a coberto da observação terrestre e aérea;
- A dispersão dos elementos do esquadrão tendo em vista o tiro da artilharia e os bombardeamentos da aviação inimiga;
- Verificação dos carros e das guarnições que devem estar preparados para o combate;
- Ligações a estabelecer;

Revista da Cavalaria

- Conhecimentos da situação e missão atribuídas ao esquadrão e aos pelotões;
- Reconhecimento do terreno à frente da posição no que respeita à sua transitibilidade e, sendo necessário, remover os obstáculos.

A marcha desta posição — posição de espera — para a posição seguinte — posição de partida — requiere, geralmente, que seja feita de noite, e no caso de ter que se efectuar de dia ela deverá ser feita com as maiores precauções para o que se tem chegado a camuflar os próprios caminhos e a recorrer ao tiro da artilharia para evitar que o ruído dessa aproximação de carros seja denunciado.

3) — *Posição de partida*

A posição de partida é a posição onde os carros se dispõem para o ataque devendo obedecer às seguintes condições com o objectivo de que dela possa ser lançado o ataque com as melhores possibilidades de êxito:

- espaço suficiente para dispor os carros na formação necessária;
- fácil mascaramento;
- fáceis entradas para ocupar a posição como fáceis saídas para os carros poderem facilmente desembocar na ordem de ataque prevista;
- existência de água nas proximidades.

O prévio reconhecimento deve na sua escolha atender a que a posição seja rapidamente ocupada, a fim de evitar aglomerações de viaturas, e para o cálculo do espaço tem de atender a que os carros devem estar separados cerca de 25 m. a fim de evitar que um tiro possa simultaneamente destruir dois carros; esta distância é, evidentemente, variável, dado que há que se ter em conta uma boa protecção às vistas terrestres e aéreas.

Tôdas as precauções de mascaramento e medidas de segurança contra as vistas do inimigo, têm nesta posição ainda o maior rigor de execução, pois agora, ainda mais que

Revista da Cavalaria

nunca se pode menosprezar um dos principais factores do êxito do ataque: a surpresa.

Esta posição de partida dos carros deve situar-se ainda a uma distância das tropas que apoia que é função da velocidade dos carros e do movimento da sua entrada em acção, devendo ser tanto menor quanto menor é essa velocidade e mais cedo o momento da sua entrada em acção relativamente àquelas tropas; todavia, há tãda a vantagem em que esta posição de partida dos carros não coincida com a base de ataque, mas sim que seja mais afastada, possibilidade que só a velocidade marcará a fim de evitar que os tiros de contra preparação inimigos, destinados aos carros, atinjam também as tropas apeadas.

Esta posição deve ainda, relativamente ao inimigo, situar-se a uma distância de cêrca de 3.000 m., distância esta que é bastante variável não só função do terreno, como da situação das tropas que apoia, como ainda do estado do material que obriga a prever a necessidade de pequenas repaçoões e afinaçoões após a marcha para esta posição.

4) — *Partida para o ataque*

a) — Se se tratar do *esquadrão de carros em missão de acompanhamento*, em que a missão é neutralizar as armas automáticas já referenciadas ou que venham a manifestar-se e que se possam opor à progressão das tropas apeadas, o esquadrão abandona a sua posição antes daquelas, que por sua vez só deixarão a sua base de ataque quando os carros se encontrem já fazendo sentir a sua acção e antes que a artilharia inimiga tenha podido reagir, não devendo todavia as tropas apeadas iniciar a sua partida sem que os carros tenham já feito sentir os efeitos da sua acção de neutralizaçoão.

Assim, a base de fogos assegura a protecçoão dos carros à partida e, os carros neutralizando as a. a. inimigas, facilitam a progressão do escalão de ataque.

Existe, portanto, assim, mais uma vez, uma combinaçoão de esforços que tem de ser assegurada: ou fazendo partir as tropas que o esquadrão de carros apoia quando êles atingirem uma linha nítida do terreno que abranja a primeira zona, o primeiro compartimento, considerado perigoso, ou

Revista da Cavalaria

então, por horário, de forma que este seja fixado em função do tempo julgado necessário para os carros chegarem até àquela linha. Daqui, ou a ordem indicará a *hora* a que os carros devem *ultrapassar* o limite à frente da base de ataque e *aquela* a que as tropas apeadas devem *abandonar* esta base, ou então, a ordem deverá indicar a linha de terreno que, uma vez atingida pelos carros, marcará por assim dizer o sinal de partida para as tropas apeadas.

Se o ataque se realizar com barragem móvel de artilharia, então os carros *seguem* as tropas apeadas cooperando nas operações de limpeza, e só quando essa barragem cesse ou essas tropas a não possam seguir, os carros as ultrapassam.

b) — Se se tratar dum *esquadrão de carros em manobra de conjunto* a posição de partida deve obedecer às condições já expostas para a dos carros de acompanhamento e a sua missão consiste em reduzir as armas adversas em proveito do agrupamento que os segue: tropas apeadas—carros de acompanhamento.

Para tal, o esquadrão em tal missão precede amplamente êsse agrupamento dentro da zona a neutralizar, e então, a combinação do esquadrão de carros com o agrupamento misto consiste em fixar a hora H e indicar em relação a esta, as horas em que uns e outros devem atravessar o limite à frente da base de ataque ou no caso de não se recorrer a êste sistema horário, fixar a partida do agrupamento misto no momento em que aquêle atinja uma determinada linha do terreno.

5) — *O decorrer do ataque*

a) *Princípios Gerais*

O esquadrão inicia o ataque geralmente com uma frente média, visto ser com esta que êle se encontra nas melhores condições para efectuar a sua progressão. Adopta, em principio, a formação em triângulo com o vértice para a retaguarda, isto é, com dois pelotões em 1.º escalão — escalão de ataque — e o outro em 2.º escalão — escalão de apoio — adoptando os pelotões semelhantemente a mesma formação. Os dois pelotões do 1.º escalão progridem sensivelmente ao

Revista da Cavalaria

mesmo tempo e o do 2.º escalão, como já foi dito, à disposição do capitão, a uma distância tal do 1.º que permita o seu apoio imediato ou fazer sentir a sua imediata acção em qualquer imprevista situação. Os carros marcham em zig-zag aproveitando ao máximo os desenfiamentos que o terreno ofereça, atingindo as cristas em obliquo, prontos a voltar desde que sejam batidos, para aparecer noutro ponto.

Apoiados pelos próprios fogos e aproveitando o terreno e a manobra, os carros avançam rapidamente e destroem as defesas anti-carro inimigas pelo fogo a curta distância e por esmagamento.

É da judiciosa combinação da abertura de fogo em posição com os movimentos rápidos dos carros alternando-se dentro dos pelotões e dêstes dentro do esquadrão que resulta o aniquilamento das defesas inimigas e o melhor êxito do ataque.

Atingido o fim de lanço, novo lanço se efectua, se não houve qualquer opposição, devendo os comandantes de pelotão fazer o respectivo reconhecimento.

Se um dos pelotões é detido, os outros vão pretender realizar o seu envolvimento e uma vez a resistência vencida a progressão do esquadrão continua; se o esquadrão não conseguir por si só vencê-la tem o comandante de esquadrão que fazer a respectiva comunicação para que outros meios entrem então em acção.

A fim de isolar uma resistência e com o fim de realizar a manobra de envolvimento pode-se cobrir momentaneamente com fumo o seu campo de tiro para o que os carros de combate dispõem de um lança bombas de fumo.

Finalmente, há que ter sempre presente que o inimigo do carro é o anti-carro; é êste que o desvia da sua missão que é a destruição das metralhadoras e da artilharia. A sua eliminação é por isso condição prévia para o bom êxito do emprêgo dos carros.

b) *Esquadrão de carros em missão de acompanhamento*

Soq a protecção dos fogos da base de fogos os carros deslocam-se o mais depressa possível desde a sua posição de partida até à zona em que lhes foram assinaladas resistên-

Revista da Cavalaria

cias que têm de neutralizar, neutralização esta que o escalão de ataque apeado aproveita para progredir, se aproximar dos carros e apoderar-se o mais depressa possível do terreno neutralizado.

Desde o momento em que os elementos das tropas apeadas se começam a infiltrar no dispositivo do esquadrão, este continua a sua progressão tal como até aí, até que atingido que foi o primeiro objectivo do ataque, aguarda e protege a instalação das tropas apeadas, depois do que:

Se o movimento deve em breve continuar se reconstitui nas proximidades, ou,

Se o movimento só deve recommençar à ordem ou depois de decorrido certo tempo, se retira para uma zona — *zona de reunião* — para então proceder ao reabastecimento de munições, gasolina e óleo, ajustamentos e afinações, etc.

Se tiver sido atingido o objectivo final e depois das tropas apeadas já instaladas, o esquadrão dirige-se para a *zona de reagrupamento* da unidade que lhe houver sido fixada, às ordens do cujo comandante passam.

c) *Esquadrão de carros em manobra de conjunto*

Desde que o esquadrão deixa a posição de partida os carros seguem o mais rapidamente possível para as zonas que lhes foram marcadas para neutralização, sob a protecção dos fogos da artilharia e inicialmente das tropas apeadas. Logo que o esquadrão em tal missão é alcançado pelo agrupamento misto, tropas apeadas-carros de acompanhamento, há a considerar 3 casos:

1.º caso — A 1.ª zona de terreno a neutralizar abrange toda a profundidade do compartimento do terreno.

Então os carros uma vez alcançados pelos de acompanhamento ou se *reagrupam* nos cobertos que existam se o terreno o permite enquanto os de acompanhamento continuam precedendo as tropas apeadas até ao fundo do compartimento, ou se o terreno por plano o não permite, são então os carros de acompanhamento que logo que alcançam os de manobra de conjunto se reagrupam a fim de evitar concentrações grandes, continuando estes então a assegurar a pro-

Revista da Cavalaria

tecção das tropas apeadas durante a sua instalação, depois do que se reagrupam por sua vez;

2.º caso — O limite à frente desta 1.ª zona fica àquem do fundo do compartimento do terreno que constitui objectivo de ataque: então os carros do esquadrão de manobra de conjunto, cuja missão recebida foi a de neutralizar zonas sucessivas do terreno, dirigem-se para elas à medida que são alcançados pelos carros de acompanhamento e desde que tenham atingido o fundo do compartimento procedem como foi dito no caso anterior.

3.º caso — O objectivo assinalado às tropas apeadas está para além do fundo do compartimento definido por uma crista ou por uma linha de cobertos.

Então, até ao fundo do compartimento a progressão do esquadrão é feita como num dos casos anteriores e atingido aquêle limite o esquadrão apoia a sua travessia pelas tropas apeadas, e ou se o lanço é pequeno e o terreno o permite mantendo-se àquem numa posição de desenfiamento apoiando pelos fogos essas tropas, durante êsse lanço, ou, no caso contrário, atravessando rapidamente a crista ou linha de cobertos, até que aquelas se encontrem instaladas, depois do que o esquadrão se conservará nas proximidades ou se abrigará atrás da crista, segundo o terreno é ou não coberto e a paragem é de menor ou maior duração.

F) — ORDEM DO COMANDANTE DO ESQUADRÃO

Destinada a confirmar a prescrição de ordens verbais dadas para os reconhecimentos, instalação na posição de partida, o ataque, etc.

..... Em . (observatório)
... Esquadrão (Ordem verbal) às ...

- I — Situação
- II — Missões

- Das tropas apeadas
- Da U. S. de C. C. se a houver
- Do Esquadrão

Revista da Cavalaria

III — Dispositivos do Esquadrão

- Pelotões em 1.º escalão
- Pelotões em 2.º escalão

IV — Missões dos pelotões — agindo em acompanhamento de . . . , neutralizar as zonas :

- 1.º pelotão
-

V — Execução do ataque

- Hora H
- Partida da posição de partida : à hora H-x por forma a atravessar a linha .. (limite à frente da base de ataque) à hora H.
- Neutralização :

- da zona ... 1.º pelotão, até H-x
-
-

- Reunião, desde que ... tenha instalado a defesa anti-carro, à minha ordem, em .

VI — Ligação e transmissões

- P. C. do Esquadrão em ... , com o Comandante de (unidade S. ou que apoia)
- Comprimento de onda
- Indicativos

VII — Serviços

T. C. da Unid. S. ou que apoia e do E.
Condições de reabastecimento e desempanagem.

O Comandante do Esquadrão

Revista da Cavalaria

G) — O ESQUADRÃO DE CARROS NA EXPLORAÇÃO DO SUCESSO

Desde que o ataque é coroado de êxito há que imediatamente explorar o sucesso, para que ao mesmo tempo que se desorganize o inimigo se impeça a sua organização a tempo de vir a opor resistência eficaz.

O esquadrão de carros tem então o seu emprêgo no aniquilamento das resistências isoladas, constituídas ou que possam vir a constituir-se, ou ainda sôbre os flancos da brecha aberta para a alargar, envolvendo o inimigo e aniquilando-o, pondo na acção tôda a sua iniciativa e decisão de forma a provocar o máximo de desorientação e desorganização sem contudo perder o contacto com o inimigo no sentido da profundidade e mantendo a sua disposição e ligação sempre prontas a fazer face a qualquer eventualidade.

H) — NA PERSEGUIÇÃO

Aberta a brecha na posição inimiga e devidamente consolidada pelas tropas apeadas que seguem os carros e verificada a retirada do inimigo, o esquadrão pode ser lançado na sua perseguição, fazendo parte de destacamentos de perseguição, destacamentos onde se tem verificado a maior descentralização de comando, imperando nêles a maior iniciativa e com base na audácia e combatividade na progressão que terão de ser os principios por que um esquadrão em tal missão se tem de reger.

Devendo ter sido previstas as direcções principais em que tais destacamentos devem ser lançados na exploração, o esquadrão pode ter como objectivos principais: a artilharia, os P. C., os cruzamentos mais importantes, os pontos de passagem sôbre as cortaduras, pontes, etc.

Revista da Cavalaria

I) — O ESQUADRÃO DE CARROS NA DEFENSIVA

Na defensiva de posição

Desde que o inimigo penetra na posição ou a envolve, os carros de combate têm a sua actuação, embora ofensivamente, e assim o esquadrão de carros pode ser mantido em reserva quer para reforçar qualquer sector, quer para ser empregado em contra-ataques destinados ou a deter e repelir os elementos inimigos que tenham penetrado nas linhas mas ainda em movimento, ou a repelir a infantaria inimiga que tenha penetrado no interior da posição e já aí se tenha instalado, e a levar assim a L. P. R. para a sua inicial posição.

Nos primeiros contra-ataques destinados a deter e repelir o inimigo o esquadrão de carros actua isolado em contra-ataques imediatos; nos segundos que se destinam a restabelecer a P. R. a missão do esquadrão é uma missão de ataque, no quadro do agrupamento misto de tropas apeadas-carros de acompanhamento.

O esquadrão de carros de combate constitui assim por si só ou fazendo parte de unidades de semelhante tipo uma verdadeira reserva móvel.

J) — NA ACÇÃO RETARDADORA

Nesta acção tem ainda o esquadrão de carros o seu emprego opondo ao inimigo temporárias resistências, impedindo que o inimigo passe determinado obstáculo, guardando com os anti-carros passagens importantes, efectuando assim acções de retardamento com o fim de permitir que as tropas que cobre tenham tempo de se instalar defensivamente, para o que executa a manobra alternando com a resistência *sobre posições sucessivas*, facilitando a rotura de combate.

Revista da Cavalaria

L) — NA RETIRADA

O esquadrão de carros de combate, utilizando a sua potência de fogo e de manobra pode actuar *entre as posições sucessivas*, deslocar-se rapidamente de uma para outra posição, actuar em contra-ataques rápidos e vigorosos a fim de facilitar a rotura de combate, fazendo parte de destacamentos retardadores para forçarem o inimigo, por contra-ataques, emboscadas, destruições, etc., a demorar a sua progressão, a marchar com cautela e, portanto, devagar.

M) — O ESQUADRÃO DE CARROS DE COMBATE CONTRA OBRAS DE FORTIFICAÇÃO PERMANENTE

Modernamente o esquadrão de carros tem ainda tido o seu emprêgo em acções contra obras de fortificação permanente, conjugando a acção dos seus pelotões com atiradores e sapadores de assalto, algumas vezes em cooperação com a artilharia formando grupos de combate.

Tais agrupamentos de combate permitem aproximar os meios de fogo dos carros metralhadoras e canhões a pouca distância de tais obras e com tóda a eficácia, e sob a protecção dêles os elementos que apoiam — atiradores e sapadores — primeiramente isolando o fortim para depois o atacar.

A constituição de tais grupos de combate é variável em carros de combate, por ser função do fortim a atacar, consoante êle dispõe só de metralhadoras ou destas armas e de canhões o que é o mais freqüente.

O ataque a tais obras consiste fundamentalmente em isolar a fortificação para, seguidamente, a atacar com o grupo de combate.

O isolamento encontra-se mais a cargo da artilharia que mediante projecteis fumigenos cega as defesas imediatas e bate a artilharia inimiga, e dos atiradores que com as suas armas pesadas batem os acessos à fortificação e neutralizam tôdas as forças que existam nos intervalos entre essa obra e

Revista da Cavalaria

as vizinhas, e sempre que possível, até mesmo as próprias seteiras da fortificação que se ataca.

É então sob a protecção deste fogo que os grupos de combate se aproximam e enquanto um deles bate as cúpulas e seteiras, o outro avança em cooperação com os atiradores. Estes dois grupos conjugam então a sua acção sempre de forma que um avança enquanto o outro o apoia pelo fogo até que este avança até junto daquele para este novamente progredir; os atiradores dos grupos em estreita ligação com os carros avançam sempre o mais rapidamente que podem servindo-se mesmo alguns deles como escudo até às proximidades da obra em que as missões dos grupos de combate se dividem então: um grupo — o de apoio — coloca-se geralmente na frente da obra em permanente observação desta e do terreno vizinho, atento aos flancos, enquanto o outro grupo — o de ataque — envolve a fortificação facilitando a aproximação dos atiradores e sapadores, e colocando-se em posição, dispara a pequena distância contra as seteiras, cúpulas e entradas. Então os atiradores ocupam o terreno vizinho da obra e sob a sua protecção os sapadores com explosivos procedem à destruição das portas de acesso e tórres das armas, obrigando a guarnição a render-se.



TRAVESSIA À VIVA FÔRÇA DO RIO TEJO

Exercício final da Escola de Recrutas da E. P. E.

pelo Major GUIMARÃES PALA



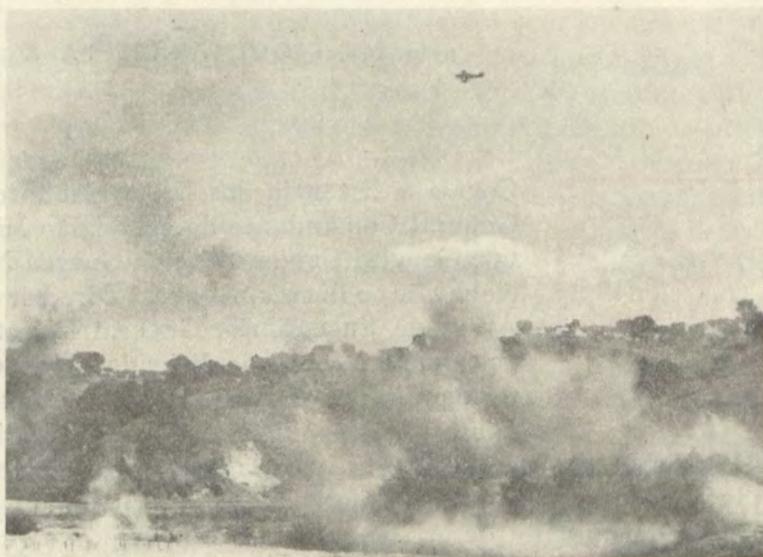
Com a assistência dos Ex.^{mos} Senhores: General Comandante da 3.^a Região Militar, General Comandante da Guarda Nacional Republicana, General Director da Arma de Engenharia, General Director da Arma de Cavalaria, Brigadeiro Inspector das Tropas de Comunicações, Comandantes e vários oficiais: da Escola Prática de Artilharia, da Escola Prática de Cavalaria, do Regimento de Infantaria n.º 2, do Regimento de Infantaria n.º 15, do Grupo Independente de Artilharia n.º 6, do Grupo de Artilharia Anti-Aérea n.º 2, do Regimento de Cavalaria n.º 4, do Regimento de Cavalaria n.º 8, da Base Aérea n.º 3, do Regimento de Engenharia n.º 1, do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, do Batalhão de Pontoneiros, e muitos outros oficiais cuja lembrança de momento nos não ocorre e espero nos desculpem, realizaram-se no dia 29 do passado mês de Agosto os exercícios finais da Escola de Recrutas de 1944 da Escola Prática de Engenharia a que dada a reconhecida cativante gentileza do Comando e oficiais daquela Escola nos foi também dado ter o prazer de assistir.

E porque êsses exercícios, são sob todos os pontos de vista notáveis, não só pelos conhecimentos práticos, que a nós, oficiais das outras Armas nos trazem, como também pela forma meticulosamente cuidada como são preparados, dando uma impressão real da verdade na acção da cooperação imediata entre as Armas, julgamos de utilidade fixar nas páginas da nossa Revista uma resumida descrição da demons-

Revista da Cavalaria

tração, feita com fogos reais e simulados e em que cooperaram elementos da Escola Prática de Cavalaria e da Base Aérea n.º 3:

«Primeira fase do estabelecimento de uma testa de ponte num sector de Batalhão pela travessia à viva força de um



Preparação de aviação

curso de água e da neutralização e ocupação da zona de cobertura inimiga que utiliza como obstáculo o referido curso de água».

O TEMA

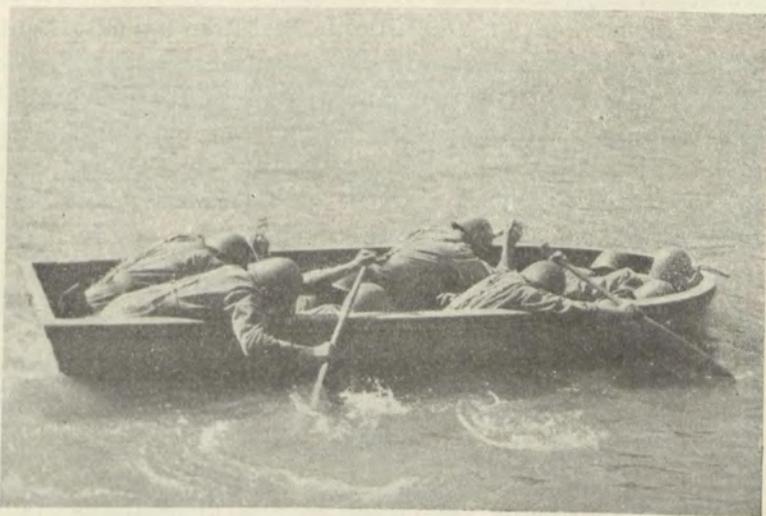
(Vide fl. n.º 330 da Carta 1/25.000)

Um Regimento de Infantaria, tendo como eixo de ataque a linha geral **Aringa-Almourol** (o castelo foi considerado neutralizado e nêle foi estabelecido o Observatório da assistência), deparou na tarde de 28 com forte oposição do ini-

Revista da Cavalaria

migo, que se havia fortificado na margem esquerda do **Rio Tejo**.

Em virtude da ordem recebida para prosseguir o avanço, o R. I. procede aos vários reconhecimentos que, tendo em vista a escolha dos locais de transposição e estabelecimento do plano da operação, analisaram:



Uma secção de sapadores de assalto atravessa o rio à viva fôrça, numa canoa

— a margem de partida (acessos, cobertos, comandamentos, etc.);

— o curso de água (largura, profundidade, velocidade da corrente, etc.);

— a margem de chegada (possibilidade de desembarque de tropas apiadas e moto-mecanizadas, possibilidades de progressão ulterior, etc.);

— a posição inimiga (localização e natureza dos diversos elementos, possibilidades de fogo, sistema de defesa, etc.);

Recebidos os precisos elementos de reforço, o comandante do R. I. ordena ao B. I. 2 (figurado por 3 pelotões de atiradores da E. P. E., com metralhadoras e morteiros da E. P. C.), que, na alvorada de 29, após a preparação efectuada

Revista da Cavalaria

pela Aviação de bombardeamento a picar e pela Artilharia, efectui a neutralização e ocupação da zona de cobertura da posição inimiga e, fixando-lhe o sector de ataque imediatamente a montante do Castelo do **Almourol**, pôs à sua disposição:

— 1 pelotão de sapadores de assalto, 1 pelotão de sapadores mineiros, 1 formação de lanchas de assalto, 1 formação de trens de navegação, 1 equipe de terraplanagem, 1 equipe de camuflagem, 1 pelotão de carros (figurados por viaturas T. T. Bren da E. P. C.), com apoio de: 1 pelotão de canhões anti-carro (da E. P. C.), 2 baterias de obuses ligeiros (de fogos simulados por fornilhos e potes de fumos), 1 pelotão de aviões de assalto (da B. Aer. n.º 3), 1 pelotão de aviões de bombardeamento a picar (de fogos simulados por fornilhos), e sendo as ligações mantidas por formações de transmissões.

O TERRENO

O **Rio Tejo**, que imponente nos seus milhares de metros de largura em frente de **Lisboa**, e que de **Vila Nova da Barquinha** para jusante, corre entre extensas, baixas e planas margens no ubérrimo Ribatejo, aparece-nos, no entanto, em apertada garganta entre **Constância** e **Arripiado** ao atravessar por entre os sistemas orográficos luso-espanhol e toledano.

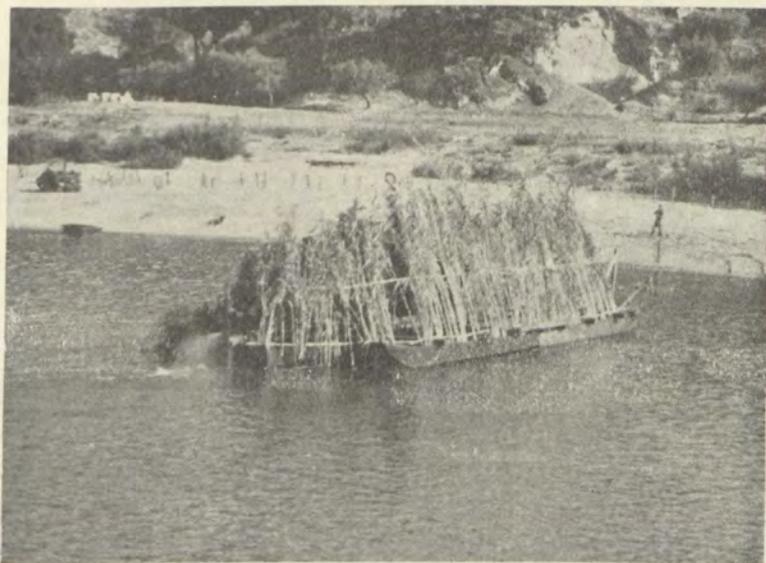
As margens são abruptas, de inclinações médias de 50 a 60° em extensões de 150 a 200 metros e por isso apenas transponíveis por adestradas tropas de infantaria, pois que as próprias linhas de água que vão desaguar ao **Tejo** são ravinas impraticáveis, na subida, a viaturas de qualquer espécie sem uma preparação anterior a fazer caminho.

No local onde se realizou o exercício, na margem norte, à direita do rio, após uma planura de cerca de 3.000 metros de extensão no sentido norte-sul, onde estão instalados os aquartelamentos da Base Aérea n.º 3, do Batalhão de Pontoneiros e da Escola Prática de Engenharia, o terreno desce rápido para o rio, de uma altura de cerca de 60 metros e com uma inclinação superior a 60 graus, formando na frente do

Revista da Cavalaria

Castelo do **Almourol** uma série de socalcos por um dos quais passa a linha do caminho de ferro de leste.

Na margem fronteira, à esquerda do rio, o terreno, de perfil menos inclinado ainda, forma uma reintrância e apresenta, no sector atribuído ao Batalhão, a oeste, uma pedreira quási vertical, em exploração, de altura próxima de 40 metros; no centro, com pedreiras junto da base, o terreno tem um perfil quási vertical, e a leste uma profunda e ravi-



Trens camuflados transportam carros blindados

nosa linha de água por onde se poderá, mas com dificuldade, fazer a infiltração de tropas atacantes. O terreno para sul continua a subir, sensivelmente plano, fácil e descoberto, numa extensão de cerca de 2.500 metros. Para lá, terreno coberto e bastante cortado.

Nas margens junto do rio, ao passo que a margem direita donde sairá o ataque é ligeiramente arborizada e sem praia, a margem esquerda, onde está a organização defensiva, possui uma magnífica praia de areia, de facilimo acesso, com cerca de 70 metros de largura por cerca de 200 de extensão e possuindo alguns salgueiros que podem ocultar organizações existentes.

Revista da Cavalaria

O EXERCÍCIO

Disposta a assistência ao longo das muralhas do Castelo, capacetes de ferro na cabeça (medida de prevenção contra estilhaços de pedras ou ricochetes *mal intencionados*) e binóculos em observação, durante minutos se procuram em vão os vários elementos activos, admiravelmente camuflados, tanto da defesa como do ataque.

Avista-se o arame farpado, adivinham-se obstáculos anti-carro, prevê-se a localização dos elementos defensivos, mas não se descobre, na linha de ataque, o poiso das armas automáticas, dos morteiros, dos canhões, dos carros, das lanchas e trens de navegação nem dos vários núcleos de tropas que hão-de lançar-se ao assalto.

Onde havia arbustos, vêem-se arbustos; onde há pedras são pedras que se vêem; onde há terra solta e sombras, nada, a 200 ou 300 metros, indica relêvo. Boa ocultação e magnífica camuflagem.

Começa a ouvir-se ainda ao longe, o ronronar dos aviões e súbito rebentam na margem esquerda os fornilhos e potes de fumos, simulando o rebentamento de granadas e bombas para cegamento do inimigo, obtenção de crateras e cortinas de fumos, que hão-de ocultar os movimentos dos atacantes ao mesmo tempo que se faz ouvir a estranha sinfonia do matraquear das metralhadoras e estalar dos canhões anti-carro, que visam as seteiras dos fortins previamente reconhecidos. E dura 10 minutos esta bacanal confusa de estrondos e ruídos, após o que, de onde menos se espera, surdem lanchas com os soldados do pelotão dos sapadores de assalto que com os seus pequenos e rápidos motores se lançam velozmente sôbre a margem areenta, envoltos em nuvens de fumos, que hão-de evitar o serem visadas.

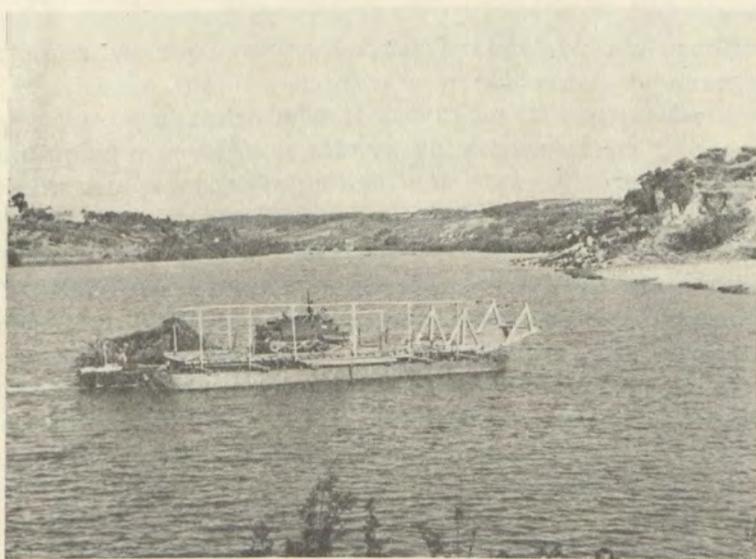
E os sapadores atiram-se rápida e decididamente para a frente, lançam-se por terra, rastejam, afundam-se nas crateras das granadas anteriormente caídas e preparam os bengalórios que hão-de abrir brecha nas rêdes de arame farpado.

Quási ao mesmo tempo e sem interrupção, uma nova leva de barcos, as canoas de assalto, se destacam da margem

Revista da Cavalaria

direita e a remadas vigorosas e rápidas levam à outra margem os pelotões de atiradores que hão-de forçar as linhas de infiltração que conduzem à primeira crista para a ocuparem.

Explosões formidáveis, que abalam fortemente as seculares muralhas do vetusto castelo, levantando a muitos metros de altura fortes colunas de água por entre os barcos dos atacantes, representam a queda das granadas da Artilharia inimiga (simuladas por minas sub-aquáticas) que de longe se opõe à marcha dos atacantes.



Trens de navegação transportam viaturas T. T.

E, entretanto, os bengalórios rebentam com fragor de espanto e pelas brechas feitas no arame farpado, lançam-se rápidos os sapadores que a tiro e granadas de mão vão neutralizando as resistências que encontram, até chegarem junto dos fortins para os destruírem.

Um vai pelos ares e não é tanto a *brincar* que não fiquem sob os escombros, soterrados, dois dos atacantes, fazendo intervir rapidamente a equipe de socorro, que os traz, visivelmente contusos para a retaguarda.

Mas o inimigo resiste ainda por entre os escombros das obras destruídas e à granada de mão e emprêgo de lança-

Revista da Cavalaria

-chamas os sapadores reduzem essas resistências, enquanto os atiradores, com o *elan* comunicado pelos seus oficiais e demais graduados, frêmentes de entusiasmo ofensivo, se lançam para a frente.

Interpõe-se na marcha uma ravina granítica vertical. Há uma árvore no cimo. Um grosso cabo amarrado a esta permite aos atiradores o subirem a pulso e chegarem à crista.

Ronronam continuamente os aviões de assalto, que, picando do alto, despejam rajadas seguidas sôbre as defesas inimigas.

Rebentam por tôda a parte forninhos, que são empates das granadas da Artilharia atacante.

A crista imediata à ravina já está ocupada e nova vaga de barcos, mais lanchas de assalto, conduzem o pelotão de sapadores mineiros que sem delonga limpam o terreno dos obstáculos anti-carro, vindo atrás, em trem de navegação, a esquadra de terraplanagem, que prepara e adapta o terreno à progressão dos carros, protegida por mais um pelotão de atiradores, que ulteriormente passam a proteger os flancos dos carros na sua marcha para a crista.

E os atiradores do 2.º escalão continuam a subir, continuam a avançar por entre os empates das artilharias até atingirem as cristas. E os aviões continuam a picar do alto e a despejar em rajadas cerradas as suas quatro metralhadoras sôbre o campo inimigo, neutralizando as resistências e imobilizando a defesa.

E na assistência maravilhada, a emoção não pára. Agora é um rebentamento junto de um grupo de atacantes que rápido se cose ao terreno; a seguir as brigadas de socorros que vão céleres buscar um oficial e um soldado, feridos por balas desgarradas e ao mesmo tempo por entre o rebentar das minas sub-aquáticas, surgem os trens de navegação com mais atiradores e os carros, vindos não se viu donde, de tal forma estavam ocultos e camuflados sob os salgueirais da margem direita e rápidos despejam na praia outra vaga de assalto de carros e atiradores, que, por caminhos balizados pelos sapadores mineiros, se lançam com decisão na subida pela íngreme e áspera ravina que lhes dá acesso à crista, para em seguida se lançarem para a frente a conquistar mais

Revista da Cavalaria

terreno, neutralizando, vencendo resistências e confirmando assim o estabelecimento da testa de ponte.

E, atingido o objectivo final, terminado o exercício, nós, os assistentes, ainda com os ouvidos cheios de tanto rebentar de granadas, de tanto ronronar dos aviões que por sôbre nós passaram, de tanto matraquear das metralhadoras, tirando os capacetes escaldantes, que um sol de trovoada aqueceu de abrasar, como que acordando de um pesadelo de ruídos e sufocação, lastimamos que fôssem tão poucos os que assistiram, umas largas dezenas, pela noção de realidade havida nessas duas horas de tensão de nervos e de lição e não deixamos de admirar a plêiade de oficiais instrutores da E. P. E., que tendo como base de educação moral dos seus sapadores de assalto a equitação, nos fêz comovidamente lembrar uma frase do nosso venerando mestre, Ex.^{mo} General Moraes Sarmiento, que em uma das suas lições na Escola do Exército, dizia: «o aproveitamento do cavalo imprime um tal espírito ofensivo, que transparece em tôdas as missões que se executam», e também aquela outra de Lassale, que antes da carga recomendava aos seus couraceiros: «Allez resolu-ment et soyez sûrs, certains, que vous ne trouverez casse-cou assez décidé pour vous aerter».



CORRIDAS

CONSIDERAÇÕES SÔBRE AS CORRIDAS EM PORTUGAL
E NOTAS SÔBRE A COUDELARIA NACIONAL INGLESA

pelo MARQUÊS DO FUNCHAL



Consideremos as nossas corridas apenas como reuniões mundanas em que as senhoras exibem toilettes e os homens as suas luvas creme visto já não existir o côco cinzento;

não as tomemos como certamens desportivos.

Assim podemos considerar as apostas como pretexto de troca de impressões sôbre a qualidade do cavalo, aptidão do jockey e palpite dos amigos.

As nossas corridas não podem apresentar qualquer característica de selecção visto não possuímos criação de cavalos velozes para as planas nem de saltadores para os steeple; por isso não nos interessa sobremaneira a velocidade obtida, mas sim, a disputa equilibrada e leal de pelo menos cinco cavalos alinhados para cada corrida e que sejam capazes de multiplicar o seu galope.

O número de concorrentes tem mais importância para os resultados da aposta do que para o efeito da corrida, êste especialmente tirado de uma luta tenaz, por vezes emocionante.

Pela observação das últimas corridas dêste ano pode deduzir-se que o entusiasmo foi em grande parte conseguido através da aposta mútua e que melhorada a sua organização atrairá mais público.

Revista da Cavalaria

Criar-se-á, assim, uma assistência especial para as corridas e pouco a pouco poderá ir aumentando o seu número de retíniões.

A importação de um ou outro cavalo poder-se-á fazer também à sombra de melhores prêmios. No programa pode ser incluída, a título de experiência, uma corrida destinada a cavalos importados.



Famosa corrida em Epsom Downs no dia da Oaks em tempo de paz

Também me parece que nas corridas de gentlemen estes deveriam correr com blusas de jockeys, pois se torna mais vistoso para o público permitindo-lhe seguir mais facilmente a corrida; de resto, assim é hábito nos países em que as corridas estão florescentes.

Uma pequena explicação prévia nas colunas dos jornais referente a um ou outro cavalo montado por este ou aquele jockey é sempre útil.

Nos países em que as corridas têm grande desenvolvimento, tem tanta influência a selecção dos cavalos que os grandes ganhadores são pagos por quantias fabulosas e os seus descendentes são disputados e pagos a peso de ouro.

Revista da Cavalaria

Nas vendas dêste ano em Inglaterra dois grupos de cinco pôldros de ano, filhos dos famosos cavalos pertencentes a Lord Derby «*Hyperion*» (valor de 100.000 £) e «*Fairway*» o primeiro ganhador do Derby de 1933 e o outro pai de «*Blue Peter*» ganhador do Derby de 1939 foram vendidos cada grupo, respectivamente por 33.700 £ e 26.300 £.



Vista do paddock da coudelaria nacional com éguas puro sangue afilhadas

Na venda anual de Setembro feita em dois dias consecutivos em New Market, cêrca de 300 pôldros e pôldras de ano mudaram de dono pela fabulosa quantia total de 362.000 £.

Torna-se possível ainda uma previsão de aumento de preços dentro de um ano visto os cavalos de puro sangue de grande classe terem rareado nos outros países (América, França, Argentina, Austrália etc.), e apenas poderem ser satisfatôriamente encontrados em Inglaterra e na Irlanda onde apesar da guerra os criadores ingleses e irlandeses mantiveram esta grande indústria.

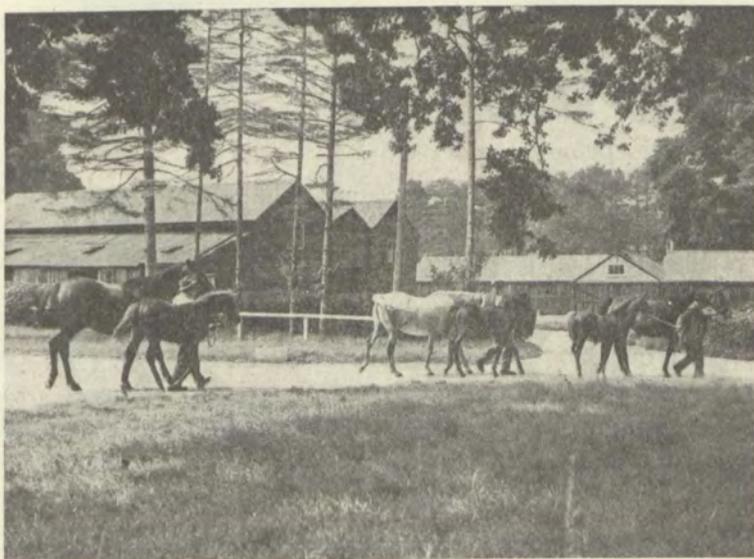
É a Inglaterra um dos poucos países do Mundo que mantém uma coudelaria Nacional sua para criação de cavalos

Revista da Cavalaria

de corridas dependente do Ministério Britânico da Agricultura.

Tem uma existência de 28 anos iniciada em 1916 tendo obtido até à data uma receita de 90.000 £ que reverteu a favor do tesouro.

Resultou esta coudelaria Nacional da oferta à nação em 1916 do coronel J. Hall Waker, M. P. (mais tarde Lord



Vista de dependências da coudelaria de Gillingham em Dorset. Éguas puro sangue com os seus pôldros são conduzidas às suas cavalariças. Vai na frente «Sun Chariot», ganhadora da corrida Oaks (1.000 guinéos) e da St. Leger de 1942 com o seu pôldro filho de «Blue Peter» ganhador do Derby de 1939 e de 2.000 guinéos. As outras éguas, Myrobella, ao meio, ganhadora de 11 corridas no valor de 316.114 £ e mãe de «Blue Peter», e «Clarence», mãe de «Sun Chariot»

Wavertree) de todos os seus puro sangues que incluíam 2 garanhões, 30 éguas de ventre, 10 pôldras de ano, 20 pôldros de mama e 8 cavalos em treino, valendo tudo mais de 74.000 £, mas na condição de que o Governo Britânico adquirisse tôdas as terras e dependências da sua coudelaria em Tully, Co. Kildare, na Irlanda.

O Conselho do Exército considerou de grande importância a oferta debaixo do ponto de vista industrial de

Revista da Cavalaria

criação de cavalos ligeiros, especialmente para fins de cavalaria e assim o governo pagou 397 hectares de terras por 65.000 £ e aceitou a oferta dos puro sangues.

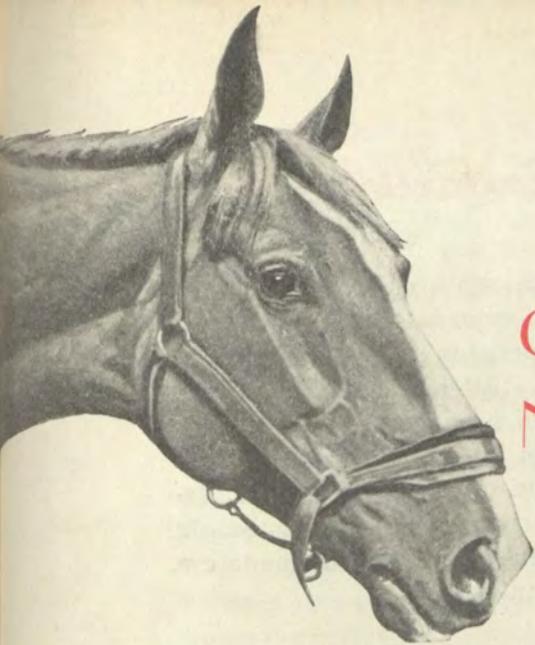
Era a coudelaria de Tully um dos melhores estabelecimentos de produção do Mundo.

A orientação da coudelaria Nacional tem sido a de criar puro sangues de 1.^a classe, alguns dos quais vendidos em leilões públicos e outros emprestados pela duração da sua carreira de corridas voltando depois para a coudelaria para criação. Nos termos de empréstimo, os cavalos correm com as côres de arrendamento e quando um ganha é creditado na conta de receitas da coudelaria Nacional um têrço do dinheiro do prêmio.

A coudelaria Nacional foi agora transferida da Irlanda para Gillingham em Dorset, dispondo de terrenos situados num dos pontos em Inglaterra considerado como mais adequado à criação de cavalos de puro sangue.

Na Irlanda encontra-se igualmente em magnificas condições a criação do cavalo puro sangue onde os terrenos e pastagens tanto a favorecem e onde também muitos criadores ingleses possuem criações suas.





CRIA CAVALAR NAS UNIDADES

pelo Major LUCIANO GRANATE

SOB este título insere a revista espanhola *Ejercito* de Abril do corrente ano, um interessante artigo do Comandante V. Bulnes que merece atenção especial dos que são entusiastas pelas questões que se ligam com o cavalo, esse nobre amigo que serve o homem dedicadamente desde que este empreendeu a sua conquista, e que também pelo lado económico e militar por nós deveria ser estudado cuidadosamente.

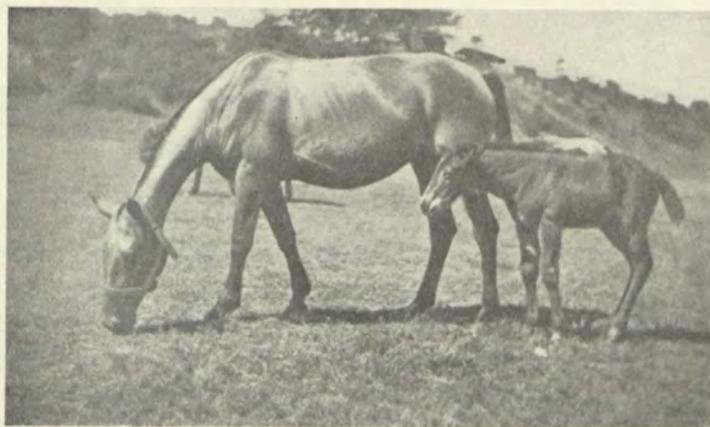
Põe em evidência o autor a necessidade de utilização de solípedes para o Exército apesar da motorização crescente e não sendo o cavalo uma máquina de fácil aquisição, mas sim um produto delicado e moroso de obter, mostra a vantagem de aproveitar tôdas as oportunidades para aumentar o número de solípedes.

Dado o grande número de éguas existentes nas Unidades, preconiza o Comandante V. Bulnes o seu aproveitamento para a criação, sem prejuízo algum para o trabalho a que são destinadas as éguas na fileira. Para tanto basta uma bem cuidada distribuição de trabalho atendendo que uma égua coberta, pode até ao quinto mês fazer todo o serviço, inclusivamente saltar; até ao sétimo ou oitavo mês fazer marchas e serviços lentos; até aos últimos meses prestar serviços de tracção desde que não sejam violentos.

Revista da Cavalaria

Uma vez chegada a altura de ter a cria, a égua seria enviada para um estabelecimento especial do Estado onde receberia todos os cuidados apropriados e donde depois de coberta novamente, regressaria à Unidade passado um período de sessenta dias, deixando ali o pôldro.

No citado artigo, ilustrado com fotografias, faz-se a descrição de um estabelecimento deste tipo existente no Exército alemão e organizado provisoriamente em barracões de madeira numa região da Rússia que tinha sido ocupada e a menos de 100 quilómetros da 1.^a linha.



LOURENÇO MARQUES—*Uma das éguas do Esquadrão de Dragões, belo exemplar sul-africano com um pôldro de alguns dias*

Nesse estabelecimento se encontravam as éguas divididas nos seguintes grupos:

— As procedentes dos Regimentos e que vinham ter as crias e regressavam às Unidades ao fim de sessenta dias;

— as que estavam inutilizadas para serviço militar, por feridas ou acidentes e que ficavam definitivamente no estabelecimento para a criação, podendo, no entanto, ser utilizadas nos trabalhos agrícolas;

— ainda um terceiro grupo era formado pelas éguas da região que iam ao estabelecimento para serem cobertas por um garanhão apropriado.

No estabelecimento existiam três espécies de garanhões: uns puro sangue árabe, outros para tiro ligeiro (modelo per-

Revista da Cavalaria

cheron) mas pouco volumosos e outros para produzirem animais de tiro normal.

Estas crusas feitas com todo o critério, davam uns exemplares perfeitos com características do árabe de bom carácter e sólidos.

Produziu-me êste artigo, especial satisfação por vir de encontro à idéia que sempre tive como útil, para a produção do cavalo militar, e também por considerar economicamente vantajoso o aproveitamento de uma fonte que o Estado despreza e isto sem prejuízo para os serviços, ou melhor, cujos inconvenientes compensam largamente os lucros, se fôr convenientemente orientada.

Estando já provado que a produção do País não é suficiente para compensar as baixas dos solípedes que por várias causas se vão dando inevitavelmente, sendo uma delas o gastamento pela idade, seria muito conveniente aproveitar todos os produtos que se pudessem obter, convenientemente orientados e mesmo assim não deixaríamos de nos ver na necessidade de importar cavalos estrangeiros para suprir as falhas exageradas.

A fileira das Unidades de cavalaria, pelo menos, tem de ser renovada anualmente em 1/10 do seu efectivo, a não ser que se utilizem cavalos com idade superior a 15 anos que poderão ainda prestar bons serviços no Exército, mas não na cavalaria, onde cada vez se exige mais velocidade e maiores esforços.

As nossas compras dentro do País nunca atingem tal cifra e, portanto, o déficit em cavalos só se pode cobrir com animais importados.

Se é certo que para as necessidades de mobilização se deve recorrer aos solípedes requisitados a particulares, também é sabido que êsses animais muitas vezes dão fraco rendimento pela mudança brusca do meio e esforços exigidos, diferentes dos que habitualmente lhes pedem. O cavalo da cavalaria, principalmente, não se improvisa, necessita ter o treino adequado para num dado momento poder dispender um esforço grande que se lhe peça.

Quando de 1926 a 1935 tive a honra de comandar os Dragões de Moçambique pus em prática a idéia que vejo descrita no artigo do Comandante Bulnes; por isso me ocorreu fazer

Revista da Cavalaria

estas considerações sobre o citado artigo, e uma pequena notícia sobre o que ali se conseguiu, tanto mais que é sempre agradável ver confirmadas por pessoas de reconhecida competência as nossas idéias que às vezes parecem utopias.

O ensaio de criação de pôldros a que me refiro foi realizado sem verba especial, mas com a autorização e interesse de Suas Ex.^{as} o Governador Geral de Moçambique, coronel José Ricardo Pereira Cabral e Chefe de Estado Maior, coronel Eduardo de Azambuja Martins.

Por aquêlé Ex.^{mo} Senhor foi autorizada a construção de uma cavalaria em *boxes* para as éguas cobertas, e já em pe-



LOURENÇO MARQUES — *Manada de pôldros de 2 e 3 anos numa pastagem próximo do Quartel de Dragões*

riodo avançado, onde tinham os pôldros em condições muito regulares de higiene e segurança.

Há em quasi tôda a Colônia de Moçambique um terrível inimigo do cavalo e não há muito tempo os cientistas pouco mais sabiam de que, era um insecto alado de hábitos nocturnos e que provocava a peste equina, terrível mal que tantas baixas causava anualmente entre os pobres bichos. A doença apresentava-se com diferentes modalidades, desde o ataque benigno a que o animal resistia e era depois considerado «salgado» em linguagem vulgar, até à forma brutal e fulminante de uma virulência tal que o matava em poucas horas. Os cavaleiros que por lá andaram tiveram quasi todos oca-

Revista da Cavalaria

sião de verem cair-lhe de repente debaixo das pernas, animais aparentemente sadios e que não se tornavam a levantar, golfando espuma pelas ventas.

Os tais cavalos considerados «salgados» parece que de facto resistiam mais, por terem adquirido uma certa imunidade, e digo parece-me por não ter competência técnica para o afirmar, tendo visto alguns que por serem «salgados» tinham maior valor no mercado, caírem fulminados quando o ataque era muito forte.

É natural que um animal nascido em determinada região, tivesse mais condições para viver nela. Por isso parecia de toda a conveniência criar cavalos, em lugar de os importar, pelo que já tinham sido feitas experiências anteriormente na Colónia, em regiões de boas pastagens, mas ao que parece sem grande sucesso. Na União Sul Africana a criação é enorme, principalmente nas regiões de altitude onde homens e cavalos têm melhores condições de vida. Não deixa, no entanto, de vir ali a terrível «Horsesickness» produzir as suas devastações, pelo que o Governo mandava fazer nos seus laboratórios de Pretória constantes pesquisas para descoberta da vacina que viria mais tarde debelar o terrível flagelo.

Esteve estabelecido por muito tempo um prémio de algumas dezenas de milhares de libras para qualquer particular que descobrisse o específico capaz de combater a «Horsesickness» mas, finalmente, segundo julgo, depois de continuos estudos, os laboratórios do Governo fabricaram uma vacina eficaz.

O aproveitamento das éguas para criação fêz-se no Esquadrão de Dragões a título de ensaio, tendo sido comprados numa das remontas que periódicamente se faziam na União Sul Africana para a fileira, dois garanhões meio sangue inglês, um de grande corpulência, anglo-normando e o outro anglo-árabe.

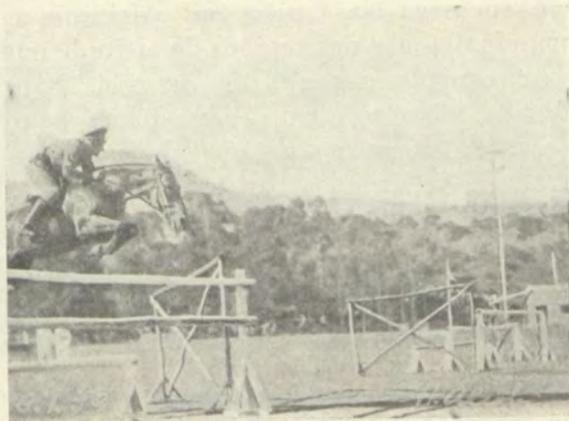
Ambos se poderiam considerar bem conformados, mas não eram de pura raça, porque tudo se fêz sem aumento de despesa.

As éguas foram emparelhadas conforme a sua estatura, e continuaram na fileira depois de cobertas cumprindo todo o serviço de instrução até ao quinto mês.

Revista da Cavalaria

Dai em diante até ao oitavo, deixaram de ser escaladas para sessões de «exterior» e saltos de obstáculos, fazendo todo o restante serviço. A partir dessa altura até terem as crias, passavam só ao serviço de patrulhas que era óptimo exercício, muito benéfico para o seu estado. O Esquadrão de Dragões fornecia diáriamente seis patrulhas aos arredores da cidade de Lourenço Marques, principalmente nos bairros indígenas coadjuvando o serviço de policia, missão que sempre teve, exactamente por ser constituído por pessoal todo europeu.

Oito dias depois de nascidos os pôldros, as éguas voltavam ao serviço normal, deixando nas *boxes* os filhos enquanto saíam para a instrução. Terminada esta, as éguas seguiam



LOURENÇO MARQUES — A égua «Canária» nascida e criada no Esquadrão de Dragões, saltando com o Capitão Campos Costa num concurso hípico

para o pasto com as crias, sob a vigilância de um ou dois soldados indígenas, em terrenos não muito distantes do quartel donde recolhiam antes do sol pôsto para evitar grandes ataques de mosquitos.

Para se fazer idéia do que poderia ser a criação, basta indicar os resultados obtidos de 1929 a 1931 dos quais encontrei os registos que passo a indicar. Das 22 éguas existentes no esquadrão, 7 ficaram sempre alfeiras e das 15 nasceram 21 pôldros que iam tendo um crescimento normal e já tinham

Revista da Cavalaria

alguns entrado na fileira quando regressei à metrópole em 1935.

Embora já não tivesse visto o aproveitamento desses pôldros tive o prazer de saber que um deles (a Canária) revelou boas faculdades para obstáculos e tendo sido convenientemente treinada, entrou em várias poules hípicas chegando a ir com o capitão Campos Costa ao concurso Internacional de Johannesburgo (Transwaal) onde este oficial conquistou alguns prémios, entre eles um primeiro na «Inauguração», um terceiro na «Caça» e duas vezes primeiro na «Taça de equipes».

Estou absolutamente convencido que com interesse e alguma ajuda se chegava a bons resultados.

Uma coisa ficou demonstrada.

Poderíamos criar cavalos aproveitando as éguas existentes na fileira sem grandes despesas e sem prejuízo para o serviço.

Faltava simplesmente melhorar o produto, principalmente no respeitante aos ganhões porque as éguas eram quasi tôdas de corpulência como se pode avaliar pela seguinte relação:

Sete éguas, com a altura entre 1,51 e 1,53;

Onze éguas, com a altura entre 1,54 e 1,60.

Não seria interessante fazer nalgumas Unidades da Metrópole o aproveitamento das centenas de éguas que devemos ter pelas fileiras mandando-as cobrir com ganhões apropriados para criarmos cavalos, garranos e até muares?

¿ Como cuidar desses pôldros uma vez desmamados se não temos potris de recria?

Muito simplesmente: entregando a sua cria a lavradores competentes que tivessem condições de pastagens que lhes permitissem receber os pôldros por preço tal que fôsse compensador para o Estado.

Aqui fica a idéia já experimentada.

O salto de obstáculos

nos concursos hípicos

pelo Capitão FERNANDO PAIS



«Logo que o cavalo se chegue ao obstáculo sem receio, eis a maneira de o ajudar. A mão faz-se sentir, tendo-o previamente unido, na razão da sensibilidade, para levantar o antemão, e as pernas premindo-se com fôrça equivalente, provocam o movimento; e logo que este tenha lugar, a mão deve ceder, fazendo-se sentir de novo, quando as extre-

midades anteriores se apoiam, para prevenir que os membros se dobrem e o cavalo caia.

Quanto mais alto fôr o salto, mais o cavaleiro o deve preparar pelo **rassembler** a fim de que o impulso dado à massa pelos curvilhões se faça mais verticalmente».

Era assim que se escrevia em 1880 sôbre matéria de obstáculos sob a influência da equitação clássica francesa e antes do advento da equitação racional no nosso país, defi-

Revista da Cavalaria

nida a traços geniais pelas doutrinas revolucionárias de Beauchesne e Caprili.

Já lá vão mais de 60 anos e, apesar dos progressos extraordinários que a equitação de obstáculos tem vindo a fazer, na sua técnica e nas suas possibilidades, graças a essa transformação, ainda há quem pense que deve ser à moda de 1880 ou quási, que se deve montar em obstáculos.

Tirei êstes periodos com que começo êste artigo de um velho alfarrábio da época porque até agora ainda nada encontrei escrito que melhor se adaptasse à equitação de obstáculos dos cavaleiros chamados intervencionistas, à parte o detalhe das *chamadas*, porque sôbre essa acção de mão ainda nada me foi dado descobrir.

Temos que constatar que, na realidade, há uma certa desorientação quanto à forma como se deve montar em obstáculos que, se para os mais velhos não tem pessoalmente uma importância de maior, seja porque com outras qualidades que possuem vão tirando algum rendimento dos seus cavalos, seja porque já não estão em idade ou não querem modificar-se, o que é facto é que para os mais novos, que mais se deixam influenciar pelos resultados práticos e que muito olham ao prestígio passado e presente dos mais velhos, o problema é mais grave. E é mais grave porque a êles está ligado o futuro do nosso hipismo e o bom nome da nossa cavalaria.

Não se pense que ao escrever estas linhas haja a convicção de que se está a montar pior do que há alguns anos atrás e que o hipismo nacional esteja a atravessar uma crise. Creio não errar se afirmar que é notável o incremento que êste desporto está a tomar entre nós, que há um grupo de rapazes novos de onde há muito a esperar e que graças ao auxílio que o Ministério da Guerra está dando ao hipismo é muito possível que êste desporto se venha a transformar num verdadeiro desporto nacional.

Mas porque assim é, necessário se torna que haja unidade de doutrina sã, consistente, sem resistências, porque só ela pode levar ao progresso e à perfeição.

O intervencionista, na incorrecta designação da palavra, nasceu com o concurso hípico, e porque equitação de obstáculos e concurso hípico não é, na prática, a mesma coisa,

Revista da Cavalaria

embora talvez o devesse ser, procurei dar objectividade ao título dêste artigo.

É fora de dúvida que a disposição própria de um campo de concurso, o espirito de competição, a necessidade de fazer, muitas vezes, a prova em grande galope e até a de abordar os obstáculos de través, dão ao concurso hípico um certo número de características que, até certo ponto, não podem deixar de influir na maneira de montar e até na maneira de ser do cavaleiro, especialmente se elle não tiver um ideal firme e não dedicar a sua actividade a outros ramos do desporto hípico.

É, evidentemente, na doutrina da equitação de obstáculos que se encontra o ideal que deve nortear o trabalho dos nossos cavalos, mas convém também não esquecer que sendo doutrina o conjunto de princípios estabelecidos pela experiência e que a razão justifica, não devemos pôr completamente de parte certos detalhes próprios dos concursos que têm muitas vezes influencia decisiva no resultado dos percursos.

Hoje em dia, as provas médias só se ganham em grande galope e, por consequência, para se fazer um percurso nestas condições, sem perda de tempo, é preciso que o cavallo esteja habituado a saltar de largo a largo. Posta de parte qualquer acção de mão que, neste caso, só ocasionaria perca de velocidade, a única intervenção a considerar é a acção das pernas que tenha por fim colocar o cavallo em condições de poder executar a batida na posição mais favorável, porque fora do seu galope o cavallo não pode saltar um obstáculo desde que se chegue demasiado a elle. Assim, sempre que o tempo de galope (*foulée*) não coincida com o ponto mais favorável à execução da batida, as pernas devem intervir de forma a que por um aumento progressivo do tempo do galope o cavallo possa encontrar a posição óptima para se elevar. A batida passa assim a ser comandada pela acção das pernas.

No ideal da equitação de obstáculos, a perna actua quando há necessidade de manter ou reforçar a impulsão, seja porque o cavallo reparou demasiado no obstáculo, seja porque as suas proporções ou construção obrigam o cavaleiro a levá-lo em mais galope ou a animá-lo a saltar de largo mas,

Revista da Cavalaria

se na preparação de um cavalo devem ser êstes os princípios que nos devem guiar, a prática conduz-nos, pelas exigências das provas actuais, a ter que dar ao cavalo um trabalho complementar que o leve a aceitar, sem hesitações, a acção das pernas que lhe comanda a batida.

De resto, o cavalo aceita bem esta intervenção desde que a perna não actui por surpresa; basta que a acção se faça sentir nos dois últimos tempos de galope para êle entender o que se pretende.

Não há aqui dualidade de comando, como se poderia supor. Êste inconveniente só aparece quando o cavalo, entregue a si próprio, recebe do cavaleiro, junto do obstáculo, uma intervenção inoportuna que o desequilibra e lhe dificulta o salto.

As acções de perna não são as únicas intervenções a considerar na equitação de obstáculos. As acções de mão embora de natureza mais delicada têm também o seu lugar próprio.

O cavalo bem trabalhado reúne-se entre a sua impulsão, própria ou produzida, e o obstáculo, preparando a batida e executando o salto com liberdade absoluta de pescoço e cabeça.

As acções de mão permitidas dentro das boas regras de equitação e que têm a sua aplicação quando o cavalo aborda o salto desequilibrado ou vai com demasiada velocidade, devem ser feitas fora do campo do salto para que o cavalo tenha tempo de voltar ao contacto ligeiro que antecedeu a acção de mão e possa servir-se do pescoço em tôda a sua extensão nos últimos tempos antes do salto.

Esta acção de mão que toma o nome de meia paragem, é uma acção enérgica e breve da mão que o cavaleiro executa, dedos fechados sôbre as rédeas, cuja tensão aumenta momentaneamente, e que tem por fim levar para o post-mão o excesso de pêso que lhe sobrecarrega as espáduas ou, se essa tensão fôr ligeiramente mais demorada, limitar a velocidade do andamento.

A meia paragem, que já implica um certo ensino, nada tem que ver com as acções mais ou menos violentas que dão pelo nome de «chamadas», agravadas por serem feitas sempre junto do obstáculo.

Revista da Cavalaria

Que isto é assim tôda a gente o sabe e se novamente é repetido é porque não faria sentido ir falar de acções de mão em equitação de obstáculos sem relembrar a boa doutrina.

Mas os concursos são a sua manifestação mais vulgar e nós não os podemos esquecer.

¿ Como abordar um obstáculo largo em seguida a uma volta, que se nos apresenta mal medido e que nós sentimos que o nosso cavalo, pelas condições em que se encontra de momento, não o pode tomar de largo sem risco de lhe cair em cima?

Ou porque o cavalo tem pouco poder, ou porque a volta está junta do obstáculo, ou porque este é demasiado grande para o cavalo o poder saltar de largo, em fôrça, ou ainda porque por deficiência de ensino o cavalo voltou mal, o que é facto é que casos destes aparecem todos os dias e se o cavaleiro não evita que o cavalo salte de largo a falta é inevitável.

¿ Devemos dar, mesmo assim, completa iniciativa ao cavalo? A prática não o aconselha, o que quer dizer que, nestes casos, há necessidade de uma acção de mão que, limitando-lhe a amplitude dos movimentos, leve o cavalo a dar mais um tempo e a chegar-se mais ao obstáculo.

A mão, conforme a intensidade com que é utilizada, actua, resiste e cede.

Actua quando procura a paragem ou a meia paragem, resiste quando limita o movimento e cede quando o faculta.

Parece, pois, ser por uma acção de resistência que limite os movimentos do cavalo e lhe tire tôdas as possibilidades de saltar de largo que a mão se deve fazer sentir.

Nas mesmas condições está o duplo a 8^m quando o nosso cavalo não tem poder nem tempo de galope para o poder fazer só com uma *foulée*.

Evidentemente que estas acções de mão devem ser suaves e reduzidas ao mínimo para que o cavalo não perca a confiança com o cavaleiro, tanto mais quanto mais fraco elle fôr, além de que em cavalos em preparação devem ser francamente abolidas.

As acções de mão violentas irritam o cavalo, dificultam-lhe o salto, quebram-lhe o rim e acabam por o desmoralizar ou arrazar.

Revista da Cavalaria

Não há cavalo, por mais generoso que seja, que depois de receber uma acção de mão violenta junto de um obstáculo, aborde o seguinte nas mesmas condições de franqueza e *souplesse* com que o abordaria se lhe tivessem dado plena liberdade de pescoço e cabeça ao abordar o primeiro.

Nota-se muitas vezes, ao assistir a certas e determinadas provas, a progressiva falta de confiança que o cavalo vai apresentando de obstáculo para obstáculo, mercê de uma intervenção de mão sistemática com que o cavaleiro, por um mal compreendido excesso de precaução, inicia a prova.

É que uma vez começado assim um percurso, já não há forma de fazer saltar o cavalo senão a golpe de rim.

É muito mais fácil e muito mais cómodo para o cavaleiro a quem já faltam recursos andar agarrado ao cavalo, ser levado por êle e nunca o deixar saltar de largo a não ser quando êle muito bem quere, do que dar ao cavalo iniciativa e plena liberdade de pescoço e cabeça, porque o montar daquela forma não o obriga a ter o rim alerta, pronto e flexível, e até lhe facilita a posição a cavalo. É vulgar ouvir dizer-se a quem se aproxima desta monte que nunca se fica para trás. O que diria o cavalo se pudesse falar...

A dificuldade está em conseguir uma posição a cavalo cujo centro de gravidade coincida, em tôdas as circunstâncias, com o centro de gravidade do cavalo, sem que para isso seja necessário ir procurar-lhe pontos de apoio que lhe dificultem a faculdade que deve ter de poder dispor de todos os seus recursos.

Há cavalos que *a contre-coeur* acabam por se adaptar àquella maneira de montar. O hábito é uma segunda natureza. Os seus recursos extraordinários e o mêdo do pincho conseguem o milagre.

Há que notar, entretanto, à parte os gravíssimos inconvenientes que aquella monte tem para a duração do cavalo e para o seu futuro como concursista, — porque a regularidade e a destreza vêm com a confiança que o cavalo vai adquirindo de ano para ano — que sempre que a velocidade entra como factor predominante, as probabilidades de obter uma boa classificação ficam reduzidas a zero. Mesmo nos grandes percursos só é possível ganhar quando os outros perdem e é preciso que não se entre em linha de conta com

Revista da Cavalaria

a penalização por perda de velocidade, hoje geral e rigorosa em todos os concursos no estrangeiro, que só por si bastaria para condenar o sistema. Mas o mais importante é que a dureza das provas dos grandes concursos hípicas internacionais cuja influência se há-de fazer sentir no nosso país, já não permite outra monte que não seja a que já está hoje consagrada por tôdas as nações que neste ramo de desporto ocuparam a vanguarda antes da actual grande guerra.

No último concurso de Berlim, de provas compostas na sua maioria por saltos compostos a distâncias as mais variáveis, justifica-se a vitória da equipa alemã pela calma dos seus cavalos e pelo ensino adiantado que revelaram. Da equipe polaca diz-se que fraquejou depois que os percursos excederam 1^m,50.

Este último exemplo serve para avaliar do tamanho das provas. Na realidade, como é possível saltar obstáculos compostos acima daquela altura sem que o cavalo se sinta completamente livre da frente?

A calma de que o cavalo necessita para avaliar dos grandes obstáculos que tem que transpor vem com o ensino e com a confiança que progressivamente vai adquirindo com o cavaleiro.

Temos, pois, que ter a coragem de afirmar que tudo quanto seja montar sem que o cavalo possa aplicar todo o poder do seu post-mão continuando ligeiro e livre de frente, é montar mal. De resto, um público que saiba o que está a ver como já sucede com o público de Nice, não se deixa levar unicamente pelos resultados das provas.

Verdade se diga que também há quem concordando com os bons princípios ainda não tenha adquirido a técnica, a prática e o tato para poder preparar convenientemente um cavalo, tendo por isso que o aproveitar tal como está. A esses há que aconselhar convicção e perseverança e trabalho lento de exterior que melhor do que qualquer outro facilita o encontro com o equilíbrio do cavalo.

Nem sempre é fácil demonstrar praticamente a verdade dos bons princípios, especialmente quando se trata com latinos, sempre prontos a tirar conclusões sobre os últimos resultados e sem atenderem às condições a que muitas vezes, cavalos e cavaleiros são chamados a dar o seu esforço.

Revista da Cavalaria

Não se pode preparar um cavalo a saltar convenientemente de um dia para o outro e muito menos modificá-lo totalmente de concurso para concurso. Para o cavaleiro normal, um ano para aclimação e desbaste e outro para ensino é o mínimo que se pode exigir; para o cavaleiro de escolha nunca menos de um ano, no total.

Para aquêles que julgam que ensinar um cavalo se limita a perguntar ao cavaleiro do lado qual a receita a aplicar para o caso especial do seu cavalo e que ficam muito surpreendidos quando nesse mesmo dia não conseguem obter qualquer resultado, o tempo indicado deve-se-lhes afigurar demasiado longo.

Um cavalo mal pôsto e que salta defeituosamente pode, de momento, dar maior rendimento continuando a ser montado nas mesmas condições do que por cavaleiro que desconhecendo o apoio a que êle está habituado ou a velocidade com que precisa de ser conduzido, o vai montar como se montar fôsse um cavalo pôsto normalmente em obstáculos. Outras vezes é ainda o piso que, mais do que qualquer outra razão, influi poderosamente na maneira como o cavalo salta ou aborda o obstáculo, outras vezes uma má disposição orgânica ou doença, mais quási sempre se procura uma outra explicação que nada tem que ver com o caso e se preconize como remédio e experiência o regresso à monte de 1880.

É tempo de entrar no bom caminho. Tenhamos uma só fé, um ideal hipico firme, uma unidade de doutrina, em suma. Com ela nos aperfeiçoaremos e acabaremos por nos impor, como cavaleiros que somos capazes de ser, à consideração de todo o mundo.



OLIMPIADAS

pelo Capitão REYMÃO NOGUEIRA



As recentes notícias dos jornais, dizendo estar assente a realização dos Jogos Olímpicos logo em seguida ao fim da guerra, sugerem considerações sobre o caso português, pois se nelas tomarmos parte, não será descabido pensar-se desde já na representação hipica.

Estamos, como poucos países, em boas condições para participarmos nelas visto que, graças a Deus e a quem nos dirige, muito embora sintamos e sigamos atentamente a guerra que perto de nós se desenrola, fica-nos ainda tempo e possibilidades para não abandonarmos as nossas costumadas actividades desportivas.

Em hipismo a nossa representação internacional e nomeadamente olímpica, tem-se revelado honrosa, pode mesmo dizer-se brilhante.

Até aqui ela tem-se cifrado apenas aos obstáculos. Porque não havemos nós de tomar parte também no Campeonato Olímpico e nas provas de Alta Escola, que nunca tiveram representantes portugueses?

As outras nações ocupadas pela guerra não se apresentarão, certamente no seu máximo.

Assim, a nossa inferioridade de debutantes não será tão sentida e poderemos ir modestamente ver como se devem pôr de parte certos critérios do tempo do Conde de Lipe, convencendo-nos (ao menos à volta) que, ao contrário do recruta da história, não somos os únicos com o passo certo, mas que temos que trocar o nosso para o acertar com os outros.

Não estará já demasiadamente provado que somos capazes e que não nos faltam, nem matéria prima nem executantes?

Revista da Cavalaria

É questão de ir buscar os elementos onde eles estão, orientando-os convenientemente no seu trabalho.

Conhecidas as características da prova de fundo, bem podemos treinar os nossos cavaleiros e cavalos para o Campeonato Olímpico a fim de poderem dar o máximo rendimento.

Há apenas que escolher obstáculos com características semelhantes aos usuais no país em que se supõe se realizarão as olimpíadas, visto que quanto aos cavaleiros, como não lhes faltam qualidades de iniciativa, coragem e sangue frio, há apenas que habituá-los à novidade e orientá-los na questão da prova de ensino, adaptando o nosso estilo, com um quê de arcaísmo à mistura com umas tinturas de personalidade exagerada, ao critério dos júris internacionais, que aliás é conhecido.

Temos um lote notável de cavalos de sangue, dos quais nem todos serão especialistas de concursos hípicas. Mas entre os que não servirem para esse fim não teremos alguns ótimos para Campeonato?

Não seria mesmo aconselhável que, sendo necessário, se aproveitassem alguns para o Campeonato Olímpico, mesmo sendo bons para concursos?

O que se diz para o Campeonato Olímpico, pode dizer-se também, ainda que em menor escala, para a Alta Escola.

E diz-se em menor escala, porque nesta modalidade, estamos, infelizmente, na infância da arte, pese muito embora a afirmação aos Marialvas contemporâneos.

As razões são várias, são mesmo muito várias, mas quasi todas filhas das nossas características ráticas e da desoladora facilidade que temos para o improvisado.

Um cavalo, para entrar bem em Alta Escola precisa de uma sólida e demorada preparação. Os alemães que, mercê de uma longa paciência, que é o génio, segundo Kant, têm conseguido suplantar em precisão e técnica, a Alta Escola francesa, tão rica de tradições históricas, devem ser um exemplo a estudar.

Seja como fôr, e sendo incontestável que em Alta Escola estamos atrasados, não quere isso dizer que devamos ficar parados, visto que se pode, sem vaidade ou optimismo, admitir que somos feitos da mesma massa e, portanto, capazes de chegar onde os outros chegam, com boa orientação, perseve-

Revista da Cavalaria

rança e conhecimentos adquiridos, não só pela leitura, como, e sobretudo, pela vista.

Seria porventura muito difícil conseguirem-se alguns filmes técnicos estrangeiros sobre Alta Escola?

Recorda-nos ter visto há anos, um filme americano sobre equitação que nada nos ensinava de novo, quanto a execução em obstáculos e no campo. Mas na Alta Escola! Que leveza e perfeição! Que sobriedade nas ajudas!

Esse filme deve ainda andar por aí e não seria certamente difícil consegui-lo, juntamente com outros e passá-los, uma, duas, dez, vinte vezes para colhêr deles ensinamentos.

Não nos falta habilidade mas os resultados não se improvisam e não podemos, portanto, esperar logo de entrada deslumbramentos. De resto, há nas provas internacionais desta natureza três modalidades correspondentes por assim dizer a outras tantas fases do ensino e, portanto, da dificuldade.

A primeira, «Prix Caprilli», tem a mesma orientação da prova de ensino do Campeonato e pouco temos a corrigir no nosso estilo, para aí participarmos com decência, desde já.

A segunda, o «Prix Saint Georges» pode, de certo modo, comparar-se na dificuldade à nossa prova de Equitação da Escola, e alguns, bem preparados podem chegar lá.

Finalmente a terceira, o «Grand Prix» é uma prova completa em que a precisão atinge o máximo, com passos contados, lugares fixos e completa mecanização.

Não era forçoso nem conveniente que nêles nos inscrevessemos desde já. Mas pergunta-se: Se conseguissemos umas honrosas classificações nas duas mais fáceis não seria já muito bom, *para começar?*

O alvitre aqui fica, para que nêles se vá pensando, se quem de direito achar que merece a pena.





Concurso Hípico de Cascais

pelo Capitão JOSÉ CARVALHOSA

O concurso hípico de Cascais, que à semelhança do de Mafra, todos os anos se apresenta com melhor organização e como tal sobe vertiginosamente de categoria, graças à boa vontade e grande interesse do nosso amigo Manuel Possolo que encontrou na Câmara Municipal todo o apoio moral e material, atingiu este ano um nível que, em valor absoluto, pode ser considerado muito bom.

Como o público, numeroso e entusiasta, corresponde ao interesse dos organizadores — o que não sucede em Mafra — não constitui erro vaticinar, ser o Concurso Hípico de Cascais, num futuro muito próximo, o mais importante que se disputa no País.

Falta-lhe a classificação internacional para atingir a categoria do de Lisboa, mas porque não a mesma categoria para os dois, porque não dois concursos internacionais?

Vamos até mais longe: sob o ponto de vista desportivo há mais interesse em que o concurso internacional seja o de Cascais. O concurso de Lisboa, pelo calendário, é o primeiro do País e como tal, nessa data, os cavalos ainda não se encon-

Revista da Cavalaria

tram no máximo da forma e sendo também concurso internacional, fácil é de calcular os inconvenientes que daí resultam, o que não sucederia com o de Cascais pelo facto de ser disputado numa altura mais adiantada da época.

De resto, até como estímulo, pois Lisboa não anda nem deixa de andar, assentaria como uma luva a classificação de internacional ao Concurso de Cascais.

Como a nossa Sociedade Hípica Portuguesa, que no final tem grandes responsabilidades no movimento hípico do País e não deve querer perder o direito conquistado de ter o seu concurso internacional, com a devida vénia aos que ali trabalham, permitimo-nos fazer uma sugestão: conseguir mais e melhor...

Um pormenor: alterar a data do seu concurso de forma a que não seja o primeiro a realizar-se no País e, se tal não fôr possível, organizar outro, em qualquer terra da provincia, antes do de Lisboa.

¿ Reúne o campo de Cascais tôdas as condições para disputa de provas de grande categoria?

No momento, julgamos que não, mas com o dinamismo e boa vontade que caracterizam os seus organizadores, atrevemo-nos a dizer ser facilimo obter o que falta: piso melhorado, duas banquetas sérias, uma vala, mais 20 ou 30 metros na extensão do campo, e, roubando uns metros à cercadura com chorões, alargar o campo.

Não é verdade Sr. Capitão Raposo Pessoa, Dig.^{mo} Presidente da Câmara de Cascais, que o problema é facilimo de resolver?...

Pois claro que é, estou a ouvir V. Ex.^a dizer!...

Os percursos

Dentro dos que são característicos entre nós — em pouco espaço, muitos obstáculos — os percursos foram bem marcados e bem apresentados. Os nossos parabens ao Capitão Oliveira Reis a quem se deve tal trabalho.

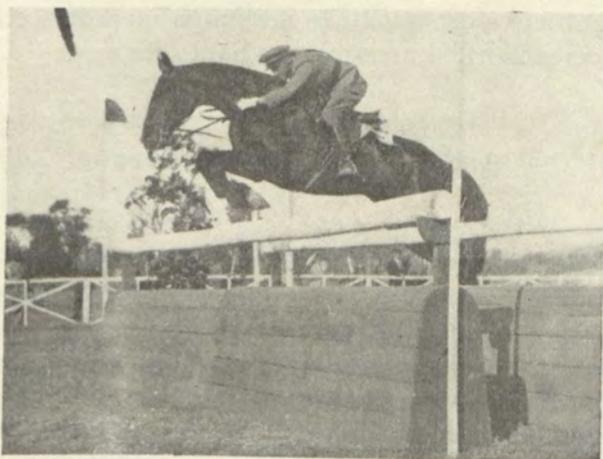
Não concordamos com o traçado da prova «Juventude». É preciso impedir os excessos de velocidade e esta, não se

Revista da Cavalaria

evita com duplos e triplos, conforme ficou provado. Só com voltas e meias voltas, mesmo no meio das pistas, é possível atingir o fim em vista. As voltas difíceis também servem para mostrar o desembaraço e aptidão dos jovens cavaleiros e impedem as verdadeiras corridas por cima ou através dos obstáculos.

As provas

Nos quadros juntos encontram-se as classificações das diferentes provas e por êles se verifica que o pavilhão do Depósito de Remonta subiu numerosas vezes no mastro de honra.



O Capitão Travassos Lopes montando o cavalo «Académico», em que ganhou a «Taça Embaixador de S. M. Britânica»

O caso dos Oficiais de Mafra e adidos, é um caso sério... tão sério que nos consta que os restantes concorrentes lhes vão promover um jantar de homenagem pelos belos resultados obtidos, encorajando-os, para que não desanimem, para que continuem a ganhar os melhores prémios de tôdas as provas do País!...

Revista da Cavalaria

Estão de parabens os Capitães Travassos Lopes, Reimão Nogueira e Alferes Granate, que batendo o pé aos seus valorosos adversários e vencendo as provas mais importantes mostraram grande coragem e atrevimento!...

A prova «Juventude» terminou desta vez pelo triunfo do filiado da M. P. Helder Mendonça, mercê de um percurso estilo «Spitfire», do agrado da sua montada — o *Jocôso* — e onde o nável cavaleiro teve oportunidade de mostrar as suas reais qualidades de desembaraço.

A prova de «Amazonas», com um grande número de concorrentes, foi ganha por Helena Fortes que averbou mais um triunfo aos já obtidos esta época, graças à grande decisão e nítida vontade de vencer que imprime aos seus percursos.

Em segundo lugar classificou-se outra valorosa concorrente, Maria José Pinto Azevedo, que revelando qualidades idênticas à da vencedora, tem, contudo, visto ultimamente os seus magníficos percursos não serem os melhores classificados por, certamente, encontrar o «Santo de costas»...

A distribuição das provas

Parece-nos ser possível, com os recursos de que os organizadores dispõem, obter uma melhor distribuição do programa.

Assim, não concordamos com provas diferentes num mesmo dia e para a mesma categoria de cavalos; há absoluta necessidade de defender moralmente os concorrentes e tal só se consegue impedindo que um mesmo cavalo dispute tódas as provas, o que desta forma inibe as classificações de tódas as provas serem sempre obtidas pelos mesmos cavalos.

No dia do Grande Prémio disputou-se a prova «Gandarinha» para cavalos sem «handicap», defendendo-se a idéia que temos em vista. Foi pena que não se tivesse seguido orientação semelhante nos restantes dias.

A propósito de «handicaps», pergunta-se: corresponde a regulamentação vigente à categoria dos cavalos?

Sinceramente pensamos que não. O actual somatório de prémios, obtidos em 3 anos, relativo ao primeiro «handicap»

Revista da Cavalaria

pode falsear o valor de um cavalo. Para tal, bastam 10 prêmios de 100\$00 e 200\$00 que nenhuma categoria têm.

«Handicap» só deve ter o cavalo que ganhou um determinado prêmio e não uma soma de prêmios.

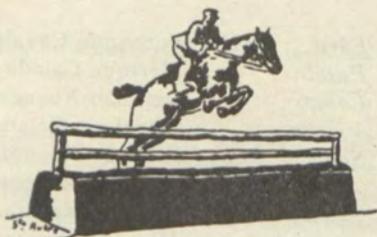
Os prêmios

Em pequeno número e mal distribuídos.

Só assim se justifica, juntamente com a deficiente organização do programa, que a prova «Despedida» apresentasse cêrca de 50 inscrições, num total de 100 concorrentes ao concurso a disputar 9 provas!...

As cronometragens

É possível que correspondam à verdade; no entanto, a categoria dêste concurso de maneira alguma pode admitir que fôsem realizadas por um só indivíduo — no caso presente, pessoa honesta e competente — mas susceptível de errar, como todo o mortal, e sem possibilidades de correcção por falta de contrôle.



Revista da Cavalaria

RESULTADOS

Concurso Hípico de Cascais

Prova «Câmara Municipal de Cascais»

(Sargentos)

10 obstáculos — Altura máxima 1,^m20 — Inscrições : 19

	Taça e			
1. ^o	300\$00	<i>Xiba</i>	José da Graça	o 0,43 ³ / ₅
2. ^o	200\$00	<i>Abandonado</i>	Ramiro Pimenta	o 0,48 ³ / ₅
3. ^o	150\$00	<i>Solidô</i>	José Carreira	o 0,50 ¹ / ₅
4. ^o	100\$00	<i>Abrunho</i>	Ramiro Pimenta	o 0,51

Prova «Secretariado da Propaganda Nacional»

(Omnium)

12 obstáculos — Altura máxima 1,^m20 — Inscrições : 42

1. ^o	1.000\$00	<i>Ebro</i>	Fernando Cavaleiro	o 1,05 ³ / ₅
2. ^o	700\$00	<i>Paíol</i>	Henrique Calado	o 1,06
3. ^o	400\$00	<i>Congo</i>	Reymão Nogueira	o 1,07
4. ^o	300\$00	<i>Vouga</i>	Henrique Calado	o 1,07 ¹ / ₅
5. ^o	300\$00	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	o 1,08 ¹ / ₅
6. ^o	300\$00	<i>Adail</i>	Correia Barreto	o 1,09
7. ^o	300\$00	<i>Selecto</i>	Viana Barreto	o 1,09 ¹ / ₅
8. ^o	200\$00	<i>Abrantino</i>	Miranda Dias	o 1,10
9. ^o	200\$00	<i>Único</i>	Henrique Calado	o 1,11
10. ^o	200\$00	<i>Fakir</i>	Joaquim Leote	o 1,13
11. ^o	200\$00	<i>Basculho</i>	Rangel de Almeida	o 1,13
12. ^o	200\$00	<i>Barrufo</i>	Joaquim Leote	o 1,13 ¹ / ₅

Revista da Cavalaria

13.º	100\$00	<i>Académico</i>	Travassos Lopes	o	1,13 ² / ₅
14.º	100\$00	<i>Optus</i>	Helder Martins	o	1,14
15.º	100\$00	<i>Napier</i>	José Carvalhosa	o	1,14 ¹ / ₅
16.º	100\$00	<i>Caviar</i>	Lemos da Silveira	o	1,14 ⁴ / ₅
17.º	100\$00	<i>Hopefful Don</i>	Castro Pereira	o	1,15
18.º	100\$00	<i>Xaruto</i>	João Moura	o	1,15 ⁴ / ₅
19.º	100\$00	<i>Chaimite</i>	Joviano Ramos	o	1,16
20.º	100\$00	<i>Tzar</i>	Pais de Azevedo	o	1,16 ⁴ / ₅

Prova «Direcção Geral dos Serviços Pecuários»

(Nacional)

12 obstáculos — Altura máxima 1,º20 — Inscrições : 42

	Taça e				
1.º	1.200\$00	<i>Único</i>	Henrique Calado	o	0,57
2.º	600\$00	<i>Havestia</i>	Trinité Rosa	o	0,58 ³ / ₅
3.º	400\$00	<i>Castanho</i>	Guedes Campos	o	0,59 ³ / ₅
4.º	300\$00	<i>Zelante</i>	Castro Pereira	o	1,00 ² / ₅
5.º	300\$00	<i>Caviar</i>	Lemos da Silveira	o	1,01 ⁴ / ₅
6.º	200\$00	<i>Soberano</i>	Rangel de Almeida	o	1,03
7.º	200\$00	<i>Xaruto</i>	João Moura	o	1,03 ⁴ / ₅
8.º	100\$00	<i>Varino</i>	Trinité Rosa	4	0,56 ³ / ₅

Prova «Sociedade Propaganda da Costa de Sel»

(Caça)

12 obstáculos — Altura máxima 1,º30 — Inscrições : 86

	Taça e				
1.º	1.000\$00	<i>Paiol</i>	Henrique Calado	o	1,02 ² / ₅
2.º	700\$00	<i>Raso</i>	Correia Barrento	o	1,03 ² / ₅
3.º	500\$00	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	o	1,05 ² / ₅
4.º	400\$00	<i>Bonita</i>	Marquês do Funchal	o	1,06 ³ / ₅
5.º	300\$00	<i>Abrantino</i>	Miranda Dias	o	1,07
6.º	300\$00	<i>Zagal</i>	Vasco Ramires	o	1,08 ⁴ / ₅
7.º	200\$00	<i>Xacro</i>	António Gancho	o	1,11
8.º	200\$00	<i>Barrufo</i>	Joaquim Leote	o	1,15 ³ / ₅
9.º	200\$00	<i>Ségur</i>	Peixoto da Silva	o	1,15 ⁴ / ₅

Revista da Cavalaria

10.º	200\$00	<i>Único</i>	Henrique Calado	4	1,01
11.º	200\$00	<i>Magul</i>	Fernando Cavaleiro	4	1,02 ² / ₅
12.º	150\$00	<i>Adail</i>	Correia Barrento	4	1,02 ³ / ₅
13.º	150\$00	<i>Abanão</i>	José Carvalhosa	4	1,02 ³ / ₅
14.º	100\$00	<i>Zêzere</i>	Correia Barrento	0	1,19 ¹ / ₅
15.º	100\$00	<i>Soberano</i>	Rangel de Almeida	0	1,20 ⁴ / ₅
16.º	100\$00	<i>Defensor</i>	Joviano Ramos	0	1,21
17.º	100\$00	<i>Fiole</i>	F. Costa Gomes	4	1,22 ² / ₅

Prova «Juventude»

10 obstáculos — Altura máxima 1,10 — Inscrições : 21

1.º	Taça	<i>Jocosos</i>	Helder Mendonça	0	0,48 ³ / ₅
2.º	Taça	<i>Abandonado</i>	Oliveira Chaby	0	0,50
3.º	O. A.	<i>Congo</i>	Carlos Bobone	0	0,51 ¹ / ₅

Prova «Junta de Turismo de Cascais»

(Regularidade)

12 obstáculos — Altura máxima 1,30 — Inscrições : 68

	Taça e				
1.º	800\$00	<i>Caviar</i>	Lemos da Silveira	35	3,00
2.º	500\$00	<i>Xerez</i>	Campos Costa	32	3,00
3.º	400\$00	<i>Selecto</i>	Joaquim Barreto	29	3,00
4.º	300\$00	<i>Beduino</i>	Rhodes Sérgio	28	2,29 ³ / ₅
5.º	200\$00	<i>Xangai</i>	Henrique Calado	24	2,02
6.º	200\$00	<i>Zuari</i>	Henrique Calado	24	2,10 ³ / ₅
7.º	200\$00	<i>Magul</i>	Fernando Cavaleiro	20	1,45 ¹ / ₅
8.º	200\$00	<i>Zagal</i>	Vasco Ramires	20	2,01 ² / ₅

Prova «Taça Marquês de Graciosa»

12 obstáculos — Altura máxima 1,30 — Inscrições : 27

	Taça e				
1.º	700\$00	<i>Sado</i>	} Reymão Nogueira	0	2,00 ¹ / ₅
		<i>Congo</i>			
2.º	400\$00	<i>Raso</i>	} Correia Barrento	0	2,11 ³ / ₅
		<i>Adail</i>			

Revista da Cavalaria

3.º	300\$00	<i>Paiol</i> <i>Único</i>	} Henrique Calado	4	2,11 ³ / ₅
4.º	200\$00	<i>Beduino</i> <i>Benguela</i>	} Rhodes Sérgio	4	2,19 ² / ₅
5.º	200\$00	<i>Zuari</i> <i>Vouga</i>	} Henrique Calado	4	2,22 ⁴ / ₅
6.º	200\$00	<i>Guadiana</i> <i>Caviar</i>	} Lemos da Silveira	4	2,32

Prova «Çandarinha»

12 obstáculos — Altura máxima 1,º20 — Inscrições: 47

1.º	500\$00	<i>Princesa</i>	Morais Monteiro	0	1,04 ⁴ / ₅
2.º	400\$00	<i>Sagres</i>	Correia Barrento	0	1,06 ³ / ₅
3.º	300\$00	<i>Fiole</i>	F. Costa Gomes	0	1,07 ² / ₅
4.º	200\$00	<i>Xadrez</i>	Joaquim Matias	0	1,09
5.º	150\$00	<i>Castanho</i>	Guedes Campos	0	1,10
6.º	100\$00	<i>Hofregoli</i>	Sá Nogueira	0	1,10 ² / ₅
7.º	100\$00	<i>Guadiana</i>	Lemos da Silveira	0	1,10 ² / ₅
8.º	100\$00	<i>Airoso</i>	Pimenta de Castro	0	1,10 ² / ₅
9.º	100\$00	<i>Zelante</i>	Castro Pereira	0	1,10 ³ / ₅

Prova «Ministério da Guerra»

(Grande Prémio)

15 obstáculos — Altura máxima 1,º50 — Inscrições: 20

1.º	2.500\$00	<i>Inquiridora</i>	Carlos Granate	0	1,17 ³ / ₅
2.º	1.500\$00	<i>Sado</i>	Reymão Nogueira	4	1,11 ² / ₅
3.º	1.000\$00	<i>Basculho</i>	Rangel de Almeida	4	1,24
4.º	400\$00	<i>Paiol</i>	Henrique Calado	8	1,15 ² / ₅

Prova «Amazonas»

10 obstáculos — Altura máxima 1,º10 — Inscrições: 16

1.º	Taça	<i>Beduino</i>	D. Helena Fortes	0	0,49
2.º	Taça	<i>Congo</i>	D. Maria Pinto de Azevedo	0	0,54 ² / ₅
8.º	O. A.	<i>Zagal</i>	D. Neila de Arriaga	0	1,01 ³ / ₅

Revista da Cavalaria

Prova «Taça Dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales)»

12 obstáculos — Altura máxima 1,30 — Inscrições : 7

	Taça e			
1.º	1.000\$00	<i>Montes Claros</i>	Henrique Vollmer	0 0,54
2.º	500\$00	<i>Guadiana</i>	Lemos da Silveira	0 0,59 ¹ / ₅
3.º	300\$00	<i>Damão</i>	Colares Pereira	3 1,12 ³ / ₅
4.º	300\$00	<i>Zelante</i>	Castro Pereira	4 0,57 ² / ₅

Prova «Taça Embaixador de Sua Majestade Britânica»

(Taça de Honra)

11 obstáculos — Altura máxima 1,40 — Inscrições : 24 — *Barrage*

1.º	Taça	<i>Acadêmico</i>	Travassos Lopes	0 4 1,06 ¹ / ₅
2.º	Taça	<i>Congo</i>	Reymão Nogueira	0 8 1,01
3.º	Taça	<i>Barrufo</i>	Joaquim Leote	0 8 1,02
4.º	Taça	<i>Beduino</i>	Rhodes Sérgio	0 12 1,03
5.º	Taça	<i>Xerez</i>	Campos Costa	0 12 1,03 ⁴ / ₅

Prova «Duque de Palmela»

(Despedida)

12 obstáculos — Altura máxima 1,20 — Inscrições : 49

	Taça e			
1.º	400\$00	<i>Desejado</i>	Fernando Pais	0 0,51 ⁴ / ₅
2.º	300\$00	<i>Outão</i>	Travassos Lopes	0 0,53 ¹ / ₅
3.º	200\$00	<i>Incrível</i>	Travassos Lopes	0 0,54 ² / ₅
4.º	200\$00	<i>Tarass</i>	Cruz Azevedo	0 0,57 ³ / ₅
5.º	100\$00	<i>Navi</i>	Oliveira Reis	0 0,58 ¹ / ₅
6.º	100\$00	<i>Bandó</i>	Pereira de Almeida	0 0,58 ¹ / ₅
7.º	100\$00	<i>Belver</i>	António Spínola	0 0,58 ² / ₅
8.º	100\$00	<i>Dreamthorp</i>	Lemos da Silveira	3 1,25

CAMPEONATO

DO CAVALO DE GUERRA DE 1944

pelo Capitão CORREIA BARRENTO



Mais um animado e bem disputado campeonato se realizou na Escola Prática de Cavalaria com a inscrição de 56 concorrentes. É mais uma vez notamos com prazer a comparência de oficiais de Engenharia, que já há

muito conquistaram a nossa admiração. Pelo grande gosto e entusiasmo pelas questões hípicas, e ainda pela sua boa e agradável camaradagem, sejam sempre bem-vindos. Apresentamo-lhes aqui as nossas felicitações pelos resultados obtidos.

Entre os concorrentes encontravam-se também ro oficiais milicianos, outro facto que agradavelmente destacamos, pois demonstra da parte desses oficiais uma compreensão perfeita do espirito da arma a que pertencem, sendo por isso dignos do nosso louvor. Desses, cinco pertencem ao regimento de cavalaria da G. N. R., unidade que se fez representar com sete concorrentes e com a qual, pelo seu tão provado valor, é preciso sempre competir.

Àparte o Depósito de Remonta, que teve o maior número de concorrentes, o que não é de admirar dado os cursos que ali funcionam, distinguiram-se pelo número de

Revista da Cavalaria

representantes, as seguintes unidades que indicamos por ordem.

E. P. C., G. N. R., R. C. 7, R. C. 1 e R. C. 2.

Pode-se dizer que um têrço dos concorrentes fizeram o campeonato pela primeira vez o que demonstra grande entusiasmo dos novos cavaleiros.

Faltaram, porém, bastantes dos mais assíduos nesta prova, o que de forma alguma atribuímos a desânimo; certamente motivos imperiosos causaram a sua ausência.

Notou-se, de uma maneira geral, boa apresentação dos cavalos na de ensino e crêmos que melhores poderiam ter sido os seus resultados se a assistência não se encontrasse tão perto do recinto destinado a esta prova, facto que a muitos cavalos provocava medo.

A chuva, tornando o piso escorregadio, ainda também mais prejudicou alguns dos concorrentes.

A prova de cross, que estava muito bem marcada, realizou-se num terreno macio e elástico, quási plano e com obstáculos bastante fáceis.

Pelas dificuldades na alimentação dos solípedes e seu estado, o júri resolveu, e muito bem, tornar menos violenta esta prova, e a êsse facto se deve atribuir as magnificas velocidades obtidas, que bateram todos os records até hoje alcançados.

Duvidámos a princípio que o cross tivesse os 8.000^m, mas esta extensão foi-nos garantida pelo oficial que a marcou, assim acabando a nossa dúvida. Esta prova não permitia senão insignificantes cortes e, em nossa opinião, assim deve ser marcada, para que todos os cavalos façam o mesmo percurso; só assim se poderão tirar conclusões.

Na prova de steeple também se obtiveram muito boas velocidades o que atribuímos ao bom estado da pista, que estava elástica sem estar mole em demasia.

Poderia parecer à primeira vista que era demasiado estôrço para os cavalos, exigir-lhes essas grandes velocidades no cross e no steeple, mas tal não se provou porque apenas 3 foram reprovados na 2.^a inspecção e o resultado da prova de obstáculos pode-se considerar brilhante; entre os 50 concorrentes que a disputaram, registaram-se 27 percursos limpos e apenas 5 não a concluíram!

Revista da Cavalaria

Para completar o que acabamos de dizer sobre o campeonato, transcrevemos alguns dados que nos parecem interessantes:

	1. ^a série	2. ^a série	Total
Tomaram parte no Campeonato	31	25	56
Tomaram parte na prova de fundo	31	25	56
Concluíram a prova de fundo	29	24	53
Reprovados na 2. ^a inspecção	1	2	3
Desclassificados na prova de obstáculos	1	4	5
Concluíram o campeonato	27	18	45

CROSS	Penalizados	6
	Beneficiados	43
	Cumpriram apenas	4
	Desclassificados	3
		56

STEEPLE	Penalizados	10
	Beneficiados	40
	Cumpriram apenas	3
		53

Os oito prémios do Campeonato, foram distribuídos conforme indica o quadro seguinte:

Classificação geral	Cavaleiros	Unidades	Cavalos	Coudelaria	Classificação por séries		Pontos de penalização
					1. ^a	2. ^a	
1. ^o	Alf. Henrique Calado.	D. R.	<i>Batedor</i>	Argentino	1. ^o	—	23
2. ^o	Ten. pic. A. Seródio .	D. R.	<i>Abstracto</i>	Argentino	2. ^o	—	22
3. ^o	Ten. Rhodes Sérgio .	D. R.	<i>Nanja</i>	Alter	—	1. ^o	2
4. ^o	Cap. Guedes Campos.	E. P. C.	<i>Absurdo</i>	Argentino	3. ^o	—	8
5. ^o	Cap. José Carvalhosa.	R. C. 7	<i>Napier</i>	—	—	2. ^o	12
6. ^o	Cap. Pimenta da Gama	R. C. 2	<i>Debutante</i>	Argentino	4. ^o	—	13
8. ^o	Alf. Abrantes Silva .	D. R.	<i>Garfe</i>	Alter	—	3. ^o	27
12. ^o	Alf. Ferreira Coelho .	R. C. 7	<i>Czevitch</i>	Alter	—	4. ^o	77

Revista da Cavalaria

Não tencionávamos tornar a falar no novo regulamento do campeonato, quando tivemos conhecimento que já no próximo ano entraria em vigor, a título de experiência, esse tão falado regulamento...

Embora tivéssemos dado por terminado este nosso trabalho, achamos de tóda a conveniência e oportunidade, fazer mais uma vez a aplicação das disposições do novo regulamento ao campeonato que acabou de se realizar, conforme mostramos no quadro junto.

Assim, damos a todos mais esses elementos que acompanhamos das observações que maior interêsse nos despertaram.

Observemos pois o quadro:

1.º — *Classificação Geral* — Esta classificação deixa de existir, pois como as velocidades exigidas nas duas séries são diferentes, jámais se podem comparar.

Esta classificação tinha não só a grande vantagem de provocar a disputa para o lugar de vencedor do campeonato, como também e esse ponto era o mais importante, o de mostrar-nos as possibilidades do cavalo nacional.

2.º — *Classificação por séries*: — Na 1.ª série ficariam ex-aequo para o 1.º lugar os cavaleiros este ano classificados em 1.º e 2.º lugares e o 3.º e 4.º seriam distanciados apenas pela prova de picadeiro.

Na 2.ª série havia uma troca dos dois primeiros classificados, o que nos parece errado, pois o cavaleiro que ficou em 1.º lugar, fez muito melhor prova de cross e steeple.

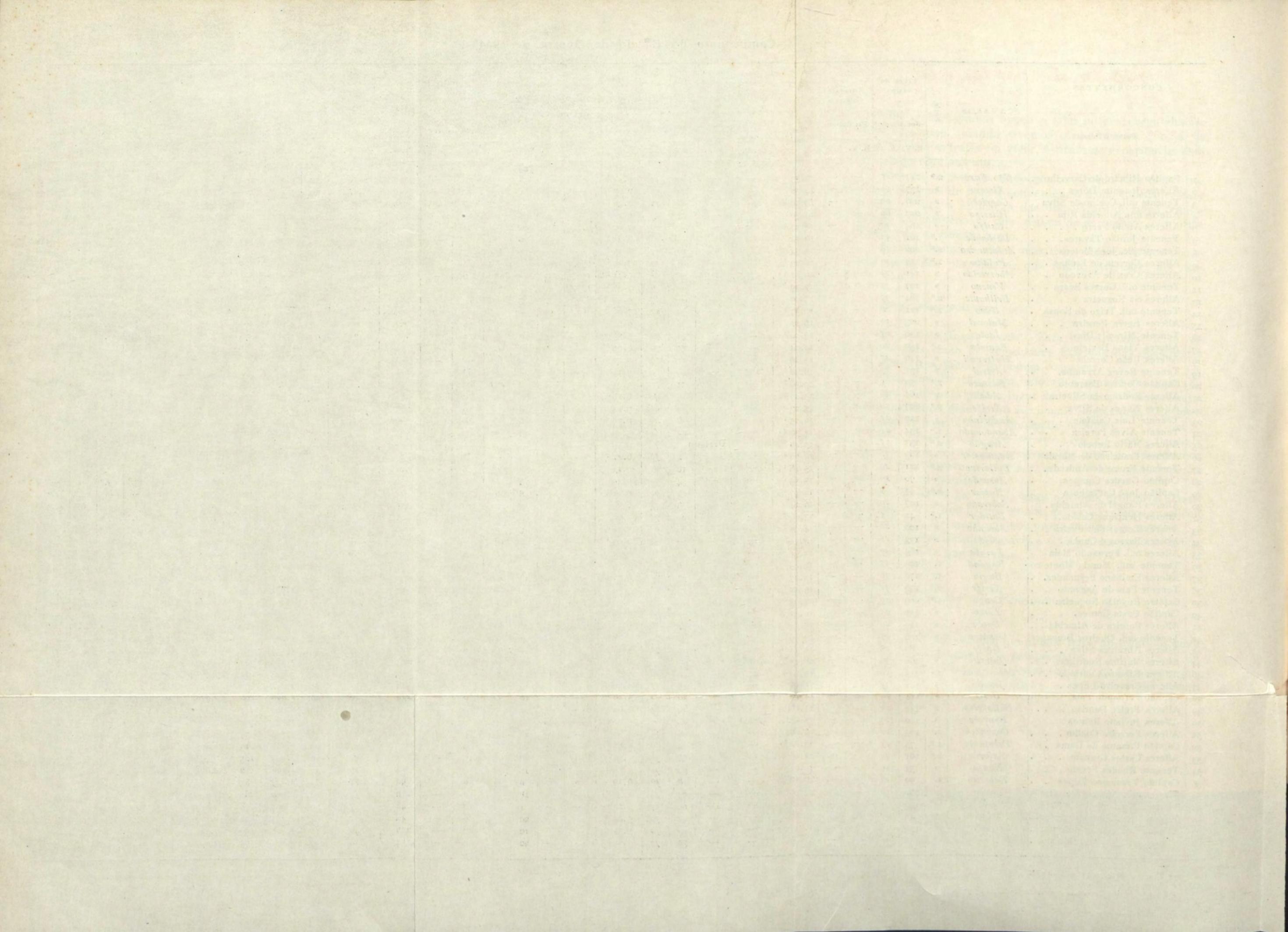
O 10.º classificado passaria a 6.º lugar em virtude da boa prova de fundo que efectuou.

Conclusão

Em todos os estudos que temos feito, applicando o novo regulamento aos passados campeonatos, e isto data já de 1939, temos concluído, com dados seguros, que o novo regulamento resolvía completamente a deficiência do actual,

Campeonato do Cavallo de Guerra de 1944

Números	CONCORRENTES	CAVALOS	Série	PROVA DE FUNDO														Prova de obstáculos		Soma das penalizações (c)		Soma das beneficiações		Penalização final		Classificação geral	Classificação por séries			
				Prova de ensino		Estrada e pista raza		CROSS				STEEPLE				Penalizações R. V. ou R. F.		R. V.	R. F.	R. V.	R. F.	R. V.	R. F.	1.ª série			2.ª série			
				Penalização		Penalização		Tempo gasto	Penalização		Beneficiação		Tempo gasto	Penalização		Beneficiação								Faltas	Tempo		R. V.	R. F.	R. V.	R. F.
				R. V.	R. F.	R. V.	R. F.		R. V.	R. F.	R. V.	R. F.		R. V.	R. F.	R. V.	R. F.	R. V.	R. F.											
1	Capitão Ribeiro de Carvalho	Não Fará	2.ª	144	25	—	—	16.53	—	—	—	33	6.31 1/5	—	—	2	33	10	—	154	35	2	1.066	152	1.031	29.º	—	—	12.º	12.º
2	Alferes Joaquim Dôres	Xistoso	»	137	25	—	—	14.38	—	—	26	72	6.22 2/5	—	—	4	36	20	—	157	45	30	1.108	127	1.063	25.º	—	—	9.º	8.º
3	Tenente mil. Coelho da Silva	Capricho	»	226	60	—	—	16.08 1/5	—	—	8	45	6.42 2/5	—	—	—	27	10	0,75	236,75	70	8	1.072	228,75	1.002	39.º	—	—	16.º	16.º
4	Alferes mil. Almeida Rijo	Illissimo	»	227	60	—	—	14.50 3/5	—	—	24	69	6.13 1/5	—	—	8	36	20	—	247	80	32	1.105	215	1.025	38.º	—	—	15.º	14.º
6	Alferes Abílio Ferro	Califa	»	164	30	—	—	18.07 2/5	70	—	—	9	12.00 4/5	812,5	550	—	—	D	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
7	Tenente Jordão Tavares	Basbaque	1.ª	161	30	—	—	16.54	—	—	—	18	6.31 1/5	—	—	2	6	0	—	161	30	2	1.024	159	990	31.º	19.º	20.º	—	—
8	Tenente pic. José Mateus	Aventureiro	2.ª	202	50	—	—	15.34 2/5	—	—	16	57	6.23 4/5	—	—	4	(b)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
9	Alferes Correia de Freitas	Paialvo	1.ª	154	30	—	—	16.13 3/5	—	—	8	30	10.50 4/5	637,5	500	—	—	D	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
10	Alferes Cruz de Azevedo	Aborrecido	»	141	25	—	—	20.31 3/5	577,5	330	—	—	7.41 2/5	172,5	130	—	—	0	—	891	485	—	1.000	891	515	43.º	26.º	25.º	—	—
11	Tenente mil. Gomes Seara	Veneno	»	197	35	—	—	17.19	—	—	—	9	7.37 2/5	137,5	—	—	(b)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
13	Alferes Sá Nogueira	Brilhante	2.ª	184	35	—	—	17.09	—	—	—	27	6.39	—	—	2	30	—	—	184	35	2	1.057	182	1.022	34.º	—	—	13.º	15.º
14	Tenente mil. Trigo de Sousa	Guwo	1.ª	111	20	—	—	16.37 2/5	—	—	2	21	7.06	62,5	60	—	—	10	1,75	185,25	91,75	2	1.021	183,25	929,25	35.º	23.º	24.º	—	—
15	Alferes Serra Pereira	Maioral	»	203	50	—	—	16.11	—	—	8	30	6.08 3/5	—	—	10	21	20	—	223	70	18	1.051	205	981	37.º	24.º	21.º	—	—
16	Tenente Miranda Dias	Ídolo	»	138	25	—	—	13.20 2/5	—	—	42	72	5.37 2/5	—	—	20	36	0	—	138	25	62	1.108	76	1.083	11.º	8.º	5.º	—	—
17	Alferes Viana Barreto	Ezamba	2.ª	159	30	—	—	14.04	—	—	34	72	6.09 3/5	—	—	10	36	D	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
18	Alferes Leão Correia	Hofregoli	»	146	25	—	—	15.29	—	—	16	57	6.11	—	—	8	(b)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
19	Tenente Revez Arromba	Astral	»	131	25	—	—	18.18 3/5	105	—	—	6	7.12 2/5	75	—	—	—	D	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
20	Capitão Correia Barrento	Bussaco	1.ª	39	5	—	—	13.56 3/5	—	—	34	69	5.45	—	—	18	(a)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
21	Alferes Rodrigo da Silveira	Adail	»	164	30	—	—	15.27 3/5	—	—	16	42	6.18 3/5	—	—	6	15	0	—	164	30	22	1.057	142	1.027	27.º	17.º	17.º	—	—
22	Alferes Nunes da Silva	Xerife	2.ª	207	50	—	—	15.03 1/5	—	—	22	66	6.14 4/5	—	—	8	36	10	—	217	60	30	1.102	187	1.042	36.º	—	—	14.º	10.º
23	Tenente Luiz Calafate	Andorinho	»	129	25	—	—	16.15 1/5	—	—	8	45	6.18	—	—	6	36	10	—	139	35	14	1.081	125	1.046	23.º	—	—	7.º	9.º
24	Tenente Alves Pereira	Abandonado	1.ª	134	25	—	—	14.56 2/5	—	—	22	51	5.49 4/5	—	—	18	33	0	—	134	25	40	1.084	94	1.059	15.º	11.º	10.º	—	—
25	Alferes Mário Rebelo	Aragão	2.ª	137	25	—	—	15.48 3/5	—	Desistiu	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
26	Alferes Francisco de Moraes	Adamastor	»	163	30	—	—	16.36 3/5	—	—	2	36	6.41 2/5	—	—	—	—	D	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
27	Tenente Freire de Andrade	Bailarino	1.ª	111	20	—	—	15.16 1/5	—	—	18	45	6.13	—	—	8	18	10	—	121	40	26	1.063	95	1.023	16.º	12.º	18.º	—	—
28	Capitão Guedes Campos	Absurdo	»	70	10	—	—	13.13 1/5	—	—	44	72	5.45	—	—	18	33	0	—	70	10	62	1.105	8	1.095	4.º	3.º	3.º	—	—
29	Capitão José Carvalhosa	Napier	2.ª	44	5	—	—	14.47 4/5	—	—	24	69	6.11 2/5	—	—	8	36	0	—	44	5	32	1.105	12	1.100	5.º	—	—	2.º	1.º
30	Alferes Rangel de Almeida	Soberano	»	107	20	—	—	16.11	—	—	8	42	6.38	—	—	2	30	10	1,5	118,5	31,5	10	1.072	108,5	1.040,5	19.º	—	—	6.º	11.º
31	Alferes Henrique Calado	Batedor	1.ª	41	5	—	—	13.06 2/5	—	—	44	72	5.20 3/5	—	—	20	36	0	—	41	5	64	1.108	+23	1.103	1.º	1.º	1.º	—	—
33	Alferes Lemos da Silveira	Abrunho	»	100	20	—	—	14.21 3/5	—	—	30	63	5.52 3/5	—	—	16	30	0	—	100	20	46	1.093	54	1.073	9.º	6.º	8.º	—	—
34	Alferes Barros e Cunha	Cid	»	133	25	—	—	14.51 3/5	—	—	24	54	6.07 3/5	—	—	8	(a)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
35	Alferes mil. Fernando Maia	Xarope	»	169	30	—	—	14.31	—	—	28	60	6.14 2/5	—	—	8	18	20	—	189	50	36	1.078	153	1.028	30.º	18.º	16.º	—	—
36	Tenente mil. Moraes Monteiro	Bagdad	2.ª	195	35	—	—	13.45	—	—	38	72	5.43	—	—	20	36	0	—	195	35	58	1.108	137	1.073	26.º	—	—	10.º	6.º
37	Alferes Emiliano Fernandes	Bugio	1.ª	170	30	—	—	13.47	—	—	36	72	6.01 1/5	—	—	12	24	0	—	170	30	48	1.096	122	1.066	22.º	16.º	9.º	—	—
38	Tenente Pais de Azevedo	Xerife	2.ª	176	35	—	—	15.52 2/5	—	—	12	51	7.50	175	50	—	—	10	—	361	95	12	1.051	349	956	41.º	—	—	17.º	17.º
39	Capitão Reymão Nogueira	Congo	1.ª	69	10	—	—	21.03 2/5	682,5	400	—	—	7.15 3/5	87,5	70	—	—	10	—	849	490	—	1.000	849	510	42.º	25.º	26.º	—	—
40	Capitão Costa Gomes	Zarco	»	131	25	—	—	14.32	—	—	28	60	6.29 3/5	—	—	2	9	0	—	131	25	30	1.069	101	1.044	18.º	13.º	13.º	—	—
41	Alferes Pereira de Almeida	Batão	»	110	20	—	—	15.52 1/5	—	—	12	36	6.51	12,5	30	—	—	10	—	132,5	60	12	1.036	120,5	976	21.º	15.º	22.º	—	—
42	Tenente mil. Queiroz Bragança	Ornaton	»	136	25	—	—	13.36 2/5	—	—	38	72	5.41 4/5	—	—	20	36	0	—	136	25	58	1.108	78	1.083	13.º	9.º	5.º	—	—
43	Alferes Abrantes Silva	Garfe	2.ª	83	15	—	—	13.54 2/5	—	—	36	72	5.35 3/5	—	—	20	36	0	—	83	15	56	1.108	27	1.093	8.º	—	—	3.º	3.º
44	Alferes Martins Rodrigues	Querrito	»	169	30	—	—	28.24 1/5	2.222,5	1.180	—	—	6.08 2/5	—	—	10	36	0	—	2.391	1.210	10	1.036	2.381	-174	45.º	—	—	18.º	18.º
46	Alferes Ribeiro Coutinho	Mon-Choix	1.ª	215	50	—	—	15.10 2/5	—	—	20	48	7.03 2/5	50	50	—	—	0	—	265	100	20	1.048	245	948	40.º	22.º	23.º	—	—
47	Alferes Craveiro Lopes	Jesuita	»	181	35	—	—	15.16 1/5	—	—	18	45	6.36 2/5	—	—	2	3	0	—	181	35	20	1.048	161	1.013	32.º	20.º	19.º	—	—
48	Capitão Fernando Pais	Bedel	»	114	20	—	—																							



Revista da Cavalaria

abolindo a preponderância que a prova de ensino tem sobre as restantes provas.

O campeonato de 1944 deu origem a conclusões um pouco diferentes.

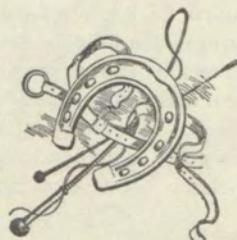
...A que atribuir?

Quanto a nós, somente às velocidades alcançadas no cross, nunca nem de perto, atingidas até hoje; no quadro seguinte indicam-se as velocidades máximas obtidas no cross em cada uma das séries, desde 1939 a fim de podermos fazer a comparação com a deste ano.

Anos	1.ª série	2.ª série
1939	15. 01. $\frac{1}{5}$	15. 47. $\frac{1}{5}$
1940	15. 31. $\frac{3}{5}$	15. 45. $\frac{1}{5}$
1941	14. 54. $\frac{4}{5}$	15.
1942	14. 49. $\frac{3}{5}$	16. 08. $\frac{2}{5}$
1943	15. 15.	—
1944	12. 26.	13. 45.

O benefício máximo do campeonato actual só se obtém fazendo o cross em 13 minutos e 16 segundos e, portanto, como se vê por este quadro, só este ano foi atingido.

Podemos considerar o campeonato de 1944 como excepcional e confiarmos que o novo regulamento resolverá as aspirações dos concorrentes, dando a prova de cross a maior importância, dentro do campeonato.



Jornaes revistas livros

«Coordenadas Militares»

pelo Ten.-Cor. Pinto Ribeiro

TEMOS presente a 8.^a edição do folheto «*Coordenadas Militares*» da autoria do tenente coronel Pinto Ribeiro.

A reconhecida competência do autor, técnico distinto da nossa infantaria, e o facto de um livro de carácter essencialmente técnico entrar em 8.^a edição, evidenciam tão flagrantemente o agrado público, que dispensam qualquer apresentação ou particular referência.

Em *explicação prévia* do seu folheto, diz o autor, que o simples e lógico sistema de coordenadas adoptado no nosso exército, criou fama de transcendente.

Para esse lamentável estado nebuloso contribui, em nossa opinião, além das causas focadas pelo autor, a nefasta tendência verificada em certo sector intelectual do nosso meio militar em complicar com teóricas lucubrações o que na prática é simples e lógico, e também o facto incompreensível das nossas Escolas Militares não terem já substituído o antiquado e pouco prático sistema de referenciação de pontos na carta, pela aplicação prática do moderno sistema de coordenadas militares.

O ten.-cor. Pinto Ribeiro na 8.^a edição do seu útil e já conhecido folheto, esclarece alguns pontos das edições transactas que tinham suscitado dúvidas, procurando assim limpar definitivamente qualquer neblina que ainda paire sobre o *nosso sistema de coordenadas militares*.

A «*Revista da Cavalaria*» felicita o estudioso autor, pelo successo alcançado com as anteriores edições do seu folheto, agradecendo os exemplares enviados, e augura-lhe o breve desaparecimento da edição agora publicada.

A. S.

Revista da Cavalaria

«Guia para a consulta da Legislação Militar»

pelo Tenente Mário de Figueiredo

Editou o tenente do Q. R. Mário de Figueiredo um «Guia» para consulta da nossa complexa legislação militar.

Conhecíamos alguns trabalhos do género, pertença particular de oficiais chefes de repartições e de secretarias regimentais. Porém, na generalidade, estávamos habituados a que esses preciosos elementos de consulta, não passassem além do restrito âmbito daqueles que os coligiam, senão por uma muito particular deferência ou amizade.

O tenente Mário de Figueiredo, com a publicação do presente «Guia» saiu do campo individualista que caracteriza no nosso meio os trabalhos desta natureza, e põe à disposição de todos aqueles que tenham de consultar a nossa legislação, o fruto da ocupação dos seus momentos de descanso.

O trabalho que temos presente, de uma oportuna utilidade na época essencialmente evolutiva que a nossa legislação atravessa, está ordenadamente concebido e meticulosamente executado, mostrando da parte do autor, apreciável capacidade de trabalho, qualidades de método e dedicação pela instituição que serve.

A «Revista da Cavalaria» felicita o autor, pela publicação do seu útil «Guia» e agradece o exemplar enviado.

A. S.



Aspectos da Guerra



Actualidades

LAPÓNIA — Utilização de
cães para transporte à
frente no extremo norte



Deslocamento de artilharia
pesada, na frente Leste

Aspectos da Guerra

Gráficas

Moderna peça anti-aérea alemã



Uma bateria anti-carro em acção

Novo material mecanizado



Carro de combate do Exército Russo

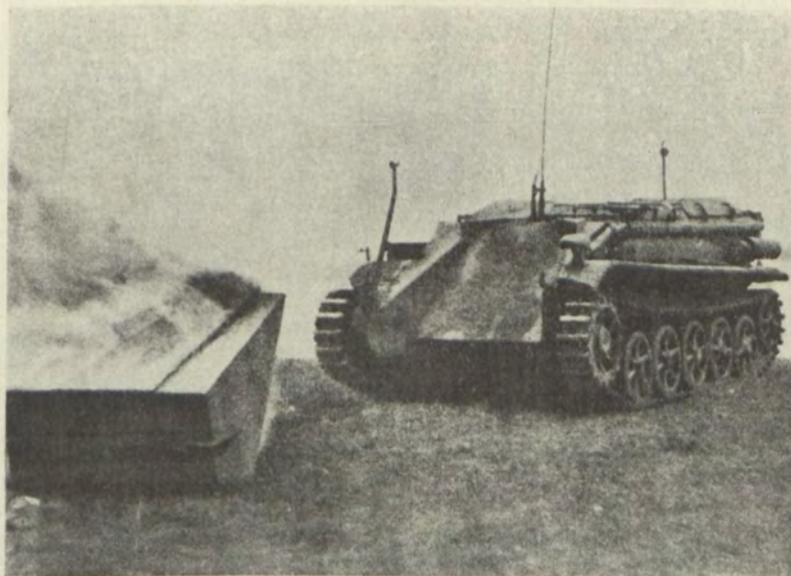


Carros blindados alemães na frente Leste

Nova arma alemã

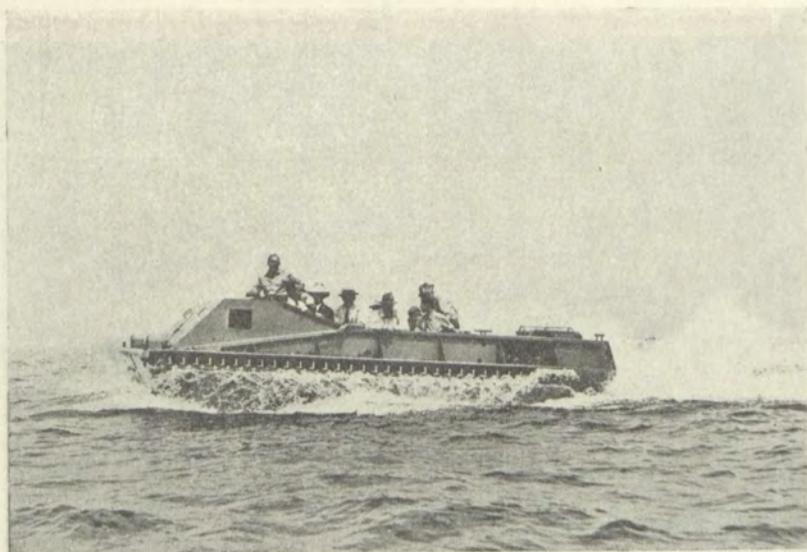


*Nova modalidade de carro dirigido a distância.
Este novo carro é uma nova modalidade do pequeno «Goliath»
empregado pelo Exército Alemão*



O novo carro num campo de experiências

Material anfíbio do Exército Americano

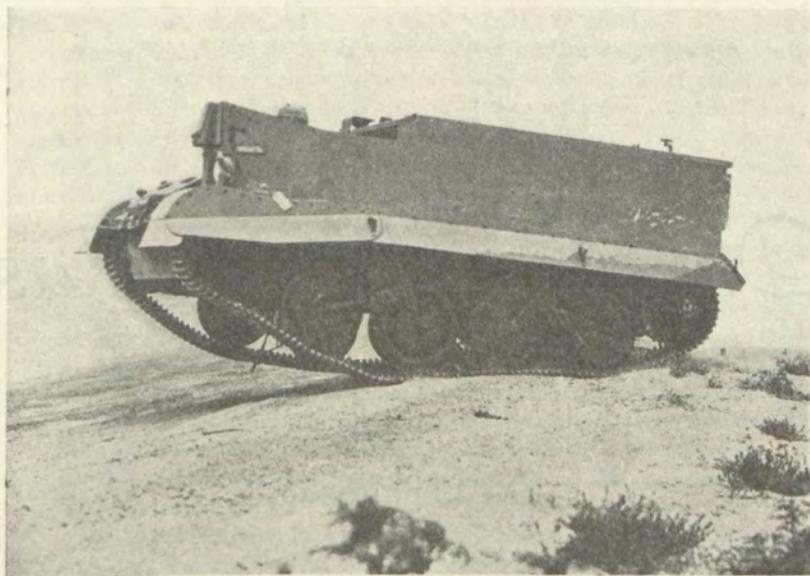


Carro de combate anfíbio do Exército Americano fazendo uma demonstração nas águas do lago Erie



Fuzileiros Navais desembarcam em Guadalcanar um carro de combate anfíbio

Moderno material americano



Êste carro, denominado «Universal Carrier» é utilizado pelo Exército Americano para transportar esquadras de metralhadoras e morteiros



Um carro «Universal Carrier» demonstra a sua capacidade de transposição de obstáculos



Divisões Couraçadas

A Exploração

pele Ten.-Cor. do E. M. José Augusto

Exploração aérea e terrestre

É evidente que as Grandes Unidades Couraçadas, para não actuarem às cegas, devem lançar a grande distância elementos de exploração capazes de percorrerem amplos espaços em períodos de tempo reduzido, e de transmitirem com rapidez as informações recolhidas. Com efeito, sem uma boa exploração não se poderá averiguar o desenvolvimento, disposição e consistência das forças inimigas, e as Grandes Unidades couraçadas poderão assim ser surpreendidas em terreno desfavorável, por ataques inesperados do inimigo, podendo mesmo não obter êxito os próprios ataques de carros.

Temos dito que as unidades de exploração destas Grandes Unidades especiais, devem actuar a grandes distâncias para poderem transmitir rapidamente as suas informações. O meio mais adequado para o conseguir será a exploração aérea, visto o avião ser o meio mais rápido para reconhecer grandes distâncias em pouco tempo e, simultaneamente, poder transmitir por meio da rádio as suas informações. Não nos parece necessário fazer considerações sobre a necessidade de completar a exploração aérea com a terrestre; a primeira deve guiar e orientar a acção da segunda, actuando em maior profundidade. Unidades de exploração terres-

Revista da Cavalaria

tre devem actuar em estreita cooperação, devendo estar assegurada a mútua ligação com meios de transmissão rápidos e seguros.

Estas unidades de exploração aérea podem estar afectas orgânicamente à Divisão Couraçada, ou ainda, e isto será o mais provável, estarem afectas ao Corpo de Exército moto-couraçado, e que proporcionará em cada caso os aparelhos necessários para a exploração aérea. Actuam inicialmente num raio de uns 200 a 300 kms., reduzindo depois os seus conhecimentos a distâncias mais reduzidas (50 a 100 kms.) a fim de orientarem as unidades encarregadas da exploração terrestre.

Sobre o modo de actuar das unidades de exploração terrestre, o regulamento italiano (no respeitante à exploração das Grandes Unidades especiais ou normais) considera como normal o combate, chegando a prescrever que «explorar quer dizer que em 10 casos, em 9 se tem de combater». Isto significa que a exploração contrária procurará impedir a acção da exploração própria e que será necessário repelir aquela para se chegar às posições inimigas e para averiguar da sua consistência. No entanto, há quem siga o critério tradicional, e ainda que reconheçam que as unidades encarregadas da exploração devem estar aptas a combater quando a situação e missão o tornem necessário, o combate deve considerar-se como excepcional, afirmando que estas unidades para levarem a cabo a sua missão, devem actuar principalmente pela astúcia.

Aceitando o critério, hoje geralmente admitido, de que a exploração há-de combater para desempenhar a sua missão e ao mesmo tempo há-de actuar a grandes distâncias, é lógico que a dotem de meios rápidos e com suficiente potência de fogo.

Dados sobre a organização das unidades de exploração das Divisões Couraçadas nos diferentes Países

Êstes dados referentes a épocas distintas e que mudam constantemente com o aparecimento de novos materiais e com as evoluções da organização das Grandes Unidades especiais, conforme os diferentes teatros de operações, permitem-nos formar uma idéa sobre a complexidade das referidas unidades de exploração.

Alemanha — A organização da Divisão Couraçada (2 regimentos de carros) nas campanhas da Polónia e da França, dão à unidade de exploração a seguinte composição: 12 aparelhos de reconhecimento; 2 esquadrões de veículos blindados; 1 batalhão de motociclistas; peças anti-carro e peças de infantaria.

Os ingleses, em Dezembro de 1941 em África, consideravam-na composta por: 1 ou 2 esquadrões de veículos blindados; 1 esquadrão de motociclistas; 1 companhia de armas de acompanhamento composta por: 1

Revista da Cavalaria

pelotão de peças de infantaria, 1 pelotão de peças anti-carro e 1 pelotão de engenharia. A Divisão Couraçada em África só contava com 1 regimento de carros.

Em 1942, o agrupamento de exploração em África parece que se compunha de: 1 esquadrão de veículos blindados, 1 companhia de infantaria em veículos blindados; 2 pelotões de peças anti-carro de 50^{mm} ou de material russo de 76/57; 1 pelotão de artilharia couraçada; 1 grupo de 87,6 e 1 companhia de engenharia.

Itália — Segundo dados conhecidos em revistas profissionais daquela época, a composição do agrupamento de exploração da Divisão Couraçada em 1942 era a seguinte: 1 grupo constituído por 1 esquadrão de veículos blindados, 2 esquadrões de carros ligeiros e 1 esquadrão de motociclistas; 1 grupo constituído por 1 esquadrão de peças couraçadas de 47/32 e de 1 esquadrão de canhões anti-aéreos; 1 pelotão de sapadores-pontoneiros; 1 pelotão de serviços com elementos de reparação e recuperação (auto-oficinas, reboques, etc.) e camiões tanques para carborantes e lubrificantes.

Esta parece ter sido a composição regulamentar. Alguns escritores, ao estudarem a organização que, em sua opinião, deveriam ter os referidos agrupamentos de exploração, consideravam conveniente, uns, constituir os com um batalhão de veículos blindados e dois batalhões de motociclistas; outros, organizá-los com uma esquadrilha aérea de reconhecimento, um batalhão misto (1 companhia de veículos blindados e 2 companhias de carros); uma companhia de canhões anti-carro e uma companhia de canhões anti-aéreos; uma bateria couraçada de 75/18; uma companhia de sapadores-pontoneiros; elementos de serviços de saúde e intendência.

Na realidade, os italianos, devido aos escassos meios de que dispunham, não conseguiram nunca manter nas suas frentes de operações um agrupamento de exploração com a composição regulamentar. A Divisão Couraçada italiana de África não dispunha, até à primavera de 1942, de verdadeiros veículos blindados de exploração, sendo apenas dotada, na referida época, com um grupo de dois esquadrões desses veículos.

Inglaterra — No verão de 1942, o Agrupamento de Exploração era constituído por um grupo de três esquadrões de veículos blindados. Julgou-se necessário atribuir um esquadrão a cada regimento de carros (a Divisão contava com dois regimentos de carros), ou de um grupo, no caso do regimento actuar sem estar enquadrado na Divisão. Normalmente, a exploração era reforçada com baterias de 87,6 e com camionetas armadas com peças anti-carro.

De dados obtidos posteriormente, pode deduzir-se que disponha hoje em dia de dois grupos de veículos blindados.

Rússia — O agrupamento de exploração figura com dois esquadrões de veículos blindados, um esquadrão de motociclistas e uma bateria motorizada, com duas peças anti-carro de 75, e quatro de 37.

Do exame da organização das unidades de exploração dos diversos países pode-se apreciar a complexidade e a quantidade de elementos de que é dotada a exploração para o desempenho da sua importante missão, chegando a organizar-se agrupamentos com representação de todas as Armas e Serviços, ainda que em escala reduzida.

Revista da Cavalaria

Actuação dos agrupamentos de exploração na presente guerra

Como é lógico, não dispomos de dados completos e por isso limitamo-nos a um ligeiro exame da sua actuação na Polónia, na França e na campanha de África.

Polónia e França — As unidades alemãs de exploração, constituíam a ponta de lança das Divisões Couraçadas, vencendo tôdas as resistências ligeiras do inimigo, progredindo velozmente por tôdas as vias de comunicação, apoderando-se de pontes, estradas e cruzamentos.

Muito à frente do grosso da Divisão, marchavam os veículos blindados acompanhados por núcleos de motociclistas com armas automáticas, unidades com peças anti-carro e morteiros, sapadores e provavelmente alguns carros ligeiros de combate. Estes elementos tomavam contacto com o inimigo para determinarem o seu dispositivo, procurando pelo combate reconhecer a sua força e intenções; uma vez fixadas as zonas mais fracas da frente inimiga, por elas lançava o grosso da Divisão Couraçada.

Na exploração do sucesso, as unidades de exploração procediam pela mesma forma, depois da passagem dos carros da infantaria que haviam rompido a frente inimiga.

Estas unidades de exploração conseguiram grandes resultados pela surpresa causada ao adversário com os seus novos métodos de luta. Porém, nos casos em que o inimigo dispôs de armas modernas em número suficiente e as soube empregar, conseguiu parar os veículos blindados que tendo de marchar pelas estradas se viram detidos à entrada das povoações pelas peças anti-carro, instaladas à entrada das mesmas.

Libia — O deserto constituiu um terreno ideal para o emprêgo dos veículos blindados de exploração. Em contrapartida, as unidades motociclistas revelaram pouca aptidão para a marcha por pista e «a corta mato», tendo acontecido algumas vezes chegarem à zona a ocupar, depois das baterias de artilharia; por isso desapareceram as unidades moto, ficando reduzido o seu número e missão a estafetas de ligação entre os Comandos. Os motociclistas encontravam-se ainda em condições de inferioridade num terreno onde os veículos blindados, muito rápidos, podiam marchar por tôda a parte.

As unidades de exploração desempenharam um grande papel no deserto. Os agrupamentos alemães, lançados a grandes distâncias, por vezes a mais de 100 kms., prestaram não só excelentes serviços de exploração, mas ocuparam também posições importantes e combateram contra forças inimigas muito superiores. Na exploração do sucesso, venceram tôdas as ligeiras resistências opostas pelo inimigo, abrindo caminho às Grandes Unidades Couraçadas, evitando a sua paragem, o que cortaria ao movimento a sua continuidade.

Revista da Cavalaria

Examinaremos seguidamente as diferentes missões desempenhadas pelas unidades de exploração na campanha da Líbia, à parte a sua missão propriamente de exploração:

— Manutenção do contacto numa situação defensiva, quando as frentes adversárias se encontravam a distância. Na primavera de 1942, as posições inglesas encontravam-se fora do contacto das do Eixo, por vezes a mais de 50 kms., mantendo os ingleses o contacto por meio de um escalão de exploração, constituído por vários batalhões de veículos blindados e grupos de 87,6. Por sua vez, as forças do Eixo, para poderem realizar com tranquilidade os seus trabalhos defensivos, destacavam para a frente um escalão composto por veículos blindados, carros de combate e artilharia couraçada.

— Ocupação de posições até à chegada do grosso da Divisão.

— Exploração do sucesso e perseguição pela forma já exposta.

— Serviço de segurança. Os veículos blindados em vanguarda e nos flancos, protegem a marcha da Divisão Couraçada, marchando à distância de cerca de 3 kms.

— Ligação entre as Grandes Unidades couraçadas e motorizadas; ligação entre os elementos da Divisão couraçada quando muito distanciados.

— Estabelecimento de uma cortina móvel que detenha o inimigo numa determinada zona, enquanto o grosso da Divisão marcha a atacar a outra parte da frente.

— Na rotura do contacto, protecção da retirada do grosso da Divisão.

— Incursões sobre as vias de comunicação do inimigo.

Nestas acções, distinguiram-se os ingleses, realizando-as com as suas patrulhas motorizadas, constituídas por camionetas armadas com metralhadoras, espingardas e canhões anti-carro e anti-aéreos; também foram empregados nestas missões os conhecidíssimos veículos americanos « Jeep ».

— Limpeza da própria retaguarda, efectuada com veículos blindados, camionetas armadas com peças anti-carro, baterias motorizadas, e Infantaria motorizada.

— Parelhas de veículos blindados foram destinados à protecção das colunas de abastecimentos.

As unidades italianas de exploração, por contarem apenas com veículos blindados, não puderam desempenhar a sua missão com eficácia. Já examinámos anteriormente a necessidade dos referidos veículos serem acompanhados por elementos de força e protecção (recordemos a composição teórica do agrupamento de exploração). A Divisão couraçada italiana não dispunha de nenhum desses elementos, e por isso, os italianos não puderam realizar a exploração, fazendo apenas o serviço de segurança.

Por isso, nos últimos tempos da campanha de África, reforçaram-se as unidades de veículos blindados com camionetas armadas com peças anti-carro desmontáveis e capazes de fazerem fogo de dentro da própria camioneta, com baterias motorizadas e couraçadas e com pequenas uni-

Revista da Cavalaria

dades de infantaria motorizada; não se atribuíram carros a estas unidades de exploração, por resultarem muito lentas e por se não prestarem a desempenhar a missão de acompanhamento.

Do ligeiro exame feito sobre esta campanha verificamos que a tendência da organização do Agrupamento de Exploração pende para integração de veículos blindados de exploração (elemento principal de observação e tomada de contacto), infantaria motorizada, baterias motorizadas e couraçadas (de preferência estas últimas), unidades de peças anti-carro e anti-aéreas, engenharia e serviços; enfim, a sua constituição tende para o agrupamento alemão de exploração.

Na Líbia desapareceram as unidades de motociclistas, substituídas na sua missão de apoio, por infantaria motorizada ou auto-transportada, e por camionetas armadas.

Com a chegada dos «Jeep» e seu crescente aumento em tôdas as Unidades aliadas, as motos deram lugar a estes carros, visto as suas pequenas dimensões, velocidade, aptidão para a marcha em terreno variado, seu reduzido custo e armamento, lhe darem preferência.

Os alemães empregam motos «todo o terreno» que lhes têm dado bons resultados. No respeitante a carros, para se poderem empregar em apoio dos veículos blindados de exploração, é necessário que atinjam uma velocidade não muito inferior a estes.

É muito importante que todos os elementos que se destinem a proteger e a reforçar a acção dos veículos blindados, possam desenvolver uma velocidade suficiente, a fim de poderem segui-los.

Características dos diferentes elementos que compõem o agrupamento de exploração

Veículos blindados — As suas características principais são a velocidade, autonomia e capacidade de ligação a grande distância, por intermédio das estações de rádio de que dispõem.

A sua ligeira blindagem protege-os apenas do fogo das armas portáteis. Geralmente, têm duplo comando, o que representa grande vantagem na marcha por estrada, pois permite inverter a marcha rapidamente sem necessidade da demorada manobra da marcha atrás; esta vantagem aliada à sua velocidade, permite-lhes subtraírem-se rapidamente à acção inimiga.

É boa a sua visibilidade interior, e o seu armamento, composto apenas por uma metralhadora e espingarda anti-carro, ou por um canhão de 20^{mm} e duas metralhadoras de 8^{mm}, dá-lhes velocidade e autonomia.

Em marcha estão ligados às estradas, ainda que tenham alguma possibilidade de sair das mesmas em terrenos fáceis, como, por exemplo, nas grandes estepes russas.

Revista da Cavalaria

Êstes veículos apresentavam inicialmente a desvantagem da sua vulnerabilidade, especialmente dos pneus, e dimensões do carro que o tornavam muito visível. Por isso os melhores blindados são os de pouca altura; as rodas de muitos dêles, são hoje geralmente, à prova de balas das armas ligeiras.

As estações de rádio de que são providos constituem o meio mais seguro e rápido de transmissão e recepção de ordens, mesmo a grandes distâncias. Além disso, êstes aparelhos permitem a troca de conversação e de escuta em fonía:

Os veículos blindados de exploração nunca actuam isolados, fazendo-o normalmente por pelotões, ou pelo menos, por grupos de dois, a fim de reciprocamente se poderem proteger pelo fogo. A exploração é feita aproveitando pontos do terreno que permitam boa observação por parte de um homem destacado do carro, que êste pode recolher rapidamente em caso de perigo.

Motocicletas — Apesar dos inconvenientes já apontados, as motos, em determinados teatros de operações, ainda fazem parte dos elementos de exploração; representam, porém, e principalmente, um meio rápido de manobra, dada a possibilidade que oferecem de poderem concentrar em pouco tempo, grande número de armas de fogo.

As motos sôbre estrada têm, aproximadamente, a mesma velocidade dos veículos blindados de exploração; podem marchar em terreno variado, desde que êste apresente alguma consistência, (nos terrenos do deserto africano marchavam pior, sendo aí a sua velocidade muito inferior à dos referidos veículos) e são menos próprias para a observação.

Para a observação é necessária a moto biplace, feita pelo homem que é transportado no selim posterior; com efeito na moto monoplace, o condutor é completamente absorvido pela condução e nada pode observar convenientemente.

A moto é muito ruidosa, sentida portanto a grande distância, favorecendo por isso as emboscadas do inimigo; apresenta ainda o inconveniente de ser muito vulnerável.

Para o transporte da metralhadora e metralhadora ligeira são necessárias as moto-carros, de cima das quais se pode fazer fogo, em caso de necessidade, e sem perda de tempo, o que pode ser fatal em algumas ocasiões.

Canhões anti-carro — Ê necessário dotar as Unidades de exploração com canhões anti-carro, dado o provável ataque por veículos couraçados. Além da sua missão normal de detenção dos referidos veículos, têm ainda missões de acompanhamento. Êstes canhões devem ter pelo menos 50^{mm} de calibre, sendo ainda preferível a êstes, as peças couraçadas de maior potência.

Canhões anti-aéreos — Tendo por missão principal a defesa anti-aérea, empregam-se também em tiro terrestre em caso de necessidade, sendo o seu calibre mínimo de 40^{mm}.

Revista da Cavalaria

Unidades de Infantaria auto-transportadas ou motorizadas — A sua presença torna possível o seu emprêgo a pé em qualquer parte da frente não acessível aos meios motorizados; é conveniente contar com elas sempre que se trate de manter a ocupação de uma posição durante determinado tempo. Devem ser protegidas em marcha, por motos, camionetas armadas ou «Jeeps», etc.

Carros de Combate — Quando fazem parte das Unidades de exploração, são destinados a acções de força, para apoiar e abrir caminho aos veículos blindados e às motos; o seu emprêgo é de grande utilidade contra carros análogos do inimigo e para forçar resistências inimigas organizadas com trabalhos ligeiros de campanha.

Como já dissemos, os carros que acompanham os veículos blindados, devem ter boa velocidade e potência de fogo.

Na Líbia não deu resultado o carro ligeiro italiano, armado com um canhão de 20^{mm}, devido à sua pouca velocidade e escasso armamento; por isso se pensou em empregar, nesta missão, o carro médio com canhão 47/32; porém, esta idéia foi posta de parte por a sua velocidade ser ainda menor do que a daquêle carro.

Engenharia — Constitui o elemento de trabalho dos agrupamentos de exploração. A presença de unidades de sapadores e pontoneiros é necessária, por o movimento dos Agrupamentos estar ligado às vias de comunicações. As suas missões correntes são: reparação de estradas e caminhos; construção de desvios onde a reparação fôr muito difícil ou demorada; instalação de pequenos campos de minas na ocupação de posições ou rotura de contacto; levantamento e inutilização dos campos de minas contrárias; passagem de cursos de água com meios descontínuos e estabelecimento de pontes de emergência.

Transmissões — Realizam-se por intermédio das estações de rádio dos carros de combate, especialmente dos carros «centro rádio» das estações dos veículos blindados e das instaladas sobre camionetas, sendo tôdas utilizadas em grafia e fonia; pelos postos de escuta e de sinalização com aviões; por estafetas moto ou em carros ligeiros, sendo para tais missões muito úteis os «Jeeps Willys»; em casos excepcionais, pelos próprios veículos blindados que normalmente não devem ser empregados nesta missão; por artifícios luminosos e fumígenos, etc.

A organização das transmissões rádio deve ser levada a cabo com tôda a minúcia, exigindo uma absoluta disciplina da parte de todos os operadores.

Todos os elementos acima mencionados fazem parte dos Agrupamentos de Exploração nas proporções indicadas. As suas características completam-se, segundo a acção comum a realizar; assim, vemos que ao lado dos meios essencialmente ligados no seu movimento às estradas, como os blindados, figuram os carros ou as peças couraçadas, que se podem deslocar através do terreno variado; por tôdas as formas, dependendo, hoje mais do que nunca, dada a grande quantidade de meios motorizados,

Revista da Cavalaria

tôdas as operações das vias de comunicação, a organização das unidades de exploração deve corresponder à necessidade de contar com meios que possam marchar rapidamente pelas mesmas.

Os Agrupamentos de Exploração podem ser reforçados com meios que lhes correspondam orgânicamente, ou com outros sempre que a situação ou missão o requeiram.

Missões dos Agrupamentos de Exploração

Ainda que ao tratar da actuação das Unidades de exploração na presente guerra, tenhamos mencionado algumas das missões que podem desempenhar, vamos agora apresentá-las com mais algum detalhe.

Exploração — Constitui a missão normal e a mais importante.

A rapidez do movimento, própria das unidades de exploração, especialmente dos veículos blindados, permite levar a cabo o reconhecimento do sector de exploração com poucos elementos, enquanto se mantém concentrado o grosso das referidas unidades de exploração.

Em relação à missão, situação e terreno (interessam especialmente as vias de comunicação) se faz a descolagem, geralmente em leque, lançando para a frente patrulhas de força muito reduzida, normalmente não superiores a um pelotão. Estas patrulhas, podem ser constituídas por dois ou três veículos blindados, ou por uma secção moto, ou ainda por ambas as coisas, e podem ser reforçadas com outros elementos pertencentes às unidades de exploração. O princípio a que deve obedecer a constituição destes primeiros órgãos de sondagem é o de que a grande distância do adversário se devem destacar poucas e ligeiras patrulhas com a missão de verificar a presença ou ausência do inimigo em determinadas zonas, reforçando-se as patrulhas, à medida que vai encurtando a distância ao inimigo, e aumentando o seu número.

Estas patrulhas são geralmente destacadas do grosso não existindo por isso o elemento intermédio constituído pelos destacamentos de exploração; não há inconveniente porque, dada a velocidade que têm todos os elementos da unidade de exploração, os elementos do grosso podem, em caso de necessidade, acudir com toda a rapidez em auxílio das patrulhas. Isto é o normal, hoje em dia, e parece-nos o mais lógico; existe, todavia, quem considere necessária a existência dos destacamentos de exploração, bem como a divisão do sector de exploração em várias zonas confiadas a cada um dos referidos destacamentos, donde saem as patrulhas que em caso de necessidade serão apoiadas por elles; a sua crença na necessidade destes destacamentos assenta no critério de que a sua existência permite sondar com forças consistentes o inimigo, antes de empenhar o grosso na direcção mais conveniente, para romper as malhas da exploração adversa; a distância entre as patrulhas e o destacamento a que pertencem, deve ser de 5 a 6 kms. e entre os destacamentos e o grosso, de 8 a 10 kms.

Revista da Cavalaria

Os veículos blindados constituem o elemento essencial de exploração; seguem-nos ou precedem-nos os motociclistas (ou os jeeps ou ainda as camionetas armadas) a uma distância que assegure a mútua e oportuna intervenção; os motociclistas completarão a observação nos locais não acessíveis aos veículos blindados. Veículos blindados e motocicletas devem repelir as patrulhas adversárias a fim de alcançarem o grosso do inimigo; verificado o contacto, os motociclistas devem neutralizar os núcleos inimigos mais activos a fim de facilitar a manobra das unidades blindadas ou a intervenção do grosso do Agrupamento. A acção dos blindados e motociclistas deve desenvolver-se sobre as vias de comunicação, sem preocupação de ligações laterais, e também sobre as comunicações transversais à direcção de marcha, a fim de poderem cair sobre o flanco ou retaguarda dos elementos adversários.

Quando as patrulhas não conseguem abrir caminho, são reforçadas com meios couraçados, especialmente com artilharia desse tipo. O emprego de veículos sobre cremalheiras — que podem marchar por todo o terreno — completam a acção dos blindados e motocicletas que marcham normalmente sobre as vias de comunicação.

O grosso divide-se normalmente em ponta de vanguarda, escalão de combate e patrulha da retaguarda. A distância entre estes elementos depende da sua composição, do terreno e da velocidade a que deve marchar o grosso. A ponta de vanguarda pode ser constituída por um pelotão de blindados com algumas motocicletas; a patrulha da retaguarda, é geralmente formada apenas por motocicletas. O grosso marcha por lanços sucessivos e amplos, de posição em posição que seja necessário alcançar e ocupar (nós de comunicações, pontes, desfiladeiros, linhas de alturas, etc.).

O estacionamento do grosso deve atender à sua própria segurança, ocupando com moto-metralhadoras reforçadas com peças anti-carro, os nós de comunicações e aquelas zonas de terreno que permitam uma boa observação e tenham bom campo de tiro, barrando os caminhos de acesso e organizando patrulhas móveis.

As Unidades de exploração, quando enfrentem forças inimigas muito superiores, devem aproveitar a sua mobilidade para retirar rapidamente e procurarem noutra direcção os pontos fracos do inimigo. Caso lhes não seja possível a mudança de direcção, procurarão apoiar-se em obstáculos naturais que limitem a amplitude da frente que o inimigo possa tomar para o ataque, devendo agüentar a pressão inimiga até à chegada de novas unidades que permitam vencer a resistência inimiga e continuarem a sua missão.

Os veículos blindados, no cumprimento da sua missão, podem ver-se empenhados contra tropas a pé, motorizadas ou couraçadas.

Contra as primeiras, excepto quando se trate de infantaria instalada em posições defensivas, procederão por acções de infiltração a fim de descobrirem os flancos ou intervalos da sua posição; contra tropas motorizadas, deverão dirigir a sua acção sobre os flancos e retaguarda das colunas inimigas, a fim de as desorganizar, impedindo assim a sua entrada em combate; contra unidades couraçadas, deverão atraí-las à zona onde se dispoña de mais engenhos anti-carros.

Revista da Cavalaria

Ocupação rápida de posições importantes e sua manutenção até à chegada do grosso da Divisão

Esta é uma missão de grande importância, pois assegura à Divisão a posse de uma zona que lhe facilitará a ocupação de uma posição favorável a acções contra o inimigo. Os objectivos cuja posse se procura assegurar, são, geralmente, nós de comunicações, pontes, zonas favoráveis à observação e à resistência, etc.

O Agrupamento de Exploração deve aproveitar a sua velocidade para se adiantar em relação ao inimigo, na ocupação de uma posição; a resistência deve prolongar-se até à chegada do grosso da Divisão e deve basear-se numa boa combinação do fogo com o movimento, desenvolvendo acções violentas e rápidas com os escassos elementos disponíveis; organizando pontos de apoio e lançando patrulhas nas direcções mais perigosas. Motocicletes e veículos blindados são indicados para esta missão, sendo muito conveniente contar com algumas unidades de infantaria auto-transportadas e peças anti-carro.

Incursões ofensivas sobre a frente e retaguarda do inimigo

Em situações estabilizadas e na rotura do contacto, podem realizar-se golpes de mão sobre a frente adversa ou sobre os seus flancos ou retaguarda; tôdas estas acções são facilitadas naqueles teatros de operações em que a frente não é contínua, como, por exemplo, no deserto ou na Rússia, onde a acção de elementos ligeiros, mas valorosos, obteve grandes e importantes resultados.

Segurança — O Agrupamento de Exploração pode, em certos casos, desempenhar as funções de vanguarda, desenvolvendo acções de flanco sobre itinerários paralelos aos da Grande Unidade, ou por sucessivas acções nas direcções mais perigosas, ou por acções contra a retaguarda inimiga na exploração do sucesso.

Não repetiremos as restantes missões que podem ser dadas aos Agrupamentos de Exploração: ligação na exploração do sucesso ou na perseguição, na limpeza da própria retaguarda, etc., por já delas têmos tratado ao falarmos da actuação das Unidades de Exploração na campanha da Líbia.

E terminamos o presente artigo, no qual procurámos ordenar idéias recolhidas em leituras sobre este tema e na experiência pessoal.

Novos materiais aparecem todos os dias e com eles varia constantemente a composição das Unidades de Exploração, abrindo-se-lhes cada vez maiores possibilidades à acção das mesmas, sempre que sejam comandadas por chefes audazes e inteligentes.

L. R.

Ejército — Setembro, 1944.



PENSAMENTOS NO CAMPO DE BATALHA

Fala o Comandante da Companhia :

*«Se eu pudesse instruir a
minha companhia outra vez»*

pele Cap. Clarence A. Heckethorn

UM homem, no combate, pensa em muitas coisas, mas o pensamento que mais freqüentemente me ocorria, era como eu instruiria a minha Comp. se me fôsse possível fazê-lo novamente.

Preparia os meus homens física e mentalmente. Sob o fogo, o soldado faz a maior parte daquilo que fez na instrução e muito pouco do que lhe disseram que havia de fazer. — Por esta razão, eu empregaria na instrução, quási que exclusivamente o método de aplicação.

Tenho visto infantes abandonarem os seus abrigos e fugirem diante de um ataque de forças moto-mecanizadas. Com isto só conseguem ser feridos ou esmagados por êsses veiculos. Aqueles homens havia sido dito que um abrigo profundo era a sua melhor protecção contra aquêles engenhos, mas diante do barulho ensurdecedor e à vista dos carros de combate, aquêles homens agiram mecânicamente e não mentalmente. Se os carros de combate, durante os períodos de instrução, tivessem passado sôbre êles protegidos pelos abrigos individuais, como eu soube que se está fazendo hoje em dia, aquêles homens teriam tido confiança nos seus abrigos e permaneceriam nêles, até que os carros de combate se afastassem.

Sabendo o que sei agora, eu não diria aos meus soldados que êles deveriam cavar os seus abrigos e trincheiras *quando êles se encontrassem em combate*. Faria com que êles os cavassem durante qualquer exercício e não me limitaria a que sômente marcassem o lugar em que os teriam de cavar, no caso real.

Não me satisfaria em alertá-los contra as minas terrestres e armadilhas explosivas, mas faria exercícios empregando armadilhas e minas com cargas reduzidas.

Revista da Cavalaria

Não lhes diria que um ferido deve tomar duas tabletes de sulfanilamida de cinco em cinco minutos. Faria com que todos os homens, durante os exercícios, fôsem supostos feridos e que eles realmente tomassem tabletes de sulfanilamida simuladas (pastilhas de goma, bolos de pão, amendoim).

A minha Comp. também havia de atirar tanto quanto as dotações de munições o permitissem e havia de fazê-lo nas distâncias reais de combate.

Faria tantos exercícios de G. C., Pel. e Comp. quantos fôsem possíveis. E sempre que praticável, executaria manobras de pequenas unidades, com outras unidades e contra outras unidades e serviços. Constatei que a infantaria deve conhecer tôdas as possibilidades da artilharia; os Comand. de carros de combate as possibilidades da Engenharia e dos tanques destróers; as fôrças aéreas as possibilidades das fôrças terrestres. Durante êstes exercícios faria com que todos os homens até ao último soldado, conhecessem a situação e a parte que lhes competia no cumprimento da missão. A partir daí, eu despertaria a sua iniciativa, mudando ordens, estabelecendo a confusão e provocando ataques inesperados, pois é isto que sucede freqüentemente no combate. O primeiro homem que perguntasse «porquê?» em vez de decidir «como» deveria cumprir a missão, seria punido. Não se trata de indagar «porquê?» mas de «fazer ou morrer» e fazer rapidamente. Esta é a maior fraqueza de um exército composto de elementos que eram civis, pouco tempo antes: os homens perguntam «porquê», mesmo no campo de batalha.

Devotar-me-ia quási exclusivamente à instrução tática, no terreno, enquanto as secções teóricas, em sala, seriam reduzidas ao mínimo.

Não se deve dispender demasiado tempo nas informações de combate, com requintes nos reconhecimentos e leitura de cartas. Todos os assuntos são de importância vital.

As condições de ordem material, do combate, seriam exercitadas através de situações táticas que incluíssem incursões aéreas, ataques nocturnos, de flanco e por agentes químicos.

As faltas à instrução seriam reduzidas ao mínimo. — Lembro-me, muito bem, de um incidente em combate, quando dei a um dos meus soldados uma missão em que deveria empregar a «bazooka». Ouvi dêle o seguinte: «Mas, eu não sei como empregá-la. Eu estava preparando o terreno para a parada, no dia em que a Comp. foi para o estande».

Diversas vezes tenho lastimado as muitas horas de instrução perdidas, fôsse devido ao mau tempo ou porque uma alteração da última hora tornasse impossível utilizar as viaturas da Comp., como havia sido previsto. O resultado era, geralmente, um tempo malbaratado, dedicado aos cuidados e limpeza do equipamento, à instrução teórica sobre os primeiros socorros, dos regulamentos de continências e disciplinar, assuntos já bastante explorados e bem explicados em tantas outras ocasiões. Hoje sei que teria pronta uma série de trabalhos cuidadosamente preparados, sobre leitura de cartas, informações de combate, identificação de aviões, desmontagem, remontagem e funcionamento das nossas principais armas, assuntos da maior importância em sala.

Revista da Cavalaria

Um programa de instrução deste tipo, demandaria um trabalho de um grupo de oficiais subalternos enérgicos, mas infelizmente muitos dos nossos comandantes de pelotões, ressentem-se da falta de espírito de iniciativa. Eles não se prepararam para o imprevisto.

A frequência de soldados aos prostíbulos e as doenças venéreas resultantes, como que dizimavam a minha Comp., durante o período de instrução.

Eu e os meus oficiais fazíamos prelecções sobre higiene sexual e aplicávamos as sanções do regulamento disciplinar, — mas os homens ainda gastavam o seu tempo nos lupanares e novos casos de blenorragia e sífilis se manifestavam. Intensifiquei então o treinamento físico dos homens e aumentei as suas horas de trabalho; fizemos longas marchas, instrução nocturna, exercícios de baionetas, em pistas de obstáculos. A mudança foi notável: os soldados resmungavam, mas gostavam. Após uma dura jornada, eles não tinham ânimo para ir à cidade, nem para se deitarem e para pensar nos pagos. As revistas picantes não os interessavam mais. Já não tomavam cerveja e visitavam casas suspeitas. Estavam tão fatigados que só lhes apetecia irem deitar-se e dormir.

Oficiais dos serviços especiais e várias organizações civis estão fazendo muito pelo moral das nossas tropas, mas o moral de um soldado no campo de batalha é o reflexo da sua confiança em si mesmo, nos seus superiores, no seu armamento. E esta confiança somente pode ser adquirida através da instrução.

Alguns dos nossos homens não estão em boas condições físicas; outros não cavam as suas trincheiras, a não ser que se lhes diga para o fazerem ou que já tenham sido surpreendidos pelos Stukas, completamente desabrigados; outros mais — não aprofundam convenientemente os seus abrigos nem disfarçam as suas viaturas, a menos que se lhes dê ordens para tal. Queixam-se do serviço de guarda e querem descansos repetidos. Quando a prova final de resistência é realizada, não a suportam. É o Comand. da Comp. através de uma cuidadosa instrução preparatória, que deve vencer estas deficiências.

As nossas tropas não estão preparadas psicologicamente. Não se lhes ensinou a odiar os alemães, os italianos e os japoneses. Não sentem uma forte necessidade de Matar. Parecem lembrar-se demasiado do que lhes ensinaram nas escolas, há muito tempo: «que a guerra jámais resolveu coisa alguma... que é errado matar... que o alemão é um bom camarada... que os italianos não querem combater e render-se-ão... que o colapso alemão virá de dentro da «própria Alemanha...».

Acabam por compreender que tudo isto é falso, porém, quando já é tarde de mais, para muitos. Contaram-lhes, certa vez, que a «guerra era um inferno e que eles iam empenhar-se na maior de todas as guerras da história». Não lhes ensinaram, no entanto, a significação do velho adágio de Shakespeare: «Não há nada bom ou mau; são os nossos pensamentos que fazem as coisas boas ou más».

Não lhes disseram que se a guerra é conduzida de acôrdo com as velhas doutrinas da estratégia e com os princípios tácticos, se os nossos homens cumprem as suas missões como devem e se as nossas armas

Revista da Cavalaria

são empregadas convenientemente, então a guerra pode ser encarada como um gigantesco trabalho de cooperação, que é o cumprimento da missão imposta a cada um.

Quando as tropas, no entanto, entram em combate sem ver as coisas como realmente são, a guerra é certamente o que Sherman disse que ela era.

Revista Brasileira **Defesa Nacional** — Fev. 1944.

(Tradução do Major Barbosa Pinto)



“CAVAR OU MORRER”



pele Ten.-Cor. William C. Hall

QUANDO começou o ataque alemão contra a França e Países Baixos, um pequeno grupo de oficiais do Estado Maior Britânico desembarcou na Holanda, a fim de preparar os planos de assistência aos holandeses. Entretanto, o ataque alemão desenvolveu-se com tanta rapidez, que nada pôde ser feito e nenhum refôrço foi desembarcado. Dentro de poucos dias o grupo do E. M. encontrava-se em um pequeno ponto de desembarque chamado «O Anzol da Holanda», esperando ansiosamente por um navio inglês que os conduzisse à Inglaterra. Cavaram-se trincheiras estreitas e não demasiado cêdo, pois os bombardeiros de mergulho em breve iniciaram o seu ataque. O primeiro ataque danificou edifícios na praia, mas com surpresa geral não houve baixas. Os ataques seguintes foram recebidos pelo fogo de todos os fuzis de que se podia lançar mão e depois de três aviões terem sido abatidos, os Stukas foram-se embora, segundo parece à procura de alvos mais fáceis. O valor das trincheiras estreitas impressionou os ingleses não somente nessa ocasião, como também durante a batalha da Flandres e em Dunquerque. Os nossos aliados aprenderam a resposta para o bombardeiro de mergulho — enterrar-se e atirar.

O nosso exército na Nova Guiné e os fuzileiros navais em Guadalcanal rapidamente se tornaram peritos em enterrar-se. O abrigo individual dá mais protecção do que a trincheira estreita e, em pouco tempo, nós o usámos quasi que exclusivamente. Os fuzileiros navais acharam que a pá japonesa, ainda que um pouco mais pesada que a nossa ferramenta de sapa, era uma ferramenta mais forte e as pás capturadas foram muitas vezes carregadas, em lugar do produto distribuído. Esta pá japonesa assemelha-se a uma pá de virar terra, de um aço de boa qualidade, com um cabo bastante resistente e afiada nas bordas, a fim de cortar.

A nossa doutrina de fortificação de campanha é baseada em uma longa experiência, naquela árdua escola de rudes golpes — a primeira Guerra Mundial — e, excepto modificações de menor importância, provou ser boa no presente conflito. Os principais progressos que afectam as fortificações são: o aumento do volume e precisão dos canhões com gran-

Revista da Cavalaria

des ângulos de tiro e do bombardeio aéreo e, ainda, o aparecimento de massas de tanques mecânicamente mercedores de confiança, com boas características para agir em qualquer terreno. Enquanto a maior parte de baixas na última guerra foi devida às armas de tiro tenso, fuzis e metralhadoras, e ao fogo da artilharia, têm havido operações nesta guerra em que outras armas — blindadas, auto-transportadas, armas com grande velocidade de tiro, morteiros indo desde o pequeno lança-granadas japonês (*knee mortar*) até ao temível bi-pé, morteiro de sítio alemão, melhores lança-chamas e o aperfeiçoamento de equipamento e técnica das destruições e fumaças — demonstraram maior eficiência no ataque. Estas facilidades deram ao ataque o poder de arrasar qualquer obra de aço ou de concreto. Mesmo em Sebastopol, onde foram organizadas obras extremamente fortes, em profundidade, a resistência das estruturas não impediu que fôsem destruídas uma por uma. Em Stalinegrado, por outro lado, onde massas caóticas de ruínas e entulhos produzidos por bombardeios anteriores, impediam a localização e a designação exacta dos pontos de importância táctica dos russos, as armas de assalto não puderam ser empregadas com eficiência. É evidente que a camuflagem das posições é muito mais importante do que a resistência das obras de fortificação. Uma vez descoberta, qualquer obra pode ser reduzida à impotência.

No que diz respeito ao infante individualmente, o aumento da precisão e do volume do bombardeio e do tiro com grande ângulo, eliminou praticamente a trincheira rasa como um abrigo eficaz. Os abrigos individuais cavados por ambos os lados em Guadalcanal possuíam, no nível do solo, dimensões iguais às dos ombros dos seus ocupantes. A profundidade máxima ia até ao ponto em que permitisse atirar sem esforço. Sempre que possível, a excavação era aumentada no fundo, a fim de permitir que os homens pudessem sentar-se. Quando construídos de maneira adequada, estes abrigos oferecem protecção segura, a não ser que caia exactamente sobre ele uma bomba ou uma granada. Agachando-se no fundo, o soldado livra-se de ser esmagado pelos tanques; cerca de dois pés de terra acima da cabeça do homem é suficiente na maior parte dos casos. Os alemães dizem aos seus homens que os tanques não podem combater efectivamente com fuzileiros, se estes estiverem bem enterrados e camuflados.

Se o abrigo individual fôr feito para ser utilizado por muito tempo, é geralmente preferível provê-lo de uma cobertura ou construir um abrigo nas suas paredes. Isto é somente para conforto; na realidade diminui a capacidade de protecção da estrutura. Em Guadalcanal durante a estação seca, algumas tropas cavaram posições estreitas e de pouca profundidade perto dos seus abrigos individuais, a fim de poderem descansar em períodos de calma.

O abrigo individual duplo oferece sensivelmente menos protecção e é um pouco mais difícil de se ocultar do que o abrigo simples, mas tem muitas vantagens. Os fuzileiros navais chegaram à conclusão de que tropas frescas lutam muito melhor quando os homens ficam dois a dois. O exército alemão tem o abrigo individual duplo como padrão. É um fôso estreito com cerca de cinco pés de comprimento, possuindo lugares

Revista da Cavalaria

para o atirador pôr os cotovelos e nichos para munições. Os alemães ensinaram a prática de arredondar os ângulos dos abrigos a fim de evitar sombras escuras. A observação e a defesa para todos os lados é invariavelmente mais fácil se os homens estiverem juntos. Um soldado isolado está sempre sob uma tensão nervosa. Normalmente, os barulhos nocturnos das árvores ou florestas agem de modo notável sôbre os seus nervos. Ele pode atirar a objectivos imaginários ou dar alarmes falsos. Há um factor moral bem conhecido e definido para colocar os homens aos pares.

As armas devem ser colocadas de maneira que os homens possam manejá-las dos seus abrigos. Se possível, também, poderão ser construídos abrigos em galerias ou fossos camuflados com a parte superior coberta, a fim de ocultar as armas e suas guarnições, quando não estiverem atirando.

As trincheiras estreitas são, contudo, amplamente usadas. Nos Postos de Comando ou nos aerodrômos, as trincheiras estreitas são preparadas a fim de proteger, não só dos ataques aéreos, como também das granadas pesadas.

A localização dos abrigos deve, naturalmente, ser escolhida no terreno pelo comandante da tropa. Depois de levar em consideração o campo de tiro e outros elementos de organização do terreno e localizar a posição, o comandante deve decidir em seguida se a terra retirada deve ser aproveitada para a construção de parapeitos ou se deve ser transportada para outro lugar. A tendência actual é para a eliminação do parapeito, se ele materialmente aumentar as dificuldades de camuflagem. A camuflagem precede a construção. Em alguns casos a terra pode ser espalhada nas proximidades do local, sem revelar a posição. Em outros, pode tornar-se necessário colocá-la em falsas posições e carregá-la para locais previamente designados para uma eventual utilização.

Outras posições devem ser preparadas logo que a posição de ocupação normal estiver pronta. Devem ser construídas com o mesmo cuidado com que se constroi a posição que se vai ocupar em primeiro lugar.

As falsas posições são importantes e devem ser preparadas assim que fôr possível. São cavadas sômente até à profundidade do joelho. Em muitas ocasiões devem ser ocupadas, particularmente durante o inicio da observação inimiga.

Normalmente os alemães fazem as falsas posições mais visíveis do que as verdadeiras, construindo-as com as arestas bem acentuadas, criando sombras e colocando folhagem escura no seu interior. Caminhos bem visíveis podem ser construídos, a fim de desviar a atenção — das posições verdadeiras, que estejam nas proximidades.

Um oficial alemão certa vez afirmou que a defesa da infantaria é devida sessenta por cento à pá, trinta por cento ao binóculo e sômente dez por cento ao fuzil. A sua declaração não pretendia negar a importância do campo de tiro (que é sempre a primeira consideração ao escolher-se uma posição) mas antes para acentuar a importância do local apropriado e, em menor proporção, a necessidade de uma boa observação, depois do local da posição ter sido escolhido.

Revista da Cavalaria

Qualquer opinião que preconize que os homens não necessitam cavar em exercícios ou manobras, porque «eles aprenderão a cavar mais tarde, quando começar o combate», é falso optimismo e custa vidas. Um homem cavará vigorosamente debaixo do impetuoso fogo do inimigo, mas a não ser que tenha sido ensinado, ele não o fará eficazmente ou em lugar adequado. Isso exige não só habilidade, como energia.

O hábito de se enterrar deve tornar-se automático em qualquer parada prolongada. Se o local não permite cavar (por exemplo, devido às condições de empréstimo do terreno de manobras), os homens devem ser capazes de escolher e localizar uma posição conveniente. Os comandantes, até mesmo sargentos e cabos, têm muitos outros afazeres para ajudar cada soldado a escolher e preparar posições durante o combate. Isto deve ser feito em exercícios, pois quanto mais cedo se aprende melhor.

O soldado deve logo verificar que, depois do fusil, um abrigo individual é o seu melhor amigo. O seu treinamento deve incluir a escolha da posição e a maneira de se abrigar de dia e de noite. O terreno duro ou rochoso e arenoso deve ser trabalhado como o normal. O objectivo deve ser um abrigo e uma posição com bom campo de tiro e protecção adequada. Em condições favoráveis, não deve ser descoberta por um observador colocado a uma distância além de cinquenta jardas.

Revista Brasileira **Defesa Nacional** — Abril, 1944.

(Tradução do 1.º Tenente João B. Santiago Wagner)



Marca

ATLAS

Registada

EMPRESA DO CALÇADO ATLAS, LIMITADA

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS

Rua D. João IV, 624 a 640

~ P O R T O ~

Telefones 2 768 e 2 769

Telegramas: ATLAS

A MAIS IMPORTANTE FÁBRICA
NO PAÍS. APETRECHADA PARA
UMA PRODUÇÃO DIÁRIA DE
MIL E QUINHENTOS PARES
PELOS SISTEMAS MAIS APER-
FEIÇOADOS

26 Depósitos de Venda

em: Lisboa, Porto, Coímbra, Braga, Vizeu,
Aveiro, Santarém, Vila Real, Covilhã,
Viana do Castelo, Matozinhos, Espinho,
Madeira e Açores

Agências em:

LUANDA e LOURENÇO MARQUES

CHÁ

N A M U L I

Vende-se em todos os bons
estabelecimentos do País

0210 0210 0210

AGENTES NO SUL:

Estabelecimentos **ALVES DINIZ & C.^A**

PASTELARIA
MARQUES

S
E CHIADO, 72
Telefone 2 3362

R

V

E O MELHOR CHÁ

VILARINHO
& **RICARDO, L.^{DA}**

Conservas — La Rose

Saborosos e excelentes

CHÁ CELESTE

Rivaliza com os melhores
chá estrangeiros

RAÍNHA SANTA

Afamado nectar

Rua da Prata, 230

Telefone 2 1711

L I S B O A

SOCIEDADE TEXTIL DO SUL, L.^{DA}

Sede

Rua da Prata, n.º 199, 1.º e 2.º

LISBOA

Telegramas: TEXTISUL

Telefones: 2 5431 - 2 3968

Fábricas

LISBOA
ALHANDRA
SACAVÉM



*Fiação, Tecelagem, Tinturaria,
Estampagem e Hidrofilagem*



PNEUS
CÂMARAS
BATARIAS
ESPONJAS
CAMURÇAS
FERRAMEN-
TAS
REMEDOS
A FOGO
LÂMPADAS
PARA AU-
TOMÓVEIS

ÓLEOS, VALVULINAS, MASSAS
CONSISTENTES

Aceitamos BATARIAS para
reconstruir e PNEUS para
recauchutar

TUDO PARA AUTOMÓVEIS

TELEFONE ————— 41579

38, Rua do Saco, 40 — LISBOA
(AO CAMPO DE SANTANA)

Telefone da fábrica 2 8210

MÓVEIS MODERNOS
M O B Í L I A S

Agostinho Nogueira Bicho
F A B R I C A N T E

Escritório, Fábrica e Armazéns:

Calçadinha do Tijolo, 58

Portas, 1-2-3 e 13, 1.º
ao Largo de Santa Marinha (S. Vicente)

FILIAIS:

N.º 1 — Rua Angelina Vidal, 88-A
Telefone 5 1210

N.º 2 — Rua da Conceição, 47 e 49
Telefone 2 2433

N.º 3 — Rua de S. Lázaro, 10 e 12
Telefone 2 3033

N.º 4 — Rua 1.º de Maio, 70 a 82
(a St.º Amaro)

LISBOA

PORTUGAL

ALIANÇA COMERCIAL
DE QUINQUILHARIAS, L.^{DA}

GRANDE SORTIDO DE
ARTIGOS P/ FEIRAN-
TES E ESTABELECI-
MENTOS NO GÉNERO

Sabonetes, perfumes, talheres,
canivetes, navalhas, lâminas,
pinces de barba, escôvas p/
cabelo, fato e calçado, meias,
peúgas, lenços, toalhas, cami-
solas e brinquedos, etc.

CASA MUITO CENTRAL

Rua dos Fanqueiros, 297-299-301

L I S B O A

SPRIL

Artigos

de sports

e jogos

R. do Lorêto, 34-2.º

L I S B O A

MADEIRAS

Importação directa de casquinha, pitchpine, macacaúba, freijó, mogno, nogueira americana, carvalho, faia, pau santo, etc. —

MADEIRAS CONTRAPLACADAS
Marca registada SEVERO

ADUELAS E ARCOS DE FERRO

Em tôdas as medidas para tanoaria no nosso armazém
= : do Poço do Bispo : =

Torrems Marques Pinto, L.^{da}

Rua Vasco da Gama, 33 a 37
LISBOA

Telefones: 6 0176, 6 0177, 6 0178 P. B. X.

Telegramas: «FLORESTAL»

RODRIGUES & GUERRA

CEREAIS



ARMAZENISTAS

DE

MERCEARIA



RUA DOS BACALHOEIROs, 47

L I S B O A

Descontente com seu fato?

Decida-se pela famosa *Alfaiataria* denominada

Armazens de S. Julião

Só tem tecidos de 1.ª... com
preços de 2.ª!

Perfeição inexcêdível

Competência e fino gôsto

Experimente uma vez!

R. S. Julião, 42, esquina da Rua
dos Fanqueiros, 58. Telef. 2 2326

Gerência de José Paulo Pereira
e José Maria Pires

Solicita-se a comparência do leitor

T. S. F.

Reparações em tóda a classe
de receptores por muito difi-
ceis que sejam, executam-se
— na bem conhecida —

ELECTRO - LISBOA, L.^{DA}

Basta telefonar e sem mais
incómodos V. Ex.^a receberá
o seu Rádio devidamente
— afinado —

Orçamentos grátis

246, RUA AUGUSTA, 248

Telefone 2 0568



Alfaiataria Águia

DEPÓSITO DE LANIFÍCIOS

■
Lindos padrões tabelados e outros
diferentes para Sobretudos, Gabar-
dines, Samarras, Fatos, etc.

Temos já confeccionada grande variedade,
pelos últimos figurinos

Recebemos fatos a feitto

■
R. da Madalena, 202, 1.º

Telefone 2 0581

L I S B O A

Fábrica ARGOS

DE

FERREIRA & SILVA, L.^{DA}



Fábrica de Rebuçados
e Caramelos

ESPECIALIDADES EM CAFÉS
E ESPECIARIAS



Sede:

R. S. JOÃO DA PRAÇA, 91 - 91-A

Telefone 2 6349

LISBOA



**Tipografia da Liga
dos Combatentes
da Grande Guerra**

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS

EM TODOS
OS GÊNEROS

Calçada dos Gaetanos, 18

Telefone 2 1450 ♦ LISBOA

Joalheria, Ourivesaria
e Relojoaria

“Casa das Bengalas”

Rua da Prata, 87, 89, 91 — LISBOA

No centro do quarteirão — Telef. 2 0256

Não confundir, esta casa é a que tem
2 taças expostas num grande candeeiro
reclame colocado no passeio, em
frente do estabelecimento

Taças de Prata para prémios
desportivos

Em exposição permanente mais de 1.200

ANTÓNIO CASANOVAS AUGUSTINE

CORRECTOR OFICIAL

Câmbios, Fundos Públicos
e Mercadorias

Rua da Conceição, 133

Telefones { Estado . 54
Rêde. . 2 2280

Bolsa de Mercadorias

P. do Comércio

Telefones { 2 8182
2 8615

L I S B O A



Desde 1882
que esta marca
de
LICORES e XAROPES
tem sido
a preferida

RUA ALECRIM 32 A 42 - LISBOA

Oficinas Gerais de Material
de Engenharia

Sede: Avenida da Índia — BELÉM

Manufatura de Material de Engenharia

Sapadores mineiros, sapadores
de caminhos de ferro, telegrafia
e telefonia por fios e sem fios,
:: pontoneiros, automobilistas ::

Mobília e utensílios

Trabalhos em ferro e madeira para
construção civil

Construção, reparação e pintura
de carroseries

Fundição, Vulcanização, Niquelagem, etc.

Fornecimento e fabricação
de sobresselentes para automó-
veis e motocicletes

Fornecimentos análogos para o público

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Hotel de Itália (Monte Estoril) — Serviço esmerado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão-restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano, concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO
«STANDS» DE TIRO
SALA DE ARMAS
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

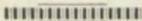
ESTORIL — PORTUGAL

COMPANHIA ALCOBIA

FORNECEDORES DOS MELHORES E MAIS LINDOS MOBILIÁRIOS



CÓMODAS DE ESTILOS ❖ PORCELANAS DE SAXE
ESPELHOS DE VENEZA
CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA
TAPEÇARIAS MARQUISITES E «VOILLES» E CHINTZ SUÍÇOS
CARPETES DE LÃ



COMPANHIA ALCOBIA

R. IVENS, 14

(ESQUINA DA RUA CAPÊLO)

TELEF. 2 6441

Dr. Borges de Pinho

ADVOGADO

RUA DO OURO 184, 1.º

Telefone 2 3352

LISBOA

**PREFIRA A TINTURARIA
PORTUGÁLIA**

com fábrica em Lisboa
para limpeza a sêco e tinturaria de
todo o vestuário

Rua do Mundo 75-77

Telefone 2 3221

Rua dos Retrozeiros, 115

Telefone 2 5172

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

Travessa da Condessa do Rio, 27,

Telefones P. B. X. 2 1227 e 2 1368

LISBOA

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS, SIMPLES
E DE LUXO, REPRODUÇÕES EM FOTO-
GRAVURA, OFFSET E LITOGRAFIA**

LOPES & PINTO, L.^{DA}

RUA DA PALMA, 118 a 124

Telefone 4 4635

LISBOA

**CARPETES — TAPETES — OLEA-
DOS — MAPLES — PASSADEIRAS —
CRETONES — VELUDOS — PERGA-
MOIDES — DAMASCOS**

Preços sem competência

Roque Pinto, L.^{da}

**Importadores de tabacos
e papéis de fumar**

Rua do Amparo, 94, 1.º

Telefone 2 8561

LISBOA

TENENTE DO Q. R. MÁRIO DE FIGUEIREDO

Guia para a consulta da Legislação Militar

Indispensável para a consulta rápida das disposições legais

310 páginas — Preço 30\$00

PEDIDOS A REVISTA MILITAR

Largo da Anunciada, 9 — LISBOA — Telefone 2 1512

BANACÃO

O MELHOR DOS

ALIMENTOS

Produto português para os portugueses



O BANACÃO é preferido para a 1.^a refeição

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.^a refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

OS PARECERES MÉDICOS

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

BANACÃO SEMPRE BANACÃO

Vidros e Espelhos ❖ ❖ VIDRAÇAS

Para Obras, Mobiliário, Automóveis, Montras, Portas, Janelas, etc., etc.
Louças, vidros e talheres — Artigos de Ménage, Esmaltes, Alumínios, etc., etc.

PREÇOS DE CONCORRÊNCIA

Visitem ou escrevam:

A MOLDURA NACIONAL LIMITADA

LARGO CONDE BARÃO, 43 a 46

TELEFONE 6 4312

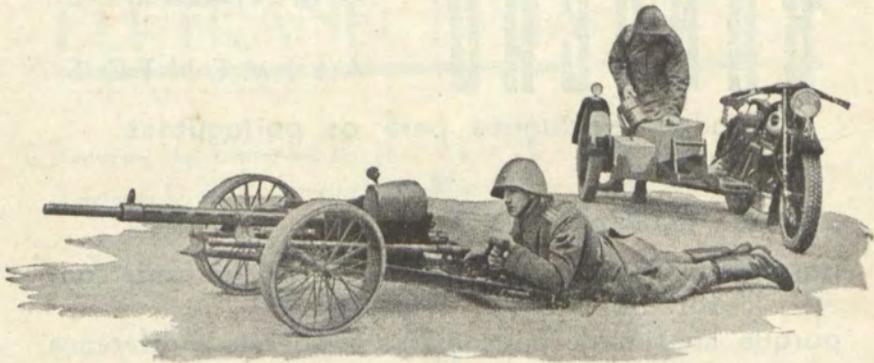
LISBOA

Dansk Industri Syndikat

Material «Madsen»

Metralhadoras e Canhões Automáticos

Armas automáticas de pequeno e grande calibre para o Exército, Marinha, Aviação, Defesa contra Aeronaves e Defesa contra Carros de Assalto



O canhão automático **Madsen** de 20^{mm}, sôbre «side-car», pode fazer fogo montado sôbre este, ou no terreno, sôbre o reparo a que está permanentemente ligado

A passagem do canhão da sua posição de transporte para a de tiro no terreno executa-se em menos de um minuto

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:

Monteiro Gomes, Limitada

Rua Cascais (Alcântara), 47

L I S B O A



